

Bestseller do THE NEW YORK TIMES

WAKE

DESPERTAR



LISA MCMANN



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

LISA McMANN

WAKE

D E S P E R T A R

Livro 1



SÃO PAULO 2010

Wake

Copyright © 2008 by Lisa McMann

Published by arrangement with Simon Pulse, an Imprint of Simon & Schuster Childrens Publishing Division. No part of this book may be reproduced or transmitted in any form or by any means, electronic or mechanical, including photocopying, recording or by any information storage and retrieval system, without permission in writing from the Publisher.

Copyright © 2010 by Novo Século Editora Ltda.

Alli rights reserved.

PRODUÇÃO EDITORIAL Equipe Novo Século COMPOSIÇÃO DE CAPA Giuliana T.

Castorino PROJETO GRÁFICO Equipe Novo Século DIAGRAMAÇÃO Diego Cortez

REVISÃO Gabriela Mei

Aline Coelho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

McMann, Lisa

Wake: primeiro livro da trilogia wake / Lisa McMann; tradução Ana Death Duarte. — Osasco, SP: Novo Século Editora, 2010.

Título original: Wake.

1. Ficção — Literatura estrangeira I. Título.

10-03378

CDD-028. 5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura estrangeira 028. 5

2010

IMPRESSO NO BRASIL PRINTED IN BRAZIL

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À Novo SÉCULO EDITORA.

Rua Aurora Soares Barbosa, 405 — 2º andar CEP 06023-010 — Osasco — SP

Tel.: (11) 3699-7107 — Fax: (11) 3699-7323 www.novoseculo.com.br

Digitalização e Revisão: Yuna (Toca Digital)

*Este é para você,
Toots*

AGRADECIMENTOS

Para os espetaculares torcedores, ajudantes e editores — Matt, Kilian e Kennedy — vocês são demais. Não haveria Janie sem o amor, a ajuda, a paciência e o apoio de vocês.

Agradecimentos especiais à Dra. Diane Blake Harper, minha querida amiga e Google-monkey; ao Dr. Louis Catron, pelas gentis e preciosas críticas; a Ramon Collins por anos de apoio; e a Tricia, Chris, Erica, Greg, Dawn, Joe, David, Jen, Lisa, Andy, Matthew, Linda, Andie e Ally pela generosa assistência.

Finalmente, minha gratidão mais terna pelo meu agente fabuloso, Michael Bourret, que acreditou em Janie e em mim, e meus elogios à equipe fantástica de Simon Pulse — Jennifer Klonsky, Caroline Abbey, Michael Del Rosário e todos os outros que ajudam a transformar sonhos em realidade.

SEIS MINUTOS

9 de dezembro de 2005, 12h55

O livro de Matemática de Janie Hannagan escorrega de seus dedos. Ela agarra a borda da mesa na biblioteca da escola. Tudo fica escuro e silencioso. Suspira e descansa a cabeça sobre a mesa. Tentou escapar dessa, mas sua tentativa foi um fracasso deprimente. Ela está muito cansada hoje. Com muita fome. Realmente não tem tempo para isso.

E então.

Está sentada nas arquibancadas no estádio de futebol, piscando os olhos debaixo das luzes, calada em meio aos gritos da multidão.

Olha de relance para as pessoas sentadas a seu redor nas arquibancadas — colegas de classe, pais — tentando localizar o sonhador. Ela consegue dizer que este sonhador está com medo, mas onde está ele? Em seguida, lança um olhar ao campo de futebol. Encontra-o. Revira os olhos.

É Luke Drake. Sem sombra de dúvida. Afinal, ele é o único jogador nu no campo para o jogo de *homecoming*^[1].

Ninguém parece perceber, muito menos se importar. Exceto ele. A bola é jogada e as linhas de jogadores entram em colisão, mas Luke está se cobrindo com as mãos, saltando ora com um pé, ora com o outro. Ela pode sentir o pânico dele aumentando. Os dedos de Janie formigam e ficam dormentes.

Luke olha para Janie, com olhos suplicantes, enquanto a bola vem em sua direção, como um projétil em câmera lenta.

— Ajude-me — ele diz.

Ela pensa em ajudá-lo. Imagina o que precisaria fazer para alterar o curso do sonho de Luke. Considera até mesmo que uma injeção de confiança para o astro-receptor do time no dia anterior ao do grande jogo poderia colocar a Fieldridge High na corrida pelo Campeonato Regional da Classe A.

Mas Luke é realmente um imbecil. Não vai apreciar isso. Sendo assim, ela resigna-se a testemunhar a ruína dele. Imagina se ele escolherá o orgulho ou a glória.

Ele não é tão grande quanto pensa ser.

Sem sombra de dúvida.

A bola quase chega até Luke quando o sonho recomeça. — *Ah, CONTINUA logo com isso*, Janie pensa. Concentra-se em seu lugar na arquibancada e lentamente consegue ficar em pé. Tenta andar até a parte de baixo das arquibancadas, durante o restante do sonho, para que não tenha de olhar, e — surpresa! — desta vez ela consegue.

Sai no lucro.

13h01

A mente de Janie projeta-se novamente para seu corpo, ainda sentado à sua habitual mesa de canto na biblioteca. Contrai dolorosamente os dedos, erguendo a cabeça, e quando sua visão retorna, explora a biblioteca.

Avista o culpado em uma mesa a cerca de quatro metros e meio adiante. Ele está desperto agora. Esfregando os olhos e sorrindo, sem graça, para os outros dois jogadores de futebol americano que se encontram em torno dele, rindo. Empurrando-o. Dando tapinhas em sua cabeça.

Janie balança a cabeça para livrar-se daquela imagem, e apanha seu livro de Matemática, que está virado sobre a mesa onde ela o deixou cair. Debaixo do livro, encontra uma pequena barra de Snickers. Sorri para si mesma, e espreita do lado esquerdo, entre fileiras de prateleiras de livros.

Mas não há ninguém para agradecer.

[1] Homecoming é uma tradição em diversas universidades e escolas no mundo todo. Geralmente inclui atividades para os alunos, como eventos de esporte e de cultura, assim como um desfile pelas ruas da cidade. (N. T.)

ONDE TUDO COMEÇA

Noite, 23 de dezembro de 1996

Janie Hannagan tem 8 anos. Está usando um vestido fino com uma estampa de um vermelho desbotado, mangas curtas demais, meia-calça de um branco sujo que fica frouxa entre suas coxas, *moon boots*^[2] de cor cinza e um casaco de um marrom forte, com dois botões faltando. Os longos cabelos dela, de um loiro sujo, ficam elétricos com a estática. Viaja em um trem Amtrak^[3] com sua mãe, indo de sua casa em Fieldridge, Michigan, até Chicago, para visitar a avó. A mãe dela lê um exemplar do *The Globe* no banco a sua frente. Há uma foto na capa de um homem enorme em um smoking azul-acinzentado. Janie descansa sua cabeça apoiando-a contra a janela, observando sua respiração embaçar o vidro.

A nuvem embaça a visão de Janie tão lentamente que ela não se dá conta do que está acontecendo. Flutua na névoa por um momento e, em seguida, está em uma ampla sala, sentada a uma mesa de conferência com cinco homens e três mulheres. Na frente da sala encontra-se um homem alto, quase careca, com uma pasta de documentos. Ele está em pé com as roupas de baixo, e está atordoado. Tenta falar, mas não sai nenhuma palavra de sua boca. Todos os outros adultos estão vestindo ternos de cores claras. Eles dão risada e apontam para o homem careca vestindo apenas suas roupas de baixo.

O homem careca olha para Janie.

E depois volta o olhar para as pessoas que estão rindo dele.

No rosto dele, o retrato de sua derrota.

Ele segura a pasta e a usa para cobrir suas partes íntimas, e isso faz com que os outros riem ainda mais. Corre até a porta da sala de conferências, mas a maçaneta está escorregadia — algo viscoso goteja dela. Ele não consegue abri-la; ela range e trepida ruidosamente em suas mãos, e as pessoas à mesa se curvam de tanto rir. As roupas de baixo do homem são branco-acinzentadas,

folgadas. Ele volta-se a Janie uma vez mais, com um olhar misto de pânico e súplica.

Janie não sabe o que fazer.

Fica petrificada.

Os freios do trem chamam.

E o cenário fica mais turvo e se perde na névoa.

— Janie! — a mãe de Janie está inclinando-se na direção dela. Seu hálito cheira a gim e seu cabelo desordenado cai por cima de um de seus olhos. — Janie, eu disse que talvez a vovó leve você até aquela loja de bonecas grande e chique. Achei que ficaria animada com isso, mas creio que não está.

A mãe de Janie toma um gole da garrafinha escondida em sua velha bolsa de mão caindo aos pedaços.

Janie concentra a atenção em sua mãe e sorri.

— Parece divertido — diz ela, embora não goste de bonecas. Preferia meias-calças novas. Ela se remexe no banco, tentando ajustar as suas. Pensa no homem careca e aperta os olhos. *Bizarro*, pensa ela.

Quando o trem para, elas pegam suas malas e caminham em direção à plataforma. Em frente à mãe de Janie, surge de sua cabine um homem de negócios careca e desgrehado.

Ele limpa o rosto com um lenço.

Janie olha fixamente para ele.

O queixo dela cai.

— Uau — suspira.

O homem desfere-lhe um olhar afável quando a vê olhando para ele, e vira-se, saindo do trem.

6 de setembro de 1999, 15h05

Janie corre a toda velocidade para pegar o ônibus depois de seu primeiro dia de aula na sexta série. Melinda Jeffers, uma das garotas do lado norte de Fieldridge, estica o pé, fazendo com que Janie se esparrame no cascalho. Melinda ri por todo o caminho até o Jeep Cherokee vermelho brilhante de sua mãe. Janie luta contra

sua vontade de chorar e limpa suas roupas. Entra no ônibus, joga-se no banco da frente, olha para a sujeira e o sangue nas palmas de suas mãos, e o rasgo no joelho de sua calça já bem gasta.

A sexta série faz sua garganta doer.

Ela reclina a cabeça na janela.

Quando chega em casa, Janie passa por sua mãe que está no sofá assistindo “The Guiding Light^[4]” e bebendo de uma garrafa de vidro transparente. Janie, com cuidado, lava e seca suas mãos latejantes e senta-se ao lado da mãe, esperando que perceba sua presença. Esperando que diga algo.

Mas a mãe de Janie está dormindo agora.

Com a boca aberta.

Com um leve ronco.

Com a garrafa pendendo de sua mão.

Janie solta um suspiro, ajeita a garrafa na detonada mesinha de café e começa a fazer a lição de casa.

Na metade da lição de matemática, a sala vira uma escuridão.

Janie é levada a um túnel brilhante, parecendo um caleidoscópio multicolorido. Não há chão e Janie está flutuando enquanto as paredes giram em torno dela. Isso faz com que sinta vontade de vomitar.

Perto de Janie, no túnel, está sua mãe, além de um homem que parece um Jesus Cristo loiro. O homem e a mãe de Janie estão de mãos dadas e voando. Parecem felizes. Janie grita, mas nenhum som sai de sua boca. Ela quer que isso chegue ao fim.

Sente o lápis caindo de seus dedos.

Sente seu corpo cair com tudo em direção ao braço do sofá.

Tenta sentar-se, mas com todo o turbilhão de cores a seu redor, não consegue distinguir qual o lado certo. Tenta equilibrar-se, não consegue, e cai para o outro lado, em cima de sua mãe.

Não há mais cores e está tudo escuro.

Janie ouve o resmungo de sua mãe.

Sente seu empurrão.

Lentamente a sala volta a ser o centro de sua atenção e a mãe dá um tapa em sua cara.

— Sai de cima de mim —, diz. — Que diabos, qual é seu problema?

Janie senta-se e olha para sua mãe. Seu estômago se revira e ela se sente tonta por causa das cores.

— Sinto-me enjoada — murmura, e então fica em pé e sai cambaleando, em direção ao banheiro, para vomitar.

Quando reaparece, pálida e tremendo, sua mãe havia deixado o sofá, indo dormir no quarto.

Graças a Deus, pensa Janie. Ela joga água fria no rosto.

1º de janeiro de 2001, 7h29

Um caminhão de mudança estaciona em frente à casa ao lado. Um homem, uma mulher e uma garota da idade de Janie saem dele e descem na entrada da casa coberta pela neve. Janie observa-os da janela de seu quarto.

A garota tem os cabelos escuros e é bonita.

Janie imagina se ela seria esnobe, como todas as outras garotas que chamam Janie de “lixo branco[5]” na escola. É possível que vá ser chamada de lixo branco também, pois esta garota nova vive na casa ao lado à de Janie, na parte errada da cidade.

Mas ela é realmente bonita.

Bonita o bastante para fazer a diferença.

Janie veste-se com rapidez, coloca suas botas e seu casaco, e caminha em direção à casa da vizinha, para ter a primeira oportunidade de conhecê-la antes que as garotas do lado norte cheguem até ela. Janie está desesperada para ter uma amiga.

— Vocês querem uma mãozinha? — pergunta Janie em uma voz que expressa mais confiança do que ela de fato sente.

A garota interrompe sua caminhada. Um sorriso aprofunda as covinhas em suas bochechas e ela inclina a cabeça para o lado.

— Oi — diz ela. — Meu nome é Carrie Brandt.

Os olhos de Carrie cintilam.

O coração de Janie dá um pulo.

2 de março de 2001, 19h34

Janie tem 13 anos.

Ela não tem um saco de dormir, mas Carrie tem um sobrando que Janie pode usar. Janie coloca sua sacola de mercado perto do sofá na sala de estar da casa de Carrie.

Dentro do saco:

um presente feito à mão para Carrie.

o pijama de Janie.

e uma escova de dentes.

Ela está nervosa. Mas Carrie está falando o bastante pelas duas, esperando que sua outra nova amiga, Melinda Jeffers, chegue.

Sim, aquela Melinda Jeffers.

Dos Jeffers do lado norte de Fieldridge.

Aparentemente, Melinda Jeffers também é a presidente do Clube “Faça Janie Hannagan Infeliz”. Janie limpa suas mãos suadas em seu jeans.

Quando Melinda chega, Carrie não a bajula. Janie fala “oi” com um leve movimento de cabeça.

Melinda solta um sorriso sem graça. Tenta sussurrar algo a Carrie, mas ela a ignora e diz:

— Ei, vamos arrumar o cabelo de Janie.

Melinda lança um olhar cortante para Carrie.

Carrie sorri com vivacidade para Janie, perguntando com os olhos se está tudo bem.

Janie abafa um riso de gozação, e Melinda mexe os ombros em sinal de desdém, e, no fim das contas, finge que não se importa.

Mesmo Janie sabendo que isso a está matando.

As três garotas lentamente ficam mais à vontade, ou talvez apenas resignadas umas com as outras. Maquiam-se e assistem aos vídeos favoritos de Carrie de antigos comediantes, alguns dos quais Janie nunca tinha ouvido falar antes. E depois brincam de verdade ou desafio.

Carrie alterna: verdade, desafio, verdade, desafio.

Melinda sempre escolhe verdade.

E tem a Janie.

Janie nunca escolhe verdade.

Ela é uma garota de desafios.

De tal forma que ninguém invade seu interior.

Não pode se dar ao luxo de deixar alguém entrar.

Poderiam descobrir seu segredo.

As risadas ficam histéricas quando o desafio de Melinda para Janie é correr do lado de fora, na neve, descalça, ao redor do quintal, tirar as roupas e se fazer de anjo de neve nua.

Janie não tem problemas para fazer isso.

Porque, na verdade, o que ela tem a perder?

Ela preferirá aceitar tal desafio a ter de abrir mão de seus segredos — sempre.

Melinda observa Janie, com os braços cruzados no ar frio noturno, e com olhar de escárnio no rosto, enquanto Carrie ri e ajuda Janie a colocar sua blusa de moletom e seu jeans de volta em seu corpo úmido. Carrie pega o sutiã de Janie, enche a taça com neve e usa-o como estilingue para jogar bolas de neve em Melinda.

— Eca, nojento — zomba Melinda. — Onde você arranjou esta coisa imunda e velha, Exército da Salvação?

As risadinhas de Janie dissipam-se gradualmente. Ela toma de volta seu sutiã que estava com Carrie e enfia-o no bolso de seu jeans, envergonhada.

— Não — ela diz com hostilidade, e depois dá risada novamente. — Foi da Boa Vontade. Por quê? Parece familiar?

Carrie dá uma risada de deboche.

Até mesmo Melinda ri, com relutância.

Elas arrastam-se de volta para dentro, para comer pipoca.

23h34

O nível de ruído na sala de estar da casa de Carrie vai diminuindo junto com as luzes, depois que o Sr. Brandt, pai de

Carrie, pisa na entrada e grita com as três garotas para que calem a boca e vão dormir.

Janie fecha seu saco de dormir com cheiro de mofo e depois os olhos, mas está muito agitada para dormir, depois daquele estimulante anjo pelado da neve. Teve uma noite divertida, apesar de Melinda. Aprendeu como é ser uma garota rica (parece bom para quase um dia, mas são tantas lições fétidas), e que Luke Drake é, pelo jeito, o garoto mais gostoso da sala (na opinião de Carrie), e o que pessoas como Melinda fazem quatro vezes ao ano (tiram férias em lugares exóticos). Quem diria?

Agora as risadinhas começam a diminuir até desaparecerem por completo e Janie abre os olhos para fixá-los no teto escuro. Está feliz de estar aqui, mesmo com Melinda importunando-a por causa de suas roupas. Melinda até mesmo tem a petulância de perguntar-lhe porque não veste algo novo. Mas Carrie faz com que ela se cale com uma exclamação súbita:

— Janie, você está simplesmente maravilhosa com o cabelo assim, para trás. Não está, Melinda?

Pela primeira vez na vida o cabelo de Janie está trançado atrás, e agora, deitada no saco de dormir, ela sente as protuberâncias fazendo pressão contra seu couro cabeludo no travesseiro fino. Talvez Carrie pudesse ensiná-la a fazer as tranças um dia desses.

Ela tem de ir fazer xixi, mas está com medo de se levantar, caso o pai de Carrie a ouça, começará a gritar de novo. Ela descansa tranquilamente como as outras garotas, ouvindo-as respirar enquanto caem no sono. Melinda está no meio, enrolada, voltada para Carrie, de costas para Janie.

0h14

O teto fica escuro e desaparece. Janie pisca e está na escola. Ela dá uma olhada em volta e percebe que não está em sua sala de aula normal do 4º período, mas na classe seguinte. Está em pé no fundo da sala. Não há nenhum lugar vago. A Sra. Parchelli, a professora, faz uma lenga-lenga sobre o Poder Judiciário do

governo e o que os Juízes da Suprema Corte usam sob suas togas. Ninguém parece surpreso com o fato de que a Sra. Parchelli esteja ensinando isso. Algumas das crianças estão tomando notas.

Janie olha ao redor, observando os rostos na sala. Na terceira fileira, sentada na cadeira do meio, encontra-se Melinda. Ela tem um olhar sonhador estampado no rosto. Está olhando fixamente para alguém na próxima fileira, uma cadeira à frente. Enquanto a professora fala, Melinda lentamente fica em pé e aproxima-se da pessoa que estava fitando. Do fundo da sala, Janie não consegue ver quem é.

A professora parece não perceber nada disso. Melinda ajoelha-se perto da mesa e toca na mão da pessoa. Em câmera lenta, a pessoa volta-se para Melinda, toca em sua bochecha e então se inclina para a frente. Beijam-se. Depois de um momento, ficam de pé, ainda se beijando. Quando se separam, Janie consegue ver o rosto de quem Melinda beijava. Ela conduz a pessoa pela mão até a parte da frente da sala e abre a porta do armário de suprimentos. O sinal toca e, como formigas, os alunos amontoam-se para sair.

O teto da sala de estar de Carrie Brandt reaparece quando Melinda suspira e vira de barriga para baixo no saco de dormir ao lado de Janie. *Inferno!*, pensa Janie. Ela dá uma olhada no relógio. São 1h23 da manhã.

1h24

Janie deita de lado e está caminhando em direção à uma floresta. Está escuro por causa da sombra, não por causa da noite. Uns poucos raios de fraca luz do sol escapam através da copa da árvore. Carrie está andando à frente de Janie. Elas caminham pelo que parece um quilômetro e meio ou mais e, subitamente, um rio caudaloso aparece uns poucos passos à frente delas. Carrie para e faz uma concha com a mão em torno de sua orelha, buscando ouvir algo. Grita em uma voz desesperada:

— Carson! — repetidas vezes, até que a floresta reverbera sua voz. Carrie caminha ao longo da alta encosta e tropeça na raiz de

uma árvore. Janie dá de cara com ela, cai, e então Carrie a ajuda a se levantar. Ela lhe desfere um olhar confuso e diz:

— Você nunca esteve aqui.

Carrie volta a sua busca por Carson, seus gritos ficando cada vez mais altos.

Ouve o som de algo na água do rio e um garotinho aparece na superfície, sacudindo-se e movendo-se com rapidez na corrente. Carrie corre pela encosta e grita:

— Carson! Saia daí! Carson!

O garoto faz uma cara risonha e engasga com a água. Ele mergulha e reaparece na superfície. Carrie está desesperada. Estende a mão para o garoto, mas isso não faz diferença alguma — a encosta é alta demais e o rio é largo demais para que ela chegue perto dele e o alcance. Carrie está chorando agora.

Janie observa, com o coração na mão. O garoto continua a forçar um riso, engasgando, afunda na água. Ele está se afogando.

— Ajude-o! — grita Carrie. — Salve-o!

Janie pula na água em direção ao garoto, mas acaba caindo na encosta no mesmo local. Ela tenta novamente, enquanto Carrie grita, mas os resultados são os mesmos.

Os olhos do garoto estão fechados agora. Seu sorriso ficou assustador. Vindo da água, atrás do garoto, um enorme tubarão surge na superfície, com a boca aberta mostrando centenas de reluzentes dentes afiados. Ele fecha a boca em torno do garoto e desaparece.

Carrie senta-se em seu saco de dormir e grita.

Janie também esboça um grito, mas fica preso em sua garganta. Sua voz está rouca.

Seus dedos, adormecidos.

Seu corpo está tremendo por causa do pesadelo.

As duas garotas olham uma para a outra no escuro, enquanto Melinda se revira, resmunga e volta a dormir.

— Você está bem? — sussurra Janie, sentando-se.

Carrie diz que sim com a cabeça, com a respiração pesada. Ela ri baixinho, envergonhada. Sua voz está trêmula.

— Desculpe-me por tê-la acordado. Pesadelo.

Janie hesita.

— Quer falar sobre isso?

Sua cabeça está em polvorosa.

— Nem. Volte a dormir.

Carrie deita-se de lado. Melinda revira-se, rola alguns centímetros mais para perto de Carrie, e fica quieta novamente.

Janie dá uma olhada no relógio. 3h42. Está exausta. Adormece...

3h51

... ela é acordada quando cai em um enorme e belo quarto. Há pôsteres emoldurados de N'Sync e Sheryl Crow nas paredes. A uma escrivaninha está sentada Melinda, fazendo desenhos na margem de seu caderno. Janie tenta forçar a si mesma a sair do quarto. Sente que está sentada em seu saco de dormir, mas seus movimentos não afetam o que ela vê. Resigna-se a observar.

Melinda está desenhando corações. Janie caminha em direção a ela. Diz:

— Melinda — mas não emite som algum. Quando alguém bate na janela do quarto, Melinda olha e sorri.

— Me ajude a abrir esta janela, vai?

Janie encara Melinda que olha fixamente para ela também e depois aponta para a janela com um movimento brusco com a cabeça. Janie, sentindo-se compelida, sai tropeçando até a janela e as duas abrem-na. Carrie escala e entra no quarto.

Ela está nua da cintura para cima.

E tem seios do tamanho de melancias.

Os seios dela balançam de um lado para o outro enquanto Carrie se arrasta peitoril acima.

Ela passa por Janie e para, envergonhada, na frente de Melinda.

Janie tenta se virar mas não consegue. Agita sua mão na frente do rosto de Carrie, que não responde. Melinda pisca para Janie e envolve Carrie com seus braços. Elas abraçam-se e beijam-se.

Janie revira os olhos e, de repente, as três estão de volta na aula de educação cívica da Sra. Parchelli. Mais uma vez, Melinda está abraçando alguém no corredor. É Carrie. Ela a conduz até a frente da sala. Janie pode perceber que ninguém mais na aula dá a mínima para Carrie nua e seus seios enormes.

Janie senta-se em seu saco de dormir novamente e chacoalha sua cabeça com força. Sente as pontas de suas tranças baterem nas laterais de suas bochechas, mas é incapaz de retirar-se da sala de aula. Ela é forçada não somente a ficar, como também a ser testemunha daquilo.

Melinda corre até o armário de suprimentos e leva Carrie para dentro. Janie, contra sua vontade, segue-as. Melinda fecha a porta quando Carrie e Janie estão lá dentro e Melinda começa a beijar Carrie na boca novamente.

Janie debate-se em seu saco de dormir cegamente.

Ela chuta Melinda com força.

E Janie está de volta à sala de estar de Carrie.

Melinda está sentada, o cabelo desgrenhado.

— Para que diabos você fez isso? — Melinda está furiosa.

Fingindo sono, Janie espia com um dos olhos.

— Desculpe-me — murmura. — Havia uma aranha subindo em seu saco de dormir. Salvei sua vida.

— O quê?

— Não importa, ela se foi.

— Ah, maravilha! Como se eu fosse conseguir voltar a dormir.

Janie sorri na escuridão. São 5h51.

7h45

Algo esbarra nas pernas de Janie. Ela abre os olhos, imaginando onde está. Parece escuro. Carrie tira a cobertura do saco de dormir da cabeça de Janie.

— Acorde, dorminhoca. A luz do sol está cegante.

— Humpf — resmunga Janie. Ela senta-se lentamente.

Carrie está se equilibrando sobre seus quadris, com os olhos nela, uma sobancelha levantada.

— Você dormiu bem? — pergunta Carrie.

O estômago de Janie vira do avesso.

— Ah, sim.

Ela mede a reação de Carrie.

— E você?

Carrie sorri.

— Como um bebê. Mesmo neste chão duro.

— Ah, humm. Bem, que bom.

Janie esforça-se por ficar em pé e desenrosca a camisola do corpo.

— Onde está Melinda?

— Ela partiu mais ou menos há dez minutos. Estava agindo de forma estranha. Disse que esqueceu que tinha aula de piano às 8h.

Carrie solta um riso de desdém.

— Dã!

Janie dá uma risadinha. As duas garotas preparam o café da manhã. Carrie não parece lembrar-se de seu pesadelo.

Mas Janie não consegue esquecê-lo.

Enquanto mastiga a torrada, lança um olhar furtivo ao peito de Carrie. Os seios dela são do tamanho de meia maçã, cada.

Janie vai para casa, cai na cama, pensando na estranha noite. Imaginando se isso algum dia aconteceria com outra pessoa. Sabendo, lá no fundo, que provavelmente não.

Ela cai em um sono profundo até o final da tarde. Decide que dormir fora de casa não é para ela.

Nunca será.

7 de junho de 2004

Janie tem 16 anos. Agora, ela compra sua própria roupa. Com frequência, compra comida também. O cheque da Previdência Social cobre o aluguel e a bebida, não muito além disso.

Há dois anos, Janie começou a trabalhar algumas horinhas depois da escola e nos finais de semana no Asilo Heather. Agora que tem 16, trabalha em tempo integral durante o verão.

A equipe do escritório e os outros auxiliares no Asilo Heather gostam de Janie, pois ela cobrirá os turnos de qualquer um, de dia ou de noite, para que eles possam tirar férias de última hora ou um dia de licença. Janie precisa do dinheiro e eles sabem disso.

Ela está determinada a ir para a faculdade.

Cinco dias por semana ou mais, Janie veste seu uniforme e pega um ônibus até o asilo. Ela gosta de pessoas idosas porque não têm um sono profundo.

Janie e Carrie ainda são amigas e vizinhas. Passam bastante tempo na casa de Janie, esperando a mãe dela desmaiar em seu quarto para verem filmes e falarem sobre garotos. Elas conversam sobre outras coisas também, como, por exemplo, por que o pai da Carrie fica com tanta raiva o tempo todo e por que sua mãe não gosta de companhia. Na maioria das vezes, Janie acha que isso se deve apenas ao fato de eles serem pessoas nervosas. Simples assim. Sempre que Carrie pergunta se Janie pode passar a noite em sua casa, a mãe responde:

— Você acabou de fazer isso em seu aniversário.

Carrie nem se esforça para lembrá-la de que isso foi há quatro anos.

Janie pensa em Carson e imagina se Carrie realmente é filha única. Mas Carrie não parece conversar sobre nenhum assunto espinhoso. Talvez ela tenha medo de que estes possam perfurá-la e fazer com que exploda.

Carrie e Melinda também continuam amigas. Os pais de Melinda ainda são ricos. Ela joga tênis. É líder de torcida. Seus pais têm condomínios em Vegas, Marco Island, Vail e em algum lugar na Grécia. Melinda, na maior parte do tempo, saíra com outras crianças ricas. E então tem a Carrie.

Janie não se incomoda em estar na companhia de Melinda. É ela que não a suporta. Janie acha que sabe qual é o verdadeiro motivo disso e não tem nada a ver com dinheiro.

25 de junho de 2004, 23h15

Depois de trabalhar em um recorde de onze noites seguidas, e ficar presa no recorrente pesadelo do velho Sr. Reed sobre a Segunda Guerra Mundial em sete destas onze noites, ela se joga, quebrada, no sofá e chuta seus sapatos para longe. Pelo número de garrafas vazias na mesinha de café, presume que sua mãe está no quarto, acabada.

Carrie vai entrando.

— Posso dormir aqui? — os olhos dela estão vermelhos. Janie suspira em silêncio. Ela quer dormir.

— Claro. Tudo bem se você ficar no sofá?

— Claro! Obrigada.

Janie relaxa. Carrie ficaria bem no sofá.

Carrie funga bem alto.

— Então, qual o problema? — pergunta Janie, tentando ao máximo soar simpática. É o suficiente.

— Papai está gritando de novo. Fui convidada para um encontro. O papai diz que não.

Janie mostra entusiasmo.

— Quem chamou você para sair?

— Stu. Da oficina mecânica.

— Você diz aquele cara velho?

Carrie fica irritada.

— Ele tem 22 anos.

— Você tem 16! E ele parece mais velho do que isso.

— Nem de perto. Ele é gatinho. Tem uma bunda que é uma graça.

— Talvez ele jogue Dance Dance Revolution[6] no fliperama.

Carrie solta uma risadinha. Janie sorri.

— Então, você tem bebida por aqui? — pergunta Carrie inocentemente.

Janie ri.

— Você está amenizando a situação. O que você quer, cerveja?

Ela olha para as garrafas na mesa.

— Schnapps? Uísque? Vodca dupla com alguma coisa? Tem algum daqueles vinhos baratos que os bêbados do Selby Park bebem?

— Às suas ordens!

Janie arrasta-se para fora do sofá e procura copos limpos. A cozinha está uma bagunça. Ela mal esteve lá nas últimas duas semanas. Ela encontra dois copos diferentes, grudentos, na pia e lava-os, depois, procura pela coleção de vinhos baratos no estoque de bebidas de sua mãe.

— Ah, aqui está. Boones Farm^[7], certo?

Ela tira a tampa da garrafa e enche dois copos, sem esperar que Carrie responda, e então coloca a garrafa de volta na geladeira.

Carrie zapeia pelos canais de TV. Ela pega um copo da mão de Janie.

— Obrigada.

Janie prova o vinho doce e faz uma careta.

— Então, o que você vai fazer quanto ao Stu?

Ela acha que há uma música country com essa frase em algum lugar.

— Sair com ele.

— Seu pai vai matar você se descobrir.

— É, bem. Qual a novidade?

As duas ajeitam-se no sofá velho e colocam os pés na mesinha de café, empurrando com jeitinho a confusão de garrafas para o centro da mesa, para que possam esticá-los.

A TV emite um zumbido monótono. As garotas bebem seus vinhos e ficam alegres. Janie levanta-se, procura algo em seu quarto e volta com um lanchinho.

— Que nojo! Você guarda Doritos no quarto?

— Estoque de emergência. Para noites como essa. *Já que sua mãe não se dá ao trabalho de comprar comida de verdade na mercearia quando vai lá para comprar bebida*, Janie pensa.

— Ahh — Carrie concorda com um movimento de cabeça.

Janie está adormecida no sofá. Ela não sonha. Nunca sonha.

5h02

Janie, forçada a acordar, projeta-se no sonho de Carrie. É aquele perto do rio. De novo. Já esteve lá duas vezes, desde a primeira, quando tinha 13.

Janie, às cegas na sala em que está seu corpo físico, tenta ficar em pé. Se ela conseguir sentir o caminho até seu quarto e fechar a porta antes que comece a ficar dormente, estaria distante o bastante para interromper a conexão. Ela tateia com os dedos dos pés as garrafas no chão, e anda em volta delas. Estica a mão para achar a parede e encontra o caminho certo para o corredor, enquanto ela e Carrie estão atravessando a floresta no sonho. Janie tateia, tentando sentir os batentes — primeiramente do quarto de sua mãe (*silêncio, não vá de encontro à porta*), depois o banheiro, e em seguida, seu quarto. Ela consegue entrar, e fecha a porta no exato momento em que Carrie e Janie chegam perto da encosta do rio.

A conexão é interrompida.

Janie solta um suspiro, aliviada. Ela olha a sua volta, pisca no escuro quando recupera sua visão, rasteja até a cama e dorme.

9h06

Quando ela acorda, tanto sua mãe quanto Carrie estão na cozinha. A sala de estar não está mais cheia de garrafas. Carrie está secando uma pia cheia de pratos e a mãe de Janie está preparando sua bebida matinal caseira, vodca e suco de laranja com gelo. Sobre o fogão encontra-se uma frigideira coberta por um prato de papel. Dois pedaços de torrada com manteiga, dois ovos fritos, com gemas moles, e uma pequena fortuna em bacon torrado estão em um segundo prato de papel, do lado da frigideira. A mãe de Janie pega um pedaço de bacon, toma seu drink e retira-se para seu quarto, sem dizer nenhuma palavra.

— Obrigada, Carrie. — Você não tinha de fazer isso. Eu estava planejando fazer a limpeza hoje.

Carrie está bem disposta.

— É o mínimo que posso fazer. Você dormiu bem? Quando foi para a cama?

Janie espia a frigideira, pensativa, e encontra batatas fritas.

— Uau! Hum, não faz muito tempo. Estava quase amanhecendo. Mas eu estava tão cansada...

— Você está trabalhando demais, um absurdo!

— É. bem. Faculdade. Um dia. Como você dormiu?

— Muito bem... — ela hesita, como se fosse dizer outra coisa, mas não o faz.

Janie dá uma mordida na comida. Está faminta.

— Teve bons sonhos?

Carrie dá uma olhada de relance em Janie, depois pega um outro prato e limpa-o com a toalha.

— Na verdade, não.

Janie concentra-se na comida, mas seu estômago não reage bem. Espera até que o silêncio fique constrangedor.

— Quer falar sobre isso?

Carrie fica em silêncio durante um bom tempo.

— Na verdade não — diz ela por fim.

[2] Moon Boots são botas criadas no início da década de 1970, pelo fabricante Tecnica of Givera del Montello, da Itália. Não tem distinção entre pé esquerdo e direito e tornaram-se uma notável tendência da moda durante esta década. As Moon Boots estão novamente em voga, parcialmente em resposta à popularidade do filme cult “Napoleon Dynamite”, de 2004, do qual a autora deste livro é fã, e em que o personagem que dá nome ao filme é visto usando-as em diversas ocasiões. (N. T.)

[3] Amtrak é uma estatal do transporte ferroviário de passageiros dos Estados Unidos. O nome Amtrak é a junção das palavras “American” e “track”, ou seja, caminho americano. (N. T.)

[4] “The Guiding Light” é uma série norte-americana que entrou para o Livro *Guinness* dos Recordes como o drama e a produção mais longos da história da TV. (N. T.)

[5] *trash*, traduzido literalmente como lixo branco, é um termo depreciativo originário dos Estados Unidos, na década de 1820, para pessoas brancas de baixo estatuto social,

poucas perspectivas de vida e formação. Empregar esse termo a uma pessoa branca é chamá-la de econômica e culturalmente nula. (N. T.)

[6] Dance Dance Revolution é um jogo de fliperama que surgiu no Japão no fim da década de 1990, tendo feito sucesso no mundo todo e com posteriores versões de consoles domésticos. O jogo inclui uma base ou um tapete de dança com quatro setas: para a frente, para trás, para a esquerda e para a direita. Deve— se pressionar as setas com os pés conforme as setas correspondentes atingem um ponto na tela. Elas são sincronizadas com o ritmo da música, levando o jogador a “dançar”. (N. T.)

[7] Boones Farm é uma bebida de malte produzida na Califórnia. Todos os sabores têm base em malte em vez de vinho por causa das mudanças nas leis de impostos. (N. T.)

E O RITMO ACELERA

30 de agosto de 2004

É o primeiro dia de aula. Janie e Carrie estão no penúltimo ano. Elas esperam pelo ônibus na esquina da rua onde moram. Algumas outras crianças da escola secundária estão em pé junto delas. Alguns estão ansiosos. Outros são terrivelmente baixinhos. Janie e Carrie ignoram os calouros.

O ônibus está atrasado. Felizmente para Cabel Strumheller, o ônibus está mais atrasado que ele. Janie e Carrie conhecem Cabel — ele é o garoto problema da escola desde a nona série. Janie não se lembra muito dele antes disso — dizem por aí que ele foi reprovado e foi parar na série delas. Ele vivia atrasado. Sempre parecia drogado. Agora parece cerca de 15 centímetros mais alto do que era na primavera. Seu cabelo preto azulado cai em pequenos cachos enebados na frente de seus olhos, e ele anda com os ombros curvados, como se ficasse mais à vontade sendo baixo. Ele está em pé, longe de todo mundo, e fuma um cigarro.

Janie olha para ele que, acidentalmente, percebe o olhar dela, de modo que ela diz “o” com a cabeça. Rapidamente, ele olha para baixo, para o chão. Sopra fumaça por entre os lábios. Atira o cigarro no chão e esfaça-o no cascalho.

Carrie cutuca Janie nas costelas.

— Olha lá! É seu namorado.

Janie revira os olhos.

— Seja legal com ele.

Carrie observa-o atentamente enquanto ele não está olhando.

— Bem. As espinhas sumiram durante o verão. Ou pode ser que o novo estilo de cabelo as esconda.

— Para — diz Janie entre os dentes. Ela está dando risadinhas e sentindo-se mal com isso. Mas está olhando para ele. Cabel deve ser quase tão pobre quanto Janie, julgando por suas roupas.

— Ele é apenas um solitário. E calado.

— Um maconheiro, talvez, que sente tesão por você.

Janie estreita os olhos e seu rosto fica sério.

— Carrie, para com isso. Estou falando sério. Você está ficando má como a Melinda.

Janie olha furtivamente para Cabel. O jeans dele é muito curto. Ela sabe como é ser importunada por não ter roupas nem coisas legais. Sente-se com vontade de defendê-lo.

— É provável que ele tenha pais ferrados que vivem com o dinheiro da Previdência Social, como eu.

Carrie está calada.

— Não sou como a Melinda.

— Então por que você sai com ela?

Ela encolhe os ombros, em sinal de indiferença, e pensa no assunto por um minuto.

— Não sei. Porque ela é rica.

Finalmente o ônibus chega. É uma viagem de 45 minutos até a escola, mesmo ficando a uma distância inferior a oito quilômetros, por causa de todas as paradas. Alunas do penúltimo ano como Janie e Carrie são consideradas, de acordo com as regras implícitas do ônibus, uma classe superior de mulheres. Sendo assim, sentam-se quase no fundo. Cabel passa por elas e senta-se no banco de trás. Janie consegue senti-lo empurrando seus joelhos contra suas costas. Ela espia através de um vão entre seu banco e a janela. O queixo de Cabel está apoiado em sua mão. Seus olhos estão fechados, praticamente escondidos sob seus cachos enebados.

— Merda — resmunga Janie baixinho.

Ainda bem que Cabel Strumheller não sonha.

Seja como for, não no ônibus.

Nem na aula de Química.

Ou na de Inglês.

Nem nas outras matérias. Janie chega em casa depois do primeiro dia na escola... aliviada.

Carrie e Stu batem na janela do quarto de Janie. Ela abre uma fresta. Stu está todo arrumado, usando uma fina gravata preta de couro, e Carrie está com um vestido justo preto com um xale e uma horrenda e enorme orquídea presa nele.

— Vi sua luz acesa — Carrie explica, em relação à visita incomum. — Venha para o baile de *homecoming* conosco, Janers! Não vamos ficar muito tempo lá. Por favor?

Janie suspira.

— Você sabe que não tenho nada para vestir.

Carrie segura um vestido com listras finas prateadas de modo que Janie possa vê-lo.

— Aqui. Aposto que vai ficar perfeito em você. Peguei-o com a Melinda. Ela vai morrer se o vir em você em vez de em mim. E tenho estes sapatos que combinam com ele.

Carrie dá um sorriso maligno.

— Não lavei meu cabelo nem nada.

— Você está ótima, Janie — diz Stu. — Vamos. Não me faça ficar lá sentado com um bando de patricinhas de cabeça oca a noite toda. Tenha dó de um velho.

Janie dá um sorriso forçado. Carrie dá um tapa no braço de Stu.

Ela os encontra na porta da frente, pega o vestido e dirige-se à casa de Carrie dez minutos depois.

21hl2

Janie bebe sua terceira taça de ponche enquanto Stu e Carrie dançam pela bilionésima vez. Ela senta-se a uma mesa, sozinha.

21hl8

Um garoto do segundo ano, que Janie conhece apenas como “o crânio”, pede para dançar com ela.

Janie olha para ele, analisando-o, por um momento. — Porque não, droga! diz. Ela é uma cabeça mais alta do que ele. Ele

descansa a cabeça no peito dela e agarra sua bunda.

Janie empurra-o para longe, resmungando baixinho, encontra Carrie e diz a ela que tem uma carona para casa e está indo embora neste momento.

Carrie acena, em despedida, feliz nos braços de Stu.

Janie golpeia a porta dos fundos do ginásio da escola e se vê em meio a uma forte nuvem de fumaça. Ela percebe que descobriu o ponto de encontro dos góticos. Quem diria?

— Aff— diz alguém.

Ela continua andando, falando “desculpe-me” baixinho a quem quer que tenha atingido com a porta que escancarou.

Depois de mais de um quilômetro e meio andando com os sapatos de salto alto de Carrie, seus pés a estavam matando. Ela tira os sapatos e caminha nos terrenos gramados, vendo as casas passarem de belas a detestáveis conforme vai andando. A grama já está úmida com o orvalho, e os terrenos estão ficando mais sujos. Seus pés estão ficando congelados.

Alguém começa a andar até chegar ao lado dela, tão silenciosamente que Janie só percebe a presença dele quando está do seu lado. Ele está carregando um skate. Outras duas pessoas se aproximam, também com skates, ficando um pouco à frente de Janie.

— Céus — diz ela, cercada. — Matar uma garota de susto, por que não?

Cabel Strumheller faz um movimento com os ombros, em sinal de indiferença. Os outros caras seguem em frente.

— Longa caminhada — diz Cabel. — Você, bem... — ele pigarreja — ... está bem?

— Ótima — responde ela. — Você?

Ela não se lembra de alguma vez tê-lo ouvido falar antes.

— Suba.

Ele coloca o skate no chão, pegando os sapatos das mãos de Janie.

— Você vai detonar seus pés. Há vidro e outras porcarias por aqui.

Janie olha para o skate e depois volta o olhar para Cabel. Ele está com um gorro de lã furado.

— Não sei como.

Ele dá um meio-sorriso. Empurra um longo cacho de cabelos negros para dentro do gorro.

— É só ficar em pé. Curvar-se. Equilibrar-se. Empurrarei você.

Ela pisca. Sobe no skate.

Bizarro.

Isso não está acontecendo.

Eles não conversam.

Os caras passam de um lado para o outro durante o caminho e param na esquina da casa de Janie. Cabel empurra-a no skate até a entrada da frente para que ela possa descer. Ele coloca os sapatos dela no degrau, pega o skate, despede-se com um movimento com a cabeça e vai de encontro a seus amigos.

— Obrigaria, Cabel — agradece Janie, mas ele já havia desaparecido na escuridão. — Isso foi gentil — acrescenta, para ninguém.

Eles não admitem a existência um do outro, nem do evento, durante um bom tempo.

A SÉRIO

1º de fevereiro de 2005

Janie tem 17 anos.

Um garoto chamado Jack Tomlinson cai no sono na aula de Inglês. Janie observa, do outro lado da sala, a cabeça dele pendendo. Ela começa a suar, mesmo no frio da sala. São 11h41. Sete minutos até que toque o sinal para a hora do almoço. Muito tempo.

Ela fica em pé, pega seus livros e vai correndo até a porta.

— Não me sinto bem — diz para a professora.

A professora faz um movimento com a cabeça, compreensiva. Melinda Jeffers abafa o riso na fileira de trás. Janie sai da sala e fecha a porta. Ela se encosta na fresca parede de azulejos, respira fundo, vai para o banheiro feminino e esconde-se em uma das cabines.

Ninguém nunca sonha no banheiro.

Flashback — 9 de janeiro de 1998

É o aniversário de 10 anos de Janie. Tanya Weersma adormece na escola, com a cabeça apoiada em seu estojo. Ela está flutuando, deslizando. E depois está caindo. Caindo em um desfiladeiro. O penhasco parece passar por ela em uma velocidade vertiginosa. Tanya olha para Janie e grita. Janie fecha os olhos e fica com enjoo. Elas ficam assustadas ao mesmo tempo. Todos os alunos da quarta série dão risada.

No fim das contas, Janie decide não distribuir suas preciosas delícias de aniversário.

Isso foi depois da viagem de trem e do homem com as roupas de baixo.

Janie teve apenas alguns problemas na escola, dos quais se livrou por um triz, antes da escola secundária. No entanto, quanto

mais velha, com mais frequência seus colegas de classe dormem. E quanto mais crianças dormem, mais confusão trazem para Janie. Ela tem de fugir, acordá-los ou arriscar-se a sofrer as consequências.

Um ano e meio a sua frente.

E então.

Faculdade. Colega de quarto.

Janie põe as mãos na cabeça.

Ela sai do banheiro só depois do almoço e vai para sua próxima aula, pegando uma barra de Snickers no meio do caminho.

Durante as próximas duas semanas, Melinda Jeffers e seus amigos ricos fazem barulhos de quem vai vomitar quando passam por Janie no corredor.

15 de junho de 2005

Janie tem 17 anos. Está trabalhando até a exaustão, assumindo o maior número de turnos que consegue.

O velho Sr. Reed está morrendo no asilo.

Os sonhos dele estão ficando constantes e terríveis.

Ele não acorda com facilidade.

Conforme seu corpo vai perdendo a força, a influência de seus sonhos fica, de uma forma assustadora, cada vez mais forte. Então, se a porta dele estiver aberta, Janie não consegue entrar naquela ala.

Ela não tinha planejado isso.

Faz um pedido estranho a cada turno.

— Se você cobrir a ala leste, eu cuido do resto.

Os outros assistentes acham que ela tem medo de ver o Sr. Reed morrer.

Janie não tem problema algum com isso.

21 de junho de 2005, 21h39

O Asilo Heather está com uma baixa de funcionários. É verão. Três pacientes à beira da morte. Dois deles com Alzheimer. Um que sonha, grita e chora.

Alguém precisa esvaziar as comadres. Distribuir os remédios da noite. Arrumar as salas para o dia seguinte.

Janie aproxima-se com cautela. Ela fica em pé, parada, na ala oeste, olhando para a ala leste, tentando memorizá-la. A parede de seu lado direito tem cinco entradas e seis conjuntos de corrimãos. A última porta à direita é a do Sr. Reed. Dez passos adiante há uma parede e a porta da saída de emergência.

Às vezes, um carrinho fica entre as portas três e quatro. E, cadeiras de rodas ficam anonimamente reunidas entre as portas um e dois. Uma das macas, frequentemente, fica largada na ala oeste, mas normalmente fica do lado esquerdo. Janie teria de dar uma espiada antes de entrar no corredor, não importando que dia fosse. Porque, na maior parte das vezes, as pessoas iam de um lado para o outro no corredor, sem padrão algum. E Janie não quer esbarrar em ninguém caso fique cega.

Hoje à noite, o corredor está vazio. Janie observou, mais cedo, que a família Silva veio fazer uma visita no quarto de número quatro. Ela verifica o livro de registros e vê que eles já saíram. Não há registro de nenhum outro visitante. Fica tarde. Para Janie, era fazer o trabalho ou ser demitida.

Ela entra na ala oeste, agarra o corrimão do corredor e se curva, quase sendo dobrada ao meio.

21h41

O barulho da batalha é opressivo. Ela se esconde com o Sr. Reed, em uma trincheira numa praia que parece um depósito de corpos lavada com sangue. A cena é tão familiar que Janie seria capaz de recitar a conversa (até mesmo os golpes das balas) de cor. E sempre termina da mesma maneira, braços e pernas esparramados, ossos triturados e o corpo do Sr. Reed quebrando-se

em pedacinhos bem pequeninos, esfarelando-se, como queijo sendo ralado, ou como um leproso, desfazendo-se.

Janie tenta caminhar normalmente no corredor, segurando no corrimão. Não consegue concentrar-se o bastante para lembrar as entradas que memorizou, o sonho é intenso demais. Ela continua a andar, segurando, caminhando, até que dá de cara com a parede. Está perdendo a sensação em seus dedos e nos pés. Deseja colocar um fim nisso. Tenta voltar oito, dez, talvez doze passos, mas cai no chão do lado de fora da porta do Sr. Reed. Sua cabeça latejando, enquanto o acompanha na batalha.

Ela tenta encontrar a porta dele, para que possa fechá-la. Tenta, mas não consegue sentir nada. Ela não sabe sequer, se está tocando algo. Está paralisada. Dormente. Desesperada.

Na praia sangrenta, o Sr. Reed olha para ela e faz um gesto com a mão para que Janie o siga.

— Aqui atrás. Ficaremos a salvo aqui atrás — diz ele.

— Não — ela tenta gritar, mas não sai som algum.

Não consegue chamar a atenção dele. *Não aí atrás!* Ela sabe o que vai acontecer.

Os dedos do Sr. Reed são os primeiros a desgrudarem do corpo e cair. Depois, o nariz e as orelhas.

Ele olha para Janie.

Como sempre.

Como se ela o tivesse traído.

— Por que você não me disse? — ele murmura.

Janie não consegue falar, nem se mover. Repetidas vezes ela luta, sentindo como se sua cabeça fosse explodir a qualquer momento. “Morra logo, velho”, ela quer gritar. Não posso mais fazer isso! Ela sabe que está quase acabando.

E então vem mais. Algo novo.

O Sr. Reed vira-se para ela no momento em que os pés dele se destacam dos tornozelos e ele tropeça em suas pernas rígidas. Os olhos dele estão arregalados em terror, e a batalha alastra-se em volta deles.

— Chegue mais perto — pede.

Sem dedos, acomoda a arma nos braços dela, enquanto eles se separam do ombro e se desfazem na praia como pó. E então começa a chorar.

— Ajude-me. Ajude-me, Janie.

Os olhos de Janie estão arregalados. Ela vê o inimigo, mas sabe que eles não podem lhe ver. Ela está a salvo. Olha para os olhos suplicantes do Sr. Reed.

Levanta a arma.

Aponta.

E puxa o gatilho.

22h59

Janie está encolhida em uma maca portátil no corredor leste quando o estrondoso tiroteio no sonho do velho Sr. Reed para abruptamente. Ela pisca, sua visão lentamente fica clara, e ela vê dois auxiliares do Asilo Heather encarando-a. Ela acomoda-se e senta-se. Sua cabeça lateja.

— Cuidado, Janie querida — uma voz suave a conforta. — Você estava tendo uma convulsão ou algo do gênero. Vamos esperar o médico, certo?

Janie levanta a cabeça e escuta um som distante de um bip de código vermelho. Um momento depois, ela ouve-o.

— O velho Sr. Reed está morto — diz ela, com a voz rouca. Ela cai para trás na maca e desmaia.

22 de junho de 2005

O médico diz:

— Precisamos fazer alguns exames. Fazer uma tomografia computadorizada.

— Não, obrigada — Janie se recusa. Ela é educada, mas firme. O médico olha para a mãe de Janie.

— Sra. Hannagan?

A mãe de Janie mexe os ombros, em sinal de indiferença. Ela olha para fora da janela. Suas mãos tremem enquanto ela abre o zíper de sua bolsa.

O médico suspira exasperado.

— Senhora — ele tenta novamente. — E se ela tiver uma convulsão enquanto estiver dirigindo? Ou atravessando a rua? Pense nisso, por favor.

A Sra. Hannagan fecha os olhos.

Janie pigarreia.

— Podemos ir?

O médico dirige um olhar demorado a Janie. Olha de relance para a mãe dela, que está olhando para seu próprio colo. Depois olha novamente para Janie.

— É claro — ele concorda com suavidade. Não apenas para sua segurança, mas também para a segurança dos outros na rua — por favor, não dirija.

Isso não vai acontecer quando eu estiver dirigindo, ela deseja falar, só para que não se preocupe demais. — Certo. Prometo. Nem temos carro mesmo.

A Sra. Hannagan se levanta. Em seguida, Janie faz o mesmo. O médico é o próximo.

— Ligue para nosso consultório caso isso aconteça novamente, certo?

Ele estende a mão e Janie aperta-a.

— Sim — mente Janie.

Elas voltam para a sala de espera.

Janie manda a mãe ir até o ponto de ônibus.

— Já vou.

A mãe dela deixa o consultório. Janie paga a conta. São 120 dólares retirados de seu fundo para a faculdade. Ela faz ideia de quanto deve custar uma tomografia computadorizada. Não está a fim de gastar mais cem só para que lhe digam que é louca.

Ela pode conseguir essa opinião de graça.

Janie espera que sua mãe lhe pergunte de que se tratava tudo aquilo. Mas pode também esperar que nasçam flores na lua. A mãe

dela simplesmente não se importa com nada que tenha a ver com Janie. Na verdade, nunca se importou.

E isso é tremendamente triste.

É o que Janie acha.

Mas certamente isso vem a calhar às vezes.

28 de junho de 2005

Há algo no fato de um médico dizer a uma adolescente para não dirigir que faz com que seja tão importante fazer o contrário do que ele mandou. Só para provar que ele está errado.

Janie e Carrie vão ver Stu na oficina. Ele as vê chegando.

— Aqui está ela, criança — diz Stu. Ele chama Janie de “criança”, o que é estranho, pois Janie é dois meses mais velha que Carrie.

Janie cumprimenta-o com a cabeça e sorri passando a mão suavemente pelo capô da máquina, sentindo as curvas. Ela é da cor da manteiga. É mais velha que Janie. E é bonita.

Stu entrega as chaves a Janie e ela conta mil quatrocentos e cinquenta dólares em dinheiro.

— Seja boa para ela — Stu fala com melancolia. — Comecei a trabalhar nela quando tinha 17 anos e eu, 13. Ela ronrona agora.

— Vou sim.

Janie sorri. Ela entra no Nova[8] de 1977 e dá partida na máquina.

— O nome dela é Ethel — acrescenta Stu. Ele parece um pouco envergonhado.

Carrie pega a mão suja de óleo de Stu e aperta-a.

— Janie é realmente uma boa motorista. Ela já dirigiu meu carro várias vezes. Ethel ficará bem. — Ela dá um beijo rápido na bochecha de Stu. — Vejo você à noite — diz, com um sorriso discreto.

Stu pisca. Carrie entra em seu Tracer[9] e Janie desliza para trás do volante de seu novo carro. Dá um tapinha no painel e Ethel ronrona.

— Boa garota, Ethel — sussurra ela.

29 de junho de 2005

Depois do incidente com o Sr. Reed, o diretor do Asilo Heather fez com que Janie tirasse uma semana de férias. Quando Janie reclamou quanto ao fato de ficar muito tempo afastada, o diretor prometeu-lhe turnos no dia 4 de julho e no Dia do Trabalho, quando Janie receberia salário dobrado. Ela está feliz.

Janie dirige seu carro novo no primeiro dia de volta ao trabalho. Ela dá banhos de esponja e esvazia uma dúzia de comadres. Para passar o tempo, canta uma canção triste de “Os Miseráveis”, mudando as palavras para “Penicos vazios e bexigas vazias”. A senhorita Stubin, uma professora de colégio que deu aulas durante quarenta e sete anos antes de se aposentar, ri pela primeira vez em semanas. Janie toma uma nota mental de levar um livro novo para ler para a senhorita Stubin.

A senhorita Stubin nunca recebe visitas.

E ela é cega.

Poderia ser simplesmente este o motivo pelo qual ela é a predileta de Janie.

4 de julho de 2005, 22h15

Três residentes do Asilo Heather em suas cadeiras de rodas e Janie, em cima de um balde de plástico laranja improvisado como cadeira, estão sentados no estacionamento do asilo, no escuro. Esperando. Matando mosquitos. Estão prestes a começar a soltar os fogos de artifício no Selby Park, a algumas quadras dali.

A senhorita Stubin é um destes residentes, com suas mãos nodosas curvadas no colo, o soro em um suporte próximo a sua cadeira de rodas. De repente, levanta a cabeça e sorri com um esboço de melancolia.

— Lá vêm eles — anuncia ela.

Um momento depois, o céu tem uma explosão em cores.

Janie descreve cada um em detalhes à senhorita Stubin.

— Um porco-espinho verde-cintilante — diz ela.

— Faíscas erguendo-se da varinha mágica de um mago.

— Um círculo perfeito de luz branca, que se esvai em uma poça e fenece.

Depois de uma brilhante explosão de luz roxa, Janie levanta-se de repente.

— Não vão a lugar nenhum, vocês três. Eu já volto.

Ela corre para dentro da sala de terapia, pega um tubo de plástico e volta correndo para fora.

— Aqui — ela fala sem fôlego, pegando na mão da senhorita Stubin e, cuidadosa e gentilmente, esticando os dedos curvados dela. Coloca uma bola Koosh[10] nas mãos da velha mulher.

— O último era assim.

O rosto da senhorita Stubin iluminou-se.

— Acho que esse é meu predileto — diz ela.

2 de agosto de 2005, 23h11

Janie sai do Asilo Heather e dirige os mais de seis quilômetros até sua casa. Está muito calor e ela repreende Ethel de leve por não ter ar-condicionado. Ela desce o vidro da janela, adorando a sensação do vento quente no rosto.

23h18

Ela para em um sinal na Waverly Road, não muito longe de casa, e continua no cruzamento.

23h19

E então ela está em uma casa estranha. Em uma cozinha suja. Um homem imenso parecendo um monstro com facas no lugar dos dedos aproxima-se.

Janie, cega para a rua, pisa no freio e muda a marcha para ponto morto. Ela procura o freio de emergência e puxa-o, antes que fique paralisada. Este é um pesadelo dos fortes.

Ele arrasta uma cadeira de vinil pelo chão da cozinha, pega-a e gira-a no ar em volta de sua cabeça.

Mas não é o freio de emergência. É o botão que solta a capota.

E depois ele solta a cadeira. Ela voa na direção de Janie, cortando de leve o ventilador de teto.

Janie não sabe que é o capô.

Ela olha em volta, desesperada, para ver o que a cadeira vai acertar. Ou quem.

Janie está paralisada. Seu pé escorrega do pedal do freio.

O carro rola para fora da rua.

Lentamente.

Mas não há mais ninguém. Ninguém além do homem-monstro com facas no lugar dos dedos e Janie. Até a porta se abrir e um homem de meia-idade aparecer. Ele passa por Janie. Na cadeira, voando em câmera lenta, surgem facas.

O carro quase atinge uma caixa de correio.

Ele acerta o homem de meia-idade no peito e na cabeça. A cabeça dele é separada do corpo e rola no chão em círculos.

O carro acaba parando em uma vala rasa na entrada da frente de uma casa pequenina, malcuidada.

Janie olha com surpresa para o grande jovem com facas no lugar dos dedos. Ele caminha em direção à cabeça do morto e chuta-a como se fosse uma bola de futebol. Ela atravessa a janela, fazendo muito barulho, e vem um lampejo de luz cegante...

23h31

Janie geme e abre os olhos. Sua cabeça está apoiada no volante. Ela tem um corte no lábio, que sangra. E Ethel decididamente não está na horizontal. Quando consegue ver com clareza, olha para fora das janelas e, quando consegue se mover novamente, sai com facilidade do carro. Caminha em volta de Ethel,

para ver se ela não está ferida, e se não está presa. Fecha o capô com delicadeza, entra no carro e dá ré lentamente.

Quando ela chega em sua garagem, respira aliviada, e então memoriza a localização exata do freio de mão pelo tato. Ela vê as chaves penduradas na ignição. *Dã*, pensa.

Da próxima vez, estará preparada.

Talvez devesse ter comprado um automático.

Ela tem esperanças que Deus a livre de isso acontecer em uma rodovia.

0h46

Janie está deitada, acordada, na cama. Assustada.

Em seu subconsciente, ela ouve o som distinto de facas sendo afiadas. Quanto mais se esforça para não pensar de quem é este sonho, mais pensa nisso. Ela nunca poderá dirigir naquela rua de novo.

Ela imagina se acabará como sua amiga, a senhorita Stubin, do lar de idosos, totalmente sozinha.

Ou morta em um acidente de carro, por causa dessa absurda maldição dos sonhos.

25 de agosto de 2005

Carrie entra na casa de Janie com a correspondência dela. Janie está vestindo camiseta e cueca samba-canção. Está quente e úmido.

— Os horários estão aqui — Carrie mostra. — Último ano, garota! É isso aí!

Entusiasmadas, elas abrem seus envelopes com os horários juntas. Colocam-nos lado a lado na mesa de café e comparam-nos.

Suas expressões faciais alternam entusiasmo, decepção, e entusiasmo novamente.

— Então, primeira hora de Inglês e quinta aula na sala de estudos. Não é tão horrível assim — Janie analisa.

— E temos o mesmo horário de almoço — diz Carrie. — Deixe-me ver qual o horário da Melinda. Eu já volto.

Carrie levanta-se para sair.

— Você pode ligar para ela daqui, você sabe — diz Janie, revirando os olhos.

— Até ligaria, mas...

Janie espera que Carrie explique. Então fica claro para ela.

— Ah — diz. — Entendo. Identificador de chamadas. Xii, Carrie.

Carrie olha para seus sapatos, depois sai.

Janie dá uma olhada para ver se tem sorvete no congelador. Ela toma o sorvete direto da embalagem. Sente-se uma bosta.

6 de setembro de 2005, 7h35

Carrie e Janie seguem em carros separados até a escola, porque Janie tem de trabalhar às 3 da tarde. Janie acena da janela quando ouve a buzina do carro de Carrie. *É isso aí*, pensa.

Janie está só um pouco animada com o começo de seu último ano na escola secundária. E não está nem um pouco entusiasmada em ter de ir à sala de estudos logo depois do almoço.

Ela escova os dentes e pega sua mochila, olhando-se no espelho antes de ir até a porta. É parada pelas luzes vermelhas piscantes de seu antigo ônibus, e ri, satisfeita consigo, quando vê todos os novatos subindo os degraus para entrar no ônibus. A maior parte deles está vestida seguindo a moda de cinco anos atrás — roupas doadas ou roupas baratas de segunda mão.

— Arrumem empregos e caiam fora da parte sul de Fieldridge — murmura Janie. Pelo menos há uma superioridade numérica.

Ethel ronrona.

Janie continua a dirigir quando as luzes vermelhas param uma quadra antes da casa “ruim” na Waverly Road. Ela vira para pegar um retorno. Não vai se arriscar. Diminui a velocidade quando vê alguém caminhando em sua direção na rua, com uma mochila caindo aos pedaços. A princípio, ela não o reconhece.

E então o reconhece.

Ele parece diferente.

Não está carregando um skate.

— Você perdeu o ônibus — diz Janie pela janela aberta. — Entre. Dou uma carona.

Cabel olha para ela desconfiado. Suas feições amadureceram. Ele está usando óculos, do novo tipo sem armação. Seu maxilar está decididamente angular. Ele parece ao mesmo tempo mais magro e mais musculoso. Seu cabelo, ondulado até a altura do ombro, não está mais preto-azulado nem ensebado, mas sim castanho-claro dourado. Sua longa franja que caía sobre os olhos no ano passado estão presas atrás de suas orelhas. E parece recém-lavado. Ele hesita e então abre a porta do passageiro.

— Obrigado. — A voz dele está baixa e rouca.

— Jesus — comenta, enquanto tenta ajustar seus joelhos dentro do carro.

Janie coloca a mão entre as pernas.

— Pega o seu também, ela fala.

Ele levanta uma sobancelha.

— Seu regulador de banco, imbecil. Temos de puxá-los juntos. É um banco único. Como pode ver.

Eles puxam-no e o banco vai um pouco para trás. Janie checa se ainda consegue alcançar o pedal da embreagem. Muda para a primeira marcha enquanto Cabel fecha a porta do seu lado.

— Você está na rua errada — ele comenta.

— Eu sei.

— Achei que estivesse perdida ou algo do tipo.

— Ah, por favooooor! Eu... Pego um desvio. Não dirijo mais na Waverly. Sou supersticiosa.

Ele dá uma olhada de relance para Janie e mexe os ombros em sinal de indiferença.

— Tanto faz.

Eles viajam em um silêncio embaraçoso durante cinco minutos, até que Janie revira os olhos e pergunta:

— Então. Qual é seu horário?

— Não faço a mínima ideia.

— Táaaaaa... — a conversa é um fiasco.

Depois de um momento, ele abre sua mochila e retira dela um envelope selado. Rasga-o, abrindo-o, como se tal tarefa fosse muito difícil, e dá uma analisada em seu horário.

— Inglês, Matemática, Espanhol, Tecnologia Industrial, almoço, sala de estudos, Educação Cívica, Educação Física.

Ele soa entediado.

Janie encolhe-se.

— Hum! Interessante.

— E o seu? — ele diz isso com tamanha educação, como se fosse forçado a conversar com sua avó.

— É, ah, bem,... na verdade... — suspira ela, muito parecido com o seu. É.

Ele ri.

— Você não parece tão empolgada, Hannagan. Vou deixar você colar de mim nas provas.

Ela sorri com ironia.

— Sim, certo! Como se eu quisesse.

Ele olha para ela.

— E sua média geral é...?

— Três ponto oito — ela fala, fungando.

— Bem, então é claro que você não precisa de ajuda.

— Qual é a sua?

Ele mexe-se no banco e enfia seu horário dentro da mochila.

— Não faço ideia.

Isso foi o máximo que Cabel Strumheller havia falado para Janie em todos os anos desde que ela o conheceu. Incluindo os quase cinco quilômetros no skate.

12h45

Janie encontra-se com Carrie na sala de estudos. Os alunos do último ano têm aula na biblioteca, de modo que possam consultar livros e computadores. Espera-se que façam trabalhos de verdade em vez de dormir. Janie espera o melhor e acha uma mesa no canto mais afastado da sala.

— Como vai? — pergunta Janie.

— Normal — diz Carrie. — A única aula que tenho com a Melinda é a de Inglês. Eh! Você viu o cara novo?

— Que cara novo?

— Na aula de Inglês.

Janie parece perplexa.

— Não notei.

Carrie olha ao redor delas disfarçadamente.

— Oh, merda! — sussurra. — Aí vem ele.

Janie olha para cima. Carrie está olhando fixamente para ele, não se atrevendo a se virar novamente. Ele faz uma saudação com a cabeça na direção dela. Janie acena em resposta. Para Carrie, ela diz: — Ah, você diz... ele?

— Você NÃO acabou de acenar para ele?!

— Para que... hum, quem? Sim, é isso. Quem?

— O cara novo! Você está me ouvindo?

Ela dá um pulo na cadeira.

Janie sorri inocentemente.

— Veja isso.

Levanta-se, caminha até a mesa em que o cara novo está sentado e puxa uma cadeira em frente à dele, de modo que consiga ver Carrie observando a cena.

— Tenho uma pergunta para você — fala Janie.

— Achei que você não precisasse de ajuda — ele responde, procurando algo na mochila.

— Não desse tipo.

— Manda ver então.

— Por acaso muitas pessoas estão te olhando estranho hoje?

Ele tira o caderno da mochila, tira a camisa de abotoar que estava usando por fora, ficando com uma camiseta branca, folgada. Dobra a camisa de botões de qualquer jeito, coloca-a em cima de sua mochila, puxa sua cadeira rapidamente para trás e deita a cabeça na camisa. Seus braços com músculos recém-surgidos estendidos em volta deste travesseiro improvisado.

— Eu não tinha percebido.

Tira os óculos e coloca-os de lado, na mesa.

Janie inclina a cabeça para a frente, pensativa.

— Entendo. Então... você não sabe quais são suas aulas, qual sua média, não percebe as garotas babando pelo seu visual novo...

— Isso é besteira — diz ele, fechando os olhos.

— Então no que você presta atenção?

Ele abre os olhos. Ergue a cabeça de seu travesseiro. Olha para Janie por um bom tempo. Seus olhos são de um castanho cativante. Ela nunca os havia notado antes.

Por uma fração de segundo, Janie acha que vê algo neles, mas depois a sensação se perde.

— Pfft. Você não acreditaria em mim se eu lhe contasse — ele diz.

Janie solta, por um momento, um sorriso torto, e discorda com a cabeça, de leve, sentindo-se empolgada.

— Experimente.

Cabel levanta uma sobrancelha em sinal de ceticismo.

— Sabe... algum dia — ela diz por fim.

Ela pega a camisa dele e dobra-a novamente para que os botões fiquem virados para dentro.

— Assim você não vai ficar com uma marca de botão na cara — diz.

— Obrigado.

Seus olhos não se desviam dos dela. O olhar dele é penetrante. Sua testa está franzida.

Janie dá uma tossida, preparando-se para falar.

— Então, hum, devo contar a Carrie em primeira mão que você não é um cara novo?

Cabel pisca.

— O quê?

— Metade das garotas da escola acham que você é um aluno novo. Sem essa, Cabel. Você está bem diferente do ano passado.

As palavras param de sair de sua boca, o que diz não soa bem.

Ele olha para ela, parecendo confuso.

— Do que você me chamou?

Janie sente um nó no estômago.

— Hum, Cabel?

Ele não está sorrindo.

— Quem você acha que eu sou?

Talvez ela esteja no estranho sonho de alguém e não saiba.

Ela entra em pânico.

— Oh, Deus não — ela fala baixinho.

Abruptamente, ela fica em pé e tenta andar, deixando-o para trás. Ele segura-a pelo braço.

— Para, calma — diz ele. — Sente-se.

Nos olhos de Janie, um mar de lágrimas. Ela cobre a boca com as mãos.

— Jesus, Janie. Estou só brincando com você. Desculpa. Puxa!

Ele continua segurando-a pelo pulso, de leve.

Ela sente-se uma tola.

— Vamos, Hannagan. Olha pra mim, vai? Me escuta.

Janie não consegue olhar para ele. Ela vê Carrie, levantando-se, observando atentamente a cena através das prateleiras de livros, com um olhar preocupado. Janie faz um gesto para que fique onde está. Carrie senta-se.

— Janie.

— Que foi dessa vez? — diz ela, ficando com raiva. — Por favor, me solta antes que eu chame os seguranças.

Ele solta o pulso dela como se fosse uma batata quente.

Ele arregala os olhos.

— Esqueça — diz com um suspiro. — Sou um idiota.

Ele desvia o olhar.

Janie volta a sua mesa e senta-se em estado lastimável.

— O que foi aquilo —, Carrie fala entre dentes.

Janie olha para ela e concentra suas forças para sorrir demonstrando calma. Mexe a cabeça de um lado para o outro.

— Nada. O cara novo acabou de me dizer... que... — ela enrola, fingindo procurar uma caneta. — Quê? Ah, estou fazendo as equações de Matemática Avançada totalmente erradas. Eu... você me conhece. Odeio estar errada. Matemática é a matéria em que sou melhor, você sabe.

Ela arranca uma folha de papel e abre seu livro de Matemática.

— Agora tenho de começar tudo de novo.

— Nossa, Janie. Você ficou com uma cara de que ele tinha acabado de ameaçar você de morte ou algo do gênero.

Janie ri.

— É como se fosse.

13h30

Cabel atrai a atenção de Janie olhando para ela na aula de Educação Cívica. Ela o ignora.

14h20

Educação Física. É mista este ano. Os alunos revezam-se jogando basquete em equipes de cinco contra cinco. Os rapazes contra as garotas.

Janie comete a falta mais grave que Fieldridge High School já viu. Quando consegue ficar em pé, o cara novo insiste que foi culpa dele.

O pessoal da educação física delibera e decide que não é uma boa ideia colocar garotas contra garotos em esportes de contato. O treinador Crater lança um olhar severo para Janie. Ela olha-o da mesma forma, com interesse.

14h45

Janie seca-se com pressa depois do banho e veste rapidamente seu uniforme para ir trabalhar. O sinal toca. Ela pega suas coisas e entra correndo em seu carro, para que não chegue atrasada no trabalho.

20h01

A vida está abençoadamente calma no Asilo Heather nesta noite. Janie termina seu trabalho administrativo e a limpeza do chão

mais cedo, então vai ver a senhorita Stubin. Arrasta os pés e pigarreia, para que ela saiba que está lá.

— Sou eu, Janie. Está preparada para alguns capítulos de Jane Eyre^[11]? — pergunta.

A senhorita Stubin sorri com entusiasmo e vira o rosto na direção da voz de Janie.

— Eu adoraria, se você tiver tempo.

Janie puxa a cadeira de visita para mais perto da cama e começa onde parou da última vez. Ela não percebe quando a senhorita Stubin começa a dormir.

20h24

Janie está parada, em pé, em uma rua chamada Center em uma cidade pequena. Tudo está em preto e branco, como em um filme antigo. Não muito longe, um casal passeia de braços dados, olhando as vitrines. Janie segue-os. As vitrines estão repletas de coisas simples. Serras e martelos. Fios e tecidos. Formas grandes e pequenas de forno. Artigos de armarinho.

O casal para na esquina, e Janie pode ver que a jovem esteve chorando. O rapaz está usando um uniforme militar.

Ele conduz, com gentileza, a jovem para a esquina de um prédio, e eles se beijam com muita paixão. Ele toca no peito dela e diz algo, e ela balança a cabeça, em sinal de negativa. Ele tenta novamente, e ela tira a mão dele dali. Ele recua.

— Por favor, Martha. Vamos fazer amor antes de eu partir.

A jovem, Martha, começa a dizer não. Depois ela se vira e olha para Janie com total arrependimento estampado nos olhos.

— Nem no meu sonho? — diz ela.

Martha espera que Janie responda.

Janie olha para o rapaz. Ele está momentaneamente paralisado, com o olhar fixo em Martha, cheio de adoração. Ela implora, com os olhos cravados em Janie.

— Ajude-me.

Janie, assustada, encolhe os ombros e acena com a cabeça, e Martha sorri em meio às lágrimas. Vira-se de novo para o jovem, toca no rosto dele, nos lábios dele e inclina a cabeça. Eles caminham pela alameda, afastando-se de Janie. Ela dá um passo para segui-los, mas não quer mais acompanhar este sonho — é íntimo demais. Agarra a cadeira no quarto da senhorita Stubin com todas as suas forças, concentra-se e consegue voltar para o asilo.

São 20h43. Janie mexe a cabeça de um lado para o outro para tranquilizar-se. Surpresa. Lentamente, um sorriso largo vai se formando em seu rosto. Ela conseguiu — ela conseguiu sair do sonho. E não está sendo puxada para dentro dele de novo. Janie ri por dentro.

A senhorita Stubin dorme em paz, com um sorriso em seus lábios finos e cansados. Deve ser legal para a pobre senhorita Stubin ter um sonho bom.

Janie deixa o livro na mesa e sai do quarto, sem fazer barulho. Ela apaga a luz e fecha a porta, deixando que a senhorita Stubin tenha algum tempo de intimidade com seu soldado.

Antes que ele morra.

E ela nunca tenha a oportunidade novamente.

9 de setembro de 2005, 12h45

— Por que você não me contou que o cara novo era Cabel Strumheller? — Carrie reclama.

Janie desvia o olhar de seu livro, voltando os olhos para cima. Está sentada na biblioteca em sua mesa de costume.

— Por que sou uma idiota?

Ela solta um sorriso doce.

Carrie tenta segurar uma risada.

— Sim, é mesmo. Sei que você está dando carona para ele até a escola.

— Só quando ele perde o ônibus — diz Janie, com alegria na voz. Carrie sorri para ela de um jeito travesso.

— É, bem. De qualquer forma, consegui fazer parte da equipe do livro deste ano, de modo que passarei bastante tempo ausente da sala de estudos, tá? Tenho de ir agora para a primeira reunião.

Janie despede-se dela com um aceno de mão, distraída pela peça que está lendo para a aula de Inglês.

— Divirta-se. Pega leve.

Ela escorrega um pouco para baixo se acomodando e descansa os pés na cadeira em frente à sua. Está lendo “Camelot”, preparando-se para a viagem da turma de Inglês do último ano a Stratford, Canadá, no próximo mês.

De vez em quando, ela espia pelas estantes de livros para ver se alguém parece estar dormindo. Ela percebe que consegue lidar com qualquer coisa que esteja fora de um raio de seis metros, a menos que seja um pesadelo, e então a distância diminui muito. Felizmente, a maior parte dos sonhos durante o dia na escola tendem a ser aqueles em que alguém está “caindo”, sonhos em que alguém faz uma “apresentação nu”, ou algo sexual. Normalmente, ela consegue lidar com esse tipo de sonho sem ter uma reação como, por exemplo, desmaiar no chão.

São os paralisantes, os pesadelos que dão arrepios e tremedeiras, que a estão matando.

12h55

O livro desaparece na frente dela. Janie suspira e coloca-o na mesa. Deita a cabeça em cima dos braços e fecha os olhos.

Está flutuando. *Não, o sonho de queda de novo, não*, pensa. Está de saco cheio de sonho de queda.

A cena muda imediatamente. Agora Janie está do lado de fora. Está escuro. Ela está sozinha, atrás de um barracão, mas pode ouvir vozes abafadas. Nunca ficou sozinha antes, e não sabe como alguém pode sonhar sem estar neles. Está curiosa. Observa com nervosismo, esperando que não seja o pesadelo de alguém a ponto de irromper através da parede do barracão, ou surgir dos arbustos.

Logo depois surge uma figura monstruosa, desajeitada, cujo contorno é visível à luz da lua. Ele agita os braços de um lado para o outro nos arbustos, e ergue as mãos para o céu, soltando um grito horrível. Janie sente os dedos ficando adormecidos. Tenta sair dessa. Mas não consegue.

Os longos dedos da figura brilham sob o luar.

Janie apoia as costas no celeiro. Está tremendo.

A figura grotesca afia, uma nas outras, as facas que tem no lugar dos dedos. O som é ensurdecador.

Janie, encostada no celeiro, solta um grito estridente.

A figura se vira. Ele a vê.

Aproxima-se dela.

Ela já viu esta figura antes.

Logo antes de ela e Ethel acabarem indo parar em uma vala.

Janie fica em pé e tenta correr. Mas suas pernas não se mexem.

O rosto da figura está marcado pela fúria, mas ele parou de afiar suas facas. Está a um metro e meio de distância, e Janie fecha os olhos. Nada pode feri-la, ela tenta dizer a si mesma.

Quando abre os olhos, está em plena luz do dia. Ela ainda está atrás do celeiro. E a horrenda figura ameaçadora transformou-se em um jovem humano, normal.

É Cabel Strumheller.

Uma segunda Janie caminha até Cabel, sem medo algum.

Janie permanece lá atrás, encostada no celeiro.

Cabel toca no rosto da segunda Janie.

Inclina-se para a frente.

Beija-a.

O beijo é correspondido.

Ele para de abraçá-la e olha para a Janie que está encostada no celeiro. Lágrimas escorrem pelas bochechas dele.

— Ajude-me — ele pede.

Toca o sinal. Janie sente o nevoeiro espesso dissipando-se, mas não consegue se mover. Não ainda. Precisa de um minuto.

13h36

Na verdade, dois minutos.

13h37

Ela pula quando sente a mão no ombro.

Um quilômetro, um metro, uma polegada... ela não sabe.

Olha para cima.

— Pronto? — ele pergunta. — Não sabia se você tinha ouvido o sinal.

Ela olha fixamente para ele.

— Você está bem, Hannagan?

Ela faz que sim com a cabeça e pega seus livros.

— Sim.

A voz dela ainda não voltou completamente. Ela pigarreja.

— Sim — responde, com firmeza. — E você? Tem uma marca na sua bochecha.

Ela dá um sorriso trêmulo.

— Peguei no sono em cima do meu livro.

— Imaginei.

— Você também, né?

— Eu, ah, devo ter ficado realmente cansada, acho.

— Você parece assustada. Teve um pesadelo ou algo do gênero?

Ela olha para ele enquanto atravessam o corredor cheio de gente em direção à aula de Educação Cívica. Ele põe a mão nas pequenas costas dela para que fiquem juntos enquanto conversam.

— Não exatamente — diz ela lentamente. Aperta os olhos. — E você? — As palavras são desferidas de sua boca como se fossem tiros.

Ele dirige-se rapidamente para dentro da sala quando toca o sinal e nota a expressão dela. Ele para abruptamente tentando examinar seu rosto. Ela pode ver a perplexidade nos olhos dele. O rosto ficando levemente corado, mas ela não sabe ao certo o porquê.

A professora entra e enxota os alunos para que se sentem em seus lugares.

Janie ergue a cabeça para olhar duas fileiras atrás.

Cabel ainda está olhando fixamente para ela, parecendo incrivelmente intrigado. Ele mexe a cabeça de um lado para o outro, de leve.

Ela olha para o quadro-negro. Sem o ver. Apenas divagando. Imaginando qual seria a droga de seu problema. E qual o problema dele, que tem sonhos como aquele. Ele sabe? Será que ele a viu naquele sonho?

14h03

Uma bola de papel aterrissa na carteira de Janie. Ela dá um pulo e lentamente ergue a cabeça para observar Cabel. Ele está curvado em sua carteira, fazendo rabiscos em seu caderno, parecendo um pouco inocente demais.

Janie abre o papel.

Desamassa-o.

É, talvez... (?)

É isso que está escrito nele.

29 de setembro de 2005, 14h55

Encostada no capô de seu carro está a silhueta magra e alta, de cabelos compridos, de Cabel Strumheller. Aquele que sonha com monstros e beijos, tudo no mesmo sonho. O cabelo dele está molhado.

— Hei — diz Janie alegremente.

O cabelo dela está molhado também.

— Por que você está me evitando?
Ela suspira.
— Estou?
Sabe que isso soa falso.
Ele não responde.
Ela entra no carro.
Dá partida no motor.
Sai com o carro de sua vaga no estacionamento.
Cabelo fica lá parado, em pé, olhando. Com os braços cruzados no peito. A preocupação está estampada em seus lábios.
Ela se debruça e desce o vidro da janela.
— Entre. A essa altura você perdeu o ônibus.
A expressão dele não muda.
Ele não se move.
Ela fica indecisa por mais um minuto.
Ele se vira e começa a andar em direção à casa dele.
Ela observa-o, suspira com irritação, e pisa fundo no acelerador. Os pneus cantam na esquina. *Idiota.*

10 de outubro de 2005, 4h57

Em um papel de seda, na caverna de seu próprio sonho, Janie escreve:

Guardo isso pra mim.

Tenho que fazer isso.

Por causa do que sei sobre você.

E então ela amassa-o, acende um fósforo e transforma o papel em cinzas. Os resquícios flutuam no ar, sendo levados pelo vento rua abaixo, cruzando os quintais. Até a casa dele. Ele pisa neles enquanto caminha para ir pegar o ônibus. As cinzas são mais macias que as folhas secas do Halloween que se acumulam amontoadas nos cantos da soleira da porta da frente da casa dele. Sob o peso das pisadas dele, as cinzas desintegram-se. O vento engole-as. Deixaram de existir.

Janie acorda, atrasada para as aulas. Ela pestaneja.
Nunca teve um sonho antes — não que se lembre.
Tem apenas os sonhos de todas as outras pessoas.
Pelo menos ela pode dormir durante os dela.

Dá um jeito em seu cabelo liso, de um loiro sujo, com um pente molhado, escova os dentes a todo vapor, enfia dois dólares no bolso da frente de seu jeans e pega sua mochila, buscando as chaves como uma louca. Estão na mesa da cozinha. Pega-as, despedindo-se de sua mãe que veste camisola e está recostada na pia, comendo uma Pop-Tart^[12] e olhando sem direção fixa para fora da janela.

— Estou atrasada — diz Janie.

A mãe dela não responde.

Janie bate a porta, mas não com raiva. Com pressa. Ela pula pra dentro do Nova e vai voando até a Fieldridge High School. Quando o sinal toca, está a dez passos bem largos de sua sala de aula de Inglês, assim como metade da classe. Andando sem fazer barulho até sua carteira, a última na fileira mais perto da porta, ela esgueira-se pela classe, sem ser notada, exceto por um sorriso sonolento de Carrie. Janie termina furtivamente sua lição de Matemática enquanto o professor fala, em um tom monótono, sobre a viagem no fim de semana que já se aproxima, do pessoal do último ano, a Stratford.

Cabel está de costas para ela. Janie sente um impulso de colocar a mão no cabelo dele. Se conseguisse alcançá-lo, faria isso. Mas então ela tira essas ideias da cabeça. Está muito confusa em relação a seus sentimentos. É mais bizarro do que lisonjeiro saber que ele sonha com ela. Especialmente quando ele faz isso depois de ter sido aquele horrendo homem-monstro. Ela pode até mesmo admitir que tem um pouco de medo dele.

E agora sabe onde ele mora.

Apenas a duas quadras de distância da casa dela.

Em uma casa pequenina na Waverly Road.

— A distribuição dos quartos de vocês — anuncia o Sr. Purcell em um tom monótono, agitando no ar papéis amarelos fluorescentes, como raios de sol acima de sua cabeça, antes de jogar uns punhados para a primeira pessoa em cada fileira. — Mudanças não são permitidas, então, nem tentem.

Janie olha para cima enquanto risadinhas e lamentos enchem a sala. O garoto na frente dela não se vira para entregar-lhe o papel. Ele joga-o por cima do ombro. O papel flutua, fica pairando no ar e desliza para fora da carteira de laminado polido antes que Janie consiga pegá-lo, movendo-se rapidamente e indo parar debaixo do sapato de Cabel Strumheller. Ele chuta-o na direção dela sem nem olhar. O cabelo dele balança um pouco de um lado para o outro em volta dos ombros.

A lista coloca Janie em um quarto com três esnobes ricos do lado norte de Fieldridge — Melinda Jeffers, que a odeia, a amiga de Melinda, Shay Wilder, que a odeia por padrão, e a capitã do time de futebol das meninas, Savannah Jackson, que finge que Janie não existe. Ela suspira por dentro. Terá de dormir no ônibus, a caminho de lá.

Mas Janie está curiosa para saber, depois de todos estes anos, se Melinda ainda sonha com Carrie com peitos gigantescos.

[8] O Chevrolet Nova é um carro produzido nos Estados Unidos de 1962 a 1979 pela Chevrolet e de 1985 a 1988 pela NUMML (N. T.)

[9] O Mercury Tracer é um carro compacto que era vendido pela divisão Mercury da Ford. É a versão da Mercury do Ford Escort. (N. T.)

[10] A bola Koosh é uma bola de brinquedo, única por ter filamentos de borracha em torno de um núcleo. (N. T.)

[11] Jane Eyre é um romance famoso e influente da escritora inglesa Charlotte Brontë, de 1847. (N. T.)

[12] Pop-Tarts é um tipo de bolinho da Kellogs. Podem ser comidos frios, mas geralmente, são aquecidos em forminho ou micro-ondas. (N. T.)

AH, CANADÁ

14 de outubro de 2005, 3h30

Janie encontra Carrie sobre o céu negro no estacionamento da casa dela. Elas trocam poucas saudações além de sorrisos sonolentos e Janie sobe no banco do passageiro do Tracer de Carrie. Elas viajam na escuridão, caladas, até a escola. Janie está feliz por não ter de dirigir a essa hora.

Passam por Cabel Strumheller quando se aproximam da escola. Ele está andando. Carrie desacelera o carro e para, desce o vidro da janela e pergunta se ele quer uma carona, mas ele não aceita, soltando um meio-sorriso.

— Estou quase lá — diz ele.

Lá na frente, veem o ônibus da Greyhound brilhando sob as luzes do estacionamento da escola.

Janie olha para Cabel. Seus olhos encontram-se por um breve momento e ele olha para baixo. Ela sente-se uma bosta.

A situação entre Cabel e Janie no estacionamento dá início a uma longa guerra fria entre eles. Não apenas não brigam; mas, também não se falam mais.

Mas Janie o vê, o beija, nos sonhos que ele tem na biblioteca.

Ela também o vê, um maníaco feroz. Um lunático, com uma cicatriz na cara, com facas no lugar dos dedos, que esfaqueia, fatia e corta a cabeça, repetidas vezes, de um homem de meia-idade, vezes sem fim. Ela sente apenas um leve alívio por ele não matar mais ninguém.

Pelo menos não ainda.

Nem ela, até agora.

E toda vez que ele sonha com isso, toca o sinal antes que Janie possa descobrir como ajudá-lo. Ajudá-lo a fazer o quê, como?

Não faz ideia. Não tem poder algum. Por que todas essas pessoas pedem ajuda a ela? Se não consegue ajudar.

Apenas.

Não pode.

Ajudar.

Com certeza, não consegue fazer muita coisa na sala de estudos no momento.

3h55

Aqueles que dormiram demais, chegaram atrasados e os que não dão a mínima para isso, já foram contabilizados como baixas pelos ajudantes do professor. Carrie senta-se com Melinda, perto da parte da frente do ônibus.

Janie senta-se na última fileira, do lado da janela. O mais longe de todo mundo que ela consegue ficar. Guarda a mala que arrumou da noite pro dia no compartimento acima de seu banco. Fica feliz ao perceber que o banheiro é lá na parte da frente do ônibus. Vira o monitor de TV, de forma que seu brilho azul não a cegue, e reclina seu banco. Vai apenas um pouco para trás, até que bate na parede atrás dela.

Antes que o ônibus esteja cheio, Janie está cochilando.

4h35

Ela é acordada com um esguicho de água na cara. Está em um lago, totalmente vestida. Ela treme. Um garoto chamado Kyle está gritando enquanto cai do céu em cima dela, repetidas vezes, até aterrissar por fim na água. Mas ele não sabe nadar. Janie sente seus dedos ficando dormentes e dá um chute, em uma tentativa de livrar-se do sonho, fazer com que pare, tentando sair dele.

E então está feito.

Janie pisca e senta-se, surpresa. Um rosto indistinto aparece acima do banco na frente dela.

— Que merda! — diz Kyle. — Dá licença?

— Desculpe-me — sussurra Janie.

Seu coração está acelerado. Os sonhos de afogamento são os piores. Bem, quase.

Ela ouve um sussurro em seu ouvido enquanto luta para enxergar com clareza.

— Você está bem, Hannagan?

Cabel coloca o braço em volta dela. Ele parece preocupado.

— Você está tremendo. Você acabou de ter uma convulsão ou algo do gênero? Quer que eu pare o ônibus?

Janie olha para ele.

— Ah, hei. A voz dela sai raspando a garganta. — Eu não sabia que você estava aqui. Hum...

Ela fecha os olhos. Tenta pensar. Ergue o dedo indicador, com fraqueza, para que ele saiba que precisa de um tempo. Mas ela sente que o próximo já está vindo. Não tem muito tempo. E tem de prepará-lo. Não tem escolha.

— Cabel. Não entre em pânico se... quando... eu fizer isso de novo, tá? NÃO pare o ônibus. NÃO conte para um professor, oh, Deus, não. Não importa o que aconteça.

Ela agarra o braço do banco do ônibus e faz um esforço para continuar a enxergar.

— Pode confiar em mim? Confie em mim e simplesmente deixe acontecer, tá?

A dor da concentração é excruciante. Ela está curvada para a frente, apreensiva, segurando a cabeça.

— Oh, puta merda! — ela grita mentalmente, porém as palavras saem num sussurro. — Foi uma ideia estúpida, ideia idiota, vir nessa viagem. Por favor, Cabel. Ajude-me. Não deixe... ninguém... argh! Me ver.

Cabel está olhando com cara de bobo para Janie.

— Tudo bem — diz. — Tudo bem. Jesus.

Mas ela não está mais ali.

Os sonhos agem sobre ela como se fossem uma saraivada incessante de tiros, de todas as direções. Janie está sofrendo uma sobrecarga sensorial. É seu próprio pesadelo físico, mental, emocional, que dura três horas.

Janie abre os olhos. Alguém está falando em um microfone.

Quando a névoa se dissipa e ela consegue enxergar novamente, percebe, Cabel com o olhar cravado nela. Os olhos dele estão arregalados e seu cabelo, desarrumado. Seu rosto está lívido. Ele está segurando-a, com os braços em torno dos ombros dela.

Apertando-a, é mais parecido com ele.

Ela sente vontade de chorar e acaba chorando um pouco. Fecha os olhos e não se mexe. Não consegue se mexer. As lágrimas acabam saindo. Cabel limpa as bochechas dela gentilmente com seu dedão.

Isso faz com que chore ainda mais.

8h15

O ônibus para no estacionamento de um McDonalds. Todos saem voando de dentro do ônibus. Todo mundo, menos Janie e Cabel.

— Vai pegar algo pra comer — diz ela, encorajando-o, em um murmúrio cansado. A voz dela ainda não voltou completamente.

— Não.

— Sério. Ficarei bem, agora que todo mundo... foi embora.

— Janie.

— Você vai pegar um sanduíche como café da manhã para mim então? — ela ainda está respirando com dificuldade. — Preciso comer. Alguma coisa. Qualquer coisa. Tem dinheiro no bolso direito do meu casaco. — O esforço de mexer o braço parece difícil demais.

Cabel olha para ela. Os olhos dele estão cansados. Embaçados. Ele tira os óculos e aperta a parte de cima do nariz, onde os óculos se apoiam, depois esfrega os olhos. Ele solta um suspiro profundo.

— Tem certeza de que vai ficar bem? Volto em cinco minutos ou menos.

Ele parece não estar disposto a sair do lado dela.

Ela esboça um meio-sorriso cansado.

— Ficarei bem. Por favor. Não creio que eu me aguento em pé se não tiver algo para comer logo. Foi muito, mas muito pior do que eu esperava.

Ele hesita e depois tira o braço de trás dos ombros dela.

— Eu volto.

Ele sai correndo a toda velocidade do ônibus. Ela observa-o pela janela. Ele atravessa correndo a pista vazia do *drive-thru* e dá uma batidinha no microfone. Janie sorri.

— Que bobo.

Ele volta com um saco cheio de sanduíches para o café da manhã, várias batatas fritas, café, suco de laranja, leite e um *milk-shake* de chocolate.

— Eu não tinha certeza do que você ia querer — diz ele.

Janie faz um pouquinho de esforço e senta-se. Joga o suco goela abaixo e engole, até não sobrar uma gota. Faz o mesmo com o leite.

— Você consegue virar cerveja assim?

Ela sorri, agradecida por ele não estar fazendo perguntas quanto a seu estranho comportamento.

— Nunca tentei fazer isso com cerveja.

— Isso é provavelmente sensato.

— E você? — Ela dá uma mordida em um sanduíche.

— Eu, na verdade, não bebo.

— Nem mesmo um pouco, aqui e ali?

— Não.

Ela olha para ele.

— Achei que você vivia indo à festas. Drogas?

Ele hesita por uma fração de segundo.

— Nada.

— Uau. Bem, você ficou com uma aparência horrível por alguns anos.

Ele fica quieto. Sorri educadamente.

— Obrigado.

Ele inclina a cabeça na direção do sanduíche dela.

— Desculpa.

Ele fica com o olhar fixo no banco na frente deles enquanto ela come. Janie entrega um sanduíche a ele, que o pega, retira do papel e come lentamente. Eles ficam sentados em silêncio.

Janie arrotta em alto e bom som.

Ele olha para ela. Dá um sorriso irônico.

— Jesus, Hannagan. Você deveria entrar em um concurso.

Eles dividem o *milk-shake* de chocolate.

8h35

Os outros alunos entram no ônibus em duplas e trios. Alguns ficam parados do lado de fora, tragando seus cigarros.

8h41

O ônibus começa a mover-se novamente.

— E agora? — pergunta Cabel. A preocupação está estampada em seus olhos. Ele passa os dedos pelo cabelo, para arrumá-lo, e a franja cai novamente.

— Se acontecer de novo, não se preocupe — ela mexe os ombros, expressando falta de controle.

— Não sei o que lhe dizer... prometo que explicarei tudo quando puder. Por falar nisso, onde estamos?

— Estamos chegando perto.

Ela procura algo em seu bolso e encontra uma nota de 10 dólares.

— Pelo café da manhã — ela fala.

Ele balança a cabeça, em sinal de recusa, e empurra a nota.

— Deixe-me pensar que este foi nosso primeiro encontro, tá?

Ela olha para ele por um tempinho. Sente um frio na barriga.

— Tá — ela diz baixinho.

Ele toca na bochecha dela.

— Você parece exausta. Consegue dormir?

— Até que outra pessoa durma, suponho.

Os olhos dele ficam cansados novamente.

— O que isso quer dizer, Janie?

Ele coloca o braço em torno dos ombros dela que descansa a cabeça nele e não responde. Dentro de alguns minutos, ela está dormindo suavemente. Cabel segura a mão dela com sua mão livre e entrelaça seus dedos nos dela. Olha para as mãos de Janie e encosta sua bochecha no cabelo dela. Depois de um tempo, também está dormindo.

9h16

Janie está do lado de fora, no escuro. Ela olha para trás, e o barracão está lá. Caminha em volta do barracão desta vez, para vê-lo aproximar-se.

Ele parece normal — não um monstro — parado, em pé, em frente à porta dos fundos de uma casa, olhando para dentro. Então ele bate a porta com força e avança pela grama seca e amarela. O homem de meia-idade precipita-se, com violência, porta afora, parando na soleira. Ele carrega uma lata retangular em uma das mãos, uma cerveja e um cigarro na outra. Grita com Cabel, que se vira para ficar cara a cara com ele. O homem acusa-o de alguma coisa e Cabel fica lá, parado, em pé, paralisado. Esperando que o homem se aproxime.

O homem dá um soco na cara de Cabel que cai no chão. Ele se contorce de costas como um caranguejo assustado. Tentando escapar. O homem mostra a lata retangular e esmaga-a, o líquido acerta o short e a camisa de Cabel.

Então.

O homem joga o cigarro em cima de Cabel.

Cabel entra em combustão.

Cai, agita-se no chão, em chamas.

Gritando, como um pobre coelhinho torturado.

E então se transforma. Torna-se um monstro, e o fogo não está mais lá. No lugar de seus dedos, surgem facas. Seu corpo cresce como o do Hulk.

Janie observa tudo isso logo ali, no canto do barracão. Ela não quer ver. Chega disso. Sentindo-se tão enjoada, tão horrível por ser testemunha. Ela dá meia-volta abruptamente.

Parado atrás dela, olhando-a horrorizado, está Cabel.
O segundo.

9h43

Janie espera uma eternidade para voltar a enxergar completamente. Para voltar a sentir. Senta-se, desesperada. Procura-o.

Cabel está inclinado, com a cabeça nas mãos.

Está tremendo.

Vira-se na direção dela, com raiva estampada no rosto.

A voz dele está rouca.

— Qual é a merda do seu problema!?

Janie não sabe o que dizer.

A raiva silenciosa dele faz os bancos estremecerem.

10h05

Cabel não fala até chegarem em Stratford. E então, tudo que diz é um rude “Boa sorte”. Ele sai do ônibus e se dirige a seu quarto no hotel.

Janie fica olhando-o ir embora.

Ela fecha os olhos, depois os abre novamente e segue as animadoras de torcida na outra direção, até o quarto delas.

Uma vez lá, elas ignoram a presença uma das outras.

Janie está de boa com isso.

14h

Os alunos encontram-se no *lobby*. “Camelot” começará dentro de 30 minutos. Janie entra no ônibus, exausta, e senta-se, de novo, na fileira de trás.

Cabel não aparece.

14h33

A peça começa. Janie se desculpa, sai do banco da orquestra e acha um lugar quase vazio no balcão. Ela dorme profundamente durante três horas, acordando na cena final. Volta sem ser notada até seu lugar nos bancos da orquestra e segue os outros de volta ao ônibus.

18h01

O ônibus para no Pizza Hut. Eles têm uma hora para comer, antes de voltar para ver a peça da noite.

Janie pega um pedaço de pizza individual para viagem, come-o no ônibus e dorme. Dorme durante toda a peça, em seu banco no fundo do ônibus. Ninguém parece perceber.

23h33

O ônibus chega, com a maioria dos estudantes exaustos, de volta ao hotel. Janie se joga na cama. E paralisada, mas não por causa do sonho de outra pessoa. Não desta vez. Ela pensa em Cabel. Chora em silêncio em seu travesseiro no quarto escuro. O aquecedor ronca alto. Savannah, a capitã do time feminino de futebol, desmaia de cansaço sobre as cobertas ao lado de Janie. Elas não conversam. Ambas ficam deitadas, quase penduradas, na borda de suas camas.

15 de outubro de 2005, 1h04 — 6h48

Janie pula de um sonho para outro.

Savannah sonha que consegue entrar no time americano de futebol feminino e encontra a lendária Mia Hamm, mesmo ela

estando aposentada. Grande surpresa — este sonho poderia bem ser um episódio de Hannah Montana. Logo quando Janie imagina se Savannah tem pelo menos o mínimo de profundidade, seu sonho volta-se para Kyle, o rapaz sentado na frente de Janie no ônibus. Combinação interessante. Janie fica intrigada.

Até que muda para o sonho de Melinda.

Melinda, não é de se admirar, está em um *ménage à trois* com Shay Wilder, que está na cama ao lado da dela, e com Carrie. A princípio, o sexo é normal, depois, inacreditavelmente de mau gosto. Os corpos de Carrie e de Shay são, pode-se dizer, exageradamente desproporcionais. Janie consegue, pela primeira vez no sonho de alguém, desviar o olhar.

Janie conta isso como uma grande vitória.

E então, tem Shay.

Ela sonha com Cabel Strumheller.

Muito.

E de várias maneiras diferentes.

Pela manhã, Janie odeia Shay de todo coração. E tem olheiras bem escuras debaixo dos olhos.

8h08

Shay, Melinda e Savannah vão tomar café da manhã. A matinê é às 10h.

— Vejo vocês no ônibus — diz Janie, embora esteja morrendo de fome.

As outras garotas nem se dão ao trabalho de responder. Janie revira os olhos.

Ela toma um banho, enrola uma toalha em volta da cabeça e cai na cama novamente. Coloca o despertador para o meio-dia. O ônibus estará de volta para pegar a bagagem e os alunos que optaram por não ver uma terceira peça, às 13h.

8h34

Janie sonha pela segunda vez na vida. Sonha que está sozinha, afogando-se em um lago escuro, e Cabel está na encosta, com uma corda, mas não a joga para ela. Janie acena para ele, com desespero, mas ele não consegue vê-la. Ela afunda na água lentamente. Debaixo d'água, vê outros como ela. Bebês, crianças, adolescentes, adultos. Todos flutuando submersos, sem que ninguém pudesse ajudá-los.

É porque estão todos mortos.

Os olhos deles estão saltados.

Ela está gritando quando o despertador toca. A toalha tinha se desprendido da cabeça e seu cabelo está emaranhado. Ela não consegue ver através deles.

Alguém dá uma batida insistente na porta.

E é ele.

Está segurando um saco de comida.

Parece de luto.

Entra no quarto, fecha e tranca a porta, pega a mão dela e segura-a. Está suplicante.

— Eu não entendo — diz ele. — Simplesmente não entendo. Por que você fez aquilo comigo?

Ele está acabado.

E ela também.

— Eu posso explicar — Janie declara. E ela enterra o rosto na camiseta dele e chora. — Só me leva pra casa.

Eles caem na cama e ficam por lá, apenas abraçados, em silêncio. Isso é tudo que fazem.

E então, está na hora de ir para casa.

14h

Janie e Cabel estão nos bancos traseiros novamente. Carrie e Melinda sentam-se na frente deles. Do outro lado do corredor, Savannah e Kyle estão dando uns amassos. Janie lembra-se de começar a apostar nestas coisas.

Na frente de Savannah e Kyle está Shay, ou pelo menos a bagagem dela. Shay parece estar furiosamente ignorando Janie. Ela tenta puxar conversa com Cabel sentando-se no chão do corredor, do lado dele. Mas ele está distante e levemente desinteressado.

Isso faz com que Shay tente com mais afinco.

Carrie e Melinda viram-se em seus bancos para conversar. Cabel fala sobre assuntos gerais, superficiais e faz piadas, enquanto Janie olha para fora da janela. Ele coloca, furtivamente, sua mão na dela.

As outras garotas percebem.

Carrie dá uma piscadela.

Melinda olha para Carrie com olhos faiscantes.

Shay muda de lugar no corredor e inclina-se, se apoiando na perna de Cabel, piscando enlouquecidamente. De um jeito assustador.

Na parte da frente do ônibus, as crianças estão indo e vindo, rindo, cantando, jogando conversa fora. Acordados e conversando, enchendo o ar de zunidos. Janie entra em um coma bem-vindo, com a cabeça apoiada na janela.

19h31

Eles estão de volta à Fieldridge High School. Cabel chacoalha Janie com gentileza, para que acorde. Ela senta-se, imaginando onde está. Cabel solta um sorriso largo para ela.

— Você conseguiu — ele sussurra. Pega as malas deles e segue-a, saindo do ônibus. Ele caminha com ela até o carro de Carrie.

— Vamos, Cabel — diz Carrie. — Deixe-me dar uma carona a você, ao menos. A não ser que queira que a Shay... hei, aí vem ela agora.

Carrie solta um riso nervoso, os olhos agitados.

Os olhos de Cabel ficam arregalados. Ajeita-se no banco detrás do carro de Carrie sem falar nenhuma palavra.

— Me tira daqui. Malditas e repulsivas líderes de torcida.

Carrie ri. Ela sai do estacionamento, segue devagar na rua à frente do grupo e vira-se para Cabel.

— Então, onde você mora?

— Waverly. A duas quadras em linha reta a leste da sua casa. Mas eu vou andando da casa da Janie, se você não se importa. Ela tem uma superstição quanto à minha rua.

— Que droga! — Carrie fala, bufando.

Janie ri.

— Nada! Cala a boca, Cabe.

Carrie segue para a entrada de carros de sua casa. Está fresco lá fora. Revigorante. A lua da colheita irradia um brilho laranja no capô de Ethel que está na entrada de carros da casa dos Hannagan. Carrie pega suas coisas e boceja.

— Estou indo dormir. Encontro vocês depois.

Ela segue, fazendo barulho com os pés, como se estivesse trotando, até a porta da frente de sua casa e vai entrando, acenando em despedida enquanto fecha a porta de tela.

Janie pega suas sacolas e retribui o aceno de despedida de Carrie. Olha para Cabel. A sensação é estranha, agora que estão no quintal da frente da casa de Janie. Caminham até a porta.

— Pode entrar um pouquinho? — pergunta Janie, tentando não soar ansiosa.

— Claro — ele diz, com a voz aliviada. — Eu, hum, imagino que tenhamos que conversar sobre algumas coisas. Seus pais estão em casa?

— Minha mãe provavelmente desmaiou no quarto dela. É isso, sou só ela e eu.

— Legal — ele responde, mas olha para ela, compreensivo.

Eles entram. Não há nenhum sinal da mãe de Janie, a não ser por uma garrafa de 750 ml de vodka vazia no balcão da cozinha, e uma pia cheia de louça. Janie joga a garrafa no lixo.

— Desculpe-me pela bagunça — ela fala em uma voz baixa. Está constrangida. A casa estava impecável quando ela partiu ontem pela manhã.

— Para com isso. Podemos limpar isso mais tarde, se você quiser.

Janie acena para ele da sala de estar.

— Bem, é isso — ela conclui.

— Você dorme aqui fora, é?

Ele não está provocando.

— Não, eu tenho um quarto. Venha. — Ela mostra o quarto para ele. Tem pouca coisa e está arrumadinho.

— Legal — diz ele.

Olha a cama de relance e então, abruptamente, vira-se e eles voltam para a sala de estar.

— Com fome?

— Meu estômago está rosnando — ele comenta.

— Vamos ver se temos algo aqui.

Janie procura alguma coisa para comer nos armários da cozinha e na geladeira e aparece com as mãos vazias.

— Ah, não! — ela diz por fim. — Sinto muito. Vira-se. — Não temos nada...

Ela percebe que ele a estava observando.

— Poderíamos pegar uma pizza.

— Boa ideia.

— Você quer sair?

Janie solta um suspiro e coça a cabeça.

— Na verdade, não.

— Bom. Vamos pedir para entregarem.

Janie acha o número do Freds Pizza e Grinders e faz o pedido.

— Trinta minutos.

Cabel joga 20 dólares na mesa de café e senta-se.

— Cabe.

— Sim.

— O que é isso?

— São vinte dólares, Hannagan.

Janie suspira.

— Sejamos honestos um com o outro agora, certo?

— É claro. Nosso relacionamento tem a mais completa verdade como base. Certo?

Está sorrindo sardonicamente, e olha para baixo.

Ela encolhe-se enquanto as palavras fatídicas ressoam no ar da sala.

— Olha, sinto muito — ela começa. — Tenho muita coisa para explicar. Mas eu sei que você não tem mais dinheiro do que eu. Então, e se eu pagar dessa vez?

— Não. Próxima pergunta.

Janie senta-se do lado dele. Balança a cabeça de um lado para o outro.

— Ótimo — ela diz, desistindo. Ela senta por cima das pernas, e vira-se para ficar de frente para ele.

— Bem — ela continua. — Como você entrou no sonho duas vezes?

Ele desvia o olhar, e depois olha para Janie novamente.

— Bem, vamos direto ao assunto então.

— Creio que sim.

— Tudo bem... hum... acho que a resposta é, não faço A. Mínima. Ideia. Ah, e me informe quando for minha vez de fazer algumas perguntas. Porque eu gostaria de saber como... mas que merda!... como você. Entrou. No meu sonho. Oi.

Janie fica vermelha de vergonha.

— Alguns dos seus sonhos são ótimos.

— Ah, é?

Cabel inclina-se para a frente e põe a mão no queixo dela. Pega-a de surpresa. Puxa-a em sua direção e passa a ponta do polegar na maçã do rosto dela. E então, encosta seus lábios nos dela.

Janie sucumbe ao beijo dele. Ela fecha os olhos e desliza a mão pelo ombro dele. Eles exploram o beijo por um tempinho, com doçura. Cabel enterra os dedos no cabelo dela e puxa-a mais para perto dele. Mas antes de ficar mais intenso, Janie afasta-se. Ela sente como se seus membros fossem feitos de borracha.

— Merda — ela reclama, nervosa. — Você... você...

Ele sorri preguiçosamente, com os lábios ainda úmidos.

— Sim?

— Você beija melhor do que eu imaginei. Mesmo no...

Ele pisca.

— Não! — diz ele. — Nem me fale que você esteve lá.

Ela dá uma mordida no lábio.

— Bem, talvez se você parasse de dormir na sala de estudos, eu não fizesse a mínima ideia.

— Bom Deus! — ele diz. — Nada é sagrado? Nossa! Ele vira o rosto para o outro lado, com vergonha. — Talvez seria melhor que você começasse do começo.

Janie suspira e reclina-se no sofá. Era como reviver os sonhos. De novo.

— A versão resumida? Sou tragada para os sonhos das pessoas. Não consigo evitar. Não consigo fazer parar. Isso está me deixando louca.

Ele dirige a ela um longo olhar.

— Certo, hum, como? Isso é simplesmente bizarro.

— Não sei.

— É uma coisa recente?

— Não, a primeira vez, que eu me lembre, foi quando tinha 8 anos.

— Então, naquele sonho, meu sonho, em que estou parado, em pé, atrás de você, observando a mim mesmo... em... — ele segura a cabeça. — Bem, então é assim que você vê os sonhos, certo? Como eu vi o meu. Enquanto estava sonhando. Argh.

Ele esfrega as têmporas.

— Aquilo foi estranho, né? — diz Janie, soando carinhosa. — Sei que tudo isso é bem estranho. Lamento.

Alguém bate na porta. Janie levanta-se de repente, aliviada. Pega a nota de vinte e vai atender à porta.

Ela coloca a pizza e uma garrafa de 2 litros de Pepsi na mesa de café, e vai até a cozinha pegar uma cerveja, copos, guardanapos e pratos de papel. Coloca a Pepsi no copo para Cabel e abre uma lata de cerveja. Toma um gole enquanto Cabel pega um pedaço de pizza.

— Agora. Diga-me o que mais você viu nos meus sonhos antes que eu fique realmente paranoico.

— Tá — ela diz, de repente se sentindo um pouco tímida. Ela toma outro gole e começa. — Estamos atrás daquele lugar, tipo um

barracão ou celeiro. Aquele é seu quintal?

Ele diz que sim com a cabeça, mastigando.

— Até ontem, eu tinha visto você como a coisa-homem-monstro... — ela encolhe-se, não sabendo como referir-se àquilo, — ... aquele monstro na casa — a cozinha. Com a cadeira. Aquilo foi uma pura coincidência — eu nem sabia que era você sonhando com aquilo. Só depois que fiquei sabendo. Foi tipo uma coisa de passagem.

Ele fecha os olhos, encolhe-se, e coloca a pizza no prato.

— Foi você — diz ele lentamente. — Eu sabia que tinha visto seu carro antes. Achei que você era... outra pessoa — ele faz uma pausa, perdido nos pensamentos. — O quintal — oh, Deus — a tal superstição que você tem. Droga! Então... — ele senta-se, com as mãos paradas no ar, com os olhos fechados. Pensando. Processando.

E então ele se vira e crava o olhar nela. — Você poderia ter sofrido um acidente com o carro.

— Não achei que alguém tivesse me visto.

— Os faróis — seus faróis. Foi isso que me acordou. Estavam brilhando na minha janela... Jesus Cristo, Janie.

— A janela do seu quarto devia estar aberta. Senão isso não teria acontecido. Acho. Eu não fazia a mínima ideia de que era sua casa.

Ele reclina-se, sacudindo de leve a cabeça, enquanto junta as peças do quebra-cabeças.

— Tá — ele concorda. — Chega na parte boa antes que eu perca totalmente a fome.

— Atrás do barracão. Você vem na minha direção. Toca meu rosto. Beija-me. Entrego-me ao beijo.

Ele não diz nada.

— É isso — ela termina.

Ele observa-a cuidadosamente.

— É isso?

— Sim, juro. Sabe, até que foi um beijo bom.

Ele inclina a cabeça para a frente, perdido nos pensamentos.

— O maldito sinal sempre toca então, né?

Ela sorri.

— É.

Ela faz uma pausa, imaginando se deveria mencionar a parte em que ele pede ajuda a ela, mas Cabel já está partindo para a próxima pergunta.

— Então quando encontrei você na carteira da biblioteca algumas semanas atrás, e você demorou um pouco para ficar sentada... o que foi aquilo? Você não estava dormindo, né?

— Não.

— Foi um sonho ruim?

— Sim. Muito ruim.

Ele coloca as mãos na cabeça e tira os óculos. Esfrega os olhos.

— Jesus, ele diz. — Lembro-me daquele.

Ele mantém a cabeça baixa e Janie espera.

— Então é por isso que você falou... quando lhe perguntei se tinha tido um pesadelo — ele murmura.

— Eu queria saber se você sabia que eu estava lá, olhando. Mesmo quando as pessoas falam comigo nos sonhos delas, ninguém parece se lembrar dessa parte. De qualquer forma, ninguém nunca menciona isso.

— Eu não me lembro de ver você lá, nem de falar com você... exceto quando estou realmente sonhando com você — ele fala, refletindo.

— Janie — ele diz abruptamente. — E se você não quiser ver?

Janie pega um pedaço de pizza.

— Estou fazendo um baita esforço, tentando escapar deles — dos sonhos. Não quero ser *voyeur* — é sério, mas não consigo evitar. É quase impossível. Pelo menos até agora. Mas estou tendo um pouco de progresso. Lentamente.

Ela faz uma pausa.

— Se você não quiser que eu veja, acho que não pode dormir na mesma sala em que eu estiver.

Ele olha para ela com um sorriso travesso.

— Mas sou conhecido por dormir na escola. É minha marca registrada.

— Você pode mudar seu horário. Ou posso mudar o meu. Farei o que você quiser. Ela olha para a pizza que não foi comida e coloca seu prato na mesa. Sente-se infeliz.

— O que eu quiser — avisa ele.

— Sim.

— Receio que você não tenha compartilhado comigo este sonho secreto ainda.

Ela olha para ele. Cabel está olhando também para ela, Janie fica empolgada.

— Acho que prefiro experimentar isso em primeira mão — fala alegremente.

— Hum. Ele toma um gole de seu refrigerante. — Mas antes que a conversa perca o rumo. Que merda há de errado com você?

Ela fica calada. Não olha para ele.

— E — Cabel continua. — Jesus. Acabou de me ocorrer que você surtou quando eu fingi que era outra pessoa. Você deve ser uma confusão dos infernos, Hannagan.

Ele puxa o braço dela e ela cai no sofá, na direção dele. Ele beija a parte de cima da cabeça dela.

— Nem sei como começar a dizer o quão me sinto mal em relação a isso.

— Tudo bem — diz ela. — Sinto muito pela horrível falta — acrescenta.

— Tá tudo bem. Eu estava usando uma proteção. — Ele enrola os fios de cabelo dela com o dedo. — Então, e quando você dorme, é, tipo, normal?

Janie sorri com melancolia.

— Normalmente durmo bem, se estiver sozinha em um quarto. Quando eu tinha 13 anos, por fim pedi que minha mãe fizesse o favor de desmaiar no quarto dela, em vez de fazer isso aqui. Tem algo com as portas fechadas que funciona como um bloqueio.

Ela para de falar por um momento.

— Mas o que exatamente acontece?

Ela fecha os olhos.

— Primeiro minha visão se vai. Não consigo ver nada a meu redor. Fico presa, como se fosse uma armadilha. Se for um sonho

ruim, um pesadelo, creio que começo a tremer e meus dedos são os primeiros a ficarem dormentes, depois meus pés, e quanto pior o pesadelo, mais paralisada eu fico.

Ele olha para ela.

— Janie — ele a chama em tom suave.

— Sim.

Ele passa a mão no cabelo dela.

— Achei que você estava morrendo. Você treme, tem espasmos, seus olhos ficam revirando. Eu estava a ponto de roubar o celular mais próximo, colocar uma carteira na sua boca e ligar para a emergência.

Janie fica em silêncio por um bom tempo.

— Não é tão ruim quanto parece.

— Você está mentindo.

Ela olha para ele.

— Sim — afirma. Creio que sim.

— Quem mais sabe? Sua mãe?

Ela dá uma olhada no prato com a pizza que não foi comida. Sacode a cabeça, em sinal de negativa.

— Ninguém. Nem mesmo ela.

— Você foi a um médico ou algo do tipo?

— Não. Não mesmo. Não para buscar ajuda.

Ele coloca as mãos pra cima, em desespero.

— Por quê? — A voz dele soa incrédula. E então, de repente, ele sabe o porquê. — Desculpa — ele diz.

Ela não responde. Está pensando. Pensando bastante.

— Sabe, ninguém jamais esteve lá comigo, como você fez. A voz dela está suave, soa pensativa. Olha de relance para ele, de lado. — Não entendo aquela parte. Como você foi pra lá também?

— Não sei. De repente era como se eu tivesse dois ângulos diferentes de observação, um deles na posição de observador, e a outra, de participante. Como uma segunda visualização em uma realidade virtual ou algo do gênero.

— E nem venha me dizer que acreditaria em uma palavra do que estou dizendo se não tivesse passado por isso comigo.

Ele concorda com a cabeça, em sinal de bom-senso.

— Você tem razão, Hannagan.

São 22h21 quando Cabel despede-se dela, desejando-lhe “boa noite”, na porta. Ele encosta no batente e Janie beija-o de leve nos lábios.

Ele salta da soleira e começa a andar até sua casa, mas vira as costas e olha para trás na entrada de carros.

— Hei, posso ver você amanhã à noite? Por volta das nove ou dez?

Ela faz que sim com a cabeça, sorrindo.

— Estarei aqui. É só entrar. Carrie faz isso também. Sem problemas.

VERDADE OU DESAFIO

16 de outubro de 2005, 21h30

É domingo. A casa está limpa. Janie teve o dia de folga. Foi correndo comprar comida de manhã, passou aspirador na casa, tirou o pó, lavou, limpou e poliu.

Agora Janie está dormindo no sofá.

Cabel não vem.

Nem telefona.

23h47

Ela suspira, apaga a luz e vai para a cama, sentindo-se uma desgraçada.

17 de outubro de 2005, 7h35

Janie pega sua mochila e segue porta afora. Está chateada. E magoada. Acha que sabe porque ele não apareceu.

Há um bilhete preso no limpador do para-brisa de Ethel. Está molhado pelo orvalho.

Sinto muito.

Está no bilhete.

Cabe.

É, bem. Não tanto quanto eu, ela pensa.

Passa por ele a caminho da escola.

Ele ergue os olhos.

E come a poeira dela.

Ele está atrasado.

Ela não fala com ele.

23h19

Ele está sentado no degrau da frente da casa dela.

Janie está estacionando o carro em casa depois do trabalho.

Ela sai do carro, esmaga o cascalho enquanto caminha e fica parada na frente dele.

— Sim? — diz.

— Sinto muito — ele se desculpa.

Ela fica lá, parada, batendo os pés. Procurando as palavras a serem ditas. Elas saem conforme vêm à cabeça.

— Então você ficou em pânico. Sou uma lunática. Um Arquivo-X. Imaginei que isso aconteceria.

— Não — ele se defende.

— Tá tudo bem. Não, é verdade. — Ela sobe os degraus correndo, passa por ele e fica procurando pela chave no escuro. — Agora você sabe porque eu não contei a ninguém. — As chaves ficam chacoalhando nos dedos dela e Janie o amaldiçoa, num sussurro. — Muito menos pra você.

Ela deixa as chaves caírem.

— Meeeeerda — diz, fungando. Pega-as de novo e acha a certa.

— E se você contar pra alguém — a voz dela alcança um tom mais alto conforme abre a porta. — Vai aprender uma nova definição de flagrante horrível! Seu grande... idiota... de merda!

Ela bate a porta com força.

23h22

O telefone toca.

— Idiota — ela resmunga. Atende.

— Vai me deixar explicar?

— Não. — Ela desliga o telefone.

Espera.

Enche um copo com leite.

Bebe-o.

Fica praguejando.

Apaga a luz da cozinha e vai para a cama.

Está amaldiçoada pro resto da vida. Nunca vai ter um namorado. Casar, menos ainda! Merda, nunca vai conseguir dormir com ninguém.

Ela é uma aberração.

Não é justo.

Os soluços fazem a cama tremer.

18 de outubro de 2005, 7h39

Janie liga para a escola, fingindo ser sua mãe.

— Ela não vai para a escola hoje. Está com gripe.

Liga para o asilo.

— Estou doente — ela aspira com o nariz entupido. — Não posso ir essa noite.

Todo mundo sente muito. A secretária. O diretor do asilo.

— Fique melhor logo, querida — diz o diretor.

Mas Janie sabe que não existe “melhor”. É isso. Essa é a vida dela. Ela cai de volta na cama.

12h10

Janie arrasta a bunda para fora da cama e, sentada no chão do quarto, faz a lição de casa que não fez na noite anterior.

Ela não tolera ficar atrasada na escola.

Faz até mesmo as lições adiantado.

A mãe dela fica andando de um lado para o outro, sem dar conta da presença de Janie. *A cadela suja. É culpa dela por ter me parido*, pensa. Culparia seu pai também, se soubesse quem ele é. Por um breve momento pensa no sonho do caleidoscópio de sua mãe. Imagina se o Jesus hippie é seu pai. Imagina o que aconteceu para que sua mãe desistisse praticamente de tudo. Provavelmente, nunca saberá.

Talvez seja melhor assim.

14h55

O telefone toca. A mãe de Janie atende.

— Ela está na escola — diz.

Janie não sabia que sua mãe atendia o telefone.

16h10

Janie está sentada enrolada em um cobertor no sofá, com um rolo de papel higiênico ao seu lado, vendo “The Price is Right”. Carrie vai entrando.

— E aí, vadia! — diz ela, animada. — Você perdeu uma boa hoje. Está doente?

— Hei. É. — Janie assopra o nariz, fazendo barulho, em um pedaço de papel higiênico para provar que está doente.

— Você está parecendo um lixo — nota Carrie. — Seu nariz está todo vermelho.

— Obrigada.

Carrie senta-se no sofá ao lado de Janie.

— Engraçado... Cabel também está um lixo — observa delicadamente. — Certeza de que não tem nada pra me contar?

— Certeza, sim.

Carrie faz cara feia. Então, mexe em sua mochila e tira um pedaço de papel dobrado. Joga-o em cima da mesinha de café.

— Isso é dele. Você não está grávida ou algo do gênero, né?

Janie olha para Carrie.

— Que engraçado.

— Bem, poxa. O que quer que seja, tem de ser algo muito importante, pra você ficar em casa e não ir à escola. Você não perdeu um dia de aula desde a oitava série. E lamento dizer, você pode estar com uma aparência horrível, mas não acho que esteja doente.

— Pense o que quiser — diz Janie, demonstrando tédio. — Acho que você tem de fazer sexo para ficar grávida, pelo que ouvi falar.

— A-ha! Então tem a ver com sexo! — Carrie grita, triunfante.
— Vai pra casa, Carrie.
Carrie abre um sorriso largo.
— Você sabe onde me encontrar. Dicas e conselhos sobre sexo — é só gritar pela janela.
Janie se contém, mas tem vontade de estrangulá-la.
— Tchau — ela fala incisivamente.
— Tá, tá. Entendo uma indireta. — Ela dirige-se até a porta e vira-se de volta para Janie, com uma curiosa expressão no rosto.
— Isso, por acaso, não tem nada a ver com o envolvimento de Cabel em uma confusão com drogas neste final de semana, tem?
Ela pisca rapidamente, sorrindo.
— O quê?
— Ele é meio que um traficante, acho — sabe? Um intermediário. Ou seja lá como for que o chamem. Então, Shay dançou com ele em uma festa no domingo à noite. Mas estava muito chapada. Ouvi dizer que ele foi preso. É verdade?
O estômago de Janie vira do avesso.
Ela vai vomitar.
— Não — diz Janie lentamente —, não tem nada a ver com isso. Seus olhos enchem-se de lágrimas e ela pressiona-os com os dedos, para escondê-las.
O queixo de Carrie cai.
— Oh, merda, Janie! Você não sabia.
Estarrecida, Janie confirma com a cabeça que não sabia disso.
Nem percebe quando Carrie vai embora.

19 de outubro de 2005, 2h45

Janie está deitada na cama, acordada, com o olhar fixo no teto. Lutando com si mesma. Sabe que não deveria fazer isso. Mas não tem nada a perder.

Sentindo-se uma daquelas pessoas esquisitas, veste-se e sai sorrateiramente da casa. Corre, sem fazer barulho, atravessando os quintais, evitando os com cachorros.

Segue em silêncio até a casa de Cabel e senta-se do lado de fora da janela do quarto dele, nos arbustos. Apoia as costas na casa e espera. Os tijolos resvalam em sua blusa de moletom. Ela coloca suas luvas.

Sua bunda adormece.

E suas pernas.

Ela fica terrivelmente entediada.

5h01

Vai embora furtivamente, enquanto ainda está escuro, sentindo-se uma criminosa.

Uma criminosa, que vai embora sem levar nada.

7h36

Ela recolheu seus livros escolares da mesa de centro. O bilhete ainda está lá, onde Carrie o deixou. Hesita e então o abre.

É sério, precisamos conversar, Janie, por favor. Estou implorando.

Cabe.

Isso é tudo que está no bilhete.

7h55

Janie espera tocar o sinal e entra sorrateiramente na escola. Chega na aula de inglês antes que o Sr. Purcell feche a porta.

— Sentindo-se melhor, imagino, senhorita Hannagan — ele fala cantado.

Janie supõe que a pergunta seja retórica e ignora-o.

Consegue sentir os olhos de Cabel cravados nela.

Não vai olhar pra ele.

Isso é tortura, isso sim.

Toda maldita aula, de todo dia de merda.

Tortura.

12h45

Ele desiste.

Janie sente pavor da sala de estudos. Mas ele desiste. Senta-se no canto oposto da biblioteca, tira os óculos e descansa a cabeça nos braços.

Ela observa com satisfação que ele parece, realmente, um lixo. Como a Carrie disse.

Carrie senta-se subitamente na cadeira ao lado.

Se Cabel sonha, Janie não capta. Em vez disso, ela descansa sua cabeça nos braços e tenta tirar um cochilo. Mas é sugada para mais outro sonho com queda. Desta vez, o próprio.

E então ela acorda e Carrie está lá. Ou melhor, Janie está com Carrie, e Stu. Observa com curiosidade.

Carrie parece estar gostando daquilo.

Muito.

Quatro vezes.

Uma vez era o bastante para Janie.

E ela, na verdade, não acha que o pinto de Stu seja tão grande. Ele nunca poderia ter se encaixado atrás do volante da velha Ethel com aquela coisa.

Agora Janie sabe o que está perdendo. Resmunga quando Carrie cutuca seu braço.

Levanta-se.

Mais duas aulas.

Janie está cansada. E tem de trabalhar turno integral à noite. Aparentemente, as coisas ficam piores antes de melhorar. Se é que algum dia melhoram.

Janie tem dúvidas.

22h14

A senhorita Stubin está em coma.

O asilo inteiro fica no quarto dela a noite toda.

Janie anda de um lado para o outro, ansiosa.

E então a senhorita Stubin morre. Ali na frente de Janie.

Ela chora. Não sabe ao certo o porquê — nunca chorou com a morte de outro residente antes. Havia simplesmente algo de especial na senhorita Stubin.

Mas está feliz que a senhorita Stubin tenha feito amor com aquele jovem soldado gentil, mesmo que tenha sido apenas um sonho em preto e branco.

A enfermeira chefe manda Janie ir para casa um pouco mais cedo. Argumenta que ela ainda parece um pouco indisposta. Janie está sem energias. E exausta. Está acordada desde às 2h.

Diz adeus à senhorita Stubin. Toca em sua mão fria e nodosa, e aperta-a suavemente.

22h31

Janie dirige até em casa, indo devagar, com os vidros das janelas abaixados, a mão pronta para apertar o freio de mão. Pega a Waverly. Passa pela casa de Cabel.

Nada.

Cai na cama quando chega em casa.

Não há bilhetes, nem telefonemas, nem visitas. Não que estivesse esperando algo, é claro. Aquele canalha!

22 de outubro de 2005

Janie pega o turno do dia no trabalho. É sábado. Está escalada para ficar na sala de artes e trabalhos manuais. Isso a deixa feliz. A maioria dos residentes no Asilo Heather não dorme na sala de artesanatos.

Em seu intervalo para o almoço, a diretora está lá, mesmo sendo fim de semana. Ela chama Janie para ir até seu escritório e fecha a porta.

Janie fica preocupada. Fez algo de errado? Alguém a flagrou em um sonho e achou que estava fazendo corpo mole? Senta-se, hesitante, na cadeira perto da mesa da diretora.

— Está tudo bem? — pergunta, nervosa.

A diretora sorri. Entrega um envelope a Janie.

— Isso é pra você — ela diz.

— O que é isso?

— Não sei. É algo vindo da senhorita Stubin. Encontramos isso em meio às coisas dela depois que o médico legista veio. Abra-o.

Janie arregala os olhos. Seus dedos tremem um pouco. Ela arranca o selo e puxa um pedaço dobrado de papel de carta. Quando ela o abre, um pequeno pedaço de papel voa até o chão. Ela lê. A escrita quase não está legível. Torta. Escrita com a mão de uma cega.

Cara Janie,

Obrigada por meus sonhos.

De uma apanhadora de sonhos para outra,

Martha Stubin

P. S. Você tem mais poder do que imagina.

O coração de Janie bate descompassado. Respira fundo. *Não!*, pensa. Impossível.

A diretora pega o pequeno retângulo de papel do chão e entrega-o a Janie. É um cheque. Está escrito 'para a faculdade', na linha reservada a observações. São cinco mil dólares.

Janie levantou o olhar, para ver a diretora, cujo rosto está tão iluminado com um sorriso radiante que parece que vai explodir. Ela olha para baixo, na direção do cheque, e depois olha de novo para a carta.

A diretora fica em pé e dá um abraço em Janie.

— Bom trabalho, doçura — ela diz, fungando. — Estou tão feliz por você.

Janie recebe um telefonema.
Ela vai correndo até a recepção.
É a mãe dela.

— Tem esse hippie na entrada de casa, ele diz que não sai daqui até falar com você. Você vem logo pra casa? Ele quer saber e estou indo dormir.

Janie suspira. Ela anota seu horário toda semana no calendário. Mas está animada. Talvez seja porque recebeu um cheque da senhorita Stubin. Pode ser porque a mãe dela chama Cabel de hippie.

— Estarei em casa um pouco depois das cinco, mãe.

— Preciso me preocupar com essa criatura na entrada de casa ou posso ir dormir?

— Pode ir dormir. Ele... ah... não é um estuprador. — *Pelo menos que eu saiba.* Elas desligam o telefone.

17h21

Cabel não está na entrada da casa dela.

Janie entra. Há um bilhete no balcão, debaixo de um copo sujo, com os garranchos da mãe.

*O hippie disse que não podia ficar. Volta amanhã.
Com amor, sua mãe.*

O bilhete dizia, “Com amor, sua mãe”.

Isso era o que havia de mais notável no bilhete.

Janie rasga-o em pedacinhos e joga-o na lixeira que já está transbordando.

Ela troca de roupa, coloca uma marmita no forno e pega seus papéis de inscrição nas faculdades.

Cinco mil. A ponta do *iceberg*, ela sabe. Mas é alguma coisa.

Igual ao bilhete da senhorita Stubin.

Aquilo era realmente algo importante.

Janie não consegue lidar com isto ainda.

Ela examina tudo em suas pilhas de papéis. Tudo parece estranho para ela. Formulários de auxílio financeiro, pedidos de bolsa de estudos, escrever um ensaio de solicitação de bolsa? Xi! Precisa ir agilizando isso.

Não faz a mínima ideia de que carreira seguir.

Mas... Ciência, Matemática... talvez pesquisa. Talvez pesquisa sobre sonhos.

Ou não.

Na verdade, ela deseja esquecer aquela parte da sua vida cagada, vidinha de merda.

Liga para Carrie.

— O que você está fazendo?

— Sentada, em casa. Sozinha. E você?

— Estou imaginando se está rolando uma festa na casa de algum dos seus amigos ricos.

Carrie fica em silêncio por um momento.

— Por quê? — A voz dela deixa transparecer que suspeita de algo.

— Não sei — Janie mente. Estou entediada. Não posso ir com você? Como sua acompanhante ou algo do gênero?

— Janie...

— O quê?

— Você não vai querer ir lá.

— O quê? Só estou entediada. Nunca estive em uma daquelas festas organizadas no Hill. Sabe? Quando os pais saem e deixam toda a bebida e merdas assim para as crianças beberem.

Carrie fica quieta de novo.

— Você está procurando por ele, né? Estou indo aí. — Ela desliga o telefone.

Carrie chega dez minutos depois com seu saco de dormir.

— Posso passar a noite? — pergunta com doçura. — Não durmo aqui há séculos.

Janie olha para ela com ceticismo estampado nos olhos.

— O que está acontecendo? — ela quer saber. — Fala!

Carrie joga suas coisas no sofá.

— Você tem algo pra comer? Eu não comi. — Ela cheira o ar e abre o forno. — Eca! Não podemos fazer comida de verdade?

— Tá bem — suspira Janie. Ela busca alguma coisa na cozinha. O refrigerador está surpreendentemente cheio hoje. — *Fajitas*^[13] tá bom?

— Perfeito — diz Carrie, com alegria. Mistura duas vodcas tônicas, coloca um pouco de suco de laranja nelas e entrega uma a Janie.

— Pare com isso, por favor?

— Parar o quê?

— Esse jeito meloso de falar. Está realmente me irritando.

Carrie pisca.

— Não sei do que você está falando. De qualquer forma, me dê alguns benditos vegetais pra eu cortar.

Elas preparam uma refeição, começando o guacamole do zero. Janie pega a marmita, embrulha-a no papel alumínio e coloca-a na geladeira. Sua mãe provavelmente vai comê-la. Fria. No café da manhã ou algo do tipo.

Quando as *fajitas* ficam prontas, Janie está meio zozza do segundo drink e Carrie está tomando vários goles direto da garrafa.

Elas vão para a sala de estar e ficam assistindo a vídeos.

— Então, você vai me contar o que está acontecendo ou não? — pressiona Janie.

Carrie suspira e olha para ela com tristeza nos olhos.

— Ah, Janie. Você ainda tem uma queda pelo Cabel ou o quê?

Janie toma um gole de sua bebida e mente.

— Eu... estou esquecendo-o. Não estou falando com ele.

— Eu o vi aqui, na soleira da sua porta hoje de manhã. Você estava trabalhando?

— É, estava. Acho que ficou aqui o dia todo. Minha mãe o chama de ‘o hippie’. — Ela ri.

Carrie toma um outro gole.

— Ui! — diz quando a bebida desce. — Xi... hum ah, sim, Cabel. Bem, ele está na casa da Melinda esta noite. Com a Shay — ela completa.

— Bem, dá, com a Melinda é que ele não estaria.

Carrie olha com curiosidade.

— Por que com a Melinda não?

Janie está se sentindo um pouco impulsiva por causa dos efeitos do álcool.

— Carrie! A Melinda é lésbica. Você não sabia?

— O quê?

— Ela está completamente apaixonada por você.

— Não, não está.

— Está sim.

— Como você sabe?

Janie hesita.

Sabe que não deveria dizer isso.

— Mas ela está sim. Ela sonha com você. Eu vi os sonhos dela.

Carrie olha, confusa.

Janie senta-se, com cara de paisagem.

E então Carrie começa a gargalhar.

— Nossa, Janes. Seu lado divertido voltou!

Janie ri igual a Carrie.

— Te peguei! — diz ela, com a voz trêmula.

Carrie dá uma mordida, vacilante, em sua *fajita*.

— Hei, isso está bom, guria.

Janie revira os olhos. Agora Stu fez com que Carrie a chamasse assim.

— Seja lá como for — Janie responde, prontamente.

— Hein?

— Cabel?

— Ahhhhhh! Certo. Bem, desde que você deu o fora nele, Cabel vem monopolizando as garotas ricas. A Shay come na mão dele.

— Mesmo ele tendo sido, supostamente, preso na festa dela?

Carrie solta umas risadinhas.

— Com quem você acha que Cabel está trabalhando? Com o pai dela! Eles têm um pequeno “acordo”. Shay me contou. Que hilário isso! Falar sobre um negócio de família. E não estamos falando apenas de maconha, não!

Janie enfia comida na boca.

Carrie continua.

— Shay contou pra Melinda que ela dormiu com ele. Ela tampa a boca com um tapa. — Oh, meu Deus! Eu não disse isso!

Janie está paralisada. E estranhamente implorando por mais coisas assim. Ela quer odiá-lo.

— Nem, tudo bem, diz ela, tranquila — já esqueci aquele cara. Ele é um grande farsante. Certo? — Ela instiga Carrie a continuar.

— Ele é mesmo um grande farsante — falou Carrie, com voz estridente, quase derrubando a garrafa de vodca. Ela enche o copo de Janie. — Não é de se admirar que ele tenha todas aquelas roupas novas e, por fim, tenha conseguido um celular. Nossa! Ele está fazendo uma graninha com isso. Acho que é crack. Mas só estou chutando.

Janie não consegue acreditar.

Ele disse que não bebia. Não usava drogas.

Ela achou que ele não suportava Shay Wilder.

Que mentiroso!

— Todos os traficantes mentem, creio eu — diz Janie.

Carrie concorda com a cabeça, animada além da conta por causa da bebida.

— Eles são bem discretos. Simplesmente eu não consegui acreditar quando descobri o que Cabel estava fazendo. Mas sabia que ele era maconheiro três anos atrás, logo depois de repetir de ano e ir parar em nossa classe. Acho que vem daí.

— Ele era mesmo maconheiro naquela época?

— Eu comprava dele — diz baixinho.

— Você fazia isso?

Carrie concorda com a cabeça de novo.

— Bastante.

Janie fica em pé abruptamente e leva os pratos até a pia. Começa a lavá-los conforme o rápido fluxo de informações cai sobre ela, fazendo pressão em sua mente. Ele fez sexo com a Shay? O corpo todo de Janie dói.

Quando Janie volta para a sala de estar, os olhos de Carrie estão vidrados, olhando fixamente para a TV.

Janie senta-se do lado dela.

— Então, se Cabel está a fim da Shay, por que ele ficou sentado na soleira da porta da minha casa o dia todo, e por que continua tentando conversar comigo?

Carrie olha para Janie.

— Talvez não queira perdê-la como futura cliente. Ou uma boa transa. Encare a situação, querida, você está gostosa.

Janie sente seu estômago revirando.

Desculpa-se e vai até o banheiro.

Quando volta, Carrie está deitada no sofá, desmaiada.

Janie desliga a TV. Limpa a bagunça e pega um gole de água.

23 de outubro de 2005, 1h34

Ela deixa Carrie no sofá, corre a toda velocidade, atravessando os quintais, para esconder-se no conjunto de árvores que fica perto da casa de Cabel. Uma luz está acesa, então ela espera. Depois de um tempinho, um carro estaciona na entrada. Fica lá durante uns cinco minutos, talvez um pouco mais. Por fim, Cabel sai do carro e entra em casa. Quando ela vê todas as luzes se apagarem, ajeita-se nos arbustos debaixo da janela dele, pisando cuidadosamente em volta das folhas barulhentas, que insistem em cair constantemente nos últimos dias.

A sorte está ao seu lado quando ele abre uma fresta na janela. Agora consegue ouvi-lo, e seu coração fica partido quando ele suspira e anda de um lado para o outro, no escuro. Ela consegue ouvir o rangido da cama quando ele se deita, e pode ouvi-lo socando o travesseiro, preparando-se para dormir.

Imagina o que ele veste para dormir. Está mais do que tentada a olhar.

Mas vai esperar.

Tem de esperar.

Ela espera.

Ele não ronca.

3h04

Janie, adormecida nos arbustos, é acordada com um solavanco. Doloroso. Seu corpo fica paralisado quase de imediato e é sugada para dentro da mente dele. Para dentro dos medos dele. Do sonho dele.

Isso dura duas horas.

As mesmas cenas, em uma repetição infinita.

O homem de meia-idade, esguichando fluido de isqueiro e depois jogando um cigarro em Cabel. O homem-monstro na cozinha, arremessando uma cadeira com ponta de faca, acertando o ventilador de teto, decapitando o homem de meia-idade. E um novo. Shay, a garota rica, líder de torcida, algemada a uma cama. Sorrindo.

Janie acha que ela parece apavorante.

Nua.

Conforme Cabel sobe na cama com ela.

E Janie não consegue escapar.

Sente que vai vomitar, mas não consegue se mexer.

Não consegue bater na janela para acordá-lo.

Está parada. Paralisada.

E achava que a escola era tortura.

Este é o pior dos sonhos em que ela já ficou presa. De longe, o pior. Desmaia. Inconsciente. Esgotada. Logo antes da mudança de cena. E termina.

6h31

Ela abre os olhos.

Está de barriga pra baixo, com o rosto voltado para o chão, em meio às pedras e aos ramos das árvores.

Mal consegue se mexer.

Mas tem que fazê-lo.

O sol está nascendo.

7h11

Janie anda com dificuldade até sua casa. Ignora os cães latindo.

7h34

Entra em casa rastejando, fecha a porta e cai no tapete ao lado de Carrie, que ainda está deitada no sofá. Ela dorme.

8h03

Oh, meu Deus! Ela está na floresta. De novo, de novo, de novo!
Tão cansada!

Quando elas veem o garoto, surgindo na água, Stu aparece ao lado de Carrie.

O sorriso largo.

A luta.

A súplica. Ajude-o!

E Janie não pode ajudá-lo.

Ela nunca pode ajudá-lo.

Stu estende-se até a água, mas também não consegue ajudar. Stu faz amor com Carrie enquanto ela está chorando pelo garoto, Carson.

O garoto está ensanguentado, perdido, foi-se com o tubarão.

Como sempre.

Janie chora. Por Carson, por Carrie. Mas, principalmente, por ela mesma. Sente como se tivesse uns 100 anos de idade.

9h16

Carrie cutuca Janie.

— Tenho de ir embora — diz ela.
Janie resmunga. Seu corpo dói.
Carrie fecha a porta com delicadeza e Janie dorme.
O tapete parece uma lixa ralando no rosto dela.

11h03

Alguém bate gentilmente na porta e faz um barulho quando entra. Janie acha que está sonhando.
Ele dá uma olhada, para ter certeza de que está viva, no chão.
Então, senta-se no sofá e espera.
A mãe de Janie passa por eles.
E passa novamente, indo para a outra direção, carregando uma bandeja coberta com papel alumínio e uma garrafa de vidro.

12h20

Ela rola no chão.
Geme.
Curvada, formando uma bola, de lado, segurando a barriga com força.
— Ah, meu Deus! — ela lamenta, com os olhos fechados. Sua cabeça dói. Seus músculos gritam toda vez que ela se move. Zonza. Exausta.
E ele está lá, erguendo-a. Levando-a para a cama. Cobrindo-a com cobertas.
Fecha a porta.
Senta-se no chão, ao lado dela.

12h54

Ele vai até a cozinha. Prepara um sanduíche de frango. Coloca leite em um copo. Coloca suco de laranja noutro. Coloca os copos em uma travessa. Leva-a até o quarto de Janie.

Espera.

13h02

Até que ele fica assustado porque ela está dormindo demais. E a acorda.

Janie resmunga e senta-se devagar.

Bebe o suco e o leite.

Come o sanduíche.

Não olha para Cabel.

Nem fala com ele.

13h27

— Por que você continua vindo aqui? — diz ela, com estupidez. Sua voz está rouca.

Ele calcula o que vai dizer.

— Porque me importo com você.

Ela ri, ressentida.

— Certo.

Ele olha para ela, inconsolável.

— Janie, eu estou...

Ela lança para ele um olhar penetrante.

— Você o quê? Está vendendo drogas? Trepando com Shay Wilder? Conte-me algo que eu não saiba.

Ele coloca as mãos na cabeça e geme.

— Não acredite em tudo o que você ouve!

Ela bufa.

— Você está negando?

— Não estou trepando com Shay Wilder — ele estremece.

— Ah, de fato. Só em seus sonhos então. — Ela fica de costas para ele, voltada para a parede.

Ele olha fixamente para a nuca dela.

Durante um momento doloroso.

— Você não... — ele diz, por fim.

Ela não responde.

Ele fica em pé.

— Jesus, Janie. — Ele cospe as palavras.

Fica lá, em pé, acusador.

— Talvez você deva ir embora agora — diz Janie.

Ele vai até a porta, abre-a e vira-se novamente para olhar para ela.

— Sonhos não são lembranças, Janie. São esperanças e medos. Indicações das pressões da vida. Achei que, entre todos no mundo, você soubesse a diferença. — Ele sai.

21 de novembro de 2005

Janie e Cabel não se falam.

Janie envolve-se com a escola e com o trabalho de maneira mecânica, sentindo-se mais vazia do que nunca em toda sua vida. A única pessoa que sabe sobre os sonhos, a única pessoa com quem ela realmente começou a se importar, ela sente como se fosse seu pior inimigo. Janie passa muito tempo pensando em ser uma velha solteirona para sempre, como a senhorita Stubin. Preparando-se para uma vida muito solitária.

Trabalhando no asilo.

Viajando constantemente para ir até a faculdade.

Morando com sua mãe.

Eternamente.

Na escola, aumenta o número de alunos que dormem com a diminuição das horas do dia e início do tempo mais frio.

Conforme se aproxima o Dia de Ação de Graças, em uma classe de estudos especialmente difícil, logo depois de um almoço muito leve, uma garota *geek*^[14] das Ciências, chamada Stacey O'Grady, tira um cochilo raro. Ela está dirigindo um carro sobre qual não tem controle, com um estuprador no banco traseiro, durante quase todo o período de aula. Quinze minutos dentro deste sonho e Janie já está completamente paralisada.

Felizmente, Carrie não está lá para perceber quando Janie cai de sua cadeira e treme no tapete, lá atrás, no canto da biblioteca.

Felizmente, Cabel percebe.

Ele a levanta, ajeitando-a de volta.

Esfrega os dedos dela um pouco até que se mexem.

Puxa uma barra grande de Snickers de sua mochila e coloca-a perto da mão dela antes de ir para a aula de Educação Cívica.

Ele distrai a professora, quando Janie entra sorrateiramente na sala, atrasada.

Não olha para ela.

Janie engole seu orgulho junto com a barra de chocolate. Escreve algo em seu caderno espiral com as mãos tremendo. Arranca a folha do caderno.

Transforma-a em uma bola de papel.

Acerta a nuca dele.

Ele pega a bola de papel e abre. Lê o que está escrito.

Sorri e coloca em sua mochila.

No para-brisa de Ethel, depois da escola, encontra-se uma seção do jornal — os Classificados. Janie olha a seu redor, suspeitando de algo, imaginando se isso é algum tipo de piada. Não vendo ninguém, puxa-o de sobre o para-brisa e entra no carro. Olha para o pedaço de jornal de relance, apressada, primeiro de um lado e depois do outro. E então o encontra. Destacado, em amarelo.

Enfrentando problemas para dormir? Pesadelos? Distúrbios do sono? Perguntas respondidas. Problemas resolvidos.

É um estudo do sono com voluntários. Patrocinado pela Universidade de Michigan. Para fins de pesquisa científica.

E é gratuito.

Quando chega em casa, ela liga imediatamente para lá e inscreve-se para o fim de semana de Ação de Graças, na Clínica do Sono do lado norte de Fieldridge, perto da escola.

É o dia seguinte ao de Ação de Graças. Janie trabalhou no feriado e hoje, para receber em dobro. Ela tem o dia de amanhã livre, prevendo problemas no estudo do sono à noite. Imaginando se vai ser igualzinho à viagem de ônibus a Stratford e se isso iria acabar virando outra grande confusão.

22h59

Ela pega uma mala que fez da noite para o dia do banco traseiro de seu carro e vai andando até a clínica do sono. Tira seu casaco e registra-se com um nome falso na recepção. Através da janela de vidro fumê, consegue ver uma fileira de camas com várias máquinas em volta. Há pessoas já em algumas camas.

Esta é uma ideia muito, mas muito ruim, ela pensa.

A porta para a sala de sono se abre e uma mulher com um jaleco branco está, em pé, olhando para um quadro. Janie tropeça. Coloca as mãos no rosto. Faz uma careta. Procura uma cadeira às cegas, antes que seu corpo fique paralisado.

23h01

Ela está em uma rua em uma cidade movimentada. Está chovendo. Janie está em pé, debaixo de um toldo, sem ter certeza de quem está procurando. Ainda incerta. Não se sente compelida a seguir qualquer um que esteja passando. Por fim, sente um frio na barriga. Suspira, revira os olhos, e olha para cima.

Aí vem ele, pensa.

Atravessando o toldo.

É o Sr. Abernethy, o diretor da escola.

23h02

Sua visão volta ao normal. A mulher de jaleco está na sala, olhando para ela.

Janie a encara também, só para deixá-la em pânico. Olha ao redor para os outros que estão sentados, esperando que seus nomes sejam chamados. Todos fitam o chão conforme seu olhar passeia por eles, indo de um para o outro. Ela sabe o que estão pensando. De jeito nenhum querem ficar no quarto comigo, a aberração.

Janie ajusta o maxilar.

Está cansada de chorar.

Recusa-se a fazer mais ceninhas.

Quando volta a sentir os dedos e os pés, fica em pé, pega seu casaco e sua mala, feita da noite para o dia, e vai cambaleando até a porta.

Sua voz está rouca quando se vira para a recepcionista.

— Lamento. Não vou fazer isso.

Ela sai e chega no estacionamento. O ar está revigorante e ela puxa-o para dentro dos pulmões.

A mulher de jaleco segue-a porta afora.

— Senhorita?

Janie continua andando. Joga sua mala de volta no carro.

Sem se virar, ela grita:

— Eu disse que não vou fazer isso.

Pula para dentro do carro, atrás do volante. Deixa a mulher de jaleco lá parada, em pé, enquanto vai embora.

— Tem de existir um outro jeito, Ethel — ela diz. — Você me entende, né, querida?

Ethel ronrona melancolicamente.

23h23

Janie estaciona o carro na entrada de casa depois do incidente na sala de espera do estudo do sono. Imagina se deveria ter arriscado. Mas de jeito nenhum quer saber com que o diretor da escola dela, o Sr. Abernethy, sonha.

Eca!

Eca, eca, eca!

Essa não é a forma correta de dar um jeito nisso, ela decide. Mas qual é o jeito certo? Porque está na hora.

Hora de parar de chorar, hora de reagir e fazer algo a respeito. Hora de superar esse lance de autopiedade.

Antes que ela enlouqueça.

Porque não tem como passar na faculdade, a menos que ela reverta essa situação.

Ela entra em casa e procura algo obstinadamente entre seus papéis em sua mesinha de cabeceira. Encontra-o — o bilhete da senhorita Stubin. Lê o bilhete de novo.

*Cara Janie, Obrigada por meus sonhos.
De uma apanhadora de sonhos para outra,
Martha Stubin
P. S. Você tem mais poder do que imagina.*

23h36

O que isso quer dizer?

23h39

Ela ainda não sabe.

23h58

Não.

26 de novembro de 2005, 9h59

Janie espera na porta da biblioteca pública. Logo que a biblioteca é aberta, ela fica ziguezagueando pela parte de não ficção. Autoajuda. Sonhos.

Puxa todos os seis livros da prateleira, acha uma mesa em um canto, no fundo da biblioteca, e lê.

Quando um grupo de alunos que parecem sonolentos entra e se arruma em uma mesa perto da dela, muda para uma seção diferente da biblioteca.

E ela espera pacientemente para usar o computador lá do canto. Passa uma hora lá. Não consegue acreditar no que descobre com a ajuda do Google.

É claro que não há nenhuma informação sobre pessoas como ela. Mas é um começo.

17h01

Com quatro dos seis livros da biblioteca, Janie dirige até em casa. Está fascinada. Prepara o jantar com um livro na mão. Lê até meia-noite. E então respira fundo e diz a si mesma enquanto se prepara para dormir:

— Tenho um problema — ela sussurra, tentando não parecer idiota. — Tenho um problema e preciso resolvê-lo. Gostaria de ter um sonho sobre como resolver este problema.

Concentra-se. Joga-se na cama, fecha os olhos e continua, com a voz calma.

— Gostaria de sonhar sobre o que posso fazer para bloquear os sonhos das outras pessoas. Eu quero... — ela hesita. — Quero dizer, eu gostaria de ajudar as pessoas e também... gostaria... de levar uma vida normal. Para que os sonhos deles não zoem minha vida para sempre.

Janie respira fundo. Para de falar e, em vez disso, concentra-se no problema. Até que se lembra.

— E gostaria de me lembrar do sonho quando acordar — ela acrescenta, em voz alta.

Repete as palavras em sua cabeça várias e várias vezes.

Ela olha rapidamente para o relógio e recrimina-se por estragar o ritual.

0h33

Concentra-se novamente. Respira fundo. Deixa os pensamentos flutuarem e unirem-se em sua mente.

Lentamente, sente os pensamentos preenchendo o quarto. Respira-os. Eles acariciam sua pele. Permitem que sua mente esteja livre, e que seus músculos fiquem relaxados.

E deixa o sono tomar conta de seu corpo e de sua mente.

No começo, nada acontece.

O que é bom, ela descobre.

A lucidez demora para chegar.

2h45

Janie encontra-se no meio de um lago escuro. Ela fica boiando na água pelo que parecem ser horas. Fica cansada. Vê Cabel na margem com uma corda. Acena loucamente, mas ele não a vê. Ela não tem mais forças. A água enche sua boca e seus ouvidos.

Ela afunda.

Há muitas pessoas debaixo da superfície da água, homens, mulheres, crianças, bebês. Olha para eles em pânico, com os pulmões estourando. Mantém o olhar fixo neles, os mortos com os olhos saltados.

Ela via para os lados em desespero. A pressão em seus pulmões é esmagadora. Tudo fica embaçado e depois, negro. Ela sente seus globos oculares soltando-se e ouve a íntima risada fantasmagórica dos corpos que boiam a seu redor.

Janie respira ofegante e senta-se. São 3h10. Respira com dificuldade. Anota o sonho em um caderno espiral. Tenta não se sentir mal com o fato de ter falhado. Espera por isso. *Não é o fim*, fala para si mesma, deitando-se novamente.

É só eu ter este sonho de novo, pensa, com calma. E, desta vez, não vou me afogar. Vou respirar debaixo d'água, porque este é meu sonho e posso fazer o que quiser com ele. Nadarei como um peixe. Porque sei nadar. E... e tenho guelras. Sim, é isso. Tenho guelras.

Ela repete isso para si mesma enquanto se deita.

3h47

Ela não tem guelras.

Ela fica rolando de um lado para o outro e resmunga, frustrada, afundando em seu travesseiro. Repete o mantra.

4h55

Começa de novo.

Quando Janie vai para debaixo d'água, com os pulmões ardendo, olha a seu redor para os outros que estão boiando debaixo da superfície.

Ela começa a entrar em pânico.

Os olhos saltados.

E então.

A senhorita Stubin pisca para ela lá debaixo d'água. Sorri de forma encorajadora. Ela não é um dos mortos.

Boiando perto da senhorita Stubin está uma outra Janie, que acena com a cabeça e sorri.

— É seu sonho — fala ela.

A Janie que está se afogando desvia o olhar da senhorita Stubin para a outra Janie. Sua visão fica turva.

Ela fica desesperada.

— Concentre-se — diz Janie. — Mude isso.

A Janie que está se afogando fecha os olhos. Afunda mais debaixo d'água. Dá uns chutes conforme perde a consciência, lutando para se mexer, para voltar para cima da superfície da água.

— Concentre-se — diz Janie novamente. — Você consegue fazer isso!

Guelras surgem no pescoço da Janie que está se afogando.

Ela abre os olhos.

Respira. Toma fôlegos profundos, purificadores, debaixo d'água. Sente cócegas. Ri em bolhas, incrédula.

Ela olha para cima e a senhorita Stubin e Janie estão sorrindo. Aplaudindo, em câmera lenta e sem som, na água. Elas nadam até ela.

A Janie que estava se afogando sorri.

— Consegui — comemora. Saem bolhas de sua boca, e as palavras aparecem individualmente, acima de sua cabeça quando cada bolha surge, como em desenho animado.

— Você conseguiu — diz Janie, acenando afirmativamente com a cabeça, com o cabelo movendo-se como seda.

— Vamos nadar agora — convida a senhorita Stubin. — Há alguém esperando por você na encosta.

Janie e a senhorita Stubin nadam com a Janie que estava se afogando até parte do caminho, e depois elas param e acenam para que ela siga em frente.

Ela aproxima-se da encosta, e quando sobe à superfície, as guelras desaparecem. Ela sai da água, ensopada em seu pijama — cueca samba-canção e uma camiseta.

Cabel está lá. Está usando cueca samba-canção também. Seus músculos torneados à luz do sol. Seu corpo está bronzeado. Esplêndido!

Parece que eles estão em uma ilha tropical deserta.

Ele não se mexe.

Ele não tem mais uma corda.

Está sentado na areia.

Ela espera que ele faça algo, mas ele não se move.

— Lembre-se, é seu sonho — ela ouve. É a outra Janie falando, aquela que sabe que está sonhando.

Janie hesita e aproxima-se de Cabel.

— Hei, Cabel.

Ele olha para cima.

— Importo-me com você — ele diz. Seus olhos são castanhos e estão ficando turvos.

Janie quer acreditar nele. E assim o faz.

— E quanto à Shay? — ela pergunta.

— Sonhos não são lembranças — ele responde. — Por favor, conversa comigo.

6h29

Janie sorri em seu sono. Observa a si mesma no sonho e mergulha novamente nele, levando-o a diferentes direções, começando tudo de novo, em diversos lugares, fazendo com que fique divertido, ou sexy, ou bonito, ou bobo.

27 de novembro de 2005, 8h05

O despertador toca. Janie mantém os olhos fechados e estica os braços para desligá-lo. Está deitada na cama, revisando o sonho em detalhes, lembrando-se dele. Memorizando-o.

Quando o tem bem gravado em sua mente, senta-se e o anota em seu diário.

Não consegue parar de sorrir.

É um pequeno passo. Mas enche Janie de esperanças.

Ela estuda os livros o dia todo, até chegar a hora de trabalhar.

21h58

O asilo está silencioso. Os residentes estão todos em suas camas, com as portas fechadas. Janie preenche as fichas dos pacientes na recepção. Está sozinha.

O painel de chamadas está escuro, até que uma luz branca brilha no quarto que antes era ocupado pela senhorita Stubin. Um novo residente está lá agora. Seu nome é Johnny McVicker.

Janie solta a caneta e vai até o quarto para ver do que ele precisa. Mas o Sr. McVicker está dormindo.

Ele está sonhando.

Janie segura-se na parede quando para de enxergar.

21h59

Eles estão no porão de uma casa. Há uma iluminação suave e não é muito frio lá embaixo. Janie vê folhas cinzas empilhando-se do lado de fora da janela pela qual está entrando o ar, com um som de assovio do vento. Tudo está em preto e branco, percebe ela, depois de um momento.

O Sr. McVicker parece uns vinte anos mais novo. Ele está em pé na parte de baixo da escada com um jovem que ele chama de Edward.

Eles estão gritando.

Coisas execráveis.

O Sr. McVicker olha horrorizado e Edward sobe as escadas batendo os pés e sai da casa, batendo a porta.

O velho tenta segui-lo, mas só consegue mover-se em câmera lenta. Tenta falar, mas nenhuma palavra sai de sua boca. Ele é atrasado pelo peso de seus pés, afundando nos degraus.

Ele olha para Janie, com o rosto rachado e arruinado, cheio de lágrimas. E então olha para trás de Janie.

Ela dá meia-volta.

A senhorita Stubin está parada, em pé, observando. Esperando. Por alguma coisa. Ela sorri de modo encorajador para o Sr. McVicker.

O rosto dele reflete sua aflição.

Mais lágrimas caem de seus olhos.

Ele está afundando nos degraus e agora não consegue mais se mover. A senhorita Stubin fica em pé, pacientemente, observando-o com compaixão. Fecha os olhos e franze a testa. Ela mantém-se totalmente imóvel.

— Ajude-me — ele grita por fim, como se o grito saísse forçado de seus pulmões.

A senhorita Stubin move-se suavemente até o Sr. McVicker.

Ela estende a mão para ele.

Ajuda-o a sair da escada, que magicamente se conserta. No entanto, em vez de guiá-lo escadaria acima, ela leva-o de volta ao ponto de partida do sonho.

A senhorita Stubin olha para Janie e acena com a cabeça, depois vira-se de frente para o velho e diz a ele algo que Janie não

consegue ouvir.

Eles ficam lá parados, em pé, com Janie continuando a olhar por um tempinho. E então o sonho começa novamente.

O Sr. McVicker e Edward estão gritando.

Coisas abomináveis.

O Sr. McVicker parece horrorizado e Edward vira-se em direção à escada. A senhorita Stubin diz algo ao Sr. McVicker de novo. A cena é pausada. O Sr. McVicker estica a mão e segura na manga da camisa de Edward.

— Não vá embora — ele pede. — Por favor. Há algo que tenho de lhe dizer. Edward dá meia-volta lentamente.

— Filho — diz o velho. — Você está certo. Estou errado. E sinto muito.

O lábio de Edward treme.

Ele abre os braços para o pai.

O Sr. McVicker abraça o jovem.

— Eu amo você — ele declara.

A senhorita Stubin sussurra uma terceira vez para o Sr. McVicker, ele concorda com a cabeça e sorri. Coloca o braço em volta do filho e eles sobem a escada juntos.

A senhorita Stubin sorri para Janie e desaparece. Janie fica parada, em pé, um momento no porão. Surpresa de não ser compelida a seguir o velho. Olha ao redor e vê uma grama de um verde radiante e petúnias crescendo do lado de fora da janela aberta, e a cor das paredes do porão mudou, assumindo agora um amarelo pálido.

Estranho.

Janie fecha os olhos, concentra-se e sai com facilidade do sonho.

Está ainda em pé, parada. Pisca e o quarto escuro do Sr. McVicker volta a seu campo de visão novamente. Seus dedos mal estão formigando.

Que bizarro!

Mas é legal ver a senhorita Stubin. Com certeza!

Ela vira-se para sair. Pelo cantinho do olho, percebe o botão de emergência dele.

Está no chão.

Longe do alcance da cama.

Janie hesita e então pega-o e reconecta-o em seu suporte na parede. Desliga as luzes piscantes.

Olha ao redor do quarto rapidamente, com os pelos eriçados. Fecha a porta depois de sair.

Balança a cabeça, espantada, com assombro.

Na recepção está Carol, a enfermeira chefe.

— Terminei as fichas de seus pacientes, querida — diz ela. — Onde foi que você se meteu?

Janie aponta corredor abaixo.

— A luz do Sr. McVicker estava piscando. Está tudo bem com ele agora. Só apaguei a luz. — A voz dela sai pura e suave, o que a surpreendeu.

Carol dirige a ela um olhar curioso.

— A luz dele não estava piscando, Janie. — Ela vai até o quadro de luz e agita-o. — Hum — diz. — Pode ser que tenha queimado.

— Isso é estranho — Janie fala inconscientemente.

Ela coloca as fichas de lado, pega seu casaco e bate o cartão para sair. O carimbo no papel marca 23h09.

— Ah, tenho de ir. Escola amanhã.

Ela dirige até em casa, com uma canção nova no coração.

29 de novembro de 2005, 12h45

Janie está obcecada em aprender mais sobre sonhos. Deseja que as pessoas durmam na sala de aula. E a sala de estudos, como sempre, é repleta de emoções.

Janie pratica com todos que puder.

Na maioria das vezes, fracassa.

Ela ainda não entendeu tudo.

Mas entenderá.

Por Deus, ah se vai.

Porque agora ela tem sua muito boa amiga, a senhorita Stubin para ajudá-la. Ela abafa sua necessidade de fugir pelos corredores.

5 de dezembro de 2005, 7h35

Cabel estaciona seu carro novo ao lado do de Janie quando chega na escola.

Não é um carro novinho em folha. Apenas é novo para ele.

Mas é um BMW.

Pessoas do lado sul de Fieldridge não dirigem BMWs. Bem, talvez o modelo de 1976. Definitivamente não o modelo de 2000. Janie fica boquiaberta e então pressiona os lábios para fechar a boca. Balança a cabeça e caminha em direção ao prédio.

Ele está logo atrás dela.

— Ele tem 6 anos, Janie. Por favor.

A sobrancelha de Janie fica permanentemente erguida, enquanto ele tenta acompanhar os passos dela a caminho da escola.

Ela o perde de vista quando ele escorrega e cai na calçada coberta pelo gelo.

Janie encontra Carrie perto da entrada da sala de aula de Inglês.

— Quais são as novas sobre o senhor cafetão, aquele gângster de rodas? — Janie pergunta a ela.

— Não sei, *chica*. Ele deve estar abocanhando uma boa grana. Não consigo acreditar que não tenha sido expulso ainda.

— Ele foi realmente preso?

— Não. O pai da Shay deu um jeitinho com os tiras. Cabel estava com ela em todas as festas nesse fim de semana.

E agora ele está dirigindo aquilo.

— Droga! É um 323Ci conversível. O Stu diz que custa pelo menos dezessete mil dólares, usado ainda.

O sangue de Janie ferve.

— Isso é simplesmente... simplesmente... — a raiva dela infla e ela não consegue achar uma palavra. Carrie está deixando-a com

inveja.

— Puta merda! — diz uma voz que surge atrás dela.

Ela respira fundo, rapidamente, vendo os olhos de Carrie ficarem arregalados.

— Merda. — Dá meia-volta e lá está Cabel.

— Licença, por favor — ele pede educadamente e se espreme entre elas, deixando-as para trás, para entrar na sala. Janie sente o cheiro da colônia que ele está usando. Sente um frio na barriga, mesmo não querendo sentir nada.

Os olhos de Carrie lançam faíscas. Ela dá umas risadinhas.

— Uau!

Janie revira os olhos e ri com relutância.

— É!

12h45

Durante dias, Janie esteve nos sonhos das outras pessoas na sala de estudos, obtendo sucesso mínimo em ajudá-los a mudar os sonhos. Ela ainda está confusa com uma coisa.

Na verdade, duas coisas.

Em primeiro lugar, como a senhorita Stubin conseguiu fazer com que o Sr. McVicker pedisse ajuda a ela? E em segundo, o que disse para fazer com que ele alterasse o curso de seu sonho?

Desculpe-me. Na verdade, são três coisas. Três coisas.

Como diabos a senhorita Stubin consegue enxergar nos sonhos, se é cega? E como ela pode estar lá, se está morta? Tá, são quatro. Janie sabe. Há provavelmente mais perguntas ainda.

Isso é tão frustrante.

Ela sabe que precisa trabalhar isso melhor.

E está perdendo peso. Rápido.

Ela já é magra o bastante.

Agora suas bochechas parecem destruídas por dentro, como as da mãe. E ela tem olheiras negras debaixo dos olhos, por acordar com tamanha frequência à noite, investigando seus próprios sonhos.

Ela encontra barras de Snickers nos lugares mais estranhos.

(Ela sabe que vêm dele).

(Imagina se estão cheios de maconha).

Cabel voltou a sentar em seu antigo lugar nas últimas semanas.
Mas ele não dorme.

Ele lê.

Janie meio que deseja que ele adormeça. Mas ela também se preocupa com o que poderia ver.

As provas estão chegando. Ela abre seu livro de Matemática e estuda. De vez em quando, dá uma espiada em Cabel, que está de costas para ela. Pelo que Carrie disse, ele esteve nas festas do Hill de novo durante o fim de semana todo. Janie suspira. Consegue arrancar-se do infortúnio ameaçador e concentrar-se no livro de Matemática de novo. Recusa-se a ir lá.

13h01

A cabeça de Cabel fica pesada, como se fosse cochilar, e ele a sacode para acordar. Ele balança-a rapidamente e lança um olhar por cima do ombro a Janie. Janie olha para baixo. Então, ele ajeita-se preguiçosamente em sua cadeira e coloca a mão no queixo. Seu cabelo cai suavemente em torno de seus ombros e sobre seus olhos. Janie admira, relutante, a silhueta dele enquanto ele vira uma página em seu livro.

A cabeça dele fica pesada de sono.

O livro escorrega pelos dedos dele.

Não o acorda quando cai na mesa.

Janie sente a energia dele.

Ela concentra-se e entra furtiva e lentamente no sonho dele. Um outro passo positivo — está aprendendo a controlar a velocidade de suas chegadas e partidas. É muito mais fácil do que...

13h03

Ele está sentado em uma cela escura de cadeia. Sozinho. Acima de sua cabeça está um sinal que diz: 'Traficante'.

Janie observa do lado de fora da cela.

Ele está de cabeça baixa.

A cena muda abruptamente.

Ele está no quarto de Janie, sentado no chão, escrevendo algo em um bloco de papel. Sozinho. Levanta o olhar para ela, chamando-a com os olhos. Ela dá uns poucos passos à frente.

Ele levanta o bloco para ela ver.

Não é o que você pensa.

É isso que está escrito no papel.

Arranca aquela folha de papel. Debaixo dela está uma outra folha com algo que ele escreveu.

Acho que estou apaixonado por você.

Janie sente um frio na barriga.

Ele olha para o bloco de papel por um bom tempo. Depois se vira para Janie e arranca mais uma folha. Observa o rosto dela enquanto ela lê o que está escrito.

O que você acha do meu novo truque?

Ele sorri para ela e desaparece.

A cena muda de novo. Novamente, a cela da cadeia. O sinal acima da cabeça dele não está mais lá.

Ele está sozinho. Ela observa do lado de fora. Ele está de cabeça baixa. Então ele levanta o olhar para vê-la.

Um molho de chaves flutua na frente dela.

— Deixe-me sair — ele pede. — Ajude-me.

Janie está assustada. Move-se automaticamente e destrava a cela. Ele caminha até ela, pega-a nos braços. Olha nos olhos dela. Afunda os dedos no cabelo dela e beija-a.

Janie sai de si enquanto está beijando Cabel. Vai embora, entra em um corredor escuro e volta a ter consciência com facilidade, na biblioteca.

Ela pisca.

Senta-se.

Olha para ele.

Ele ainda está dormindo na mesa dele.

Ela esfrega os olhos e imagina:

Como diabos fez aquilo?

E.
E agora?

13h30

Ele escorrega na cadeira no outro lado da mesa de Janie. Os olhos dele estão úmidos do sono e da travessura.

— Bem?

— Bem o quê? — ela murmura.

— Funcionou, certo?

Janie abafa um sorriso. Bem mal.

— Como diabos você fez aquilo? — ela quer saber.

O rosto dele fica sério.

— É a única maneira em que consegui pensar para que você falasse comigo.

— Tá, saquei. Mas como você fez isso?

Ele hesita. Dá uma espiada no relógio. Encolhe os ombros.

— Parece que não tenho tempo de explicar isso agorinha — ele diz. — Quando você gostaria de sair comigo para que possamos conversar a respeito? — Um sorriso flerta com os lábios dele.

Ele encurralou-a.

E sabe disso.

Janie dá risada, derrotada.

— Você é um tremendo dum canalha.

— Quando? — ele exige saber. — Eu prometo, de todo meu coração, que serei seu elfo doméstico[15] pelo resto da minha vida, se eu não for encontrar você no dia e no horário marcados. — Ele inclina-se para a frente. — Prometo — diz ele de novo. Levanta dois dedos.

Toca o sinal.

Eles ficam em pé.

Ela não está respondendo.

Ele vai até a mesa, na direção dela, e empurra-a com gentileza contra a parede. Afunda os lábios nos dela.

Ele tem sabor de hortelã.

Ela não consegue parar de sentir o frio na barriga.

Ele vai para trás e toca na bochecha e no cabelo dela.

— Quando? — ele sussurra. Com urgência.

Ele solta um pigarro, limpando a garganta, e pisca.

— De-e-e-pois das aulas está bom pra mim — ela responde.

Eles pegam suas mochilas e correm. Conforme entram sorrateiramente na sala de aula de educação cívica, ele coloca uma barrinha de proteína na mão dela.

Ela senta-se em sua carteira e olha para a barra. Levanta a sobancelha para ele, do outro lado da sala.

— Proteína — ele balbucia. Faz um gesto como se fosse um levantador de pesos.

Ela ri alto.

Abre a barrinha.

Dá umas mordidinhas sorrateiramente quando a professora não está olhando.

Não é tão bom quanto Snickers.

Mas serve.

Na aula de Educação Física, eles estão jogando badminton^[16].

— Estou observando você — ele murmura quando trocam de lado. — Não se atreva a sair daqui de mansinho sem mim.

Ela solta um sorriso malicioso para ele.

Depois das aulas, Janie sai do vestiário e olha ao redor, então segue para o estacionamento. Ele está parado, em pé, entre os carros dos dois. O cabelo dele, pingando, com alguns pedaços bem pequenos de gelo grudados.

— A-ha! — ele diz quando a vê, como se tivesse frustrado os planos de fuga dela.

Ela revira os olhos.

— Pra onde, sonhador?

Cabel hesita.

Mexe o maxilar.

— Minha casa — ele diz. — Você vai na frente.

Ela fica paralisada. Sente o frio na barriga.

— Ele... está... está...? — Engole em seco com dificuldade.

Ele aperta os olhos sob a luz pálida do sol e lê a pergunta na voz dela.

— Não se preocupe, Janie. Ele está morto.

[13] Fajitas são um dos pratos mais tradicionais da cozinha texana-mexicana (chamada de Tex-Mex). Consiste em carne assada na grelha e picada, servida por cima de uma tortinha de farinha de milho. Na receita original, preparam-se as fajitas com carne bovina, mas se tornou popular prepará-las com carne de porco, de frango etc. (N. T.)

[14] A palavra “*geek*” designa o estereótipo do indivíduo com habilidades e interesse em tecnologia, novas mídias e programação acima do considerado “normal” pela sociedade, podendo também ser considerado como um tipo de nerd. Se usado por pessoas não pertencentes ao grupo, o termo é considerado um insulto. (N. T.)

[15] Elfos domésticos são pequenos seres humanoides de orelhas pontudas usados por magos como escravos. A criatura tornou-se conhecida através da série dos livros Harry Potter. (N. T.)

[16] Badminton é um esporte individual ou de duplas, semelhante ao tênis, praticado com uma raquete e uma peteca ou um volante. (N. T.)

O QUE VEM A SER UM LONGO DIA

Ainda é 5 de dezembro de 2005

Três horas.

Janie estaciona na entrada de carros de Cabel, hesitante. Ele estaciona atrás do carro dela e pula de seu carro, pegando sua mochila e fechando a porta do veículo suavemente. Ela faz um clique perfeito, firme.

— Simplesmente amo esse som — ele diz, com melancolia na voz. — Seja como for. Siga-me.

Ele abre a frágil porta de serviço que dá para a garagem. Ela range. Ele acende a luz da garagem e pega Janie pela mão. A garagem está arrumadinha. Tem um cheiro agradável, como o cheiro de grama cortada e gasolina. Do lado da porta que leva até a casa está pendurado o skate de Cabel. Janie sorri e toca nele.

— Lembra daquilo? — ela pergunta. — Foi uma coisa meiga que você fez. Eu não tinha exatamente planejado andar até em casa naquela noite.

— Como eu poderia esquecer? Você bateu com a maçaneta da porta do ginásio em cheio no meu saco!

— Era você?

Ele sorri com condescendência para ela.

— Claro!

Eles entram na casa.

A casa está arrumada. Limpa. Muito pobre.

Ela fica surpresa quando vê a cozinha. Havia visto este cômodo antes, no sonho dele. A mesa. E as cadeiras.

— Jesus! — ela diz, baixinho. Olha para cima. O ventilador de teto está lá. — Oh, meu Deus! — Vira-se e olha para onde a porta da frente deveria estar, por onde o homem de meia-idade entrou. Ela deixa sua mochila no chão, fecha os olhos e cobre o rosto com as mãos.

E ele está tocando nos ombros dela.

Envolvendo-a com seus braços.

Fazendo carinho em seu cabelo.

Sussurrando, com os lábios encostados na orelha dela.

— Ele não está aqui. É só um sonho. Nunca aconteceu. Nunca aconteceu.

E estas palavras tranquilizam-na. Ela sente seu cheiro.

O caminho das mãos dela começa no rosto dele, passa pelos ombros, repousando no peito. Ela toca o peito dele levemente, imaginando se há cicatrizes ocultas debaixo da camisa. Imagina se aquele sonho realmente aconteceu. E então ele está beijando seu pescoço, virando sua cabeça para que os lábios de ambos se encontrem e ela está passando os dedos pelo maxilar dele, beijando-o intensamente, com as línguas sentindo loucamente o sabor uma da outra, e ambos pressionam-se um de encontro ao outro, com seus corpos tremendo, como se os dois estivessem com medo, como se fossem crianças perdidas, com sede de toque, ansiosos por serem abraçados, por alguém, qualquer um, o primeiro que conseguisse achar que era familiar o bastante, seguro o bastante, forte o bastante para resgatá-los. Respiram fundo. Com dificuldade. Seus dedos fazem pressão na roupa de algodão.

E então diminuem a velocidade.

Param. Seguram-se. Descansam.

Antes que um deles, ou ambos, comece a chorar entre soluços.

Antes que quebrem alguma outra peça que precise ser consertada.

Eles ficam juntos, em pé, por um momento, recompondo-se.

E então os dedos dele vão de encontro aos dela e entrelaçam-se, e ele leva-a até a sala de estar

Na mesa de centro há uma pilha de livros.

Ele olha para Janie.

— Eis como — ele diz — com uma voz que sugere entendimento. — Você conhece estes livros agora, né?

— Sim — ela responde. Ajoelha-se ao lado da mesa e arruma os livros de lado.

— Venho praticando — conta ele. — Com esperanças.

Sonhando, ela acrescenta, sem dizê-lo.

— Conte-me.

Ele senta-se ao lado dela com dois refrigerantes e um pedido de desculpas. — Não tenho nada mais forte — ele diz. — Seja como for. Li este livro sobre sonhos lúcidos e aprendi a sonhar com o que desejo.

Ela sorri.

— É, eu fiz isso também.

— Que bom! — ele soa como se fosse um homem de negócios. — E quanto à clínica do sono?

— Argh! Excelente ideia, mas acabou não sendo legal. Fui até lá, entrei e fiquei presa em um sonho quando a técnica do laboratório abriu a porta que dava para a sala do sono. Fui embora. — Ela faz uma pausa. — Era o sonho do Sr. Abernethy. Eu simplesmente não quis saber sobre que coisa tosca e provinciana ele estava sonhando.

Cabel engasga com sua Pepsi.

— Boa decisão. — Ele fica sério por um momento, pensando. Mas então se livra do pensamento. — Sim. De fato uma boa decisão.

— Hein?

— Nada. Certo, primeiro tentei conseguir sonhar comigo dizendo coisas específicas a você. Mas não consegui fazer com que isso acontecesse direito. Coisas demais... — ele pausa, olhando para ela de soslaio. — Saiu muita coisa da minha boca... mais do que eu queria dizer. Não conseguia controlar isso — ele remexe-se em seu lugar. — Mas depois pensei em escrever as palavras na página do caderno. Pratiquei várias vezes e, nas últimas noites, funcionou.

— Mas você não sonhou comigo dentro do sonho. Pelo menos, não até o final dele.

— Certo. Porque eu conseguiria controlar melhor o sonho se estivesse sozinho, sabendo que se — quando — eu sonhasse perto de você, estaria lá.

Janie fecha os olhos, criando a cena em sua mente.

— Esperto — murmura. Ela abre os olhos. — Realmente esperto, Cabe.

— Então você conseguiu ler o que estava escrito no bloco? — diz. Seu rosto fica um pouco vermelho de vergonha.

— Sim.

— Tudo que estava escrito?

Ela procura seu rosto.

— Sim.

— E?

Ela está em silêncio.

— Não sei o que dizer. Estou realmente confusa.

Ele pega a mão dela e recosta-se no sofá.

— Tenho muito o que explicar. Você vai me ouvir?

Ela inspira e expira, lentamente. Seu cérebro é acometido por um fluxo de todos os motivos que tem para odiá-lo. Os filtros auto-protetores da sua natureza. Ela não quer andar nessa montanha-russa novamente.

— Bem — ela diz, por fim — não consigo imaginar porque eu acreditaria em uma palavra disso. Você vem mentindo para mim desde o começo, Cabe. Desde antes de..., bem, qualquer coisa. — O tom da voz dela reflete o que ela não disse, em tom de entendimento implícito.

Ela desvia o olhar.

Tira sua mão da dele.

Fica em pé, abruptamente.

— Banheiro — diz ela, com a voz aguda.

— Merda! — ele resmunga. — Atravessando a cozinha, a primeira porta à direita.

Ela encontra o banheiro, soluça e chora em silêncio sobre a pia por um momento, limpa o nariz e senta-se na beirada da banheira até que consegue recompor-se. Percebe que já está nessa montanha-russa, e sentada no carrinho da frente.

Quando ela entra na sala de estar, ele está terminando um telefonema em seu celular, dizendo “amanhã” com firmeza, com os cotovelos nos joelhos e as mãos na cabeça. Ele desliga o telefone.

— Veja — diz ele com uma voz sombria, não olhando para ela.

— Há algumas merdas que não posso lhe contar. Não ainda. Talvez não por um tempo. Mas responderei a qualquer pergunta... qualquer

pergunta que eu possa responder agora mesmo! Se eu não puder e você não gostar disso, está livre para me odiar para sempre. Não vou incomodá-la.

Ela está confusa.

— Certo — diz ela lentamente. Decide começar com uma pergunta fácil. — Com quem você estava falando agorinha?

Ele fecha os olhos. Resmunga.

— Shay.

Janie está parada, em pé, na entrada da sala de estar, com as pernas trêmulas. Lágrimas de fúria surgem em seus olhos. Mas quando ela fala, sua voz soa mortalmente calma.

— Jesus Cristo, Cabe! — Ela vira-se e pega sua mochila e caminha com firmeza, para sair da casa, pelo mesmo caminho em que entraram.

Entra em seu carro.

Não consegue sair da vaga.

Ela pensa em bater no carro de luxo dele.

Mas isso não seria legal para Ethel.

— Merda! — ela grita e coloca a cabeça no volante. Não consegue dirigir pelo quintal sem machucar Ethel, por causa da estúpida fossa.

E então ela ouve a porta da frente da casa ser batida com força. Ele dá partida no carro dele e estaciona na grama, ao lado do dela, de forma que ela possa recuar.

Ela não sabe porque está esperando.

Ele está vindo até a janela dela.

Ela ainda pode ir embora.

Ele bate na janela.

Ela hesita e depois abaixa o vidro um pouco.

— Sinto muito, Janie. — diz ele.

Está chorando.

Ele volta para dentro.

Ela fica sentada na entrada de carros, congelando, durante trinta e seis minutos. Brigando consigo mesma.

Porque ela acha que está apaixonada por ele também. E há duas formas de ser uma tola apaixonada agora.

Opta pela mais difícil.

E bate na porta.

Ele está novamente ao telefone quando abre a porta. Seus olhos estão vermelhos.

— Tentarei — diz ele, e desliga o telefone. Fica lá em pé. Parecendo um lixo.

— Vamos tentar de novo — Janie propõe, furiosa, com as mãos no quadril. — Com quem você estava falando ao telefone agora, Cabe? — As palavras dela cortam o ar revigorante.

— Meu chefe.

Ela fica sem graça por um momento.

— Você quer dizer seu traficante? Seu cafetão? — O sarcasmo ressoa pela casa escura.

Ele fecha os olhos.

— Não.

Ela fica lá, em pé. Com dúvidas.

Ele abre os olhos. Tira os óculos e limpa o rosto com a manga da camisa. Sua voz perdeu todas as esperanças.

— Há alguma chance — diz ele, em tom uniforme — de você vir comigo até um lugar? Meu chefe quer falar com você.

Ela pisca. Fica nervosa.

— Por quê? — ela pergunta.

— Não posso lhe dizer. Você tem de confiar em mim.

Janie dá um passo para trás. As palavras soam familiares a seus ouvidos. Ela pediu a mesma coisa para ele uma vez.

Ela pensa, calculadamente, para tomar uma decisão.

— Iremos em carros separados — diz baixinho.

16h45

Ela segue o carro dele até o centro da cidade de Fieldridge. Ele vira e entra em um grande estacionamento utilizado pelo pessoal que vai à biblioteca, aos correios, à delegacia de polícia, ao Franks Bar & Grille, à padaria Fieldridge e também a um pequeno conjunto

de prédios altos de apartamentos e condomínios. Ele dirige o carro até a vaga no estacionamento. Ela estaciona ao lado dele.

Ele caminha em direção à linha dos edifícios e, usando uma chave, entra em uma porta sem marcas.

Ela segue-o até lá dentro.

Eles descem um lance de escadas e uma porta se abre na frente deles, com uma dúzia de escritórios divididos e um escritório separado daqueles, com uma porta fechada.

Meia dúzia de pessoas levantam o olhar conforme eles se aproximam.

— Cabe — eles dizem, cumprimentando-o com acenos de cabeça, um de cada vez. Ele acena em resposta e bate de leve na porta do escritório.

Na janela, em um letreiro preto, está escrito: Capitã Fran Komisky.

A porta se abre. Uma mulher de cabelos cor de bronze pede para eles entrarem. O cabelo dela está cortado curto e forma uma moldura em sua pele morena. Ela está vestindo uma saia preta feita sob medida e uma jaqueta com uma blusa branca notavelmente elegante.

— Sentem-se — ela pede.

Ela senta-se atrás da mesa, que está repleta de papéis, onde há também três telefones e dois computadores.

A Capitã olha para os dois visitantes por um momento. Descansa os cotovelos na mesa, faz uma espécie de barraquinha com os dedos e pressiona-os contra a boca. Seus olhos enrugam-se levemente devido à idade.

Ela abaixa as mãos.

— Então, senhorita Hannagan, não é? Sou Fran Komisky. Todo mundo me chama de Capitã.

Ela inclina-se sobre a mesa e estica a mão para Janie. Janie estica-se para a frente em sua cadeira para cumprimentá-la.

— Prazer em conhecê-la, Capitã — diz Janie mecanicamente. Ela dá uma espiada em Cabel. Ele está com o olhar voltado para seu colo.

— Eu também — responde a Capitã para Janie. — Cabe, você está com uma aparência terrível. Vamos esclarecer as coisas?

— Sim, senhor — diz Cabel.

Janie levanta o olhar, imaginando se ele teve mesmo a intenção de chamá-la de senhor. Isso não parece incomodar a Capitã.

— Janie — fala ela em uma voz que soa rígida. — O Cabe me diz que preferiria largar o trabalho a perdê-la. Um homem bem jovem, ele, devo dizer. Seja lá como for — ela continua — porque essa declaração dele me afeta e muito, convidei você a vir aqui para discutirmos este probleminha. E você precisa saber que eu preferiria perder minha perna esquerda a perder Cabe a essa altura do campeonato.

Janie engole em seco. Imagina que merda está acontecendo.

A capitã olha para Cabe.

— Ele diz que você é de confiança para guardar segredos. É verdade?

Janie começa: — Sim, senhora... senhor — ela responde.

A capitã sorri: Quebra um pouco a tensão.

— Então. Você está aqui porque este querido garoto vem mentindo para você, e eu fiz com que ele fizesse isso, e ele está com medo de você não acreditar nunca mais em uma palavra do que ele disser. Senhorita Hannagan, acha que consegue acreditar em mim?

Janie faz que sim com a cabeça. O que mais ela pode fazer?

— Bom. Em algum lugar eu tenho uma lista de coisas que anotei, coisas que eu deveria dizer a você, e tenho confiança de que, caso ainda lhe reste perguntas, Cabel possa respondê-las. E você vai acreditar nele.

Isso soa como uma ordem.

A Capitã folheia alguns dos papéis em sua pilha e coloca óculos de leitura. Seu telefone toca e ela estende a mão automaticamente até o botão que o silencia.

— Aqui estamos nós. Em primeiro lugar — ela dá uma espiada em Cabe, e depois, volta a olhar para o papel. — Cabe não está “envolvido” com Shay Wilder — ela levanta o olhar, espreitando através dos óculos. — Não posso de fato provar isso, senhorita

Hannagan, mas o vi quase vomitar depois de passar uma noite recentemente com ela. Tudo bem quanto a isso?

Janie diz que sim com a cabeça. Sente como se estivesse no sonho bizarro de alguém.

— Eu perguntei — tudo bem quanto a isso? — a voz da Capitã fica bem mais alta.

— Sim, senhor — diz Janie. Ela senta-se com uma postura mais correta na cadeira.

— Bom. Segundo. Cabe não é um vendedor de drogas, traficante, contato, usuário nem nada disso na vida real. Ele apenas faz o papel de um na TV. — Ela faz uma pausa, mas não espera por uma resposta dessa vez.

— Terceiro. — Ela senta-se com os braços cruzados, arruma o papel na mesa e fica batendo com uma caneta nos dentes. — Estamos assim bem perto..., ela levanta seu polegar e o indicador com uma polegada de distância entre eles — de concluir uma importante blitz para apreensão de drogas no norte de Fieldridge, lá no Hill. Se isso der errado porque você espalhou o boato para alguém, e digo pra qualquer pessoa mesmo, vou responsabilizá-la pessoalmente, senhorita Hannagan. Além de Cabel e o diretor Abernethy, você é a única que tem conhecimento disso. Estamos entendidas?

Janie concorda com a cabeça, com os olhos arregalados.

— Senhor, sim, senhor.

— Certo. — A Capitã volta-se para Cabe. O rosto dela fica mais suave. Levemente. — Cabel — ela diz. — Meu querido. Está comigo ou não? Preciso que mantenha a cabeça no jogo. Agora. Ou as coisas vão pro espaço!

Cabel dá uma olhada em Janie e espera. Ela fica surpresa. Ele está deixando que ela tome a decisão. Ela concorda com a cabeça.

Ele senta-se direito em sua cadeira, olha para a Capitã nos olhos.

— Sim, senhor, estou dentro.

A Capitã faz que sim com a cabeça e solta um sorriso de aprovação para ambos.

— Bom. Acabamos aqui?

Janie mexe-se, sentindo-se desconfortável.

E então olha para Cabel de um jeito melancólico.

— Merda — ela sussurra e crava as unhas nos braços da cadeira.

17h14

Janie está dentro de um cofre de banco, onde um tira de cabelos pretos está no chão, amarrado. Ele luta para se livrar das cordas em torno de seus pulsos e da mordaça em sua boca...

17h15

Ela está de volta na cadeira ao lado da de Cabel, porém ele está caminhando atrás dela, indo em direção à cadeira dele novamente. A porta está fechada agora. Cabel senta-se.

— Obrigada — ela diz baixinho e pigarreia. — Não percebi que isso ia acontecer.

A Capitã está com o olhar fixo nela, com os olhos apertados. Desvia o olhar de Janie para Cabel e volta a olhar para Janie. Pigarreia. Em alto e bom som. Esperando.

O rosto de Janie fica pálido.

Os olhos de Cabel ficam arregalados.

— Você precisa de cuidados médicos, senhorita Hannagan? — pergunta a Capitã por fim.

— Não, senhora. Estou bem, obrigada.

— Cabe?

— Ela está bem, senhor.

A Capitã bate com sua caneta na mesa, pensando antes de dizer algo.

— Há alguma outra coisa que vocês dois queiram me dizer sobre o que acabou de acontecer aqui?

Cabel olha para Janie.

— A decisão é sua — diz ele, baixinho.

Ela hesita.

Olha nos olhos da Capitã.

— Não, senhor — ela responde. — Apenas... que... um dos seus policiais está dormindo na mesa dele e está tendo um sonho desagradável. Parece que algo deu errado para os tiras em um assalto a banco. Ele está amarrado dentro de um cofre. Senhor.

Não há mudanças na expressão da Capitã. Ela fica batendo com a caneta nos lábios, segurando-a pelo lado errado. Fica um rastro pontilhado de tinta azul debaixo de seu nariz.

— Qual policial, Janie? — pergunta lentamente a Capitã.

— Eu... eu não sei o nome dele. De cabelo preto, curto. No começo da casa dos quarenta, talvez? Troncudo. Ele estava amarrado com uma corda em volta dos tornozelos e dos pulsos, e tinha uma mordança de pano branco na boca. Da última vez que vi, de qualquer forma. As coisas mudam.

— Rabinowitz! — dizem juntos a Capitã e Cabel.

— Você quer dar uma conferida nestes fatos para mim, Cabe?

— Senhor, não quero ofendê-la, mas não preciso fazer isso. Acho que você mesma gostaria de interrogá-lo.

A Capitã inclina levemente a cabeça, pensando. Empurra sua cadeira para trás.

— Não vão a lugar nenhum, vocês dois — diz ela. Lança um olhar severo e rígido a ambos antes de sair. Um olhar que diz “é melhor vocês não fazerem merda comigo”. Quando a Capitã abre a porta e sai com passos largos, Janie agarra a cadeira antecipando o que estaria por vir.

— Deixe-a aberta, Cabe — ela suspira, arfante, quando para de enxergar.

E está de volta no cofre.

Eles estão ficando sem ar. O tira está lutando para libertar-se. Está tentando tirar seu celular do cinto. Janie sabe que ele quer ligar para a mulher dele. Ela tenta chamar sua atenção. Ele olha nos olhos dela e ela concentra-se nas pupilas dele. *Peça para que eu o ajude*, ela pensa com o máximo de força que consegue. Entretanto, ela não sabe como ele conseguirá dizer isso, com o pedaço de pano enfiado na boca.

Ela ouve uma súplica abafada e isso é o suficiente.

— Sim! É isso! —Ela tira a mordança dele e percebe que consegue falar em voz alta. Legal.

— Agora. — Ela olha fixamente nos olhos dele de novo. — Este é o seu sonho — ela diz. — Você pode mudá-lo. Liberte-se.

Ele olha para ela, com os olhos cheios de espanto.

— Liberte-se! — ela o encoraja de novo.

Ele luta e grita.

E liberta seus braços e suas pernas.

Vai até seu celular e liga para a emergência. Fecha os olhos e a fechadura do cofre aparece, como num passe de mágica, do lado de dentro. Um pedaço de papel flutua do nada, contendo as informações sobre como abrir a trava.

Ele faz isso de imediato.

E tudo fica preto.

17h19

Janie está de novo com Cabel. Ele está tocando no braço dela.

— Você está bem, Hannagan? — ele sai furtivamente e volta, entregando a ela um copo de papel cheio de água, que ela bebe com vontade.

Ela está tremendo só um pouco, mais pela adrenalina do que por qualquer outro motivo.

— Consegui. Ajudei-o! — ela diz. — Oh, meu Deus, foi tão legal! Minha primeira vez com um difícil daqueles — ela abre um sorriso largo.

Cabel está sorrindo, cansado.

— Você terá de explicar isso depois — ele diz. — Se ainda estiver falando comigo.

— Ah, Cabel. Eu...

A Capitã volta para a sala e fecha a porta.

— Diga-me o que você viu, senhorita Hannagan. Se estiver tudo bem, por favor. Rabinowitz diz que não tem problema.

Janie pisca. Ela não consegue acreditar que a Capitã a esteja levando a sério. Conta a ela tudo que testemunhou no cofre.

Há uma longa.

Longa.

Pausa.

— Maldição! — diz a Capitã por fim.

Joga seus óculos de leitura na mesa.

— Como você fez isso? Você é... você é...

Ela hesita.

Continua, quase falando consigo mesma, em uma voz marcada por algo. Poderia até mesmo ser assombro.

— Você é uma Martha Stubin constante!

18h40

Cabel e Janie estão enfiando goela abaixo hambúrgueres gordurentos e fritas no Franks Bar and Grille, ao lado da delegacia. Sentam-se ao balcão, em banquinhos giratórios redondos e vermelhos, observando os cozinheiros fritarem hambúrgueres a um metro e meio de distância. É um daqueles lugares à moda antiga, onde você consegue tomar um *milk-shake* com malte.

Largados, eles comem, com suas mentes em turbilhão.

20h04

Estão de volta na casa de Cabel. Ele mostra os dois cômodos que ela não havia visto. O quarto dele e a sala do computador. Ele tem dois computadores, três impressoras, um rádio amador e um *scanner* da polícia.

— Inacreditável — ela diz, olhando ao redor. — Espera, espera um segundo... Você mora aqui sozinho?

— Agora sim.

— Como...?

— Tenho 19 anos. Eu estava um ano à sua frente até a nona série. Você deve se lembrar.

Janie lembra-se de quando ele repetiu e foi parar na sala dela.

— Foi antes de eu conhecer você — ela comenta.

— Meu irmão aparece aqui de vez em quando, só pra ver se não estou me metendo em confusões. Ele e a mulher moram há alguns quilômetros daqui. Quando eu fiz 18, eles mudaram-se... Ainda bem!

— Ainda bem?

— É uma casa bem pequena. Paredes finas. Recém-casados.

— Ah! E os seus pais?

Cabel ajeita-se relaxadamente no sofá. Janie senta-se em uma cadeira ali perto.

— Minha mãe mora na Flórida. Em algum lugar de lá. Acho — ele encolhe os ombros, em sinal de desinteresse. — Meu pai nos criou. Meio que nos criou. Acho que, na verdade, meu irmão me criou.

Janie curva-se na cadeira e observa-o. Ele está longe. Ela espera.

— Meu pai esteve no Vietnã, no final da guerra. A mente dele ficou perturbada — Cabel olha para ela. — Quando a minha mãe foi embora, ele virou um cara mau. Nos espancava pra cacete... — Cabel olha para a mesa. — Ele morreu. Poucos anos atrás. É legal. Sabe? Já superei isso. Acabou — Cabel levanta do sofá e alonga-se.

Janie fica em pé.

— Leve-me até lá — ela pede.

— O quê?

— Mostre-me. A parte atrás do barracão.

Ele morde o lábio.

— Tá... — ele hesita. — Eu não estive, sabe? Não vou lá faz um tempo. Era... costumava ser... meu esconderijo.

Ela acena com a cabeça. Pega seu casaco. Joga o dele para ele. Saem pela porta de trás.

Pisam sobre a grama congelada, esmagando-a com os pés.

Saboreiam o ar, para ver se virá neve.

Quando chegam perto, ele diminui o passo.

— Vai em frente — ele a encoraja. Ele para na beirada de um pequeno jardim abandonado.

Janie olha para ele. Ela está com medo.

— Tá — diz. A grama está bem crescida e faz barulho conforme ela passa.

Janie desaparece do campo de visão de Cabel na escuridão, atrás do barracão. Ela para e dá uma espiada, com os olhos acostumando-se com a escuridão. Ela vê o lugar dela, onde se apoia, nos sonhos, e fica lá, em pé.

Olha para sua esquerda.

Espera pelo monstro.

Mas ela sabe agora que o monstro morreu com o pai dele.

Ela engatinha até o canto, para ver o local de onde ele vem.

Vê a cena, vividamente.

Cabel, saindo da casa. Batendo a porta com força.

O homem nos degraus, gritando. Em seguida.

O soco na cara de Cabel.

O fluido de isqueiro na barriga dele.

O fogo e a gritaria.

A transformação.

E o monstro, correndo em direção a ela, com facas no lugar dos dedos. Uivando.

Ela está começando a entrar em pânico, no escuro.

Respira fundo.

Precisa, precisa desesperadamente, ouvir que isso foi só um sonho.

Ele está sentado no degrau da escada lá atrás. Quietos.

Ela caminha até ele. Pega na mão dele. Leva-o para dentro.

A casa está escura. Ela tateia buscando uma lanterna, e com o brilho desta, eles lançam sombras na parede ao longe. Ela fecha as cortinas. Pega o casaco dele e dela e pendura-os nas cadeiras na cozinha, e ele fica lá em pé, parado, observando-a.

— Mostre-me — ela diz. Com a voz um pouco tremida.

— Mostrar o quê pra você? Acho que você já viu tudo. — A risada dele é oca, soa confusa. Tentando ler a mente dela.

Ela levanta a mão, desabotoa a camisa dele, lentamente. Ele respira com dificuldade. Fecha os olhos por um minuto. Então os abre.

— Janie — diz.

Sua camisa de botões está no chão.

Ela levanta a camiseta. Só um pouquinho. Observa os olhos dele. Estão suplicantes.

Janie desliza os dedos debaixo da camiseta dele. Toca na pele quente nas laterais de sua cintura. Sente a respiração curta dele acelerar-se. Sobe as mãos.

Sente as cicatrizes.

Ele inspira, hesitante, e vira a cabeça para o lado. A sombra de seu lábio treme na parede. Seu pomo de adão aparece logo abaixo na sombra.

— Oh, Cristo! — ele suspira. E está tremendo.

Ela levanta a camiseta dele e tira-a pela cabeça.

As cicatrizes de queimaduras protuberantes como pé de moleque estão espalhadas na região do estômago e do peito.

Ela sente-as com a mão.

Mapeia-as.

Beija-as.

E ele está lá, parado, em pé. Chorando. Os pelos eriçados com a estática do inverno. Seus cílios parecem aranhas saltitantes a pouca luz. Ele não consegue suportar isso.

Curva-se para a frente.

Enrola-se como se fosse um bicho-de-conta.

Protegendo-se.

Caindo no chão.

— Pare! — ele pede. — Por favor. Simplesmente pare.

Ela para. Entrega-lhe a camiseta.

Ele enxuga o rosto com ela.

Veste-a novamente.

— Você quer que eu vá embora? — ela pergunta.

Ele balança a cabeça, em sinal de negativa.

— Não — ele diz, e encolhe os ombros entre soluços de emoção.

Ela senta-se ao lado dele no chão, recostando-se no sofá. Puxa-o na direção dela. Ele descansa a cabeça em seu colo e fica enrolado como um caramujo no chão enquanto ela faz carinho em

seu cabelo. Ele se agarra à perna dela como se ela fosse um ursinho de pelúcia.

23h13

Janie o acorda gentilmente, passando os dedos pelo cabelo dele. Ela caminha até o quarto dele. Deita-se ao seu lado na cama, apenas por uns minutinhos. Coloca os óculos dele na mesinha de cabeceira. Abraça-o. Beija-o na bochecha.

E vai para casa.

DETONANDO TUDO

6 de dezembro de 2005, 12h45

Ela espera à mesa dele na biblioteca.

Ele a encontra lá.

— Tenho de trabalhar hoje à noite — ela sussurra.

— Depois? — ele pergunta.

— Sim. Será tarde.

— Deixarei a porta da frente destrancada — diz ele. Ela vai para sua mesa, como de costume.

E ele projeta um novo sonho, só para ela.

18h48

Um homem faz seu registro na recepção do Asilo Heather. Ele olha a seu redor, não familiarizado com o local. Ela o reconhece, embora esteja grisalho agora. Mais velho. Com marcas de expressão.

— Mostrarei a você — Janie fala. Ela o leva ao quarto do Sr. McVicker.

Bate levemente na porta. Abre-a.

O velho Johnny McVicker vira-se em direção à porta.

Vê o filho.

É a primeira vez em quase vinte anos.

O velho levanta de sua cadeira devagar.

Pega seu andador.

A bandeja do jantar dele e a colher caem no chão, fazendo barulho. Mas ele nem nota. Está com o olhar fixo no filho.

Diz, um pouco rápido demais:

— Eu estava errado, Edward. Você estava certo. Sinto muito. Amo você, filho.

Edward para no meio do caminho.

Tira o chapéu. Coça lentamente a cabeça.

Amassa o chapéu que está em suas mãos.
Janie fecha a porta e volta para a recepção.

23h08

Ela estaciona seu carro em sua casa e corre a toda velocidade atravessando a neve até a dele.

— Eu estava igual a uma louca — ela conta, quando entra na casa. — Você deveria ter me visto com as comadres.

Ele esperava por ela. E agora a abraça. Levanta-a. Ela ri.

— Você pode ficar? — ele pergunta. Implora.

— Se eu for pra casa de manhã — diz. — Antes de ir pra escola.

— Que seja! — ele concorda.

Janie termina sua lição de casa, enfia-a na mochila e vai de encontro a ele. Cabel está dormindo. Não está com camiseta. Ela engatinha, se ajeita na cama, e fica maravilhada, em silêncio, com a barriga e o peito dele. Ele respira profundamente. Ela se ajeita.

Por agora, pelo menos.

Ele sabe que ela poderia ter de ir embora.

Poderia ter de fugir dos sonhos dele, para poder dormir.

Mas, quando ele tem o sonho com o fogo, e encontra-a atrás do barracão, beija-a e chora, implorando por ajuda, ela procura às cegas pelos dedos dele, no estado de paralisia em que se encontra, e leva-o com ela para dentro do sonho, de forma que ele possa ver a si mesmo.

Mostra a ele como mudar isso.

É seu sonho, ela o lembra.

E ela mostra como transformar o homem na soleira, que carrega o fluido de isqueiro e o cigarro, no homem na soleira cujas mãos estão vazias e cuja cabeça está arqueada. Que diz:

— Sinto muito.

Quando ambos acordam, o raiar do sol alcança a janela.

São 11h21. Em uma quarta-feira.

Eles falam e riem alto e por um bom tempo. Porque não há nenhum pai, ou mãe, entre eles que ligue a mínima.

Por não terem com o que se preocupar, ajeitam-se relaxadamente em um imenso pufe feito de sementes na sala do computador juntos, conversando, ouvindo música.

Jogam verdade ou desafio.

Mas é tudo verdade.

Para ambos.

Janie: Por que você disse que queria me ver naquele primeiro domingo depois de Stratford e não apareceu?

Cabel: Eu sabia que tinha que dar uma volta naquela festa — eu ia voltar cedo. Não sabia que faríamos a falsa apreensão. Mandaram-me para a cadeia, onde passei a noite, para que parecesse que a coisa era de verdade. Fiquei acabado. A Capitã deixou-me sair às seis da manhã do dia seguinte. Foi quando deixei o bilhete na Ethel.

Janie: Algumas vez na vida você vendeu drogas?

Cabel: Sim. Maconha. 9ª, 10ª séries. Eu era, ah... um pouco problemático naquela época.

Janie: Por que você parou?

Cabel: Fui pego e a Capitã me propôs algo melhor.

Janie: Então você é um dos caras da Narcóticos desde então?

Cabel: Tenho medo da sua terminologia. A maior parte dos caras da Narcóticos a que você se refere são jovens tiras plantados em escolas para pegar alunos. A Capitã teve uma ideia diferente. Ela não está atrás dos alunos, está atrás do fornecedor. Que por acaso é o pai da Shay. E ela achou que este era um bom caminho a seguir — já que ele está começando a vender cocaína para as crianças nas festas. E podemos deduzir que ele tenha uma mina de ouro em algum lugar. Tenho de fazer com que ele diga isso ao microfone.

Janie: Então você é um agente duplo?

Cabel: Certo. Isso soa sexy.

Janie: Você é sexy. Hei, Cabel?

Cabel: Fala?

Janie: Você realmente repetiu a nona série?

Cabel: Não. (pausa) Fiquei no hospital na maior parte daquele ano.

Janie: (silêncio) E depois, as drogas.

Cabel: Sim... elas ajudaram-me a lidar com a dor. Mas então eu me meti em, bem, ah, algumas situações problemáticas. E a Capitã entrou na minha vida no momento exato antes do décimo primeiro ano, antes que eu estivesse afundado demais nos problemas. E soa estranho, mas ela tornou-se uma espécie de mãe estilo militar certinha de que eu precisava desesperadamente. Aquela foi a fase gótica, quando decidi que nunca ficaria com a garota dos meus sonhos por causa das minhas cicatrizes. Isso sem falar no estilo do meu cabelo.

(pausa)

Mas então ela bateu com a maçaneta da porta no meu saco. E quando uma garota faz isso com um cara, quer dizer que ela gosta dele.

Janie: (ri)

Cabel: Então aquilo me fez ser melhor. Porque ela não se importava com o que as pessoas pensavam se falasse comigo. Antes de eu ter mudado.

(pausa)

Janie: (sorri) Por que você mudou? Seu visual, quero dizer.

Cabel: Ordens da Capitã. Para o trabalho. A propósito, o carro também não é meu. Faz parte da imagem. Suponho que terei de devolvê-lo depois de um tempo.

(pausa)

Hei, Janie?

Janie: Fala?

Cabel: O que você vai fazer depois que terminar o ensino médio?

Janie: (suspira) Ainda não sei ao certo, acho. Dentro de dois anos, mal terei economizado dinheiro suficiente para um semestre na Universidade de M.... Meu Deus, isso é tão louco... então, a menos que eu consiga uma bolsa de estudos decente, estarei fazendo faculdade comunitária.

Cabel: Então vai ficar por aqui?

Janie: É... Eu, ah, preciso ficar por perto para tomar conta da minha mãe, sabe? E... acho que, com meu “probleminha”, vou ter de morar em casa. Ou nunca conseguirei dormir.

Cabel: Janie?

Janie: Sim?

Cabel: Eu vou pra lá. Para a Universidade de M.

Janie: NÃO!

Cabel: Justiça Criminal. Para conseguir manter meu trabalho aqui.

Janie: Como você sabe? Já conseguiu uma carta de aceitação? Como você irá pagar?

Cabel: Hum, Janie?

Janie: Siiiiim, Cabel?

Cabel: Tenho de confessar outra mentira.

Janie: Ah, querido. Qual é?

Cabel: Na verdade, eu sei qual é minha média.

Janie: E?

Cabel: E. Tenho uma bolsa de estudos integral.

Cabel é empurrado com violência do pufe. E é agredido. E ouve, repetidas vezes, o quão canalha é.

Janie ouve que é quase certeza de que ela vai conseguir uma bolsa de estudos também, com as notas dela. A menos que mate aula com traficantes.

E então eles se beijam.

10 de dezembro de 2005

O fim de semana chega. Cabel volta a cortejar Shay e Janie está trabalhando na sexta-feira à noite, e nos primeiros turnos do sábado e do domingo no asilo.

Mas Carrie encontra Janie. E Janie, preocupada com o fato de a batida das drogas ser no fim de semana, realmente não quer ver Carrie envolvida nisso. Ela pergunta se Carrie quer estudar para as

provas um dia desses. Elas concordam, com relutância, em fazê-lo no sábado à noite, na casa da Janie.

Carrie aparece por volta das 18h e já está trêbada. Janie faz com que ela carregue os livros e anotações dela de qualquer forma.

— Você vai para a faculdade ou não? — pergunta incisivamente.

— Com certeza que sim — Carrie afirma. — Acho. A menos que Stu queira casar.

— Ele quer?

— Acho que sim. Talvez. Um dia.

— E você? — pergunta Janie, depois de um momento.

— Com certeza, por que não? Fugir dos meus pais.

— Seus pais não são tão ruins assim, na verdade. São?

Carrie faz uma careta.

— Você deveria tê-los visto antes.

— Antes do quê?

— Antes de nos mudarmos para a casa ao lado da sua.

Janie hesita. Tentando decidir se é o momento certo de perguntar.

— Hei, Carrie?

— O quê?

— Quem é Carson?

Carrie fixa os olhos em Janie.

— O que você acabou de dizer?

— Eu perguntei, quem é Carson?

O rosto de Carrie demonstra que ela está alarmada.

— Como você sabe sobre Carson?

— Não sei. Se soubesse, não estaria lhe perguntando.

Janie está andando em um campo minado aqui. E não consegue ver onde estão as minas.

Carrie, obviamente perturbada, anda de um lado para o outro na cozinha.

— Mas como você sabia a ponto de me perguntar sobre ele?

— Você disse o nome dele uma vez — fala Janie com cautela — dormindo. Eu só fiquei curiosa.

Carrie coloca um pouco de vodca em um copo. Senta-se. Começa a chorar.

— Ah, merda! — Janie pensa.

E então Carrie põe pra fora a história.

— Carson... tinha 4 anos.

O estômago de Janie vira do avesso.

— Ele se afogou. Estávamos acampando perto de um lago... estava... — Carrie para de falar e engole um pouco de sua bebida.

— Ele era meu irmão mais novo. Eu tinha 10 anos. Estava ajudando minha mãe e meu pai a arrumar as coisas no acampamento.

Janie fecha seus olhos que estão ardendo.

— Ah, que merda, Carrie!

— Ele foi andando até o lago — não percebemos. E ele caiu do píer. Nós tentamos... tentamos... — Carrie coloca as mãos no rosto. Respira fundo e está tremendo. — Mudamos para cá um ano depois do ocorrido. — A voz dela fica mais serena. — Para recomeçar a vida. Não falamos sobre ele.

Janie coloca o braço em torno de Carrie e abraça-a. Não sabe o que dizer.

— Sinto muito.

Carrie abaixa a cabeça e depois sussurra, em uma voz partida.

— Eu deveria ter prestado mais atenção nele.

— Ah, querida — murmura Janie. Ela mantém Carrie bem perto dela por um momento, até que Carrie se esquivava, com gentileza, do abraço dela.

— Tudo bem — Carrie funga.

Janie, sentindo-se completamente impotente, pega um rolo de papel higiênico do banheiro.

— Não tenho lenços de papel... Carrie? Por que você nunca me contou?

Carrie aperta as mãos. Assoa o nariz. Funga.

— Não sei, Janers. Achei que isso ia passar. Estava tão cansada... tão cansada de ficar triste. Não conseguia mais suportar a falta de palavras dos outros, os olhares cheios de pena.

— O Stu sabe disso?

Carrie balança a cabeça, em sinal de negativa.

— Talvez eu devesse lhe contar.

Elas ficam em silêncio por um bom tempo.

— Acho que talvez devesse contar sim — Janie murmura depois de um tempinho — as coisas ruins nunca passam. E não é culpa de ninguém.

Carrie inspira, tremendo, e expira devagar.

— Ah, bem, veremos, né? — ela sorri em meios às lágrimas. — Obrigada, Janers. Você é realmente uma boa amiga — ela faz uma pausa e complementa, em uma voz suave: — Só continue a ser você mesma, normal, tá? Um olhar triste e juro por Deus que vou embora daqui!

Janie dá um sorriso.

— Sem problemas, guria.

11 de dezembro de 2005, 2h41

Quando Carrie sonha, desta vez Janie sabe o que fazer.

A floresta, o rio, o garoto, afogando-se. Sorrindo.

Carrie, olhando para Janie. Apenas uns minutinhos antes de vir o tubarão.

Carrie, gritando: — Ajude-o! Salve-o!

Janie concentra-se, com os olhos fixos em Carrie. — Peça-me, Carrie. Peça-me.

Ele está surgindo na superfície e afundando, com aquele sorriso assustador no rosto.

— Ajude-o! — ela grita de novo para Janie.

— Carrie! — pensa Janie com toda sua força. — *Não consigo ajudá-lo. Peça-me. Peça-me para ajudar... você.*

Pela manhã, Carrie comenta no café da manhã:

— Tive o sonho mais estranho do mundo. Era um daqueles pesadelos que continuo tendo com o Carson, mas, dessa vez, tudo mudou e ficou algo assim... estranho. Foi surreal.

— É? — disse, Janie, enquanto mastigava. — Legal. Deve ser o *feng shui* aqui ou algo do tipo.

— Você acha?

— Não sei. Tenta arrumar seu quarto de um jeito diferente e depois, à noite, diga a si mesma que vai mudar os pesadelos de agora em diante para ficarem de acordo com seu novo ambiente harmonioso.

Carrie olha, suspeita, para Janie.

— Você está zoando com a minha cara?

— É claro que não.

12 de dezembro de 2005, 17h16

Janie vai dirigindo até em casa lentamente depois de um longo dia no Asilo Heather. Com as férias chegando, os ajudantes tentam encaixar alguma programação comemorativa em suas atividades diárias, juntamente com seus deveres regulares. E Janie conseguiu ajudar três residentes a terem um pouco de paz em seus sonhos. Foi um dia satisfatório.

Em um momento de loucura, passa pela casa de Cabel e fica surpresa em ver o carro dele na entrada. Ela diminui a velocidade e estaciona, deixando Ethel ligada.

Ela corre a toda velocidade até a porta e dá umas batidas rápidas.

A porta se abre e Cabel olha para ela.

— Hei, Janie, e aí? — Ele está fazendo sinais com os olhos quando Shay se aproxima e olha por cima do ombro dele. Ela envolve a cintura dele com os braços, para indicar que tem posse.

— Hei, Janie — diz Shay, com um olhar de triunfo.

Janie sorri, pensando rápido.

— Ah, oi, Shay. Desculpa incomodar. Cabel, estou aqui pensando se você tem aí aquelas anotações de Matemática que você disse que eu poderia pegar emprestado para a prova de amanhã?

Os olhos de Cabel emitem uma mensagem de gratidão.

— Sim, ele diz. Já volto. Quer entrar?

— Não. Meus sapatos estão molhados por causa da neve.

Cabel reaparece e entrega a ela um punhado de papéis, enrolados e presos com um elástico.

— Estamos indo a uma festa agora — ele fala — mas meio que preciso desses papéis de volta hoje à noite, porque a prova é amanhã de manhã. Até que horas da noite eu posso passar na sua casa para pegá-los?

Shay surge sobre os ombros dele, com a intenção de ver e ser vista. Janie nota que Cabel lentamente ficou com a postura bem correta e está parado, em pé, e ele é bem alto quando não está curvado. Shay tem de dar um pulo para ver por cima dele. Janie disfarça um sorriso.

— Estarei acordada até tarde, então, posso colocá-los na caixa de correio para você depois que eu for dormir. Obrigada, Cabel. Divirtam-se na festa, vocês dois! Tenho taaaaanta inveja de vocês!

Janie caminha com pressa até Ethel e dirige até sua casa, apenas um pouco melancólica quanto à cena que acabou de presenciar. Ela leva as anotações para dentro, troca de roupa e pega seus livros.

Folheia os papéis que Cabel lhe entregou, esperando que ele não tenha dado a ela nada de importante, visto que ela não precisava, na verdade, das coisas dele. No meio da pilha, há um bilhete que ele rabiscou:

Sinto muito sua falta.

Com amor, Cabe.

Ela sorri, sentindo saudade dele. Desejando que essa confusão acabe. Pensa em como ele estava disposto a largar o emprego, acabar com o trabalho de meses de progresso que os detetives fizeram, só para acertar as coisas com ela.

A Capitã está certa. Ele é um bom rapaz.

Janie estuda até depois da meia-noite, em parte esperando que Cabe apareça. Por volta de uma da manhã, ela está quase dormindo em cima dos livros. Ela dá a noite por encerrada e reúne as anotações de Cabe para colocá-las na caixa de correio. Caso ele venha buscá-las. Caso Shay esteja com ele, e ele tenha de fingir.

Escreve um bilhete e coloca no meio dos papéis, enrolando-os e arrumando-os lá fora, na caixa de correio.

Ela está feliz de poder dormir, mas confere o despertador duas vezes para ter certeza de que está ligado. A primeira prova começa às 10h30 do dia seguinte.

E ela precisa tirar nota máxima na prova.

Para que consiga uma bolsa de estudos.

Porque sem ela, a Universidade de M. não passa de um sonho inalcançável.

13 de dezembro de 2005, 2h45

Quando o telefone toca, Janie dá um pulo. Ela acha por um momento de confusão, que é o despertador mas no quarto toque, está se esticando para pegá-lo.

Esperando que seja Cabel.

Na esperança de que ele esteja lá fora, parado, esperando para vê-la.

— Alô — ela resmunga, e tira o ar de sono da sua voz.

Ela ouve o som de uma pessoa bufando em meio ao choro:

— Janieeee — diz uma voz de choro.

— Quem é?

— Janieeee, sou eu!

— Carrie? Qual o problema? Onde você está?

— Ah, merda — Carrie lamenta. — Estou tão encrencada.

— Onde você está? Precisa que eu vá te pegar? Carrie, recomponha-se, garota! Você está bêbada?

— Meus pais vão me matar!

Janie suspira.

Espera.

Ouve Carrie bufar.

— Carrie. Onde você está?

— Estou na cadeia — ela diz finalmente, e os soluços e o choro recomeçam.

— O quê? Aqui em Fieldridge? Que merda você fez?

— Você pode simplesmente vir me tirar daqui?

Janie suspira.

— Quanto, Carrie?

— Quinhentos paus — ela conta. — Eu pago o dinheiro de volta a você. Mais os juros. Prometo, sério! — Ela faz uma pausa. — Ah, e Janie?

— Faaaaaaaala?

— O Stu tá aqui também. — Janie pode sentir pelo telefone que Carrie está encolhida de medo.

Janie fecha os olhos e passa os dedos pelos cabelos. Suspira de novo.

— Estarei aí dentro de trinta minutos. Para de chorar.

Carrie agradece a ela, emocionada, e Janie corta os agradecimentos, desligando o telefone.

Janie revira suas roupas e acha seu dinheiro escondido esperando ser depositado em seu fundo para a faculdade. Está faltando vinte contos.

— Merda — ela murmura. Sai de seu quarto e dá de cara com sua mãe.

— Era o telefone? — sua mãe está com os olhos turvos.

— Sim... — Janie hesita. — Tenho de ir pegar a Carrie. Ela está na cadeia. Por acaso... por acaso você teria vinte pilas para me arranjar, mãe? Eu pago você amanhã.

A mãe de Janie olha para ela.

— É claro — ela responde. Vai até o quarto dela e surge com uma nota de vinte. — Não precisa me pagar não, querida.

Se Janie tivesse mais uma hora para pensar nessa troca de palavras, ela poderia ter chegado à conclusão de que há uma coisa ou outra mais bizarra do que cair de cabeça no sonho das pessoas.

3h28

Janie sobe os degraus na entrada da frente da delegacia e vai com tudo porta adentro. Está nevando horrores. Ela olha para os lados e um policial acena para que ela entre na área do detector de metal e para passar pela vistoria de segurança. É Rabinowitz. Sorri, sabendo que ele não faz a mínima ideia de quem ela seja.

— Atravessando as portas. Pagamentos apenas em dinheiro ou cartão de crédito. Nada de cheques — ele diz, como se já tivesse dito isso milhões de vezes antes.

Janie ouve isso antes de empurrar as portas para abri-las. Há uma fila curta de pais sonolentos e com raiva na frente dela. Alguns deles estão se comportando de forma mais patética do que Carrie ao telefone. Ela espreita ao redor, olhando para um canto, e vê as barras de uma cela.

Imagina se é isso. A batida das drogas. E então vê Melinda sendo escoltada por um policial e pelo pai dela. O rosto está manchado pelo rímel e pelas lágrimas e a aparência dela é terrível. O pai pega-a pelo braço, furioso, e caminha com ela até lá fora. Janie olha para o chão conforme Melinda passa. Lamenta por ela.

Reconhece também os próximos três alunos, e pode ver a humilhação deles. Por fim, Janie é a última pessoa parada, em pé, na recepção. Ela coloca mil dólares em dinheiro vivo sobre o balcão.

— Atrás de quem você está? — pergunta o guarda, como se estivesse latindo.

— Carrie Brandt e Stu, uh... — ela vasculha suas lembranças como se estivesse fazendo uma pesquisa no Google para se lembrar do sobrenome dele. — Gardner.

— Identidade, por favor.

Janie tira sua carteira de motorista e a entrega para o guarda que verifica cuidadosamente.

Ele olha para ela pela primeira vez.

— Você não tem 18 anos.

Janie sente um frio na barriga.

— Não... não até o mês que vem — ela confessa.

— Sinto muito, garota. É preciso ter 18.

— Mas... Merda!

O guarda a ignora. Ela fica lá, parada, em pé. Pensando em todas as coisas que sabe, mas que não pode revelar. Suspira e senta-se nas cadeiras para pensar. Coloca as mãos na cabeça. Atreveria-se a tentar abordar Rabinowitz, para ver se ele daria o aval para ela? Mas não... a Capitã falou para não dizer nenhuma palavra a ninguém. Isso não excluía outros tiras.

— Posso pelo menos ir lá atrás para que ela saiba que tentei?
— implora Janie.

O guarda olha para cima.

— Você ainda está aí? Ok, tudo bem — ele diz. — Dois minutos.

Janie sorri com gratidão e caminha até a cela.

E vê os dois. Sentados, ou melhor, meio que deitados nos bancos. Carrie e Stu. Agachados.

Shay Wilder e o irmão dela. Parecendo extremamente embriagados, bêbados, altos, chapados, seja lá o que for.

O Sr. Wilder. Parecendo detonado de diversos modos.

E Cabe. Que está reclinado no banco como se morasse lá. E Shay, Janie percebe com felicidade, está o mais longe de Cabel que consegue ficar.

Ela morde o lábio.

Carrie corre até as grades.

Janie olha para Carrie.

— Querida — ela sussurra. — Eles não me deixam fazer isso. Não tenho 18 até o mês que vem. Estou tentando ainda assim, tá? Prometo. Vou pensar em alguma coisa, mesmo que eu tenha de arrastar minha mãe até aqui.

Carrie começa a praguejar.

— Ah, é tão horrível ficar presa aqui — ela lamenta.

Janie, que não conseguia mais sentir compaixão alguma quase um minuto depois de o telefone tocar, apenas olha para Carrie, furiosa.

— Nossa. Cala a boca agora! Ou vou acabar te deixando aqui.

— Não! — dizem, juntando-se à conversa, as vozes de bêbados de Shay, do irmão dela e de Stu. Stu e Carrie começam a brigar.

Janie olha para Cabel disfarçadamente, de relance, ele a está observando, com o sorriso manhoso no rosto. Ele pisca, depois aponta com a cabeça, disfarçadamente na direção do Sr. Wilder.

Janie olha.

Ele está curvado.

Caindo.

No sono.

Ela sente o barato da adrenalina.

— Eu, ah, eu tenho de voltar para as cadeiras, Carrie, mas vou tirar você daqui o mais rápido que puder, tá? — Janie tenta não olhar de novo para Cabe.

Senta-se nas cadeiras próximas à cela, fora do campo de visão do cara da recepção. Ela mal consegue ver os pés de Cabel no banco. As pernas dele estão cruzadas na altura dos tornozelos. E ela se lembra da época em que o jeans que ele usava era curto demais, lá, parado, em pé, sozinho e ensebado no ponto de ônibus há menos de dois anos.

Ela consegue ouvir a briga de Carrie e Stu, e Shay e o irmão dela levantando as vozes, dizendo para ela se recompor e calar a boca...

E então ela está em um turbilhão e cega, agarrando-se à cadeira, na esperança de que ninguém passe por ali. Ela não vê Cabel levantar-se em meio à distração de Carrie e vir até a borda das barras da cela, tentando fazer com que ela olhe para ele. Tentando dizer-lhe algo.

Ela consegue ver apenas o que está nas esperanças e nos temores do Sr. Wilder. Ou são lembranças?

O sonho intensifica-se e ganha toques de pesadelo. Janie é chicoteada por todos os lados.

Arrasada e detonada.

E está tentando ver tudo. Tudo. Com os olhos e a mente de um criminoso.

Ela não vê Cabel durante aquele sonho que dura duas horas, medindo os passos, enterrando as mãos na cabeça. Observando-a, horrorizado, enquanto ela está caindo para o lado da cadeira, um peso morto. Batendo com a cara na quina do carrinho de café.

6h01

A cabeça dela lateja.

Ela está molhada. Com frio.

O sangue escorre do rosto em um piso frio ladrilhado.
Ela acha que seus olhos estão abertos, mas sua visão está demorando para voltar.
Não consegue mexer seu corpo.
À distância, ela ouve Cabel, chamando o nome dela, chamando o guarda.
Carrie está gritando.
Para Janie, tudo está negro como a noite.

6h08

Janie está sendo erguida para ser colocada em uma maca. Ela concentra-se. Tenta acordar. A cabeça dela lateja.
Levam-na na maca pelo corredor da delegacia.
— Pare! — ela resmunga.
Pigarreia, para deixar a voz mais límpida, e repete.
— Pare!
Dois paramédicos olham para baixo para vê-la. Ela abre os olhos. Apenas um deles quer abrir. Mas ela consegue ver sombras.
— Estou bem — ela afirma, e esforça-se para conseguir sentar-se. — Tenho convulsões de vez em quando. Estou bem. Estão vendo?
Ela estende as mãos para mostrar o quão bem está.
E vê o sangue.
Arregala os olhos enquanto luta para ter sua visão plena de volta.
Ela sente o próprio rosto. O sangue está pingando, escorrendo, da sobancelha até os cílios.
— Ai, merda! — ela reclama. — Escuta, vocês não teriam só algumas faixas esterilizadas? Falando sério.
Os paramédicos olham um para o outro e depois voltam a olhar para ela.
Janie tenta uma tática diferente.
— Eu não tenho seguro, rapazes. Não posso pagar por isso. Por favor.

Um dos paramédicos está hesitante.

— Janie, certo? Escute, você estava tendo altos espasmos no chão. Rígida. Inconsciente. Você bateu com a cabeça na quina de um carrinho de café de metal enferrujado.

Janie tenta influenciá-los a seu favor com as seguintes palavras: — Minha vacina antitetânica está em dia. Olha, eu tenho uma prova de Matemática em... breve, e meu futuro na faculdade depende disso. Estou dizendo a vocês que me recuso a receber tratamento. Agora me deixem sair daqui.

Lentamente os paramédicos afastam-se para que ela consiga descer da maca. Janie dá um impulso em suas pernas pesadas, que ela não está sentindo, pela lateral da maca, no exato momento em que a Capitã Komisky passa para a verificação de segurança.

— Que diabos está acontecendo aqui? — ela pergunta, com um ar vívido. — Hei, olá, senhorita Hannagan. Você está de chegada ou de saída?

Janie olha ao redor, na maca, e pega um pedaço grande de gaze, tentando achar a fonte do sangue.

— Estou tentando dar um jeito de sair desta coisa a qualquer momento — murmura Janie.

Respira fundo.

Salta pela borda.

Aterrissa como aquela sei-lá-o-nome-dela nas Olimpíadas.

A Capitã está observando-a, com um olhar de encanto. Oferece o braço a Janie.

— Venha, querida — ela chama. — Parece que você andou ocupada esta noite. — Ela faz um sinal com a mão para os paramédicos irem embora como se os estivesse varrendo, e eles saem, rápidos como um trovão.

Janie sorri agradecida e pressiona a gaze contra o olho. A blusa de moletom dela está manchada de sangue. Ela sente-se como se estivesse usando sapatos de cimento e tem a sensação de que sua cabeça é um balão.

— Liguei a caminho daqui, fiquei sabendo do grande furo — ela explica quando os paramédicos já tinham ido embora. — Pergunto-me se precisamos ter uma conversa na minha sala?

— Eu... com certeza. Hum, que horas são? — Janie esqueceu-se de colocar o relógio quando saiu de casa e está perdida sem ele.

— Seis e quinze ou algo em torno disso — diz a Capitã. — Imagino que já tenha sido o bastante para o Sr. Strumheller, você não acha?

Janie está encontrando dificuldades para se concentrar. Ela sabe que precisa comer. Ela dá uma risada tremida.

— Suponho que essa decisão deva ser sua, senhor — ela murmura.

E então ela se lembra.

Carrie e Stu.

— Capitã — diz nervosa. — Vim até aqui algumas horas atrás para tentar livrar minha amiga e o namorado dela da cadeia. Tenho o dinheiro da fiança, mas não tenho 18 anos até o mês que vem. Tem algum jeito de você conseguir...

— É claro.

Janie suspira, aliviada.

— Obrigada.

— Antes de entrarmos — diz a Capitã —, lembremos que você não me conhece. Certo?

— Sim, senhor — ela responde.

— Boa garota. Vá pegar seus amigos.

6h30

Carrie sai apressada da cela, como se estivesse ficando cheia de gás venenoso. Stu sai em seguida. Carrie vê Janie, coberta de sangue, e quase desmaia, mas tanto Stu quanto Janie ignoram o drama dela.

— Vocês dois vão ter que ir andando. Sinto muito — Janie fala com firmeza. — Terei de preencher uma papelada idiota para um relatório de incidente ou algo do gênero — ela aponta para o olho e faz uma cara... como se isso fosse a última coisa que ela desejasse fazer. Balança a cabeça, fingindo estar irritada. — Tiras estúpidos.

Stu aperta o ombro de Janie, em sinal de agradecimento.

— Obrigado, Janie. — Ele olha para ela com gratidão estampada nos olhos. — Você é uma boa amiga. Para nós dois.

Janie sorri e Carrie parece envergonhada.

— Obrigada, Janers — ela agradece.

— Estou feliz de que você tenha me chamado, Carrie — diz Janie. Agora, vá embora.

6h34

Janie vai em direção ao banheiro, com a gaze cheia de sangue pressionada contra sua sobrancelha que está ficando cada vez mais inchada. Ela dá uma olhada no espelho. O corte é belo em si. Fica logo abaixo da linha da sobrancelha, do arco, e é um corte reto e limpo. Um dia ela poderia vir a desejar ter levado pontos. Mas, tratando-se de cicatrizes, essa fica em um lugar perfeitamente sexy.

Ela vira sua blusa de moletom do avesso para esconder a absurda quantidade de sangue que gotejava da ferida, que tem uma polegada de comprimento, e lava o rosto e as mãos. Pega um punhado de papel toalha pardo, umedece-os e pressiona novamente o machucado. Então ela bebe, fazendo bastante barulho, água da torneira.

6h47

Janie sai do banheiro e Cabel está lá, empurrando-a para dentro da área do vestiário. Ele parece cansado. E aliviado em vê-la.

— Deixe-me ver — pede.

Ela tira o papel do lugar e mostra a ele sua ferida de guerra.

— É muito impressionante — ele observa, e depois fica sério, com seus profundos olhos castanhos entregando sua preocupação. — Quando vi você a ponto de cair, eu... — ele para e suspira. — Observei você. Na maior parte do tempo, durante aquelas duas horas, sempre que eu conseguia, sem parecer suspeito. Não poder ir até você é algo que me deixou maluco.

Janie, que agora está tremendo e ficando muito zozza, apenas se apoia nele.

Ele faz carinho nas costas dela, descansa o queixo na cabeça dela.

— Você tem certeza de que está a fim de conversar com a chefe? — ele pergunta.

Janie faz que sim com a cabeça, apoiada no peito dele.

— Vou trazer algo pra você comer assim que conseguirmos sair daqui, tá?

Ela sorri.

— Obrigada, Cabe.

— Encontre-me na entrada dos fundos, tá? Lembra de qual é a porta? Precisamos nos separar.

— Sim, é, boa ideia — ela murmura.

Cabel caminha despreocupadamente até uma escadaria e desce. Janie dirige-se até a entrada da frente e caminha meia quadra atravessando a nevasca para dar a volta e chegar até a parte de trás das lojas e dos prédios. Quando chega na porta sem marcas, está suando frio. Ela bate, de leve. A porta se abre e ela segue Cabel escadaria abaixo.

O lugar está cheio de pessoas cochichando e Cabel leva uns tapinhas nas costas e um na lateral da cabeça por seu trabalho dessa noite.

— Ainda não chegamos lá — diz ele, com modéstia.

Ele bate na porta da Capitã, e ela grita: — Entre! — Cabel e Janie entram sorrateiramente.

— Vocês dois têm prova hoje, não? Temos tempo para isso agorinha?

— É às 10h30, Capitã. Temos bastante tempo.

A Capitã olha para Janie com atenção.

— Jesus, Maria, José! — ela diz. — Você vai ficar com umas olheiras dos infernos quando o dia acabar. Você apagou?

— Eu... ah... — Janie encolhe os ombros. — Na verdade, não faço ideia.

— Sim, acho que ela apagou — Cabel corta-a. — Vou precisar ficar de olho nela o dia todo. E provavelmente a noite toda também

— complementa ele. Muito, mas muito sério mesmo.

A Capitã joga uma borracha nele e manda que ele vá buscar café.

— E arruma alguma comida pra essa garota, já que vai lá, antes que ela se quebre no meio. — Ela abre a gaveta de sua mesa e fica procurando algo nela. Puxa um kit de primeiros socorros e joga um saquinho de amendoins de avião na mesa. — Vem até aqui, vem. — ela chama. Janie anda junto com sua cadeira contornando a mesa.

— Jesus — a Capitã murmura novamente, e espalha uma boa quantia de pomada antibiótica sobre o corte. Abre um pacote de faixas esterilizadas e fecha o corte de uma forma impecável e rápida. — Assim está melhor — diz. — Se sua mãe e/ou seu pai tiverem quaisquer perguntas sobre o que aconteceu com você, faça com que me liguem. Eu agradeceria se você me avisasse caso eles desejem entrar com um processo — ela joga o saquinho de amendoim, o qual desliza pela mesa, para Janie. — Coma!

— Sim, senhor — ela responde, agradecida, abrindo o pacote. — Ninguém vai falar nada.

Cabel volta com três cafés, uma pequena xícara de leite e um saco cheio de brioques e donuts. Casualmente, ele coloca o leite e o brioque de cereais na frente de Janie, e despeja três pacotinhos de creme e três de açúcar no café dela.

Janie bebe o leite, com a mão tremendo, e percebe como é bom senti-lo descendo gelado garganta abaixo.

— Excelente — ela elogia, e respira fundo.

— Então — começa a Capitã. — Você tem um relatório para mim, Cabel?

— Sim, senhor. Chegamos à festa às 19h10, com a maconha já em andamento, e, por volta das 23h30, a cocaína já estava no vidro. Cinco menores e vários adultos cheiraram várias carreiras. O Sr. Wilder me puxou de lado e discutimos nossa parceria, ele um tanto quanto satisfeito com o resultado. Apesar de chapado, ele estava meio coerente, e me disse que tinha um estoque que estava a ponto de, ‘colocar no mercado’, nas palavras dele. aparentemente isso foi o suficiente para Baker e Cobb, embora eu esteja meio irritado

porque ainda não sabemos onde está, de fato, o estoque. Eles chegaram em três minutos e quebraram todo o lugar, levando somente aqueles que foram muito estúpidos para ir pacificamente. E, é claro, o Sr. Wilder e seus dois filhos. A Sra. Wilder não estava lá. E realmente não acho que esteja envolvida nisso.

Ele olha de lado para Janie e encolhe os olhos, como se estivesse pedindo desculpas.

— Carrie estava realmente mamada e arrumou uma tremenda duma briga. Lamento por aquilo.

Janie sorri.

— Talvez a experiência faça com que ela crie algum juízo — diz.

— Por volta das 2h, estávamos todos naquilo que gosto de chamar de meu pequeno lar longe de casa — continua Cabel. — Janie veio aqui tentar tirar Carrie da cadeia, e, por sorte, o Sr. Wilder estava detonado o bastante para cair no sono em meio ao ruído constante do local. Janie acomodou-se para “viajar” junto. — Ele senta-se novamente, após concluir seu relatório.

A Capitã faz um sinal afirmativo com a cabeça.

— Bom trabalho, Cabe, como sempre. — Ela volta-se para Janie.

— Janie. Uma comunicação a ser feita. Você não é nossa contratada e não lhe pedimos que ajudasse nesta investigação. Você não tem obrigação alguma de nos contar o que aconteceu antes que ralasse o rosto em nosso adorável carrinho de café de merda, que vou jogar no lixo logo depois desta reunião. Mas, se assim desejar, e sentir que tem algo pertinente a ser acrescentado, sinta-se à vontade em dizê-lo.

Ela rabisca algo em um bloco de papel e o coloca no bolso, e depois continua.

— Cabel soa um pouco perturbado por não termos a localização da droga. Pessoalmente eu gostaria de ter esta informação, de modo que consigamos a sentença máxima. Existe qualquer possibilidade de você ter captado algo assim? — ela ri por dentro com seu próprio trocadilho. — Sem pressa, querida.

Janie, agora pensando com mais clareza, analisa mentalmente o pesadelo do Sr. Wilder. Fecha os olhos e balança a cabeça, confusa. Depois, olha para cima.

— Pode soar bobo, mas os Wilders têm um iate?

— Sim — Cabel responde lentamente. — Está guardado em algum lugar para o inverno. Por quê?

Ela fica em silêncio por um bom tempo. Não confia cem por cento em sua intuição para falar, mesmo sabendo que não tem nada a perder.

— Coletes salva-vidas cor de laranja? — diz ela, hesitante.

A Capitã inclina-se para a frente, intrigada, e a voz dela soa menos grossa do que de costume.

— Não tenha medo de estar errada, Janie. Uma pista é uma pista. A maior parte delas dá errado, mas nenhum crime é resolvido sem elas.

Janie concorda com a cabeça.

— Pouparei vocês do sonho infinito a menos que desejem ouvir tudo. Mas a parte principal que se destaca na minha memória e ficava repetindo é essa:

— Estamos em um iate, em um belo dia de sol no oceano. Ao longe, algo que parece uma maravilhosa ilha tropical, e o Sr. Wilder está indo na direção dela. A Sra. Wilder está tomando banho de sol no deque do iate — na parte da frente, sabe? E então, de repente, o tempo fica nublado e com vento, e uma tempestade, atinge o barco, batendo com força nele, quero dizer, com bastante força, como um furacão, com vento...

Ela faz uma pausa, fecha os olhos e está no sonho.

— E o Sr. Wilder está ficando bem nervoso, porque toda vez que ele chega perto da encosta dessa ilha, uma daquelas ondas inversas empurra-o mais ao longe. Como naquele filme, em que Tom Hanks é aquele náufrago naquela ilha com sua bola de vôlei de estimação?

Cabe solta uma risadinha.

— Acho que se chama “Náufrago”, Hannagan.

— É... seja lá o que for. Enquanto isso, a Sra. Wilder ainda está sentada no deque, lendo um livro, sem prestar atenção na

tempestade. Estranho, eu sei. Ele a chama para entrar na cabine e pegar os coletes salva-vidas, mas ela não consegue ouvi-lo. Então o iate começa a girar e bate com força no recife, estamos todos voando para dentro d'água. O iate está em pedaços e todas as coisas que estavam dentro da cabine estão flutuando, sendo levadas pelas ondas. A Sra. Wilder está se debatendo e afundando e o Sr. Wilder nada em volta, pegando coisas que estão na água. Ele vê a esposa lutando para sobreviver e pega os coletes salva-vidas, há pelo menos 15 deles flutuando aqui e ali, e ele tem pelo menos oito ou nove pendurados nos braços. Começa a nadar na direção dela...

Janie fecha os olhos e engole em seco. Sua voz está trêmula.

— E eu acho que vai salvá-la...

Cabel morde o lábio.

A Capitã sugere que ela faça uma pausa.

Ela faz que “não” com a mão, tentando não perder a concentração, e continua.

— Ele começa a nadar em direção a ela com coletes salva-vidas. Mas em vez de salvá-la... hum... ele diz: “Você pode apodrecer no inferno, sua cadela velha.” E então nada em direção à margem, com todos aqueles coletes salva-vidas, deixando-a para atrás — Janie respira. — Como se estes coletes fossem a coisa mais importante da vida dele. E...

Ela faz uma pausa.

Continua, com uma voz que soa estranha.

— E os coletes não estão mais flutuando — estão sendo carregados pela água. Afundando. Puxando-o para baixo. Para baixo. E ele não solta deles.

Janie abre os olhos e dirige um olhar solene à Capitã.

— Acho que os pacotes que vocês estão procurando poderiam estar costurados dentro dos coletes salva-vidas, senhor.

A Capitã já está fazendo um telefonema, tentando arrumar um mandado de busca e apreensão para o iate.

Cabel está totalmente de boca aberta.

A cabeça de Janie lateja.

— Você teria um Excedrin^[17]? — ela pede baixinho.

10h30

Janie e Cabel sentam-se para fazer a prova de Matemática.

10h55

Janie, morrendo de sede, com lágrimas salgadas escorrendo em silêncio por suas bochechas, fecha sua folha de prova que está em branco, levanta-se, entrega-a e sai da sala de aula, com todos os olhos fixos nela enquanto vai embora. Cabel rabisca mais algumas respostas, espera uns minutos, e entrega a dele também. A princípio, procura por Janie no estacionamento, e, vendo o carro dela ser lentamente coberto pela nevasca, dá um suspiro de alívio por ela não estar dirigindo em meio a essa confusão. Ele volta para dentro da escola e procura nas salas.

Encontra-a, finalmente, desmaiada em sua mesa na biblioteca vazia.

Pega-a.

Leva-a para o pronto-socorro.

No caminho, liga para a Capitã. Conta a ela o que está acontecendo. Sugere que talvez não seja uma boa hora para Janie ficar presa nos sonhos de visitantes aleatórios de um hospital.

Quando eles chegam ao pronto-socorro, são levados a um quarto particular. Cabel sorri.

— Eu amo este emprego — ele murmura.

Janie está desidratada. Isso é tudo.

Eles dão a ela soro intravenoso e então Cabel a leva para a casa dele. Janie dorme por um bom tempo. Ele dorme também, no sofá.

Ela põe a culpa no mar salgado.

[17] Remédio para dor de cabeça de uso comum nos Estados Unidos. (N. T.)

GLÓRIA E ESPERANÇA

16 de dezembro de 2005, 4h30

Cabel e Janie estão sentados na sala da Capitã.

A Capitã entra.

Fecha a porta.

Senta-se atrás de sua mesa e toma um golinho de café. Cruza as pernas. Reclina-se na cadeira e olha para os dois adolescentes.

— Conseguimos — ela comemora. Sorri e depois solta uma gargalhada como se tivesse ganho na loteria.

E empurra um envelope para Janie.

Dentro:

um contrato

uma oferta de bolsa de estudos

um cheque-salário

— Leia até o fim. Diga-me se estiver interessada — diz a Capitã. E faz uma pausa.

— Bom trabalho, Janie.

25 de dezembro de 2005, 23h19

Janie rouba o último restinho de cobertura do bolo no Asilo Heather, faz uma espécie de *via crúcis*, dizendo, sem falar nada, “adeus” aos residentes que estão dormindo, e dá um abraço de gratidão na diretora. Ela pega um balão vermelho da mesa do bolo, vira-se e sai porta afora pela última vez, agora lentamente, atravessando o estacionamento, chegando até sua Ethel.

Dirige até sua casa e corre a toda velocidade pela neve até a casa dele.

Abre a porta.

Entra sorrateiramente.

Ele está esperando, em seu sono, por ela.

Ela desliza pelas sombras até ir de encontro ao corpo dele. Beija o ombro dele. Ele pega a mão dela. Entrelaça seus dedos nos dela. Prende-os com firmeza.

E eles apagam de sono, conectados pelos dedos. Observando-se, juntos.

Ela apanhando os sonhos dele.

Mas espere, tem mais!

Lisa Mcmann apresenta Janie — do modo como Cabel a vê...

— Boa sorte — ele fala, em tom seco.

Cabel Strumheller abre caminho entre seus colegas de classe, deixando-os para trás e sai do ônibus, entrando em seguida no hotel em Stratford, Canadá. Furioso. Ainda tremendo um pouco. Olhando para o chão, não desejando olhar nem por acaso para ela, para ver se estava vindo.

Ele segue direto até seu quarto e cai na cama, com os olhos fixos no teto. Três outros caras vão entrando. Ficam procurando alguma coisa por alguns minutos, mas Cabe mal olha para eles, mal nota a presença deles. Eles também nem conversam com Cabel. Que novidade!

Quando seus colegas de quarto vão embora, para assistir à primeira peça, Cabel se vira na cama do hotel, para pensar nas coisas.

Sobre Janie Hannagan, e sobre o que aconteceu no ônibus nas últimas quatro horas.

Sobre o que diabos há de errado com ela, e como Janie conseguiu entrar em seu sonho.

Ele soca o travesseiro com o punho cerrado. Não consegue fazer com que o pesadelo acabe.

Cabel está parado, em pé, nos degraus da porta dos fundos de sua casa, com a mão na maçaneta da porta aberta, olhando para dentro. Então ele bate com força a porta, fechando-a, e avança pela grama amarela e seca. Seu pai surge como se fosse uma rajada de vento, atrás dele, ficando parado na soleira, com uma cerveja e um cigarro em uma das mãos, e uma lata de fluido de isqueiro na outra. Seu pai grita e Cabel se vira, assustado. Fica paralisado quando seu pai se aproxima. O homem borrifa as roupas de Cabel com o fluido de isqueiro.

Coloca fogo em Cabe.

Cabel cai no chão e rola, em chamas, gritando com a dor causticante atravessando-lhe o corpo, o fogo criando bolhas em sua pele. E então, com um furioso rugido, transforma-se em um monstro

enorme com facas no lugar dos dedos e lança-se em direção ao pai com um único propósito em mente.

Matá-lo.

É assim que começa — o pesadelo que Cabe tem há anos. Assim, ou alguma variante disso. O pesadelo muda um pouquinho a cada vez. Cabel não consegue imaginar um pesadelo pior que aquele.

Mas não é nem mesmo esta a parte que o está incomodando. Não neste momento. Ele havia se livrado de todas aquelas emoções, muito obrigado! Com aquele pesadelo ele consegue lidar.

Mas o que aconteceu no ônibus? Aquilo era simplesmente uma loucura. Porque dessa vez, dormindo ao lado de Janie, ele realmente viu a si mesmo tendo o pesadelo. Como se fosse um observador do sonho de outra pessoa.

E Janie estava lá, também, atrás do barracão, no quintal com Cabel.

Observando.

Vendo o sonho dele se desenrolar, como se estivessem bem ali, naquele sonho.

E então, depois disso, quando ele acordou, vendo o choque estampado também no rosto dela — foi como uma confissão, e Janie não tentou negar o que houve.

Ele a conhece. Sabe onde ela mora. Casualmente, não como um esquisito perseguidor, assediador ou algo do gênero. Pegavam o ônibus juntos desde o ensino médio, na época em que Cabe estava um ano à frente dela na escola. Antes de o pai de Cabe ter arruinado sua vida.

Mas Cabe não quer pensar nisso agora. Não tem vontade de pensar no pai nunca mais. Aquilo já era. Ele já era.

Ainda assim, o pesadelo que teve no ônibus está recente. Ele achava que não sonhava mais com isso. Mas agora sabe que sim.

E não é só ele que tem conhecimento disso.

O homem monstro ruge e corre para longe da casa, em direção ao barracão. Há uma garota lá atrás. Janie. A garota com quem ele sempre sonha.

O monstro ruge. Ele a vê.

Ela faz um gemido agudo e fecha os olhos, com as costas pressionadas contra o barracão, como se estivesse tentando se fundir com a parede.

E então o monstro se transforma, voltando a ser Cabel. Ele olha para a garota, sentindo muito, lamentando demais por assustá-la. Desejando que ela o veja como ninguém mais o faz. O cara que ninguém conhece de verdade. Quando ela abre os olhos e o vê, dá um passo na direção dele.

Ele toca no rosto dela.

Inclina-se para a frente.

Beija-a.

Ela corresponde ao beijo.

— Argh — diz ele — lembrando-se de como termina o pesadelo. Aperta os olhos até que se fechem, tentando entender o que aconteceu. Tentando entender como Janie Hannagan conseguiu ver tudo aquilo.

— Ela é uma aberração — ele fala lentamente. — Psicótica. E se for alienígena? — Cabe balança a cabeça, afastando esta última ideia. Já viu bastante coisa esquisita para saber que bizarrices realmente acontecem. Não tem muita coisa que o surpreenda. E depois do que viu, achar que Janie poderia ser uma alienígena ou, no mínimo, médium, não é tanta viagem assim. Será que é perigosa? Ele acha que ela pode ser.

Sente a paranoia aproximando-se, e deixa-a tomar conta dele completamente. Ela estava espionando? Há quanto tempo sabe que ele sonha com estas coisas tão horríveis? Ela sabe que ele sonha com ela? É constrangedor. E agora, é bem possível que depois de horas viajando juntos naquela maldita noite ela conheça os sonhos e pesadelos de metade das pessoas naquele ônibus.

Mas por que eles não têm consciência da presença dela nos sonhos deles e com ele ocorre o contrário? Por que os outros não a estão confrontando?

Está ele apenas imaginando isso tudo?

Não consegue decifrar esse enigma.

Ele a viu naquele ônibus. Durante horas, como que “ligando” e “desligando”, a tremedeira. Sem controle algum, como uma

convulsão atrás da outra. Ela havia implorado a ele para não falar nada, fez com que jurasse que não iria buscar ajuda, e não contaria a ninguém, não importando quantas vezes isso viesse a acontecer. Ele viu como Janie ficou fraca demais até para pegar comida, quando pararam no McDonalds. Observou-a, sentindo-se impotente. A aparência dela estava terrível. Alguém se submeteria àquilo de propósito?

Mas ela invadiu a psique dele, aonde nenhuma outra pessoa jamais deveria ir. Aonde ele não quer que ninguém vá. E é assustador. O que ela é?

Ele não se sentia tão vulnerável assim fazia um bom tempo.

Cabel balança a cabeça de um lado para o outro.

Pensa na primeira vez em que ela o notou no ponto de ônibus da vizinhança, no primeiro dia de aula dos calouros. Foi engraçado na época — eles pegavam o mesmo ônibus durante anos, mas nunca havia visto Janie lançar nem um olhar de relance na direção dele.

Ouviu o que Carrie Brandt havia dito a Janie na época, enquanto esperavam o ônibus chegar. “Ooolha! É o seu namorado.” E Carrie riu. Deus, aquilo foi constrangedor. Janie mandou Carrie ficar quieta, mas depois começou a rir também.

Cabe sentou-se atrás delas no ônibus a caminho da escola naquele dia. Fingiu que estava dormindo, para que pudesse ouvir o que diziam. Caso fossem tirar mais um pouco de sarro da cara dele.

Mas elas não fizeram isso.

Não Janie. Nunca mais.

Ele apanhou o olhar de Janie uma ou duas vezes depois daquilo e ela não o desviou, com desgosto, nem nada do gênero. Mas não se falavam.

Quando o baile de *homecoming* aproximou-se, passou rapidamente pela cabeça de Cabe convidá-la. Ah-ha! Tá, certo. De jeito nenhum ela iria ao baile com ele. Ele era um perfeito perdedor. O único grupo que o aceitava eram os góticos. E eles aceitavam qualquer um.

Ele quase nem foi ao baile, mas os caras iam, então, que inferno, ele iria também, certo? Nunca nem mesmo entrou no

ginásio esportivo.

Ele simplesmente ficou do lado de fora, da porta dos fundos, fumando e pensando em como parar de fumar, agora que estava descobrindo o que fazer da vida. Imaginando se Janie estaria lá dentro.

Quando a porta praticamente se escancarou, com força, ninguém teve tempo pra reagir. A maçaneta atingiu-lhe o saco antes que pudesse pôr o pé na frente para impedi-la. Ficou sem ar por um minuto. Morrendo de dor. Os amigos riram dele. Por que não? Era engraçado pra eles, Cabel imaginou.

Mas os olhos dele ficaram grudados enquanto Janie saía de lá como se estivesse em uma missão na noite escura e fresquinha, descendo pela mesma rua que Cabe pegou dezenas de vezes, toda vez que perdia o ônibus.

Ela caminhava trôpega com os saltos altos, como se nunca os tivesse usado na vida. Era um longo caminho até em casa, e não muito agradável — estava ficando frio e quanto mais longe ficava da escola, pior a vizinhança. Assim que Cabe conseguiu respirar novamente, olhou para seu skate. Talvez agora tivesse sua chance. Arrumou o gorro e jogou sua franja um pouco para dentro dele para que pudesse enxergar. Acendeu outro cigarro e fumou lentamente, com os dedos tremendo um pouco.

— Você vai atrás dela? — perguntou um dos caras, Jake.

— Talvez — Cabe respondeu tranquilo. Deu uma outra tragada no cigarro e exalou a fumaça lentamente, esmagando depois a bituca com o sapato. Pegou seu skate. — É.

— Vou indo nessa — um outro cara falou. — Toque de recolher.

— Eu também — disse um outro.

Cabe respirou fundo e fez uma careta na escuridão.

— Como quiserem.

Antes que pudessem fazê-lo mudar de ideia, Cabel já tinha enfiado o skate debaixo do braço e estava pronto para ir atrás dela.

Passaram-se vários minutos até que conseguiu acompanhar os passos dela, e, por uns momentos, achou que a tinha perdido de vista. Janie já havia abandonado os saltos altos, mas a vizinhança já

se aproximava do ponto em que ficava à beira da deterioração, no lado podre da cidade, onde tanto Cabel quanto Janie moravam.

Ele viu a tensão dela aumentar quando os três se aproximaram. Os dois caras largaram seus skates no chão e ela ficou paralisada. Cabel praguejou baixinho. Não era a intenção assustá-la.

— Droga! — ela falou. Reconhecendo-o. Ainda bem que era ele! — Isso, mate uma garota de susto, por que não? — ela parecia bem irritada.

Cabe encolheu os ombros. Por fora, parecia de boa, por dentro, era uma confusão só. Seu estômago estava do avesso. Que diabos estou fazendo? Mas agora era tarde demais para voltar atrás. Tentava desesperadamente pensar em algo a dizer. Os outros caras andaram com seus skates um pouco mais para frente afastando-se deles.

— Longa caminhada — ele disse. Encolheu-se de vergonha quando percebeu o quanto idiota foi seu comentário. — Você, ahm... — a voz dele sai cortada — está bem?

— Ótima — ela respondeu, escolhendo a palavra. — Você?

Cabel engoliu em seco. Respirou fundo. Não tinha a mínima ideia do que faria em seguida. Mas mal conseguia suportar o fato de vê-la andando com os pés descalços. Ela já estava mancando.

— Sobe aqui — ele mostrou, e colocou o skate no chão. Pegou os sapatos de Janie das mãos dela. — Vai acabar detonando seus pés. Tem vidro e todo tipo de merda pelo chão.

Janie ficou parada. Olhou para ele. E Cabel conseguiu ver algo no rosto de menina-difícil. Vulnerabilidade ou algo assim. Fez com que ele sentisse um frio na barriga.

— Nem sei como — disse ela.

Ele abriu um largo sorriso então. Aliviado. Ela não o mandou pastar. Definitivamente um passo no caminho certo.

— É só ficar em pé. Curve-se. Mantenha o equilíbrio — ele falou. — Vou empurrar você.

E, depois de ficar encarando-o por um longo minuto, ela fez o que ele havia dito. Inacreditável. Ele colocou a mão gentilmente nas pequenas costas dela, na esperança de que não tivesse problema algum nisso, mas não que fosse perguntar. Empurrou-a e, depois de

hesitar algumas vezes, ela descobriu como ficar em pé no skate sem cair e como incliná-lo para que fosse na direção que ela queria, enquanto ele a empurrava, atravessando as ruas podres do lado sul de Fieldridge.

Não se sentia, assim, bem com ele mesmo fazia um bom tempo. E mesmo que não conseguisse pensar em nada para dizer, estava tudo bem, lá, naquela escuridão. Os dois, desajeitados, em silêncio. O calor das costas dela nas mãos dele na noite gelada. O fato de que confiou nele. De que não estava com medo. De que não saiu correndo e gritando. Oh, Deus, ela deixou-o encostar nela!

Inacreditável.

Ele mal notou quando os outros caras foram embora, cada um para sua respectiva casa. Era tudo que podia fazer, para manter sua concentração e desviar das pedras e dos vidros.

Quando ele a empurrou pela entrada de carros da casa dela até a soleira da porta, sabia que era o fim. Até então, pelo menos. Mas era o suficiente, por hora. Havia esperança.

Janie saltou do skate e abriu a porta de tela.

Ele colocou os sapatos dela na soleira, hesitou por um instante, então pegou seu skate e a deixou lá, sem dizer nada. Apenas um aceno de cabeça. Totalmente perdido.

Ele estava na estrada quando ouviu: — Obrigada, Cabel — a voz dela era fina e macia no ar. — Isso foi meigo.

Maldita música aquilo era. O suficiente para fazer um cara ficar um pouco louco por dentro.

Cabel pensa muito naquele dia.

Senta-se na cama do hotel e então entra no banheiro. Joga água no rosto e curva-se sobre a pia, com a cabeça encostada no espelho, pensando. Pensando em como, na época, ele não tinha a mínima ideia de como esse lance ia ficar complicado.

15h13

Enquanto o restante dos veteranos da Fieldridge High estão no teatro vendo Camelot, Cabel fica andando sem rumo no hotel,

depois acaba saindo e entra no shopping mais perto dali. Decide ver um filme — é uma escolha difícil entre “Capote” e “A volta dos mortos-vivos 5”, mas depois do pesadelo no ônibus, filme de terror não é uma boa.

Ele pega o jantar na praça de alimentação do shopping e fica andando por perto da loja de música, até que é chutado dali, por parecer um adolescente suspeito. Qual é a dos adultos, hein? Eles ficam tão assustados e cheios de suspeitas o tempo todo. *Inferno*, Cabe pensa, *estamos apenas tentando nos virar, que nem eles*.

Ele caminha até a loja de livros Chapters e dá uma olhada na seção de ficção científica e de fantasia. Pensa que esse lance com Janie e os pesadelos parece algo saído de alguma história daquelas.

E então ele faz uma pausa.

Olha nos arredores da loja e vai até a seção de autoajuda.

Quando vê uma prateleira de livros sobre sonhos, pega alguns, acha uma cadeira e se ajeita nela. Passam-se horas enquanto ele lê, estuda. Fascinado. Na hora em que a loja ia fechar, Cabel compra os livros. Caminha naquela escuridão de volta ao hotel.

Ele finge que está dormindo quando os caras chegam do teatro depois das onze. Não quer responder a pergunta nenhuma sobre onde esteve o dia todo. Além disso, está com a cabeça cheia. Está exausto e ainda confuso. Perturbado. Mas sua raiva está começando a sumir.

Não parece que Janie consiga evitar esse lance, ou ela teria tentado escondê-lo no ônibus. Seja lá como for, esta é a conclusão a que chega.

Ele pega no sono.

15 de outubro de 2005, 4h03

Cabel está em um shopping. No pátio central, há um quiosque com uma fila não muito longa de pessoas. Ele entra na fila, atrás dos outros. Vê uma caixa gigantesca de madeira no chão. Duas pessoas pulam para dentro dela e deitam-se. O vendedor que cuida

do quiosque fecha a tampa com eles lá dentro e então aperta um botão. A caixa desce lentamente, entrando no chão, enquanto o pessoal que está na fila observa em silêncio.

— O que está acontecendo? — Cabel sussurra para a pessoa que está na frente dele.

— É um jogo — a garota responde. Ela se vira e Cabel percebe que é Janie.

— Como uma espécie de viagem virtual?

— Tipo isso aí.

Cabel encolhe os ombros e observa. A caixa vem à tona novamente e a tampa é aberta. Apenas uma pessoa sai de lá — uma mulher soluçando, aos prantos. Ela aponta para a caixa e grita: —Ele está morto!

Os paramédicos aparecem lá imediatamente. Recolhem o homem morto, e o funcionário do quiosque faz um sinal para a próxima pessoa na fila entrar na caixa.

— Isso não é legal — diz Cabel a Janie.

— É o que é — Janie retruca.

O próximo casal desce e quando surgem de volta na superfície, o homem sai. Está aos prantos, soluçando, apontando para ela.

— Está morta! — ele grita. As pessoas precisam ajudá-lo a caminhar e sair dali.

Cabel está suando agora.

— Venha, Janie — ele diz. —Vamos embora.

— Não podemos — responde ela. — Se você entra na fila, tem de ficar para a tal viagem. Vê? — ela aponta para uma placa em que está escrito exatamente o que ela falou.

Logo será a vez deles.

— Por favor, Janie — Cabel suplica. — Vamos! Podemos simplesmente ir embora. Não vê o que está acontecendo?

— Não podemos controlar o que está acontecendo, Cabel — ela fala. Olha para ele com pesar. — Não tem como controlar isso. É o que é.

O funcionário do quiosque faz um sinal para que Janie e Cabel entrem na caixa. De perto, Cabel pode ver que ela está forrada, como se fosse um caixão.

— Não, Janie... não! Não temos de fazer isso!

Janie olha para Cabel com tristeza. Hesita e então diz:

— Tá certo. Você fica. Eu vou. — E, em seguida, aperta a mão de Cabel, passa as pontas dos dedos na bochecha dele. Dá um sorriso triste, meio torto.

Cabel observa-a entrando no caixão.

— Espere! O que vai acontecer? — Mas ele já sabe.

Janie acena com a mão.

— Tá tudo bem — ela responde, sincera. — Teria sido eu de qualquer forma.

O funcionário do quiosque fecha a tampa com Janie lá dentro.

Cabel está desesperado, vendo a caixa ser baixada.

— Pare! — ele grita. — Me deixe entrar!

Mas é tarde demais. Cabel lança-se em direção à caixa enquanto ela vai desaparecendo no chão. Cabel cai no piso frio, incapaz de falar, gritar ou chorar. Por fim, ele diz:

— Covarde! — *a si mesmo* com a voz engasgada. — Janie, não! Volte! Sinto muito!

A espera é eterna, mas finalmente a caixa retorna à superfície. A tampa é aberta.

Janie está morta...

Cabel rola para o outro lado na cama.

— Não — ele sussurra.

4h55

Ele senta.

— Nossa! — diz, agora acordado. Olha para o relógio, desorientado. Esquece por um momento onde está. Os outros caras no quarto estão dormindo profundamente. Cabel respira fundo e arruma de novo o travesseiro. Sente seu coração disparado ainda. Diz a si mesmo para ficar calmo e, depois de um tempinho, consegue. Mas não consegue voltar a dormir. Finalmente, acaba apagando, novamente nervoso.

8h24

Cabe ignora os outros que estão se arrumando para uma sessão final de Shakespeare antes de todos retornarem para a Fieldridge High. Quando eles saem, Cabel toma um banho demorado e lentamente se arruma, preparando-se para o dia. Pensando. Pensando em Janie. No sonho. Em todo tipo de coisa e em como elas se relacionam com sua vida... e com a de Janie, provavelmente. Vergonha. Decepção. Solidão.

Ele puxa a coberta e senta-se sobre ela, tentando decifrar Janie. E sabendo que mesmo que não consiga, precisa saber o que houve... e o que poderia vir a acontecer. Não tem como simplesmente deixá-la ir embora e não falar nada, como na noite do skate. De jeito nenhum ele conseguiria olhar para ela de novo sem exigir respostas.

11h31

Cabe sai da cama num salto, faminto, com uma resolução em mente e pega sua jaqueta. Enfia os sapatos. Pensa no que Janie deve estar passando agorinha mesmo, neste minuto. Imagina se ela não viu a peça da manhã para tentar tirar o atraso do sono. Imagina-a presa em um quarto com três outras garotas e os sonhos coletivos a noite toda. Tem certeza de que Janie, neste momento, realmente precisa de comida

E... bem.

A comida não vai surgir do nada.

Ainda acordado?
Tem mais!

F A D E

O segundo livro da trilogia *Wake*

Janie sonha em preto e branco.

Ela está descendo a rua Center no crepúsculo. O tempo está fresco e chuvoso. Janie já esteve lá antes, embora não saiba que cidade é. Animada, olha pelos arredores, na esquina perto da loja de armarinho, mas não há nenhum jovem casal passeando de braços dados por lá.

— Estou aqui, Janie — são as palavras ditas por uma voz suave que surge por trás dela. — Venha se sentar aqui comigo.

Janie vira-se e vê a senhorita Stubin sentada em sua cadeira de rodas próxima a um banco do parque, mais adiante na rua.

— Senhorita Stubin?

A senhora idosa e cega sorri.

— Ah, bom. Fran lhe entregou minhas anotações. Venho esperando por você.

Janie senta-se no banco do parque, com o coração quase saindo pela boca. Sente as lágrimas vindo rapidamente para lhe molhar os olhos, mas, piscando-os, literalmente as afasta.

— É bom vê-la de novo, senhorita Stubin — Janie coloca sua mão nos dedos retorcidos da senhorita Stubin.

— Sim, aí está você! — A senhorita Stubin sorri. — Vamos seguir em frente com isso então?

Janie está perplexa.

— Seguir em frente com o quê?

— Se você está aqui, então deve ter concordado em trabalhar com a Capitã Komisky, como eu fiz.

— A Capitã sabe que estou tendo este sonho? — Janie está confusa.

A senhorita Stubin dá umas risadinhas.

— É claro que não! Você pode contar a ela, se assim o desejar. Se o fizer, mande-lhe meu apreço do fundo do meu coração. Mas estou aqui para cumprir uma promessa que fiz a mim mesma. Estar disponível para você, como esteve aquela que me ensinou até que eu estivesse totalmente preparada, com plena ciência de qual era

meu propósito na vida. Estou aqui para ajudá-la até que não precise mais de mim.

Janie arregala os olhos. *Não!* ela pensa, mas não diz. Espera que não precisar da senhorita Stubin ainda leve um bom tempo.

— Vamos nos encontrar aqui, de vez em quando, enquanto você analisa meus arquivos de casos. Quando tiver perguntas sobre minhas anotações, volte aqui. Confio que vá saber como me encontrar de novo, não vai?

Os olhos de Janie se arregalam.

— A senhora quer dizer, vir para este sonho de novo?

A senhorita Stubin assente com a cabeça.

— Acho que consigo fazer isso sim. Estou meio sem prática — Janie fala com uma voz tímida.

— Sei que você consegue, Janie — os dedos curvados da velha senhora envolvem levemente a mão de Janie, apertando-a um pouquinho. — A Capitã passou-lhe uma tarefa?

— Sim... achamos que há na Fieldridge High um professor que é um predador sexual.

A senhorita Stubin suspira.

— Difícil. Seja cuidadosa. E criativa — pode ser delicado encontrar os sonhos certos. Mantenha sua força. Esteja preparada para todas as oportunidades de buscar a verdade. Sonhos ocorrem nos lugares mais estranhos. Fique de olho nisso.

— Eu... eu farei isso — Janie responde com suavidade na voz.

A senhorita Stubin pende a cabeça para o lado.

— Devo ir agora. — Ela sorri e desaparece, deixando Janie sozinha no banco do parque.

2h27

Os olhos de Janie ficam trêmulos e abrem-se. Ela olha fixamente para o teto no escuro e então acende seu abajur.

Rabisca o que sonhou em seu caderno. Uau, ela pensa. *Legal.*

Solta um largo sorriso sonolento enquanto apaga a luz e vira-se para o outro lado, voltando a dormir.

Bestseller do THE NEW YORK TIMES

FADE

DESVANECER



LISA McMANN



LISA McMANN

FADE

D E S V A N E C E R

Livro 2



São PAULO 2010

Fade

Copyright © 2009 by Lisa McMann

Published by arrangement with Simon Pulse, an Imprint of Simon & Schuster Childrens Publishing Division. No part of this book may be reproduced or transmitted in any form or any means, electronic or mechanical, including photocopying, recording or by any information storage and retrieval system, without permission in writing from the Publisher.

Copyright © 2010 by Novo Século Editora Ltda.

Alli rights reserved.

PRODUÇÃO EDITORIAL Equipe Novo Século COMPOSIÇÃO DE CAPA Equipe Novo Século

PROJETO GRÁFICO Equipe Novo Século DIAGRAMAÇÃO Diego Cortez PREPARAÇÃO Catia Almeida REVISÃO Patrícia Murari

Larissa Wostog Ono

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

McMann, Lisa

Fade: desvanecer: livro 2 / Lisa McMann; [tradução Ana Death]. — Osasco, SP: Novo Século Editora, 2010. — (Coleção trilogia wake)

Título original: Fade.

I. Ficção — Literatura juvenil I. Título.

II. Série.

10-08442

CDD-028. 5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura juvenil 028. 5

2010 IMPRESSO NO BRASIL PRINTED IN BRAZIL

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À Novo SÉCULO EDITORA.

Rua Aurora Soares Barbosa, 405 — 2^o andar CEP 06023-010 — Osasco — SP

Tel.: (11) 3699-7107 — Fax: (11) 3699-7323 www.novoseculo.com.br

atendimentoOnovoseculo.com.br

Digitalização e Revisão: Yuna (Toca Digital)

Para Matt, Kilian e Kennedy

UM NOVO ANO

1° de janeiro de 2006, 1h31

Janie atravessa correndo os quintais de duas ruas repletas de neve e se esgueira, sem fazer barulho, pela porta da frente de sua casa.

E então.

Tudo fica preto.

Ela põe as mãos na cabeça, amaldiçoando sua mãe baixinho, enquanto um caleidoscópio de cores rodopiantes se forma e a deixa sem equilíbrio. Ela bate violentamente na parede e encontra forças para se manter em pé e, logo em seguida, começa a se abaixar até o chão, sem nada enxergar, enquanto seus dedos adormecem. A última coisa de que precisa é abrir uma enorme rachadura na cabeça. De novo.

Está muito cansada para lutar com isso agora. Cansada demais para sair dessa. Ela se ajeita com a bochecha colada ao piso frio. Reúne forças para conseguir se livrar disso depois, caso o sonho não acabe rápido.

Respira.

Observa.

1h32

É o mesmo velho sonho que a mãe de Janie sempre tem. Aquele em que é muito mais jovem, muito mais feliz, no qual está voando por um túnel psicodélico de luzes coloridas que piscam e giram, de mãos dadas com o hippie com cara de Jesus Cristo. Os óculos de sol que usa refletem as faixas estonteantes, dificultando ainda mais que Janie consiga pôr um fim à vertigem.

Esse sonho sempre faz com que ela tenha vontade de vomitar.

Por falar nisso, o que a idiota da sua mãe faz dormindo na sala de estar?

Mas Janie está curiosa. Tenta se concentrar. Espreita o homem no sonho enquanto flutua sobre o par distraído. A mãe de Janie poderia vê-la, era só olhar. Mas ela nunca faz isso.

O homem não pode vê-la, é claro. Não é o sonho dele. Janie gostaria de poder tirar os óculos de sol dele. Ela quer ver seu rosto. Imagina se os olhos do homem são castanhos como os dela. Porém, Janie nunca consegue fixar sua atenção em um local por muito tempo, com todas as cores rodopiantes.

O sonho muda abruptamente.

Vira um sonho amargurado.

O hippie desaparece, e a mãe de Janie está em pé, parada, em uma fila de pessoas que parece ter quilômetros de tão longa. Os ombros dela estão curvados para a frente, em sinal de exaustão, como as finas páginas de um livro que já foi lido várias vezes.

O rosto dela está carrancudo, imóvel. A expressão da raiva.

Ela está segurando...

embalando...

um bebê com o rosto vermelho, que grita.

Isso de novo não. Janie não quer ver mais nada... ela odeia essa parte. Odeia! Faz um tremendo esforço e se concentra. Muito. Geme por dentro. E consegue arrancar-se de dentro do sonho da mãe.

Exausta.

1h51

A visão de Janie volta lentamente. Ela treme, suando frio e flexionando os dedos, que doem, feliz porque parece que nunca é sugada de volta para um sonho do qual conseguiu se livrar. Pelo menos até agora.

Esforça-se para ficar em pé, enquanto sua mãe ronca no sofá, e caminha, tremendo, até o banheiro, sentindo o estômago do avesso. Tenta vomitar e acaba conseguindo, depois tenta, meio apática, escovar os dentes. Ao entrar em seu quarto, Janie fecha a porta com força e firmeza.

Cai na cama como uma massa inerte.

Depois da experiência difícil do mês passado, com o lance da *blitz* das drogas, Janie sabe que tem de reunir suas forças ou os sonhos vão dominar sua vida de novo.

Naquela noite, Janie tem seus próprios sonhos malditos com oceanos revoltos, furacões e coletes salva-vidas, que afundam como se fossem pedras.

11H44

Janie acorda com os raios do sol entrando em seu quarto. Está faminta e sonhando agora com comida. Sentindo o cheiro da comida.

— Cabe? — murmura, com os olhos fechados.

— Hei. Fui entrando — ele se senta ao lado dela na cama, afastando com os dedos os cabelos enrolados que ela tinha no rosto. — Noite difícil, Hannagan? Ou ainda está se recuperando?

— Arf! — ela vira para o lado. Vê o prato com os ovos e a torrada, quentinhos, soltando até vapor. Abre um sorriso tão grande quanto o oceano e vai para cima da comida com tudo. — Você... é o melhor namorado secreto no mundo!

TAREFAS E SEGREDOS

2 de janeiro de 2006, 11h54

É o último dia das férias de inverno.

Janie e Cabel estão sentados no quarto extra da casa de Cabel — a sala do computador dando uma olhada no site da escola para ver as notas das provas do primeiro semestre.

É bom Cabel ter dois laptops. Ou poderia haver uma tremenda briga quando as notas fossem divulgadas no site, ao meio-dia. Mas a quem eles querem enganar? Poderiam rolar no chão e engalfinhar-se, mesmo assim.

Janie está nervosa.

Ela entregou uma folha de prova de matemática em branco, depois da *blitz* para apreensão de drogas, há poucas semanas. Tinha uma boa desculpa... afinal, ainda havia sangue em sua blusa de moletom. E o professor deu a ela uma segunda chance. O péssimo é que essa nova chance foi no dia seguinte a uma noite difícil, pulando de sonho em sonho, no baile-maratona de caridade para coletar fundos na Fieldridge High. Também foi ruim demais; era como estar numa prisão. Sem ter como fugir.

Janie e Cabe poderiam ter pulado toda a parte da dança, se pudessem, mas nem dava. Estavam a serviço.

Disfarçados.

Ordens da Capitã.

— Estamos atrás de qualquer um que sonhe com professores, Janie — a Capitã disse. — Ou quaisquer professores que estejam sonhando com alunos.

Janie achou aquilo estranho e ficou intrigada.

— Algo específico? — perguntou.

— Não no momento — disse a Capitã. — Depois do Ano-Novo vou lhe passar mais detalhes, quando tivermos colocado as coisas em ordem. Por ora, só faça anotações sobre tudo relacionado a professor/aluno.

Para Janie, o problema não é ficar acordada a noite inteira. Ficar saltando de um sonho para outro é o que lhe consome. E, depois de passar seis horas em seu esconderijo debaixo da arquibancada dos torcedores, presa nos sonhos de outras pessoas, estava totalmente esgotada.

É claro que Cabel também estava no baile-maratona, entregando furtivamente para Janie leite e barrinhas de proteína (que ela acabou comendo, em vez dos Snickers, com relutância), mas eram sonhos férteis, para dizer o mínimo.

Péssimo não ter captado nada importante. Nada relacionado a professor/aluno. Apenas coisas entre alunos, para a decepção de Janie.

E quando Luke Drake, o astro receptor do time de futebol americano da Fieldridge, chegou totalmente chapado naquele baile-prisão e caiu no sono nas esteiras de ginástica, Janie gritou *Chega!*

— Cabe — disse ela, ofegante, entre um sonho e outro —, acorde aquele infeliz e não o deixe dormir de novo. Não, não aguento aquilo!

Luke tem uma tendência a sonhar com ele mesmo, e é fato que fica um pouco ultraconfiante quando está pelado. Cabel já viu Luke nos chuveiros da escola, depois da aula de educação física.

— Ele realmente está exagerando em seus sonhos — diz Cabel, quando ouve a descrição feita por Janie.

Cabe pode ou não ter tido mais sucesso em sua empreitada desta noite. Ele é um formador de relações, então, leva mais tempo para ver o resultado de seu trabalho. Ele estabelece relações, cria confiança e tem a excepcional habilidade de fazer com que as pessoas admitam as coisas mais incríveis quando está na escuta. E Janie faz o papel do “Jogo Limpo”. Pelo menos, foi como as coisas rolaram bonito da primeira vez.

Nem é preciso dizer que Janie não tirou nota máxima na segunda prova de matemática. E hoje, o último dia antes de começar o segundo semestre na Fieldridge High, Janie está estressada por causa de suas notas.

E não precisa ficar.

Ela tem uma tremenda bolsa de estudos.

Mas ela é assim, engraçada.

Exatamente ao meio-dia, de acordo com o documento enviado pelo *scanner* da polícia a Cabel, eles fazem o login em seus respectivos computadores e escaneiam suas páginas.

Janie suspira. Sob diferentes circunstâncias, teria sido um “A”. Matemática é a matéria em que ela se sai melhor. O que torna tudo pior.

Cabel está sensibilizado com a situação dela. Nem expressa reação diante de seu boletim repleto de “A” do início ao fim. Sente-se responsável pela primeira queda livre de Janie, de cara no chão, na delegacia, o que a fez ficar no hospital durante a semana de provas.

Fecham simultaneamente seus laptops.

Não que sejam competitivos.

Nem são.

Ok, eles são, sim.

Cabel dá uma espiada de lado em Janie.

Ela desvia o olhar.

Ele muda de assunto.

— Hora de ver a Capitã — diz.

Janie dá uma olhada no relógio e assente com a cabeça.

— Vejo você lá.

Janie sai furtivamente da casa de Cabel e atravessa correndo os quintais de duas pequenas ruas residenciais, até chegar a sua casa. Janie olha para os lados, já dentro de casa, e não vê ninguém, então dá uma espiada no quarto da mãe. Ela está lá, desmaiada, mas viva, com as garrafas espalhadas, como de costume. Ela não está sonhando, ainda bem. Janie fecha a porta com suavidade, apanha as chaves de seu carro e dirige-se para fora, no frio, para ligar o motor de Ethel.

Ethel é o Nova 1977 de Janie. Ela comprou o carro de Stu Gardner, que está saindo com sua melhor amiga, Carrie Brandt, há dois anos. Stu é mecânico. Ele cuidou de Ethel como se fosse um bebê desde os 13 anos, e Janie respeita a tradição. O carro ruge quando liga. Janie dá uns tapinhas no painel, mostrando sua

apreciação. Ethel emite um barulhinho suave agora, quase como um sussurro.

Cabel e Janie chegam separados à delegacia. Estacionam em locais diferentes. Entram no prédio por diferentes portas. E não se encontram de novo até que Janie chega à porta do escritório da Capitã. É importante que ninguém os veja juntos até que o caso das drogas com o pai de Shay Wilder esteja encerrado. De outra forma, seus deveres nesta nova tarefa poderiam ficar comprometidos.

Isso é por causa do trabalho disfarçado de Janie e Cabel como agentes da Narcóticos na Fieldridge High School. Janie está descobrindo que há muita coisa esquisita rolando em sua escola. Mais do que ela poderia ter imaginado algum dia.

Cabel já está lá sentado com a Capitã, quando Janie entra na sala. Ele oferece xícaras de café para as duas. Mexe o café de Janie, depois de tê-lo preparado exatamente do jeito que ela gosta: três porções de creme e três de açúcar.

Ela precisa das calorias.

Por causa de todos os sonhos.

Está finalmente parecendo menos pele e osso, recuperando-se depois do último grande evento.

Antes que mandem, Janie senta.

— É bom vê-la, Hannagan. Você está com uma aparência bem melhor do que da última vez que a vi — comenta a Capitã, com uma voz rouca.

— Também fico feliz de vê-la novamente, senhor — diz Janie à Capitã Fran Komisky. — Posso dizer que a senhora também não está nada mal — fala, ocultando um sorriso.

A Capitã ergue uma sobrancelha.

— Vocês dois vão me irritar hoje, já estou prevendo isso — diz ela. Passa os dedos rapidamente por seus cabelos de tom castanho-acobreado e ajusta sua saia. — Algo a reportar, Strumheller?

— Na verdade não, senhor — Cabel responde. — Só as mesmas conversinhas de sempre. Fazendo as rondas. Tentando saber melhor como agem alguns professores e alunos fora da sala de aula.

A Capitã volta-se para Janie:

— Alguma coisa nos sonhos, Hannagan?

— Nada de útil — responde Janie. Ela sente-se mal.

A Capitã faz um aceno com a cabeça.

— Como eu esperava. Esse vai ser um caso difícil.

— Senhor, se eu puder fazer uma pergunta... — Janie começa a dizer.

— Você quer saber o que está acontecendo.

A Capitã se levanta abruptamente, fecha a porta do escritório e volta para sua mesa, com um olhar sério no rosto.

— No último mês de março, nosso programa escolar Delatores Anônimos de Crimes recebeu um telefonema pela linha direta da Fieldridge High School. Você já ouviu falar desse programa, não? Todas as escolas da área participam dele. Cada uma tem sua linha direta, para que a equipe que cuida das atividades dos delatores de crimes saiba de qual escola vem cada reclamação.

Cabel faz um sinal afirmativo com a cabeça.

— Os alunos podem receber uma recompensa — cinquenta paus, acho —, se relatarem um crime diretamente relacionado às escolas. Foi assim que recebemos a dica das festas com drogas no Hill, Janers.

Janie faz um sinal afirmativo com a cabeça. Ela também tinha ouvido falar disso. Tem o ímã com o telefone do disque denúncia na sua geladeira, como todo mundo na Fieldridge.

— Hei, cinquenta paus é uma graninha! É um programa inteligente!

A Capitã continua:

— De qualquer forma, quem ligou não disse muita coisa. O som da ligação estava muito longe... como se a pessoa não tivesse colocado o fone perto da boca. O telefonema durou uns cinco segundos antes de a pessoa desligar. Aqui está o registro dele. Agora me digam o que conseguem ouvir.

A Capitã pressionou um botão em uma máquina atrás dela. Cabel e Janie fazem um tremendo esforço para decifrar as palavras enroladas. A voz soa bem distante e há uma música tocando ao fundo.

Janie franze a testa e inclina-se para a frente. Cabel balança a cabeça, confuso.

— Poderia tocar de novo?

— Farei isso mais algumas vezes. Concentrem-se no barulho de fundo também. Há outras pessoas falando ao longe.

A Capitã toca a curta mensagem várias vezes. Aumenta e diminui a velocidade da gravação, depois, reduz o barulho de fundo. Por fim, reduz o som da voz de quem ligou até que só reste o barulho de fundo.

— Algum de vocês conseguiu entender alguma coisa? — pergunta a Capitã.

— Está impossível entender uma única palavra do que a pessoa está falando — diz Cabel. — Ninguém está gritando, parecendo preocupado. Ouvi risadas ao fundo. A música parece que é *Mos Def*. Janie?

— Ouvi a voz de um carinha no fundo dizendo “Senhor” alguma coisa.

A Capitã faz um novo sinal afirmativo com a cabeça.

— Ouvi isso também, Janie. É a única palavra que consegui decifrar de todo o telefonema. Não pensamos muito nesse telefonema, não passamos muito tempo nos preocupando com ele, nem o examinando. Não havia informações, nenhuma reclamação, nenhum relato de crime. Mas então, em novembro, houve outra ligação para o Delatores Anônimos de Crimes. E, quando ouvi esse novo telefonema, lembrei-me deste que vocês acabaram de ouvir. Escutem.

A Capitã reproduz o novo telefonema. É uma voz feminina meio ininteligível, dando risadinhas incontroláveis e dizendo: “*Quero meu dinheiro rápido! Fieldridge... High. Professores fodidos... alunos fodidos. Ai-meu-Deus — isso não pode — eita!*”. Mais risadinhas e, então, o telefonema abruptamente acaba. A Capitã repete a ligação para eles mais algumas vezes.

— Uau! — diz Janie.

O olhar da Capitã vai de Janie para Cabel.

— Vocês têm alguma ideia do que se trata?

Cabel entorta os olhos.

— Professores fodidos, alunos fodidos? É uma crítica a professores e alunos da Fieldridge ou é, sabe, literal?

— A música tocando ao fundo é similar à anterior — diz Janie.

— Certo, Janie. Foi isso que me fez pensar no primeiro telefonema, quando este surgiu. E, sim, Cabe, estamos falando disso no sentido literal, a menos que consigamos provas de que não se trate disso. Esse telefonema nos deu informações suficientes para fazer algo a respeito. Minha intuição a partir do pouco que temos é que pode haver algum predador sexual se escondendo nos corredores da Fieldridge High.

— Não tem como descobrir quem deu os telefonemas e perguntar à pessoa o que está havendo? — perguntou Janie.

— Bem, isso seria contra a lei, Janie. O verdadeiro propósito do Delatores Anônimos de Crimes são as ligações anônimas, para proteger a pessoa que estiver relatando o crime, e isso deve continuar assim. Quem liga recebe um “codinome” por meio do qual sua denúncia individual é identificada. Depois, podem usar esse mesmo codinome para acompanhar o caso e reivindicar a recompensa, se conseguirem dar uma dica realmente útil.

— Faz sentido — diz Janie, com timidez.

— O que a senhora fez até agora, Capitã? — pergunta Cabel.

— E... — continua, com mais cautela desta vez. — O que espera que nós façamos? — a voz dele, pela primeira vez, soa tensa.

Janie olha para ele de relance, meio de lado, com um pouco de surpresa. Ela nunca o viu parecer desconfortável em relação a uma tarefa antes.

— Fizemos investigações completas do passado de todos os professores. O resultado foi que todos têm ficha e passado totalmente limpos. E agora estamos em um beco sem saída. Cabe, Janie, eis o motivo pelo qual fiz com que passassem a noite toda lá no baile. Estou em busca de qualquer informação que possam me passar sobre os professores da Fieldridge que poderiam ser predadores sexuais nas horas vagas. Estão prontos para o desafio? Este pode ser um pouco perigoso. Hannagan, provavelmente o predador é homem. Se pudermos determinar atrás de quem estamos, podemos precisar usar você como isca para pegá-lo.

Pense a respeito disso e me diga como se sente nessa situação. Se não quiser assumir a tarefa, você fica fora desta. Sem pressão nenhuma.

Cabel senta-se, mais preocupado ainda.

— Isca? Você vai expô-la como suposta vítima desse doente?

— Apenas se ela quiser fazer isso.

— De jeito nenhum! — diz Cabel. — Janie, não! É perigoso demais.

Janie pisca e desfere um olhar penetrante para Cabel.

— Mãe? É você? — ela ri, nervosa, não curtindo esse confronto. — O que você quer dizer com “é perigoso demais”?

A Capitã intromete-se na discussão dos dois.

— Cuidaremos de você o tempo todo, Janie. Além disso, ainda não sabemos ainda o que está acontecendo. Pode não ser nada. Tenho esperanças de que você consiga, pelo menos, alguma informação de que precisamos por meio dos sonhos.

Cabel balança a cabeça, em sinal negativo, para Janie.

— Não gosto disso.

Janie levanta uma sobrancelha.

— Certo. Só você tem permissão para fazer algo perigoso. Droga, Cabe. Na verdade, não cabe a você decidir.

Cabel olha para a Capitã, suplicando por ajuda.

A Capitã o ignora intencionalmente e olha para Janie.

— Não preciso pensar a respeito, senhor. Pode contar comigo — diz Janie.

— Que bom!

Cabel fecha a cara.

A Capitã passa os trinta minutos seguintes instruindo-os na arte de obter informações. É um curso de atualização para Cabel, que já vinha trabalhando como agente da Narcóticos durante um ano (embora Janie saiba que não deve chamá-lo de “agente da Narcóticos”), e foi responsável pela mais recente *blitz* para apreensão de drogas na Fieldridge, do pai de Shay Wilder, que tinha uma mina de ouro em cocaína escondida em seu barco. Foi Janie que sacou onde estava a droga, quando o Sr. Wilder dormiu na cadeia. Ela e Cabel formam uma boa equipe.

E a Capitã sabe disso.

É por esse motivo que ela tolera as merdas deles, de vez em quando.

A Capitã reitera a tarefa e encoraja os dois veteranos a continuar trabalhando com firmeza.

— Se estamos lidando com um predador sexual, precisamos pegar o desgraçado antes que machuque mais algum aluno ou aluna da Fieldridge.

— Sim, senhor — diz Janie.

Cabel cruza os braços sobre o peito e balança a cabeça, derrotado. Por fim, diz:

— Sim, senhor.

A Capitã assente com a cabeça e se levanta da cadeira. Instintivamente, Cabel e Janie se levantam também. A reunião foi dada por encerrada. No entanto, antes de saírem do escritório, a Capitã diz:

— Janie? Preciso falar com você em particular. Cabe, você pode ir.

Cabe nem hesita. Sai, sem dar mais do que um olhar de relance para Janie. Ela não consegue evitar a perplexidade causada pelo fato de Cabel estar agindo daquele jeito.

A Capitã caminha até um gabinete cheio de arquivos e puxa vários, bem volumosos.

Janie fica lá, parada, em pé e em silêncio. Observando. Imaginando.

A Capitã ainda a assusta um pouco.

Porque Janie é bem nova nesse lance.

Por fim, a Capitã volta à mesa dela com a pilha de arquivos e com os papéis soltos. Coloca-os em uma caixa. Senta-se. Olha para Janie.

— Novo assunto. Isto é confidencial — diz a Capitã. — Você sabe o que isso significa?

Janie diz que sim com a cabeça.

— Nem mesmo Cabe, certo? Está entendendo?

Janie concorda com a cabeça mais uma vez, com um ar sério.

— Sim, senhor — acrescenta.

A Capitã estuda Janie por um momento e, em seguida, empurra a pilha de arquivos na direção dela.

— Os relatórios. Vinte e dois anos de relatórios e anotações. Escritos por Martha Stubin.

Janie arregala os olhos. Eles se enchem de lágrimas, apesar de sua tentativa de não as deixar cair.

— Você a conhecia, não? — diz a Capitã, quase num tom acusativo. — Por que não mencionou o fato? Você deveria saber que eu faria uma investigação completa de sua vida.

Janie não sabe qual resposta a Capitã gostaria de ouvir. Conhece apenas seus próprios motivos. Hesita, mas acaba falando.

— A senhorita Stubin é... foi... a única pessoa que entendia isso, essa estúpida maldição dos sonhos, e eu sequer fiquei sabendo disso até que ela morresse — diz Janie. Ela olha em direção a seu colo. — Tudo o que tenho dela agora é uma espécie de participação especial rápida, ocasional, quando ela decide aparecer no sonho de alguém para me mostrar como fazer as coisas... — Janie engole em seco, para tirar o nó que havia se formado em sua garganta. — Ela nem tem aparecido ultimamente.

A Capitã Komisky raramente fica sem palavras. Mas está mostrando sinais disso agora.

Por fim, ela diz:

— Martha nunca mencionou você. Estava em busca de alguém. Fazendo um tremendo esforço para substituí-la. Havia outros como ela, mas também já se foram. Ela deve ter descoberto você recentemente.

Janie faz que sim com a cabeça.

— Acabei caindo num dos sonhos dela no asilo... ela falou comigo durante os sonhos, mas não entendi que era diferente com ela, que estava me testando, me ensinando. Só entendi depois de sua morte.

Então, a Capitã diz:

— Acho que o único motivo pelo qual ela viveu todo aquele tempo foi por estar determinada a encontrar a próxima apanhadora de sonhos. Você.

Um momento de ternura toma conta da sala.

E, depois, volta-se aos negócios.

A Capitã pigarreia ruidosamente e diz:

— Bem. Espero que haja algo interessante aqui. Algumas dessas coisas podem ser difíceis. Tire mais ou menos um mês para ler tudo. Se achar algo que não entenda, ou que a preocupe, venha falar comigo. Ficou claro?

Janie olha para ela. Não faz ideia do que esperar dos arquivos. Mas sabe o que a Capitã espera ouvir.

— Sim, sim, senhor — responde, expressando uma confiança que não sente.

A Capitã endireita os papéis em sua mesa, indicando que a reunião está encerrada. Janie se levanta abruptamente e pega a pilha de arquivos.

— Obrigada, senhor — diz Janie, que segue porta afora.

Ela não vê a Capitã Fran Komisky observando-a partir, batendo de forma pensativa em seu queixo com a caneta, depois que Janie fecha a porta atrás de si.

Janie dirige até sua casa, feliz em ver os poucos raios de sol abrindo caminho à força, atravessando as nuvens em tom cinza nesta fria tarde de janeiro. Mas está sentindo uma presença sinistra emanando da pilha que a Capitã lhe deu, e um sentimento preocupante com relação à estranha reação de Cabel sobre essa nova tarefa. Ela para em casa, faz um rápido contato visual com a mãe e joga os relatórios sobre a cama.

Lidará com isso depois.

Por ora, está morrendo de vontade de passar seu último dia de férias com Cabel.

Antes de terem de voltar ao mundo real da escola.

E fingir que não estão apaixonados.

16h11

Janie sai correndo pelos quintais, desta vez, toma um caminho diferente para a casa de Cabel. Ela não pode ser vista por ninguém

relacionado à escola. Mas o lado bom é que quase ninguém importante na Fieldridge High mora perto do lado pobre da cidade.

Ainda assim, Janie não deixa seu carro na casa de Cabel. Só porque Shay Wilder pode passar por ali.

Porque Shay ainda sente tesão por Cabe.

E Shay não faz a mínima ideia de que Cabel estava por trás da prisão de seu pai pelas drogas.

É meio que divertido.

Mas, para falar a verdade, não é não.

Janie entra pela porta dos fundos agora, por uma questão de segurança. No caso de Cabel ter ido dormir antes de ela chegar. Mas, nos últimos meses, depois que largou o trabalho no Asilo Heather, ela tem mais tempo do que nunca para ficar com Cabel.

Eles têm um relacionamento incomum.

E, quando as coisas estão bem, é algo mágico!

Ela fecha a porta atrás de si, tirando os sapatos. Imagina onde ele esteja. Anda pelos arredores da casa na ponta dos pés, para não acordá-lo caso esteja tirando um cochilo, mas não o encontra em lugar algum no pequenino andar principal. Abre a porta que dá para o porão e vê que a luz está acesa. Ela desce as escadas e fica parada no último degrau, observando-o. Admirando-o.

Ela tira a blusa de moletom e a joga no degrau. Pressiona o corpo contra a viga de metal, esticando os braços, as costas, as pernas. Desejando ser forte e sexy também. Deixa que seu cabelo caia no rosto, enquanto se concentra no alongamento.

Ele a vê e coloca o haltere de volta em seu lugar. Fica em pé. Seus músculos aparecem como ondas sob as cicatrizes de queimaduras espalhadas por sua barriga e seu peito. Ele está magro, alto, mas musculoso. Não robusto. Simplesmente no ponto. E Janie está realmente feliz por ele não se sentir mais desconfortável em ficar sem camisa na presença dela.

Janie sente um forte desejo instintivo de atacá-lo logo ali, no banco em que ele levanta pesos. Mas, afinal, estão juntos há tão pouco tempo que nenhum dos dois quer bagunçar o relacionamento com esse lance de sexo. E Cabel, consciente o bastante de suas muitas cicatrizes de queimaduras, ainda não está totalmente pronto

para exibir as que tem abaixo do cinto. Então, Janie o admira daquela distância de mais ou menos um metro e meio. E espera que ele tenha superado seus problemas quanto à ajuda de Janie neste caso.

— Seus olhos estão brilhantes de novo — diz ele. — É bom ver você descansada. E sua cicatriz é muito, mas muito sexy mesmo!

Ele pega a toalha e enxuga o suor do rosto, depois a esfrega por seu cabelo de tom castanho-mel. Uns filetes de suor ainda escorrem por seu pescoço. Ele caminha até Janie e tira o cabelo do rosto dela, tendo uma boa visão da cicatriz de 2,5 centímetros de comprimento sob a sobrancelha, que agora está cicatrizando bem.

— Deus! — ele murmura. — Você é maravilhosa!

Ele dá um beijo gentil nos lábios dela, e então enxuga o peito e as costas com a toalha e veste sua camiseta.

Janie pisca.

— Você tá bêbado? — ela ri, constrangida. Ainda não está acostumada com atenção, muito menos com elogios.

Ele curva-se na direção dela e passa de leve um dedo em seu queixo, traçando uma linha em seu maxilar, pescoço abaixo. Janie sente seu coração golpeá-la e fecha os olhos sem pensar, inspirando. Ele se aproveita da distração dela e começa a morder seu pescoço. Ele está com cheiro de um desodorante Axe, e o suor recente está deixando-a louca. Ela vai na direção dele. Puxa-o para perto de si. Sente o calor da pele dele ardendo por sob a camiseta.

É o toque pelo qual os dois ansiavam.

A espera.

Passaram suas vidas todas, ambos, sem isso. Percebem que está na hora de compensar essa falta.

Cabel entrega o haltere a ela.

— Então... — diz Janie com cuidado. — Está se sentindo melhor comigo fazendo isso, ah, esse lance aí de servir como isca?

— Na verdade, não.

— Ah — ela abaixa o haltere até a altura de seu peito e faz um esforço para erguê-lo.

— Não quero que você faça isso.

Janie concentra-se e faz a pressão no haltere novamente.

— Por quê? Qual é seu problema? — ela pergunta, tomando a resposta dele como ofensa.

— Simplesmente... não gosto disso. Você poderia ser ferida. Estuprada. Meu Deus... — suas palavras vão sumindo. O maxilar dele está rígido. — Não posso deixar que você faça isso. Diga que não!

Janie guarda o haltere no lugar e senta, com os olhos faiscantes.

— Não cabe a você decidir, Cabe.

Cabel solta um suspiro profundo e passa os dedos pelo cabelo.

— Janie...

— O quê? Você acha que não consigo lidar com o trabalho? Você pode sair por aí e mexer com perigosos traficantes de drogas e passar noites na cadeia, mas eu não posso me envolver com nada perigoso? Que tipo de “dois pesos e duas medidas” é isso? — ela fica em pé, parada, encarando-o.

Olha diretamente nos olhos dele.

Seus sedosos olhos castanhos fitam suplicantes os dela.

— Isso é diferente — diz ele, fracamente.

— É por você não ter controle sobre isso?

Cabel fala, nervoso:

— Não... é apenas que...

Janie solta um largo sorriso.

— Você está tão sem saída! Melhor ir se acostumando com a ideia. Já entrei nessa.

Cabel olha para ela por mais um minuto. Fecha os olhos e baixa lentamente a cabeça. Suspira.

— Ainda não gosto disso. Não consigo tolerar sequer pensar em algum professor doente e psicopata se aproximando de você.

Janie envolve seu pescoço com os braços. Descansa a cabeça no ombro dele.

— Tomarei cuidado — sussurra.

Cabel fica em silêncio.

Ele pressiona os lábios nos cabelos dela e aperta muito seus olhos.

— Por que você não pode ser a única coisa segura em minha vida? — murmura ele.

Janie se afasta e levanta o olhar para vê-lo melhor.

Sorri de um modo carinhoso, mostrando que se importa.

— Porque seguro é sinônimo de chato, Cabe.

Janie passa quase uma hora levantando pesos. Em três semanas, segundo Cabe, ela começará a notar as diferenças. Tudo que ela sabe é que os músculos de seus glúteos estão matando-a.

18h19

Janie e Cabel pisam nos pés um do outro na pequena cozinha, enquanto assam peixe no forno e lidam com uma montanha de vegetais. Cabel tem uma alimentação saudável. E ele insiste que Janie faça o mesmo também. Agora que ela perdeu tanto peso. Agora que ele percebe no que ela se meteu pelo resto de sua vida.

— Isso me deixa louco, ver você tão magra desse jeito, sabe? — ele murmura, enquanto dá uma olhada para ver como está o salmão. — E não de um jeito bom.

Nas noites em que ela fica na casa de Cabel, ele massageia os dedos doloridos das mãos e dos pés dela, antes que ela comece a dormir. Cair em um pesadelo nojento fará aquilo com ela... deixará seus dedos adormecidos e doendo durante horas. Cabel, que aprendeu recentemente a controlar até certo ponto seus sonhos, fez do controle onírico uma religião. Ele passa uma hora por dia absorto em meditação, pedindo que tenha sonhos calmos, sonhos doces, abrindo assim seu caminho para o ideal: nenhum sonho. Pelo menos, não quando Janie passa a noite lá. Para conseguir mantê-la por perto. Conseguiu impedir-se de sonhar durante uma noite inteira até agora, com Janie testemunhando o fato. Ela acordou tão renovada que ele mal a reconheceu.

Eis outro motivo pelo qual esta nova tarefa está deixando-o à beira de um ataque de nervos. Ele sabe que os sonhos serão um fardo maior para ela do que para ele.

Fisicamente, de qualquer forma.

Mental? Emocionalmente? Será pior para ele.

Porque esse lance de amor é estranho para Cabel. E agora que ele encontrou Janie, está se tornando cada vez mais protetor em relação a ela. Não há homem algum no universo com quem ele deseje ter de compartilhá-la. Especialmente um psicopata.

Mesmo que isso venha a desenterrar um escândalo.

Das maiores proporções possíveis.

O maior escândalo já visto na Fieldridge High.

22h49

Janie passa a noite lá.

— Está tudo bem entre a gente?

Depois de um momento de silêncio, Cabel sussurra:

— Tudo bem com a gente.

Ele envolve os braços em torno dela na cama, e conversam baixinho, como de costume.

Janie traz o assunto à tona primeiro.

— Então, bota para fora. Você só tirava “A”, certo?

Ele a abraça carinhosamente. Fecha os olhos.

— É...

— Eu tirei B+ em matemática — diz ela, por fim.

Ele está calado. Não está muito certo quanto ao que ela quer ouvir. Talvez ela apenas queira dizer isso e pronto. Botar para fora, para desabafar e isso não ser mais tão doloroso.

Ele espera por um momento. E depois murmura:

— Eu te amo, Janie Hannagan. Não consigo aproveitar muito tempo com você. Acordo de manhã e tudo que quero é ficar perto de você — ele apoia-se no cotovelo. — Você já teve alguma ideia de quão incomum, de quão importante isso é para mim? Em comparação com alguma prova idiota que você fez sobre pressão extrema, duas vezes?

Ele disse isso.

A primeira vez que disse isso em voz alta.

Janie engole em seco. Com dificuldade para desfazer o nó na garganta.

Entende o que ele quer dizer, cada palavra e seus significados implícitos.

Deseja dizer-lhe como se sente em relação a ele.

O problema é o seguinte: Janie não consegue se lembrar de ter dito “Eu te amo” para ninguém. Nunca.

Ela chega bem mais perto dele. Como pôde ter passado tantos anos sem tocar nas pessoas? Sem abraços? Braços envolvendo alguém, em um abraço meio frouxo, como se estivesse em letargia, como um pacote de presente de Natal já cansado, esperando para ser aberto, cuja fita fica pendurada mesmo até os últimos momentos.

Os dois confirmam seus planos para o dia seguinte em seus disfarces. Com os horários invertidos, ao contrário do semestre passado, porque precisam fazer uma pesquisa mais ampla na escola. Todos os professores deles são diferentes também. Desta vez, Cabel arrumou seu horário com o diretor Abernethy depois que Janie pegou o dela, sem que Abernethy soubesse o motivo pelo qual ele havia escolhido as aulas, os professores e os horários. O diretor Abernethy tem conhecimento do trabalho de Cabel. Mas ele não sabe de Janie, e a Capitã quer que isso continue assim.

Cabel concordou com o lance do horário, exceto por uma coisinha. A única coisa que insistiu com a Capitã foi ficar na sala de estudos no mesmo horário de Janie. Assim, ele pode dar cobertura a ela, caso alguém veja o que acontece quando ela está lá. A Capitã concordou com isso.

No semestre passado, Janie e Cabel tinham horários idênticos. O que Cabel insiste ter sido um acaso feliz.

Janie não acredita nele.

Ou talvez deseje acreditar que ele a encontrou de propósito. Até mesmo Janie pode ter seus sonhos.

Eles caem no sono. E, quando Cabel começa a sonhar, ela acorda meio assustada, faz um grande esforço e sai furtivamente de perto dele, fecha a porta do quarto e passa o resto da noite no sofá.

3 de janeiro de 2006, 6h50

Ela acorda sentindo o cheirinho de bacon e café. Seu estômago rosna, mas é uma fome normal, não aquele sentimento de estar faminta, a ponto de passar mal e desmaiar que, às vezes, tem depois de uma noite em que cai nos pesadelos de outras pessoas.

Janie não quer abrir os olhos. E então, ele está lá, em cima dela e de suas cobertas, beijando sua orelha.

— Da próxima vez, me chuta para fora da cama — ele sussurra.

O peso dele faz com que ela tenha uma sensação incrível em seu corpo.

Talvez seja por estar acostumada a sentir-se paralisada com frequência.

Ou por perceber que ela era muito dura por dentro, antes de deixá-lo entrar.

Ela abre os olhos lentamente. Leva um tempinho para ajustar a vista à brilhante luz da cozinha, que lhe ofusca a visão.

— Podemos reorganizar os móveis neste final de semana? — pergunta ela, sonolenta. — Assim, quando eu dormir aqui e acordar pela manhã, não terei as luzes satânicas do fogo do inferno incomodando meus olhos.

— Aiiiii! Não fique tão nervosinha. É o primeiro dia do melhor semestre da sua vida. Anime-se!

Ele está brincando.

Todo mundo que está quase entrando na faculdade sabe que o melhor dos semestres chega mesmo em quatro anos. Embora este seja, provavelmente, o mais fácil.

Acordada agora, Janie o afasta de cima dela, embora preferisse ficar deitada daquele jeito o dia todo.

— Banho — ela resmunga, indo em direção ao banheiro.

Seus músculos estão doloridos por ter se exercitado. Mas é uma dor boa.

Quando ela retorna, o café da manhã está na mesa. Finalmente, acostumou-se a comer ali, à mesa dele.

Depois do pesadelo de Cabel com as facas e tudo aquilo.
E então ela tem de partir.
Voltar para casa para ver como está sua mãe e pegar seu carro.
Ela fica numa boa perto de Cabel.
E não entende o porquê.
A não ser que isso a deixa feliz.
Ele a beija.
Ela o beija.
Beijam-se.
E então, ela sai.
Do lado de fora, triturando com os pés a crosta de quase meio metro da neve de Michigan. Entra correndo em casa. Certifica-se de que sua mãe tem comida na geladeira. E pega dinheiro para seu almoço.
Acidentalmente, Cabel e ela estacionam seus carros perto um do outro na escola, o que deixa Ethel muito feliz, pensa Janie.

7h53

Carrie Brandt dá um tapinha um tanto forte na nuca de Janie.
— Hei, chica — diz ela, com os olhos dançantes, como de costume. — Mal vi você nas férias. Tá melhor?
Janie solta um largo sorriso.
— Estou bem. Dá uma olhada na minha cicatriz, que legal, que foda!
Carrie assobia, impressionada.
— E como vai Stu? Vocês passaram um Natal legal?
— Bem, depois de toda aquela experiência com a cadeia, fiquei bem deprimida por uns dias, mas, ah... merda acontece. Tivemos esse lance no tribunal ontem, e fiz o que você sugeriu. As queixas contra mim foram retiradas, mas Stu teve de pagar uma multa. Sem ter de ficar preso, pelo menos. Foi bom não termos cheirado cocaína — ela sussurra essas últimas palavras.
— Bom trabalho — diz Janie, abrindo um sorriso.

Ela sabia que as queixas contra Carrie em relação às drogas seriam retiradas. Apenas não podia contar.

— Ah, isso me faz lembrar que... — continua Carrie, procurando algo em sua mochila e tirando de lá um envelope. — Aqui está o seu dinheiro da faculdade, que você tinha me emprestado. Obrigada de novo, Janie. Você foi incrível por ter saído no meio da noite para pagar a fiança e tirar a gente da cadeia. Então, qual é o lance com as convulsões? Aquilo realmente me assustou muito!

Janie pisca. Carrie fala quase sempre bem rápido e muda de assunto com frequência. O que para ela não tem problema. Porque Janie pode, geralmente, esquivar-se de responder perguntas que não quer, sem que Carrie perceba.

Carrie é um pouco egocêntrica.

E, às vezes, imatura.

Mas ela é a única amiga que Janie tem, e ambas são leais para caramba uma com a outra.

— Ah, sabe — Janie diz, bocejando. — O médico tem de fazer alguns exames e coisas do tipo. Fez com que eu largasse meu trabalho no asilo por um tempo. Mas se você me vir repetir aquilo... ter uma convulsão, digo... não se preocupe. Apenas certifique-se de que da próxima vez eu não caia e abra uma fenda no meu crânio em um carrinho de café enferrujado. Fará isso por mim?

Carrie estremece.

— Ah, nem fala isso não! — diz ela. — Você me deixa apavorada com isso, que nem as pragas do Egito! Hei, ouvi dizer que Cabel está numa merda daquelas com esse lance dos tiras, o escândalo da cocaína. Você tem visto o Cabel? Fico me perguntando se ele ainda está preso.

Janie arregala os olhos.

— Não?! Você acha? Me conta o que descobrir com Melinda e Shay.

— Claro! — diz Carrie, com um largo sorriso.

Carrie adora um bom escândalo.

E Janie adora Carrie. Gostaria de não ter segredos com ela.

14h25

Janie e Cabel têm aula na sala de estudos no último período, na biblioteca da escola. Não sentam juntos. Ninguém parece sonolento. As coisas estão bem tranquilas.

Janie, praticamente enfiada em sua mesa predileta, bem afastada, no canto mais extremo da biblioteca, termina uma tarefa chata de literatura inglesa e, então, encara sua lição de casa de química 2. A primeira impressão que tem dessa aula é positiva. Só alguns *geeks* frequentam-na a cada semestre, pois é um curso de créditos para a faculdade. Mas Janie, que já havia completado satisfatoriamente todos os cursos que precisava no semestre anterior, está fazendo o que pode para ajudá-la na faculdade. Matemática avançada, espanhol, química 2 e psicologia. Psicologia é uma exigência da Capitã.

— É crucial para o trabalho da polícia — disse. — Especialmente este tipo de trabalho que você fará.

Uma bola de papel aterrissa na página da lição de casa de Janie e acaba sendo ricocheteada até o chão. Janie pega-a enquanto ainda está lendo seu livro da escola e a abre, alisando o papel para tirar as marcas de amassado.

16h?

É isso que está escrito no bilhete.

Janie olha de relance e casualmente para a esquerda, entre duas fileiras de livros nas estantes, e faz que “sim” com a cabeça.

14h44

O livro de química de Janie cai na mesa, no momento em que tudo fica escuro.

Ela apoia a cabeça nos braços, quando é sugada para dentro de um sonho.

Mas que merda!, pensa Janie. É o sonho de Cabel. Faz sentido.

Janie pega carona e segue viagem no sonho dele, embora normalmente tente se arrancar deles, agora que os pesadelos de Cabel pararam. Mas, sempre curiosa, entra no embalo desse, sabendo que o sinal vai tocar logo, pondo um ponto-final no dia de aula.

Cabel está revirando seu armário, vestindo camisetas e blusas de moletom, uma por cima da outra, várias camadas e mais peças de roupa, até que mal consegue mover seu corpo, que está parecendo um dirigível.

Janie não sabe o que pensar. Sentindo-se invasiva, arranca-se do sonho.

Quando consegue enxergar de novo, ela coloca seus livros dentro da mochila e espera, pensativa, até o sinal tocar.

16h01

Janie entra sorrateiramente pela porta dos fundos da casa de Cabel, chacoalha suas botas para tirar a neve que ficou nelas, deixando-as dentro da caixa de madeira aquecida que fica do lado da porta. Dobra seu casaco e coloca-o ao lado das botas, encaminhando-se ao porão.

— Hei — diz Cabel, com uma voz rouca, fazendo levantamento de supino.

Janie solta um largo sorriso. Alonga levemente seus músculos doloridos, pega os halteres de 4,5 kg e começa a exercitar os braços e os ombros.

Os dois se exercitam em silêncio durante quarenta e cinco minutos.

Ambos estão fazendo uma revisão mental do dia.

Conversarão a respeito — em breve.

17h32

De banho tomado e ajeitado em frente à pequena mesa redonda de conferência, na sala do computador, Cabel pega uma

folha e uma caneta enquanto Janie liga o laptop.

— Veja aqui como devem ser suas fichas de perfis — diz ele, fazendo uns registros. — Enviei um modelo por e-mail para você.

Cabel aponta para diversas colunas, explicando cada uma delas em detalhes, e quais tipos de informações devem conter em cada uma delas. Janie pega o modelo que está em sua tela, revira os olhos, faz uma careta e preenche a primeira.

— Por que você está revirando os olhos?

— Não estou. Estou me concentrando.

Cabel encolhe os olhos.

— Certo, então, na primeira hora é a senhorita Gardênia, espanhol, sala 112, e a lista dos alunos dela. Você quer seus nomes verdadeiros ou em espanhol? — Janie olha para ele, com olhos inexpressivos.

Ele sorri e dá um puxão de leve no cabelo dela.

Ela digita rapidamente.

Umas noventa palavras por minuto.

Ela usa todos os dedos, não apenas um de cada mão.

Imaginem a cena!

Cabel observa, com admiração.

— Nossa! Faz o meu?

— Claro. Mas você terá de ditar. Esse ir e vir dos olhos da tela do computador para o manuscrito me dá dor de cabeça. E me deixa muito mal-humorada.

— Como você...? — ele sabe que ela não tem um computador.

— No asilo — diz ela. — Arquivos e mais arquivos e ainda mais arquivos. Fichas, registros, transcrições, prescrições, tudo isso.

— Uau!

— Por que não fazemos o seu primeiro? Depois, entenderei melhor como fazer o meu.

Cabel folheia as páginas de um caderno espiral.

— Certo — diz ele. — Já rabisquei umas anotações aqui, enquanto estava na escola. Não! Sem essa sobrelha do mal! Vou decifrar o que escrevi e ditar, eu juro!

Janie dá uma espiada nas anotações dele.

— Mas o que... — ela diz, e apanha o caderno.

Lê o que está na página.

Olha para ele.

— Sr. Verde, Sra. Branca, Srta. Escarlata... bem, olha, Prof. Ameixa! Então, quem diabos é Cel. Mostarda?

Ela desata a gargalhar.

— Coronel Mostarda é o diretor Abernethy — diz ele, torcendo o nariz.

Janie para de rir.

Mais ou menos.

Na verdade, ela dá umas risadinhas em intervalos de poucos minutos, entre suas leituras. Especialmente quando descobre que a Senhorita Escarlata é, na verdade, o Sr. Garcia, professor de tecnologia industrial.

— Está em código pelo lance de ser secreto, Janie — o tom dele demonstra claramente que não acha nada engraçado. — Caso eu perca o caderno, ou alguém fique espiando para ver o que tem nele por cima do meu ombro.

Janie para de zoar com a cara dele.

Mas ele continua.

— É uma ideia inteligente. Você deveria fazer suas anotações em código também, caso tome notas. Basta um errinho idiota para detonar seu disfarce. E aí todos nós estamos ferrados.

Janie espera.

Certifica-se de que ele tenha terminado de falar.

Então ela diz:

— Você está certo. Me desculpe, Cabe.

Ele parece tranquilo agora.

— Tudo bem então, continuando — ele diz. — A primeira hora é de matemática avançada. Sr. Canecão de Cerveja. Sala 134.

Ela insere as informações no computador, incluindo a lista dos alunos.

— Alguma coisa digna de nota? — pergunta ela.

— Neste espaço aqui — diz ele, apontando para o local —, escreva “leve sotaque alemão, tendência a tropeçar nas palavras quando fica agitado, brinca com o giz constantemente”. O cara é uma pilha de nervos em frangalhos — explica Cabel.

— A seguir vem a Sra. Panquecas — eles não dão risada do nome porque a conhecem há anos. — Não tenho nada relevante sobre ela. Ela não passa daquele tipo de grande avó redonda... não tem o perfil de quem estamos procurando, mas não excluimos ninguém, certo? Continuarei de olho.

Janie concorda com ele com um sinal de cabeça e vai para a terceira página, preenche o local com as devidas informações e, em trinta minutos, as fichas de Cabel daquele dia estão prontas. Ela as envia a ele por e-mail.

— Vou terminar minha lição de casa enquanto você trabalha nas suas fichas, se não se importar — diz Cabel. — Se tiver alguma dúvida, é só me perguntar. E certifique-se de anotar quaisquer lances intuitivos que tiver, sentimentos ou sensações engraçadas, suspeitas... qualquer coisa. Não há nada que possa ser dispensável.

— Entendi — diz Janie.

Ela digita, deslizando as pontas dos dedos pelo teclado com fineza, e termina seus relatórios antes mesmo de Cabel acabar sua lição de casa. Ela olha novamente para o que acabou de fazer e passa um tempinho analisando cada uma das entradas, tentando pensar em algo que seja digno de nota. Promete a si mesma ser mais detalhista no dia seguinte.

— Então — diz, tentando soar graciosa, quando Cabel fecha seus livros —, você falou com a Shay hoje?

Janie não pôde evitar perceber que Shay estava frequentando três aulas junto com ele.

Cabel olha para ela com um sorrisinho. Ele tem uma clara ideia do que ela realmente quer saber.

— Só de pensar em estar com Shay Wilder tenho vontade de arrancar meus olhos com uma faca de manteiga — responde. Ele puxa Janie na sua direção em um meio abraço. Ela descansa a cabeça no ombro dele, que passa a mão pelos cabelos dela, alisando-os. — Você vai passar a noite aqui? — ele pergunta, depois de um tempo, com esperança na voz.

Janie pensa na pilha de arquivos da Capitã que está em cima de sua cama.

Odeia o fato de estarem lá, parados, intocados. É como se fosse lição de casa, pendendo sobre sua cabeça. Ela não consegue tolerar isso.

Mas.

Ela também odeia o mero pensamento de sair de perto de Cabel.

A pergunta fica no ar.

— Não posso — diz ela, por fim. — Tenho algumas coisas para fazer em casa.

É difícil, de algum modo, despedirem-se hoje à noite. Eles se demoram um pouco perto da porta, com as testas coladas uma na outra, e curvados como estátuas artísticas enquanto seus lábios sussurram e se roçam de leve.

21h17

Janie chega em casa e dá de cara com a maior bagunça, depois de ter de se esconder atrás de um arvoredor durante quinze minutos, enquanto Carrie removía a neve com uma pá para tirar seu carro do lugar e sair, provavelmente para ir até o apartamento de Stu. Janie não quer saber de perguntas sobre onde ela estava. Sabe que é inevitável Carrie descobrir, um dia, que embora o carro de Janie esteja parado na entrada da casa dela, ela pode não estar lá.

Por sorte, Stu e Carrie passam a maior parte do tempo juntos. Os pais de Carrie até que gostam dele. Mesmo após Carrie ter um ataque de nervos e contar que eles haviam sido presos. Os pais dela pareciam aliviados em saber que Stu não cheirava cocaína.

É claro que puseram Carrie de castigo. Para sempre. Como de costume.

21h25

Janie arruma-se em sua cama, sob as cobertas, e abre a caixa com o material que a Capitã lhe deu. Tira de lá o primeiro arquivo e

mergulha na vida da senhorita Stubin.

Surpresa: A senhorita Stubin nunca foi professora em escola alguma.

E era casada.

O queixo de Janie cai e ela fica boquiaberta durante duas horas. A frágil, retorcida, cega, magra que nem um palito, a ex-professora para quem Janie lia os livros tinha uma vida secreta.

23h30

Janie segura sua cabeça dolorida. Fecha o arquivo. Coloca a pilha de papéis de volta na caixa de papelão e a esconde em seu armário. Em seguida, apaga a luz e se enfia debaixo das cobertas.

Pensa no militar que estava no sonho da senhorita Stubin.

A senhorita Stubin, pensa Janie, com um sorriso surgindo nos lábios, era uma malandrinha naqueles tempos.

1h42

Janie sonha em preto e branco.

Ela está descendo a rua Center na hora do crepúsculo. O tempo está fresquinho e chuvoso. Janie já esteve ali antes, embora não saiba que cidade é aquela. Olha pelos arredores, animada, na esquina perto da loja de armarinho, mas não há nenhum casal jovem passeando de braços dados por lá.

— Estou aqui, Janie — são as palavras ditas por uma voz suave que surge por trás dela. — Venha sentar-se aqui comigo.

Janie se vira e vê a senhorita Stubin sentada em sua cadeira de rodas, perto de um banco do parque, mais adiante na rua.

— Senhorita Stubin?

A senhora idosa e cega sorri.

— Ah, bom. Fran entregou-lhe minhas anotações. Venho esperando por você.

Janie senta no banco do parque, com o coração quase saindo pela boca. Sente as lágrimas vindo molhar-lhe os olhos, mas,

piscando-os, literalmente as afasta.

— É bom vê-la de novo, senhorita Stubin.

Janie coloca sua mão nos dedos nodosos da senhorita Stubin.

— Sim, aí está você! — à senhorita Stubin sorri. — Vamos seguir em frente com isso então?

Janie está perplexa.

— Seguir em frente com isso?

— Se você está aqui, deve ter concordado em trabalhar com a Capitã Komisky, como eu fiz.

— A Capitã sabe que estou tendo este sonho? — Janie está confusa.

A senhorita Stubin dá umas risadinhas.

— É claro que não! Você pode contar a ela, se assim o desejar. Se fizer isso, mande-lhe meu apreço do fundo do meu coração. Mas estou aqui para cumprir uma promessa que fiz a mim mesma. Estar disponível para você, como aquela que me ensinou até que eu estivesse totalmente preparada, com plena ciência de qual era o meu propósito na vida. Estou aqui para ajudá-la como melhor puder, até que não mais precise de mim.

Janie arregala os olhos.

Não!, ela pensa, mas não diz. Espera que leve um bom tempo até não precisar mais da senhorita Stubin.

— Vamos nos encontrar aqui de vez em quando, enquanto você analisa meus arquivos de casos. Quando tiver perguntas sobre minhas anotações, volte aqui. Acredito que vá saber como me encontrar de novo, não vai?

— A senhorita quer dizer, encaminhar-me para este sonho de novo?

A senhorita Stubin assente com a cabeça.

— Acho que consigo fazer isso, sim. Estou meio sem prática — diz Janie, com uma voz tímida.

— Sei que você consegue, Janie — os dedos curvados da velha senhora envolvem levemente a mão de Janie, apertando-a um pouquinho. — A Capitã passou-lhe uma tarefa?

— Sim... achamos que na Fieldridge High há um professor que é um predador sexual.

A senhorita Stubin suspira.

— Difícil. Seja cuidadosa. E criativa... pode ser delicado encontrar os sonhos certos para mergulhar neles de cabeça. Mantenha sua força. Esteja preparada para todas as oportunidades de sondar, em busca da verdade. Sonhos ocorrem nos lugares mais estranhos. Fique de olho nisso.

— Eu... eu farei isso — diz Janie, com suavidade na voz.

A senhorita Stubin pende a cabeça para o lado.

— Devo ir agora.

Ela sorri e desaparece, deixando Janie sozinha no banco do parque.

2h27

Os olhos de Janie ficam trêmulos e se abrem. Ela olha fixamente para o teto, no escuro, e então acende seu abajur. Rabisca o que sonhou em seu caderno. *Uau*, ela pensa. *Legal*.

Abre um largo sorriso sonolento, enquanto apaga a luz e vira para o outro lado, voltando a dormir.

ANOTAÇÕES

6 de janeiro de 2006, 14h10

Janie agora também usa códigos em suas anotações:

Dengoso = Espanhol, Srta. Gardênia

Mestre = Psicologia, Sr. Wang

Feliz = Química 2, Sr. Durbin

Dunga = Literatura inglesa, Sr. Purcell

Débi = Matemática, Sra. Craig

Loide = Educação física, treinador Crater

E, é claro, Soneca = Sala de estudos

Há, definitivamente, algo de sonolento em Michigan nos meses mais negros de janeiro e fevereiro.

A sala de estudos é um desastre. E, depois de alguns poucos incidentes, além dos sonhos de Cabel, nas últimas semanas, Janie está se sentindo sugada para o mundo onírico com mais intensidade do que nunca.

Ela precisa praticar a concentração em casa, em seus próprios sonhos, de novo. Ficar forte, como lhe disse a senhorita Stubin. Ou vai se dar mal.

14h17

Janie sente que está chegando. Larga os livros e dá um olhar de relance na direção de Cabel. Não é o dele. Ele olha para ela com um meio sorriso de pena, quando vê a expressão facial dela, e Janie tenta retribuir o sorriso. Mas é tarde demais.

O lance a atinge como um saco de pedras no ventre, e ela se contorce para a frente na cadeira, com a mente imersa no redemoinho do sonho de Stacey O'Grady. Janie a reconhece — Stacey estava na sala de estudos de Janie no semestre anterior também, e teve esse mesmo pesadelo há alguns meses.

Janie está no carro de Stacey, e ela está dirigindo como uma louca, em uma rua escura perto do bosque. Vem o som de alguém rosnando no banco traseiro do carro, e depois surge um homem por trás de Stacey, que a agarra pelo pescoço. Stacey está sendo sufocada. Perde o controle do carro, que derrapa e cai numa vala, batendo em uma fileira de arbustos e, então, capota.

O homem está tremendo, e acaba relaxando e soltando o pescoço dela e, quando o carro acaba em um estacionamento, Stacey, sangrando, salta de dentro do veículo, saindo pelo para-brisa quebrado, e começa a correr. O homem sai do carro e vai atrás dela. É uma perseguição insana, e Janie é arrastada para dentro de tal cenário. Ela não consegue se concentrar o suficiente para atrair a atenção de Stacey, que está gritando quase ao ponto de explodir os pulmões. Correndo em círculos em volta do estacionamento, o homem a persegue, até que ela corre em direção ao bosque...

... tropeça

... cai

... e ele está em cima dela, impedindo-a de se mexer, rosnando como um cão em seu rosto...

14h50

Janie sente seus músculos contraindo-se espasmodicamente três minutos depois que o sonho acaba. Não ouviu o sinal tocar, mas Stacey aparentemente ouviu, porque seu sonho foi abruptamente interrompido.

Janie ainda não consegue ter sensação alguma. Mas pode ouvir Cabel a seu lado.

— Está tudo bem, querida — ele sussurra. — Vai ficar tudo bem.

14h57

Cabel está gentilmente esfregando os dedos dela. Ele ainda está sussurrando, para que ela saiba que não tem ninguém por ali, que só restaram os dois e que tudo vai ficar bem.

Ela senta lentamente.

Aperta as mãos até que sente, ao mesmo tempo, dor e prazer. Mexe os dedos dos pés. A expressão do rosto dela é a de alguém que voltou do dentista depois de uma obturação.

Ele está massageando os ombros dela, os braços e as têmporas. Ela para de tremer. Tenta falar. Acaba saindo quase um assobio.

15h01

— Cabel — ela diz, por fim.

— Está pronta para tentar se mexer? — a voz dele assumindo um tom de preocupação.

Ela balança a cabeça, lentamente, em sinal negativo. Vira-se na direção dele. Tenta tocá-lo.

— Não consigo enxergar ainda — diz, bem baixinho. — Quanto tempo passou?

Cabel passa as mãos pelos ombros dela e depois volta para os dedos.

— Não demorou tanto assim — diz ele, baixinho. — Alguns minutos. *Quase doze minutos.*

— Esse foi um dos bem ruins.

— É. Você tentou sair dele?

Janie descansa sua testa na palma da mão e vira a cabeça lentamente, de um lado para o outro. Sua voz está fraca.

— Não tentei sair... tentei ajudá-la a mudar o rumo do sonho. Não consegui fazer com que prestasse atenção em mim.

Cabel anda de um lado para o outro.

Eles esperam.

Lentamente, Janie consegue discernir formas. O mundo volta ao seu campo de visão.

— Nossa — ela diz, e solta um sorriso trêmulo.

— Vou pegar o carro e levar você até sua casa — diz Cabel, enquanto o faxineiro entra na biblioteca, olhando para os dois com suspeita estampada no olhar. Cabel enfia os livros de Janie na mochila dela, com a cara fechada. Procura algo em sua mochila e volta de mãos vazias. — Não tenho mais barrinhas de proteína. Você não traz nada com você?

— Hum... — Janie morde o lábio. — Estou bem agora. Ficarei bem. Consigo dirigir.

Ele faz uma cara feia. Não responde. Ajuda-a a ficar em pé, levanta a mochila dela e ambos caminham até o estacionamento lá fora. Está nevando um pouco.

Ele abre a porta do lado do passageiro e olha para ela, com o maxilar rígido.

Paciente.

Esperando.

Até ela entrar.

Ele dirige em silêncio pela neve até chegar a um minimercado, entra nele, volta com meio litro de leite e uma sacola de plástico.

— Abra sua mochila — ele diz.

Ela abre a mochila.

Ele coloca lá dentro meia dúzia de barrinhas de proteína. Abre a embalagem de uma delas e entrega a Janie, junto com o leite.

— Vou pegar seu carro depois — ele diz, estendendo a mão para pegar as chaves.

Ela olha para baixo. E então as entrega a ele.

Ele a leva até em casa no carro dele.

Fica com o olhar fixo no volante, com o maxilar cerrado.

Espera ela sair.

Ela olha para ele de relance, com uma expressão confusa no rosto.

— Ah — diz ela, por fim.

Ela engole em seco, aquele nó na garganta. Pega sua mochila e o leite, e sai do carro. Fecha a porta. Sobe os degraus e dá uns chutes no ar, para tirar a neve de seus sapatos. Sem olhar para trás.

Ele sai devagar com o carro da entrada da casa dela, certificando-se de que Janie entre e fique bem. E vai embora,

dirigindo.

Janie vai para a cama, confusa e triste, e tira um cochilo.

20h36

Ela está acordada. Morrendo de fome. Procurando em vários lugares da casa, para ver se encontra algo saudável e acha um tomate, que já está ficando mole, dentro da geladeira. Há um pouco de bolor na haste. Ela suspira. Não tem mais nada. Encolhe os ombros sob o casaco e enfia as botas, pegando cinquenta dólares do envelope destinado às compras na mercearia, e começa a andar.

A neve é bela. Flocos tão pequeninos que brilham, como lantejoulas, à luz dos faróis que vêm dos carros e dos postes das ruas. Está frio, talvez uns doze graus abaixo de zero. Janie coloca suas luvas e fecha o casaco até o pescoço. Feliz por estar usando botas.

Quando ela chega à mercearia, a mais de um quilômetro e meio de distância de sua casa, está silencioso lá dentro. Poucos clientes caminham devagar pela loja, ao som da música ambiente vinda dos alto-falantes do local. A loja está bem iluminada, com uma luz amarelada, e Janie revira os olhos quando entra. Pega um carrinho e vai até a seção de produtos naturais, chacoalhando o cabelo para tirar os flocos de neve dele enquanto anda. Solta um pouco o casaco e enfia as luvas nos bolsos.

Para Janie, fazer compras, já que estava lá, é algo relaxante. Ela demora o quanto for necessário: lê os rótulos, pensa nas coisas que parecem que ficariam gostosas se combinadas, escolhe os melhores vegetais, calcula mentalmente o custo total enquanto faz suas compras. Quando vê que já gastou aproximadamente sua verba, passa, sem parar, pelo corredor de pães e bolos para chegar até o caixa. Conforme vai andando ao acaso, olhando para os diferentes tipos de óleos e temperos, diminui a velocidade.

Dá uma olhadinha para o lado esquerdo.

Refaz o cálculo do que tem em seu carrinho.

E, com hesitação, pega uma caixa vermelha e um recipiente pequeno e redondo. Coloca-os no carrinho, ao lado dos ovos e do leite.

Vai levando o carrinho até a frente da loja e para em uma fila curta, na frente de um agradável caixa. Janie dá uma espiada nas revistas enquanto espera. Uma onda nauseante de fome a atravessa da cabeça aos pés. Coloca suas coisas na esteira do caixa e observa, ansiosa, enquanto os números vão crescendo de forma assustadora.

— O total é de US\$ 52,12.

Janie fecha os olhos por um momento.

— Sinto muito — ela diz. — Tenho exatamente US\$ 50. Preciso tirar alguma coisa.

A menina do caixa suspira. A fila atrás de Janie aumenta. Ela fica vermelha de vergonha e não olha para nenhum deles. Decide o que é necessário.

Hesitante, tira a mistura de bolo e a cobertura.

Entrega-as à menina do caixa.

— Tire estes aqui, por favor — diz ela, baixinho. *Faz sentido*, ela pensa.

A menina do caixa lida com a situação como se fosse um grande problema. Fica apertando os botões com os dedos.

As pessoas mostram sinais de hostilidade, estupidez, e ficam mexendo os pés, impacientes, atrás de Janie.

Ela as ignora.

Suando muito.

— US\$ 48,01 — anuncia, por fim, a caixa.

Ela conta as moedas do troco de US\$ 1,99, como se estivesse quebrando suas costas levantar o peso de tantas moedas de uma vez só.

Janie pendura os sacos cheios de compras nos braços, três de cada lado, e sai voando dali. Inspira o ar puro e frio. Puxa as sacolas para cima com o braço, assim que chega à estrada, para entrar no clima de seu exercício do dia, tentando não amassar os ovos e o pão. Sente uma dorzinha de prazer no braço, logo de cara. Depois, tudo que sente é apenas dor nos braços.

Depois de uns quatrocentos metros, um carro diminui a marcha e para na frente de Janie. Um homem sai do carro.

— Senhorita Hannagan, não? — pergunta. É o Feliz. Também conhecido como Sr. Durbin, seu professor de química 2. — Precisa de carona? Eu era um dos clientes atrás de você na fila.

— Eu estou... Tá tudo bem. Gosto de caminhar — diz ela.

— Tem certeza? — um sorriso cético aparece rapidamente no rosto dele. — Até onde você vai?

— Só, sabe... Um pouco além de Hill — Janie faz um gesto com a cabeça apontando para a estrada cheia de neve, que vai sumindo na escuridão atrás dos faróis do carro do Sr. Durbin. — Não é tão longe assim.

— Realmente não é incômodo algum. Entre — Durbin fica lá, parado, em pé, esperando, com o braço por cima da porta aberta de seu carro, como se ele não fosse aceitar um “não” como resposta, o que faz a pele de Janie formigar. Mas... talvez ela devesse aproveitar a oportunidade de conhecer um pouco melhor o Sr. Durbin, para os propósitos da investigação.

— Bem... — Janie está começando a tremer de fome. — Obrigada — diz ela, abrindo a porta do passageiro. Ele volta para dentro do carro, coloca quatro ou cinco sacolas da mercearia no banco traseiro, e ela entra. — Sempre em frente, à direita na Butternut. Sinto muito — ela acrescenta, sem saber ao certo o porquê. Talvez pela inconveniência.

— Não se preocupe, problema algum. Eu moro logo ali depois do viaduto, na Sinclair — diz ele. — Fica bem no meu caminho para casa — o ruído do aquecedor do carro quebra o silêncio. — Então, o que está achando das aulas? Fiquei feliz de ver tantos alunos neste semestre. Dez é muita gente para essa matéria.

— Eu gosto — responde. É a aula predileta de Janie, para falar a verdade. Mas ele não precisa saber disso. — Gosto que a classe seja pequena — ela acrescenta, depois de mais um momento em silêncio —, pois cada aluno tem um lugar no laboratório. Em química 1, sempre usávamos a bancada em duplas.

— É — ele concorda. — Você teve aula com a Sra. Beecher em química 1?

Janie assente com a cabeça.

— É.

O Sr. Durbin estaciona na entrada da casa de Janie, assim que ela mostra qual é, e fica perplexo ao ver o carro de Janie parado lá, como se alguém tivesse acabado de dirigi-lo. Não há neve sobre ele, e um vapor recente está saindo do capô.

— Então você prefere caminhar em uma noite fria como esta e carregar todo esse peso para casa no meio da neve? — ele ri.

Ela sorri.

— Eu não sabia ao certo se a velha Ethel voltaria para casa hoje à noite. Parece que ela está aí agora.

Ela não dá mais explicações. Ele estaciona o carro e abre a porta.

— Quer uma mãozinha?

As sacolas, logo que ela entrou no carro, haviam ido uma para cada lado e agora formavam uma tremenda bagunça.

— O senhor não precisa fazer isso, Sr. Durbin.

Ele sai do carro de um salto e anda rápido até o lado dela.

— Por favor — diz ele, que pega três sacolas e abre caminho para ela ir à frente, seguindo-a até a porta.

Janie hesita, chutando o ar para tirar a neve das botas, arrumando as sacolas para conseguir abrir a porta. Percebe umas coisas em sua casa que ignora na maior parte do tempo. A porta de tela com uma ripa de madeira está meio pendendo para um dos lados por causa das dobradiças um pouco soltas. A madeira do lado de fora está apodrecendo na base, e a tinta está descascando.

Vergonhoso, pensa Janie, entrando na casa com o Sr. Durbin logo atrás dela. Ela acende a luz da entrada e fica momentaneamente cega por causa do brilho. Para no meio do caminho, até conseguir enxergar de novo, e o Sr. Durbin esbarra nela.

— Desculpe-me — ele diz, soando envergonhado.

— Foi culpa minha — diz ela, sentindo-se um pouco constrangida com ele ali na casa dela. Ela não baixa a guarda. Vai saber? Pode ser ele a pessoa que procuram.

Eles viram para entrar na cozinha escura. Ela coloca suas sacolas no balcão e arruma as que ele carregava, colocando-as do lado das dela.

— Obrigada.

Ele sorri.

— Imagina. Vejo você na segunda.

Ele se despede com um aceno de mão e caminha até a saída.

Segunda-feira. Aniversário de 18 anos de Janie.

Ela faz uma busca nas sacolas como se estivesse em uma missão. Pega um punhado de uvas, passa água nelas rapidamente e as enfia na boca, ansiando pela sensação inebriante da frutose. Começa a colocar as coisas no lugar, quando ouve o som de um passo atrás dela.

Ela se vira.

— Jesus, Cabe. Você me assustou pra cacete!

Ele balança as chaves do carro dela.

— Fui entrando, achei que você estaria aqui. Ouvi outra voz, daí me escondi no seu quarto. Então, quem era? — ele pergunta, tentando soar indiferente. E sua tentativa é um completo fracasso.

— Está com ciúme? — provoca Janie.

— Quem. Era. Ele. — Cabel diz as palavras uma a uma, pausadamente.

Ela levanta a sobrancelha.

— O Sr. Durbin. Ele me viu andando até em casa e perguntou se eu queria uma carona. Estava na fila atrás de mim na mercearia.

— O Durbin?

— Sim. Foi muito gentil da parte dele, na minha opinião.

O instinto de Janie discorda disso, mas ela não está a fim de ter uma discussão sobre trabalho com Cabel, neste exato momento.

— Ele é novo. O que ele quer dando carona para alunos? Isso é estranho.

Janie espera para ver aonde ele quer chegar. Mas parece que ele não quer chegar a lugar algum. Ainda assim, ela faz uma nota

mental para registrar depois este incidente no caderno sobre o caso — todo cuidado é pouco. Janie se vira e continua a guardar as coisas. Ainda está confusa sobre como Cabel estava calado um pouco mais cedo. Mas não diz nada.

— Eu não sabia onde você estava — ele diz, por fim.

— Bem, se eu soubesse que você viria, teria deixado um bilhete. Mas... — ela continua, friamente — tive a impressão de que você estava irritado comigo. Então, nem esperava ver você.

Ela está visivelmente tremendo agora. Pega o leite, arranca a tampinha e vira-o direto da garrafa. Coloca o leite de lado e procura alguma coisa que seja de preparo rápido. Ela pega mais algumas uvas e engole-as rapidinho.

Ele está observando-a. Há uma expressão nos olhos dele que ela não entende.

— Obrigada por trazer meu carro, obrigada mesmo. Você voltou andando para a escola?

— Não. Meu irmão Charlie me deu uma carona.

— Bem, agradeça a ele por mim.

A essa altura, ela já havia aberto a pasta de amendoim e a espalhado em um pedaço de pão. Ela coloca um pouco de leite em um copo alto, pega o sanduíche e passa sorrateiramente por Cabel, em direção à sala de estar. Liga a TV e entorta os olhos para vê-lo.

— Você quer um sanduíche ou alguma outra coisa? — ela pergunta. — Gostaria de ficar aqui? — ela não sabe mais o que dizer. Ele está apenas olhando para ela.

Finalmente, ele puxa um pedaço de papel do bolso de sua jaqueta. Desdobra-o. Desliga a TV.

— Faz uma coisa para mim, um minuto — diz ele.

Ele fica em pé, diretamente na frente dela, depois se vira e caminha 15 passos na direção oposta. Para e vira o rosto para olhá-la novamente.

— Que diabos você está fazendo?

— Leia isso. Em voz alta, por favor.

É um daqueles quadros para teste de visão.

— Cara, eu realmente estou tentando comer.

— Leia. Por favor.

Ela suspira e olha para o quadro.

— *E* — ela diz. E solta um riso forçado.

Ele não está rindo.

Ela lê a próxima linha.

E a seguinte. Revirando os olhos. E chutando o que está escrito.

— Cubra seu olho direito e faça isso de novo — diz ele.

Ela faz o que ele pede.

— Agora, cubra o olho esquerdo.

— Grrr — ela diz, mas faz.

Já decorou.

Tudo que consegue discernir com o olho direito é a letra ‘E’. Ela não diz nada. Apenas diz as letras que lembra ter visto antes.

E então, ele demora um segundo, pegando um quadro diferente.

— Faça isso com aquele olho de novo — diz ele.

— Qual é o problema com você? — ela quase grita. — Droga, Cabel. Não sou sua filhinha nem nada do tipo.

— Consegue ler ou não?

— *N* — diz ela.

— Isso é o máximo que você consegue ler?

— É.

— Certo — ele morde o lábio. — Me dá licença um pouquinho, tá?

— Faça o que quiser — diz ela.

Então, talvez ela precise usar óculos. Grande coisa! Cabel desaparece, entrando no quarto dela. Ela o ouve andando de um lado para o outro no chão barulhento, e falando sozinho.

Janie come seu sanduíche e vira goela abaixo o copo de leite. Vai até a cozinha e prepara outro. Pega o punhado de cenouras e descasca-as em cima da lata de lixo. Enche outro copo de leite.

Leva seu banquete para a sala de estar e senta. Liga de novo a TV. Está sentindo-se bem melhor. Suas mãos pararam de tremer. Ela engole as últimas gotas de leite e sente-as se revirando em seu

estômago. Sorri, satisfeita. Acha que deveria ser a garota dos pôsteres da propaganda “Got Milk?”^[18].

22h59

Janie consegue sair de seu estado de torpor pós-jantar e imagina o que Cabel está fazendo no quarto dela durante esse tempo todo. Levanta-se e dirige-se até o corredor curto, empurra a porta, abrindo-a, e imediatamente é sugada para a escuridão.

Ela cambaleia.

Cai no chão.

Cabel está como um louco tentando trancar uma porta. Cada vez que ele a tranca, uma nova fechadura aparece. Conforme ele fecha algumas portas, as outras se abrem. Ele não consegue acompanhar o ritmo.

Às cegas, Janie procura a saída.

Ela deixa seu quarto para trás, engatinhando, puxando e fechando a porta atrás dela.

E a conexão é interrompida.

Ela pisca, vendo estrelinhas, e volta a ficar em pé. Pega uma coberta bem velha no armário e a arruma no sofá, suspirando. Ela não consegue dormir nem mesmo em sua própria cama esses dias.

7 de janeiro de 2006, 6h54

Janie acorda assustada. Ela olha ao redor, enquanto uma fria rajada de ar invade a sala de estar. Senta e depois vai até a cozinha, olhando para fora pela janela. Há pegadas recentes na neve em direção ao passeio, elas atravessam a rua e seguem até o quintal do outro lado.

Ela vai dar uma olhada em seu quarto.

Ele se foi.

Ela balança a cabeça, em sinal de desaprovação. *Que idiota*, pensa. Então encontra o bilhete dele.

Merda. Sou muito idiota mesmo. Me desculpa. Você deveria ter batido em mim até eu acordar. Tenho algumas coisas para fazer hoje, mas você me liga? Por favor?

Com amor,

Cabe.

Há realmente “algo” num cara que admite ser um idiota que faz com que seja perdoado.

Janie joga-se em sua cama. Seu travesseiro tem o cheiro dele. Ela sorri. Abraça o travesseiro.

Fala sozinha.

— Adoraria sonhar com a rua Center e gostaria de falar com a senhorita Stubin novamente — diz ela, repetidas vezes, enquanto vai pegando no sono.

7h20

Janie vira para o outro lado e acorda. Olha para o relógio. Suspira. Está enferrujada nesse lance. Repete seu mantra. Forma uma imagem mental da cena.

8h04

Ela está em pé, parada, na rua Center. Está escuro, frio e chovendo novamente.

Olha ao seu redor.

Não há ninguém lá.

Janie anda para cima e para baixo, sem rumo, na rua, procurando pela senhorita Stubin, mas a rua está vazia. Janie senta no mesmo banco de antes.

Espera.

Reflete.

Lembra-se da conversa anterior.

— Quando tiver perguntas sobre minhas anotações, pode me encontrar aqui — havia dito a senhorita Stubin.

Janie dá um tapinha na testa e o sonho se dissipa.

Quando Janie acorda, promete a si mesma que vai praticar o direcionamento e o controle de seus sonhos todas as noites. Isso vai ajudá-la. Ela sabe que vai.

Também promete que vai continuar lendo as anotações da senhorita Stubin para que possa ter algumas perguntas a fazer.

10h36

Janie mastiga sua torrada fazendo bastante barulho enquanto pega a caixa de arquivos que a Capitã lhe deu. Recomeça de onde parou e lê os relatórios, fascinada.

16h14

Ela termina de ler o segundo arquivo. Ainda de pijama, na cama. Restos de lanche por toda parte. O telefone toca e, ofegante, lembra-se do bilhete de Cabel.

— Alô?

— Hei.

— Merda!

Ele ri.

— Posso passar aí?

— Estou aqui sentada de pijama ainda. Me dê uns 30 minutos.

— Sem problemas.

— Hei, Cabe?

— Fala...

— Por que você está bravo comigo?

Ele suspira.

— Não estou bravo com você. Juro. É só que... eu me preocupo com você. Podemos falar sobre isso quando eu chegar aí?

— Certo.

— Te vejo daqui a pouco.

Janie ouve alguém batendo de leve na porta e abrindo-a. Ela dá uma espiada pela quina da parede e, para sua grande surpresa, é Carrie.

— Oi, sou eu, sua amiga que só aparece quando está tudo bem e some depois! — Carrie sorri, envergonhada.

Merda, pensa Janie.

Ela pega o casaco e coloca um sorriso na cara.

— Hei, garota — diz ela. — Eu estava saindo para tirar a neve. Vem comigo?

— Hum... acho que sim. O que foi?

— Nada. Só estou entediada.

— Onde está Stu?

— Noite do pôquer.

— Ahhh. Ele faz isso com frequência?

— Na verdade, não. Só quando os caras o chamam.

— Hummmm.

Janie pega a pá e começa a limpar os degraus primeiro, depois, a calçada. Mantém o rosto virado para a direção de onde acha que Cabel virá. Está ficando escuro, e ela espera que ele perceba que Carrie está lá.

— Então, o que você vai fazer esta noite?

— Eu? — Janie ri. — Lição de casa, claro!

— Quer companhia? — Carrie está parecendo melancólica.

— Você tem lição de casa para fazer?

— Claro. Na verdade, a questão é se farei ou não a lição.

Janie o vê pelo cantinho dos olhos. Ele está parado no quintal lateral dos vizinhos, do outro lado da rua. Ela ri com o que Carrie disse e fala:

— Bem, chega disso — ela dá uma batidinha na pá e sobe os degraus. — Entre.

Carrie entra na casa e Janie dá uma olhada de relance para Cabel, bem rápido, por cima do ombro. Ele encolhe os ombros, sem poder fazer nada, e faz um sinal de que está tudo bem. Janie entra em sua casa depois de Carrie.

Carrie fica até meia-noite, quando já está de boa e um pouco chapadinha por causa da bebida da mãe de Janie.

Janie pensa em ir até a casa de Cabel depois que Carrie vai embora, mas decide que terá uma boa noite de sono ali e que o verás na manhã seguinte.

8 de janeiro de 2006, 10h06

Janie liga para Cabel. Cai na caixa postal.

11h22

Cabel retorna o telefonema de Janie. Deixa uma mensagem na secretária eletrônica.

12h14

Janie liga para Cabel. Cai na caixa postal.

14h42

O telefone toca.

— Alô — diz Janie.

— Pelos demônios do inferno, como sinto sua falta! — diz ele, rindo.

— Onde você está?

— Na UM. Tinha algo a resolver aqui.

— Merda.

— Eu sei.

Segue-se um silêncio.

— Quando você chegará em casa?

— Tarde — responde ele. — Me desculpa, docinho.

— Tá — diz ela, com um suspiro. — Vejo você amanhã, talvez.

— É. Tá certo — diz ele, meigo.

[18] Got Milk?, em tradução livre: “Bebeu leite?”, é uma campanha publicitária norte-americana, criada em 1993, pela agência de publicidade Goodby Silverstein & Partners para a California Milk Processor Board. A campanha ficou conhecida por aumentar consideravelmente as vendas de leite nos Estados Unidos. (N. T.)

FELIZ ANIVERSÁRIO, AGENTE HANNAGAN

9 de janeiro de 2006, 7h05

Janie acorda no dia de seu aniversário se sentindo terrivelmente triste.

Ela deveria saber.

Isso acontece todo ano.

De algum jeito, parece pior este ano.

Cumprimenta a mãe na cozinha. Ela emite um semirronco, prepara sua bebida matinal e some para dentro de seu quarto. Como qualquer dia comum.

Janie prepara *waffles* que estavam congelados para seu café da manhã. Coloca uma bendita vela no meio deles. Assopra a vela.

Feliz aniversário para mim, ela pensa.

Nos tempos em que sua avó estava viva, pelo menos Janie ganhava um presente.

Ela chega atrasada na escola. Dengoso marca sua presença acusando atraso e não vai reconsiderar isso.

Janie sempre odiou o Dengoso.

O mais estúpido. Anão. De todos.

Psicologia é interessante.

Não.

O Sr. Wang é o mais incompetente professor de psicologia da história. Janie sabe mais do que ele, até agora. Ela tem plena certeza de que ele está apenas dando aulas até ganhar espaço sob os holofotes do *showbiz*. Aparentemente, ele gosta de dançar. Carrie disse a Janie que Melinda o viu em Lansing, em um clube, e que ele estava dando um show.

Engraçado isso. Ele parece muito, mas muito tímido mesmo. Janie faz uma anotação sobre isso e acaba derramando um pouco de seu energético vermelho, o Power Aid, em cima do caderno. Espalha-se por seus sapatos, deixando-os ensopados.

E então, na aula de química, seu béquer explode.

Lançando um caco de vidro como se fosse uma estrela cadente atravessando-lhe as vísceras.

Rasga sua camiseta.

Ela se desculpa e pede para sair para estancar o sangramento. A enfermeira da escola diz que ela tem de ser mais cuidadosa. Janie revira os olhos.

De volta à aula, o Sr. Durbin pede para ela passar pela sala dele depois da aula, para falar sobre o que deu errado.

O almoço é barfaritos.

Dunga, Débi e Loide estão todos alertas hoje. Alguém dorme em cada uma daquelas aulas, até mesmo na aula de educação física, já que hoje estão na classe estudando saúde. Janie finalmente usa o recurso de jogar cliques de papel na cabeça deles para acordá-los.

Na hora em que ela chega à sala de estudos, sente vontade de chorar. Carrie não se lembra do aniversário dela, como sempre. E então Janie percebe com aquele sentido feminino aguçado e temeroso que está menstruada.

Ela consegue passar pelo corredor e fica a maior parte daquela hora no banheiro, simplesmente longe de todo mundo. Ela não tem um absorvente, nem 25 centavos para pegar um na máquina. Então, volta à enfermaria pela segunda vez naquele dia.

A enfermeira não está muito receptiva.

Por fim, faltando 5 minutos para o término das aulas, encaminha-se de volta à biblioteca. Cabel lança-lhe um olhar inquisitivo. Ela balança a cabeça para dizer que está tudo bem.

Ele dá umas olhadas de relance pelos arredores. Enfia-se, sorrateiramente, na cadeira em frente a ela.

— Tudo bem com você?

— Tá... só estou passando por um daqueles dias de merda.

— Posso ver você hoje à noite?

— Acho que sim.

— Quando você pode vir?

Ela pensa.

— Não sei. Tenho que resolver algumas merdas. Lá pelas cinco da tarde, pode ser?

— Sente vontade de malhar?

Janie sorri.

— Sim.

— Vou esperar por você.

O sinal toca. Janie termina a lição de inglês, pega sua mochila e seu casaco e vai até a sala do Sr. Durbin. Ela já sabe por que o béquer explodiu e não sente vontade de contar a ele o que houve.

Ela abre a porta. Os pés do Sr. Durbin estão apoiados em cima da mesa. A gravata dele está meio solta e o primeiro botão da camisa está desabotoado. O cabelo está um pouco levantado, como se ele tivesse passado os dedos nele. Está dando notas em trabalhos em uma prancheta, que está sobre seu colo. Ele levanta o olhar.

— Oi, Janie. Só um segundo.

Ele rabisca alguma coisa.

Ela fica lá, em pé, parada, esperando e alternando o peso do corpo de um pé para o outro. Fica com câimbras. E dor de cabeça.

O Sr. Durbin rabisca mais algumas anotações, depois coloca sua caneta de lado e olha para Janie.

— Então... Dia ruim?

Ela sorri, desdenhando dela mesma.

— Como o senhor sabe?

— Apenas um palpite — ele diz. Parece que está tentando decidir o que fazer em seguida e, por fim, continua: — Por que o bolo e a cobertura?

— Não entendi?

— Por que você tirou do carrinho o bolo e a cobertura, entre todas as outras coisas que tinha comprado?

— Eu não tinha dinheiro suficiente comigo.

— Entendi essa parte. Odeio quando isso acontece. Mas por que não devolveu as uvas ou as cenouras, ou alguma outra coisa?

Janie estreita os olhos.

— Por quê?

— É seu aniversário? Não minta porque verifiquei seus registros.

Janie encolhe os ombros e desvia o olhar.

— De qualquer modo, quem precisa de bolo? — diz ela. Sua voz sai fina, e ela luta para não chorar.

Ele a encara pensativo. Ela não consegue ler a expressão dele. Ele muda de assunto.

— Então. Conte-me a respeito de sua pequena explosão.

Ela encolhe-se de medo.

Suspira.

Aponta para o quadro-negro.

— Estou tendo alguns problemas para ler o que está escrito na lousa — diz ela.

O Sr. Durbin bate com a ponta dos dedos de leve no queixo.

— Bem, isso explica tudo — ele sorri e desliza sua cadeira para trás. — Já foi ao oftalmologista?

Ela hesita.

— Ainda não.

Ela olha para baixo.

— Quando é sua consulta? — pergunta ele, enfaticamente.

Ele se levanta e pega um béquer e os componentes para a fórmula, colocando-os na mesa dela no laboratório. Faz um sinal com a mão para que ela se aproxime.

— Ainda não tenho consulta marcada.

— Você precisa de ajuda financeira, Janie? — a voz dele soa bondosa.

— Não... — ela diz. — Eu tenho um pouco de dinheiro — ela fica vermelha de vergonha. Não precisa de caridade.

O Sr. Durbin olha para a fórmula.

— Desculpe-me, Janie. Só estou tentando ajudar. Você é uma excelente aluna. Quero que consiga enxergar.

Ela fica em silêncio.

— Vamos tentar fazer este experimento de novo? — ele empurra o béquer na direção dela.

Janie coloca os óculos de segurança e acende o bico de Bunsen.

Aperta os olhos para ver as instruções e faz as medições com cuidado.

— É $\frac{1}{4}$, não $\frac{1}{2}$ — diz ele, apontado para a fórmula.

— Obrigada — murmura ela, concentrando-se.

Ela não vai detonar isso de novo.

Faz a mistura dos componentes. Agita durante dois minutos.

Deixa chegar à fervura.

Com um *timing* perfeito.

Interrompe a fonte de calor.

Espera.

O resultado é um violeta glorioso.

Tem cheiro de xarope para tosse.

Está perfeito.

O Sr. Durbin dá um tapinha amigável no ombro dela.

— Parabéns, Janie.

Ela sorri. Tira os óculos de segurança.

E a mão dele ainda está em seu ombro.

Fazendo carinho agora.

Janie sente um frio na barriga. *Ah, Deus*, ela pensa. Quer ir embora dali.

Ele está sorrindo, orgulhoso dela. Suas mãos deslizam para baixo pelas costas dela, tão de leve que ela mal consegue senti-las. Ela sente-se desconfortável.

— Feliz aniversário, Janie — ele diz em uma voz baixa, perto demais do ouvido dela.

Janie faz um tremendo esforço para evitar tremer. Tenta respirar normalmente. *Lide com isso, Hannagan*, ela diz a si mesma.

Ele afasta-se dela e começa a ajudá-la a limpar a mesa do laboratório.

Janie quer sair correndo. Sabe que precisa manter-se tranquila, mas, em vez disso, foge na primeira oportunidade que se apresenta. Uma coisa era falar do que poderia acontecer, algo totalmente diferente era vivenciar aquilo de verdade. Janie estremece e se força a caminhar com calma. Recompõe-se.

Dirige-se até o lado de fora, a caminho do estacionamento. E, então, lembra-se de que esqueceu sua maldita mochila na maldita mesa do laboratório.

Suas chaves estão lá.

A sala está fechada agora.

E ela não tem uma merda de um telefone celular. *Oi, é o ano de 2006 ligando para você para dizer que é uma completa perdedora.*

Ela volta para tentar pegar a mochila, sentindo-se uma idiota, e encontra Durbin no meio do caminho. Está carregando a mochila dela.

— Achei que a encontraria no meio do caminho para pegar isto — ele diz.

Janie pensa rápido. Sabe o que precisa fazer. Luta para passar por cima do que lhe dá arrepios.

— Obrigada, Sr. Durbin — diz ela. — O senhor é o melhor.

Ela dá um leve aperto no braço dele, e sorri rápida e timidamente. E, em seguida, vira-se em direção ao corredor, a passos largos. Ela sabe para o que ele está olhando.

Quando vira no corredor, dá uma espiada por cima do ombro para olhar para ele. Ele está lá. Parado, em pé, observando-a com os braços cruzados no peito. Ela dá um aceno com a mão e desaparece da vista dele.

E agora, ela não quer contar isso a Cabel.

Ele vai ficar preocupado.

Ela dirige até sua casa e procura pelo número da Capitã. Liga para o celular dela.

Conta a ela sobre seu palpite.

— Bom trabalho, Janie. Você nasceu para isso — diz ela. — Tudo bem com você?

— Acho que sim.

— Pode continuar com isso por um tempinho?

— Eu... eu tenho plena certeza de que consigo, sim.

— Eu sei que você consegue! Agora, quero que você faça pesquisas. Não há uma feira de ciências ou algo assim? Uma competição estadual entre escolas de ensino médio para a qual a Fieldridge manda uma equipe? Algo desse tipo?

— Não sei... É, acho que sim. Deve ter. Tem uma de matemática, de qualquer forma.

— Dá uma checada nisso. Se tiver e se esse Durbin for à feira, quero que você se inscreva. Pagaremos por isso, não se preocupe. Venho torturando meu cérebro para pensar a respeito e não consigo

chegar a uma melhor maneira de você aterrissar no sonho dele, ou nos sonhos dos outros alunos. Pode ser?

— Não, senhor. Digo, certo, vou me inscrever.

Janie suspira, lembrando-se da estúpida viagem de ônibus a Stratford no semestre anterior.

— Você já deu uma olhada nos relatórios da Martha?

— Em alguns — diz Janie.

— Algo a perguntar?

Janie hesita, pensando no que a senhorita Stubin disse no sonho.

— Não. Ainda não.

— Bom. Ah, e... Janie?

— Sim, senhor?

— Você está me ligando de casa. Eu ainda não te dei uma droga de celular?

— Não, senhor.

— Bem, não quero que você vá a lugar algum sem celular de agora em diante! Está me ouvindo? Arrumarei um para você amanhã. Dê uma passada aqui depois das aulas. E você precisa falar com Cabel sobre esse cara, caso não tenha feito isso ainda. Não quero você neste projeto sozinha. Já me deixa doente de preocupação saber que aquele pervertido está dando em cima de outras garotas da escola, quanto mais você!

— Sim, senhor.

— Mais uma coisa... — diz a Capitã.

— Sim.

Há uma pausa.

— Feliz aniversário! Há um presente para você na minha mesa. O celular estará ao lado dele amanhã, depois da escola, caso você venha aqui e eu não esteja.

Janie não consegue falar.

Engole em seco.

— Ficou claro? — pergunta a Capitã.

Janie pisca para fazer as lágrimas irem embora.

— Senhor, sim, senhor.

— Bom — dá para sentir um sorriso na voz dela.

Passava das seis da tarde quando Janie chegou à casa de Cabel. Ela balança as chaves, tentando achar a certa, e ele abre a porta. Ela levanta o olhar para vê-lo. Sorri.

— Oi.

— Onde você esteve?

— Sinto muito. Aconteceram umas coisas.

Ela entra na casa. Tira o casaco e as botas.

— Que coisas?

Ela sente o cheiro no ar.

— O que você está cozinhando?

— Frango. Que coisas?

— Ah, você sabe. Cheguei atrasada na escola e tudo deu bem errado depois disso. Já teve um dia daqueles?

Ele vai até o fogão e vira o frango.

— Sim. Praticamente todo dia no último semestre, quando você não queria falar comigo. Então, o que aconteceu?

Ela suspira.

— Meu béquer explodiu. Na terceira aula. Durbin. Tive de ficar depois das aulas para refazer o experimento.

Ele olha para ela, com os pegadores de frango na mão.

— O cara das compras lá da mercearia?

Ela concorda com a cabeça.

— E?

— E... eu acho que ele é o cara que estamos procurando. Liguei para a Capitã.

Ele joga os pegadores no balcão, fazendo barulho.

— O que te faz pensar isso?

— Ele encostou em mim. Foi... estranho.

Ela diz isso rapidamente, e depois se vira e vai até o quarto.

Mas ele está logo atrás dela e ela não consegue fechar a porta, pois o pé dele está impedindo-a.

— Onde?! — ele grita.

Ela encolhe-se de medo. Dá um gemido agudo. Respira, recompõe-se e olha furiosa para ele.

— Pare, Cabe! Se você não consegue lidar com isso sem me confrontar, não vou contar mais nada!

Ele ouve o que ela tem a dizer.

Seus olhos ficam arregalados.

— Ah, querida — ele sussurra.

Cabel dá um passo para trás. Deixa a entrada livre. O rosto dele está pálido. Caminha lentamente de volta à cozinha. Curva-se sobre o balcão. Coloca as mãos na cabeça. Seu cabelo cai sobre os dedos.

Com um leve estalo, a porta do banheiro é fechada.

Ela fica lá por um bom tempo.

Ele está arrancando os cabelos.

Por fim, frustrado, liga para a Capitã.

— O que está acontecendo, senhor?

Há uma pausa, e então ele diz:

— Ela disse que ele a tocou. É tudo que consegui arrancar dela até agora.

Ele acena com a cabeça.

Puxa o cabelo.

— Sim, senhor.

Escuta com atenção.

O rosto muda.

— É o quê?

Então.

— Puta que pariu, mas que merda — ele sussurra. — Está brincando... — fecha os olhos. — Pode atirar em mim agora. Eu não sabia.

Ele fecha o *flip* do celular.

Coloca-o na mesa.

Caminha até a porta do banheiro.

Inclina-se, encostando a testa no mofo da parede.

— Janie — ele diz. — Me desculpa por ter gritado. Não consigo tolerar nem pensar naquele esquisito encostando em você. Vou dar um jeito nisso. Juro.

Ele espera. Escuta.

— Janie — ele diz novamente.

Então, fica preocupado.

— Janie, por favor, me fala se você está bem aí. Estou preocupado. Só me diz alguma coisa, então eu...

— Tá tudo bem comigo aqui — ela diz.

— Você vai sair?

— Você vai parar de gritar comigo?

— Sim — diz ele. — Me desculpa.

— Você está me deixando maluca — ela diz, saindo. — E me assustou.

Ele concorda com a cabeça.

— Não faça isso.

— Tá bem.

19h45

Cabel diminui o fogo do frango, esperando salvá-lo. Janie está na sala do computador, passando a limpo suas anotações.

Ele entra e senta do lado oposto ao dela, em frente ao outro computador. Dá uma pesquisada geral na internet. Escreve alguma coisa. Clica em enviar. O computador de Janie emite um som de recebimento de mensagem. Quando ela termina suas anotações, verifica suas mensagens no Gmail. Clica no link. Vê o que está na tela.

É um cartão virtual em Flash.

Simples e bonito.

Eu te amo e sinto muito, sou um babaca.

Feliz aniversário.

Com amor,

Cabe.

Ela olha para baixo, para as teclas. Pensa no que vai escrever. Clica em responder.

Caro Cabe,

Obrigada pelo cartão.

Isso significa muito para mim.

Não recebo um cartão de aniversário desde os 9 anos. Acabei de perceber que foi metade da minha vida que já passou.

Sinto muito por ser uma babaca também. Eu sei que você fica frustrado quando não me cuido. É por isso que você estava bem bravo outro dia, né? Tentarei me esforçar para trabalhar melhor com o lance dos sonhos, para que não me detonem tanto assim. E levarei sempre comigo coisas para comer na minha mochila, de agora em diante. Eu já deveria estar fazendo isso, então, você não tem muito com que se preocupar.

O lance é que eu gosto quando você está por perto para me ajudar. Isso me faz sentir que alguém se importa comigo, sabe? Então, talvez eu tenha negligenciado algumas coisas de propósito, só para ser notada por você. É idiota. Vou parar com isso.

Por que você está tão agoniado com este caso?

Tudo que eu sei é que realmente sinto sua falta.

Com amor,

J

Ela lê e relê o que escreveu e clica em enviar.

O computador de Cabel emite um som de recebimento de mensagem.

Ele lê o e-mail.

Clica em responder.

Querida J.

Quero explicar uma coisa.

Depois que meu pai botou fogo em mim... bem... ele morreu na cadeia, enquanto eu ainda estava no hospital, recebendo enxertos de pele. Eu nunca consegui dizer a ele o quanto ele me machucou. Não apenas fisicamente, mas por dentro, sabe? Então, eu descarreguei em outras coisas por um tempo.

Estou melhor agora. Recebi aconselhamentos sobre isso e realmente estou bem melhor. Mas não perfeito. E ainda estou lutando com isso.

Olha... você é a única pessoa que tenho em minha vida com quem realmente me importo. Sou egoísta quanto a isso. Não quero

que ninguém toque em você. Quero mantê-la a salvo. É por isso que odeio tanto esta tarefa. Agora que tenho você, tenho medo de vê-la machucada ou que fique muito mal com isso tudo, como eu fiquei. Tenho medo de perdê-la, acho.

Gostaria que você sempre estivesse a salvo. Eu me preocupo demais. Se você não fosse tão malditamente independente... ah, bem : -)

Por mais que tenhamos passado por uns bons momentos nos últimos meses, ainda não nos conhecemos muito bem, conhecemos? Quero ter uma oportunidade de mudar isso. Quero conhecer você melhor. Saber o que a deixa feliz e o que lhe dá medo. E também quero que você saiba essas coisas sobre mim.

Eu te amo.

Vou tentar nunca mais magoá-la de novo.

Sei que fiz merda. Mas vou continuar tentando, contanto que me deixe.

Com amor,

Cabe.

Envia.

Janie lê.

Engole o nó na garganta com dificuldade.

Vira-se para ele.

— Quero isso também.

Ela fica em pé e, em um movimento rápido, vai até ele, que está na frente do laptop. Envolve o pescoço dele com os braços. Os braços dele envolvem a cintura dela, e ele fecha os olhos.

10 de janeiro de 2006, 16h

Janie entra sorrateiramente na delegacia, passa pelo detector de metal e encaminha-se até a parte de baixo do prédio.

— Hei, garota nova — diz um homem lá pela faixa dos 30, quando ela chega na frente do escritório da Capitã Komisky e bate na porta. — Hannagan, certo? — a Capitã disse para falar para você

entrar. Ela deixou algumas coisas lá para você. Meu nome é Jason Baker. Trabalhei com o Cabel na *blitz* das drogas.

Janie sorri.

— Prazer em conhecê-lo — eles trocam um aperto de mão. — Obrigada — ela acrescenta e abre a porta do escritório.

Em um canto da mesa está o menor telefone celular que ela já viu e, do lado dele, uma caixa de tamanho médio junto com um envelope. Tem uma fita na caixa. Ela abre um sorriso e pega as coisas, depois, sai furtivamente. Quando chega ao seu carro, examina a caixa do presente e o envelope, saboreando-os.

Decide esperar.

16h35

Sentada na cama, abre o envelope primeiro. É um cartão de aniversário tradicional com uma assinatura simples embaixo: *Fran Komisky*. Dentro do cartão, há um vale-presente para um curso de autodefesa da Escola de Artes Marciais do Mario. Legal!

E dentro da caixa está todo tipo de itens e mimos que Janie nunca compraria para si. Velas para relaxamento, óleos de massagem antiestresse, sais de banho aromaterápicos e uma grande quantidade de pequeninas garrafinhas adoráveis. Janie solta um gritinho agudo de felicidade. Os melhores presentes que já ganhou na vida.

Ela liga para Mario e se inscreve para uma aula que começa no dia seguinte. E, em seguida, pega a lista telefônica e procura por um optometrista. Acha uma ótica que fica aberta à noite e marca uma consulta. A recepcionista diz que houve um cancelamento da consulta das 17h30 daquele dia e pergunta se ela poderia ir.

Ela pode.

E vai.

Saqueia seu fundo para a faculdade.

Sai de casa uma hora depois, 400 verdinhas mais pobre, mas com óculos novos, da moda e sexy. Ela ama os óculos, para falar a verdade.

E consegue enxergar.

Ela não fazia ideia de quão mal estava enxergando antes. Nem acredita na diferença.

Vai dirigindo até a casa de Cabel, sabendo que não pode ficar lá por muito tempo. Bate na porta da frente. Ele abre a porta, secando o cabelo com uma toalha. Abre um sorriso brilhante.

Ele fica lá parado, em pé, de boca aberta.

— Puta merda — ele diz. — Entra — puxa-a para dentro da casa e bate a porta com força. — Você está fantástica! — diz ele.

— Obrigada — ela agradece, e fica balançando o corpo de um lado para o outro. — E veio com um brinde — completa.

— Me deixa adivinhar. Você consegue enxergar?

— Como você sabe?

— Apenas um palpite.

— Hei, vamos fazer uma troca!

Ele sorri com malícia. Tira seus óculos e entrega-os a ela. Ela tira os dela e coloca os dele, enquanto Cabel observa a cena, divertindo-se.

— Oh, meu Deus! Sua visão é um horror.

— Não — diz ele. — A sua é. Meus óculos não têm grau.

Ela tira os óculos dele e, brincando, bate com os punhos no peito dele.

— Você é realmente um imbecil! Nem precisa usar óculos?!

Ele agarra-a pelas costas e abraça-a forte, apertando seu corpo contra o dela.

— Isso tudo fazia parte da minha imagem no último semestre — ele diz, rindo. — E me acostumei com eles. Gosto do visual, então, guardei. Me faz parecer sexy, você não acha? — diz ele, provocante, e então a beija na parte de cima de sua cabeça.

— Seu cheiro está maravilhoso — diz Janie. Ela coloca os braços em volta dele e olha para cima. — Ah, veja isso — ela retira o celular de seu bolso. — Não faço a mínima ideia de como funciona, mas não é a coisa mais fofinha que você já viu?

Cabel pega o telefone e examina-o. De cabo a rabo.

— Esse telefone — ele diz, finalmente. — Eu quero esse telefone.

Ela ri.

— Não. Esse é meu.

— Janie, não acho que você esteja entendendo. Eu quero.

— Sinto muito.

— Ele tem identificador de fotos, internet, câmera de vídeo e gravador digital?! Nossa, Hannah... está me deixando excitado.

— Ah, é? — diz Janie em uma voz sexy. — Quer brincar com meu telefone, querido?

Ele olha para ela, com os olhos ardentes.

— Que inferno, é lógico que eu quero!

Ele passa os dedos pelos cabelos dela, desliza as mãos até o bolso traseiro do jeans dela e se inclina para beijá-la.

Os óculos deles se encostam um no outro e fazem um tinido.

— Merda — sussurram os dois juntos, rindo.

— Não posso ficar, de qualquer forma — diz ela. — Além do mais, estacionei o carro na entrada.

— Espera um segundo, certo? — Cabel sai dali sorrateiramente e volta logo depois. — Aqui — ele diz, entregando a ela uma caixinha. — Pelo seu aniversário.

Os lábios de Janie ficam entreabertos pela surpresa. Ela pega a caixa. Sente-se estranha com a ideia de abrir a caixa na frente dele. Umedece os lábios enquanto examina a caixa e a fita que a envolve.

— Obrigada — diz ela, com ternura.

— Hum... — ele pigarreia. — O presente, na verdade, está dentro da caixa. A caixa é como se fosse um presente extra. É como a gente faz as coisas aqui na Terra.

Ela sorri.

— Ainda estou apreciando a caixa e o fato de você ter comprado um presente para mim. Não precisava fazer isso, Cabe.

— Eu só gostaria que você tivesse me dito que era seu aniversário, para que eu pudesse ter dado o presente no dia certo.

— É... — ela suspira — isso era eu fazendo uma festinha de autopiedade. Quando é o seu? — ela pergunta de repente.

— 25 de novembro.

Ela levanta o olhar na direção dele. Os olhos dela se recordam de algo: o final de semana de Ação de Graças.

— É. Você estava no estudo do sono. E não estávamos exatamente nos falando.

— Deve ter sido uma merda de final de semana — ela diz.

Ele fica em silêncio por um instante.

— Abra, J.

Ela tira a fita.

Abre a caixa. É um pequeno pingente de diamante em uma corrente de prata. Reluz dentro da caixa.

Janie fica ofegante.

E lágrimas inundam-lhe o rosto.

O VERDE E OS AZUIS

26 de janeiro de 2006, 9h55

O Sr. Wang interrompe o que Janie está fazendo depois da segunda aula.

— Você tem um momentinho, Janie?

— Com certeza — diz ela.

O Sr. Wang está usando roupa da Polo.

A sala fica vazia.

— Eu só queria cumprimentá-la pelo seu trabalho até agora neste semestre. Você parece entender mesmo de psicologia. Suas respostas na primeira prova foram brilhantes.

Janie abre um grande sorriso.

— Obrigada.

— Já pensou em seguir carreira na área?

— Ah... sabe. A ideia já me passou pela cabeça. Ainda não sei ao certo o que vou estudar na faculdade.

— Então, você *realmente* tem planos para a faculdade? — a voz dele é marcada por uma pontinha de incredulidade. — Talvez a Franklin Community?

Janie pestaneja, sentindo o desprezo.

Sentindo-se pobre.

Como se morar no lado errado da cidade significasse não esperar muita coisa dela.

— Bem, talvez — diz ela, com um tom meio fanhoso e inocente.

— Se o Júnior não estivesse a caminho... sabe, mamãe não consegue mais se virar sozinha no trailer. Tenho de dar um jeito de encontrar o pai do Júnior, para conseguir algum dinheiro, saca?

O Sr. Wang fica olhando fixamente para ela.

Ela vira-se para ir embora quando o sinal toca, e chega atrasada na aula de química.

— Desculpa — balbucia a Durbin, enquanto entra furtivamente e vai até seu lugar à mesa do laboratório, no fundo da sala. Os

outros já estão fazendo seus trabalhos. Janie copia as equações da lousa. Ainda acha incrível como consegue enxergar bem agora.

Arqueia-se sobre a mesa e rabisca os números em um pedaço de folha do caderno, decifrando a fórmula, verificando e checando de novo seu trabalho. O Sr. Durbin fica andando devagar ao redor da sala, dando dicas e fazendo piadas ocasionais com os alunos, como de costume. Ela entra no clima, como os outros.

De vez em quando, levanta os olhos para dar uma espiada e ver onde ele está, observando sua linguagem corporal enquanto interage com os alunos. Janie não o viu dizer nem fazer nada de inapropriado, desde aquele leve incidente há algumas semanas, e agora lá está ela começando a questionar o julgamento que fez. Aquilo realmente aconteceu? Ou era porque se sentia tão mal consigo naquele dia em que imaginou tudo aquilo?

Para falar a verdade, ele é um professor excelente!

E então, ele está ao lado da mesa dela, dando uma conferida no trabalho que está fazendo.

— Parece bom, Hannagan — diz ele, baixinho.

Mas ele não está olhando para o resultado de sua fórmula, borbulhando alegremente no béquer. Ele está olhando para baixo, na direção da blusa dela enquanto Janie está curvada.

Depois da aula, ele a interrompe no meio do caminho para a saída da sala.

— Você tem um bilhete para mim?

Janie fica desconcertada.

— O quê?

— Um bilhete?

— Para quê?

— Você chegou atrasada.

Janie dá um tapinha na testa.

— Ah... Hum... não, não tenho, mas o Sr. Wang me segurou depois da aula no período anterior. Ele pode confirmar.

— Sr. Wang, hum?

— Sim.

— Espera um pouco aqui, enquanto dou uma ligada para ele.

— Mas...

— Vou fazer uma anotação para você para entregar na próxima aula, não se preocupe.

Ele pega o telefone e disca para a sala do Sr. Wang.

O Sr. Wang, aparentemente, confirma que tinha segurado Janie depois da aula. O sinal toca. O Sr. Wang diz mais alguma coisa, e Durbin dá umas risadinhas.

— Não é? — ele ouve de novo. — Direi — ele fala.

Ele olha de lado e de relance na direção de Janie. Os olhos dele parecem encontrar um ninho e ficam cravados no peito dela, enquanto desliga o telefone.

— Certo, você se livrou dessa — diz ele, sorrindo. — Quem é seu papai?

Ela sorri, envergonhada.

— Aquilo foi uma piadinha — diz ela, umedecendo os lábios. — Obrigada, pode escrever um bilhete para mim agora?

— Claro — diz ele, com a voz preguiçosa.

Ele procura sua caneta e escreve umas coisas em um quadrado de folha de papel reciclado. Ele segura-o à sua frente, de forma que ela tenha de se aproximar para pegá-lo.

— Que tal? — ele está com um sorriso enorme nos lábios.

Ela pega o papel.

— O senhor quer que eu leia o que está escrito nele? — pergunta.

Ele faz que sim com a cabeça e rabisca mais alguma coisa em outro quadrado de papel.

— E este é para o seu próximo professor.

Ela estende a mão para pegá-lo.

— Ah, tá bem — diz ela — Ah...

— No primeiro papel, tem algumas informações sobre uma festinha de química que dou na minha casa, só para os alunos de química 2. Você, por acaso, poderia criar um *flyer* para eu entregar para todo mundo?

Janie olha para o papel.

— Claro, seria um prazer!

— Você parece o tipo de aluna que se daria bem com computação gráfica — diz ele. — Você sabe o que quero dizer —

ele estala os dedos. — Esperta com eletrônicos.

— Deve ser meus óculos que me deixam com cara de *geek* e entregam isso — diz ela, com naturalidade.

— Os óculos são legais, Janie. Está dando certo para você?

— Sim, eles são ótimos. Obrigada por perguntar — ela sorri. — Eu deveria ir para minha próxima aula agora. O senhor não tem aula neste período?

— Não. Esta é minha hora livre.

— Ah, legal. Estava pensando em perguntar ao senhor se tem algum tipo de feira ou concurso de química para o qual o senhor leve os alunos?

O Sr. Durbin bate de leve com as pontas dos dedos no queixo, pensativo.

— Eu não estava planejando fazer isso este ano porque é longe pacas... lá na UP, na Michigan Tech, mas você é a terceira pessoa que me pergunta sobre isso. Está interessada em reunir uma equipe? Teríamos de fazer isso bem rápido. Já é no próximo mês.

Os olhos de Janie acendem-se.

— Ah, sim, adoraria ir!

— É uma tremenda viagem para chegar lá. Teríamos de fazer reservas em um hotel. Isso é... hum... viável para você? Não creio que a escola possa dar uma ajuda financeira nesse caso.

Janie sorri.

— Posso gastar cem ou duzentos contos, sim.

O Sr. Durbin olha para ela.

— Creio que seria uma ótima experiência — diz ele, com a voz baixa e lenta.

Ela concorda com um sinal da cabeça.

— Bem, legal! Me avisa. Vou arrumar o *flyer* logo. Quer dez cópias?

— Sem pressa. A festa é só na primeira semana de março. Dez cópias seria perfeito. Na verdade, faça doze, caso o Finch perca o dele, como acaba perdendo todo o resto. Obrigado, Janie.

— Faço qualquer coisa pelo senhor — diz Janie, ficando vermelha de vergonha. — Digo... sabe... — ela ri e balança a cabeça, para mostrar que está envergonhada. — Deixa para lá.

Ele está sorrindo, olhando para o peito dela.
— Até amanhã.

14h05

Janie senta à mesa e esgueira-se para pegar seu celular na mochila. Liga-o. Envia uma mensagem de texto para Cabel:

“Durbin faz uma festa para o pessoal de química 2 todo semestre, na casa dele. Você tem como descolar as listas anteriores das classes de química 2 do Durbin?”

Um tempinho depois, ela recebe a resposta: “Claro! Vejo você às 16h?”

Janie inclina-se para a frente e o vê. Ele pisca. Ela sorri e confirma o encontro com um sinal da cabeça.

15h15

Janie liga para a Capitã.

— Falei com o Durbin sobre fazer parte de um grupo na feira de química. É no mês que vem. O complicado é que é lá em Houghton.

— Excelente trabalho, Janie. Ele terá de levar uma auxiliar mulher com ele. Você estaria perfeitamente segura.

— Ele dará uma festa para os alunos de química 2 também. Acho que faz isso todo semestre, em março e em novembro.

A Capitã para de falar por um momento. Pega suas anotações.

— Bingo! O primeiro telefonema foi feito no dia 5 de março. O segundo foi em novembro. Acho que temos algo aqui, Janie. Bom trabalho!

Janie desliga, o corpo inundado pela adrenalina do nervosismo. *Isso é bizarro demais*, ela pensa.

16h

Na casa de Cabel, Janie repete a ele a conversa com Durbin, da qual se lembra de cor, mesmo tendo feito anotações logo que entrou na outra aula. Cabel evita ficar preocupado, como prometeu.

Tem com ele a lista do último semestre, assim como a do anterior a este.

— Bem pensado, Cabe. Inteligente da sua parte.

— Amanhã vou rastrear as garotas que faziam a aula dele no semestre passado, para ver que aulas têm agora.

— Ótimo — diz ela.

Janie prepara um *flyer* para a festa de química 2. Está marcada para sábado à noite, dia 4 de março. Imprime 15 cópias. Entrega duas a Cabel.

— Uma para você e uma para a Capitã.

— Você nem imagina o quanto eu gostaria de poder estar lá.

— Você estará por perto, não?

— Mas que inferno, lógico que sim!

Ela fica em pé e abraça Cabel.

— Tenho que ir.

Ele olha para ela, já sentindo saudades.

— Eu deveria estar me sentindo mal por você não ter passado uma noite aqui em três semanas?

— Que tal amanhã à noite?

Ele sorri.

— Sábado também?

— É, tá. Você não tem nenhuma “coisinha” para resolver?

— Não neste fim de semana.

— Tá marcado.

— Fofa — diz ele. — Te vejo depois.

Ele a puxa em sua direção para beijá-la e depois disso ela vai embora, atravessando depressa a neve.

18h37

Janie se lança sobre os arquivos de Stubin. Ela sabe que a Capitã deseja que ela os devore. E é o que Janie vem fazendo há

um mês. Tudo é tão interessante, e ela está aprendendo feito louca como conseguir informações de um sonho. Como saber o que buscar em um deles. A senhorita Stubin conseguia, às vezes, pausar e ter uma visão panorâmica dos sonhos, como se fosse uma câmera, e ver as coisas que estavam atrás e na frente dela. A senhorita Stubin mencionou poucas vezes ter “voltado a fita” do sonho para vê-lo duas vezes. Janie não conseguiu fazer nada disso ainda. Está tentando, toda vez em que está na sala de estudos. Talvez tente com Cabel neste fim de semana.

22h06

Janie está chegando perto do fim do último arquivo. Ela esfrega as têmporas enquanto lê. Sua cabeça dói. Pega um analgésico e um copo de água na cozinha e volta a sua leitura.

Está fascinada. Encantada. Formulando uma lista de perguntas para fazer à senhorita Stubin e planejando uma visita a ela em sonho, logo.

Por fim, fecha o último arquivo e coloca-o de lado. Tudo o que restou foram alguns papéis soltos e um caderno de espiral verde e com poucas páginas.

Janie dá uma espiada nos papéis. Parecem ser anotações, rabiscadas em uma letra ilegível que não segue as linhas do papel. Todos os outros arquivos foram digitados. Janie está feliz porque não teve de lê-los daquele jeito. Devem ter sido escritos bem no fim da carreira da senhorita Stubin, depois que ela se aposentou e perdeu a visão.

Janie coloca os papéis de lado e abre o caderno de espiral.

Lê a primeira linha. O manuscrito tem uma letra controlada, relaxada, infinitamente mais legível do que as anotações que estão na cama ao lado de Janie. Parece o título de um livro.

*Uma jornada em direção à luz,
por Martha Stubin*

Há uma dedicatória embaixo do título:

Este diário é dedicado aos(às) apanhadores (as) de sonhos. É escrito expressamente para aqueles que seguirem meus passos, uma vez que eu tenha partido deste mundo.

As informações que tenho a compartilhar com vocês são compostas de duas coisas: deleite e terror. Caso não deseje saber o que lhe espera, feche este diário agora. Não vire a página.

Mas, se tiver estômago para tal e desejo de lutar contra o pior disso tudo, é melhor que tenha estes conhecimentos. Mas, de novo, pode ser algo que o assombre para o resto de sua vida. Considere isso seriamente. O que está a ponto de ler contém muito mais terror do que deleite.

Lamento dizer que não posso tomar a decisão por você. Ninguém mais pode. Você deve fazer isso por si. Por favor, não coloque a responsabilidade sobre os ombros dos outros. Isso vai arruiná-los.

Seja qual for sua decisão, está entrando em uma longa e árdua jornada. Não desejo que se arrependa. Pense a respeito. Tenha confiança em sua decisão, seja ela qual for.

Boa sorte, amigo(a).

Martha Stubin, Apanhadora de sonhos

Janie sente um frio na barriga.

Afasta o caderno de seu colo.

Fecha-o.

Fica olhando fixamente para a parede, mal conseguindo respirar. Enterra a cabeça nas mãos.

E então.

Lentamente.

Pega o caderno.

Coloca-o na caixa.

Empilha os arquivos por cima dele.

E esconde-o no lugar mais fundo de seu armário.

3h33

Janie está caindo em altíssima velocidade. Ela olha, zozna, para baixo, e o Sr. Durbin está lá, esperando que ela aterrisse. Está rindo, aquela risada maligna, com os braços esticados para apanhá-la quando cair.

Antes que ele possa pegá-la, Janie lança-se para o lado e é sugada para a rua Center, puxada pelo ar, até o banco do parque, e lá ela fica. O Sr. Durbin já era.

Do lado do banco, em sua cadeira de rodas, está sentada Martha Stubin.

— Você tem perguntas a fazer — vocifera a senhorita Stubin.

Janie tenta tomar fôlego, alarmada. Agarra o apoio de braço do banco.

— O que está acontecendo? — ela grita.

O olhar fixo da senhorita Stubin é vazio. Uma gota de sangue escorre do canto de seu olho e desce lentamente por sua bochecha enrugada. Mas tudo que ela diz é:

— Vamos conversar sobre sua tarefa.

— Mas e o caderno verde?! — Janie fica desesperada.

— Não tem nenhum caderno verde.

— Mas... Senhorita Stubin!

A senhorita Stubin vira o rosto na direção de Janie e solta uma gargalhada.

Janie olha para a mulher.

E então.

A senhorita Stubin transforma-se no Sr. Durbin. Lentamente, o rosto dele derrete-se até que só reste uma caveira oca.

Janie fica ofegante.

Começa a suar frio, e muito.

E acorda, sentando-se direito na cama e gritando.

Janie empurra a coberta e fica em pé em um salto, acende a luz e caminha de um lado para o outro, entre a porta e a cama, tentando acalmar-se.

— Aquilo não era real — Janie tenta se convencer. — Aquela não era a senhorita Stubin. Foi um pesadelo. Foi só um pesadelo. Não tentei ir até lá.

Mas, agora, ela está com medo de dormir.

Com medo de voltar à rua Center novamente.

Os pensamentos de Janie estão distantes, focados na capa de um caderno verde de espiral e concentrando-se em seu pesadelo. Caminha pelos corredores da escola, atordoada, quase esbarrando em Carrie, no intervalo das aulas de Dengoso e Mestre.

— Hei, Janers, tá a fim de sair hoje à noite?

— Claro — Janie pensa. — Hum, quero dizer, não dá. Desculpa.

Carrie olha para ela de um jeito estranho.

— Você tá bem? Você não vai desmaiar, vai?

Janie sacode seus cabelos emaranhados e abre um sorriso.

— Desculpa. Não, estou bem. Só estou com a cabeça voltada para outras merdas. Faculdade e coisas do tipo. Tenho um monte de lixo para preencher, a casa está uma bagunça e estou tentando lidar com uma tremenda dor de cabeça hoje.

— Tá certo — diz Carrie. — Só achei que você poderia gostar de saber da última fofoca.

Ela parece desapontada. É claro que ultimamente Carrie só quer sair com Janie quando Stu está jogando pôquer. Entretanto, Janie não se importa de ser chamada apenas quando a primeira opção de Carrie está ocupada. Ela mesma já fica ocupada o bastante sem Carrie por perto o tempo todo.

— E a Melinda?

— Obrigada — diz Carrie, em tom sarcástico —, mas não precisa me arrumar um encontro. Consigo fazer minhas coisas sozinha. Te vejo depois.

Janie pestaneja.

— Que seja — diz ela, baixinho.

Caminha na direção da sala do Sr. Wang. Ele está observando-a caminhar e entrar, enquanto finge estar olhando para um papel que tem nas mãos. Ela solta um sorriso automático. Quando ele não sorri, nem desvia o olhar, ela pisca.

Isso surte efeito.

Ele fica vermelho de vergonha e senta abruptamente.

Terceira aula. Aula do Durbin. Janie espera até o final da aula para mostrar a ele os *flyers* para a festa do dia 4 de março. Ela

demora um pouco pegando as coisas em sua mesa. Logo, é a última a ficar lá. Do cantinho do olho, ela vê o Sr. Durbin observando-a.

Tira os *flyers* da mochila e vai rapidamente até a mesa dele, como se não quisesse chegar atrasada na aula seguinte.

— Está bom assim?

Ele pega os *flyers* e assobia em sinal de aprovação.

— Ótimos! — ele diz. Vira-se na direção dela e ergue as sobrancelhas. — Gostei — continua, agora encarando-a.

Ela inclina-se em direção à mesa dele, apenas um pouco.

— Há mais de onde esses vieram — diz ela. — Se precisar...

Ele engole em seco.

— Terei de aceitar esse seu desafio um dia desses.

Ela sorri.

— Tenho que ir.

— Antes de ir — diz o Sr. Durbin —, consegui o aval quanto à feira de química para uma equipe de sete alunos, se você quiser entrar na competição. É no dia 20 de fevereiro. Sairemos no domingo, dia 19, ao meio-dia, arrumaremos nosso estande, passaremos a noite lá, participaremos da feira e voltaremos para casa às 18h da segunda-feira. Sendo assim, vamos perder só um dia de aula. Aqui estão as informações e o documento de permissão para seus pais assinarem. Custará duzentos e vinte contos, mais o dinheiro das refeições. Você está dentro?

Janie abre um grande sorriso.

— Estou dentro.

Pega o documento de permissão das mãos do Sr. Durbin e dispara sala afora como um dardo em alta velocidade, antes que chegue atrasada na próxima aula. Enquanto corre, ela espia a lista de alunos que estarão na equipe da escola Fieldridge. Janie é a única de sua classe.

Excelente, ela pensa.

Dunga, Débi e Loide são os mesmos de sempre. Para falar a verdade, Janie gosta de educação física desde que Cabel fez com que ela comesse a malhar. Embora ela pudesse fazer isso sem o

Loide. Ela também adora sua aula de autodefesa, uma vez por semana. Às vezes, Cabel deixa que ela pratique com ele.

Para falar a verdade, não com tanta frequência.

Não depois que ela fez com que ele caísse de bunda no chão.

Educação física é mista novamente neste semestre, e Loide, o treinador Crater, gosta de usar Janie como exemplo de por que eles não fazem mais jogos de meninos *versus* meninas em esportes de contato. É porque ela acertou Cabel no saco em um jogo de basquete do último semestre. De propósito.

Hoje em dia, Loide faz com que os alunos realizem os testes de força exigidos pelo estado, e Janie bate o recorde das garotas nos exercícios de suspensão em barra fixa. Loide nota os braços musculosos dela e a chama de Buffy^[19] enquanto está pendurada. Ela revira os olhos pensando que adoraria que ele estivesse na frente dela. Se alguma vez na vida ela o encontrar em uma rua escura, vai ensiná-lo uma lição, ela decide.

A sala de estudos está em silêncio. Janie só consegue ser sugada para dentro de um único sonho, e é dos fracos. Não é um pesadelo. Quando percebe que é uma fantasia sexual entre dois colegas veteranos que ela realmente não quer ver pelados, nem fica por perto. Cai fora dali.

Sorri triunfante.

Cabel está observando-a, e ela faz um sinal de o.k. com o polegar, dando um sorriso rápido. Ele dá um grande sorriso em resposta ao dela.

Janie termina toda sua lição de casa para o fim de semana, então, rabisca algumas anotações sobre Durbin e Wang.

Corrigindo: Feliz e Mestre.

E, em seguida, ela fica lá sentada. Com o olhar fixo no espaço. Pensando na senhorita Stubin e no caderno verde de espiral. Com uma sensação de... bem... temor.

No caminho da escola até sua casa, Janie dá uma passadinha rápida na mercearia para comprar algumas coisas para que sua mãe não morra de fome. Também compra alguns itens pessoais para o final de semana. Começa a arrumar as coisas para passar a noite. Escova de dente, xampu e óleo de massagem, além das velas

que ganhou da Capitã. Enfia tudo em sua mochila e segue para a casa de Cabel, deixando um bilhete para a mãe, dizendo como encontrá-la se precisar de alguma coisa.

Eles se exercitam, tomam banho e depois ficam relaxados, lado a lado, no gigantesco pufe feito de sementes, conversando sobre o dia. Mas Janie está tendo problemas em concentrar-se no assunto. Vai ficando cada vez mais quieta, pensando no caderno verde e na tarefa que lhe foi atribuída pela Capitã.

Cabel percebe.

— Onde você está? — pergunta depois de um tempinho.

Janie fica assustada. Sorri para Cabel.

— Desculpa, docinho. Estou aqui.

Mas ela não está ali, na verdade. Está repassando o sonho com Durbin/Stubin mentalmente, agora mais convencida de que foi um pesadelo, e não uma visita da senhorita Stubin.

Cabel senta em silêncio. Observa o rosto dela. Pigarreja.

Janie percebe que ele, o cara com quem deseja estar e com quem está durante todo o fim de semana, está ali do lado dela há bastante tempo. Ela balança a cabeça para afastar os pensamentos sobre o pesadelo aterrorizante com Durbin e inclina a cabeça para o lado, com um enorme sorriso estampado no rosto.

— Epa, fiz isso de novo.

Cabel olha para ela com um olhar inquisidor.

— Para falar a real, eu não estou sendo o centro das atenções aqui.

Janie passa o polegar pela bochecha dele. Puxa o rosto de Cabel em direção ao seu e beija-o, com a língua se movendo rapidamente entre os dentes dele, brincando com ele, até que ela acaba seduzindo-o, e ele entra no jogo.

Uma forte onda de alguma coisa — seria amor? — faz a pele de Janie vibrar. Mas isso a assusta também, quando pensa em seu futuro, sempre com essa maldição dos sonhos pairando sobre sua cabeça. Ela nunca pensou que teria uma chance com alguém. Jamais imaginou que alguém sacrificaria tanta coisa para lidar com os problemas estranhos dela. Imagina quando Cabel vai ficar cansado de tudo aquilo e desistir dela.

Com desespero, tira esses pensamentos da cabeça. Seus lábios quentes acariciam o pescoço dele.

Ela dá um puxão na camiseta dele e desliza os dedos vibrantes por baixo da camiseta, explorando uma vez mais a pele de Cabel, cheia de saliências. Tocando nas cicatrizes na barriga dele e no peito. Ela sabe que Cabel, às vezes, se sente como ela — como se ninguém fosse querer ficar com ele por causa dos problemas que tem. *Talvez nós dois tenhamos chance de ficar um bom tempo juntos*, Janie pensa. *Desajustados unidos*.

Os dedos de Cabel traçam lentamente um caminho que vai do ombro de Janie até sua coxa, enquanto eles se beijam. Então, ele tira sua camiseta pela cabeça e joga-a de lado. Pressiona seu corpo contra o dela.

— Assim é um pouco melhor — ele sussurra no ouvido dela.

— Só um pouco?

O crepúsculo de inverno no final da tarde invade o quarto. Janie põe as mãos em sua blusa e lentamente a desabotoa. Deixa-a cair, aberta.

Cabel para por um momento e fica olhando, fixamente, incerto quanto ao que fazer. Ele fecha os olhos por um momento e engole em seco, com dificuldade.

Ela coloca as mãos entre seus seios e solta o fecho do sutiã.

E então ela vira o rosto aos poucos na direção dele.

— Cabel? — ela olha nos olhos dele.

— Sim — ele sussurra, mal conseguindo fazer com que a palavra seja ouvida.

— Quero que você me toque — diz ela, pegando na mão dele e guiando-a. — Tudo bem?

— Ah, meu Deus.

Ela puxa uma camisinha recém-comprada de seu bolso.

Coloca o pacotinho sobre a pele de sua barriga.

Vai com as mãos na direção do jeans dele.

Cabel, momentaneamente incapaz de falar palavra alguma, indefeso e sem nenhum pensamento, a não ser seu desejo por ela, suspira, tremendo, enquanto toca na pele dela, naqueles seios, naquelas coxas. Conforme a luz vai se esvaindo do lado de fora da

janela, os dois se beijam como se suas vidas dependessem do alento que compartilham, e fazem amor com urgência, com os olhos e com seus corpos pela primeira vez, como se fosse a única oportunidade que teriam na vida.

À noite, deitados juntos na cama de Cabel, ela sabe que chegou a hora. Antes de ler o caderno verde, antes que acabe acontecendo o que tiver de acontecer, ela precisa dizer o que sente. Porque ele é o único que importa.

Pratica mentalmente.

Forma as palavras com a boca.

Depois, tenta dizê-las, suavemente, em voz alta.

— Eu te amo, Cabe.

Ele está calado, e ela pensa que ele está dormindo.

Mas então ele praticamente enterra a cabeça no pescoço dela.

1 ° de fevereiro de 2006

Janie passa a semana dando indiretas sexuais para o Sr. Durbin, trocando confusas olhadas de relance com o Sr. Wang e trocando farpas cheias de rancor com o treinador Crater.

Cabel identifica onde foram parar os alunos da aula de química 2 do semestre anterior. Está trabalhando como um louco nos bastidores, sem falar muito a respeito. Controlando seus sentimentos em relação ao fato de o pervertido estar próximo da mulher que ele ama. Sabendo que, se disser o que realmente está pensando, a tensão aumentará entre os dois.

— Então — diz ele, com cuidado —, é você mais seis outros alunos nesta viagem, além do Durbin. E sua acompanhante?

Janie dá uma olhada de relance para ele, tirando os olhos do livro de química.

— A senhora Panquecas.

Cabel rabisca algo em seu caderno.

— Quatro garotas. Vocês vão ficar no mesmo quarto?

— Não, pensei em dormir no quarto do Durbin — diz Janie.

— Ha! Ha! Ha! — ri, olhando para Janie com uma raiva fulminante nos olhos. Então joga o livro de química de Janie para o lado e ataca-a. Enterra os dedos nos cabelos dela e beija-a. — Você está pedindo para se meter em encrenca, Hannagan — diz ele, praticamente rosnando.

— E isso seria...? — diz Janie, junto com várias risadinhas.

— Encrenca.

[19] O professor a compara a Buffy Summers, da série Buffy, a Caça-Vampiros, por causa da força, obviamente. O interessante é que Buffy era “caçadora”, única em uma longa linhagem, de jovens mulheres escolhidas para travar batalhas contra o mal. Esse chamado místico concede a ela algumas habilidades, como intensa força física, alta resistência, agilidade, cura acelerada, intuição e um pouco de clarividência, o que normalmente ocorre em sonhos proféticos. (N. T.)

SOZINHA

5 de fevereiro de 2006, 5h15

Esparramada no sofá de Cabel, Janie finalmente encontra a senhorita Stubin em seus próprios termos.

Ela está no banco do parque. A senhorita Stubin está lá. É o início do anoitecer. Chuva eterna.

— Vou fazer uma viagem e ter de passar a noite em um hotel, com um professor e alunos que achamos que estão envolvidos num escândalo sexual — diz Janie.

— Em que estação do ano estamos? — pergunta a senhorita Stubin.

Janie olha para ela, perplexa.

— Inverno, é fevereiro.

— Vista um casaco volumoso para disfarçar a tremedeira, caso você seja sugada para dentro de um pesadelo. Envolve-o em seu corpo, como se fosse uma cortina. Vai em uma van escolar?

— Sim.

— Fique no banco do fundo. E se for sugada para algum sonho sem importância para o caso, saia dele. Não desperdice sua força. Você consegue sair deles agora, não?

— Na maioria das vezes... os sonhos normais, pelo menos. Nem sempre consigo com os pesadelos.

— Continue trabalhando nisso. É muito importante!

— Quero tentar pausar os sonhos. Ter uma visão panorâmica da cena. Como a senhora fazia isso?

— Tudo está relacionado com o foco, assim como você se concentra para arrancar-se dos sonhos, Janie. Da mesma forma que você fixa seu foco em ajudar as pessoas a mudarem seus sonhos. Olhe fixamente para a pessoa e converse com ela com sua mente. Diga para que pare. Concentre-se, em primeiro lugar, na visão panorâmica, isso é mais fácil de conseguir. Depois, pause a cena. Quem sabe, você consiga dar zoom e voltar a fita algum dia talvez... isso realmente é uma mão na roda quando se trata de

resolver crimes. E continue estudando o significado dos sonhos também. Você já leu livros sobre o assunto, não é?

— Sim.

— Seu trabalho será mais fácil, quanto mais conseguir interpretar alguns dos estranhos aspectos que ocorrem naturalmente nos sonhos. Isso também vai ser de imensa ajuda para você. Estude minhas anotações, veja como interpretei sonhos no decorrer dos anos.

Janie assente com a cabeça, depois fica corada, lembrando-se de que a senhorita Stubin não consegue vê-la.

— Irei. Senhorita Stubin?

— Sim, Janie?

— Sobre o caderno verde...

— Ah, você o encontrou então.

— Sim.

— Vá em frente.

— A Capitã sabe dele? E o que tem nele?

— Não. O caderno não.

— Ela sabe alguma coisa sobre como funciona esse lance dos apanhadores de sonhos?

— Um pouco — diz a senhorita Stubin, soando cautelosa. — Conversamos um pouco no decorrer dos anos. Com certeza, ela é uma pessoa com quem você pode conversar quando precisar.

— Alguém mais entende disso, além da senhora e de mim?

A senhorita Stubin hesita.

— Não que eu saiba.

Janie está inquieta.

— Devo ler o caderno? Quer que eu o leia? É horrível?

A senhorita Stubin fica em silêncio por um bom tempo.

— Não posso responder a essas perguntas. Com a consciência limpa, não posso nem encorajá-la a ler o caderno, nem o contrário. Você é quem deve decidir sem que minhas palavras a levem a uma ou outra opção.

Janie suspira e vai em direção da mão da velha mulher, fazendo carinho na pele fria e fina como papel.

— É o que achei que a senhora diria.

A senhorita Stubin bate de leve com sua mão retorcida na parte de cima da mão macia de Janie. Ela sorri melancolicamente e desaparece aos poucos na noite nebulosa.

7h54

É domingo de manhã. E está na hora. Já se passaram dez dias desde que Janie encontrou o caderno verde de espiral.

Ela volta furtivamente para a cama com Cabel por alguns minutos. Ele está apenas em um sono leve agora, sem sonhar, e ela o abraça com firmeza e força, obtendo dele o máximo que pode antes de ir embora.

— Eu te amo, Cabe — ela sussurra.

E parte.

De volta ao quarto dela, a duas ruas de distância.

8h15

Com o caderno descansando, ameaçador, em cima da cama de Janie, ela enrola.

Faz sua lição de casa primeiro.

E prepara uma tigela de cereal. Café da manhã — uma das cinco refeições mais importantes do dia. Não deve ser pulada.

10h01

Ela não consegue mais enrolar.

Janie olha fixamente para o caderno verde. Abre-o.

Lê a primeira página novamente.

Respira fundo.

10h02

Respira fundo de novo.

Pega seu celular e clica no número 2 da memória.

— Komisky — ela ouve.

A voz de Janie fica aguda. Pigarreia.

— Oi, Capitã. Desculpe ligar em um...

— Tudo bem. E aí?

— Hum, é... Os sonhos... a senhorita Stubin alguma vez lhe mostrou o que havia nos arquivos?

— Li os relatos policiais que ela fez, sim.

— E as outras anotações dela sobre como lidar com os sonhos e coisas do tipo?

— Dei uma espiada nas primeiras páginas soltas no arquivo, mas senti que estava invadindo a privacidade dela, então, coloquei tudo de volta como ela pediu.

— Vocês duas algum dia... sabe. Conversaram sobre a habilidade dela?

Há um momento de silêncio.

Um longo silêncio, para falar a verdade.

— O que você quer dizer?

Janie contrai os músculos, em silêncio.

— Não sei. Nada.

A Capitã hesita.

— Tudo bem.

— Certo então.

Vem a seguir um suspiro de nervosismo.

— Capitã?

— Janie, está tudo bem?

Janie faz uma pausa.

— Sim.

A Capitã fica quieta.

Janie espera. E a Capitã não força a barra.

— Tudo certo — diz Janie, por fim.

— Janie?

— Sim, senhor — fala Janie em um sussurro.
— Você está preocupada com o Durbin? Quer cair fora dessa?
— Não, senhor. De modo algum.
— Se alguma outra coisa a estiver chateando, pode me dizer, sabe?
— Sei. Eu estou... Estou bem. Obrigada.
— Posso lhe dar uns conselhos, Janie?
— Com certeza — responde Janie.
— É seu último ano na escola. Você é séria demais. Tente se divertir. Vá jogar boliche, ou ver um filme, ou fazer alguma coisa de vez em quando, certo?
Janie solta um sorriso trêmulo.
— Sim, senhor.
— Ligue-me a qualquer hora, Janie — diz a Capitã.
A garganta de Janie está travada.
— Tchau — diz ela, finalmente.
Desliga o telefone.

10h59

Janie respira fundo.
Vira a página.
Está em branco.

11h01

Vira a página que está em branco.
Vê a familiar escrita ilegível.
Alisa a página.
E então seu estômago vira do avesso, e ela fecha o caderno com força.
Coloca-o de volta na caixa.
Dentro do armário.

Janie liga para Carrie.

— Está a fim de jogar boliche?

Ela imagina que Carrie esteja balançando a cabeça em sinal de negativa e rindo, falando com Stu. Voltando ao telefone, Carrie responde:

— Você é mesmo uma idiota, Hannagan. É lógico que sim, que inferno, por que não? Vamos jogar boliche!

O DIABO ESTÁ NOS DETALHES

13 de fevereiro de 2006

Os nomes e os horários dos alunos de química 2 estão marcados com ferro quente na cabeça de Janie. Mas o problema é que a maior parte dos nerds de ciências não dorme na escola. E, mesmo se o fizessem, o problema continuaria sendo como Janie pode ficar na mesma sala que eles quando isso acontecer. Parece impossível.

E, considerando que é inverno, é inútil ficar igual uma esquisita, fazendo vigília do lado de fora dos quartos deles, embaixo das janelas, à noite. Ela tem grandes esperanças em relação à feira de química. É tudo em que pode apostar.

Cabel tenta formar uma conexão com cada um dos alunos da lista. A maior parte deles está nas aulas de Cabel, e não nas de Janie. Mas estes alunos continuam com reservas e distantes, associando-o com a galera popular do Hill por andar com Shay Wilder no semestre anterior. Ele está frustrado.

Há dezoito alunos em química 2, no total, este ano. Havia treze no ano passado em química 2. Todos se formaram e foram para a faculdade — Cabel descobre que alguns estão bem longe, como no sul da Califórnia, por exemplo. Com persistência, Cabel acaba descobrindo seus paradeiros, no caso de a vida deles ter mudado de alguma forma nos nove meses que se transcorreram desde a formatura. Ele passa horas ao computador todas as noites, conferindo os blogs deles, as páginas do Facebook e do Myspace, procurando alguma história meio estranha e maluca que possam achar que estavam mantendo semiprivadas.

E, juntando tudo, o que eles têm é uma grande coleção de nada.

A única pista que Janie tem no momento é Stacey O'Grady, aluna de química 2 no primeiro semestre. Ela está na sala de estudos de Janie. Stacey tem pesadelos horríveis quando consegue dormir. O que é raro.

Mas Janie sabe que muita gente tem sonhos horríveis e, às vezes, isso não quer dizer nada. Até mesmo se o sonho for sobre um estuprador. Janie sabe que uma pessoa sonhando que está sendo perseguida por um estuprador até pode ser literal, porém, é mais provável que seja uma pista para um medo subconsciente, escondido em alguma outra parte da vida da pessoa. O medo de que algo esteja se aproximando de você, ou medo de que não consiga correr rápido o suficiente, ou de perder a voz e não conseguir gritar. Tudo isso poderia simplesmente indicar que a pessoa está até a cabeça com problemas de pressão na escola ou em casa, ou que se sente impotente para mudar as coisas. Ser aluno do último ano do ensino médio poderia fazer isso com muita gente.

Ainda assim, Janie deseja que Stacey pegue no sono na sala de estudos de novo, para que ela possa dar uma olhadinha melhor no pesadelo da menina

Seis dos dez alunos da classe de química 2 de Janie são mulheres. Ela não conhece nenhuma delas muito bem, embora sejam bem amigáveis umas com as outras. Nenhuma delas vai à feira de química.

Quando Desiree Jackson propõe um grupo de estudos à noite na casa dela, antes de um teste que vem pela frente, Janie topa na hora! Talvez consiga algumas informações dessa forma. Várias outras gostam da ideia do grupo de estudos também. Concordam em encontrar-se na quinta-feira à noite, às 19h, na casa de Desiree.

O Sr. Durbin entrega os *flyers* da festa de 4 de março, e Janie faz uma pergunta.

— O que o senhor acha de convidar o grupo do primeiro semestre para se juntar a nós? Quanto mais pessoas, maior a diversão. Ou o senhor não tem lugar para tanta gente na sua casa, Sr. Durbin?

Janie passou de carro pela casa de Durbin. Cabel conseguiu a planta da casa dele na prefeitura. Memorizou-a. É uma casa com três quartos, com uma grande e espaçosa sala aberta e um excelente porão, que facilmente acomoda vinte pessoas ou mais.

O Sr. Durbin coça o queixo.

— Gosto da ideia! Pessoal, o que vocês acham? Tudo bem para vocês?

Os alunos querem saber quem seriam as tais pessoas. Durbin lembra-se de cor dos oito nomes, e os alunos chegam a um consenso de que podem ir à festa.

— Legal — diz Janie. — Farei mais alguns *flyers*. Deveríamos fazer uma conta de quantos pretendem ir.

— Boa ideia. Nossa, dezoito alunos! Vocês vão detonar minha conta bancária! — diz Durbin, brincando.

Diversas garotas se oferecem para levar uns aperitivos, e Durbin aceita sem contestar. Janie está perplexa agora. Achava que ele poderia recusar isso terminantemente. Mas ele não está dando indicação alguma de que não passa de uma festa legal, mesmo para os *geeks* da ciência.

— Não quero ver vocês levando nada de álcool! — diz Durbin, soando meio leviano. Ele sorri como se fosse novo o bastante para acertar em cheio os pensamentos dos alunos do último ano, e quer cortar o mal pela raiz. Mas a proibição em si faz com que muitos dos alunos troquem olhares maliciosos.

Ele disse aquilo de propósito, pensa Janie. Para fazer com que os alunos pensem a respeito.

Depois da aula, Durbin atrasa a saída de Janie.

— Boa ideia para a festa, Janie. Talvez algumas de vocês, garotas, pudessem chegar mais cedo para me ajudar a arrumar tudo?

Ele está olhando para ela com aquele olhar caído de solteiro. A nuca de Janie está formigando, mas ela sorri bem animada.

— Fantástico. Essa festa vai detonar! O senhor é um professor tão legal. É tipo como se fosse um de nós, sabe?

Durbin dá um grande sorriso.

— Eu tento ser. Faz apenas oito anos desde meu último ano, como vocês. Não sou um velho excêntrico, sabe? — ele está lânguido, inclinando-se e apoiando-se na lateral de sua mesa, com os braços cruzados na frente do corpo.

E então ele estica a mão.

— Fica parada — ele diz. — Tem um cílio aqui.

Ele passa levemente o polegar na bochecha de Janie e demora um pouco com os dedos no rosto dela, na linha dos cabelos, apenas um segundo além do necessário.

Janie abaixa os olhos, com timidez, depois ergue o olhar para fixar nos olhos dele.

— Obrigada — diz ela, gentilmente.

O modo como ele a olha reflete sentimentos reprimidos — isso é inquestionável. Janie hesita por um momento, então se despede dele acenando com os dedos de leve, enquanto se vira e se apressa para ir para a próxima aula.

Na sala de estudos, Janie encontra Stacey O'Grady e senta, sorrateiramente, na cadeira na frente da dela. Janie quer ser a primeira a anunciar o convite para a festa de Durbin, para que possa medir a reação de Stacey.

— Oi — diz ela, com um sorriso.

Stacey tira os olhos de seu livro, olhando para cima, com surpresa.

— Ah, hei, Janie. E aí?

Janie nota, com um frio na espinha, que ela está lendo *The Handmaid's Tale*, de Margaret Atwood.

— Você estava na aula de química 2 do Durbin no último semestre, certo?

— Simmm — Stacey parece suspeitar de algo.

— E você vai à feira de química, certo?

— Ah, isso. É... você também?

— É. Parece divertido. Estarei na reunião da semana que vem para criar nosso estande.

— Legal, deve ser bem fácil.

— Para falar a verdade, estou aqui para te fazer uma pergunta sobre o Durbin.

Stacey aperta os olhos.

— O que tem ele?

— Bem, ele vai dar uma festa para o pessoal de química 2 na casa dele, e nossa sala decidiu convidar, também, o pessoal que tinha aula com ele no ano anterior.

Stacey fica com um sorriso de pateta nos lábios.

— Ah, legal! Ele não contou, por acaso, o que aconteceu no último semestre, contou?

Janie ergue a cabeça um pouco.

— Não, para falar a verdade, não mesmo. Só disse que todo mundo se divertiu muito.

O sorriso de Stacey fica ainda maior. Inclina-se para a frente, sobre a mesa dela, e sussurra:

— Todo mundo ficou totalmente trêbado. Até mesmo Durbin e Wang.

O coração de Janie dá um pulo. Ela controla sua surpresa e fala com suavidade:

— Wang também estava lá?

— É. Durbin e Wang são camaradas. Acho que jogam muito basquete juntos, só por diversão, ou algo do tipo. Durbin disse alguma coisa sobre Wang estar lá para entreter e controlar o povo — ela ri e depois fica séria. — Não conta para ninguém sobre o álcool, tá? Durbin e Wang poderiam perder os tramos deles por isso. Mas nós, os *geeks* da ciência, somos uma gangue leal. E sabemos ficar de boca fechada — ela acrescenta, dando risadinhas para si.

— É claro — diz Janie, com seriedade. — Eu nunca o dedaria... ele é o melhor!

— É — suspira Stacey. — Ele é tãoooo gostoso. Wang não é nada mal também, para um cara metido que mora lá em cima, no Hill.

As garotas dão leves risadinhas e Janie puxa uma cópia extra do *flyer* da festa.

— Aqui estão as informações. Você acha que consegue ir? Estamos fazendo literalmente uma contagem de cabeças, para que possamos saber quanta comida preparar.

— Opa, claro, estarei lá! Eu bem que poderia dar um tempinho neste ritmo insano. Quer que eu espalhe a notícia? A maior parte dos alunos do primeiro semestre está na minha aula de física.

— Com certeza. Vou arrumar uns *flyers* para você amanhã.

— Legal da sua parte. E foi realmente legal que sua classe tenha convidado a gente — acrescenta ela, com um sorriso.

Janie retribui o sorriso de Stacey.
— Então, você acha que a maioria deles topa ir?
Stacey pensa por um momento.
— Não consigo pensar em ninguém que não daria um pulo de alegria com essa oportunidade.

19h02

Janie termina de organizar suas anotações na casa de Cabel e pensa profundamente: *Isso está ficando cada vez mais curioso.*

Cabel lê por sobre o ombro dela. Ele solta um leve grunhido.

— Ele fez aquele lance estúpido do cílio com você? Deus, que perdedor! — Cabel começa a andar de um lado para o outro.

— Pega leve, camarada — murmura Janie, distraidamente, enquanto digita as informações que obteve com Stacey naquele dia. Quando termina, abre o arquivo do *flyer* da festa e imprime dez cópias.

Cabel está ao telefone.

— É o Cabe — diz. — Acho que precisamos ficar de tocaia na casa do Durbin durante as noites até que... — ele faz uma pausa. — Ah, bem, é por isso que você está no comando — ele solta um sorriso envergonhado ao telefone. — Obrigado, senhor.

Ele desliga.

— Você sabia que a Capitã já vem observando os movimentos na casa do Durbin há duas semanas?

— Nem imaginava. Mas é uma boa ideia. Como vão as coisas do seu lado, Cabe? Eu acho estranho não encontrar nenhum aluno que não goste do Durbin. Você conseguiu abordar alguns de seus novos contatos e perguntar alguma coisa?

— Alguns. Ele parece estar concorrendo a professor do ano, isso sim, do jeito que vão as coisas.

— Se foi um aluno que telefonou, o que o impediria de seguir em frente para pegar o prêmio? Não entendo isso. Nem todo mundo bebe. E se apareceram lá no ano passado, sem saber que tipo de festa era, não iriam cair fora devagar, ou ao menos falar com

alguém sobre isso? Eu nunca ouvi falar sobre um acontecimento desses antes. Acho que Carrie saberia disso.

Cabe começa a andar de um lado para o outro de novo. Depois de um tempo, ele diz:

— Carrie não saberia. Ela, Melinda e Shay, junto com as pessoas das sofisticadas festas do Hill, não são *geeks* da ciência. Não há uma única pessoa na lista que eu tenha visto alguma vez na vida numa festa do Hill. São dois mundos diferentes.

— Então, o que o Durbin tem que intimida os *geeks* a ponto de eles desejarem protegê-lo?

A cabeça de Cabel está uma zona. Janie quase consegue ver as rodinhas girando dentro da cabeça dele. Ela dá uma espiada nos *flyers*, e, colocando em prática uma ideia louca, abre sua conta no Gmail e digita um e-mail para o endereço eletrônico que Durbin lhe passou.

Hei, Sr Durbin,

Falei com Stacey O'Grady hoje, e ela está eufórica por ter sido convidada para a sua festa. Ela me disse que vocês se divertiram muitíssimo na festa do semestre passado. Se não tiver problema, ela vai distribuir os flyers para os outros alunos da classe do semestre passado.

Seria legal se eu e ela chegássemos, tipo, uma hora antes para ajudá-lo a arrumar as coisas. Que tal?

E sei que o senhor falou para gente não levar álcool, mas eu tenho uma receita ótima de sobremesa que eu queria levar... tem licor de menta nela. Só um pouquinho. Não é o suficiente para deixar alguém um pouco altinho, nem se comer um pedaço. Tudo bem? Senão, posso levar umas guloseimas de Rice Krispie em vez disso.

Janie Hannagan

P.S.: Estou um pouco preocupada com a grande prova da sexta-feira. Estudar para a prova e me preparar para a feira de química está tomando muito do meu tempo. Posso marcar uma reunião para conversar com o senhor sobre algumas fórmulas?

Obrigada, J.

Ela clica em “enviar” e deixa o computador ligado, abaixando o volume só um pouquinho, caso ele esteja *on-line* e responda à mensagem dela rapidamente.

— O que você está fazendo? — pergunta Cabel de repente.

— Flertando com o Durbin.

— Ah — ele volta a andar de um lado para o outro, e depois para de novo. — Sabe, acho que finalmente entendi como você deve ter se sentido no semestre passado. Lembra quando você passou pela minha casa e Shay estava lá?

— Ah... é. Está marcado a ferro e fogo, como uma cruz na minha cabeça.

— Eu não queria que você visse aquilo. Não porque eu queria esconder o fato, mas porque ia doer.

Janie sorri para ele.

— Eu sei. Um saco, né?

— Está me levando à loucura — admite Cabel. — Se aquele canalha machucar você, vou matá-lo. Ainda não acho certo colocar você numa posição dessas.

— Que bom que não trabalho para você.

Ela sabe que é difícil.

Ele para de andar de um lado para o outro.

— Merda. Você está certa — recomeça a andar de um lado para o outro. — Então, você acha o Durbin gostoso?

— Consigo entender porque as garotas se sentem atraídas por ele.

— Você se sente atraída por ele?

Janie suspira.

— Ah, Cabe. Shay é gostosa, rica, sexy, popular. Uma líder de torcida. Você se sentia atraído por ela?

— Não. Ela era parte do meu trabalho.

— Exatamente.

— Você não respondeu minha pergunta.

Janie hesita, querendo ser verdadeira.

— Durbin é atraente. Não posso negar o fato. Mas, quando ele fez o lance do cílio, me deu um arrepio na nuca. Ele me dá arrepios, Cabe.

Cabel concorda com a cabeça, com a mente ausente, enquanto caminha.

— Certo. Isso faz com que me sinta melhor.

Ela sorri. Entende, pois foi a mesma coisa com Cabel e Shay. E está orgulhosa por ele ter arrumado uma nova forma de abordar o assunto agora.

— Eu te amo, você sabe — diz ela. — Está ficando mais fácil dizer isso.

Ele chega perto enquanto ela está sentada e massageia os ombros dela com leveza. Mas a voz dele soa melancólica.

— Eu te amo também, Janie.

— E estou ficando realmente boa nesse lance de autoproteção — ela acrescenta. — Minhas aulas de autodefesa são fodonas!

Ele puxa de leve os cabelos dela.

— Estou feliz que você esteja fazendo essas aulas. Você está ficando bem saradinha, sabia? É muito sexy. Contanto que você não fique me batendo.

— Não me faça machucar você — ela murmura. — Hei, posso passar a noite aqui?

— Uau. Não sei... xi... estou, tipo, realmente ocupado e tem umas merdas...

Ela abre um largo sorriso.

E, então, ouve o som de um e-mail chegando.

Janie,

RISOS! Traga a sobremesa. E a garrafa.

E, com certeza, um sim para todo o resto que você me pediu e mais ainda.

Eu poderia fazer isso amanhã (terça-feira) depois das aulas, para revermos as fórmulas que você mencionou. No resto das minhas tardes, bem, fico ocupado até por volta das 19h, mas se você não precisar de muitos equipamentos, sempre pode passar na minha casa depois desse horário, seja amanhã ou na quarta.

Dave Durbin

— Ele é bem delicado, mesmo! — comenta Cabel. — Ele sabe que amanhã é o Dia dos Namorados e não apenas tem um grande jogo de basquete, como também tem o encontro dos alunos para animar o pessoal antes do jogo; e a festa do Dia dos Namorados vai das 19h às 22h da noite. Ele não está esperando que você consiga chegar antes disso — Cabel pensa durante um momento. — Quando for responder o e-mail dele, chame-o de Dave. Ele está implorando por isso.

Com isso, Cabel sai andando.

Janie franze os lábios e clica em responder.

Dave,

Que tal na quarta por volta das 20h? Sei bem onde você mora.

Obrigada!

J.

Ela clica em “enviar” e passa menos de um minuto até que chega a resposta.

Esperando ansiosamente por isso.

Dave

Janie desliga o computador e vai encontrar Cabel na sala de estar, vendo algum filme antigo do velho oeste, no canal de filmes clássicos. Ela senta sorrateiramente ao lado dele.

— Vou à casa dele na quarta, às oito — diz ela. — Você vai estar por lá, me observando?

Ele envolve o pescoço dela com os braços, sinuosamente como uma cobra, e dá um puxãozinho de leve, com gentileza.

— É claro — diz ele. — Vou alertar a Capitã também.

— Tá — diz Janie, deitando-se, como se estivesse em um ninho, ao lado dele.

Depois de um tempo vendo TV, com o volume tão baixo que mal dá para ouvir e saber de que se trata o filme, Cabe diz:

— Queria que pudéssemos sair amanhã à noite. Estou tão cansado dessa rotina... nos escondendo o tempo todo. O máximo que conseguimos de agitação é quando levantamos pesos ou decidimos se vamos comer ervilhas ou brócolis.

Janie suspira.

— Eu também. Você acha que algum dia conseguiremos sair juntos?

— Sim. Talvez neste verão. Com certeza, no outono. Logo que nos livrarmos de nossa rede de mentiras e deixarmos para trás a Fieldridge High.

É um momento sério.

Janie concorda com ele, com um sinal da cabeça.

Ela descansa a cabeça no ombro dele.

Ele bagunça os cabelos dela.

— Hei, Cabe? — chama quando eles vão para cama.

— Sim, baby.

— Você se importa se eu praticar meu lance nos seus sonhos esta noite?

— É claro que não. Nem precisa perguntar.

— Me sinto estranha se não perguntar — diz ela.

— É legal. Está trabalhando com algo específico?

— É... Estou tentando fazer como o TiVo.

Ele ri.

— O que você quer dizer é pausar e rebobinar, esse tipo de coisa?

— Exatamente.

— Isso será interessante. Espero que você consiga. Você não quer me levar com você, quer?

— Não desta vez. Preciso de toda concentração que conseguir. Uma vez que eu realmente consiga fazer isso, claro que ficarei feliz em mostrar para você como é.

Ele apaga a luz e descansa o braço em volta da barriga dela. Acaricia o local com o polegar, como se estivesse tocando guitarra.

— Sabe — diz ele — você poderia realmente se divertir com um bom sonho assim que aprender como fazer isso aí.

— Entende por que quero praticar com você? — diz ela, com um sorriso, no escuro.

— Tenha cuidado ou corre o risco de ir para a escola amanhã toda vermelha, envergonhada por causa do sexo.

Ela dá umas risadinhas suaves.

— Tudo parte do meu plano, queridinho.

— Bem, isso tem que deixar Durbin com tesão — a voz de Cabel fica amarga.

Janie vira-se na direção de Cabel.

— Você já descobriu por que ninguém da Narcóticos cai em cima do Durbin?

— Imagino que sim — diz Cabel. — É porque ele é só um pouco mais velho, tem boa aparência e, além disso, é atlético e realmente age como se gostasse dos alunos de ciências. Ele aceita as mentalidades *geeks* deles, expressando admiração. Ele é a síntese de um moleque legal, popular, mas que não teve muitas fãs em sua vida. As garotas amam isso!

Janie pigarreia.

Espera.

Pigarreia de novo.

— Eu... eu quero dizer — Cabel fala, gaguejando. — Ah, quero dizer que algumas delas são como as *groupies* e outras são como você, por exemplo, que enxergam além da fachada e... ah... esse tipo de merda.

— Humm-humm — diz Janie.

— E... eu amo muito você. E agora vou calar a boca e dormir para que você possa manipular minha mente uma dúzia de vezes ou mais, certo?

— Fraco — diz ela. — Mas serve.

14 de fevereiro de 2006, 3h41

Cabel sonha.

Janie desliza na escuridão e, depois, entra na sala do computador.

É um sonho sobre a noite em que fizeram amor lá. Ela está observando-o, observando a si mesma, com curiosidade, surpresa em ver como encontraram seu ritmo juntos bem rápido logo na primeira vez.

Concentra-se com toda sua força. Olha fixamente para Cabel. *Pause*, pensa ela repetidas vezes.

Passa um minuto, mas nada muda.

Mais um minuto.

E então a cena vai ficando como se estivesse em câmera lenta.

Dez segundos depois, está pausada. Em um ponto muito interessante, Janie faz anotações.

Janie olha ao redor do quarto, tentando notar tudo. Os itens do escritório na escrivaninha, o relógio na parede, parado também, as cores de tudo. É incrivelmente difícil manter a cena pausada ali. E ela começa a perdê-la. Pode sentir seu corpo tremendo, enfraquecendo, e volta a ser apenas mais um sonho em velocidade normal de novo.

A cabeça dela lateja. Seus dedos estão adormecidos. Esbarra em Cabel com a bunda, tentando acordá-lo apenas um pouco para que ela não tenha de usar sua energia, que está minguando, para arrancar-se do sonho também. Ela sabe que não consegue fazer isso, não depois daquilo. Já mal consegue sentir os braços e as pernas no estado em que se encontra.

Cabel respira bem fundo, e ela consegue senti-lo encostado em suas costas, excitado em meio a seu sono. Ele começa a fazer carinho no corpo dormiente dela, enquanto ainda está no sonho. Consegue sentir o toque dele, desvanecendo e voltando em sua pele, como se estivesse vendo isso em sua cabeça. E está presa. E caindo. E muito excitada e cega e dormiente, observando isso em sua mente, sentindo-o ao mesmo tempo em seu corpo, tudo de uma vez, e deseja isso. Quer fazer amor agora mesmo. Mas está completamente paralisada.

Não consegue se mexer.

Não consegue sentir nada.

Não consegue falar.

Não pode acontecer. Não assim.

Ela precisa acordá-lo, antes que algo aconteça. Para que possam fazer isso do jeito certo.

Ela reúne toda sua força, toda sua concentração, toda sua vontade. Morde, às cegas. Sente cabelos nos dentes. Vai para trás com o pescoço.

E tudo fica preto.

Ela está sentindo calafrios.

Tremendo.

Tentando respirar enquanto anseia ver algo. Qualquer coisa. O rosto dele. Ela deseja ver o rosto dele.

Ele está falando com ela.

A mão dele está em sua bochecha, deslizando em meio às lágrimas que escorrem.

E ela percebe agora.

Percebe que eles não terão nenhum tempo para rolar juntos, inconscientes, e fazer amor sonolentos em uma noite de inverno, na perduração do sonho.

Ela está toda torta.

Seus músculos parecem feitos de água.

E ele está lá, erguendo os ombros dela, segurando um copo de água perto de seus lábios, pedindo para que beba e engula aquilo.

Janie consegue sentir os dedos dele tirando os cabelos da frente de seus olhos. Ouve a voz dele ao pé de seu ouvido. Sente o cheiro da pele dele por perto. Sente o gosto do leite na língua, na garganta. E então, lentamente, vê sombras. A princípio, em preto e branco, em seguida vê o rosto dele com um ar selvagem. Os cabelos dele, para todos os lados. Suas bochechas vermelhas.

E ela fala, com a voz rouca.

— Tá tudo bem.

Mas não está tudo bem.

Porque ela o deseja, e agora ele está com medo de tocá-la daquele jeito.

Ele faz com que ela se alimente.

Senta perto da cama.

Espera o sono dela chegar.

Ela o encontra, acordado, no sofá, na manhã seguinte.

Senta no espaço formado pelo corpo dele.

E olham um para o outro, ambos lamentando tanto e nenhum dos dois precisando sentir-se assim.

Cabel, sentindo-se impotente. Janie, presa na armadilha de sua própria habilidade. Com o desespero assaltando as mentes de ambos por um tempinho, até conseguirem lidar com a vida que têm pela frente. E cada um, em seus pensamentos privados neste Dia dos Namorados, imagina brevemente se isso deveria ser levado adiante.

Se eles deveriam continuar juntos.

Torturando um ao outro sem ser de propósito, indefinidamente.

— Cabe — ela diz.

— Sim.

— Você sabe o que sempre faz com me sinto melhor?

Ele pensa por um momento.

— Leite?

— Além de leite.

— O quê?

— Quando você me abraça. Forte. Aperta meu corpo como se não quisesse me deixar partir. Ou deita em cima de mim.

Ele fica calado.

— Sêrio?

— Eu não brincaria com uma coisa dessas. Há algo na pressão que você faz sobre meu corpo que me ajuda a sair desse estado dormente — ela espera. Tem esperanças de que não tenha de lhe pedir aquilo na lata.

Não precisa.

A VERGONHA COM DURBIN

15 de fevereiro de 2006, 20h04

Janie estaciona na entrada de carros da casa do Sr. Durbin.

Cabel está estacionado a meia quadra dali, com binóculos e uma boa visão da janela lateral da grande sala.

Baker e Cobb formaram sua base de tocaia.

Janie não está usando escuta.

Ninguém espera que algo aconteça.

Não logo de cara.

O Sr. Durbin é esperto demais para arruinar o lance.

Ela pega seus livros e caminha até a porta da frente. Toca a campainha.

Ele abre a porta. Não com tanta rapidez. Nem tão devagar. Convida-a para entrar.

Ela tira o casaco e entrega-o a ele. Janie está vestindo calça jeans e uma camiseta transparente com um bom decote e uma blusinha leve e fina por baixo — uma combinação que não seria permitida na escola.

Ele está com uma calça de moletom e uma camiseta da Universidade de Michigan.

Suando.

— Acabei de terminar minha malhação — diz ele, colocando uma toalha em volta dos ombros. Indica a ela a mesa da cozinha.

— Que casa grande! — diz ela. — Perfeita para uma festa.

— Por isso a comprei — diz ele. — Gosto de ter um lugar para os alunos se divertirem e dormirem aqui de vez em quando — ele pega uma garrafa de água, oferece outra a ela e diz: — Organize suas coisas. Vou tomar um banho de três minutinhos. Já volto.

Janie revira os olhos enquanto ele sai andando e, de repente, percebe.

Ele se foi.

Ela caminha com passos ágeis e sem fazer barulho pelo piso principal da casa, dando uma olhada nas coisas. Ouve a água do

chuveiro escorrendo.

Dois quartos e um banheiro ao final do corredor, depois da sala grande. Um escritório, após a área da cozinha, com todo tipo de quadros de química, de temas científicos, além de livros e frascos. E uma suíte principal, que é onde ele está tomando banho. Ela dá uma espiadinha rápida. É um quarto grande com uma cama *king-size* e algumas peças de roupa espalhadas. No criado-mudo, uma revista pornô.

Ela se move com rapidez de volta à mesa da cozinha, quando ouve o chuveiro sendo desligado. E fica lá, sentada, parecendo concentrada em suas anotações, quando ele retorna. Agora ele veste uma calça jeans e uma camiseta branca, à la James Dean. Só falta o cigarro na mão.

Ele atravessa a grande sala, fechando as persianas. Janie encolhe-se de medo por dentro, sabendo que Cabel deve estar irritadíssimo agora. Mas ele prometeu à Capitã que se controlaria e sabe que ela não vai deixar que continue no caso, se não agir conforme as normas, por sua proximidade emocional no caso em questão. Janie acha que ele vai se controlar.

— Bem, garota, qual é o problema? — pergunta Durbin, enquanto vai andando de volta na direção da mesa. Senta-se na cadeira ao lado da dela, passando os dedos pelos cabelos molhados.

— Garota? — ela ri. — Tenho 18 anos.

— Desculpa. O que eu estava pensando... Ahhh — diz, inclinando-se para a frente, para olhar as anotações dela. — Gases venenosos — ele esfrega as mãos, com alegria. — Emocionante, né?

Ela vira-se e olha para ele.

— Bem, é interessante. Mas não entendo como isso... — ela aponta para a anotação com o lápis — ... resulta nisso. Não faz sentido.

— Ahm — ele responde, tirando o lápis dos dedos dela lentamente. — Vamos começar do começo.

Ele vira o papel e escreve equações no verso, com ar de perito. Assobia de leve, bem baixinho mesmo, enquanto prossegue com a

tarefa. Janie inclina-se para a frente, como se precisasse ver melhor, um centímetro de cada vez, até que ele começa a escrever mais devagar.

Cometendo um erro ou outro.

Apagando.

Mexendo-se em seu lugar.

Ela para de se mexer e faz um sinal de concordância com a cabeça, bem de leve. Total, completa, impressionantemente fascinada pelo barulho da escrita feito pelo lápis que ele segura.

Ela toma um gole de água da garrafa que ele ofereceu, e o único som que se ouve no local é o dela engolindo a água.

Ela observa como o pomo de Adão dele se move para cima e para baixo, por reflexo.

— Certo — diz ele, por fim.

Ele explica a equação, que ocupa meia página, do começo ao fim, e Janie está voltada para ele, com o cotovelo na mesa e os dedos em seus cabelos, concordando com a cabeça, pensando, esperando.

— Acho que saquei! — Janie responde quando ele termina de explicar.

— Agora você tenta fazer — diz ele, olhando para Janie.

Ele pega o papel e coloca debaixo do caderno dela, esbarrando de leve em seus seios com o antebraço. Ambos fingem não notar.

Janie arranca uma folha em branco de seu caderno e começa a partir da equação inicial. Inclina-se sobre o papel, de forma que seus cabelos caem para a frente de seu ombro. Após um momento, ele empurra os cabelos dela para trás. Os dedos dele ficam um pouquinho além do necessário na nuca de Janie.

— Não consigo ver — ele explica.

— Desculpa.

Ela joga os cabelos para o outro lado do pescoço, e sente que ele está olhando para ela. Janie hesita no meio do processo. Pensa profundamente nisso.

— Espera — ela murmura —, não me fala.

— Tudo bem — diz ele, baixinho. Ele está inclinando-se sobre ela, com seu hálito no ombro de Janie. — Demore o quanto for

preciso.

— Nunca vou sacar essa — diz ela.

Os dedos dele encostam de leve nas costas dela.

Ela finge não perceber.

Janie calcula seus movimentos, tentando entrar na mente de alguém que aceitaria tais avanços de boa vontade. Decide que tal pessoa não faria praticamente nada, para não ter problemas e, então, dá um curto respiro. Mexe o lápis de novo, e, em seguida, depois de um instante, atreve-se a dar uma olhada de relance para ele revelando, com tal olhar, tudo o que Durbin deseja saber.

— Que tal? — diz ela, apontando para o exercício que acabou de fazer.

— Está bom, Janie. Perfeito.

Ele descansa sua mão no meio das costas dela.

Ela sorri e olha para o exercício por um momento, depois, começa a reunir seus livros lentamente.

— Bem, obrigada, Sr. Durbin, por, ah, sabe... me deixar invadir assim sua noite.

Ele anda, acompanhando-a até a saída. Ele se inclina na direção da porta, com a mão na maçaneta.

— O prazer foi meu — diz ele. — Espero que você possa vir aqui de novo, um dia desses. Só me mande um e-mail. Darei um jeito.

Ela dá um passo na direção dele, vai abrir a porta para poder ir embora, mas ele ainda está segurando a maçaneta. Encurralando-a.

— Janie — diz ele.

Ela se vira.

— Sim?

— Ambos sabemos, não? — diz ele. — Porque você quis vir aqui hoje à noite.

Janie engole em seco.

— Sabemos?

— Sim. E não se sinta mal com relação a isso. Porque me sinto atraído por você também.

Janie pestaneja. Fica corada.

— Mas — ele continua —, não posso me envolver em um relacionamento com você enquanto for minha aluna. Isso não é certo. Mesmo que tenha 18 anos.

Janie fica em silêncio, olhando para o chão.

Ele ergue de leve o queixo dela. Seus dedos ficam por um bom tempo no rosto dela.

— Mas, logo que você se formar — diz ele, olhando nos olhos dela —, a história muda.

Ela não consegue acreditar naquilo.

E depois consegue.

É assim que ele mantém as alunas caladas.

Culpando-as.

Ela sabe o que dizer.

Saber o que dizer é o que deixa Janie com vontade de vomitar nos sapatos dele.

— Sinto muito — diz ela. — Estou tão envergonhada.

— Não fique — diz ele, e Janie sabe que ele deseja que ela sinta vergonha.

Ela espera por isso. Espera pela fala que sabe que virá em seguida, desse canalha egocêntrico. Resiste à imensa vontade de dizer primeiro.

— Acontece o tempo todo — ele diz.

Ela consegue transformar seu medo interior em um sorriso triste, e sai sem dizer mais nada, embora esteja tentada a levar a ceninha até o fim, gritando: “Sou tão tola!”.

Cerca de quatro segundos depois de ela sair com o carro da garagem da casa de Durbin, o celular toca. Ela espera até que esteja fora do campo de visão da casa dele antes de atender.

— Estou bem, Cabe.

— Tá. Te amo.

Ela ri.

— É isso?

— Estou tentando me comportar como um bom tira.

— Ele é esperto. Estou indo para casa. Quer passar lá para saber os detalhes?

— Sim!

— Vou ligar para o Baker agora e, depois, para a Capitã. Encontro você na minha casa.

Janie faz os telefonemas, relatando os eventos, e a Capitã certifica-se de que ela tome conhecimento de que este é um caso clássico de uma “merda de síndrome egomaníaca de autoridade”.

Ela mesma inventou o termo.

E então, a Capitã diz:

— Não estou tão preocupada com a viagem para a feira de química, já que você estará com a Sra. Panquecas o tempo todo, mas tome muito cuidado nessa festa, Janie. Imagino que ele faça as garotas ficarem bêbadas, possivelmente aproveitando-se delas enquanto acontece a festa. Mantenha seu bom-senso alerta.

— Farei isso, Capitã.

— E faça algumas pesquisas sobre drogas relacionadas a estupros em encontros, são conhecidas como “Boa-noite, Cinderela”. Tenho alguns panfletos sobre isso que quero que você leia.

— Sim, senhor.

21h36

Janie chega em casa, fervendo com um recém-adquirido ódio pelo Sr. Durbin. Que manipulador! Ela gostaria de entrar no sonho dele um dia desses. Transformá-lo em um pesadelo.

Dez minutos depois, Cabel entra e olha para ela de cima a baixo. Abraça-a.

— Sua blusa está com o cheiro da loção pós-barba dele — diz Cabel, apertando os olhos. — O que aconteceu?

— Fiz meu trabalho — diz ela.

— E o que ele fez?

— Aqui. Senta aqui. Faz de conta que está fazendo os exercícios com fórmulas de química.

Ela repete a cena para ele.

— Filho da puta!

— E então ele tentou dizer que eu era uma garota má por pensar que algum dia ele ia querer me tocar. Mesmo ele tendo acabado de fazer isso.

Cabel fecha os olhos.

— Certo — diz ele, concordando com a cabeça — é assim que ele faz com que elas não digam nada.

— Exatamente o que pensei, enquanto ele estava sendo todo arrogante comigo, enquanto ficou lá inclinando-se na frente da porta, para que eu não pudesse cair fora.

Cabel caminha de um lado para o outro.

Janie dá um grande sorriso.

— Vou dormir. Pode sair quando tiver acabado de digerir os fatos.

17 de fevereiro de 2006, 19h05

Janie está sentada no chão da sala de estar da casa de Desiree Jackson, no grupo de estudos. Algumas colegas de classe de química 2 estão à sua volta. Começam imediatamente a trabalhar em suas fórmulas.

Sempre que alguém traz à tona o nome de Durbin, as outras garotas ficam falando sobre ele com total entusiasmo. Janie disfarça, fazendo uma pergunta aqui, outra ali, sobre Durbin, casualmente, no meio das conversas, com o máximo de cuidado. Mas ninguém tem nada de ruim a dizer sobre ele.

22h12

Janie reúne seus livros e suas anotações e vai para casa sem nada além de análises empolgadas a respeito do Sr. Durbin. Todo mundo ama o cara.

Uma noite de estudos perdida. Ela já sabe aquilo de cor.

PÉ NA ESTRADA

19 de fevereiro de 2006, 12h05

Está nevando.

Muito.

Os alunos de química reúnem seus projetos e suas malas na van para quinze passageiros, no estacionamento da escola, enquanto o Sr. Durbin anda de um lado para o outro, lá fora, com as mãos enluvadas, segurando um celular não muito perto do ouvido. Seus cabelos estão espessos por causa da neve. Ele fala rápido, e suas palavras vão morrendo com o vento enfurecido.

Todo mundo vai entrando na van, na maior confusão, animados e nervosos. Os alunos ficam reunidos nos três primeiros grandes bancos da van.

Menos Janie.

Janie fica no quarto banco.

Sozinha.

Tremendo.

A Sra. Panquecas, coberta com um casaco de inverno lilás, comprido e volumoso, espia, ansiosa, pela janela da frente do lado do passageiro, olhando para o Sr. Durbin e para a neve que vem com rajadas bem fortes de vento.

— Deveríamos cancelar a viagem — murmura ela para ninguém especificamente. — Só vai ficar pior assim que seguirmos para o norte e o oeste. Os efeitos do lago.

Os alunos falam em vozes sussurradas.

Janie implora para que o tempo melhore. Por mais que odeie essas viagens da escola, sabe que precisa ir nessa.

Finalmente, o Sr. Durbin assume seu lugar no banco do motorista, soltando um sopro por causa da neve e do vento frio e congelante. Ele dá partida na van.

— A secretária da feira diz que o tempo está limpo e ensolarado lá no norte — ele diz. — E os últimos relatos sobre as condições do tempo apontam para essa neve como algo isolado, na parte sul do

estado de Michigan. Assim que passarmos por Grayling, já deveremos ver o céu limpo.

— Então vamos? — pergunta a Sra. Panquecas, nervosa.

O Sr. Durbin pisca para ela.

— Ah, sim, minha cara. Vamos. Coloque o cinto de segurança — ele começa a dirigir a van e vai abrindo caminho pelo estacionamento cheio de neve. — Lá vamos nós!

Os alunos soltam gritinhos, mostrando sua alegria. Janie sorri e confere se seus suprimentos estão na mochila. Tem tudo de que precisa para aguentar as próximas trinta e seis horas. Ela começa a ler *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, com sua luminária para leitura, e mergulha na história.

17h38

Passam-se mais de cinco horas até chegarem a Grayling, quando a viagem deveria ter levado três. Mas, ao menos, parou de nevar. A van da escola avança com dificuldade e entra no estacionamento de um Wendys.

— Comam rapidinho e voltem para cá — grita o Sr. Durbin. — Temos seis horas pela frente. Teremos de arrumar as coisas bem cedinho pela manhã; eles fecham o ginásio à meia-noite e reabrem às seis da manhã. Sugiro que tentem dormir um pouco na van, pessoal.

Janie vai com o pessoal.

Fica bem longe de Durbin. Ela ainda está “pê da vida” com o lance daquela noite na casa dele, embora saiba que deve superar seu desprezo. Bem engraçado é que Durbin parece rodear e secar Janie, ainda mais, quando ela tenta evitá-lo.

Ele acompanha o passo dela, quando entram no restaurante, mas ela o ignora e segue na direção do banheiro.

Todo o resto do pessoal vai ao banheiro também.

Janie liga para Cabel.

— Oi, ah, mãe — diz.

Cabel ri por causa do “mãe”.

— Olá, querida. Conseguiu atravessar a nevasca?
— Sim. Com bastante dificuldade — Janie abre um grande sorriso ao telefone.
— Alguma coisa já?
— Nadinha, não ainda. Ainda temos seis horas de estrada pela frente. Essa vai ser uma noite longa.
— Se aguenta aí, docinho. Sinto sua falta.
— Eu... eu te amo também, mãe.
— Ligue-me quando tiver uma oportunidade. Ou se acontecer alguma coisa.
— Ligo sim.
— Te amo, Janie. Se cuida.
— Vou me cuidar. A gente se fala em breve.
Quinze minutos depois, estão todos de volta à estrada.
Ninguém dorme.
Faz sentido, pensa Janie.
Ela tira um cochilo enquanto pode.

0h10

No quarto do hotel, com Janie, estão outras três garotas. Stacey O'Grady, Lauren Bastille e Lupita Hernandez. As quatro conversam e dão umas risadinhas suaves por uns minutinhos, mas, ficando cansadas, acabam se jogando na cama, acionando o despertador para tocar às 5h30.

1h55

Janie é sugada para o primeiro sonho. É de Lupita, sua colega de quarto. Janie pode sentir a menina contorcendo-se na cama ao lado dela.

Elas estão em uma sala de aula. Papéis voam por toda parte. Lupita tenta como uma louca pegá-los, mas, para cada papel que ela consegue pegar, mais cinquenta caem do teto.

Lupita está histérica.

Ela olha para Janie. Janie retribui-lhe o olhar, fixando-se nela, concentrando-se.

— Ajude-me! — grita Lupita.

Janie sorri, procurando encorajar a menina.

— Mude o rumo disso, Lupita — diz ela. — Ordene que os papéis fiquem todos reunidos em uma pilha. É o seu sonho. Você pode mudá-lo.

Janie se concentra em passar a mensagem a Lupita. Lentamente, Lupita arregala os olhos. Ela estica as mãos na direção dos papéis, que flutuam suavemente até formarem uma bela pilha sobre sua mesa. Lupita suspira, aliviada.

Janie arranca-se do sonho.

Lupita não está mais se contorcendo. Sua respiração é regular, profunda, calma.

Janie solta um grande sorriso e vira para o outro lado na cama. Espera pacientemente pelo sonho que precisa.

2h47

Desta vez, é o de Lauren.

Estão em uma sala de uma casa que parece vagamente familiar para Janie. Cadeiras dobráveis estão organizadas em um círculo. As pessoas estão sentadas e em pé por toda parte. Alguns estão rindo e caindo. Todo mundo está bebendo uma espécie de ponche de tom cor-de-rosa forte. Alguns enfiam as mãos na tigela do ponche e bebem, estalando os lábios.

Todo mundo, menos Lauren, está meio borrado. Janie não consegue distinguir nenhum rosto, não importa o quanto tente se concentrar.

No centro do círculo, Lauren dança. Ela está sem blusa e gira, cambaleando e rindo, vestida apenas com sutiã preto e calça jeans.

Alguém se junta a ela.

Ele tira a camisa e agarra Lauren.

Todo mundo bate palmas e solta gritinhos de alegria, enquanto o cara puxa Lauren na direção dele. Eles se beijam e se esfregam

enquanto a música soa alto ao fundo.

Hip-hop.

Janie observa, horrorizada, enquanto o cara tira as roupas de Lauren e baixa sua calça jeans até os joelhos. O cara joga Lauren no chão, caindo por cima dela, suas bebidas se espalham para todos os lados. O restante do grupo começa a se agarrar e se beijar, tirando as roupas uns dos outros. Então, eles se amontoam sobre Lauren até que a pilha de pessoas chega até o teto. Lauren está gritando, com a voz abafada. Está sendo esmagada até a morte.

Janie está dormente. Seu corpo treme. Já foi o bastante, mas é horrível demais. Ela não consegue escapar. Tenta arrancar-se dali, mas o pesadelo é forte demais.

Janie tenta gritar, mas sabe que não consegue.

— OLHE PARA MIM! — ela grita mentalmente para Lauren. — Peça minha ajuda!

Mas este pesadelo está fora de controle. Janie não consegue atrair a atenção de Lauren. Ela não consegue sair dele. Observa, cheia de horror, enquanto Lauren luta, tentando inutilmente se livrar das pessoas que estão em cima dela, gritando:

— Não! Parem! Não!

Janie reúne toda sua força e tenta pausar o sonho. Tenta examinar minuciosamente a sala de novo. Não está dando certo.

Até que...

Com um esforço final e heroico, Janie consegue despregar seus olhos de Lauren. Olha em volta da sala.

Lá.

Na cozinha.

Rindo e bebendo, testemunhando a loucura como se assistisse a um jogo de futebol americano ou algo do tipo.

Alguém está usando um celular.

Uma expressão estranha no rosto borrado e sorridente dessa pessoa.

Quando Lauren grita, tudo fica negro. Janie fica paralisada, às cegas. Ouve Stacey perguntar, num resmungo:

— Que diabos?

Sente o suspiro de Lupita, e enfia a cabeça debaixo do travesseiro. Espera por três coisas.

Que Lauren pare de respirar assim, com tanta dificuldade.

Que sua própria visão volte.

Que sinta alguma coisa.

Qualquer coisa.

Demora um bom tempo para que qualquer das três coisas aconteçam.

A manhã chega rápido demais.

20 de fevereiro de 2006, 8h30

A equipe de química finalmente termina de montar seu estande. O projeto consiste em uma espiral de DNA, com pôsteres contendo teorias sobre como a clonagem humana pode ser feita de forma segura.

Janie não se importa muito com isso. Deixa os verdadeiros *geeks* de química fazerem todo o trabalho.

O que, provavelmente, eles prefeririam fazer de qualquer forma.

A Sra. Panquecas traz alguns *donuts*, e eles sentam e esperam os observadores e os jurados chegarem. Todo mundo parece exausto, inclusive Durbin.

Janie pede licença e vai até o banheiro.

Liga para Cabel.

Conta-lhe tudo sobre o sonho de Lauren.

O ar sombrio de ambos fica pairando no silêncio ao telefone.

— Tome cuidado — diz Cabel pela milésima vez.

— Simplesmente não consigo entender como ninguém relatou isso de uma forma séria, ou acompanhou o caso. A menos que todos estivessem muito trêbados para se lembrar — murmura Janie.

— Devia ter algo naquele ponche. A Capitã me pediu para fazer um estudo sobre as drogas que compõem o “Boa-noite, Cinderela”. Acho que ela acertou em cheio!

— Parece que é isso, J.

A porta do banheiro é aberta e Lupita entra, acenando alegremente para Janie.

— Tenho de ir — diz Janie baixinho, enquanto acena de volta para Lupita e desliga o telefone.

16h59

A equipe reúne as coisas do projeto. Vão embora com faixas de terceiro lugar. Nada mal para uma teoria estúpida e uma centena de zilhões de palitinhos de sorvete.

Por volta das nove da noite, todo mundo está cochilando na van. Quer dizer, todos menos Janie e o Sr. Durbin. Janie faz um tremendo esforço e se arranca de diversos sonhos ridículos. Ainda bem que, quanto mais bobos são os sonhos, mais fácil é cair fora deles.

Nos intervalos entre os sonhos, ela come lanches e tenta dormir.

Por fim, o Sr. Durbin para a van na rodovia. A galera que dormia acorda para ver o que está acontecendo.

— Minha cara Rebekkah — diz Durbin para a Sra. Panquecas —, consegue dirigir um pouco? Estou caindo de sono.

A Sra. Panquecas dá um olhar de relance, cheio de nervosismo, para o Sr. Durbin.

— Só por uma hora, mais ou menos — ele implora.

— Tudo bem — ela responde.

Durbin pula para fora da van e entra pela porta traseira deslizante.

— Alguém pode ir lá sentar-se com a Sra. Panquecas, por favor? Preciso me esticar.

Ele se joga no banco de trás, ao lado de Janie.

— Hei — diz ele.

Seus olhos examinam de cima a baixo o corpo todo coberto dela.

— Oi — diz Janie, tentando parecer interessada, mas então desiste e olha pela janela, com o olhar na noite. Observa a neve

começando a cair levemente em torno deles. Imagina se algo terrível está para acontecer. Ou vão descobri-la tremendo e cega por causa dos sonhos de Durbin, ou ele vai tentar fazer algo pavoroso e de dar arrepios nas profundas regiões escuras da van.

Nenhuma das opções soa como algo bom neste momento.

O Sr. Durbin estica-se e boceja. No momento em que mais de quinze quilômetros haviam sido transcorridos, ele está roncando levemente ao lado de Janie, com as pernas esticadas no corredor, a parte superior do corpo pendendo para o lado e deslizando um centímetro de cada vez, na direção de Janie.

Ela está encurralada.

Deseja ficar acordada e manter controle sobre si. Consegue fazer isso por uma hora, talvez.

23h48

Janie acorda alarmada.

A van está zunindo. Todo o resto do pessoal está dormindo, exceto a Sra. Panquecas lá na frente. Todos, exaustos demais para sonhar.

Janie olha para o Sr. Durbin.

O ombro dele está encostado no dela. A mão dele, em sua coxa.

Janie fica pálida. Tira a mão dele dali. Encolhe-se mais ainda em seu cantinho e vira de costas para ele.

Ele não acorda.

Ele não sonha.

Merdinha inútil, pensa Janie.

3h09

A van para no estacionamento da Fieldridge High. Os carros de todos os alunos estão cobertos por mais ou menos meio metro de neve.

Janie dá uma empurradinha no Sr. Durbin para ele acordar.

— Chegamos — diz ela, ríspida.

Ela só quer ir para casa, se jogar na cama.

O grupo sai da van tropeçando uns nos outros.

— Vejo vocês pela manhã, radiantes e bem cedo na escola — convoca a Sra. Panquecas, enquanto todos, cansados, tentam tirar a neve dos para-brisas de seus carros.

Janie liga para Cabel.

— Hei. Fiquei acordadão, esperando por você — diz ele, soando preocupado. — É seguro você dirigir?

— Não consigo imaginar que alguém vá abrir as janelas em uma noite como esta — diz ela.

— Vem me ver.

— Em cinco minutos estou aí.

Janie cai nos braços de Cabel, exausta. Conta-lhe sobre Durbin no banco traseiro da van.

Ele a leva até o quarto, ajuda-a a vestir uma das camisetas dele e sussurra ao pé do ouvido dela, enquanto ela pega no sono:

— Você fez um excelente trabalho.

Fecha a porta do quarto.

Prepara sua cama no sofá.

Fica deitado, acordado, socando seu travesseiro sem fazer muito barulho.

21 de fevereiro de 2006, 15h35

Janie, com imensas olheiras escuras, e Cabel, com um olhar de preocupação estampado na cara, sentam-se, no escritório da Capitã. Janie serve-se de um lanche de amêndoas e leite enquanto relata os eventos da aventura da feira de química.

— Parecia um pouco a casa do Durbin — ela diz. — A sala de estar da casa dele.

— Mas você não conseguia ver o rosto de ninguém? — diz a Capitã, pressionando-a.

— Não — diz Janie. — Só o da Lauren... era ela quem estava sonhando — ela aperta as mãos uma na outra.

— Tudo bem, Janie. Sério. Você nos passou muitas informações.

— Só gostaria de ter mais.

Cabel aproxima-se dela e aperta sua mão. Bem de levinho.

Depois disso, Janie dirige até sua casa, dá uma olhada em como está sua mãe, pega o jantar e se prepara para dormir. Dorme doze horas direto.

27 de fevereiro de 2006

Cabel liga para Janie a caminho da escola.

— Estou bem atrás de você — diz ele.

— Estou te vendo — diz ela, e sorri pelo espelho retrovisor.

— Hei, Janie?

— Fala?

— Estou com um imenso e terrível problema.

— Ah, não! Não aquela micose nas unhas dos pés, que levam seis meses para se curarem?

— Não, não, não. Muito pior. São novidades chocantes. Tem certeza de que devo contar isso a você enquanto dirige?

— Estou com o *headset*. Ambas as mãos no volante. Janelas fechadas até em cima. Manda bala.

— Tá, aqui vai... O diretor Abernethy me ligou esta manhã para me contar que estou concorrendo para ser o orador da turma na formatura.

Um momento de silêncio.

Uma bufada um pouco alta.

Seguida de grandes gargalhadas.

— Parabéns — ela diz, por fim. — O que você vai fazer?

— Me dar mal em todas as tarefas, começando hoje.

— Você não vai conseguir.

— Espere só.

— Estou bem ansiosa para ver essa. Ah, sabe o que mais?

Você é um saco.

— Eu sei.

— Te amo.

— Te amo também! Tchau.

Janie desliga o telefone e começa a rir de novo.

A segunda aula, de psicologia, é de dar sono. Janie faz uma pergunta ao Sr. Wang, em forma de desafio, sobre sonhos, só para tirar um sarro. Deixa-o gaguejando para não chegar atrasada na aula do Durbin.

Na semana antes da festa, Janie continua a interpretar o papel de mulher desprezada na frente do Sr. Durbin, e ele parece engolir isso. Na verdade, quanto mais ela o evita, mais ele arruma desculpas para chamá-la à mesa dele depois da aula, ou pede que ela dê uma passada na casa dele depois da escola.

Ela continua distante, e ele muda a rota que seguia para dizer algo legal a ela, sobre a prova, os experimentos, o suéter dela...

1º de março de 2006, 10h50

— Você ainda vai chegar uma hora mais cedo no sábado? — pergunta o Sr. Durbin a Janie, depois da aula.

— Claro que sim. Prometi que iria. Stacey e eu estaremos lá às seis da tarde.

— Excelente. Hei, eu não conseguiria fazer esta grande festa sem você, sabe?

Janie dá um sorriso gélido e caminha até a porta.

— É claro que conseguiria. Você é Dave Durbin!

Ela sai da sala e encaminha-se para a aula de literatura inglesa, com o velho e entediante Sr. Purcell. Ele é a síntese do caráter moral.

A sala de estudos é um completo pé no saco. Na hora em que aquilo acaba, Janie está repleta de informações sobre nada relevante. E, quando levanta a cabeça, vê as sombras de pés e pernas perto da mesa.

— Você está bem, Janie? — a voz é de Stacey O'Grady.

Janie pigarreia, e um som de algo sendo quebrado vem da seção da biblioteca à esquerda. Stacey dá um rodopio para ver o

que é e fica olhando com cara de boba. Janie não consegue ver o que está acontecendo, mas logo que consegue sentir os lábios, sorri. *Cabel está aprontando alguma*, pensa ela.

Ela senta como se conseguisse enxergar e, na verdade, sua visão está voltando um pouco agora. Tosse e pigarreja de novo, e Stacey vira-se para ela.

— Nossa! Que desajeitado! Bem, eu vim até aqui para confirmar se está tudo certo, sábado, às seis da tarde?

— Tá sim — diz Janie. — Somos só eu e você indo para casa do Durbin para arrumar as coisas. Você está de boa com isso?

Stacey olha para ela inquisitivamente.

— Por que eu não estaria?

— Não faço ideia, mas todo cuidado é pouco hoje em dia, não?

Stacey ri.

— Acho que sim. Bem, já pensamos em todos os aperitivos. Espero que na casa dele tenha bastante tomadas, porque vamos levar um montão de panelas elétricas. É claro que sempre podemos usar bicos de Bunsen.

— Essa foi boa! Hei, tenho uma lista de sobremesas e lanches. Phil Klegg vai levar algo chamado “bolo de lixo”, e eu simplesmente nem sei o que tem nisso.

Elas ficam de conversinha sobre a festa e a feira de química por um tempinho e, quando toca o sinal, Stacey sai correndo. Janie dá uma espiada entre as prateleiras de livros e vai furtivamente até onde Cabel está sentado, depois que a biblioteca fica vazia.

— Você está bem? — ela pergunta, soltando risadinhas.

— Eu? Ah, claro. Mas talvez você tenha de me carregar daqui para fora...

— O que houve?

— Criei uma distração.

— Isso eu entendi.

— Pisada, enciclopédias, chão.

— Entendi. Bem, nem consigo agradecer o bastante.

— Claro que consegue. Me ajuda a me dar mal em provas suficientes para não ser o orador!

— Você não pode simplesmente dizer a Abernethy que precisa manter sua reputação como um merda, e que não quer chamar a atenção?

— Ir mal nas provas é mais divertido.

Janie balança a cabeça e ri.

— Talvez nas primeiras vezes. Mas você não vai conseguir lidar com isso depois.

— Aposto que consigo.

Janie coloca as mãos nas coxas.

— Tudo bem. Depois de ir mal pela quarta vez em algum teste, ou algo mais importante, você vai se esforçar e não vai conseguir ir mal na quinta vez. Eu prevejo isso! O vencedor paga nosso primeiro encontro de verdade.

— Aposta feita! Comece a economizar seu dinheiro.

HORA DO SHOW

3 de março de 2006, 10h04

O pessoal de química 2 está bem animado e alvoroçado. Eles ficam andando para todos os lados como patetas, mais do que qualquer outra coisa. O Sr. Durbin deixa que façam isso. Eles foram relativamente bem na última prova, na feira de química conseguiram resultados mais altos do que o esperado, e todo mundo está doido para que chegue logo a festa de amanhã. O próprio Sr. Durbin está praticamente eufórico e, quando o treinador Crater para na porta por causa da comoção, enfia a cabeça para espiar a sala.

— Hum... Aí deve vir uma festa do pessoal de química 2! — comenta ele, olhando para os alunos, um de cada vez.

— Amanhã à noite, Jim — diz o Sr. Durbin. — Dá uma passadinha por lá se sua mulher deixar você sair — os dois dão risada.

Janie aperta os olhos com o comentário, mas volta a olhar para seu livro-texto. Está procurando pela fórmula — a fórmula usada no conhecido “Boa-noite, Cinderela”. Não que ela encontraria a fórmula em um livro de escola. Seria uma receita para o desastre. Ainda assim, talvez haja alguma pista ali.

No entanto, quando o Sr. Durbin começa a caminhar, indo até as diversas baias, ela volta para a página da lição e finge que está lendo. O Sr. Durbin para por um momento atrás dela, mas Janie o ignora. Ele segue em frente.

Estão fazendo aula de educação física na sala de musculação há quatro semanas, aprendendo sobre as máquinas e a postura adequada para o levantamento livre de pesos. Loide chama Janie à frente para ajudá-lo na demonstração.

— Quanto peso você quer, Buffy?

Janie olha para ele.

— Bem, senhor, acho que depende do exercício que gostaria que eu demonstrasse.

— Certo! — diz ele, como se fosse uma pergunta voltada ao ensino. A expressão de Janie não se altera. — Que tal levantamento de supino? — ele pergunta.

— Pesos livres ou na máquina?

— Ah! Como é esperta! Vamos começar com os pesos livres.

Ela olha para ele por um bom tempo.

— Vai me colocar para fazer os exercícios ou não?

Ele ri para o público, como se estivesse realizando um truque de magia.

— É claro que vou.

Janie concorda com a cabeça.

— Tudo bem então. Sessenta tá bom.

Ele ri.

— Que tal começarmos, digamos, com vinte ou algo assim?

— Sessenta está bom para levantar uma vez.

Ela se curva e começa a reunir os pesos. Os alunos estão altamente entretidos com o encorajamento do treinador Crater.

Janie trava os pesos e se deita no banco, com a barra acima do peito.

— Pronto?

Ela espera que ele a coloque no centro das atenções, e segura com firmeza a barra. Fecha os olhos. Concentra-se, respira, até que não ouve mais as distrações ao seu redor. Ela empurra a barra para cima, segura-a por um momento, depois a abaixa, certinho, até um pouco acima do peito e a pressiona para cima com toda sua força. Ela segura a barra por alguns segundos, e então vai baixando-a lentamente e colocando-a no lugar.

— Quarenta para repetições — diz ela.

Ela faz oito repetições, coloca a barra de volta no lugar quando termina, e só então se dirige para o fundo da sala. Está bem silencioso lá.

O treinador Crater está em pé, parado, olhando para ela, maravilhado, com um sorriso estúpido no rosto. Janie se vira e se senta no banco. Mais tarde, na aula, ela vai fazer metade dos exercícios do dia. Saiu ganhando.

— Babaca — murmura para o treinador Crater, quando vai embora ao final da aula.

— O quê!?

Ela continua a andar.

Depois de cinco minutos na sala de estudos, uma bola de papel vinda de Cabel acerta-a na orelha. Ela revira os olhos. Abre o papel.

Stacey, é o que está escrito nele.

Janie levanta os olhos. A cabeça de *Stacey* está apoiada em seus livros. Os olhos dela estão fechados. Janie morde o lábio e acena para Cabel com a cabeça. Ele sorri para ela, encorajando-a.

Seu sangue ainda está pulsando devido à aula de educação física. Ela se sente forte. Dormiu bem, alimentou-se bem... está tudo funcionando a seu favor. Agora, tudo que ela precisa é que *Stacey*...

Ela agarra a mesa, e estão no carro de *Stacey*. A garota está dirigindo com fúria, como antes. No banco de trás, o rosnado, o homem, as mãos dele apertando o pescoço de *Stacey*.

Janie imagina se esta é a melhor oportunidade que terá, ou se deveria esperar. Decide aproveitar, pois *Stacey* poderia acordar antes de chegarem ao bosque.

Stacey está dirigindo imprudentemente. Janie se concentra e aperta suas mãos, cerrando os punhos, bombeando sangue antes que fiquem dormentes, concentrando-se para pausar o sonho. A velocidade do sonho está diminuindo, e Janie tenta virar-se para olhar para o homem. Mas o sonho volta à sua velocidade normal. Ela não consegue fazer os dois de uma vez. Janie concentra-se novamente em pausar a cena e sabe que seu poder tem limites. Um bom impulso de energia, e a cena fica lenta e para. Ela continua perfeitamente concentrada, vira-se devagar, calmamente. Vê o olhar de horror estampado no rosto de *Stacey*, vê as mãos do homem em volta do pescoço dela, os braços dele. Então, lentamente, bem lentamente, vira-se para ver o rosto do homem.

Ele está usando uma máscara de esqui.

Janie perde a concentração, e o sonho volta à sua velocidade regular de novo. Maldição! Batem na vala, nos arbustos; o carro gira até parar. *Stacey*, sangrando, sai do carro pela janela quebrada e corre, com o estuprador seguindo-a, na direção do bosque. Janie

tenta novamente pausar o sonho quando ele a agarra. Tenta com toda sua força. Mas não consegue. O estuprador pega Stacey, ela tropeça, ele cai por cima dela, e então, o sonho é abruptamente interrompido no mesmíssimo ponto em que sempre acaba.

Ela queria ter ajudado Stacey a mudá-lo. Da próxima vez, quem sabe.

Para falar a verdade, ela espera que não exista uma próxima vez.

Quinze minutos depois, quando consegue enxergar e mover-se novamente, a biblioteca fica vazia com o fim da aula, Cabel passa um tempinho apertando a mão de Janie, de leve, e ela nem consegue explicar o quão maravilhosa é aquela sensação. Ele caminha com ela até o estacionamento, leva-a até em casa, volta para pegar o carro dela, como da outra vez, enquanto ela come e bebe algo, e adormece no sofá.

Ele está lá quando Janie acorda. Lendo um livro, com os pés na mesinha de centro.

— Hei — diz ela. — Que horas...?

— Passou um pouquinho das 20h. Como você tá?

— Bem — diz ela.

— Sua mãe está aqui?

— No quarto dela, como sempre.

Cabel faz um aceno com a cabeça.

— A Capitã quer encontrar a gente de manhã, para repassarmos o que vai ser feito amanhã à noite.

— É, imaginei que seria isso.

— Estou preocupado com você, Janie.

— Em relação ao sonho? Só ficou pior porque dei pausa nele.

— Você fez isso? Legal!

— É. Mas não vi nada.

— Ah, bem. Na verdade, estou preocupado mesmo é com amanhã à noite.

— Por favor, não fique. Serão dezoito alunos lá, Cabe. Não vou ficar bêbada. Ficarei com uma cerveja ou algo do tipo na mão, para não levantar as suspeitas de Durbin, mas vou só fingir que estou bebendo. Vou comer bastante também antes de ir.

— Espero que a Capitã tenha um plano B, caso você precise fugir. Estará com seu celular?

— Sim, sim. E tudo que preciso fazer para te ligar é apertar um só botão.

— Estarei por perto.

— Não tão perto, Cabe, tá?

Cabel joga seu livro sobre a mesa.

— Você ainda pode dar para trás nisso, você sabe, né, Janie?

Janie suspira.

— Cabe, me escuta... Eu-não-quero. Eu quero fazer isso. Quero fazer com que este cara pare! Por que você não consegue entender isso?

Cabel encolhe-se de medo.

— Não consigo evitar. Não tolero nem mesmo pensar naquele pervertido tocando em você, Janie. E se algo acontecer com você? Deus, eu simplesmente odeio isso.

— Eu sei — Janie puxa a blusa até o cotovelo e senta. A última coisa que ela quer agora é uma briga. Muda de assunto. — Ethel já voltou para casa?

— Sim, está na sua garagem.

— Obrigada. Não sei o que eu faria sem você.

— Se eu fosse você, não me preocuparia com isso.

Janie inclina-se, apoiando-se nele. Acaricia sua coxa com as pontas dos dedos.

— Por que você aguenta isso?

Cabel relaxa e torce uma mecha do cabelo de Janie.

— Bem, dá... Porque um dia você vai ficar rica e famosa, aposto que sim. Seu próprio programa na TV, pessoas jogando dinheiro para você, pedindo que mude os sonhos delas. Estou esperando o dinheiro vir. Depois disso, caio fora.

Ela ri.

— Conte para você que fiz levantamento de supino de sessenta quilos na aula de educação física hoje? E aí eu chamei o treinador Crater de babaca.

Cabel dá umas gargalhadas estrondosas.

— Ele é um babaca! E sessenta é provavelmente um recorde nacional ou algo assim. É quase mais do que você pesa.

— O recorde nacional é de mais de cento e dez para a categoria da minha idade e do meu tamanho. Mas eu vou conseguir.

Eles conversam durante uma hora, e Cabel dirige até sua casa. Amanhã, eles vão encontrar-se novamente no escritório da Capitã.

Depois que Cabel vai embora, Janie pega seu livro de química, faz uma busca em um capítulo, com curiosidade, usa o celular para fazer buscas na internet por uma hora mais ou menos, até que acha as informações que está procurando a respeito das drogas usadas no “Boa-noite, Cinderela”, e vai dormir.

4 de março de 2006, 9h

Baker e Cobb juntam-se a Cabel e Janie no escritório da Capitã. Janie se apresenta a Cobb e diz “olá” de novo a Baker.

A Capitã revê o cronograma para a noite. Janie chegará às seis da tarde com outra garota. O restante dos convidados chegará às 19h.

A Capitã dá a Janie um isqueiro sexy e fininho, um dos mais populares, do estilo antiquado do “abre a tampa e acende”.

— Não é um isqueiro de verdade, Janie. Se você abrir o *flip*, ele envia um sinal de pedido de ajuda a Baker e Cobb, que estarão do lado de fora da casa. Eles vão ligar para o seu celular primeiro, só para o caso da tampa ter aberto por acidente. E não entre em pânico se isso acontecer. Responda que foi por engano. Mas tente manter o isqueiro em seu bolso e tudo ficará bem. Caso não consiga atender a ligação, eles vão ligar novamente. Se você não atender, eles vão entrar para te procurar.

Ela resumiu:

— Em outras palavras, se estiver com problemas, abra o flip do isqueiro. Coloque seu celular no vibracall e deixe-o em seu sutiã ou em sua calcinha, se preciso for, mas você deve atender ao telefone se não houver nada errado. Se não o atender, eles vão presumir

que você está com problemas. Isso está perfeitamente claro pra você?

— Sim — diz Janie.

— Bom. Vamos conversar sobre bebidas. Acredite em mim, Durbin prestará atenção para ver se todo mundo tem uma bebida na mão.

Janie olha para ela com suspeita.

— Você não vai me prender, nem nada do tipo, se eu estiver segurando uma bebida, vai?

A Capitã levanta uma das sobrancelhas.

— Não, a menos que você faça algo estúpido. Mas acho que deveria carregar uma bebida na mão, sim, para não levantar suspeitas de ninguém. Mas não a encorajo a beber no trabalho.

— Certo... e não largar minha bebida em momento algum, certo? Sem barril de cerveja, sem tigela de ponche, nada de bebidas misturadas.

A Capitã concorda com a cabeça, impressionada.

— Você fez muito bem sua lição de casa, posso ver isso. Bom trabalho.

Ela pega um pequeno pacote, uma espécie de kit para testar se há drogas usadas em um “Boa-noite, Cinderela”, de dentro da gaveta de sua mesa e entrega a Janie.

— Está familiarizada com isso?

Janie sorri, enfia a mão dentro de sua bolsa e puxa um pacote idêntico.

— Excelente! — assente a Capitã. — Cabel. Qual é o seu trabalho?

— Observar com agonia, senhor.

A Capitã segura um sorriso.

— Eu faria com que você ficasse em casa se não soubesse que daria uma escapadinha de qualquer forma. Enquanto estiver observando em agonia, sinta-se livre para fazer anotações sobre quem chega e quem sai que não esteja na lista.

— Obrigado — diz Cabel timidamente.

— Baker e Cobb, o procedimento está claro para vocês?

— Sim, senhor — dizem eles juntos.

— Ótimo. Vocês dois podem ir.

Baker e Cobb dão um tapinha de leve nas costas de Janie, como se ela fosse um dos caras, fazem um sinal de positivo com o polegar levantado e dirigem-se até a saída. Janie abre um grande sorriso.

A Capitã se dirige para Janie.

— Hoje não é a noite certa para ser sugada para dentro do sonho de qualquer pessoa bêbada. Tente ficar tranquila e no comando se conseguir. Caso não dê, lidaremos com isso depois. Eu realmente entendo que você não consegue controlar as ações de outras pessoas, então, não entre em pânico se acabar sendo sugada para sonhos e ficar presa.

Janie faz que “sim” com a cabeça.

— E se cuide. Siga seus instintos. Você é esperta. Tem um excelente senso intuitivo. Use-o como já fez antes, e sairemos dessa totalmente bem. Tudo certo?

— Sim, senhor.

— Alguma pergunta?

— Não.

— Bom. Ligue-me se tiver algo a perguntar — diz a Capitã. — E, Janie, nunca estive tão comprometida antes quanto estou agora. Use o isqueiro do pânico se precisar. Não vire mártir e nem pense que consegue lidar com esta missão sozinha. Trabalhamos como uma equipe. Entendido?

— Entendido. Estou pronta, senhor.

— E um lembrete. Isso pode até ser uma festa comum. Nossa meta é encontrar e prender um predador sexual. Não quero prender o cara por servir umas bebidas a menores. Sempre podemos fazer isso numa próxima vez. Como eu disse, use sua intuição e seu melhor julgamento.

— Farei isso.

— Cabel. Alguma pergunta?

— Não, senhor.

— Saiam daqui então. Vejo vocês em algum momento dentro das próximas vinte e quatro horas, espero. Maldição, odeio este trabalho!

10h09

Janie prepara suas barrinhas com licor de menta e coloca-as no congelador, depois prepara o almoço. Cabel dá uma passada por lá e fica andando, atordado, pela casa, inutilmente, incapaz de pensar em alguma coisa. Janie finalmente manda-o ir embora.

— Tome cuidado, baby — ele diz, beijando-lhe o topo da cabeça. Janie está calada.

E ele se foi.

14h32

Janie acende sua vela de relaxamento e senta-se em sua cama, limpando a mente, meditando. Preparando-se. Revê mentalmente suas folhas de perfis. Todos os eventos que levaram ao dia de hoje. E, então, sua mente vai vagando até o sonho no carro de Stacey. Ela analisa-o, passo a passo. Ela sabe que há uma conexão entre o sonho e o Sr. Durbin, mas como? O Sr. Durbin realmente a estuprou? Janie pensa em Lauren. Gostaria de ter conseguido concentrar-se nos rostos do sonho dela, mas eles estavam borrados, impossível reconhecer algum. E se Lauren tem pesadelos em relação à festa, por que ela não tem receios, nem reservas, nem total desprezo pelo anfitrião? Por que a pessoa que fez a ligação anônima não acompanhou o caso, fazendo outra ligação para o Delatores Anônimos de Crimes?

Ela tira um cochilo leve durante uma hora, tentando descobrir se há uma conexão entre os sonhos e a festa desta noite.

Ela mesma diz que não.

Quando acorda, Janie toma um banho e coloca sua calça jeans apertada e um suéter com decote “V” bem grande. Acrescenta um pouquinho de maquiagem e prende seu cabelo atrás da nuca, bem embaixo, com uma fita, deixando uns poucos fios soltos para emoldurarem seu rosto. Ela pega um lanche e um copo de leite,

servindo-se bem e rapidamente deles, depois, escova os dentes. Passa gloss nos lábios.

É chegada a hora do show.

17h57

— Estou saindo de casa com o carro. Vejo você depois — diz Janie.

— Se tiver uma possibilidade de me ligar... em segurança... sabe... — a voz de Cabel está marcada pela ansiedade.

— Farei isso se puder. Te amo, Cabe.

— Amo você, Janie. Se cuida.

Eles desligam. É uma noite cálida para o início de março, e a neve já se foi deixando em seu lugar quintais lamacentos, poças e buracos cheios d'água por toda parte. Janie estaciona na rua, confere as coisas em seus bolsos duas vezes, pega sua sobremesa e respira fundo. Depois, tira seu casaco e joga-o no banco do passageiro. É sempre bom ter uma desculpa para sair da casa. Ela comprou um maço de cigarros antes de ir para lá e deixa-os no bolso do casaco.

Janie fecha os olhos por um momento, encarna seu personagem e sai do carro. Vê a traseira da minivan, tipo aquelas de “mãe que carrega todo o time de futebol no carro”, piscando as luzes do freio para ela. Por algum motivo, isso a deixa tremendamente mais confiante. Janie sorri na direção da van, sabendo que eles podem vê-la com seus potentes binóculos. Cobb está estacionado na rua seguinte, com uma visão parcial da parte de trás da casa. Ela não procura por Cabel, mas sabe onde ele está: ali na esquina.

Ela bate a porta do carro com força e caminha pela garagem, em direção à escadaria, na entrada da casa de Durbin, esperando que Stacey apareça logo. Bate à porta e ouve passos. O Sr. Durbin abre a porta e leva-a para dentro.

— Hei, Janie — ele diz, deixando-a entrar e fechando a porta atrás dela.

— Está bonito, Sr. Durbin — diz Janie com um grande sorriso, olhando de relance pelos arredores. Ele mudou os móveis de lugar, colocou cadeiras dobráveis extras e acrescentou duas mesas de jogos de cartas na grande área da sala.

— Você também, Janie — diz ele, olhando-a de cima a baixo. — Pode me chamar de Dave fora da escola, você sabe, né?

Ela se vira e dá a ele total atenção, observa os olhos dele movendo-se para olhá-la na altura dos seios.

— Dave — ela concorda —, eu deveria manter isso aqui refrigerado — diz, mostrando sua sobremesa. — Se importa se eu der uma fuçada na sua cozinha para saber onde achar as coisas? Imagino que possa ajudá-lo com a distribuição de comida e bebida, quando todo mundo já tiver chegado.

— Fique à vontade — diz ele. Sem nenhuma pontinha de apreensão.

Já marcou um ponto, pensa Janie. Ele segue-a e mostra onde guarda os pratos extras, assim como copos, talheres e guardanapos.

— A geladeira está cheia de coisas, tudo bem apertado — explica —, mas há espaço na prateleira de baixo, se você mudar algumas garrafas de cerveja de lugar. — Ele fica em pé, parado atrás dela, enquanto ela se curva e enfia sua sobremesa dentro da geladeira. — Quer uma cerveja ou algo assim? Estou preparando um ponche também.

— Vai beber uma? — ela pergunta.

— Com certeza.

Na geladeira — o que mais poderia ser? — há duas fotos do próprio Sr. Durbin presas por um ímã. O ímã do disque denúncia do Delatores de Crimes da Fieldridge. O coração de Janie sente um golpe. Ele se ferrou, ela percebe, pensando na pessoa, anônima, com rosto borrado, na cozinha, fazendo o telefonema.

Rapidamente, Janie pega duas garrafas de cerveja, e Durbin mostra a ela onde está o abridor, no momento em que, do corredor, surge ninguém mais, ninguém menos que o Sr. Wang. Ele está com os pés descalços e com os cabelos molhados.

— Sr. Wang — diz Janie, controlando sua surpresa. — Não sabia que o senhor estava aqui.

— Senhorita Hannagan — diz, com um aceno de cabeça.

O Sr. Durbin abre um grande sorriso.

— Tão formais, vocês dois. Chris, Janie — ele diz. — Janie, pega uma cerveja para o Chris, por favor? Tenho de ir preparando este ponche. O Chris chegou mais cedo para me ajudar com as mesas e as cadeiras, mas acabamos, em vez disso, começando um jogo, um contra o outro, um pouco competitivo. Basquete — ele acrescenta.

— Entendi. Bem, é bom ver você, Chris — ela pestaneja, e ele parece nervoso.

— Digo o mesmo, Janie.

Janie entrega uma cerveja ao Sr. Wang. Ele olha ao redor da sala para ver o que precisa ser feito e, por fim, ao acaso, vai até o aparelho de som e começa a procurar alguma coisa entre os CDs.

— Vou assumir meu lugar de sempre, como DJ — diz ele.

A campainha toca e Stacey vai entrando, com um gritinho agudo de ‘Uuh-huuu!’. Janie levanta, mentalmente, sua sobrancelha.

— Hei, Stacey! — diz Janie, quando Stacey leva a panela elétrica até a cozinha.

— Janie! — Stacey já está cheirando a cerveja. — Você já está pronta para cair na gandaia?

O Sr. Wang põe Coldplay para tocar e aperta o *play*.

— Agora estou — diz Janie, segurando sua cerveja.

Imagina o quão doidona a festa precisará ficar para que Wang comece a tocar *hip-hop*.

Ela pega os copos de papel e os guardanapos para as bebidas e leva-os até a grande sala, onde Durbin está despejando um pouco de suco de amora dentro de uma tigela de ponche, que já tem um líquido claro dentro dela. Ele acrescenta uma garrafa do refrigerante *Ruby Red Squirt* à mistura, enquanto Janie arruma as coisas na mesa. Depois, ele vai até a pia para pegar um pouco de gelo e coloca-o dentro da tigela também.

Janie abre o pacote de guardanapos e arruma-os em forma de espiral.

— O que colocamos na outra mesa? — ela pergunta.

O Sr. Durbin mexe o ponche com a concha.

— Pensei em colocarmos alguns lanchinhos lá. Quer se encarregar disso?

Ele pega um copo e despeja um pouco do ponche dentro dele, experimentando-o, assentindo com a cabeça em sinal de aprovação.

— Certo. Vi algumas coisas no balcão. Vou pegar as tigelas para servir os lanches e colocar essas coisas aqui.

— Tenho um aventalzinho que você pode usar, se quiser — ele diz, em meio ao barulho da música, de forma que somente ela o ouve.

Janie levanta a sobancelha e dá uma olhada de relance para ele. Ele está com um grande sorriso na cara.

Stacey aproxima-se da mesa do ponche.

— É a mesma coisa que vocês fizeram na última festa, Dave? E se for, eu deveria provavelmente experimentá-lo, não acha? — ele olha para ela com ar de inocência.

— Claro! — diz ele, enchendo um copo para ela.

Janie vai até a cozinha e começa a distribuir os lanchinhos em tigelas de diversos tamanhos. Quando ela as leva até a mesa, Wang está virando um copo de ponche também.

— Quer um pouco, Janie? — Durbin oferece a ela um copo.

— Depois da minha cerveja — diz ela com um grande sorriso.

— O que tem nisso aí, afinal?

— Só um pouquinho de vodca. Não dá nem para sentir o gosto — diz ele.

— Mas dá para sentir o efeito — diz Stacey, soltando risadinhas.

Wang está começando a se soltar agora e, por volta das sete da noite, Sr. Durbin, Sr. Wang e Stacey estão conversando, bem alegres e confortáveis uns com os outros.

Janie tira proveito do momento para jogar um pouco da sua cerveja dentro da pia, antes que a campainha comece a tocar sem parar durante a próxima hora. Ela banca a anfitriã.

Todo mundo já chegou, e a festa está começando a entrar no ritmo. Janie trabalha na cozinha, arrumando os pratos conforme as pessoas vão levando-os até lá. Espalha os aperitivos na mesa de jantar e, em certo momento, usa a desculpa de procurar uma extensão para fazer sua missão de reconhecimento nos outros aposentos da casa.

Ela sai da cozinha, está no escritório/covil dele, quando o Sr. Durbin a encontra.

— O que você tá fazendo, coisa gostosa?

Ela se vira para ele e sorri, ocultando sua culpa por estar bisbilhotando.

— Estou procurando uma extensão, para mantermos os aperitivos quentes. Você tem alguma?

Ele está em pé, parado, bem perto dela.

— Lá embaixo — ele diz. — Venha, vou mostrar a você — ele completa. Sua voz soa sexy.

Ela lambe os lábios, olhando nos olhos dele.

— Mostre-me — ela diz, apontando para o caminho com sua cerveja. Sente um baque forte no coração só de pensar em ir lá embaixo com o Sr. Durbin.

A porta que dá para o porão fica na cozinha. Atravessando-a, há um porão grande com um bar completo, uma TV com uma tela enorme, e dois sofás gigantescos que parecem de pelúcia. Janie segue Durbin por uma porta até uma oficina com uma pequena mesa de trabalho. Sobre ela há um bico de Bunsen e diversos frascos e béqueres. Nas prateleiras acima destes, há uma diversidade de elementos químicos. Janie caminha até as prateleiras e dá uma olhada rápida nos elementos químicos que lá estão.

— Ah, legal! Quero uma mesa de laboratório na minha casa — diz, em tom de lamento.

Ele chega por trás de Janie e coloca a mão de leve em sua cintura. Ele passa o polegar, levemente, movimentando-o para a

frente e para trás em torno da cintura dela. Janie inclina-se levemente na direção dele, enquanto seus olhos fazem um exame minucioso do conteúdo das estantes. Ela sabe que os elementos químicos devem estar lá.

E então, ele está pegando o braço dela e puxando-a na direção dele.

— Tenho de me juntar ao pessoal — ele diz. Eles sobem as escadas, até o lugar onde a música está alta de novo. — Aqui está a extensão — fala, entregando-a para ela. — Venha, você precisa se divertir um pouco agora. Desligue o “modo trabalho” e divirta-se. É uma festa, pelo amor de Deus — ele dá um grande sorriso e belisca a bunda dela. — Toma um pouco desse ponche, Janie — diz ele, segurando seu copo vazio. — Juro que você vai se alegrar e se divertir.

Ele coloca seu copo sobre o balcão da cozinha, e, após Janie configurar a rede de plugues para que ninguém tropece nos fios, ela dá uma olhada nos arredores, pega o copo e vai direto até o banheiro.

Há uma fila. Ela não quer esperar.

Passa furtivamente pelo corredor, dá uma espiada em uma sala vazia e entra sorrateiramente nela, trancando a porta. Liga o abajur na cômoda e puxa um pacote de seu bolso. Abre o pacote, pega um círculo redondo de papel e dá uma viradinha no copo quase vazio, de forma que uma única gota caia na borda do papel, se espalhando por ele.

Ela esfrega-o e espera.

Trinta segundos e está seco.

E nada acontece.

Ela pega um segundo círculo de papel e tenta novamente.

Nada ainda.

— Humm — diz ela.

Amassa os papéis e enfia-os no bolso; colocando o pacote no outro bolso. Pega o copo e a cerveja e sai, voltando para a festa.

Janie joga o copo no lixo e dá uma espiada dentro dele, rapidinho. Duas garrafas vazias de 750 ml de vodca Absolut estão no fundo do saco de lixo. Ela fecha a lixeira e lava as mãos.

Consegue ouvir os alunos fazendo mais barulho agora, cantando e dançando.

21 h45

Janie está entediada. E morrendo de sede. Todos os refrigerantes estão em garrafas de dois litros abertas, deixadas à toa, e Janie não confia na água da torneira porque tem um filtro nela. Olha para a cerveja quente, pela metade, em suas mãos. Sabe que é provavelmente a única coisa segura na casa, pois não tirou as mãos dela desde que a abriu.

Muitos dos caras foram lá para baixo para jogar basquete, e algumas garotas os acompanharam. No entanto, a maior parte delas estava conversando alegremente e rindo na grande sala, com o Sr. Wang entretendo-as, com seus movimentos de dança. Quatro garotas estão sentadas no chão jogando pôquer no estilo *Texas hold'em*. Mal encostaram na comida. Todos estão com uma cerveja ou um copo de alguma outra coisa nas mãos. Janie espeta um palito de dentes em uma almôndega e a mastiga delicadamente. Está deliciosa, mas isso só a deixa com mais sede.

E então o Sr. Durbin surge da cozinha com uma tigela fresquinha de ponche. Ele faz um anúncio geral, e metade das garotas se reúne em volta dele, erguendo seus copos. Ele pega conchas do ponche e despeja-as generosamente nos copos, além de encher o dele mesmo e o do Sr. Wang. O Sr. Wang, suando devido à dança, vira seu copo de ponche e levanta uma sobancelha, olhando para Janie, que está sentada no sofá de conversa fiada com Desiree Jackson. Desiree está bem bêbada, mas não efusiva, e Janie realmente aprendeu a gostar dela. Ela é esperta e divertida.

O Sr. Wang enche um segundo copo de ponche e leva-o até Janie.

— Para você — ele diz. Seus olhos pretos estão brilhantes. Ele senta ao lado de Janie e reclina-se, fechando os olhos.

— Dia longo, Chris? — diz Janie, quando Desiree dá uma saidinha para encher seu copo de novo.

Ele abre um dos olhos, com preguiça.

— Longo e duro — diz ele, com malícia.

Janie acena com a cabeça.

— Obrigada por compartilhar a informação.

Ela segura o copo em sua mão. Ouve a música. É do Black Eyed Peas.

— Tem alguma coisa de Mos Def? — pergunta Janie.

— Mos definitivamente — diz o Sr. Wang, rindo de sua própria piada estúpida. Ele move-se abruptamente na direção dela. — Nossa! — ele sussurra, quando se pega com a mão na coxa dela.

— Vou colocar esse som mais tarde. Hei, sabe, já está altinha, princesa? — diz ele, mexendo a cabeça com ar inquisitivo. — Tipos como você acabam chapadíssimas em festas como esta. Sabe, bebida grátis — ele se inclina na direção dela e cheira seu pescoço. — Seu cheiro é maravilhoso — ele diz, descansando sua cabeça suada no ombro dela.

Tipos como eu? Janie está ardendo de raiva. Não consegue evitar. Quer dar um chute na bunda do Sr. Wang.

— Jesus Cristo — ela murmura. — Quer saber como é o lixo que mora em um trailer, Chris?

— Não todo lixo dos trailers. Só você — ele gagueja enquanto pronuncia essas palavras.

— Espere bem aqui por mim, então — diz ela, tirando a cabeça do Sr. Wang de seu ombro e tentando não demonstrar seu desgosto. — Já volto.

— Ah, sim! — diz ele, sorrindo de felicidade.

Janie vai passando pelas pessoas até chegar ao banheiro, com seu ponche intocado, e fica em pé, parada, na fila. No momento em que ela chega lá, ouve passos pesados de dezenas de pés subindo as escadas. O Sr. Durbin está explicando em voz alta que alguém tem de ser o primeiro a começar a comer, porque as garotas não estão fazendo isso. Ela se tranca dentro do banheiro e faz o teste com a bebida de novo.

Espalha a gota do ponche no papel.

Espera trinta segundos.

Observa a mudança para um azul brilhante.

Seu estômago vira do avesso.

Flunitrazepam.

Ela despeja o ponche na privada e dá descarga.

Faz uma busca nas gavetas e nos armários, para ver se há frascos de líquido, pó ou comprimidos. Não acha nada. Janie poderia chamar os tiras agora, ela sabe disso. Mas não tem provas de que foi o Sr. Durbin quem fez isso. E se um dos outros alunos trouxe a droga? Se Janie conseguir encontrá-las, vai ajudar ainda mais no processo contra o canalha. Ela se lembra do último caso — quão frustrados Cabel e a Capitã ficaram quando Baker e Cobb fizeram a apreensão na cena das drogas antes que Cabel pudesse descobrir onde estava a cocaína. Janie quer provas. Quer fazer isso do modo certo. *Ainda é cedo*, pensa, enquanto remexe nas coisas do Sr. Durbin. *Posso encontrá-las*.

Atravessa o corredor e faz uma busca no quarto. Entra sorrateiramente no outro quarto e faz uma busca nele também. Nada, nada. *Voltar lá para baixo*, ela pensa.

Está quente, e Janie está realmente com sede agora. Toma um gole da cerveja que tem na mão. Está sem sabor e quente, mas vai servir. A Capitã não vai culpá-la por tentar ficar hidratada, vai? Afinal, Janie está apenas sendo esperta. Ela sabe, por experiência própria, que pode facilmente tomar duas cervejas numa boa.

Janie passa calmamente por alguns caras que estão parados, em pé, na cozinha, e dirige-se ao porão. A TV e as luzes estão todas ligadas. Mas todo mundo está lá em cima agora. Ela espera que continuem por lá. Entra na sala escura com a mesa de laboratório, furtivamente, e dá uma espiada nos rótulos, mexendo nos grandes itens para buscar recipientes menores. Ela não vê o que está procurando. Frustrada, vira-se e volta lá para cima. Joga o resto de sua cerveja choca fora. Pega uma nova da geladeira e um prato de papel da mesa de comida.

Enche o prato de comida, tomando um longo e sedento gole de sua cerveja, alternando-o com as almôndegas e os vegetais da bandeja. *Tem de estar aqui em algum lugar*, ela pensa. *Talvez no*

quarto do Durbin? Mas a porta está fechada e fica logo ali perto da grande sala. Eu seria vista. E se ele estiver lá dentro?

Janie enfia metade de uma almôndega na boca e mastiga-a. Deliciosa. Ela come uma cenoura e segue em direção à grande sala. Acha um lugar em meio à multidão para ficar parada, em pé, e comer. Pensando, pensando muito.

As pessoas estão descontroladas.

Ela mastiga fazendo muito barulho, com os olhos parecendo duas fendas, procurando pelos senhores Durbin e Wang. O barulho estrondoso das vozes está ficando mais forte a cada minuto que passa. A música vai ficando mais alta em um ritmo constante.

Ela concentra-se em seu relógio. Faz foco com os olhos: 23h08.

23h09

Ela se espreme entre dois caras com seu prato de comida e sua cerveja, e descobre o que estão observando, muito fascinados.

Janie está com o olhar fixo na cena. Está sentindo os efeitos da cerveja, mesmo tendo tomado apenas um gole da primeira e metade da segunda. Ainda assim, está morrendo de sede e não se atreve a beber nenhuma outra coisa. Vira o resto dessa cerveja e depois come rapidamente, sabendo que ainda tem trabalho a fazer. Sabendo que as coisas estão ficando um pouco malucas.

Ela olha de relance para a tigela de ponche. Quase vazia. Os alunos estão espalhados pela sala, sentados uns nos colos dos outros, dando amassos. Uns poucos estão sentados sozinhos, com olhares vazios e estúpidos nos rostos. E, no meio da sala, onde estão cravados os olhos de todo mundo, Wang e Stacey O'Grady estão dançando de um jeito meio pornográfico. Muito pornográfico. O Sr. Wang está sem a camisa, e os músculos dele estão salientes e brilham com o suor. Janie fica olhando meio a esmo para o corpo dele e surpreende-se ao achá-lo, repentina e estranhamente, atraente.

Stacey está totalmente chapada. Mal consegue ficar em pé. Janie se lembra de ficar de olho nela. As pessoas estão bebendo os

restos do ponche e lambendo os beijos, como se aquilo fosse um oásis no deserto. O Sr. Durbin vem da cozinha com mais.

Os olhos de Janie vagam preguiçosamente pelos arredores, enquanto ela come. Está se sentindo cansada agora. Bêbada. Os caras estão ocupados com outra coisa lá atrás, lá embaixo, tropeçando e se empurrando uns aos outros para chegarem até a TV. A cabeça de Janie está zonzá agora e ela, surpresa, pois bebeu apenas uma cerveja, na verdade. Ela deveria comer mais, diz a si mesma, para pôr um fim nessa sensação de bebedeira.

De volta à cozinha, enche seu prato com comida pela segunda vez, com a cabeça começando a girar. Apoia-se no balcão, na esperança de que essa sensação passe.

E então ela para.

Um pensamento distante — um cutucão. Algo que ela estava a ponto de fazer. Imagina o que seja.

Dá uma olhada em cima da geladeira.

Uma lata de tinta em spray.

Uma garrafa de lixívia Red Devil.

Isso... quer dizer alguma coisa, ela pensa, forçando seus olhos a se fecharem, tentando concentrar-se. Mas seu cérebro não está funcionando direito. *É... é isso*. Ela sabe que precisa se lembrar disso, mas agora não consegue imaginar o porquê.

Janie está bem zonzá e não sabe ao certo se gosta ou não da sensação. Senta-se no chão e cai matando na comida, tentando fazer com que a sensação de tontura passe, terminando de comer o que tem no prato, sentindo-se sonolenta. *Tenho de ligar...* O pensamento passa por um instante em sua cabeça, mas, com a mesma rapidez, some de novo. Alguém tropeça em sua perna, e Janie arrasta seu corpo, erguendo-se do chão, e fica em pé, parada, tentando lembrar-se por que se levantou, afinal. Balança a cabeça, tentando deixar sua mente focada, e fica tonta, esbarrando em outra pessoa que parece vagamente familiar. Ela ri de si mesma e lembra-se do que tem de fazer. Pega seu prato e joga-o na lata de lixo. Dois pontos!

Sua pele está formigando, enquanto ela fica andando pelos arredores, sem rumo, dando uma olhada nos alunos que estão nos

sofás, em vários estágios de prelúdio sexual. Janie observa-os com curiosidade. E então ela pensa que talvez esteja no sonho de alguém. Anda cambaleando pela grande sala, sabendo que se realmente está em um sonho ninguém pode vê-la. Stacey e o Sr. Wang não estão mais lá. Que pena, porque Janie queria vê-los dançar um pouco mais.

Meia-noite e pouco. Os olhos de Janie ficam cravados demoradamente no relógio, não entendendo muito bem a posição dos ponteiros.

Há uma súbita comoção na sala, e Janie dá uma acordada, tentando se lembrar de onde está e por que está ali. Levanta-se do chão, imaginando como foi parar no chão, para início de conversa. O Sr. Durbin está parado, em pé, perto da porta, entregando uma bebida ao treinador Crater. Crater vira a bebida, e Janie fica impressionada. *Ele é bonitinho também*, ela pensa. E ela está morrendo de sede. Vai vagando até a cozinha, olha no congelador e vê sua sobremesa.

— Hei — diz ela, com a língua parecendo estranhamente grossa. — Eu deveria retirar isso daqui e arrumar para comer.

Estica a mão para pegar, erra na primeira tentativa, mas consegue na próxima, depois de muita concentração. Alguém está com a mão na sua bunda.

Ela fica em pé e arruma a sobremesa no balcão para não deixar cair.

— Eita! — diz ela, rindo.

— Hummm — diz o Sr. Durbin. — Toma, trouxe algo para você beber. Parece que está com sede.

As palavras dele saem de uma forma meio ininteligível também, pensa Janie. Deve ser o sonho dele. Janie se lembra de que ela deveria estar feliz por estar no sonho do Durbin, mas não consegue se lembrar do motivo.

Ela sorri em gratidão.

— Muitíssimo obrigada — diz, emocionada, segurando a bebida, sentindo como se houvesse algo que ela deveria saber a respeito daquilo, mas sua sede vence. — Está tudo um pouquinho torto aqui? — ela pergunta, rindo como se fosse a coisa mais

engraçada em que pensou o dia todo, e então leva o copo aos lábios. O ponche escorre por sua garganta abaixo, refrescando-a. — Achei que o ponche tinha acabado. Humm, ah, meu Deus! É tão *gostoso!* — ela diz.

E então o Sr. Durbin está empurrando-a para trás, na direção do balcão, e beijando-a. Ela está sentindo a língua quente dele na sua. Ela começa a retribuir o beijo, porque aquilo parece a coisa certa a ser feita. A zonzeira em seu cérebro aumenta.

— Tenho de ir — diz ela, de repente, empurrando-o para cair fora dali.

— Não, você não tem de ir não.

— Quero dizer, ao banheiro — diz ela, com ar de seriedade.

— Há um em meu quarto — diz ele, com olhos famintos.

— Ah, legal. Você ainda tem lá aquela revista pornô? — Janie hesita tarde demais, imaginando se deveria dizer aquilo, mas não consegue lembrar porque não deveria.

— Várias delas — diz ele. — Não que precise delas com você aqui.

— Hum.

Ela segue-o, passando pela multidão embriagada e seminua. Ele para e pega outro copo de ponche, e dá um a ela também. A caminho do quarto do Sr. Durbin, Janie acena para o treinador Crater.

— Hei — diz, voltando-se de novo para o Sr. Durbin. — A Stacey não estava aqui? Antes?

— Ela ainda está aqui, Janie — as palavras dele saem deliberadas, como se ele estivesse se concentrando. — Ela está trepando com o Chris no outro quarto para que possamos trepar aqui — as palavras dele soam como se estivessem em câmera lenta, e agora Janie tem certeza de que está no sonho dele.

Ele mostra a ela onde fica o banheiro, e ela decide que talvez devesse fechar a porta, mesmo não tendo vontade de fazê-lo. Mas isso é estranho porque, se fosse o sonho do Sr. Durbin, como ela estaria em um aposento no qual não pode vê-lo?

Senta-se na privada com a cabeça pesada. Algo está errado, mas ela não sabe o que é. Fica lá sentada por um bom tempo, em

um estado semionírico. Quase cai no sono, sentindo-se tão quente e bêbada. E, em sua mente, ela está rodopiando lembranças que vêm e vão, em seu cérebro.

Ela ouve o som de alguém batendo na porta, bem ao longe.

— Vai para casa, Carrie — ela fala, baixinho.

Parece que não consegue abrir os olhos.

Inclina-se para a direita, e há uma fria e confortável parede, onde ela pode descansar sua bochecha.

Há outra batida na porta. Mas ela se transforma em um som de motor de carro, e Stacey está dirigindo. Vai haver um homem surgindo em segundos no banco traseiro, lembra-se Janie, e então lá está ele pegando Stacey e envolvendo o pescoço dela com as mãos. *As mãos dele são sexy*, ela pensa.

— Vamos, Janie, sem timidez! — ela ouve bem ao longe, despertando.

— O quê? — diz ela.

— Saia daqui, querida. Estamos todos esperando por você.

Deve ser Cabel. Ele dorme muito. E então ela se lembra de que está sentada na privada e ri em silêncio para si mesma, terminando o que estava fazendo.

Bebe um bom gole de água da torneira do banheiro. Está tão sedenta! Ela quer leite. Leite sempre faz com que se sinta mais forte. Vira-se para sair, mas não tem mais porta. É só uma parede agora.

Ela coça a cabeça.

Olha em volta.

Ri.

É na outra parede.

Cambaleando, Janie dá de cara com a porta e tenta empurrá-la, por fim, tenta puxá-la. A porta se abre e o Sr. Durbin está na cama. Há três garotas da classe com ele, e ele está despindo-as, enquanto elas ficam lá deitadas.

Janie acha isso fascinante.

Mas agora ela se lembra de que quer leite, então caminha com cuidado até a saída do quarto, tentando não esbarrar nem bater em nada.

O Sr. Wang está parado perto da porta deslizante, só de cueca, deixando entrar na casa o ar fresco lá de fora.

— Que sensação ótima — diz Janie.

Ela respira esse ar.

Tem cheiro de fumaça de cigarro.

Ela fica lá, parada, com tudo girando. Lá vem de novo. Aquela sensação engraçada.

O treinador Crater vem do corredor na direção deles, enquanto Janie tenta se lembrar do motivo pelo qual foi até a cozinha.

— Hei, aí está você, Buffy — diz o treinador.

É surpreendente que ele esteja vestindo jeans e uma camisa, embora ela esteja aberta e dê para ver os pelos do tórax dele.

Janie olha ao redor. Volta para dar uma olhada na grande sala. Todo mundo está praticamente pelado. *Que bizarro!*, ela pensa, e volta para sentir o ar frio de novo.

E então, o treinador Crater agarra-a pelos ombros e vira-a em sua direção. Ele dá um beijo molhado na boca de Janie. E segue em frente.

Ele tropeça enquanto caminha para pegar mais ponche.

Ela se lembra de que acha que não gosta dele. Mas talvez isso não seja realmente verdade.

É tão difícil decidir o que é verdade.

Ela sente mais cheiro de fumaça de cigarro e uma necessidade urgente de ir lá fora pegar seu maço. Então, dirige-se até a porta.

Fora do deque, está escuro. O Sr. Wang segue-a até lá, vestindo sua cueca da Calvin Klein. Janie inspira o ar frio. Ela se segura com firmeza no corrimão, quando o Sr. Wang começa a tocar nela.

— Senti cheiro de fumaça — ela explica, mas ela não vê mais fumaça alguma.

E então o treinador Crater sai também. O Sr. Wang está beijando o pescoço dela, e o Crater está dizendo como ela é gostosa e tocando-a, dizendo algo sobre levantamento de supino.

Finalmente, ela se lembra porque o odeia.

E se lembra de ter sentido cheiro de fumaça, mas ninguém está fumando.

Então, em sua mente, enquanto os dois homens a beijam e tocam nela, surge a senhorita Stubin.

Dizendo-lhe algo.

Janie faz um tremendo esforço para ouvir. Lembra-se de gostar da velha senhora por algum motivo.

— *Cigarro* — a senhorita Stubin diz na mente de Janie.

— Preciso de um cigarro — sussurra Janie.

— *Use seu isqueiro* — diz a senhorita Stubin. — *Em seu bolso.*

— Preciso de um cigarro — diz Janie mais alto. — Agora.

O treinador Crater vai lá dentro e volta com uma ponta de maconha.

— Que tal isso, Buffy?

— Serve.

Janie pega a ponta, encolhendo os ombros em sinal de indiferença, e procura algo dentro de seu bolso. Ela nem sabia que tinha um isqueiro. Talvez a velha dama tenha colocado o isqueiro lá.

E então ela se dá conta das palavras que o treinador Crater acabou de dizer.

Janie.

Não gosta.

De ser chamada.

De.

Buffy.

Janie cambaleia na direção do corrimão do deque, tropeçando, agarra o braço do treinador, afastando-o de seu peito, torce o cotovelo dele de modo que ele gira rapidamente e fica com a cara virada para o outro lado. Janie dá um belo chute nele, nos rins.

— Não me chame de Buffy — diz ela, delicadamente. — Nunca mais.

Ele cai no deque molhado fazendo um barulhão, com um pé para cada lado, gemendo.

Janie puxa o isqueiro de seu bolso, enquanto o Sr. Wang fica encarando-a. Examina o isqueiro, coloca a ponta na boca e abre o *flip*.

Tenta fazer o isqueiro funcionar.

Nada de fogo.

Tenta de novo.

O Sr. Wang está confuso, olhando para o treinador Crater, que está grunhindo e mal consegue se mover no deque.

— Me arruma uma porra de um isqueiro que funcione, ou vou acabar com você também — diz ela ao Sr. Wang.

Ela praticamente cai no deque, exausta. Quando sua coxa começa a vibrar, ela acaba percebendo que é uma daquelas coisas estranhas que estão acontecendo durante a noite toda.

Ela olha para o treinador Crater. Está espalhado, cada perna para um lado. As mãos dele estão indo. Indo na direção da perna dela. Ela observa como se não estivesse acontecendo com ela. Concentra-se nos dedos dele, pensando como aqueles dedos são estranhos. Como se fossem animaizinhos.

Ele está usando um estranho anel quadrado. Ela meio que quer o anel. Parece legal, como se ele se encaixasse em algo.

Wang volta com um isqueiro assim que a coxa de Janie começa a vibrar novamente. Talvez sua perna inteira tenha de ser amputada, ela pensa, triste. Isso seria realmente uma merda.

Ela acende a ponta do cigarro de maconha e inala a fumaça. Segura. Deixa-a sair vagarosamente. Wang cai no deque ao lado dela e começa a beijar entre seus seios.

Ela não gosta disso, é o que Janie decide. Ele está atrapalhando-a. Ela está tentando fumar uma ponta ali!

Ela faz um sinal de paz com os dedos, tentando ficar de boa com eles. Então, quando o Sr. Wang agarra seu mamilo com a boca, ela desfere um golpe nos olhos dele.

Ela aprendeu aquilo em algum lugar.

Não sabe onde.

O Sr. Wang balança o punho como um louco, gritando de dor. Ele a pega pela mandíbula, a cabeça dela voa para trás e bate no corrimão do deque, ela apaga. A ponta queima até o fim entre os dedos dela.

NÃO ESTÁ TUDO BEM

5 de março de 2006, 6h13

Janie está sonhando. Sonha que está sonhando o sonho de Stacey, repetidas vezes, e sonha que não consegue sair dele. Tenta. Com muita força. Mas fica presa no momento em que o estuprador está no banco traseiro.

Repetidamente, o sonho é pausado em uma espécie de close nas mãos do estuprador. E então ela vê.

Ela acorda, ofegante, e senta-se como uma louca, mesmo estando amortecida.

— Ah, meu Deus! — ela resmunga, sem voz.

Não consegue ver, mas alguém está falando, esfregando as mãos dela, seus braços. Acalmando-a com sua voz. Ela está respirando com dificuldade, inspirando e expirando, e chora lágrimas quentes. Tudo que deseja é abrir os olhos. Mas tem a sensação de que estão abertos.

— Preciso dos meus óculos — ela grita em uma voz partida. — Não consigo enxergar.

— Janie, sou eu, Cabel. Estou bem aqui. Estou com seus óculos e você conseguirá enxergar em alguns minutinhos. Você está a salvo.

A voz dele fica partida, ele para de falar por um instante.

— É só se sentar de novo e descansar. Espere. Você verá sombras em um minuto e depois tudo vai voltar, está bem?

Janie cai para trás.

Ela encolhe os ombros, mas não consegue se lembrar do porquê.

Ela tenta respirar, inspirar e expirar.

— Que horas são? — ela sussurra.

— Seis e quinze.

Ela hesita.

— Da manhã?

— Sim, da manhã.

Ela respira novamente.

— De que dia?

Segue-se um breve momento de silêncio.

— É domingo de manhã, querida. 5 de março.

— Stacey O'Grady está nesta sala?

— Não, baby. Ela está no fim do corredor.

— A porta está fechada?

— Sim.

Janie não entende, mas sua cabeça ainda está zunindo, assim como seus olhos veem tudo meio borrado. E, então, bem devagar, pedacinhos das coisas vão lhe voltando à memória.

E ela sabe que há duas coisas importantes de que deveria se lembrar, até mesmo quando tudo estava fora de controle. Ela fala lentamente.

— Cabel?

— Sim?

— GHB. O Sr. Durbin preparou ele mesmo com tinta em spray e lixívia. Acredito que foi assim. Procurei por isso antes. Não o vi fazendo. Mas ele tem as coisas. E, obviamente, a capacidade.

Ela respira, exausta.

— Apenas doze horas antes que seja expirado do corpo. Testes de urina. Todo mundo. Merda, todo mundo!

Ela não o vê piscar.

— Bom trabalho — ele murmura, e está ao celular, balbuciando.

Ela está tentando, com dificuldades, concentrar-se. Há alguma outra coisa. O que é? Ela não consegue se lembrar.

Ele para de falar ao telefone e está esfregando o braço dela.

E então ela se lembra.

— Almôndegas — diz ela. — A droga estava no ponche, mas juro por Deus que não bebi o ponche. Não que eu me lembre. Fiz o teste com ele. Os testes estão no bolso da minha calça jeans. Do lado direito — ela faz uma pausa. Soluça um pouco. — Ele deve ter colocado o GHB no molho das almôndegas, quando eu estava no banheiro fazendo o teste com o ponche. Meu Deus, sou tão estúpida!

Ela cai no sono e dorme por duas horas direto.

Janie acorda e pestaneja. A luz acima dela no quarto está cegante.

— Onde diabos eu estou? — pergunta.

— Fieldridge General — Cabe diz.

Ela senta lentamente. Sua cabeça dói. Põe as mãos no rosto.

— Que merda! — diz ela.

— Janie, você consegue enxergar?

— Claro que consigo ver, seu idiota.

Ele fica estupefato, olha para a mulher ao lado dele, que dá risadinhas, e fecha os olhos por poucos segundos.

— Está a fim de conversar? — ele pergunta, com cuidado.

Ela pisca mais algumas vezes. Senta direito.

— Onde diabos eu estou? — pergunta ela de novo.

Cabel coloca as mãos na testa. A Capitã dá um passo até a cama de metal.

— Janie, você sabe quem eu sou?

Janie dá uma espiada nela.

— Sim, senhor.

— Bom. E quem é ele?

— Cabel Strumheller, senhor. A senhora se lembra dele, não?

A Capitã pensa em sorrir, mas não o faz.

— Sim, lembro, agora que você mencionou o fato — ela para de falar por um instante. — Do que você se lembra?

Janie fecha os olhos. Sua cabeça dói. Ela pensa por um bom tempo.

Eles esperam.

Por fim, ela fala:

— Fui até a festa na casa do Durbin.

— Sim — diz a Capitã.

Cabel sai de sua cadeira e começa a andar de um lado para o outro.

— Lembro-me de ter arrumado as comidas — ela se esforça para dizer, mesmo zonzinha.

— Tudo bem, Janie. Leve o tempo que precisar. Temos o dia todo.

Janie faz uma pausa novamente.

— Ah, meu Deus! — ela diz. Sua voz estremece e ela emudece momentaneamente.

— Tudo bem, Janie. Você foi drogada.

Uma lágrima escorre pela bochecha de Janie.

— Não era para isso acontecer — ela sussurra.

A Capitã pega na mão dela.

— Você fez tudo certo. Não se preocupe. Apenas relaxe.

Janie soluça baixinho por um momento.

— Cabe vai ficar puto — ela sussurra para a Capitã.

— Não, Janie. Ele está bem. Certo, Cabe?

Cabel olha para a Capitã e para Janie. O rosto dele está pálido.

— Estou bem, Janie — ele consegue resmungar.

A Capitã capta o olhar de Janie.

— Você sabe, Hannagan, maldição! Qualquer coisa que tenha acontecido como resultado de você ter sido drogada contra a sua vontade não é sua culpa. Certo? Você se conhece. E sabe disso. E quem quer que tenha feito algo vai para cadeia, tá? Não é culpa sua. Não vem amolecer para cima de mim, Janie — ela acrescenta.

— Você é uma mulher forte. O mundo precisa de mais mulheres como você.

Janie engole o nó que havia se formado em sua garganta e desvia não só o olhar, mas a cabeça também. Ela quer se enterrar debaixo das cobertas e desaparecer.

— Sim, senhor.

— Ajudaria a se lembrar de alguma coisa se eu mencionasse alguns dos nomes? — pergunta a Capitã.

— Pode ser — diz Janie. — Não me lembro de muita coisa. Apenas partes de algumas coisas.

— Certo. Vamos começar com o Durbin. O que aconteceu com ele.

Janie suspira. Então, ela arregala os olhos.

— GHB — diz e senta-se, ereta — GHB.

Cabel olha apavorado para a Capitã.

— Sossega — ela diz a ele, baixinho. — Ela não se lembra de ter falado antes. É normal.

A Capitã se volta de novo para Janie.

— Que tem o GHB, Janie?

Janie pensa.

— Fiz o teste no primeiro ponche — lembrando-se. — Achava, com certeza, que teria flunitrazepam nele. Mas estava limpo. Só vodka. Foi isso que deu o teste.

— Bom trabalho. Você é profissional.

— E então as pessoas começaram a ficar esquisitas. Durbin trouxe uma outra tigela de ponche — lembra-se Janie.

A Capitã fica sentada em silêncio, deixando-a pensar.

— Ele fez todos os caras subirem, os que estavam no porão vendo TV. Ele disse que deveriam começar a comer, porque as garotas não estavam comendo.

A Capitã olha com uma expressão de raiva, mas segura seu desgosto.

— E então... — ela pensa. — Wang me deu um pouco do ponche e veio com merda para cima de mim sobre o fato de eu ser um lixo que mora num trailer. Que filho da puta! — ela diz, com os olhos ardendo.

Ela chora por um minuto e depois se recompõe.

— Ele estava zoadado já — ela continua. — Achei que algo estava acontecendo. Então, peguei o ponche que ele me deu e fiz o teste nele; não bebi nadinha. O papel ficou azul, eu joguei o ponche na privada e dei descarga — Janie fecha os olhos de novo. — Fui lá embaixo — diz ela, lentamente. — Olhei os elementos químicos na mesa do laboratório dele e não encontrei os que procurava: GLB e NaOH. Os dois elementos químicos que combinados dão origem ao GHB, uma arma em forma de droga que facilita o abuso sexual. Estudei sobre isso, como a senhora me disse para fazer.

A Capitã assente com a cabeça.

— Mas, quando voltei para cima, lembrei-me de ter visto algumas garrafas sobre a geladeira. Tinta spray e lixívia. Os

mesmos elementos químicos que dão origem ao GHB. Naquele momento, eu estava paranoica e preocupada. Todos os refrigerantes estavam em garrafas abertas de 2 litros, e eu nem queria pegar um copo de água porque a torneira tinha um daqueles filtros. Achei que talvez ele colocasse a droga ali. Então, peguei uma cerveja... Sinto muito, Capitã... e bebi meio rápido, mas eu tinha comido também. E, honestamente, uma cerveja não é nada para mim. Não sei o que aconteceu — diz, chorando de novo e cobrindo o rosto. — Estraguei tudo, não?

A Capitã fecha os olhos.

— Não, Janie. Você foi muito bem. Deveríamos ter feito você levar algumas garrafinhas de água, ou algo assim.

Cabel para de andar de um lado para o outro e descansa a testa na janela. Bate-a de leve contra o vidro algumas vezes. Murmura algo ininteligível.

A Capitã continua, com cautela.

— Você nos disse, algumas horas atrás, algo sobre as almôndegas. Lembra-se disso?

Janie fica em silêncio. Confusa.

— Não me lembro de almôndegas.

A Capitã faz um movimento com a cabeça para Cabel. Ele olha inquisitivamente para ela, então, assente também com a cabeça. Disca um número no telefone. Conversa com alguém. Por fim, desliga.

— GHB confirmado nas almôndegas e no molho dos vegetais — ele diz. — Jesus Cristo! — ele tira seu casaco de rúgbi, ficando apenas de camiseta. Começa a andar de um lado para o outro. — Não sabia que podia ser colocado na comida.

— Aparentemente, Durbin queria cobrir suas bases — diz a Capitã, olhando para Cabel cautelosamente.

Ela se vira de novo para Janie.

— Há algo mais de que você se lembre? Não se preocupe se não conseguir. Acredito que seja por causa disso.

Janie permanece quieta por um bom tempo. Por fim, ela diz:

— É estranho, mas eu sei que o treinador Crater estuprou a Stacey. Não desta vez. No semestre passado.

O silêncio preenche a sala.

— Como você sabe, Janie? — pergunta a Capitã.

Janie hesita.

— Não posso provar isso.

— Tudo bem. Fale-me sobre seu palpite. Lembra? Não conseguimos resolver crimes sem pistas.

Janie concorda com a cabeça. Conta a ela sobre o sonho com o carro que Stacey vem tendo desde o último outono. E então ela conta sobre pausar o sonho e não conseguir ver o rosto.

— Mas vi a mão dele — diz ela. — No sonho, ele está usando um anel de fraternidade, quadrado. Lembro-me de ter visto o mesmo anel na mão direita de Crater na noite passada.

Silêncio.

E mais silêncio. Cabel dá um outro telefonema.

A Capitã aventura-se a fazer outra pergunta, quase com um sorriso no rosto.

— Você se lembra de quando ativou o botão de pânico?

Janie olha para ela. Balança a cabeça em sinal de negativa.

— Então, você não se lembra de ter batido e detonado o Crater e o Wang?

Janie olha para ela fixamente.

— O quê?

A Capitã sorri.

— Você foi incrível, Janie. Espero que um dia se lembre disso. Porque deveria se orgulhar de si mesma, assim como estou orgulhosa de você.

Janie fecha os olhos.

Por fim, ela diz:

— Cabe, você pode sair por um minuto?

Ele olha rapidamente para ela e depois vai embora dali.

— Capitã — diz Janie alguma coisa aconteceu? Sabe... Comigo?

A Capitã segura a mão dela.

— Nada abaixo da cintura, garota. Quando Baker e Cobb encontraram você, seu suéter estava saindo pelo ombro. Só isso. Os médicos fizeram um exame. Você os interrompeu, Janie.

Janie suspira aliviada.
— Obrigada, senhor.

18h23

Cabel leva Janie de carro até a casa dele.

— Vinte e um testes positivos para GHB, Janie — a voz de Cabel soa dura. — Todo mundo na festa estava drogado. O próprio Durbin se drogou. Dizem por aí que a droga é conhecida por aumentar o vigor... — ele para de falar por um momento. — Aiiiiii... — ambos encolhem os ombros. — Quando Baker e Cobb chegaram com a equipe de reforço, Durbin estava na cama com três alunas.

Janie fica quieta.

— Ele vai ficar na cadeia por um bom tempo, Janie.

— E o Wang?

— Ele também. Infelizmente, ele estuprou a Stacey antes de Baker e Cobb chegarem lá. Encontraram nela o DNA dele. Ela pediu para tomar a pílula do dia seguinte. Ela não se lembra de nada do que aconteceu na noite passada.

As mãos de Cabel agarram o volante. As juntas dos dedos dele estão brancas.

Janie está quieta.

— Merda! — ela diz.

Ela deveria ter feito algo.

Feito algo por Stacey.

A dor de cabeça de Janie diminui à noite. Ela come tudo o que Cabel lhe dá, e então declara que está bem.

— Pode parar de bancar minha babá — diz ela, com um sorriso cauteloso.

Ela sabe que Cabel não dormiu.

Cabel olha para ela com exaustão e sinais de que está perdido. Concorde com a cabeça.

— Acabei — ele diz. — Com licença.

Ele sai da sala, e Janie pode ouvi-lo no quarto dele. Gritando para o travesseiro.

Janie encolhe-se de pavor.

Percebe agora que estava confusa, sem entender muita coisa. E talvez Cabel também se sentisse assim.

Depois de um momento, ele fica quieto. Janie aventura-se a dar uma espiada no quarto de Cabel, ele dorme com a barriga para baixo, totalmente vestido, os óculos jogados no criado-mudo, o braço e a perna pendurados na beirada da cama, lágrimas ainda nos cílios, as bochechas rosadas de tanto chorar. Não está sonhando.

Janie ajoelha-se ao seu lado na cama, ajeita o cabelo dele, que estava sobre a bochecha, e observa-o por muito, muito tempo.

9 de março de 2006, 15h40

A comoção na Fieldridge High School diminuiu um pouco. Os três professores substitutos de Janie são menos animadores. Está tudo bem, pois Janie está tendo problemas para se concentrar de qualquer forma. Não por causa da festa do Sr. Durbin, mas pelo que aconteceu depois, com Cabel.

Depois da aula, Janie está em casa, deitada no sofá, com o olhar cravado no teto, quando Carrie enfia a cabeça pela porta da casa de Janie e entra. Hoje é o aniversário de Carrie.

Janie senta e força um sorriso.

— Hei. Feliz, feliz! Fez algo divertido em seu aniversário? — ela entrega a Carrie uma pequena embalagem de presente que está na mesinha de centro há dias.

— O de sempre. Nada muito chique. Stu acha que eu deveria me inscrever para votar. Espero que ele esteja brincando.

Janie tenta rir, embora se sinta amortecida.

— Você deveria fazer isso. É seu direito como americana.

— Você fez isso?

— Sim.

— *Ah, meu Deus!* — exclama Carrie, dando um tapa em sua boca com a mão. — Esqueci o seu aniversário?

Janie encolhe os olhos.

— E alguma vez você lembrou?

— Hei! Isso não é justo — diz Carrie, sorrindo envergonhada.

Mas Janie sabe que é verdade. E Carrie também.

Não que isso importe.

É como as coisas são entre elas.

Carrie fica pasma com o CD que Janie lhe comprou. E elas ficam ali de boa. Mas Janie sabe que as coisas estão mudando rapidamente.

Carrie não tem ficado perto dela por muito tempo.

Janie não tem planos para esta noite.

Nem para o resto de sua vida, ao que parece.

Ela liga para Cabel.

— Sinto sua falta — diz para a caixa postal dele. — Só... queria te dizer isso. Hum, pois é. Desculpa. Tchau.

Mas Cabel não retorna a ligação.

Ela sabia que ele não ligaria de volta.

— Preciso de um tempo.

Foi o que ele disse naquela segunda-feira, depois de saírem do hospital, quando tentou encostar nela e não conseguiu.

NADA A PERDER

24 de março de 2006, 15h

Janie está atordoada agora. Já se passaram quase três semanas. Ela assiste às suas aulas como um zumbi. Vai para casa depois da escola. Todo dia, sozinha.

Sozinha.

É muito difícil. Há muito mais para sentir falta agora. Estar sozinha antes de Cabel era muito mais fácil do que estar sozinha depois de Cabel.

Ele também não se senta mais perto dela na sala de estudos. Não liga. Não vai vê-la quando é sugada para dentro dos sonhos.

Parece que ele nem mesmo consegue olhar para ela agora. E, quando isso acontece por acaso — no corredor, no estacionamento —, o rosto dele fica aflito, e ele se apressa para ir embora, sem falar nenhuma palavra.

Para longe dela.

Até mesmo na reunião de acompanhamento do caso com a Capitã ela estava sozinha. Cabel encontrou-se com a Capitã sem ela.

Janie dirige até sua casa, com as janelas abertas neste fresquinho dia de primavera, sem nada a perder.

15h04

Ela para por causa de um ônibus escolar infantil, cujas luzes vermelhas estão piscando. Ela olha para as crianças atravessando a rua na frente dela. Imagina se alguma é como ela.

Sabe que provavelmente não.

E então.

Ela é pega de surpresa. Às cegas, é sugada para um sonho de uma criancinha.

Caindo, caindo de uma montanha.

Janie arfa baixinho.

Seus pés deslizam do pedal do freio.

O ônibus buzina, ouvem-se queixas e gritos.

Ela agarra freneticamente o volante e luta com sua mente, tentando se concentrar. Ela deve se arrancar do sonho, enquanto Ethel segue errante e perigosamente perto das crianças que estão atravessando a rua.

Bate com um dormente e pesado pé no freio e, às cegas, procura pelas chaves na ignição.

O motor de Ethel para e morre, no momento em que a visão de Janie retorna.

O motorista do ônibus olha para Janie com ódio.

As crianças correm para o outro lado da rua, com os olhares cravados em Janie e arregalados de medo.

Janie, horrorizada, balança a cabeça para livrar-se de tais pensamentos.

— Me desculpa — ela balbucia.

Sente vontade de vomitar.

O ônibus vai embora ruidosamente.

Enquanto os motoristas que estão em fila atrás de Janie começam a buzinar, impacientes, ela faz um tremendo esforço para dar partida em Ethel.

Chorando além da conta.

Odiando sua vida.

Imaginando que merda vai acontecer com ela, pensando em como vai continuar vivendo sem matar alguém.

Consegue chegar em casa.

Limpa o rosto com a manga da roupa.

Entra com determinação. Vai direto para o quarto, jogando seu casaco e sua mochila no sofá, sem parar no meio do caminho.

Até chegar a seu armário.

Janie tira a caixa de lá e senta-se na cama. Tira tudo que tem dentro e pega o caderno verde. Afobada, abre-o. Lê a dedicatória de novo.

Uma jornada em direção à luz,

por Martha Stubin

Este diário é dedicado aos(às) apanhadores(as) de sonhos. É escrito expressamente para aqueles que seguirem meus passos, uma vez que eu tenha partido deste mundo.

As informações que tenho a compartilhar com vocês são compostas de duas coisas: deleite e terror. Caso não deseje saber o que lhe espera, feche este diário agora. Não vire a página.

Mas, se tiver estômago para tal e desejo de lutar contra o pior disso tudo, é melhor que tenha estes conhecimentos. Mas, de novo, pode ser algo que o assombre para o resto de sua vida. Considere isso seriamente. O que está a ponto de ler contém muito mais terror do que deleite.

Lamento dizer que não posso tomar a decisão por você. Ninguém mais pode. Você deve fazer isso por si. Por favor, não coloque a responsabilidade sobre os ombros dos outros. Isso vai arruiná-los.

Seja qual for sua decisão, está entrando em uma longa e árdua jornada. Não desejo que se arrependa. Pense a respeito. Tenha confiança em sua decisão, seja ela qual for.

Boa sorte, amigo(a).
Martha Stubin, Apanhadora de sonhos

Janie ignora o ímpeto de medo e vira a página. Depois, vira a página que está em branco. E lê.

Você já leu a primeira página pelo menos uma vez. Imagino que tenha passado algum tempo nela, talvez dias, decidindo se desejaria continuar. E agora, aqui está você.

Caso seu coração esteja pulsando violentamente, digo-lhe que começarei com o “Deleite”. Para que você possa mudar de ideia se não desejar ir adiante. Haverá uma página em branco neste caderno antes de chegar às informações com o título de “Pavor”. Então, você saberá e não virará as páginas, com medo.

Sinto muito por ter de colocar este medo em seu coração. Mas o faço por meus próprios motivos. Talvez você vá entender quando estiver lendo.

Mas, no momento, ainda dá tempo de voltar atrás e fechar este caderno. Se optar por seguir em frente, por favor, vire a página.

Janie vira a página.

Deleite

Você já vivenciou um pouco dele, imagino. Se não, ainda está por vir.

Com o tempo, vem tanto o sucesso como o fracasso. Alguns dos melhores sucessos como apanhador(a) de sonhos não serão atingidos durante muitos anos.

Por ora, você já descobriu que tem mais poder que imaginava. Você tem a habilidade de ajudar alguém a alterar um sonho para torná-lo melhor. Menos assustador, talvez. Ou até mesmo pode fazer uma mudança total, transformando um monstro em um personagem de desenho animado.

O que você precisa saber antes de ajudar alguém a mudar seu sonho é: nem todos os sonhos podem ser alterados. Seu poder é forte, mas há poucos sonhos mais fortes do que você. Por favor, não espere poder alterar o rumo do mundo.

Com isso dito, eu, Martha Stubin, estive nos sonhos de muitos indivíduos bem-sucedidos. Eles chegaram ao sucesso depois de terem seus sonhos mudados. Posso tomar o crédito por essas coisas? É claro que não. Mas eu fui um fator no futuro de muitas pessoas de negócios. Embora eu não vá revelar nomes, pois os indivíduos ainda estão vivos na época em que escrevo isto. Eu poderia pedir que você pensasse na indústria dos computadores, e isso lhe daria uma dica.

Você tem a capacidade de influenciar a mente inconsciente, meu(minha) querido(a) apanhador(a) de sonhos.

Casamentos foram salvos.

Relacionamentos, acesos novamente. Eventos esportivos, vencidos.

Vidas levadas com confiança, em vez de medo.

Porque nosso poder é motivador e proporciona força de movimento e uma sensação de poder mudar as coisas para aqueles que sonham com o fracasso.

Este é o mais compensador dos trabalhos, quando as coisas dão certo.

E você pode mudar uma comunidade.

Você é um indivíduo com um dom raro.

Pode usar seu poder para ajudar a criar ou restaurar a paz em uma comunidade problemática. Seja uma escola, uma igreja, um local de trabalho, uma entidade

governamental, você tem mais poder para resolver crimes do que qualquer um com distintivo.

Não se esqueça disso.

Conforme aperfeiçoar sua habilidade — seu dom —, será capaz de ajudar a lei de tal forma que aqueles que a mantêm não poderão sequer imaginar. E de maneiras que são impossíveis em suas cabeças. Você tem um imenso poder para fazer o bem.

Use-o, caso se atreva.

Você nunca ficará sem trabalho. Pense grande. Muitos distritos policiais no país vão tomar conhecimento de sua existência. Viaje pelo país; talvez até mesmo pelo mundo. Procure por outros com dons diversos que trabalham secretamente, como você.

Deixe-me dar um passo mais ao fundo. Para dentro de seu próprio coração.

Com a prática, você há de ser mestre de seus próprios sonhos.

Alguns de vocês nem podem sonhar.
Isso virá com o tempo.

Você pode sonhar com a forma de resolver os problemas com os quais se depara, e sonhará com o encontro do amor revigorante pelo qual você anseia em um mundo isolado.

E os entes queridos que perder nos caminhos da vida viverão para sempre, se você usar seu poder. Você nunca dirá adeus por muito tempo. Pelo menos, até dormir de novo. Você pode trazê-los de volta até você.

Esse foi o fator mais redentor para mim. Foi o que me manteve viva além do meu tempo. Morrerei feliz, até mesmo depois de uma vida cheia de adversidades.

Não ignore os lados positivos deste fator, uma vez que tenha visto o restante.

E agora, quando virar a página, encontrará a próxima página em branco. Em seguida, vêm as coisas que eu gostaria de não ter de lhe dizer. Use seu discernimento para decidir se deseja seguir em frente.

Pavor

Meus olhos lacrimejam enquanto escrevo esta parte.

Há coisas sobre a gente que talvez não gostaríamos de ouvir, nem de saber.

Elas vão ajudar você?

A resposta é “sim”.

Vão machucar você?

Com toda certeza, sim.

Direitos e obrigações

Em primeiríssimo lugar, vamos reviver a forma como você altera os sonhos das pessoas.

Mesmo tendo o poder, nem sempre isso significa que você tenha o direito ou a obrigação.

E, por terem o poder da manipulação, alguns de vocês vão usá-lo para machucar as pessoas. Não consigo impedi-lo(a) de fazer isso.

Posso apenas implorar que resista à tentação de machucar os outros dessa maneira.

Já foi feito.

E foi feio.

Pessoas morrem.

Eis aqui alguns fatos de que você deve ter conhecimento:

Não há nenhuma “cura”, caso você veja isso como uma doença. Até descobrir o motivo por trás da existência do dom do apanhador de sonhos, não haverá cura.

Passei cinquenta anos tentando mudar isso. E tudo o que posso fazer é controlar o dom, às vezes.

Direção

Você pode já estar ciente dos riscos de dirigir. Talvez já tenha sofrido um acidente incomum. E ainda esteja vivo. Mas, por causa das possibilidades de dispersão, mesmo com as janelas fechadas, devo mencionar que você é uma bomba-relógio.

Já aconteceu antes.

Você viu nos documentos, não?

Alguém apaga na estrada. Passa para a outra via. Mata uma família de três pessoas na via oposta.

Apanhadores de sonhos. Apanhando, acidentalmente, os sonhos de alguém que dorme em um carro ali do lado.

Atravessando os vidros das janelas dos dois carros.

Acontece.
Aconteceu.
E nunca me perdoei.
Não dirija.

Você arrisca não só a sua vida, mas as vidas de outras pessoas inocentes.

Você pode me ignorar.
Estou lhe pedindo que não o faça.

Se deseja seguir em frente, por favor, vire a página.

16H53

Janie está tremendo, chorando, lembrando-se das crianças do ônibus escolar. Ela continua.

Efeitos colaterais

Esta é a seção mais difícil. Se conseguir passar por ela, estará bem.

E talvez não pense que seja tão ruim quanto fiz parecer. Espero que seja assim.

Há diversos efeitos colaterais de ser um(a) apanhador(a) de sonhos. Você já vivenciou a drenagem de calorías. Fica pior conforme a idade aumenta.

Quanto mais forte você for, mais preparado estiver, melhor vai conseguir lidar com isso. Tenha algo para comer com você o tempo todo. Sonhos ocorrem onde menos se espera.

Em quantos mais sonhos entrar, mais pode ajudar as pessoas. Isso é verdade. Prova-se com as médias.

Mas, para um(a) apanhador(a) de sonhos, em quantos mais sonhos você entrar, piores são os efeitos colaterais. Mais rapidamente você decai.

Você deve trabalhar o controle de quais sonhos vai entrar.

Pratique arrancar-se deles, como expliquei nos muitos arquivos de casos dos quais participei.

Estude-os.

Pratique os movimentos, os processos de pensamento, os exercícios de relaxamento.

Contudo, você deve perceber agora que há uma pegadinha nisso tudo. Porque, quanto mais prática tiver, mais

pesados ficam os efeitos em seu corpo.

Você deve escolher com cuidado os sonhos, se optar por usar seu dom para ajudar os outros.

Ou há uma alternativa.

Isolamento.

Se você se isolar, poderá levar uma vida normal... tão normal quanto permitida pelo isolamento, é claro.

E agora.

Você também pode parar de ler aqui.

É sua última chance.

17h39

Janie desvia o olhar. Lê aquela parte novamente. Sua cabeça está latejando. E ela continua, até o amargo final.

Qualidade de vida

Conheci, pessoalmente, três apanhadores de sonhos além de mim. Sou a última viva. No momento em que estou escrevendo isto, não sei da existência de nenhum outro, mas estou convencida de que você está por aí.

Vou lhe dizer, primeiramente, que a escrita deste diário não é de meu punho. Meu assistente escreve este livro a você, pois minhas mãos estão para lá de nodosas e retorcidas.

Perdi a capacidade de usar minhas mãos e meus dedos aos 34 anos de idade.

Meus amigos, também apanhadores de sonhos, tinham 35, 31 e 33, respectivamente, quando não mais conseguiram segurar uma caneta.

É isso que os sonhos estão fazendo com você.

18h

Lágrimas escorrem sem parar pelo rosto de Janie. Ela coloca a manga molhada da blusa na boca. E continua.

E por fim.

O que vejo como o pior.

Eu tinha 11 anos de idade na ocasião em que apanhei um sonho pela primeira vez. Ou pelo menos é o que consigo me lembrar.

A princípio, os sonhos vinham em pouca quantidade e com bastante intervalo entre eles, como espero que tenham ocorrido com você, a menos que dividisse o quarto com alguém. No ensino médio, aumentaram.

Faculdade. Na sala de aula, na biblioteca, atravessando o campus em um dia de primavera... sem mencionar o fato de ter colega de quarto. Na faculdade, os sonhos estão por toda parte. Algumas das piores experiências que você vai ver.

E então, um dia, não vai mais.
Você não vai mais ver.

Porque estará completa, irreversível e cruelmente cego(a).

Meus conhecidos apanhadores de sonhos: 23, 26, 21.

Eu tinha 22.

Em quantos mais sonhos você entrar, mais cedo perderá a visão.

Já suspeitava disso, não?

Talvez já tenha perdido parte de sua visão.

Sinto muito, querido(a) amigo(a).

Escolha sua profissão com sabedoria.

Toda esperança que posso acrescentar é esta:

Uma vez que estiver cego(a), a cada jornada que você embarcar em um sonho, será novamente levado(a) à luz e verá as coisas nos sonhos como se as estivesse vendo na vida.

Esses sonhos dos outros são suas janelas. Eles são toda a luz que você verá. Ficará em um casulo de trevas, exceto pelos sonhos.

E visto ser este o caso, pergunto a você, quem não viveria por mais um sonho? Mais uma chance de ver seu amor enquanto ele(a) envelhece, mais uma chance de ver a si mesmo(a), se ele(a) sonhar com você.

Você não tem escolha.

Está preso(a) com este dom, esta maldição. Agora, você já sabe o que vem pela frente.

Deixo-o(a) com uma nota de esperança: não me arrependo das minhas decisões de ajudar os outros, apanhando os sonhos deles.

Nem um único exemplo me faria voltar atrás.

Agora é uma boa hora para sentar-se e pensar. Para sentir uma espécie de lamento, de luto. E, depois, levantar-se de novo.

Encontre seu confidente. Por estar lendo isto aqui, você já tem um confidente. Diga a ele ou ela o que esperar em relação a você.

Você pode botar as mãos na massa e trabalhar. Ou pode esconder-se eternamente e retardar os efeitos. A decisão é sua.

Sem nada do que me arrepender,
Martha Stubin, Apanhadora de sonhos

Janie fica com os olhos cravados no caderno. Vira aquela página, sabendo que não há mais nada lá. Sabendo que não se trata de uma piada.

Ela olha para suas mãos. Flexiona os dedos. Vê, suas juntas enrugadinhas e suas unhas curtas. A forma como se curvam e ficam retos. E então, olha em volta do quarto.

Tira os óculos.

Pensa muito, e já sabe a resposta. Os sonhos, as dores de cabeça, as mãos retorcidas da senhorita Stubin e seus olhos cegos. Janie está perdendo sua própria visão. Janie sabia.

Sabia já há algum tempinho.

Ela apenas não queria pensar no assunto. Não queria acreditar nisso.

Talvez Cabel já soubesse, pensa ela. Os estúpidos quadros de teste de visão dele. Talvez seja esse o real motivo pelo qual ele queira dar um tempo. Ele sabe que ela está em frangalhos. E ele não consegue lidar com mais um problema acontecendo com Janie.

Janie está tão chocada que não consegue mais chorar.

Pega as chaves do carro e vai correndo até a porta antes de se lembrar.

A senhorita Stubin matou três pessoas em um acidente de carro, por causa de um sonho.

Janie olha para Ethel através da janela e então, lentamente, vai caindo no chão, soluçando e chorando, como se seu mundo estivesse acabando.

Ela não se levanta.

Não.

Não naquela noite.

25 de março de 2006, 8h37

Janie ainda está no chão da sala de estar, perto da porta da frente. Sua mãe dá um passo na direção dela, não alarmada, uma, duas vezes, desaparecendo novamente nos escuros recessos de seu quarto. Ela já viu Janie dormir no chão antes.

Janie não se move quando alguém bate à porta. Uma segunda batida, mais urgente, não faz nada com ela.

E então as palavras.

— Não me faça arrombar esta porta, Hannagan.

Janie levanta a cabeça. Olha com olhos semicerrados para a maçaneta da porta.

— Não está trancada — diz, meio devagar, embora tente demonstrar respeito com a voz.

E a Capitã está lá, na sala de estar da casa de Janie. E ela parece tão maior para Janie naquela casa pequena.

— O que está acontecendo, Janie? — a Capitã pergunta, com uma expressão cada vez mais alarmada no rosto, quando vê Janie no chão.

Janie balança a cabeça e diz, em uma voz fina, desnorteada:

— Acho que estou morrendo, senhor.

Janie senta. Ela consegue sentir o padrão do carpete marcando-lhe profundamente a bochecha. Parece com as queimaduras ásperas de Cabel.

— Eu ia ver a senhora ontem — diz ela, olhando para as chaves no chão. — Estava saindo, porta afora, e então me toquei.

Dirigir. E tudo. E eu só... — ela balança a cabeça. — Estou ficando cega, senhor. Igualzinho a senhorita Stubin.

A Capitã fica em pé, sem dizer uma palavra. Espera pacientemente pela explicação de Janie. Estende sua mão para ela. Puxa-a para cima e abraça-a.

— Converse comigo — diz a Capitã, com gentileza na voz.

E Janie, que havia ficado sem lágrimas horas atrás, cria lágrimas novas e chora nos ombros da Capitã, dizendo a ela tudo sobre o conteúdo do caderno verde. Deixando que a Capitã o leia por si só. A Capitã aperta Janie firmemente, quando surgem os soluços.

Depois de um tempo, Janie fica em silêncio. Ela olha ao seu redor, buscando algo para enxugar o casaco da Capitã, mas não tem nada. Nunca tem nada na casa de Janie.

— Você já ligou para a escola para falar sobre sua falta de hoje?

— Merda!

— Sem problemas. Farei isso agora. Sua mãe atende por senhora Hannagan? Não quero que o pessoal da secretaria de lá saiba que conheço você.

Janie balança a cabeça, em sinal de negativa.

— Não, não “senhora” — diz ela. — Apenas Dorothea Hannagan.

Quando a Capitã desliga o telefone, Janie pergunta:

— Como você sabia que deveria vir aqui?

Ela faz um misto de cara triste e ameaçadora.

— Cabel me ligou. Disse que você não apareceu na escola, perguntou se eu tinha ouvido algo sobre você. Creio que ele tentou ligar para o seu celular.

Então eu tenho de desaparecer para que ele me ligue. Janie não diz nada. Ela deseja, de todo coração, perguntar à Capitã por que Cabel não quer falar com ela. Mas Janie sabe que é melhor não perguntar. Tudo o que ela diz é:

— Isso foi atencioso da parte dele.

E, então, ela pensa por um momento e fala:

— Você suspeitava disso? A senhorita Stubin contou-lhe algo a respeito?

— Eu sabia que algo estava chateando você depois que me ligou algumas semanas atrás, mas não sabia o que era. A senhorita Stubin era uma pessoa muito reservada. Ela não falava muito de si, e eu não perguntava. Não cabia a mim fazê-lo.

— Acha que Cabel sabe?

— Já pensou em perguntar para ele?

Janie dá uma olhada de relance para ler a expressão da Capitã. Morde seu lábio trêmulo para fazê-lo parar de tremer.

— Não estamos exatamente nos falando agora.

A Capitã suspira.

— Entendi — com cuidado, ela diz: — Cabel tem seus próprios demônios e, se ele não os matar logo, vou ter de botá-lo para fora. Ele está tendo problemas em lidar com algumas coisas agora.

Janie balança a cabeça.

— Não entendo.

A Capitã fica em silêncio.

— Talvez você deva perguntar a ele. Diga a ele pelo que está passando também.

— Por quê? Para quando eu contar a ele que vou ficar cega e aleijada, ele nunca mais quer chegar perto de mim de novo?

A Capitã solta um sorriso triste.

— Não posso prever o futuro, Janie, mas duvido que alguns probleminhas físicos vão fazer com que ele perca o tesão por você, se é que me entende. Porém, ninguém está lhe dizendo que tem de contar a ele também — ela para de falar por um momentinho. — Parece que um café da manhã lhe faria bem. Vamos sair, Janie — ela diz.

Janie olha para baixo, para si, desgrenhada, vestida com as roupas de ontem.

— Claro, por que não? — diz ela.

Demora uns minutos para escovar o cabelo e olha-se no espelho. Olha para seus olhos.

A Capitã leva Janie até Ann Arbor. Elas param para tomar café da manhã no Angelo's, onde a Capitã parece que conhece todo mundo, incluindo Victor, o cozinheiro que prepara as comidas rapidinho. Victor entrega um banquete na mesa delas,

pessoalmente. Janie, não tendo comido nada desde o almoço do dia anterior, come aquela refeição como uma draga, agradecida.

Depois do café da manhã, a Capitã segue com Janie de carro pelos arredores do campus da Universidade de Michigan.

— Algumas das melhores instalações para pesquisas e medicina encontram-se aqui, Janie. Talvez haja algo... — a Capitã encolhe os ombros. — Lembre-se de que Martha Stubin perdeu a visão há quinze anos. Muita coisa mudou no mundo médico desde então. Não se condene antes de saber o que os médicos podem fazer agora. E não apenas com seus olhos, mas com suas mãos também. E, talvez, com seus sonhos. Vê aquele prédio? — a Capitã aponta para um. — Lá, eles fazem o estudo do sono. Talvez seja possível arranjar um jeito de acomodá-la devidamente ali um dia desses. Tenho um ou outro amigo no campus em quem confio. Eles sabiam da Martha. Vão nos ajudar.

Janie olha para tudo ao seu redor. Sente um pequenino surto de esperança. Ela e Cabel haviam planejado ir ali no próximo verão, quando pudessem ser vistos juntos. Agora, Janie não sabe o que pensar. Talvez Cabel voltasse.

E talvez ela o espantasse para longe dela de novo.

Janie não sabe com quantos términos e com quantas voltas ela consegue lidar no relacionamento deles.

— Por que tudo tem de ser tão difícil? — pergunta-se em voz alta. E então fica ruborizada. — Pergunta retórica, desculpe-me, Capitã.

A Capitã sorri.

— O que lhe fez ler aquilo, afinal?

Janie engole em seco.

— Agora que Cabel nem chega perto de mim, achei que não tinha muito mais a perder. Estou tirando uma com a minha própria cara, né?

A Capitã franze os lábios enquanto dirige e murmura algo bem baixinho.

— Certo — diz ela. — E como você se sente com isso aí de ser uma apanhadora de sonhos agora?

Janie pensa.

— Acredito que não tenho outra opção.

A Capitã fica com um olhar curioso no rosto.

— Como sua mãe se encaixa nesse quadro?

— Ela não se encaixa. Não existe, até onde eu saiba.

— Entendo — a Capitã faz uma pausa. — Você lamenta ter lido aquilo?

Janie fica em silêncio por um instante.

— Não, senhor.

Elas ficam em silêncio. Então a Capitã aponta para mais alguns prédios do campus da Universidade de Michigan.

— Você quer largar seu trabalho comigo, Janie? Isolar-se?

Janie olha para a Capitã.

— Quer que eu largue?

— É claro que não! Você é brilhante no que faz.

— Gostaria de continuar, se tiver mais missões para mim, senhor.

A Capitã sorri e então fica séria de novo.

— Você acha que ainda consegue trabalhar com Cabel, mesmo se não voltarem a ter um relacionamento romântico?

Janie suspira.

— Se ele conseguir lidar com isso sem ser um babaca, eu consigo — e então a voz dela fica presa na garganta. — Eu só... — ela balança a cabeça e recompõe-se, querendo não chorar.

A Capitã lança um olhar penetrante que atravessa o para-brisa. Morde o lábio.

— Juro por Deus que vou arrebentar aquele moleque — ela murmura. — Escuta, Janie. Cabel não tem muita coisa... tem uma mãe que o abandonou, um pai que quase o matou... E, agora, quando ele está com você, deseja desesperadamente mantê-la a salvo, dentro de um casulo, o tempo todo. Mas ele sabe que não pode. Ele tem de aprender a lidar com isso.

Janie entende isso.

— Mas Capitã, ele mal conseguia suportar a ideia de encostar em mim depois do lance do Durbin — ela desata a chorar. — É como se ele estivesse morrendo de desgosto por eles terem encostado as mãos em mim ou algo do gênero...

Ela procura um lenço de papel entre os bancos do carro.

— Jesus Cristo! — diz a Capitã. — Janie, me escuta. Você já é uma boa detetive. Sabe que, em sua linha de trabalho, temos palpites e procuramos as respostas. Você faz isso tão bem em seu trabalho, por que não segue a mesma linha de lógica na sua vida pessoal? Você vai precisar falar com o Cabel, se quiser as respostas. Especulação eterna apenas leva a becos sem saída.

Janie fecha os olhos. Descansa a cabeça no apoio do banco.

— Sinto muito, Capitã. Você está certa. Juro que não vou deixar que essa bagunça afete meu trabalho. Trabalhar para você é a melhor coisa da minha vida. Sinto que realmente posso fazer diferença, sabe?

A Capitã dá um apertãozinho de leve no braço de Janie.

— Eu sei, garota. E tenho grandes planos para você, se estiver dentro.

— Capitã?

— Sim.

— Como vou chegar a algum lugar se não devo dirigir?

A Capitã suspira.

— Não achei uma solução para isso ainda.

— Você sabia que a senhorita Stubin sofreu um acidente de carro por causa de um sonho? Ela matou três pessoas inocentes.

A Capitã diminui a velocidade do carro e dá uma olhada de relance para Janie.

— Eu soube, pela investigação que fizemos do passado dela, que esteve envolvida em um terrível acidente de carro uma vez. Não sabia que tinha acontecido por causa de um sonho — a Capitã faz uma pausa. — Martha tinha 16 anos quando isso aconteceu.

Janie fica sentada, perplexa, em silêncio.

A Capitã continua.

— Ela foi condenada por homicídio culposo por causa do acidente, Janie. Perdeu a licença e cumpriu três anos em uma instituição correcional para mulheres. Teria sido muito mais, se ela não fosse menor de idade na época. Isso é coisa séria.

O estômago de Janie vira do avesso.

— Quase atropelai algumas crianças ontem — ela diz, suavemente. — Alguma criança dentro do ônibus escolar estava sonhando.

A Capitã balança sua cabeça, resoluta.

— Bem. Isso já deixa as coisas claras. Se eu pegar você dirigindo de novo, Janie, vou multá-la eu mesma, juro por Deus! Enquanto isso, se precisar ir a algum lugar, levo você de carro ou envio alguém com um carro para levá-la. Não quero ver você desperdiçando sonhos em algum maldito ônibus da cidade.

Janie sente como se acabasse de ter sido colocada em uma jaula.

— E a escola? — ela pergunta. — Vou ter que pegar o ônibus escolar. O que vou dizer para as pessoas? Cabel vai sacar isso. Isso é uma tremenda merda.

A Capitã olha para ela com dureza.

— Você sabe o que é merda? Matar três pessoas inocentes. Acha que sua vida é ruim agora, tente conviver com isso! — a voz dela está marcada por um tom de crítica.

Janie fica quieta.

Elas voltam para a Fieldridge.

Quando o celular da Capitã toca, ela dá uma espiada nele e atende.

— Komisky — faz uma pausa. — Sim, estou com ela — outra pausa. — Sim, está tudo bem com ela.

Ela acena com a cabeça, olha de lado para Janie com um sorriso melancólico e desliga o telefone.

— Tuuudo bem — repete a Capitã, com os lábios pressionados, formando uma fina linha.

12h36

A Capitã deixa Janie em casa e abraça-a rapidamente.

— Você me liga se precisar conversar mais sobre tudo isso — ela diz.

— Obrigada, Capitã.

— E a decisão é você que tem de tomar, o que quer falar para o Cabel, se é que vai falar. Tenha certeza de que não cabe a mim contar a ele, a menos que isso afete diretamente o trabalho de vocês como parceiros e, mesmo assim, pedirei a você para fazê-lo. Em relação a você não dirigir, acho que Cabel vai aceitar isso muito bem. Ele preocupa-se bastante com isso. Pode me culpar por essa.

Janie despede-se da Capitã com um leve aceno de mão, enquanto ela vai embora com o carro. Olha triste para Ethel, quieta e solitária na garagem. Vira-se e entra em casa.

Incerta sobre o que fazer agora.

Entra no quarto. O caderno verde reluz de forma ameaçadora na cama, onde ela o deixou.

Cuidadosamente, Janie fecha-o e coloca a caixa no armário.

Cai na cama e fica deitada lá, com o olhar pregado no teto.

14h23

O friozinho e o vento úmido sopram rápido no purgatório da rua Center da senhorita Stubin.

— Agora você sabe tanto quanto eu, Janie.

Janie fica sentada em silêncio ao lado da senhorita Stubin. Lágrimas escorrem lentamente dos olhos cegos da velha senhora.

Não há palavras a serem ditas. Apenas um entendimento, uma resolução, uma pequena força que passa e aumenta entre elas. É uma libertação. O trabalho da senhorita Stubin está feito.

Esta é a despedida.

Vagarosamente, a senhorita Stubin aperta com suavidade a mão de Janie com seus dedos retorcidos.

— Devo ir ver meu soldado agora.

E então ela começa a desvanecer.

— Verei a senhora novamente? — pergunta Janie em voz alta, ansiosa.

— Não aqui, Janie.

— Em algum outro lugar, então? — sua voz está marcada pela esperança. Mas a velha mulher já se foi.

Janie olha ao redor. Morde o lábio. Na frente da loja de armarinhos, caminha a passos leves um homem jovem, vestindo uniforme, e uma mulher de olhos brilhantes que se vira para dar uma olhada por cima do ombro. Ela sopra um beijo para Janie enquanto eles viram a esquina, na alameda, e desaparecem de vista.

Janie continua sentada no banco frio e úmido do parque.
Sozinha.

31 de março de 2006, 14h25

Cabel sonha com camadas e mais camadas de roupa em seu corpo. Janie se arranca desse sonho. Ela não consegue suportar observá-lo. Sabe o significado do sonho. Ele está desesperadamente tentando se proteger. Proteger seu coração.

Quando o sinal toca, Cabel acorda assustado. Janie o observa. Ele dá uma olhada de relance para ela, parecendo preocupado. Ela lança um olhar implorativo que atravessa a vasta biblioteca.

Ele abaixa os olhos.

Vira-se.

Vai-se.

6 de abril de 2006, 8h53

É o recesso da primavera. Janie acorda com dez centímetros de neve, tardia para a época, recém-caída no chão. Faz uma promessa solene: um ano desses, irá até a Flórida no recesso da primavera. Mesmo que isso seja sinônimo de cair em sonhos no avião durante todo o caminho até lá. Mesmo que isso signifique passar a semana inteira sozinha, observando enquanto outras pessoas se divertem.

Veste-se e espera pelo carro que a Capitã está mandando. Deixa Ethel brilhante para que a plaquinha de “À Venda” volte a aparecer na janela. Limpa a neve da calçada e começa a tirar o

carro da garagem. A neve está pesada e úmida com o tardio sol matinal brilhando sobre ela.

Quando Carrie sai como uma louca da casa dela, que fica ao lado da de Janie, e atravessa correndo o pátio, Janie sorri.

— Hei! — ela diz.

— Janie Hannagan! — diz Carrie. — Como você se atreve a vender a Ethel?! Pobrezinha! O Stu está se sentindo um lixo com isso.

Janie tem uma resposta pronta para essa pergunta.

— Não tenho mais como pagar o seguro e a gasolina, Carrie. Diga a Stu que realmente sinto muito.

Carrie sorri com um olhar travesso. Saca um bolo de dinheiro do bolso do seu casaco.

— Estou vendendo meu carro velho. Ethel me disse que quer ficar pela vizinhança.

Os olhos de Janie acendem-se.

— Tá me tirando?!

— Tirando NADA! — Carrie dá umas risadinhas. — Quanto?

Janie pula na neve.

— Para você? Mil e duzentos contos. É uma barganha!

Carrie saca doze notas de cem dólares e enfia-as na mão de Janie.

— Vendida!

— Ah, meu! Não consigo acreditar que você está comprando a Ethel!

— Stu me emprestou a grana até eu vender o meu carro. Ele está, provavelmente, mais feliz que nós. Agora, tira essa plaquinha da janela da pobrezinha antes que ela fique complexada! Tenho de ligar para o Stu e dizer que fechei o negócio com você. Vamos ver o lance da papelada depois, tá legal? — Carrie volta galopando até sua casa, sem nem esperar uma resposta, enquanto Janie, sorrindo, remove a plaquinha de venda da janela de Ethel e limpa com carinho o capô cheio de neve.

É o detetive Jason Baker quem a pega em casa, com sua van de mãe que gosta de futebol e talvez leve dentro dela um time inteiro.

— Hei, sonhadora — diz ele, com um sorriso. — Eu vi o que você fez com aqueles canalhas no deque da casa do Durbin. Me lembra de não me meter com você, hein.

— Gostaria de me lembrar — diz Janie.

Ela gosta tanto do Baker quanto do Cobb.

— Ainda não tem lembranças de nada daquilo, ahn? É, é assim que funcionam essas drogas usadas no “Boa-noite, Cinderela”. É também um dos motivos pelos quais muitos estupros passam despercebidos ou não são relatados. A perda de memória permite que doentes nojentos, como o Durbin e a corja dele, se livrem dessas merdas. Você realmente salvou o dia, Janie.

Janie fica corada e olha para suas mãos. Ela não se sente uma grande heroína.

Dentro da delegacia, Janie bate na porta do escritório da Capitã.

— Entre! — grita a Capitã, como sempre.

Janie sorri e entra.

Para de repente.

Cabel também está lá.

O sorriso dele é formal e artificial, enquanto Janie se recompõe e senta ao lado dele.

A Capitã vai direto ao trabalho, imediatamente.

— Stacey O’Grady vai voltar para Fieldridge High, afinal. Os pais dela estão satisfeitos após todos os perpetradores do crime terem sido presos. Stacey realmente quer deixar tudo para trás e voltar para se formar, junto com seus colegas de classe.

Tanto Janie quanto Cabel concordam com as cabeças. Janie está feliz em ouvir isso.

— Há vários processos encaminhados por diversos pais furiosos; e não os culpo. Mas receio que, provavelmente, precisaremos de você como testemunha, Janie. As audiências estão marcadas para junho. Você se encontrará antes com o promotor de justiça, para repassar seu testemunho. Pode vir a ser difícil. Então, esteja preparada para algumas perguntas horríveis que serão feitas pelos advogados de defesa. Você terá de fazer isso enquanto

Durbin, Wang e Crater estiverem lá sentados, olhando fixamente para você, de cima a baixo. Entende?

Janie pressiona os lábios, unindo-os de modo que parem de tremer.

— Sim, senhor.

— Essa é minha garota! Faremos tudo dentro da lei para manter sua habilidade como apanhadora de sonhos em segredo. No entanto, é provável que acabe sendo dito que você estava naquela festa em uma missão, trabalhando infiltrada para mim. Precisamos de sua história e de suas folhas de teste da droga como evidências. Se os perpetradores forem estúpidos a ponto de se declararem culpados assim que virem a pilha de evidências que temos, vamos a julgamento e seu trabalho infiltrado em Fieldridge provavelmente será desmascarado. Mas você precisa dizer a verdade se lhe perguntarem, e nós vamos lidar com isso.

Janie arregala os olhos.

— Então, ahm, se meu disfarce for revelado... eu vou... você vai...

A Capitã sorri.

— Você ainda tem um emprego. Nem se preocupe. Martha também já esteve em situações como esta algumas vezes, mas o segredo dela nunca foi revelado na corte. Os advogados de defesa não têm conhecimento da existência dos apanhadores de sonhos; eles nunca pensariam em fazer as perguntas certas. Então, não vamos nos preocupar com isso agora, certo? Quero que você tire um tempo para você, para relaxar e voltar a ter uma aparência jovem até o fim das aulas.

A Capitã gira em sua cadeira e continua, em um fluxo de palavras constante.

— E, Cabe, tenho umas missõezinhas para você, começando na segunda-feira depois das aulas. Está claro? — ela olha para ambos.

— Sim, senhor — dizem Janie e Cabel, em uníssono.

— Vocês dois vão conseguir trabalhar juntos no futuro, ou tenho de reconfigurar meus planos? — pergunta a Capitã, assim, na lata.

Janie olha para Cabel. Cabel olha para seus sapatos.

— Sim, senhor — diz Janie, por fim. Imaginando se Cabel se atreverá a responder.

— É claro — diz Cabel.

Ele não olha para Janie.

A Capitã concorda com a cabeça e fica mexendo nos papéis em sua mesa.

— Bom. Janie, veja se o Cobb ou o Baker ou o Rabinowitz estão por aí para te dar uma carona até em casa. Converso com você em breve.

— Sim, senhor.

Janie levanta-se, com o rosto ardendo. Sentindo como se fosse um bebê na frente de Cabel. Sai voando porta afora, deixando Cabel e a Capitã ali parados, em pé, e decide andar até sua casa, em vez de implorar por uma carona.

Ela não chega muito longe, antes de o carro de Cabel passar voando ao seu lado, jogando neve para os lados.

Ele desacelera.

Para.

Dá ré.

Janie dá uma espiada nos arbustos, desejando encontrar um lugar para se esconder.

Cabel abaixa o vidro da janela do lado do passageiro e olha para Jane. Ele sorri melancolicamente. Morde o lábio.

— Quer uma carona, Hannagan?

Janie concorda com a cabeça, com frieza, e entra no carro. Sabe que terão de conversar em algum momento se forem trabalhar juntos.

— Posso ir andando da sua casa, para não criar muito problema para você — ela diz, civilizadamente.

Eles seguem em silêncio por todo o caminho.

Cabel estaciona na garagem da casa dele.

Eles saem do carro.

Ficam olhando fixamente um para o outro, durante um minuto, até que Janie desvia o olhar com as emoções ficando à flor da pele. Ela está com raiva. Ainda não entende por que ele terminou tão de

repente. Tem a sensação de que foi porque os professores tocaram nela. Deseja saber a verdade, mas não quer ficar mal de novo.

— Obrigada pela carona — diz ela, por fim.

Já que ele não fala, não se move, ela se vira lentamente e começa a caminhar até sua casa.

CLARÕES

— Espera — diz Cabel.

Janie já estava esperando. Esperando por respostas. Esperando que ele admita que não consegue encostar nela porque ela foi tocada por aqueles pervertidos. Janie não quer mais esperar. Ela caminha mais rápido.

Ele hesita e depois corre atrás dela. Para no meio da rua.

— Entra comigo — diz Cabel, que parece cansado. — Por favor. Precisamos conversar.

Os olhos de Janie relampejam, mas ela o segue até dentro da casa. Talvez ao menos consiga algumas respostas.

Janie senta-se na pontinha da cadeira da sala de estar da casa dele, ainda de casaco. Respira fundo e decide terminar isso de uma vez por todas.

— Você tem três minutos para me dizer que não é porque aqueles canalhas me tocaram.

Cabel se vira.

— O quê?

Janie olha para seu relógio.

Cabel começa a andar de um lado para o outro.

— Consigo aguentar você andando de um lado para o outro — diz Janie, depois de um minuto. — Consigo aguentar que você tenha alguns problemas com os quais precise lidar. Consigo até mesmo aguentar você dizer que não me ama. Tipo, achei que essa maldição estranha dos sonhos provavelmente me impediria de ter algum relacionamento na vida, então, imagino que tenho sorte de ter sentido o gostinho enquanto durou. Mas, quando você decide de repente que não consegue encostar mais em mim, imediatamente depois de um bando de babacas tentarem me estuprar, bem... eu só preciso saber se você é realmente tão horrendo assim. Se for, será uma merda, porém será muito mais fácil para eu cair fora daqui — ela olha para o relógio: — Um minuto e vinte e quatro segundos.

Ele olha fixo para ela. Com o rosto altamente marcado pela emoção. Caminha até Janie, ajoelha-se na frente dela. Suas mãos

tremem quando ele toca no rosto dela.

Ela o observa solenemente. Dá a ele uma chance.

— Janie — diz, finalmente. — É assim que serão as coisas com você?

Os olhos dela relampejam com raiva, enquanto ela olha meio de lado para o relógio.

— O quê? Para de mudar de assunto. Você tem um minuto para dizer que não é porque encostaram em mim. É isso!? É realmente isso, Cabe? Puseram as mãos em mim, e você não consegue suportar o fato de pensar em ficar comigo de novo?

— Ah, meu Deus! Você está falando sério?

O tom de voz de Janie fica mais alto.

— Trinta segundos.

— Você acreditaria mesmo em mim se eu falasse isso?

Ele está respirando com dificuldade. Levanta-se abruptamente e vira de costas para ela. Passa os dedos pelo cabelo.

— Quinze segundos.

A voz de Janie tem um tom regular agora. Ela se levanta para ir embora.

Ele dá um rodopio e agarra o braço dela. Puxa-a em sua direção. Beija-a intensamente, mergulhando os dedos nos cabelos dela. Arremessa sua língua na boca de Janie, encontrando-se com a dela, sentindo seu sabor, um oásis no deserto. Seu corpo pressionando o dela com urgência, enquanto suas mãos fazem carinho no pescoço.

Janie fica em pé, parada, paralisada por um momento, então ela solta um gemido suave e vai ao encontro dele. Cabel tira o casaco dos ombros dela, e ele cai no chão. Cabel a levanta, abraçando-a, até que ela envolve as pernas em volta da cintura dele. Os lábios dele se movem até o pescoço de Janie e param nos botões da blusa dela.

— Seu tempo acabou — ela diz, ofegante.

Ele tira os lábios da pele dela. Passa rapidamente as mãos por todo o corpo dela. Um botão cai no chão, ricocheteia e rola até debaixo da cadeira. Ele caminha, ainda grudado nela, até o sofá, e senta-se com ela em seu colo.

— Janie. Ah, meu Deus, não posso fazer isso — ele sussurra e abraça-a com força. Aperta-a. Simplesmente do jeito que ela adora. — Janie — ele diz de novo —, eu sou tão lesado. Um idiota. Sinto muito. Não. Quero dizer, minha resposta é não, não é porque encostaram em você. Você é muito... eu não sei. Você é perigosa! Eu não conseguia lidar com isso. Não conseguia lidar com o fato de amar você.

— Que diabos isso quer dizer? Você não via problema em estar apaixonado antes? O que houve?

O olhar dele mostra o quanto ele está sofrendo.

— E se eu amar você, dar a você tudo o que há dentro de mim, abrir meu coração e algo horrível acontecer? E se você *realmente* fosse estuprada? Isso mudaria tanto você, Janie. Mudaria você para sempre. E se for sugada para um sonho de novo enquanto estiver dirigindo? Já pensou nas consequências? Para você? Para os outros? Para *mim*, pelo amor de Deus. Janie, meu pai... ele botou fogo em mim. Botou... Fogo! Naquele instante, tudo mudou. Eu me tornei uma pessoa diferente. Merdas como essas mudam a gente. Isso me deixou com cicatrizes, fodeu minha vida — dizia ele. — Muda de muitas maneiras.

Cabel passa os dedos pelas cicatrizes por fora da camiseta enquanto fala.

— Não deixei ninguém entrar na minha vida desde então, exceto você. É difícil, Janie. Parece impossível. E então, você sai por aí, descuidada e tal... — ele faz uma pausa para respirar. — Eu precisava de segurança, mas me apaixonei por você. Agora estou sofrendo para caramba para lidar com o mero pensamento de que algo poderia ter acontecido com você. Que pudesse mudá-la também. E eu a perderia.

Janie, de queixo caído, pestaneja.

— Você tem um jeito realmente engraçado de demonstrar isso.

— Eu sei... Eu... eu sou lesadíssimo! Achei que seria mais fácil assim, sabe? Dar um tempo. Só que... não é... — ele luta para conseguir achar as palavras. — Isso é intenso, Janie. Me assusta como se fosse o fogo do inferno ardendo na minha pele! Eu queria que você fosse minha coisinha em segurança. Sem riscos sérios, só

algumas coisas simples desse lance de sonho para a Capitã... nada como isso pelo que você passou com o Durbin! Tipo, quem diabos imaginaria que aquela seria sua próxima missão? Deus, só de pensar no que vem em seguida...

— Então, você terminou comigo porque não conseguiria lidar comigo se eu mudasse, ou fosse ferida, magoada, ou deixasse você. É isso que você está dizendo? Mas todo mundo não sofre esse risco? Você ainda me ama ou não?

O lábio de Janie está trêmulo. Ela pensa em todas as mudanças que vão acontecer com ela nos anos vindouros, e sente Cabel afastando-se dela novamente.

— Estou dizendo que amo você e estou aprendendo... Eu quero aprender a lidar com isso. Tudo o que sei é que eu achava que dar um tempo ia ajudar, mas tudo o que isso está fazendo é me deixar perturbado para caramba!

Cabel faz uma pausa. Esboça um sorriso fraco.

— Então, ahm, pode simplesmente não fazer nenhuma coisa perigosa? A vida já não é ruim o suficiente quando você não consegue controlar o que os pesadelos lhe causam? Realmente tem de se arriscar mais?

Janie sorri com melancolia. Envolve os braços em volta do pescoço de Cabe e descansa a cabeça no ombro dele. Pensando.

— E se eu realmente me machucar? Ou se algo... acontecer comigo. Você vai deixar de me amar? — ela pergunta, baixinho.

— Como eu poderia? — Cabel faz carinho nos cabelos dela. — Mas eu tenho de aprender a lidar com os sentimentos que acompanham isso. Só não estou acostumado a me importar com alguma coisa, ou com alguém, que doa tanto assim. Não dessa forma.

Janie fica em silêncio, pensativa.

— Você sabia que você foi a primeira pessoa para quem eu me lembro de ter dito “eu te amo”? Nem me lembro de ter dito isso para minha mãe. O que é realmente triste.

— Eu não sabia — diz ele. Cabel deixa sua cabeça cair para trás no sofá e inspira profundamente. Expira. — Você ainda me ama, Janie?

Janie fica com o olhar fixo nele, incrédula.

— Sim, é claro. Eu não digo isso levianamente.

— Diga isso levianamente no meu ouvido — ele exige.

Ela sorri, descansa sua bochecha macia na bochecha áspera dele e sussurra:

— Eu amo você, Cabe.

Eles ficam sentados, abraçando-se. E então, Cabel pergunta a ela:

— Verdade ou desafio?

Janie pestaneja.

— Realmente tenho opção aqui?

— Não, diz Cabel.

— Certo, hum... — ela inspira profundamente.

— O que está acontecendo com você, Janie? Eu só... eu só preciso saber. Por favor.

Ele muda Janie de posição para poder olhar nos olhos dela. Estão cheios de lágrimas.

Ele ajeita os óculos e inspira profundamente.

— Me conta — diz ele.

Janie morde o lábio.

— Nada, Cabe. Estou bem.

Ela não consegue olhar para ele.

Cabel passa os dedos pelos cabelos.

— É só... só dizer. Põe para fora, para que a gente possa lidar com isso. Você vai ficar cega por causa de todos esses sonhos, não é?

Janie pestaneja. Seus lábios se separam, de tão surpresa que está. Ele encosta na bochecha dela, acariciando-a com o polegar.

— O quê?... Como...? — ela começa.

— Você aperta os olhos para ver, até mesmo com os óculos. Tem dores de cabeça o tempo todo. A luz forte a incomoda. Demora mais para você recuperar a visão a cada sonho... — ele faz uma pausa, ansioso. — E então, no hospital, quando não foi sugada para o sonho de ninguém, mas estava em seu próprio pesadelo, não conseguia ver quando acordou. Aquela foi a primeira vez, nesse caso, não?

Ela afunda novamente no ombro dele. Não se lembra daquele sonho no hospital. Também não quer mais chorar.

— Maldição! — ela diz. — Você é um bom detetive.

— Em quanto tempo? — ele sussurra.

Ela pressiona os lábios contra a bochecha dele e então suspira.

— Alguns anos.

Ele inspira bem profundamente e aos poucos expira.

— Certo. O que mais, Janie?

Ela fecha os olhos, resignada.

— Minhas mãos — ela diz — ficarão tortas, curvadas e feias, inúteis dentro de quinze anos.

Ele espera, fazendo carinho nas costas dela.

— Algo mais? — a ansiedade transparece em sua voz.

— Não, na verdade, não... — ela murmura. — Apenas... não posso mais dirigir. Nunca mais — ela perde sua luta contra as lágrimas. — Pobre Ethel, ao menos ela tem um bom lar agora.

Ele abraça-a, acariciando os cabelos dela.

— Janie — ele diz depois de um tempinho —, quantos anos tinha a senhorita Stubin quando morreu?

— Setenta e poucos.

Ele suspira.

— Ah. Graças a Deus!

— Você consegue lidar com isso, Cabel? Porque se não conseguir... — ela engasga. — Se não conseguir, me fale agora.

Ele olha Janie nos olhos.

Encosta em sua bochecha.

16h22

Cabel liga para a Capitã.

— Komisky.

— Senhor, é possível que eu e Janie possamos ser vistos juntos agora?

— Sob as atuais circunstâncias, eu realmente ganharia o maldito dia com isso. Além disso, o caso da cocaína do Wilder foi

encerrado na segunda. Ele foi considerado culpado.

— Você é o máximo, senhor!

— Sim, sim. Vão ver um filme ou algo do tipo, tá?

— Imediatamente! Obrigado.

— E parem de me encher!

— Até logo, senhor.

— Se cuidem. Ambos!

Cabel sorri e desliga o telefone.

— Adivinha?

— O quê? — pergunta Janie.

— Podemos sair para o nosso primeiro encontro.

— Uh-hu!

— E adivinha o que mais? Você é quem vai pagar!

— Eu? Por quê?

— Porque você perdeu a aposta.

Janie pensa por um momento. Dá um soco no braço de Cabel.

— Você não se deu mal em cinco testes ou provas!?!

— Fiz isso sim! Tenho como provar.

— Merda!

— É isso aí!

SEM OLHAR PARA TRÁS

24 de maio de 2006, 19h06

Janie caminha a passos largos, entrando no auditório da Fieldridge High School, onde centenas de pais, avós, irmãos e irmãs estão sentados em arquibancadas, cadeiras dobráveis e assentos nas bancadas, balançando como se fossem leques o cronograma do evento próximos a seus pescoços ensopados de suor, devido ao calor de 32 graus, além da umidade. Parece que o ar-condicionado velho do prédio não consegue aguentar a pressão de mais uma cerimônia de formatura.

Ela dá uma espiada ao redor e localiza Cabel várias fileiras atrás dela. Ele sopra um beijo com ar travesso, e ela dá um grande sorriso. A faixa do capelo dela ameaça esmagar seu cérebro e transformá-lo em mingau. E ela sente o suor acumulando-se lá dentro.

Janie olha para o outro lado, examinando o público. Alguns rostos familiares. Os pais de Carrie estão sentados na lateral das arquibancadas de madeira, e Janie lança um sorrisinho a eles, mesmo que não estejam olhando para ela.

Até mesmo com seus novos óculos, com mais grau, fica difícil ver à distância. As cores vão desvanecendo de um vestido para o outro. Mas, por fim, Janie a localiza. O que ajuda é seu cabelo cor de bronze em contraste com a pele escura. Sentado ao lado da Capitã, está um grande homem que parece o Denzel Washington, só que uns vinte anos mais velho. O braço dele está jogado preguiçosamente pelas costas da cadeira da Capitã. Janie consegue ver a Capitã cutucar seu marido e apontar. Janie força a vista para enxergá-lo melhor e sorri, e então abaixa o olhar. Não sabe ao certo o porquê.

A pessoa que fará o papel de orador assume seu lugar no palco, e a multidão fica em silêncio, deixando apenas o som dos cronogramas sendo usados como leques.

Não é Cabel.

Ainda bem.

Ele conseguiu baixar suas notas, com sucesso, até chegar a um mero 3,93. Terceiro lugar. O suficiente para mantê-lo fora dos holofotes. Que é tudo o que ele deseja, na verdade. Janie não ficou muito atrás, com 3,85. Está elétrica.

Há três cadeiras de docentes vazias no auditório este ano. Mestre, Feliz e Loide. Suspensos sem direito a pagamento. Esperando pela audiência. Janie sente uma dor aguda de tristeza por aquelas cadeiras vazias.

Não pelos homens que estariam lá sentados.

Só para deixar isso claro.

Mesmo assim.

Elas são os lembretes da dor e da vergonha, do horror embrulhado na forma de uma caixinha de presente. Janie está feliz por essa caixa ter explodido.

Lá, ao microfone, Stacey O'Grady começa a falar. Ela tem um ar diferente agora. Novo, nos últimos meses. Reservada. Solene. Uma maturidade, talvez, ou um senso de discernimento de que nem todas as coisas acabam acontecendo como desejaríamos que acontecessem.

A mãe de Janie não está lá.

Nem a de Cabel, mas ninguém esperava por ela. Embora o irmão mais velho de Cabel, Charlie, e sua esposa, Megan, estejam em algum lugar em meio à multidão.

Expectativas. É sobre o que eles sempre falam nestas ocasiões. Fazer diferença no futuro. Lutar com todas as garras pela excelência. Blá-blá-blá.

Janie enxuga uma gota de suor de sua testa. Olha em volta enquanto Stacey diz, do pódio:

— Os melhores anos ainda estão por vir.

E Janie observa a explosão de aplausos no salão.

Janie não se junta a eles.

As palavras fatídicas ressoam em seus ouvidos.

A multidão de alunos do último ano levanta-se e, um por um, no decorrer de uma hora, tem seus nomes chamados. Janie caminha com passos cuidadosos até chegar ao palco, rezando para que o

bebezinho que está dormindo ali perto não sonhe, e pega seu diploma. Troca um aperto de mãos com Abernethy. Coloca sua franja para o outro lado. Desce pela escadaria do palco com passos leves e volta à sua cadeira dobrável para esperar.

Quando o palco fica silencioso e o diretor Abernethy profere sua última palavra de parabéns, os capelos voam e o som das vozes ao redor aumenta, enchendo o auditório. Janie tira seu capelo e coloca-o debaixo do braço, aguardando. Esperando acabar. Para que ela possa dizer adeus a este lugar, de uma vez por todas.

Quando o local barulhento, que mais parece um hospício, fica quase vazio, ela ainda está lá, parada, em pé. Apenas poucas pessoas permanecem no prédio, que agora parece uma floresta tropical depois de uma chuvarada. Ela caminha lentamente pelo local, na direção das escadas da saída, onde encontrará Cabel e quem quer que seja a pessoa com quem ele esteja tagarelando. Mas, por este momento, está sozinha.

O zelador chega com uma vassoura e sorri para ela. Janie dá um aceno com a cabeça e lhe retribui o sorriso. Ele começa a varrer o piso de madeira das passagens, um local que, com frequência, é usado como quadra de basquete. E então as luzes diminuem um pouquinho.

Janie pisca e se apoia na parede, só por prevenção.

Mas não é o sonho de ninguém.

É apenas o fim de algumas coisas.

E o início de outras.

O fim está próximo:

GONE

D E S A P A R E C E R

Som de estática e cores chocantemente brilhantes. Novamente, Janie quase cai de joelhos, mas dessa vez está muito mais preparada. Caminha às cegas na direção da cama, e Cabel ajuda-a se mover pelo chão com segurança enquanto sua cabeça lateja com o barulho. Está mais intenso do que nunca.

Quando Janie acha que seus tímpanos vão estourar, a estática diminui e a cena muda para uma luz tremeluzente e uma mulher no escuro. É a mesma mulher do dia anterior, Janie tem certeza disso, embora não consiga ver nenhum traço que a distinga. E então, Janie vê que o homem está lá também. Está nas sombras, sentado em uma cadeira, observando a mulher. Henry vira-se, olha para Janie e pisca. Arregala os olhos e endireita-se em sua cadeira.

— Ajude-me — ele implora.

E então, como uma tira de filme que se arrebenta, a imagem é cortada e a estática retorna, mais alta do que nunca, um grito constante em seus ouvidos. Janie trava uma luta, com a cabeça latejando. Tenta arrancar-se do sonho, mas não consegue concentrar-se... a estática está bagunçando sua capacidade de concentração.

Ela está se debatendo no chão agora. Tensa.

Acha que Cabel está ali, segurando-a, mas não consegue sentir nada.

As cores brilhantes dão com tudo nos olhos dela, atingem seu cérebro, seu corpo. A estática é como se fossem puncturas em cada poro de sua pele.

Ela está presa.

Presa no pesadelo de um homem que não consegue acordar.

Janie trava uma nova luta consigo, sentindo como se estivesse sufocando. Sentindo como se não fosse conseguir sair dessa confusão, ia acabar morrendo ali.

— Cabe! — ela grita. — Me tira daqui!

Mas é claro que ele não pode ouvi-la.

GONE

DESAPARECER



LISA McMANN

 novo século®

LISA McMANN

GONE

DESAPARECER

Livro 3



SÃO PAULO 2010

Gone

Copyright © 2009 by Lisa McMann

Published by arrangement with Simon Pulse, an Imprint of Simon & Schuster Childrens Publishing Division. No part of this book may be reproduced or transmitted in any form or by any means, electronic or mechanical, including photocopying, recording or by any information storage and retrieval system, without permission in writing from the Publisher.

Copyright © 2010 by Novo Século Editora Ltda.

Alli rights reserved.

PRODUÇÃO EDITORIAL Equipe Novo Século COMPOSIÇÃO DE CAPA Equipe Novo Século

PROJETO GRÁFICO Equipe Novo Século DIAGRAMAÇÃO Diego Cortez PREPARAÇÃO Catia Almeida REVISÃO Larissa Wostag Ono Patrícia Murari

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

McMann, Lisa

Gone: livro 3 / Lisa McMann, [tradução Ana Death],

— Osasco, SP: Novo Século Editora,

2010. --)Trilogia Wake)

Título original: *Gone*.

1. Ficção norte-americana I. Título. II Série

10-11121 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura norte-americana 813 2010

IMPRESSO NO BRASIL

PRINTED IN BRAZIL

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À Novo SÉCULO EDITORA.

Rua Aurora Soares Barbosa, 405 — 2º andar CEP 06023-010 — Osasco — SP

Tel.: (11) 3699-7107 — Fax: (11) 3699-7323

www.novoseculo.com.br

Digitalização e Revisão: Yuna (Toca Digital)

*Para todos aqueles que têm problemas em casa.
Vocês não estão sozinhos.*

JUNHO DE 2006

24 horas/7 dias por semana/365 dias no ano

É como se ela não conseguisse mais respirar, não importa o que fizesse.

Como se tudo estivesse perto dela, uma multidão formando-se ao seu redor. Ameaçando-a.

A audiência. A verdade vindo à tona. Reviver a festa do Durbin na frente de um juiz e dos três canalhas olhando-a de cima até embaixo. Câmeras seguindo-a no primeiríssimo segundo em que colocasse os pés para fora da sala do tribunal. Exposta como agente da narcóticos, com todo mundo na Fieldridge falando disso.

Falando dela.

Durante semanas, ela está nas notícias locais. É fofoca no mercadinho. No centro da cidade. As pessoas apontam, murmuram com as cabeças bem perto umas das outras, com aqueles olhares estampados nos rostos. Vêm aleatoriamente até ela e fazem perguntas invasivas. Estranhos, antigos colegas de classe, inclinando-se a ponto de invadir seu espaço, sussurrando, como se fossem seus confidentes mais próximos. *Então, o que eles realmente fizeram com você?*

Janie não foi feita para isso — ela é do tipo solitário. Do tipo que fica à margem. É como se ela nunca tivesse tido tempo de fazer com que todas as outras coisas entrassem em seu consciente — as coisas reais, aquelas que importam. As coisas relacionadas às mudanças em sua vida. As coisas do caderno verde.

Ficar cega. Perder o uso das mãos.

A pressão é de tirar o fôlego.

Ela está ficando sufocada.

Só quer correr.

Esconder-se.

Para que possa apenas viver.

Julho de 2006

Cinco minutos que fazem a diferença.

Do outro lado da mesa. O lugar perto dela, vazio.

— Eu não sei mais — diz ela. — Eu não sei.

Pressiona as palmas de suas mãos contra as têmporas,
esperando que sua cabeça não exploda.

— O que você decidir — diz a mulher.

É o segredo delas.

E ENTÃO

Terça-feira, 1º de agosto de 2006, 7h25

— Não consigo respirar — sussurra ela.

Os dedos quentes dele enlaçam as costelas dela, atravessando sua pele com o calor, até chegar aos pulmões congelados. Ele a abraça. Beija-a. Respira por ela. Através dela.

Faz com que esqueça.

Depois disso, ele diz:

— Vamos indo. Agorinha. Venha!

Ela faz o que ele manda.

Na viagem de carro que dura três horas, ela olha, por entre os cílios, para seus dedos borrados, curvados em seu colo. Finge estar dormindo. Incerta sobre o porquê. Apenas mergulhada no silêncio. E sabendo lá no fundo.

Sabendo que ele,

e isso,

não são respostas para os seus problemas.

Ela está começando a perceber o que é.

A PRIMEIRA QUINTA-FEIRA

3 de agosto de 2006, 1h15

Não se encontra curiosos em lugar algum neste lado do estado. Aqui, na cabana alugada de Charlie e Megan, em Fremont Lake, ninguém a conhece. Os dias passam em paz, mas as noites... em uma pequenina cabana, as noites são ruins. Sonhos não tiram férias, quando as pessoas estão de férias.

Tem sempre alguma coisa, né? Sempre alguma coisa e nunca nada para Janie. Nunca, nunca, nada.

Como o carro que, um dia, um médico lhe disse que nunca deveria dirigir... Ela sente desejo por ele. Um desejo intenso, ilusório. E quando o próximo pesadelo começa, ela pensa nisso para valer.

1h23

Janie estremece em um sofá cheio de saliências. Ao lado dela, estirado em uma cadeira de descanso, está Cabe. Dormindo.

Sonhando com ela.

Janie o observa, como faz às vezes quando ele tem doces sonhos. Armazenando lembranças. Para depois. Mas este...

Eles estão jogando *paintball* em um campo aberto, com uma dezena de pessoas sem rostos. Parece um videogame. Cabe e Janie atravessam os obstáculos e atiram um no outro, rindo, esquivando-se, escondendo-se. Cabe avança furtivamente e dá dois tiros em Janie; duas bolas vermelhas de tinta.

Que acertam em cheio os globos oculares dela.

Tinta vermelha escorre por suas bochechas; há buracos onde antes haviam olhos.

Ele continua atirando e arrancando um membro de cada vez, até que Janie vira um tronco com o rosto cheio de listras de tinta.

Ele chora, soluçando, com remorso. Ajoelha-se ao lado dela no chão, então a pega e a carrega, colocando-a em uma cadeira de rodas. Empurra a cadeira, até uma parte vazia do campo. Depois, joga Janie lá na grama amarela.

Janie arranca-se do pesadelo. Sabe que não deveria estar desperdiçando sonhos. Mas não consegue evitar. É incapaz de ignorar.

Quando consegue enxergar, fica com o olhar cravado no teto, no escuro, enquanto Cabe se remexe e se vira de um lado para o outro. Ela passa o braço sobre os olhos, tentando esquecer. Tentando fingir que isso não está acontecendo por dois meses seguidos.

— Por favor, pare — ela sussurra. — Por favor.

4h23

Ele volta a sonhar, e ela é forçada a acordar de novo.

Segura a cabeça.

Janie e Cabel estão no quintal da casa de Cabe, sentados na grama verde. Os braços de Janie terminam em seus cotovelos. Os olhos dela estão fechados, costurados com linha, e as agulhas ainda estão lá, presas nos fios, penduradas, caindo pelas bochechas dela. Lágrimas negras.

Cabel está agindo como um louco. Ele puxa uma espiga de milho de um saco da mercearia e tira a palha. Ele a prende a um dos cotovelos de Janie. Tira duas bolinhas de gude do saco de papel. Grandes bolinhas de gude da cor de olho de tigre, marrons. Empurra-as para dentro das pálpebras costuradas de Janie, com força, mas elas não querem aderir. Janie cai para trás como uma boneca de pano, incapaz de se segurar sem as mãos. A espiga de milho solta de seu braço e sai rolando para longe. Cabe segura nas mãos as bolinhas de gude da cor de olho de tigre.

Janie, dormente, não consegue mais ver aquilo. E não vai tentar mudá-lo. Não um sonho desses. Porque é sobre ela e a forma como Cabe está lidando com as coisas. Parece totalmente errado

manipular isso. Ela apenas tem esperanças de que ele nunca lhe peça ajuda.

Ainda assim, ela não quer que ele fique sonhando, e ponto final. Nada disso. Ela dá um chute nele com a perna. Conecta-se. Tudo fica preto.

— Desculpa — ele balbucia.

E volta a dormir.

Tem sido assim.

É como se tudo o que ele não consegue dizer, não consegue pôr para fora, surgisse em seus sonhos.

9h20

Agitos familiares colocam um fim nos sonhos. Um alívio bem-vindo. Janie descansa a cabeça no sofá, meio dormindo. Falando para ela mesma se recompor. Voltar à normalidade. Ela veste sua máscara, sua fachada.

Até conseguir pensar no que vai fazer a respeito.

Da vida.

Dele.

9h33

Ela ouve o ranger da cadeira de descanso, e então sente Cabel aninhando-se atrás dela no sofá. Ela fica com o corpo rígido, só um pouco. Apenas por um segundo. Então, respira fundo. Ele desliza seus dedos cálidos pela barriga dela, sob a camisola. Ela sorri, com os olhos ainda fechados.

— Você vai fazer a gente se meter em encrenca — diz ela. — Você conhece as regras do seu irmão.

— Estou em cima da coberta. Você está debaixo dela. Eles ficarão de boa com isso. E não estou fazendo nada.

Ele acaricia a pele dela, beija seu ombro. Desliza os dedos até o cóc das calças de pijama dela.

— Cara! — Janie coloca seus dedos nos dele, ficando assim por um bom tempo. — Não! — ela grita, para o caso de Charlie e Megan estarem prestando atenção. — Não tem nada acontecendo aqui.

Depois, murmura para Cabel:

— Você está preparando o café da manhã. Certo?

— Certo. Estou acendendo o fogo com minha mente, fritando o bacon com os meus pensamentos mais negros e crocantes. E você achou que tinha uma habilidade especial. Pense duas vezes, senhorita.

Janie ri, mas a risada sai forçada.

— Você dormiu bem?

— É... — o queixo dele raspa no ombro dela. — Tão bem quanto alguém consegue dormir em tiras onduladas de plástico fibroso e uma vara de metal na bunda — ele belisca o lóbulo da orelha dela e acrescenta: — Por quê? Eu tive um pesadelo? Você sempre me deixa nervoso quando pergunta isso.

— Silêncio! — diz Janie. — Vai me arrumar um pouco de bacon.

Ele fica quieto por um momento e depois se levanta. Veste seu jeans.

— Está bem, certo.

9h58

Eles fazem coisas que pessoas fazem nas férias. Ficam sentados perto de Charlie e Megan, bebendo café, preparando café da manhã perto da fogueira. Relaxando. Conhecendo-se melhor.

Janie está distraída.

Ela fica olhando fixamente para tudo, com medo de não ver algo que precisa ser visto antes que seja tarde demais.

Ela realmente não sabe como tirar férias.

Além disso, há algumas coisas das quais não tem como se livrar.

Mas ela é valente. Tudo parece normal. Embora, por dentro, ela esteja em frangalhos.

Foram poucos, mas difíceis, esses meses.

Ficar frente a frente com eles — Mestre, Feliz e Loide — foi bem mais difícil do que ela imaginou que seria. Reviver todas as mentiras. A armação. Os ataques. Todas as coisas que aqueles professores fizeram. Foi horrível.

Agora que a bagunça diminuiu, as coisas ainda estão difíceis. Voltar a seu rumo de novo e encarar a realidade de um futuro como cega e aleijada... é difícil. Ter uma mãe bêbada, isso também é difícil. Pensar na faculdade, onde as pessoas estão dormindo por toda parte... e em um namorado, com dúvidas e medos que só vêm à tona em seus sonhos. A vida em geral... é. Tudo isso.

Realmente.

Tremendamente.

Difícil.

Janie e Cabe lavam a louça juntos. Na verdade, Cabel lava e Janie enxuga. Tem um quê de caseiro. Ela segura um prato com firmeza, secando-o com o pano de prato. Pensando.

Deseja saber se ele vai expressar em palavras os temores com os quais sonha.

E então ela diz, de repente:

— Você já pensou alguma vez em como vai ser isso? Sabe, se ficarmos juntos, e eu cega e capenga, derrubando e quebrando os pratos porque não consigo segurá-los...

Ela coloca o prato no armário.

Cabel estala os dedos perto dela, borrifando água nela. Sorrindo.

— Claro. Creio que sou muito sortudo. Aposto que pessoas cegas fazem um sexo excelente. Vou até usar uma venda para que fique justo.

Ele bate com seu quadril de leve no dela. Ela não ri. Endireita-se, e então pega a frigideira de aço inoxidável pelo cabo e começa a secá-la. Fixa o olhar em seu reflexo contorcido nela.

— Hei — diz Cabe. Ele seca as mãos em seu short e depois acaricia a bochecha de Janie. — Eu só estava brincando.

— Eu sei — ela suspira e então guarda a panela no lugar. Joga o pano de prato no balcão e diz: — Vamos. Vamos fazer algo divertido.

13h12

Ela se concentra.

Está frio na água, mas o sol da tarde está cálido em seu rosto, em seus cabelos.

Janie coloca-se a postos, com os joelhos flexionados, braços esticados, mas não travados, tentando se equilibrar. O colete salva-vidas está na altura de suas orelhas. Seus braços bem bronzeados são como palitinhos saindo dos imensos buracos do colete. Os óculos de Janie estão bem guardados, em segurança, no barco, então tudo está borrado. É como olhar através de uma espécie de parede de chuva.

Ela respira fundo.

— Vai! — ela grita, e então é lançada para a frente, impulsionando com os joelhos e com os braços tremendo.

Ela agarra a corda, com as juntas dos dedos brancas, as palmas das mãos e os músculos já doloridos dos esforços dos dois dias anteriores. *Recline-se para trás, ela se lembra e faz isso. Deixe que o barco a puxe para cima.*

Ela meio que se endireita.

Balança-se de um lado para o outro e pega as manhas.

Sua bunda está aparecendo, ela sabe disso. Mas não tem como evitar. Tudo o que pode fazer é sorrir, às cegas, enquanto os pingos de água vêm como se fossem tapas e atingem seu rosto como se fossem agulhadas.

Ela está indo bem.

— Uh-huh! — ela grita.

Megan está tranquila ao leme da pequena lancha. Observa Janie pelo espelho retrovisor como as boas mães observam seus filhos, com a testa enrugada de preocupação, mas assentindo com a cabeça. Sorrindo.

Cabel fica de frente para Janie, na posição de observador, na popa da lancha, sorrindo daquele jeitinho dele. Seus dentes brancos reluzem em contraste com sua pele bronzeada e seus cabelos castanhos, com faixas douradas devido ao brilho do sol, voando desordenadamente ao vento. As cicatrizes das queimaduras, salientes em sua barriga e em seu peito, brilham em um tom de marrom-prateado.

Mas ambos são apenas pontinhos para Janie, daquela distância de mais de vinte metros. Cabe grita algo que soa entusiástico, mas que se perde em meio ao ruído do motor e das rajadas de água.

As pernas e os braços de Janie tremem enquanto secam com o ar, recebendo, em seguida, rajadas de água de novo. Sua pele arde.

Megan os mantém perto da encosta cheia de salgueiros. Conforme se aproximam da praia da cidade e da área do acampamento, Megan manobra facilmente a lancha, fazendo um grande semicírculo e virando-os. Janie fica tensa com a virada, mas é apenas um solavanco leve no meio do caminho. Logo que se estabilizam, Janie umedece os lábios e então, determinada, faz um sinal de o.k. para Megan com o polegar.

Mais rápido.

Megan atende ao pedido dela e acelera na direção da doca, que fica perto da cabaninha envernizada, de cor vermelho-amarronzada, uma das seis que formam pontinhos na costa, no Rustic Logs Resort. Então ela continua, deixando-as para trás. Explorando novos territórios.

Eu sou demais, pensa Janie. Ela aperta os olhos para enxergar melhor e faz uma ousada e bem-sucedida tentativa de cruzar o caminho novamente, enquanto os dois no barco a animam a continuar.

No momento em que Janie sente algo, é tarde demais.

Uma mulher está deitada, tomando banho de sol em uma espécie de boia na água, com a pele reluzente por causa do bronzeador e do suor. Janie não consegue discernir a cena, mas está bem familiarizada com os avisos. Sente um nó no estômago.

Janie passa voando pela mulher e é engolfada pela escuridão. Há um lampejo de três segundos de um sonho, antes de tudo

acabar e ela sair do alcance dele de novo. Mas isso é o suficiente para tirar o equilíbrio de Janie. Seus joelhos se curvam, os esquis se enroscam sob ela, e Janie voa para a frente como uma louca, com a água abrindo um caminho forçado pela sua garganta adentro, entrando pelas narinas também. Seu cérebro, a propósito, está fritando. Um esqui acerta sua cabeça com tudo e ela é forçada para debaixo d'água. Ela não está diminuindo a velocidade.

Se você cair, largue a corda.

Dãã.

Janie aparece na superfície, tossindo e cuspiendo água, com a cabeça pegando fogo. Maravilhada com o fato de ainda estar vestindo o colete salva-vidas bem maior do que ela, embora esteja todo retorcido. Sente náusea depois de engolir quase metade do lago. Seca a água de seus olhos ardentes e dá uma espiada, tentando enxergar em meio aos borões, desorientada, desejando estar de óculos. Tampões nos ouvidos. Quando plantas aquáticas de repente fazem cócegas em seus pés suspensos, ela solta um epa! e seu corpo tem um leve espasmo de nojo. Depois, ela tenta não pensar em estar cercada pelas grandes carpas de um laranja-amarelado... e seus excrementos.

Eca. Não gosto disso, hei!

Barcos zunido ao longe.

Não parece que nenhum deles está vindo para resgatá-la.

Finalmente, ela ouve um som bem ruidoso, abafado. Quando o motor para, Janie grita por ele.

— Cabe?

Ainda é o único nome que parece seguro para ela dizer.

13h29

Na lancha, Cabel a embrulha com uma toalha. Entrega os óculos a Janie.

— Tem certeza de que está tudo bem com você? — ruguinhas se formam em torno dos olhos dele, que está tentando não sorrir.

— Bem — rosna Janie, irritada, trincando os dentes.

Megan dá uma olhada no galo da cabeça de Janie, e então puxa a corda de reboque.

Cabel dá uma tossidinha leve e pressiona seus lábios.

— Aquilo foi, ah... bem... um show e tanto, Hannagan.

— Você está realmente rindo de mim? Sério? — Janie esfrega seus cabelos com uma toalha. — Eu quase morri ali. Ainda por cima, meu cérebro está infectado com plâncton e merda de carpas. É melhor tomar cuidado ou vou jogar uma bola de muco em você.

— Eu, hein? Eca! Que nojo! — Cabe ri. — Mas, é sério, você deveria ter se visto. Não é, Megan? Gostaria de ter uma câmera de vídeo.

— Nossa, prefiro ficar neutra como a Suíça! — diz Megan.

Com a corda rebocada, ela acelera o motor e vira a lancha de volta à doca.

Pela segunda vez hoje, Janie não está rindo.

Cabel continua falando mais alto que o ruído.

— Tipo, a virada foi uma coisa, já a resistência... aquilo era algo totalmente sem controle. Suas pernas estavam voando. Lembra a regra número um do esqui aquático?

— Eu sei. Quando cair, solte a corda, eu sei. Só que tem um monte de merda para lembrar quando a gente está lá.

Cabel ri de deboche.

— Um monte... é, um monte de merda para lembrar — ele ri durante um bom tempo, e ri muito, limpa os olhos e tenta se controlar. — Largar a corda se ela estiver fazendo com que você se afogue deveria ser uma resposta automática, não? Técnica básica de sobrevivência.

Ela olha furiosa para ele.

Ele para de rir e olha para ela com inocência.

— Tá, tá, me desculpa — ele diz.

— Vai para o inferno — diz Janie.

Ela se vira para o outro lado e procura, apertando os olhos com seus óculos, tentando localizar a mulher que está dormindo na boia e que agora é uma minúscula ilha àquela distância. Você ainda não saca tudo, né, Cabe?

Provavelmente nunca vai.

— Recomponha-se, Hannagan — ela murmura. — Você está de férias, merda! Você está relaxando e se divertindo — diz, mas soa forçado.

— O que foi, docinho? — ele desliza até perto dela no banco da lancha.

— Eu disse que até que foi meio engraçado, não foi? — Janie olha nos olhos de Cabel. Esboça um sorriso tímido.

Com seu dedo, ele tira uma gota de água do queixo dela. Sorri. Leva o dedo aos lábios e lambe a água.

— Hum — diz ele, esfregando o nariz no pescoço dela. — Merda de carpa.

13h53

Cabel adormece enrolado em uma coberta debaixo da sombra de um carvalho.

Janie senta-se, com o queixo nos joelhos, olhando fixamente para seus dedos dos pés. Ouvindo o ritmo das suaves ondas lavando a encosta. Depois de um tempinho, ela se levanta.

— Vou caminhar um pouco — sussurra.

Cabel não se mexe.

Ela coloca uma camiseta de manga comprida por cima de seu maiô, enfia os pés em seus chinelos, pega o celular e caminha para trás da cabana, atravessando o pequeno estacionamento, até o íngreme caminho que dá para a estrada principal. Do outro lado da estrada, há um campo e um trilho de ferrovia. Os trilhos cintilam sob os raios de sol do final da tarde. Janie caminha pelos trilhos e pensa, feliz por ter um lugar calmo em que pode baixar a guarda com esse lance dos sonhos.

Depois de um tempo, ela para de caminhar. Senta-se nos trilhos, sentindo o metal quente contra a parte detrás de suas coxas atravessando a roupa fina. Abre o *flip* de seu celular e disca o número 2 da memória.

— Janie... o que está acontecendo? Está tudo bem?

Janie empurra gentilmente para longe uma grande abelha com a mão.

— Oi. É. Só estou pensando muito. Sobre o que conversamos... sabe? Muito tempo para pensar, quando se está de férias — ela diz e ri, nervosa.

— E?

— E... tem certeza de que vai ficar de boa com qualquer que seja a minha decisão?

— Claro! Você sabe que sim. Já se decidiu então?

— Na verdade, não. Eu estou... ainda estou decidindo.

— Já conversou com o Cabel sobre isso?

Janie estremece.

— Não. Ainda não.

— Bem, não a culpo por querer... e precisar... considerar todas as suas opções.

Janie sente um aperto na garganta.

— Obrigada, senhor.

— Você conhece o procedimento. Ligue a qualquer hora. E me diga qual será sua escolha.

— Farei isso.

Janie fecha o *flip* de seu celular e fica olhando fixamente para ele.

Não há nada mais a dizer.

No caminho de volta, ela pega no trilho uma moeda de um centavo amassada pelo trem, e se pergunta se foi colocada ali por alguém que está de férias, naquela região. Imagina se alguma criancinha animada vai voltar para pegá-la. Coloca-a de volta no trilho, para quem quer que consiga vê-la, com certeza. Volta caminhando lentamente até a cabana, para largar suas coisas lá. E depois, vai para fora, para debaixo da árvore.

Observa Cabe dormindo. Depois, cochila também, sempre que consegue dar um jeitinho de esquivar-se, dos sonhos de Cabel e dos sonhos de uma criança que dorme em algum lugar, provavelmente na cabana ao lado.

Não tem como fugir disso tudo. Nem para lugar algum.

Não tem saída para ela.

17h49

Ouve-se um zunido forte, e o trem passa veloz pelo topo da colina. Todos que estavam dormindo acordam.

— Outro dia cheio no lago — murmura Cabel. — Meu estômago está roncando.

Ele rola sobre a coberta. Janie não consegue resistir. Aninha-se perto dele para aquecer o corpo de Cabel.

— Dá para ouvir seu estômago roncar — ela diz. — E sinto o cheiro de carvão na grelha.

— Acho que deveríamos nos levantar agora.

— Eu sei.

Eles permanecem parados. Janie descansando a cabeça no peito de Cabel, há uma leve brisa vindo do lago. Ela contrai os olhos e fecha-os, abraça Cabe, inspira o aroma dele, sente o calor do peito dele em sua bochecha. Ama-o.

Esfrangalha-se mais um pouco por dentro.

18h25

Janie ouve o clique da porta de tela da cabana e senta direito, com uma sensação de culpa, enquanto Megan caminha na direção deles.

— Desculpe, Megan... era para a gente estar ajudando você a preparar o jantar.

— Sem problema — diz Megan, com um grande sorriso. — Vocês precisavam tirar um cochilo depois daquele lance do esqui e do afogamento. Mas seu celular está tocando lá na cabana. Não sei o que fazer com ele.

— Obrigada. Vou ver.

Cabel senta também.

— Está tudo bem? A propósito, onde está o Charlie?

— Na cidade, fazendo algumas compras na mercearia. Está tudo bem. Relaxem — diz Megan. — Sério. Tem sido difícil para

vocês... vocês precisam descansar.

Obediente, Cabel afunda de volta na coberta enquanto Janie fica de pé.

— Já volto — diz ela. — É melhor que não seja a Capitã com uma missão ou vou cair fora dessa.

Cabel ri.

— Você não faria isso.

18h29

Mensagens na caixa postal.

De Carrie. Cinco mensagens.

E são ruins.

Janie ouve, incrédula. Ouve de novo, pasma.

— Hei, Janers, caramba, onde você está? Me liga.

Clique.

— Janie, é sério. Há algo de errado com sua mãe. Me liga.

Clique.

— Janie, é sério!!! Sua mãe está cambaleando de um lado para o outro no quintal da frente da sua casa, gritando seu nome. Você não disse a ela que estava indo para Fremont? Ela está totalmente bêbada, Janie... ela está choramingando e... ah, caramba. Ela está na rua.

Clique.

— Hei. Estou levando sua mãe até o County Hospital. Se ela vomitar na Ethel, eu vou te matar! Me liga! O quê? Caramba. A bateria do meu celular está acabando, então talvez eu tente te ligar do hospital, sei lá... não sei o que te dizer. Vou tentar falar com você de novo quando tiver uma oportunidade.

Clique.

— Ai meu Deus! — Janie fica olhando para o celular, mas na verdade não está olhando para ele. Então, liga para Carrie.

Cai na caixa postal de Carrie.

— Carrie! O que aconteceu? Me liga. Estou com meu telefone agora. Me desculpa. Eu estava... tirando um cochilo.

Soa forçado. Como quem não se importa. Até mesmo frívolo, quando Janie diz isso em voz alta. *O que eu tinha na cabeça quando deixei minha mãe sozinha por uma semana?*

— Ah, meu Deus. Me liga!

Janie fica lá, parada, em pé, com todo o alento sendo sugado dela e substituído pelo medo. *E se algo estiver mesmo errado?*

E depois, raiva.

Nunca terei uma vida enquanto essa mulher viver, ela pensa.

Aperta os olhos, fechando-os, removendo esse pensamento da cabeça de imediato.

Não consegue acreditar, ela era uma pessoa horrível a ponto de pensar em tal coisa.

Charlie entra na cozinha da minúscula cabana com um saco marrom da mercearia e para de repente, quando vê o olhar estampado na cara de Janie.

— Você está bem? — ele pergunta.

Janie pestaneja, incerta.

— Não, acho que não — diz baixinho. — Eu acho... acho que tenho de ir.

Charlie coloca, meio que jogando, as compras sobre o balcão.

— Cabe! — o grito dele atravessa a porta de tela. — Vem aqui!

Janie coloca o telefone de lado e puxa sua mala do armário. Começa a jogar suas roupas dentro dela. Olha para o seu eu desgrenhado no espelho e passa os dedos pelos nós de seu cabelo loiro-escuro .

— Ah, meu Deus — ela diz para si mesma. — Que diabos há de errado com a minha mãe?

E então ela se dá conta.

E se sua mãe estiver mesmo morrendo? Ou morta?

É algo ao mesmo tempo fascinante e horripilante. Janie imagina a cena.

— O que foi? — pergunta Cabel, entrando na cabana. — O que está acontecendo?

— Aqui — ela diz, discando para sua caixa postal e entregando o telefone a Cabel. — Ouça todas as mensagens.

Enquanto Cabel as ouve, Janie, atordoadas, continua a fazer sua mala.

Depois que todas as suas coisas estão enfiadas na mala, percebe que precisa trocar de roupa; ela não pode dirigir até Fieldridge de maiô.

Ela não pode dirigir de jeito nenhum.

Detalhe muito importante.

— Caramba! — murmura Janie.

Ela observa enquanto Cabel ouve as mensagens. Observa a expressão no rosto dele ficando mais intensa.

— Oh, merda! — diz ele. Olha para Janie. Pega na mão dela.
— Que merda, Janie. O que eu posso fazer?

Janie enterra seu rosto no pescoço dele. Tentando não pensar. Infinitamente.

19h03

A viagem para casa leva três horas. Cabel está ao volante do BMW que a Capitã Komisky emprestou. Um locutor da rádio Grand Rapids faz uma piada idiota e depois toca *Bleecker Street*, de Danny Reyes, na hora dos pedidos dos ouvintes. Janie fica com os olhos pregados no telefone, desejando que Carrie ligue. Mas o telefone não toca.

Janie liga para o hospital. Eles não têm registro da entrada de nenhuma Dorothea Hannagan por lá.

— Talvez ela esteja bem e eles nem precisaram interná-la — diz Cabel.

— Ou talvez ela esteja no necrotério.

— Eles já teriam ligado para você se fosse isso.

Janie fica em silêncio, tentando pensar nos motivos pelos quais o hospital não ligou para ela, e também por que Carrie não ligou com novidades.

— Podemos ligar para a Capitã — diz Cabel.

— Em que isso vai ajudar?

— A Capitã? Ela pode conseguir informações sobre quem quiser.

— É verdade. Mas... — Janie suspira. — Eu não... minha mãe... não importa. Não. Não quero ligar para a Capitã.

— Por que não? Você ficaria mais calma.

— Cabe...

— Janie, é sério. Você deveria ligar para ela... pegar as notícias. Com certeza ela faria isso por você se está preocupada.

— Não, obrigada.

— Você quer que eu ligue para ela?

— Não. Certo? Eu não quero que ela saiba.

Cabel suspira, exasperado.

— Não entendo.

Janie cerra o maxilar. Olha para fora da janela. Sente o calor nas bochechas, as lágrimas ardendo. A vergonha. Diz, baixinho:

— É embaraçoso, ok? Minha mãe é uma bêbada maluca. Ela estava gritando e cambaleando no quintal em frente de casa? Meu Deus. Eu não preciso que a Capitã veja isso. Ou saiba disso, dessa parte da minha vida. É pessoal. Algumas coisas converso com a Capitã, outras não. Apenas desista!

Cabel fica em silêncio. Depois de alguns minutos com o locutor no rádio tagarelando, ele conecta seu iPod no som do carro. A música de Josh Schicker, *Feels Like Rain* “lava” o carro. Quando termina, e as notas da próxima começam, ele fica tenso e rapidamente desliga o aparelho. Sabe o que vem em seguida. Sabe que é *Good Mothers, Don't Leave!*

Passa uma hora enquanto eles viajam, atravessando Michigan, indo para o leste, deixando para trás, em seu caminho, um pôr do sol cor de laranja e brilhante. O trânsito está tranquilo. Janie reclina sua cabeça, apoiando-a na janela. Observando o borrão de um profundo conjunto de árvores verdes e campos amarelos ficando para trás, conforme avançam. Há um cervo em uma área de gramado, enquanto a escuridão se aproxima... ou talvez seja apenas aquele toco de árvore queimada que a engana toda vez.

Ela imagina quantas vezes mais verá cenas como esta. Tentando se lembrar de tudo o que vê agora, para usar depois.

Quando tudo o que ela terá é escuridão e sonho.

Ela tenta ligar para o hospital de novo. Ainda sem registro da entrada de Dorothea Hannagan. É um bom sinal, pensa Janie... exceto pelo fato de que Carrie ainda não ligou.

— Onde está ela? — Janie bate a cabeça no apoio do banco. Cabel dá uma espiada de lado em Janie.

— Carrie? Ela não disse que o telefone dela ia morrer?

— Disse que estava com pouca bateria. Mas há outros telefones...

Cabel dá uns tapinhas no queixo, pensativo.

— Ela sabe mesmo o número do seu celular, ou ele estava na memória para discagem rápida?

— Ahh. Boa! É isso mesmo. Na memória.

— Então, é por isso que ela não ligou. Ela não sabe seu número, está no celular sem bateria dela e ela não consegue acessá-lo.

Janie sorri. Expira, preocupada.

— É... provavelmente você está certo.

— Você tentou ligar para a sua casa para ver se sua mãe está lá?

— É... eu fiz isso também. Ninguém atende.

— Você ainda tem o número do Stu? Ou o número da casa da Carrie?

— Tentei ligar para casa dela. Ninguém atende. E não tenho o número do Stu. Deveria ter. Sempre quis...

— E o da Melinda?

— Claro — Janie bufa. — É só o que me faltava... os esnobes dos Hill espalhando essa história por aí — ela vira de volta para a janela. — Me desculpa por ter sido rude. Sabe... mais cedo.

Cabel sorri no escuro.

— Tá tudo bem — ele estica sua mão de encontro à de Janie. Entrelaça seus dedos nos dela. — Eu não estava pensando. Foi mal... — ele faz uma pausa. — Você sabe que ninguém pensa coisas ruins sobre você, por causa de coisas que não cabe a você controlar, como o que sua mãe faz.

— Ninguém? — Janie diz, com o olhar cheio de raiva. — Certo. Todos eles têm uma opinião sobre a confusão com o Durbin.

— Ninguém que importe.

Janie balança a cabeça.

— Sabe, Cabe, talvez os vizinhos, a cidade inteira de Fieldridge... talvez o que eles pensem realmente importe para mim. Quero dizer, ah, meu Deus. Esquece. Só estou cansada de tudo isso. Deixa quieto. O que vamos fazer agora?

Depois de uma pausa, Cabel diz:

— Direto para o hospital então, certo?

— É, imagino que seja o melhor a fazer. Ela pode simplesmente estar lá sentada, esperando no pronto-socorro. Vamos tentar lá primeiro... que tal?

— Sim.

21h57

Janie e Cabel estão em pé, parados, no pronto-socorro, sem saber o que fazer. Nenhum sinal de Carrie ou da mãe de Janie naquele lugar, perto de feridos e doentes. Ninguém na recepção tem registro da entrada dela ali também.

Cabel bate as pontas dos dedos nos lábios, pensando.

— Hannagan é o nome de casada da sua mãe?

Os músculos dos olhos de Janie ficam tensos, e ela os fecha.

— Não.

Ela nunca contou muito a Cabel sobre sua mãe, e ele nunca perguntava. Era assim que Janie gostava. Até agora.

— Uhm...? — prontifica-se Cabel. — Como deixo isso mais claro? Vejamos. Tá, sua mãe já atendeu por algum outro nome que não seja Hannagan?

— Não. O nome dela é Dorothea Hannagan, e este é o único nome que ela já teve. Sou bastarda, tá?

— Janie, é sério! Ninguém liga para isso.

— É, bem, eu ligo. Pelo menos você sabe quem são seu pai e sua mãe.

Cabel crava os olhos em Janie.

— E isso me fez um grandessíssimo bem.

— Ah, droga, Cabe. Me desculpa — Janie faz uma careta. — Modo de falar muitíssimo errado. Estou estressada... não sei o que estou falando.

Cabel parece estar a ponto de dizer algo, mas se contém. Olha em volta de novo, em vão.

— Vamos — diz ele, pegando-a pela mão. — Elevador. Vamos dar umas voltas, dar uma olhada nas salas de espera. Dez minutos, no máximo, e se não acharmos a Carrie, vamos voltar para sua casa e esperar. Não sei o que fazer além disso.

Janie sente um arrepio, como se fosse um bicho ardendo em sua pele. Sua mãe, a bêbada, está desaparecida.

22h02

Lá, na sala de espera do terceiro andar.

UTI.

Com os cotovelos nos joelhos e as mãos no rosto, os dedos enfiados em seus longos cabelos encaracolados. Inclinação para a frente. Como se estivesse pronta para pular, ficar em pé e correr como uma louca.

— Carrie! — diz Janie.

Carrie se move.

— Ah, que bom, você viu meu recado.

— Onde está... Minha mãe está...?

— Ela está no quarto com ele.

— O quê? Quem?

— Você não viu meu bilhete?

— Que bilhete? Tudo o que eu sei são as mensagens que deixou na minha caixa postal.

— Deixei um bilhete na Ethel... no estacionamento. Descobri que você é detetive agora, ou... sei lá. Deveria ter pensado em procurar meu carro. De qualquer forma, como diabos você me encontrou, então? Não importa. Sua mãe... ela está bem. Quero

dizer, ainda está bêbada, mas está caindo na real agora... Tipo, caindo muito na real. Está toda chorosa e tremendo. Mas...

— Carrie — Janie diz com firmeza. — Foco! Diga-me o que há de errado com a minha mãe e onde posso encontrá-la.

Carrie suspira. Parece cansada.

— Sua mãe está bem. Só está bêbada.

Janie, nervosa, dá uma espiada pela porta aberta para o corredor, quando uma enfermeira passa por ali. Sua voz está baixa e soa urgente.

— Certo, certo, entendi que ela está bêbada. Ela está sempre bêbada. Podemos parar de falar isso alto, por favor? E se ela está bem, o que estamos fazendo na UTI?

— Ah, meu! — diz Carrie, balançando a cabeça. — Por onde eu começo?

Cabel empurra, com gentileza, Janie e Carrie em direção às cadeiras e senta com elas.

— Quem é “ele”, Carrie? Com quem ela está? — ele pergunta, gentilmente.

Janie assente com a cabeça, ecoando a pergunta.

Mas ela já sabe.

Só há um “ele” possível. Não há outro alguém no mundo. Não há outro alguém que faria com que a mãe de Janie reagisse daquela forma. Alguém com quem a mãe de Janie sonha.

Carrie, cujos olhos normalmente dançantes estão bem mortos devido ao cansaço do dia incomum, olha para Janie.

— Parece que é seu pai, Janers. Ele está, tipo, realmente doente.

Janie apenas olha para Carrie.

— Meu pai?

— Eles acham que ele não vai conseguir sobreviver.

22h06

Janie cai em sua cadeira. Paralisada. Sem ideia do que deve sentir em relação a essa notícia. Sem. A mínima. Ideia.

Cabel levanta a mão para interromper a conversa. Os três ficam sentados na sala de espera em silêncio por um momento; Janie parecendo pálida, Carrie mascando um chiclete, e Cabel fechando os olhos e balançando a cabeça bem de levinho.

— Começa do começo — diz ele.

Carrie concorda com a cabeça. Pensa.

— Tá, então... Hoje à tarde, provavelmente por volta das três, ouvi alguém gritando lá fora. Ignorei porque sempre tem alguém gritando na nossa vizinhança, certo? Estava lá, dobrando as roupas lavadas e então, pela minha janela, vi a mãe da Janie. O que é muito estranho, porque ela, bem, ela nunca sai a não ser que esteja indo ao posto de gasolina ou ao terminal de ônibus para pegar bebida, certo? Mas hoje ela estava lá de camisola, andando sem rumo pelo quintal...

Janie fica vermelha de vergonha e coloca as mãos no rosto.

— Ai meu Deus! — diz.

— ... ahm, estava gritando “Janie! Janie!”. E depois ela meio que tropeçou, e eu fui correndo lá fora para ver o que havia de errado com ela. Dorothea estava chorando e dizia: “O telefone! Eu tenho de ir até o hospital”, repetidas vezes, umas vinte vezes. Daí eu estava lá ligando para você e deixando mensagens e, por fim, simplesmente dirigi com ela até aqui porque não sabia mais o que fazer. E, tipo, demoramos mais ou menos uma hora lá sentadas no pronto-socorro, conversando com a recepcionista antes que ela... ahm... se acalmasse e conseguisse explicar que não estava doente... que tinha recebido um telefonema e que precisava ver o Henry.

Janie olha para cima.

— Henry?

— É, Henry Feingold. É esse o nome do cara.

— Henry Feingold — diz Janie.

O nome não lhe diz nada. Não tem significado algum para ela. Não soa como se fosse o nome que imaginava ser de seu pai.

— Como eu saberia se é ele mesmo? Dorothea — diz Janie, enfatizando cada sílaba — nunca me passou informação alguma sobre ele.

Carrie assente com a cabeça, solenemente, quando Janie acaba de dizer. Ela sabe.

E então.

Janie pestaneja, impedindo que as lágrimas caiam, quando percebe a verdade.

— Ele deve morar por perto, se o trouxeram até aqui. Acho que ele também nem se importou em me conhecer.

— Sinto muito, querida — diz Carrie, olhando para o chão.

Janie fica em pé, abruptamente, e vira-se para Cabel e Carrie.

— Não acredito que ela arruinou nossas férias. E eu sinto muito, Carrie, por você ter passado o dia e a noite inteiros aqui. Você é tão boa amiga... por favor, vai para casa, ou para casa do Stu, sei lá.

Ela vira-se para Cabel.

— Cabe, eu cuido disso a partir de agora. Tomo o ônibus para casa, assim que pegar minha mãe. Por favor. Vão descansar um pouco.

Ela caminha em direção à porta na esperança de que Carrie e Cabe a sigam, para que possa conduzi-los para fora, e sofrer com a vergonha de tudo isso em particular. Seu lábio inferior treme. *Deus, esta é uma tremenda duma porcaria.*

Cabel fica em pé, e Carrie se levanta também.

— Então — Cabel diz para Carrie, enquanto seguem Janie até a porta —, o que há de errado com ele? Você sabe?

— Alguma coisa a ver com dano cerebral, algo assim. Não sei muita coisa... ouvi o médico dizer a Dorothea que ele ligou para a emergência e ainda estava consciente depois que chegou aqui, mas agora ele não acorda. Por fim, deixaram Dorothea entrar para vê-lo há uns trinta minutos. E, Janers — diz Carrie —, não foi nenhum incômodo, tá? Você faria o mesmo se minha mãe precisasse de ajuda. Certo?

A garganta de Janie fica apertada, e ela pisca, tentando impedir que as lágrimas caiam. Quando Carrie a abraça, Janie se engasga com um soluço.

— Obrigada — sussurra Janie nos cabelos de Carrie.

Carrie vira-se para ir embora e diz:

— Me liga.

Janie faz que sim com a cabeça, de novo, observando Carrie caminhar até os elevadores. E então ela olha para Cabel.

— Vai — diz ela.

— Não.

Ele não vai a lugar nenhum.

Janie suspira, sentindo-se desconfortável. Porque é ótimo que ele seja assim, que a apoie, mas esta situação é totalmente esquisita. E Janie nem sabe ao certo o que esperar.

É mais fácil fazer algumas coisas quando se está só.

Está silencioso e as luzes estão fraquinhas, quando Janie e Cabel atravessam as portas duplas para entrar no corredor da UTI. Janie sente o fraco puxão de um sonho distante e combate-o, de imediato, com impaciência. Dá uma espiada no quarto do culpado, cuja porta está levemente aberta e, baixinho, amaldiçoa-o. Frustrada, nem consegue fugir dos sonhos das pessoas, nem mesmo quando sua mente está extremamente ocupada com outras coisas.

Eles chegam à recepção, onde fica a enfermeira. Janie pigarreja.

— Henry... ahm... Fein... Stei...

— Feingold — diz Cabel, com calma.

— Vocês são da família? — pergunta a enfermeira. Ela olha para eles com suspeita.

— Eu, ahm... — diz Janie. — É. Ele é meu... pai... eu acho.

A enfermeira vira a cabeça para o lado.

— O truque para entrar no quarto de alguém é mentir de *modo convincente!* — diz ela. — Boa tentativa.

— Eu... eu não quero entrar no quarto dele. Só diz para minha mãe que estou aqui, certo? Ela está lá dentro com ele. Ficarei lá na sala de espera.

Janie vira-se abruptamente e Cabel encolhe os ombros, olhando para a enfermeira, e segue Janie. Voltam à sala de espera, atravessando novamente as portas duplas e deixando uma enfermeira perplexa olhando para eles enquanto se vão.

Janie murmura algo baixinho, enquanto se joga em uma cadeira.

— Feingold. Harvey Feingold.

Cabe olha para ela de relance.

— Henry.

— Certo. Nossa! Ninguém imaginaria que trabalho para os tiras.

— Provavelmente o motivo de ser tão convincente quando está disfarçada — diz Cabel, sorrindo.

Janie dá uma cotovelada nele, automaticamente.

— Bem, não mais. Não se esqueça de que você está conversando com uma garota da narcóticos — ela vira-se na direção dele, pega em sua mão e implora: — Cabe, você realmente deveria ir embora. Dormir um pouco. Volte para Fremont e curta o restante da semana. Estou bem aqui. Consigo lidar com isso.

Cabel encara Janie e suspira.

— Sei que você consegue lidar com isso, Janie. Você é uma maldita duma mártir. É cansativo, mesmo, ter essa discussão com você toda vez que problemas acontecem. Deixa quieto. Não vou embora.

Ele sorri, um sorriso falso e diplomático.

O queixo de Janie cai.

— Mártir!

— Ah. É. De leve.

— Por favor! Não se pode ser mártir de leve. Ou você é ou você não é. É algo, tipo, *único*.

Cabel ri gentilmente, com os cantos dos olhos formando ruguinhas. E então ele simplesmente olha fixo para ela, com o sorriso torto do qual Janie se lembra, da época embaraçosa do *skate*.

No entanto, agorinha, parece que Janie não consegue lhe retribuir o sorriso.

— Hum... sobre essaaventurazinha — ela começa —, é realmente mortificante, Cabe. Eu estou... estou tão envergonhada com isso, e tem tanta coisa na minha cabeça, e mal consigo suportar o quão legal você está sendo comigo. Eu odeio estar

arruinando o seu tempo livre, em vez de ser só o meu. Então, por favor. Eu me sentiria bem melhor se você apenas, você sabe...

Janie olha para ele, sentindo-se impotente.

Cabel pestaneja.

Ele enrugando a testa e olha sério para ela.

— Ahh — ele diz. — Você realmente quer que eu vá para casa. Quando você diz que isso é vergonhoso, quer dizer que você tem vergonha de que eu saiba disso também?

Janie olha para o chão, respondendo à pergunta dele.

— Ah... — Cabel mede suas palavras, magoado. — Me desculpa, Janers. Não captei essa.

Ele levanta rapidamente. Caminha até a porta. Janie segue-o até o corredor perto dos elevadores.

— Eu... vejo você por aí, acho — diz ele. — Me liga quando... quando quiser.

— Farei isso — diz Janie, com o olhar fixo na placa que diz: CELULARES DEVEM SER DESLIGADOS. — Te mando uma mensagem depois. Isso é mesmo algo que eu gostaria de lidar sozinha no momento, tá? Eu te amo.

— É. Tá. Te amo também — Cabel gira nos calcanhares e faz um aceno com a mão, meio incerto, para ela. Ele olha por cima do ombro: — Hei? Não tem ônibus entre as duas e as cinco da manhã, você sabe, né?

Janie sorri.

— Sei.

— Não vá ser sugada para nenhum sonho, tá?

— Tá. Silêncio! — diz Janie, esperando que ninguém tenha ouvido aquilo.

Antes que ele possa pensar em alguma outra coisa, Janie volta, furtivamente, para a sala de espera, para sentar-se e pensar.

Sozinha.

1h12

Ela cochila na cadeira da sala de espera.

De repente, sente que alguém a observa. Alarmada, acorda e senta.

Pelos menos sua mãe está vestida decentemente, e não com a camisola que Carrie mencionou.

— Hei — diz Janie.

Ela fica em pé. Caminha na direção da mãe e para, sentindo-se estranha. Incerta quanto ao que fazer. Abraçar? É o que fazem na TV. Esquisito.

Dorothea Hannagan está suando horrores. Tremendo. Janie não quer encostar nela. Esta cena toda é tão estranha que é quase de outro mundo.

E então.

Loucura.

— Onde você estava? — a mãe de Janie desmorona e começa a chorar, a gritar muito alto. — Você nem me diz nada sobre aonde você vai, só some. Aquela garota estranha, a vizinha, teve de me trazer de carro até aqui... — as mãos dela estão tremendo, e os olhos alternam o foco rapidamente, indo do chão de novo para Janie, acusativos, furiosos. — Você não se importa com sua mãe agora, é isso? Está só curtindo a vida por aí com aquele garoto?

Janie dá um passo para trás, chocada, não apenas com o completo recorde de palavras ditas por sua mãe em um dia, mas ainda mais pelo tom da voz dela.

— Ai meu Deus!

— Não me responda.

As mãos de Dorothea, tremendo, abrem com tudo sua bolsa velha de vinil, e ela busca freneticamente por algo nela, jogando envelopes e papéis nas cadeiras da sala de espera. Torna-se dolorosamente óbvio que o que ela está procurando não está ali. Dorothea desiste e desaba em uma cadeira.

Janie, parada em pé, observa.

Ela está tremendo um pouco também.

Está imaginando como lidar com a situação. E por que motivos ela tem de fazer isso. *Já não me deu problema demais para resolver?*, ela diz para o nada. Ou talvez para Deus. Ela não sabe. Mas sabe de uma coisa: ficará feliz em estar longe dessa confusão.

Janie pega os objetos espalhados da sala de espera, enfia-os na bolsa e pega sua mãe pelo braço.

— Venha, você tem um pouco em casa, certo?

Janie faz com que Dorothea fique em pé.

— Eu disse vamos. Temos de pegar o ônibus.

— E seu carro? — pergunta Dorothea. — Que aquela garota estava dirigindo.

Janie pestaneja e olha para sua mãe, arrastando-a consigo a caminho do elevador.

— É, mãe. Vendi o carro para ela, faz meses, lembra?

— Você nunca me fala...

— Só... — Janie arde de raiva. *Eu não falo nada para você? Ou você está bêbada demais para se lembrar?* Ela inspira e expira devagar. — Apenas venha. E não me envergonhe.

— É, bem, não me envergonhe também.

— Tá, tá.

Janie dá uma rápida espiada por cima do ombro, para o fundo do corredor onde se presume que seu pai esteja deitado, morto ou vivo, Janie não sabe.

Não se importa mesmo.

Espera que acabe logo, morra logo, para que ela não tenha de lidar com ele. Porque tudo o que Janie sabe é que os pais não passam de problemas.

2h10

Dorothea mexe os dedos, nervosa como uma *junkie*, durante o caminho todo no ônibus até em casa. Janie, frustrada, esquiva-se do sonho de um passageiro sem-teto e fica feliz por ser uma viagem curta.

Quando chegam em casa, lá, na escada da frente, está a mala de Janie.

— Maldição, Cabe — ela murmura. — Por que você tem sempre que ser tão atencioso?

A mãe de Janie anda em linha reta até a cozinha, pega uma garrafa de vodca que estava embaixo da pia e fica reclusa em seu quarto sem dizer palavra alguma. Janie deixa a mãe sozinha. Terá tempo amanhã para descobrir o que está acontecendo com esse tal de Henry, quando Dorothea estiver boa e bêbada, e até certo ponto conseguindo raciocinar de novo.

Janie envia uma mensagem a Cabel.

Em casa.

Cabe responde sem demora, apesar do horário.

Obrigado, querida. Te amo. Te vejo amanhã?

Ela desliga o telefone.

— É, isso... — Janie fala baixinho, suspira e coloca o telefone em seu criado-mudo e a mala ao lado dele, e cai na cama.

4h24

Janie sonha.

Há pedras cobrindo o chão de seu quarto e uma mala em sua cama. Cada pedra tem algo escrito nela, mas Janie só consegue ler o que está escrito quando as pega.

Escolhe uma. AJUDE-ME é o que está escrito. CABE, na próxima.

DOROTHEA. ALEIJADA. SEGREDO. CEGA.

Quando coloca as pedras de volta no chão, elas ficam maiores, mais pesadas. Logo, ela sabe que não terá mais espaço no chão onde colocar as pedras, mas não consegue parar de pegá-las e ler o que está escrito nelas. O chão está lotado e Janie está com dificuldade para respirar. As pedras estão sugando o ar de seu quarto.

Por fim, Janie coloca uma pedra na mala. Ela encolhe e fica do tamanho de um pedregulho.

Janie, devagarzinho, metodicamente, pega todas as pedras e as coloca na mala. A tarefa parece infundável. Finalmente, ela pega a última: ISOLAR-SE. Coloca-a junto com as outras. Torna-se um pedregulho, e todos os outros pedregulhos desaparecem.

Janie olha fixamente para a mala. Sabe o que tem de fazer.
Fecha-a.
Pega-a.
E sai dali.

SEXTA-FEIRA

4 de agosto de 2006, 9h15

Janie está deitada, com o olhar cravado no teto. Pensando em tudo. E em mais essa coisa. O caderno verde, a audiência, as fofocas, a faculdade, sua mãe e agora esse cara, Henry. O que vem agora? Já é demais! Uma onda familiar de pânico toma conta dela, parando ali no peito e apertando-o. Muito forte. Com mais força ainda. Janie tenta respirar e não consegue ar suficiente. Rola para o lado enroladinha, como se fosse uma bola.

— Relaxa — ela diz, ofegante. — Relaxa, caramba!

Isso tudo é demais para ela.

Cobre a boca e o nariz com as mãos. Respira neles, inspira, expira, até que consegue respirar direito. Esvazia sua mente.

Concentra-se.

Respira.

Só respira.

9h29

A porta do quarto da mãe de Janie continua fechada.

Janie vaga sem rumo pela pequena casa, imaginando que diabos deveria fazer quanto a Henry. Dá umas mordiscadas em uma barrinha de granola, suando. O dia está quente para caramba. Ela liga o ventilador oscilante na sala de estar e abre com tudo a porta da frente, implorando por uma brisa, afundando depois no sofá.

Através da porta de tela rasgada, Janie vê Cabel estacionando na garagem e desta vez é seu coração que afunda. Ele salta do carro e vai dando passos largos e suaves em direção à porta da frente da casa dela. Vai entrando, como de costume. Ele para e deixa seus olhos se acostumarem com a mudança de claridade.

Solta um sorriso torto.

— Hei — ele diz.

Ela dá uns tapinhas no sofá gasto ao seu lado.

— Não escovei meus dentes ainda — ela diz, enquanto Cabel se inclina em sua direção. — Seu nariz está descascando.

— Não importa e não faz diferença — Cabel inclina-se para a frente e a beija. Então, ele afunda no sofá. — Está tudo bem para você... eu estar aqui... e tal? — ele pergunta.

— Tá — Janie desliza sua mão pela coxa dele e aperta-a. — Ontem à noite... eu só não sabia o que esperar. Não tinha certeza em relação à minha mãe, sabe? Não sabia o que ela ia fazer.

— O que ela fez? — ele olha em volta, nervoso.

— Não muito. Estava um pouco agressiva. Não, impossível. Mas ela não disse nenhuma palavra sobre Henry e não me atrevi a perguntar. Deus, ela não consegue nem aguentar doze horas sem beber! E se não tomar um drinque, ela fica má — Janie fica com a boca aberta e o queixo caído. — É vergonhoso, sabe?

— Meu pai era assim também. Só que ele era mau com e sem a bebida. Pelo menos ele era consistente — Cabel solta um sorriso torto e irônico.

Janie bufa.

— Acho que eu tenho sorte.

Ela dá uma espiada de lado em Cabel.

Considera.

Por fim, ela diz:

— Você alguma vez desejou que seu pai estivesse morto? Tipo, antes de ele machucar você? Só para que você pudesse, tipo, não ter mais de lidar com ele?

Cabel estreita os olhos.

— Todo. Santo. Dia.

Janie morde o lábio.

— Então, você está feliz por ele ter morrido na cadeia?

Cabel fica em silêncio por um bom tempo. Então, ele encolhe os ombros. Quando fala, sua voz é medida, quase clínica, como se estivesse conversando com um psiquiatra.

— Foi o melhor resultado possível, sob aquelas circunstâncias.

O ventilador sopra o vento, formando um caminho à altura do joelho, da TV até a mesinha de centro, atingindo os dois pares de

pernas descobertas no sofá no meio de sua rota. Janie treme um pouco quando o ar atinge sua pele ensopada de suor. Ela pensa em Henry Feingold, o estranho, supostamente seu pai. Morrendo. E, pela terceira vez em vinte e quatro horas, Janie gostaria que ele fosse alguma outra pessoa.

Ela encosta sua cabeça no ombro de Cabel e desliza seu braço atrás do dele. Ele vira-se, vai na direção do colo dela e os dois abraçam-se forte.

Porque não tem mais ninguém.

Ela está tão em conflito.

Janie imagina a vida sem pessoas. Sem ele. Coração partido e solidão, mas capaz de enxergar, de sentir. De viver. De existir em paz. Nem sempre olhando por cima do ombro para ver se o próximo ataque onírico está a caminho.

E imagina a vida com ele. Cega e torta, mas amada... pelo menos enquanto as coisas ainda estiverem bem. E sempre sabendo que luta ele está travando em seus próprios sonhos. Ela quer mesmo ver isso com o passar dos anos? Realmente deseja ser esse incrível fardo para um cara tão... incrível?

Ela ainda não sabe qual cenário ganha.

Mas está pensando.

Talvez seja mais fácil consertar corações partidos do que mãos e olhos.

9h41

Está quente demais para ficarem sentados daquele jeito por muito tempo.

Cabe estica-se.

— Você vai acordá-la? Voltar para o hospital?

— Ah, meu Deus, espero que não.

— Janie.

— É, eu sei.

— Pelo menos tem ar-condicionado lá.

— E no seu carro também. Quer dar uns amassos lá na garagem em vez de ir para o hospital?

Cabel ri.

— Pode ser, depois que escurecer. Na verdade, sim, que inferno! Só depois que escurecer. Mas é sério, Janie. Eu acho que você tem de conversar com sua mãe.

Janie suspira e revira os olhos.

— Imagino que sim.

9h49

Ela bate gentilmente na porta do quarto de sua mãe.

Dá uma espiada em Cabel.

Para Janie, este quarto não parece fazer parte da casa. É mais como se fosse apenas uma porta para outro mundo, um portal para a tristeza, do qual Dorothea aparece e desaparece ao acaso. É raro até olhar lá para dentro, a menos que sua mãe esteja indo ou vindo.

Ela espera. Entra, protegendo-se de um possível sonho. Mas a mãe de Janie não está sonhando no momento. Janie inspira e olha ao redor.

A luz filtrada do sol se espreme para entrar no quarto, atravessando os remendos da cortina gasta na janela. Os móveis são poucos, mas o que há lá está bagunçado. Pratos de papel, garrafas e copos estão no chão, do lado da cama. Está quente e cheio de coisas. Há um cheiro de ar velho.

Na cama, a mãe de Janie dorme de costas, com a fina camisola revelando a forma ossuda dela.

— Mãe — sussurra Janie.

Não há resposta.

Janie sente-se constrangida. Ela alterna-se, apoiada ora sobre um, ora sobre o outro calcanhar. O chão range.

— Mãe — chama, mais alto desta vez.

A mãe de Janie resmunga e olha para cima, forçando os olhos para enxergar melhor. Levanta-se, com certo esforço, apoiando-se no cotovelo.

— É... é o telefone? — ela murmura.

— Não, eu... são quase dez da manhã e eu estava aqui pensando...

— Você não vai para escola?

O queixo de Janie cai. Você só pode estar me tirando! Ela inspira profundamente, considera explodir com sua mãe, lembrando-a de sua formatura à qual ela não foi e do fato de ser verão, mas decide que agora não é a hora. As palavras irrompem da boca de Janie, antes que Dorothea possa interrompê-la de novo.

— Não... ahm... não, não tem escola hoje. Estou aqui pensando em qual é o problema com o Henry, e se você não tem de ir até o hospital ou algo assim. Eu não quero...

Ao ouvir o nome de Henry, a mãe de Janie inspira profunda e sonoramente.

— Ah, meu Deus! — diz ela, lamentando, como se tivesse acabado de se lembrar do que houve. Vira-se para o outro lado e, tremendo, fica em pé. Passa por Janie arrastando os pés, saindo do quarto. Janie a segue.

— Mãe? — Janie não sabe o que fazer.

No momento em que elas se viram na direção da cozinha, Janie olha, impotente, para Cabel, que encolhe os ombros em resposta a seu olhar.

— Mãe.

Dorothea pega suco de laranja na geladeira, gelo e vodka no congelador, e prepara o seu café da manhã.

— O quê? — ela pergunta, aspirando, com o nariz entupido.

— Esse Henry é meu pai?

— É claro que ele é seu pai. Não sou nenhuma vagabunda não. Cabel abafa um som na outra sala.

— Certo. Então, ele está morrendo?

A mãe de Janie toma um bom gole da bebida que está no copo.

— É o que eles dizem.

— Bem, ele sofreu um acidente, ou é uma doença, ou o quê? Dorothea encolhe os ombros e acena para ela, meio vaga.

— O cérebro dele explodiu. Ou foi um tumor. Alguma coisa. Janie suspira.

— Precisa que eu vá com a senhora ao hospital hoje de novo?

Pela primeira vez na conversa, a mãe de Janie olha para ela nos olhos.

— De novo? Você não foi comigo ontem.

— Cheguei lá o mais cedo que pude, mãe.

A mãe de Janie seca o copo e treme, sentindo um arrepio. Está em pé, perto do balcão, com uma das mãos segurando o copo vazio, a outra segurando uma garrafa de vodca barata, e está com o olhar pregado nela. Coloca o copo e a garrafa no balcão, com força, e fecha os olhos. Uma lágrima escapa e escorre por sua bochecha.

Janie revira os olhos.

— Você vai para o hospital ou não? Eu... — ela começa a ficar mais atrevida. — Eu não vou ficar sentada por aí o dia todo.

— Vá fazer o que você quiser, sua vadiazinha — diz Dorothea. — Não volto lá de jeito nenhum.

Ela passa, arrastando-se, por Janie, indo pelo corredor e entrando em seu quarto. Fechando a porta mais uma vez atrás de si.

Janie expira e volta para a sala de estar onde Cabel está sentado, testemunha disso tudo.

— Tá — diz ela. — E agora?

Cabel parece irritado. Balança a cabeça.

— Bem, o que você acha que deveria fazer?

— Eu não vou voltar para vê-lo, se essa é sua pergunta.

— Eu? Claro que não. Cabe totalmente a você decidir se quer ver o cara.

— Certo. Bom...

— Tipo, ele é um pai ausente. Nunca fez nada por você. Quem sabe... talvez ele tenha outra família. Pense em quão estranho seria se você aparecesse e eles todos estivessem lá... — Cabel cansa de falar.

— É, meu Deus, nunca pensei nisso.

— Estou tentando pensar para ver se há algum Feingold na Fieldridge High. Talvez você tenha meios-irmãos, sabe?

— Tem aquele carinha, o Josh, aquele calouro que jogava no time de basquete da escola — diz Janie.

— Aquele é Feinstein.

— Ah.

E então há um momento, uma pausa, enquanto Cabel espera por Janie.

— Então, Feingold é judeu, certo? — ela pergunta.

— Muda alguma coisa se for?

— Não, tipo, uau! É interessante, de qualquer forma. Eu nunca pensei mesmo nas minhas raízes, sabe? História. Ancestrais. Uau

— Janie está perdida em seus pensamentos.

Cabel assente com a cabeça.

— Ah, bem. Acho que você nunca vai saber.

Janie fica paralisada e olha para Cabel.

Fica irritada e bate com força no braço dele.

Com força.

— Grr! — ela diz. — Seu perdedor!

Cabel ri, esfregando o braço.

— Merda! Que foi que eu fiz desta vez?

Janie fica agitada, meio que brincando. Balança a cabeça.

— Você fez com que eu me importasse com essa merda.

— Nem vem — diz ele. — Você se importava antes. Nunca se perguntou quem era seu pai?

Janie pensa no sonho recorrente que sua mãe tem, aquele do caleidoscópio em que Dorothea e o carinha hippie Ficam de mãos dadas, flutuando. Tinha se perguntado mais de uma vez quem era seu pai. Pergunta-se agora se era Henry no sonho.

— Ele, provavelmente, é do naipe que tem filhos de dois em dois, e um cachorro e uma casa perto da UM.

Janie olha ao redor para sua casa que é um buraquinho de merda. Sua merda de vida, bancando a mãe de uma alcoólatra que tem o dobro da sua idade. Sabendo que, sem o cheque da previdência da mãe e a renda de Janie, estão apenas a um passo de serem duas sem-teto. Mas Janie não quer pensar nisso.

Janie respira fundo e expira devagar.

— Tudo bem. Vou tomar um banho agora e, mais tarde, vou até o hospital. Imagino então que você virá comigo?

Cabel sorri.

— Claro. Sou seu motorista, lembra?

11 h29

Cabel e Janie pegam a escada até o terceiro andar. Na hora em que chegam às portas duplas que dão para a enfermaria, Janie vai andando cada vez mais devagar, até parar. Vira-se abruptamente e vai para a sala de espera, em vez de ir até o quarto dele.

— Não consigo fazer isso — diz ela.

— Você não tem que fazer. Mas, se não fizer, ficará com raiva de si mesma depois.

— Se ele tiver quaisquer outras visitas, vou embora.

— Isso é justo.

— E se... e se ele estiver acordado? E se ele me vir?

Cabel pressiona os lábios, unindo-os.

— Bem, depois do que sua mãe disse sobre o cérebro dele explodir, duvido muito que isso vá acontecer.

Janie solta um profundo suspiro, e novamente caminha na direção das portas duplas, com Cabel atrás dela.

— Tá.

Ela empurra as portas, passa por elas e dá uma espiada automática, rápida, como costumava fazer no Asilo Heather, para ver se a porta de algum paciente está aberta. Por sorte, a maioria está fechada e Janie não está entrando em nenhum sonho hoje.

Janie aproxima-se do balcão, confiante.

— Henry Feingold, por favor.

— Só família — diz o enfermeiro, automaticamente. Em seu crachá está escrito Miguel.

— Sou a filha dele.

— Hei — diz ele, olhando para ela com mais atenção. — Você não é aquela garota da narcóticos?

— Sim — Janie tenta não bater os dedos de forma visível.

— Vi você no noticiário. Você fez um bom trabalho.

Janie sorri.

— Obrigada. Então... qual é o quarto?

— Quarto 312. No final do corredor, à direita — Miguel aponta para Cabel. — Você?

— Ele é... Ele e eu. Estamos juntos — diz Janie.

O enfermeiro olha para Janie.

— Estou vendo. Então. Ele é seu... irmão?

Janie respira um pouco e sorri, agradecida.

— Sim.

Cabel assente com a cabeça e permanece calado, quase como se tivesse de provar a Miguel que iria se comportar, apesar de não ter praticamente relação familiar alguma com ninguém ali.

— Pode me falar sobre as condições de saúde dele?

— Ele não está consciente, querida. O doutor Ming vai colocá-la a par das novidades.

Miguel olha para Janie com pena. Um olhar que diz: “As coisas não estão boas”.

— Obrigada — murmura Janie.

Ela segue corredor abaixo, com Cabel logo atrás. E, quando ela abre a porta...

Estática. O barulho soa como o volume máximo de estática no rádio. Janie cai de joelhos e põe as mãos nos ouvidos, mesmo sabendo que isso não vai ajudar em nada. Brilhantes cores voam ao seu redor, gigantescas placas em vermelho e violeta; uma onda amarela tão chocante que parece fazer seus olhos arderem em chamas. Ela tenta, mas não consegue falar.

Não há ninguém lá. Apenas a maldita estática e as luzes que cegam. É tão doloroso, tão vazio de sentimento ou de emoção, que não se parece com nada que Janie já tenha presenciado antes.

Com um imenso esforço, Janie se concentra para se arrancar dali. Tão logo ela sente que está conseguindo, a cena dá uma relampejada e fica límpida. Por uma fração de segundo, há uma mulher parada, em pé, em uma imensa sala escura, diante de um homem sentado em uma cadeira no canto, desvanecendo-se enquanto Janie fecha a porta para aquele pesadelo.

Janie toma fôlego e, quando consegue enxergar novamente e sentir suas extremidades, vê-se com as mãos e os joelhos no chão, do lado de dentro da sala. Cabel está ali ao lado dela, murmurando

algo, mas ela não está prestando atenção. O olhar dela está fixo nos ladrilhos do chão. Ela imagina, por um breve momento, se aquele sonho, aquele caos, é como seria o inferno.

— Estou bem — diz a Cabel, levantando-se devagar, limpando partículas invisíveis de poeira de seus joelhos descobertos.

E então, ela se endireita. E se vira.

Olha para a fonte do pesadelo, e o vê pela primeira vez.

O homem que é seu pai. Cujo DNA ela carrega.

Janie inspira forte. Lentamente, sua mão vai até sua boca, e ela dá um passo para trás. Arregala os olhos de horror.

— Ah, meu Deus! — ela sussurra. — Que diabos é isso?

QUE DIABOS ESTÁ ACONTECENDO

Ainda na sexta-feira, 4 de agosto de 2006, 11h40

Cabel envolve os ombros de Janie com seu braço. Ela não sabe se é para demonstrar apoio ou para evitar que ela saia correndo do quarto. Não importa. Está horrorizada demais para se mexer.

— Ele parece uma mistura de Capitão Caverna com o Umabomber[20] — ela sussurra.

Cabel concorda com a cabeça, lentamente.

— Uau! Isso sim é um cabelo frisado esculhambado, como o do Alice Cooper — ele vira para olhar para Janie e diz, em voz baixa: — Como foi o sonho?

Janie não consegue tirar os olhos do homem magro e muito cabeludo que está na cama. Ele está cercado de máquinas, mas não está conectado a nenhuma, elas não estão ligadas. Ele não está com gesso, nem com bandagens. Nem gaze, nem esparadrapo.

Tem apenas um olhar de inacreditável agonia estampado no rosto.

Ela dá uma olhada para Cabel e responde a pergunta dele.

— Foi um sonho estranho — diz Janie. — Nem sei bem ao certo se foi um sonho. Era mais como se fosse um “não sonho”. Como... quando se está vendo TV e os cabos se soltam. Fica com aquele ruído confuso e alto, no último volume, de estática.

— Estranho. Tinha pontos pretos e brancos também?

— Não... cores. Como gigantescos feixes de incríveis cores brilhantes... roxo, vermelho, amarelo. Paredes coloridas tridimensionais girando e vindo na minha direção, juntando-se como uma caixa e me fechando dentro; era tudo tão brilhante que eu mal conseguia suportar. Foi horrível.

— Fico feliz que você tenha conseguido sair.

Janie concorda com a cabeça.

— Então, por uma fração de segundo, as paredes desapareceram e havia uma mulher lá, bem no final, mas era tarde demais para que eu a visse. Eu já estava caindo fora. Tive a sensação de que eu estava a ponto de ter um vislumbre de um sonho real, talvez.

— Pode voltar para lá?

— Eu não sei. Nunca tentei fazer isso — ela diz. — Talvez se eu sair da sala, fechar a porta e voltar a entrar. Mas eu acho que não quero, sabe?

Cabel concorda com a cabeça. Ele dá um passo e fica mais próximo do homem. Pega a prancheta que está pendendo ao pé da cama. Fica com o olhar cravado nela, prestando atenção por um instante. Levanta a página de cima para dar uma olhada na próxima. Entrega-a a Janie.

— Eu não entendo essa coisa. Você quer saber o que está acontecendo?

Janie pega a prancheta, incerta, como se estivesse invadindo a vida de um estranho. Ainda assim, ela olha para os papéis. Tenta decifrar a terminologia. No entanto, até mesmo com a experiência que tem por ter trabalhado no Asilo Heather, não há muito ali que Janie consiga entender.

— Ahm. Parece que detectaram atividade cerebral leve, esporádica.

— Leve? Isso é bom? — Cabel mostra preocupação na voz.

— Não acho que seja bom — diz Janie, colocando a prancheta de volta no lugar.

— Ele pode nos ouvir? — sussurra Cabel.

Janie fica em silêncio por um instante. Então, ela sussurra também.

— Pode ser que sim. No Asilo Heather, sempre falávamos com os pacientes em coma como se eles pudessem nos ouvir, e falávamos para os familiares fazerem o mesmo. Vai saber.

Cabel engole em seco e olha para Janie, que, de repente, fica sem palavras. Ele a empurra delicadamente para a frente e acena na direção da cama.

Janie faz uma careta.

— Não me apressa — ela sussurra.

Ela dá uma espiada no homem. Dá mais um passo para perto dele. É tomada por um arrepio por estar apenas a um passo de seu pai grisalho. *E se ele estiver fingindo e pular em cima de mim...* Janie estremece novamente.

Ela respira fundo e, por um instante, é Janie Hannagan, a agente disfarçada. Olha mais de perto a expressão aflita de Henry. Sob toda aquela barba preta no rosto dele, sua pele é áspera. Esburacada. Janie imagina se é a ele que deve agradecer seus acessos de acne ocasionais. O cabelo na cabeça dele é desigual e fino em alguns lugares... Como se grandes tufos de cabelo tivessem sido arrancados. Em alguns lugares, Janie consegue ver o couro cabeludo de Henry. Está coberto de arranhões avermelhados.

Ela olha para as mãos dele. Suas unhas estão limpas, mas roídas até o talo. Pequenas cicatrizes pontilham suas cutículas. O pelo no peito dele, aparecendo em meio a sua roupa de hospital, também é desigual e, decididamente, mais grisalho do que o cabelo. Sua pele é branco-acinzentada, como se não tivesse visto muito sol durante todo o verão, mas seus braços têm uma leve linha de bronzeado de fazendeiro.

— O que aconteceu com você? — ela suspira, mais para si mesma do que para ele.

Ele não se mexe. Imóvel, o olhar de agonia em seu rosto é mais do que perturbador. Ela imagina se ainda há estática na mente dele.

— Aquilo deve ser muito doloroso — ela murmura.

Abruptamente, olha para Cabel.

— Isso é esquisito demais — ela fala, apontando para a porta. Cabel concorda com a cabeça e ambos saem do quarto. Fechando a porta de novo. — Esquisito demais — diz Janie, em voz alta. Isso é mais do que ela pode aguentar. — Vamos. Vamos... fazer exercícios ou ficar à toa ou almoçar ou fazer alguma coisa. Tenho de tirar esse cara da minha cabeça.

Eles param no Franks Bar and Grille e esbarram em uma dúzia de tiras saindo dali.

— Voltaram das férias mais cedo só porque sentiram nossa falta? — provoca Jason Baker.

Janie gosta dele.

— Quem me dera! Pequena emergência familiar fez com que voltássemos mais cedo para casa. Está tudo bem agora — diz ela, soando leviana.

Cabel e Janie sentam junto ao balcão para comerem um almoço rápido. Janie consegue um *milk-shake* de graça por ser a garota da narcóticos.

Nem tudo vai mal.

13h41

Janie desliza sua perna macia sobre a perna peluda de Cabel.

Seus dedos dos pés brincam juntos, enquanto eles trabalham no porão de Cabe.

Janie pesquisa, na WebMD, coisas relacionadas a doenças cerebrais e danos ao cérebro, e não chega a conclusão alguma. Tem muita coisa para que cheguem a algo específico.

Cabel digita o nome *Henry Feingold* no Google.

— Bem — diz ele. — Não há informação alguma sobre Henry Feingold em Fieldridge, Michigan. Há um prolífico autor com esse nome, mas não parece se tratar do mesmo cara. Com o que quer que seu pai trabalhe... ah, trabalhava... não consta na internet. Ao menos não com o nome verdadeiro dele.

Janie fecha seu laptop. Suspira.

— Isso é impossível, tentar descobrir quem ele é. Imagino por que não estejam fazendo nada por ele, sabe?

— Talvez ele não tenha plano de saúde — diz Cabel, baixinho. — Não tentando julgá-lo pela aparência, mas é óbvio que ele não é um executivo.

— É... provavelmente é isso.

Janie fecha os olhos. Descansa sua cabeça no ombro de Cabel. Pensa nas duas pessoas com quem tem parentesco. Sua mãe... magra e alcoólatra, de cabelos ensebados e finos, velha e parecendo frágil aos trinta e poucos anos. Seu pai, um tipo de cruzamento estranho entre Rupert, do programa Survivor, e Hagrid.

— Como você pode suportar pensar em como ficará a minha aparência dentro de quinze anos, quando estiver cega e torta, Cabe? Oh, meu Deus, que desgosto, que circo familiar de deformidade.

— Por que você se importa tanto com a sua aparência... como você vai ficar? — ele faz carinho na coxa dela. — Você sempre vai ser bonita para mim — ele diz isso de uma forma casual, mas Janie pode sentir a tensão na voz dele.

— Ainda assim, eles dois são uns tipos estranhos.

Cabel sorri. Coloca seu laptop no chão, pega o de Janie e faz o mesmo. Depois, lentamente, empurra-a com delicadeza até que ela deite, com a barriga para cima. Ela solta risadinhas. Ele está deitado em cima dela, pressionando seu corpo contra o dela, espremendo-a como ela gosta. Ela envolve o pescoço dele com seus braços, puxando o nariz dele até o dela.

— Eu *nhamo* você, doida de circo — diz Cabel.

Quase dói ouvi-lo dizer isso.

— Eu *nhamo* você também, seu grande homem monstro cheio de calombos — diz Janie.

Dói mais ainda dizer isso.

E então eles se beijam.

Devagar, gentilmente.

Porque, com a pessoa certa, às vezes, beijar parece que vai curar.

Ainda assim, algo lhe vem à cabeça. Imagina se vale a pena... se vale a pena ficar cega, quando há outra opção.

Além disso, e se Cabel não confessar francamente seus medos de estar com ela?

É uma merda assustadora, ah, se é!

É como se Cabe fosse o cego da dupla.

O ritmo do beijo deles diminui e Cabel descansa seu rosto na curva do pescoço de Janie, mordiscando delicadamente a pele corada dela.

— Em que você está pensando?

— Ahm... além de você?

— Esperta — diz Cabel, abrindo um sorriso, com seus lábios se movendo e fazendo cócegas no pescoço de Janie. Ele dá mordidinhas nela. — Sim, além de mim. Quer dizer, se for possível que você pense em alguma outra coisa.

— Ah... — ela diz. — Se houvesse alguma outra coisa, provavelmente seria sobre precisar ter bolas para ir confrontar a minha mãe — distraidamente, ela tira os cabelos dele da frente de seus olhos. — Tentar descobrir o que aconteceu com eles e comigo, e o que temos de fazer agora com o carinha eremita.

Cabel senta de novo e concorda com a cabeça. E então ele se levanta com um grunhido. Puxa Janie para que fique em pé também.

— Quer que eu vá com você?

— Acho que vai ser melhor se eu fizer isso sozinha. Mas obrigada.

— Imaginei. Me liga, tá?

O bizarro é que o telefone de Janie toca assim que ele diz isso.

— É a Carrie... tenho de atender — Janie sopra um beijo para Cabel, enquanto sobe as escadas para atender o telefone. — Carrie!

— Ei, vadia, meu telefone está com bateria de novo. Como vai a novela familiar aí hoje? Você está bem?

— É estranho e está tudo uma bagunça, mas está tudo bem. Obrigada de novo por cuidar da minha mãe. Você é o máximo.

— Sem problemas. Alguém tem que botar ordem na vizinhança, certo?

— Eita! Poxa, Carrie! —, mas Janie ri mesmo assim.

— Bem, você sabe onde me encontrar se precisar de mim — diz Carrie. — Hei.

— Hei, o quê?

— Estou noiva.

— O quê?

— Stu me pediu em casamento ontem à noite.

— Ah, cara, que boa notícia! — diz Janie. — E você disse que aceita?

— É óbvio, não acabei de dizer que estou noiva?

— Uau, Carrie. Você tem... você tem certeza? Está feliz com isso?

— É. Tipo, completamente! Sei que Stu é o cara com quem quero ficar.

— Mas?

— Mas eu meio que não estava esperando por isso agora.

Janie, que estava voltando da casa de Cabel, muda o rumo e vai até a casa de Carrie.

— Você está em casa?

— Tô.

— Posso entrar?

— Que fofa! — diz Carrie, soando aliviada. — Sim, entra. No meu quarto, claro.

— Certo. Até mais.

Janie desliga o telefone e vai entrando. Entra pisando forte no quarto de Carrie e cai na cama dela. Carrie está sentada em frente a uma pequena penteadeira, passando chapinha nos cabelos na frente do espelho.

— Então — diz Janie —, você tem um anel ou o quê?

Carrie abre um largo sorriso e mostra a mão.

— Sensação esquisita. Meio que fico com vergonha, sabe?

— O que a sua mãe disse?

— Ela disse que é bom que eu não esteja grávida.

Janie bufa.

— Qual o problema com seus pais, hein? Espera... você não está... está?

— É claro que não! Nossa, Janers! Posso não ter tirado as melhores notas na escola, mas eu não sou idiota. Você sabe que tomo pílula! E o Jimmy dele não chega nem perto de mim sem uma capa de chuva, saca? Não atravessa a minha pequena fortaleza!

— Certo, bom. Nossa! — Janie ri de novo. — Então... em sua voz... você parecia um pouco incerta em relação a isso.

Carrie coloca a chapinha na penteadeira e suspira.

— Eu quero me casar com o Stu. Quero mesmo. Não tem nenhum outro alguém e ele não está me pressionando, nem nada do tipo. Mas ele falou em marcar uma data, tipo, no próximo verão, para que eu possa começar o meu primeiro ano na escola de cosmetologia, mas eu só... não sei. É um passo tão importante. Não quero estragar tudo.

Janie continua em silêncio e deixa Carrie colocar tudo para fora. A sensação de ser normal de novo é estranha, de estar ali sentada conversando com Carrie.

Janie não se importaria de trocar de problemas com ela.

— Seja lá como for, é minha novidade do dia. O que você vai fazer? — Carrie ajeita seu cabelo com um produto grudento e brilhante.

— Tenho de ir para casa, tentar descobrir qual o lance com a minha mãe e esse cara, o Henry. Não faço a mínima ideia do que esteja acontecendo. Preciso que minha mãe converse comigo.

Carrie olha para Janie no espelho e balança a cabeça.

— Boa sorte nisso aí. Falar com a sua mãe é que nem conversar com aquele cara, o Godot^[21] daquele livro.

Janie ri. Ela adora Carrie. Diz:

— Talvez eu acabe ficando bêbada junto com ela e descubra isso numa briga, no maior estilo briga de boteco.

— Ahá. Me chama se for fazer isso. Gostaria de ver.

Janie sorri e dá um abraço rápido em Carrie.

— Ligo sim.

Enquanto Janie caminha até sua casa, pensa que talvez não seja uma ideia tão ruim assim.

^[20] Ted Kaczynski, escritor e ativista político, nascido em 1942, era antitecnologia e enviou diversas bombas por correio, nos Estados Unidos, entre o final da década de 1970 até o começo da década de 1990, antes de ser pego pelo FBI, em abril de 1996. (N. T.)

[21] Godot, personagem do livro *Esperando Godot*, cujo título se tornou uma expressão muito usada antigamente para indicar algo impossível, ou uma espera infrutífera. (N. T.)

ELA FALA

16h01

Janie respira fundo algumas vezes, enchendo-se de uma confiança que não existe. Mas vai conseguir aquilo que deseja. Pega uma lata de cerveja do estoque da geladeira e abre-a, tomando um golinho amargo dela. Ela não bebe nada alcoólico desde a noite na casa do Durbin, então se sente um pouco estranha.

Ela aguarda no sofá, com esperanças de que sua mãe vá sair do quarto sozinha.

16h46

Ainda esperando. A cerveja acabou.

Pega outra cerveja. Liga a TV e vê *Judge Judy*[\[22\]](#).

Muda de canal, para um programa de jogos... juízes trazem muitas lembranças ruins.

17h39

Onde diabos ela está? Percebe que tem de ir atrás dela.

Logo depois de ir fazer xixi.

17h43

Janie abre a porta do quarto de sua mãe com duas latas de cerveja na mão. Uma é um presente. Ou, possivelmente, uma forma de suborno. Mas, então, Janie cai no chão, do nada, sugada para dentro de um sonho. Ouve um estampido e o som da cerveja saindo, e sabe que pelo menos uma das latas se abriu.

O ruído nem é alto o suficiente para tirar Dorothea Hannagan de seu estupor bêbado. *Maldição*, pensa Janie. *Sonho mais*

cachaça é algo que não resulta em nada legal.

A cabeça de Janie gira, e ela tenta, sem sucesso, arrancar-se do sonho.

Elas estão em uma fila do lado de fora de um prédio, e Dorothea está tentando fazer com que um bebê chorão durma. Janie sabe que ela é o bebê... Quem mais seria? Elas se movem lentamente, mas o prédio se move também, para longe, tornando a espera infinita. É um abrigo, ou talvez um banco de alimentos. Janie está parada, em pé, na rua, observando sua mãe, tentando chamar a atenção dela. Talvez desta vez Janie possa ajudar a mudar o sonho.

“Olha para mim”, pensa Janie, tentando se concentrar. “Olha para mim. “

Mas as capacidades de percepção de Janie estão desligadas, não estão fortes o bastante neste instante, e Dorothea mal dá uma espiada em Janie, desviando em seguida o olhar. Ela fica cada vez mais impaciente enquanto espera na fila. Por fim, Janie desvia seu olhar da mãe e olha para a frente da fila, para o prédio. Há duas janelas nele.

Acima das janelas, uma placa gigantesca.

“Bebês em troca de comida. “

É isso o que diz a placa.

Janie observa as pessoas depositando seus bebês em uma das janelas e retirando uma caixa de comida pela outra.

Janie quer gritar com toda a sua força, mas não consegue. Reúne suas forças e rasteja, às cegas, pelo chão, até a cama, batendo a cabeça nela, debatendo-se com seus braços dormentes sobre o colchão, nem mesmo sabendo ao certo se está atingindo sua mãe, para tentar acordá-la. Tentando cair fora desse pesadelo.

Por fim, tudo fica negro.

Ao mesmo tempo, as duas gritam:

— Qual é o seu problema?

Janie ainda não consegue enxergar. Está se sentindo molhada, ensopada pela cerveja da lata que explodiu. Dorothea enxota Janie dali.

— Que diabos você está fazendo?

Janie finge conseguir enxergar. Afinal, seus olhos estão abertos.

— Eu... eu tropecei.

— Cai fora daqui, sua inútil...

— Para com isso! — Janie está meio bêbada, confusa e cega. Mas já está cheia disso. — Para de falar assim comigo! Nem vem com essa merda de “inútil”! Sem mim, você estaria na rua e sabe disso, então cala essa sua maldita boca!

A mãe de Janie está pasma.

Janie está chocada com suas próprias palavras.

Então, o silêncio.

Quando o mundo está voltando ao campo de visão de Janie, e ela consegue se mexer de novo, fica em pé, tremendo, e pega as latas.

— Que bagunça! — ela murmura. — Eu já volto.

Janie volta com panos de prato e começa a secar o lugar.

— Sabe, mãe, você não vai morrer se me ajudar aqui.

Depois de um minuto, a mãe de Janie relaxa e vai até o chão para ajudar.

— Você andou bebendo? — resmunga Dorothea.

— E daí? Por que você deveria se importar com isso? — Janie ainda está irritadíssima e um pouco alarmada por causa do pesadelo. — Por que você me odeia tanto?

A mãe de Janie se inclina mais para a frente, para alcançar um lugar ainda molhado no chão. Quando fala, sua voz está mais suave.

— Eu não odeio você.

Janie está frustrada.

— O que está acontecendo, mãe? Qual é o lance com esse cara, o Henry? Acho que mereço saber o que houve.

Dorothea desvia o olhar. Encolhe os ombros.

— Ele é seu pai.

— É, você chegou a dizer isso. Eu vou ter de fazer perguntas específicas ou você pode simplesmente me falar sobre ele? Nossa!

Dorothea faz uma careta.

— O nome dele é Henry Feingold. Nos conhecemos em Chicago, quando eu tinha 16 anos. Ele estudava na UM, mas vinha para casa no verão. Trabalhava na pizzaria Lou Malnati's, em Lincolnwood. Eu trabalhava lá também, como garçoneiro.

Janie tenta imaginar sua mãe realmente trabalhando.

— E então o quê? Ele engravidou você e caiu fora? Ele é um babaca? Como você acabou vindo parar aqui em Fieldridge?

— Esqueça. Não vou falar sobre isso.

— Vamos, mãe. Onde ele mora?

— Não faço ideia. Aqui perto, em algum lugar. Larguei a escola. Eu o segui até aqui. Moramos juntos um tempo, ele caiu fora e nunca mais o vi. Eis a história. Feliz?

— Ele sabia que você estava grávida?

— Não. Não era da conta dele.

— Mas... mas... como você soube que ele estava no hospital?

A mãe de Janie está com um olhar vazio agora.

— Ele tinha uma daquelas declarações judiciais com ele... Ele entregou ao paramédico. Eu era a pessoa com quem deveriam entrar em contato. O papel diz que ele não deseja nada de medidas heroicas. É o que o enfermeiro me disse.

Janie fica em silêncio.

Dorothea continua falando com mais suavidade.

— Acho que talvez eu devesse ter um desses papéis comigo também. Para que você não tenha de me manter viva, quando meu fígado apodrecer.

Janie desvia o olhar e suspira.

Sente como se tivesse de protestar contra isso.

Mas a quem ela quer enganar?

— É... — diz ela. — Talvez.

Dorothea deita-se na cama novamente. Vira-se para o outro lado.

— É sério. Não quero mais falar sobre isso. Acabou para mim.

Depois de um momento de silêncio, Janie se levanta, caminha, trêmula, até o banheiro, vomita algumas latas de cerveja barata e depois mais um pouco.

— Nunca mais — ela repete.

Em seguida, arrasta-se até seu quarto, fecha a porta, deita na cama e dorme.

2h12

Janie está correndo.
E correndo.
A noite toda.
Ela nunca chega lá.

[22] Judge Judy é um programa de TV Norte-americano, com uma espécie de tribunal, e que mostra a ex-juíza de família Judith Sheindlin arbitrando pequenas causas. (N. T.)

SÁBADO

5 de agosto de 2006, 8h32

— Sim — resmunga Janie ao celular. — O quê? — ela ainda está meio sonolenta.

— Janie, está tudo bem?

Janie fica em silêncio. Ela deveria conhecer essa voz, mas não conhece.

— Janie? É a Capitã. Você está aí?

— Ah! — diz Janie. — Meu Deus, me desculpa, eu...

— Me desculpa por tê-la acordado. Normalmente eu não teria ligado, mas ouvi o Baker dizer que você teve uma emergência familiar e estava de volta à cidade. Estou ligando para saber se está tudo bem. E para saber de mais alguma coisa, se quiser me dizer o que.

— Eu, argh... é complicado — diz Janie. Ela rola e fica com a barriga para cima. Parecia estar falando com um limão inteiro na boca. — Está tudo bem, sim. Bem, tipo... é uma longa história.

Argh!

— Tenho tempo.

— Posso ligar para a senhora depois? Alguém está me chamando na outra linha.

— Eu espero.

Janie sorri com uma leve dor de cabeça e alterna para a outra chamada, para atendê-la.

É Cabe.

— Hei, gata, tudo bem? O que aconteceu ontem à noite?

— É, já ligo para você em uns minutinhos.

— Tá — ele desliga.

Janie volta a falar com a Capitã.

— Voltei — diz ela.

— Certo.

— E... ahm... eu prefiro não entrar em detalhes. — Tipo, Janie está se sentindo corajosa.

A Capitã para de falar por uma fração de segundo.
— É justo. Você sabe onde me encontrar, certo?
— É claro. Obrigada, senhor.
— Então, vejo você na segunda na nossa reunião, se não a vir antes. Se cuida, Janie.
A Capitã desliga.
Janie fecha o *flip* de seu celular e resmunga.
— Qual é a de todo mundo me ligando nesta merda às oito e meia da manhã?

9h24

Banho tomado, alimentada, dentes escovados. Janie sente-se um pouquinho, bem pouquinho, melhor depois de tomar um analgésico e beber três copos de água.

— Nunca mais — ela murmura para o espelho. Liga de volta para Cabel. — Desculpa eu ter demorado tanto.

Janie explica o que aconteceu na noite anterior, enquanto atravessa os quintais, sobe pela garagem dele e entra na casa de Cabel.

— Hei — diz, desligando o telefone.
Cabel sorri e desliga o dele também.
— Você tomou café da manhã?
— Tomei.
— Quer dar uma volta?
— Eu... com certeza. Estava mesmo pensando em ir até o hospital.

Cabel concorda com a cabeça.
— Legal.
— Não que eu me sinta obrigada, porque não me sinto assim.
— Nem deveria.

Janie está perdida em pensamentos. Analisando o que sua mãe disse na noite anterior, embora muito esteja nebuloso depois de toda aquela cerveja.

— Acho — diz ela, lentamente — que ele provavelmente não é uma boa pessoa.

— O quê?

— Só uma sensação. Deixa para lá. Vamos.

— Você tem certeza de que quer ir, se acha que ele é uma má pessoa?

— Sim. Tipo, quero descobrir ao certo. Só quero saber, acho. Se ele é mau. Ou não.

Cabel encolhe os ombros, mas entende. Eles saem dali.

9h39

No hospital, Janie atravessa cuidadosamente os corredores, como de costume, olhando para ver se há portas abertas. Ela fica presa em um sonho fraco, mas apenas por alguns segundos — nem mesmo tem de parar de andar. Eles ficam do lado de fora do quarto de Henry, em pé, com a mão tensa de Janie na maçaneta.

Estática e cores chocantemente brilhantes. Novamente, Janie quase cai de joelhos, mas desta vez ela está muito mais preparada. Caminha às cegas na direção da cama e Cabel a ajuda a chegar ao chão com segurança, enquanto sua cabeça lateja com o barulho. Está mais intenso do que nunca.

Assim que Janie acha que seus tímpanos vão estourar, a estática diminui e a cena muda, para uma luz tremeluzente, e uma mulher no escuro de novo. É a mesma mulher do dia anterior, Janie tem certeza disso, embora não consiga ver nenhum traço que a distinga. E, então, Janie vê que o homem está lá também. Está nas sombras sentado em uma cadeira, observando a mulher. Henry vira-se, olha para Janie e pisca. Arregala os olhos e se endireita em sua cadeira.

— Ajude-me — ele implora.

E então, como uma fita de filme arrebatada, a imagem é cortada e a estática retorna, mais alta do que nunca, como um grito constante em seus ouvidos. Janie trava uma luta, com a cabeça latejando. Tenta arrancar-se do sonho, mas não consegue se

concentrar... A estática está bagunçando sua capacidade de concentração.

Ela está se debatendo no chão agora. Tensa.

Acha que Cabel está ali, segurando-a, mas não consegue sentir nada agora.

As cores brilhantes atingem com tudo seus olhos, seu cérebro, seu corpo. A estática parece picadas em cada poro de sua pele.

Ela está presa.

Presa no pesadelo de um homem que não consegue acordar.

Janie trava uma luta novamente, sentindo como se estivesse sufocando agora. Sentindo como se não conseguisse sair desta confusão, ia acabar morrendo ali.

— Cabe! — ela grita em sua cabeça. — Me tira daqui!

Mas é claro que ele não pode ouvi-la.

Ela reúne suas forças e se arranca dali, gemendo por dentro com tal força que dói tudo. Quando a imagem do pesadelo muda para a mulher de novo, Janie consegue, com muita dificuldade, sair com tudo de seu confinamento.

Ela está ofegante, tentando respirar.

— Janie? — a voz de Cabel está suave, soa urgente.

O dedo dele percorre a pele dela desde a testa até a bochecha, a mão dele pega a parte de trás do pescoço dela e a levanta, leva-a até a cadeira.

— Você está bem?

Janie não consegue falar. Não consegue enxergar. Seu corpo está dormente. Tudo que ela pode fazer é concordar com a cabeça.

E então, vem um som do outro lado do quarto.

Certamente não é Henry.

Janie ouve Cabel amaldiçoar baixinho.

— Bom-dia — diz um homem. — Sou o doutor Ming.

Janie senta o mais direito que consegue na cadeira, esperando que Cabel esteja parado, em pé, na frente dela.

— Oi — diz Cabe. — Nós... eu... como ele está hoje? Acabamos de chegar aqui.

O Dr. Ming não responde de imediato, e Janie começa a suar muito. *Ah, meu Deus, ele está com o olhar cravado em mim.*

— Vocês são...?

— Somos filhos dele.

— E essa jovem está bem?

— Ela está bem. Este é realmente... — Cabel suspira e fica com a voz presa na garganta. — Um momento realmente muito cheio de emoções para a gente, sabe.

Janie sabe que ele está enrolando pelo seu bem.

— É claro — diz o médico. — Bem.

A visão de Janie está começando a voltar, e ela vê que o Dr. Ming está dando uma olhada no quadro. Ele continua:

— Pode acontecer a qualquer momento, ou ele pode aguentar por mais alguns dias. É difícil dizer.

Janie pigarreja e encosta-se com cuidado na lateral de sua cadeira, para conseguir enxergar além da bunda de Cabel.

— Ele teve morte cerebral?

— Ahm? Não, parece haver alguma atividade cerebral pequena ainda.

— Qual é exatamente o problema dele?

— Nós, na verdade, não sabemos. Pode ser um tumor, é possível que seja uma série de derrames. E, sem cirurgia, nunca poderemos saber. Mas ele deixou claro em sua “Declaração de Não Ressuscitação” que não desejava medidas para que salvássemos sua vida, e o parente mais próximo dele... sua mãe, creio eu... Ela recusou-se a assinar qualquer autorização para que fizéssemos uma cirurgia ou quaisquer procedimentos — ele diz isso com uma voz de dó, que faz com que Janie o odeie.

— Bem — ela diz —, ele ao menos tem plano de saúde?

O médico verifica a papelada de novo.

— Aparentemente não.

— Quais são as chances de que a cirurgia o ajude? Quero dizer, ele poderia ficar normal de novo?

O Dr. Ming dá uma olhada em Henry, como se pudesse determinar suas chances olhando para ele.

— Não sei. Ele poderia nunca mais conseguir viver sozinho. Isto é, se ele chegasse a sobreviver à cirurgia.

Ele olha para a prancheta de novo.

Janie concorda lentamente com a cabeça. Eis o motivo. Eis porque ele estava apenas deitado ali. Aquilo e a “Declaração de Não Ressuscitação”. Eis porque não estão fazendo nada para curá-lo... está doente demais. Ela tenta soar simplesmente curiosa, mas acaba soando nervosa.

— Então, ahm, quanto custa para ele só ficar aqui, esperando morrer... essas coisas?

O médico balança a cabeça.

— Eu não sei... realmente essa é uma pergunta a ser feita para o pessoal da contabilidade. — Ele dá uma espiada em seu relógio. Coloca a prancheta de volta. — Bem, então...

Ele sai do quarto rapidamente, puxando a porta e fechando-a.

Quando o Dr. Ming já havia saído, Janie olha com raiva para Cabel.

— Não deixe, nunca mais, isso acontecer de novo! Você não podia imaginar que eu estava presa no pesadelo? Eu não conseguia sair, Cabe. Achei que eu ia morrer.

Cabel abre a boca, surpreso e magoado.

— Eu podia ver que você estava lutando, mas, se eu interrompesse, como ia saber que você não ficaria muito brava comigo por causa disso? E o que você queria que eu fizesse, arrastasse você para fora, para o corredor? Estamos em uma droga de hospital, Hannagan. Se alguém visse você daquele jeito, estaria amarrada em uma maca em trinta segundos e ficaríamos presos aqui o dia todo; isso sem falar na conta disso tudo.

— Melhor isso do que ser sugada para a terra da estática. Não me admiro que esse cara esteja doido. Estou meio louca só de passar uns minutinhos ouvindo aquilo. Além disso... — Janie acrescenta friamente, apontando para o banheiro.

— *Hello!*

Cabel revira os olhos.

— Eu não pensei nisso, tá? Você sabe... não é como se eu passasse todo momento em que fico acordado planejando minha vida em torno dos seus problemas estúpidos. Há mais...

Ele cerra os lábios, fechando-os, silenciando-os.

O queixo de Janie cai.

— Ah, merda...

Ele caminha na direção dela, com os olhos expressando um “sinto muito”. E ela dá um passo para trás. Balança a cabeça e desvia o olhar, com os dedos na boca, os olhos se enchendo de lágrimas.

— Não, Janie. Eu não quis dizer isso.

Janie fecha os olhos e engole em seco.

— Não — diz ela lentamente. Não quer dizer isso, mas sabe que é verdade. — Você está certo. Sinto muito — ela dá uma risada, ressentida. — É bom que você diga isso assim, sabe? Saudável. E tal.

— Vamos — ele diz. — Vem aqui.

Ele dá um passo na direção dela de novo e desta vez ela vai até ele. Ele passa os dedos pelos cabelos dela e segura a mão dela em seu peito. Beija-a na testa.

— Sinto muito também. E não é bem assim. Não saiu com as palavras certas.

— É? Você realmente está dizendo que não está preocupado com o que vai acontecer comigo? E em como isso vai afetar você?

— Janie... — Cabel olha para ela, sentindo-se impotente.

— Bem?

— Bem, o quê? O que você quer que eu diga?

— Quero que diga a verdade. Não está preocupado? Nem mesmo um pouquinho?

— Janie — ele diz novamente. — Nem. Por que você está fazendo isso?

Mas ele não responde à pergunta.

Para Janie, isso diz tudo. Ela fecha os olhos.

— Acho que estou um pouco estressada — ela sussurra, depois de um instante, e então balança a cabeça. Pelo menos, agora ela sabe. — Tem muita coisa na minha cabeça.

— Ah, é mesmo? — Cabe solta uma risada suave.

— Que semana maravilhosa de férias, hein?

Cabel bufa.

— É. Parece que passou uma era desde que estávamos deitados, sem fazer nada, tomando sol.

Janie fica em silêncio, pensando em sua mãe, em seu pai, e em todo o resto. Cabel e os problemas estúpidos dela, como diz ele. E agora, ela imagina: *Quem vai pagar essa conta do hospital?* Ela tem muitas esperanças de que Henry tenha dinheiro, mas, pela aparência dele, parece não ter onde morar.

— Sem plano de saúde — ela resmunga, em voz alta. Bate a cabeça no peito de Cabel. — Ai ai ai!

— Não é um problema seu.

Janie solta um suspiro profundo.

— Por que eu me sinto tão responsável por isso então?

Cabel fica em silêncio.

Janie olha para cima, para ele.

— O quê?

— Você quer que eu analise você?

Ela ri.

— Com certeza.

— Provavelmente, eu vou me arrepender de dizer qualquer coisa. Mas é assim. Você está tão acostumada a desempenhar o papel de responsável por sua mãe. Agora, você vê esse cara problemático, alguém lhe diz que ele é seu pai e — bum! — seu instinto é de se responsabilizar por ele também, pois parece que ele está mais detonado que sua mãe. Deus sabe que nunca achamos que isso seria possível.

Janie suspira.

— Só estou tentando passar por isso tudo, sabe? Passar por essas confusões, uma de cada vez, na esperança, de que seja a última. E então eu olho além disso tudo e percebo, merda. Tem mais um. Só esperando que algum dia, por fim, eu fique livre. — Janie olha para Henry e caminha até o lado da cama dele. — Mas isso nunca acontece — ela acrescenta. Olha para seu pai por um longo instante.

Pensando.

Pensando.

Talvez seja hora de mudar.

Hora de ser responsável por apenas uma pessoa.

— Vamos — ela diz, por fim, a Cabel. — Eu não acho que haja nada que possamos fazer por ele. Vamos embora. É só esperar chamarem minha mãe quando ele... quando isso acabar.

— Tá certo, docinho.

Cabel segue Janie até o lado de fora do quarto. Ele faz um aceno com a cabeça para Miguel, na recepção, que lhe oferece um sorriso de compaixão.

— E agora? — diz Cabel, pegando na mão de Janie enquanto caminham até o lado de fora do hospital, indo ao carro dele. — Comida?

— Acho que é melhor que você me leve até em casa, só, faz isso? Preciso de um tempinho para processar as coisas. É melhor dar uma olhada na minha mãe também, ver como ela está.

— Ah, tá bem — Cabel não soa empolgado. — Hoje à noite?

— É... — diz Janie, distraída. — Isso seria bom.

13h15

Janie se revira na cama. Afunda o rosto no travesseiro. Seu ventilador está no máximo, soltando rajadas sobre ela, a janela e a veneziana estão fechadas para fazer com que o calor fique lá fora. Está quente dentro da casa, mas Janie não se importa. Ainda está se recuperando da noite anterior. Ela cai no sono profundo da tarde. Seus sonhos são desordenados e aleatórios, mudando rapidamente, indo de um sonho com um aterrorizante homem sem-teto peludo perseguindo sua mãe que cambaleia por aí, bêbada, no quintal da frente da casa, nua; depois muda para o Sr. Durbin ameaçando matá-la; para um desfile com todas as pessoas de Hill em fila na rua, observando. Todos apontando e rindo de Janie, a garota da narcóticos.

Então, ela sonha algo horrível, a senhorita Stubin morrendo, e mesmo sabendo que ela já está morta, ainda dói. No sonho, Janie chora. Quando ela acorda, seus olhos estão úmidos.

Assim como o resto de seu corpo. Está suando tanto que seus lençóis estão ensopados.

E ela sente como se alguém a tivesse espancado.
Janie odeia cochilos assim.

16h22

Ela calça seus tênis de corrida, alonga-se e vai direção da porta, com a garrafa de água na mão. Acha que talvez seja isso que ela precise. Não se exercitou a semana toda.

Ela anda garagem afora, com os pés esmagando o cascalho, entrando no passo do *cooper*. Golpeia o pavimento coberto com piche, com os tênis abrindo fendas nas bolhas pretas que estão ficando cada vez mais macias devido ao sol. O suor escorre pelas costas dela, e escorre por entre os seios. Suas pernas estão cansadas, mas ela continua em frente, esperando o auge da adrenalina. Ela percorre toda a distância até o Asilo Heather, sem perceber para onde está indo. O passo rítmico, a respiração medida, ambos martelando pensamentos e lembranças ruins em sua mente, tentando golpeá-los e expulsá-los de lá.

Não tendo realmente sucesso nisso.

Subindo pela entrada dos carros e entrando no estacionamento de cimento, ela corre e então para. Fica em pé, parada, em uma vaga de estacionamento, cujas linhas parecem gastas devido aos anos de uso e por causa da falta de tinta. Olha para o céu, acima das enormes árvores de bordo, imaginando aquela noite há alguns verões, quando ela estava sentada ali fora com três dos residentes do Asilo Heather, para ver os fogos de 4 de julho. Eles gritavam “oww” e “ahhhh!”, com os fogos, mesmo um deles sendo uma cega.

Cega, como Janie ficará.

Ah, senhorita Stubin.

Janie, respira pesadamente, abaixa-se até o cimento quente, e as lágrimas caem, devido à dor de ter 18 anos e estar apaixonada por um cara que não consegue conversar sobre o que está acontecendo com ela, e sentindo esse imenso peso no peito, esmagando-a, retraindo-a, impedindo-a de viver realmente como uma adolescente deveria estar vivendo. E se pergunta, não pela

primeira vez, por que toda essa merda está acontecendo com ela. Acha que cometeu um erro terrível ao aceitar o emprego com a Capitã e acelerar sua própria cegueira para o benefício dos outros. Imagina como seria se tudo isso nunca tivesse acontecido com ela, se nunca tivesse lido aquele maldito caderno verde, se nunca tivesse pegado aquele trem em que tudo começou, quando tinha 8 anos. Se poderia, na verdade, ter o controle de sua vida, ao menos uma vez.

Imagina se deveria realmente fazer o que temia fazer esse tempo todo.

Salvar-se, e dane-se o resto.

— Me dá uma merda dum tempo! — ela grita para os fogos que não estão mais lá. — Que merda eu tenho de fazer só para ser normal? O que eu fiz na vida para merecer essa droga? Por quê? — ela chora, aos soluços. — Por quê?

Também, não pela primeira vez, não tem resposta.

17h35

Janie recompõe-se.

Limpa a sujeira de seu *short*.

Volta a correr até sua casa.

18h09

Ela entra sorrateiramente na casa de Cabel. Exausta e vazia.

Ele olha da cozinha, onde está preparando um sanduíche, e pisca para ela.

— Oi — ela diz.

Fica lá, parada, em pé, com as bochechas marcadas pelas faixas de lágrimas, devido à poeira da estrada e ao suor.

Cabel torce o nariz.

— Uau. Seu cheiro está nojento — ele diz. — Vem comigo.

E então ele a leva até o banheiro. Liga o chuveiro. Ajoelha-se para tirar as roupas dela e as meias, enquanto ela arruma seus

óculos no aparador e desfaz seu rabo de cavalo. Ele a ajuda a livrar-se de suas roupas ensopadas. E, em seguida, afasta a cortina.

— Vai em frente — ele diz.

Ela entra.

Ele observa-a, admirando suas curvas. Com relutância, vira-se para ir embora.

E então ele para.

Pensa que Janie poderia precisar de mimos extras.

Ele tira sua camiseta e seu *short*. Sua cueca também. E junta-se a ela.

18h42

— Hei, Cabe? — ela diz, secando os cabelos, sentindo-se renovada. Com um grande sorriso na boca. Colocando de lado todos os pensamentos, exceto um, pelo momento. — Você quer ir pegar uma capa de chuva para o Jimmy, para irmos cuidar de vocês?

Cabel olha para ela.

Vira a cabeça e aperta os olhos.

— Quem diabos é o “Jimmy”?

23h21

No porão fresquinho e escuro, ela sussurra:

— Não é Ralph, é?

Cabel fica em silêncio por um instante, como se estivesse pensando.

— Você quer dizer tipo *Forever* Ralph? Ah, não.

— Você leu *Forever*? — Janie está incrédula.

— Não havia muito que escolher do carrinho da biblioteca do hospital, e sempre tinha alguém lendo *Deenie* — diz Cabel com sarcasmo.

— Você gostou?

Cabel solta uma risada suave.

— Ahm... bem, não foi a coisa mais sábia para um cara com 14 anos ler, com enxertos recém-colocados na área lá embaixo, se é que você me entende.

Janie reprime uma risada solidária e enterra o rosto na camiseta dele. Aperta-o, bem próximo dela. Sente-o respirar. Depois de poucos minutos, ela diz:

— E então o quê? Pete? Clyde?

Cabel rola para o outro lado, fingindo dormir.

— É Fred, não é?

— Janie. Para.

— Você chamou seu “coiso” de Janie? — ela dá risadinhas.

Cabel resmunga profundamente.

— Vai dormir.

23h41

Ela dorme. Está delicioso.

Por um momento.

3h03

Ele sonha.

Eles estão na casa de Cabel, os dois, aninhados, juntos em um sofá, jogando Halo e comendo pizza. Divertindo-se. Ouve-se um som abafado ao fundo, alguém chamando e pedindo ajuda da cozinha, mas os dois ignoram... estão muito ocupados curtindo a companhia um do outro.

Os gritos pedindo ajuda ficam cada vez mais altos.

— Fica quieto! — grita Cabel.

Mas os chamados só ficam cada vez mais intensos. Ele grita novamente, mas nada muda. Por fim, ele vai até a cozinha. Janie se sente obrigada a segui-lo.

Ele grita.

— Simplesmente cale a boca e pare de falar de seus problemas estúpidos! Eu não aguento mais!

Lá, deitada em uma cama branca de hospital, está uma mulher.
Ela está contorcida, aleijada.

Cega e macilenta.

Repugnante.

É a velha Janie.

A Janie jovem do sofá se foi.

Cabel vira-se para Janie no sonho.

— Ajude-me — ele diz.

Janie fica olhando para ele. Balança de leve a cabeça, mesmo sendo compelida a tentar ajudá-lo.

— Não posso.

— Por favor, Janie. Ajude-me.

Ela olha para ele. Sem palavras. Encolhe os ombros e segura as lágrimas.

Sussurra:

— Talvez você devesse apenas dizer adeus.

Cabel olha fixo para ela. E, então, ele se vira para a velha Janie.

Estica as mãos com dois dedos.

Fecha as pálpebras dela.

Janie faz um tremendo esforço e arranca-se do sonho.

Paralisada.

Respirando pesadamente.

O mundo aproximando-se e fechando-a novamente. Ela luta para se mexer. Para respirar.

Quando consegue, Janie tropeça, com os dedos dormentes dos pés, atravessando o chão do porão de Cabe. Sobe os degraus, sai porta afora. Atravessa os quintais, até sua pequenina e sufocante prisão.

Fica deitada de lado, contando as vezes em que inspira e expira, fazendo com que sinta cada uma delas, o ar entrando e saindo. Com o olhar fixo na parede.

Imaginando por mais quanto tempo ela pode esconder tudo isso.

DOMINGO

6 de agosto de 2006, 10h10

Ela olha fixamente para a parede.

E arrasta-se para fora da cama, para encarar um outro dia.

Janie encontra Dorothea na cozinha, preparando seu coquetel do meio da manhã. É a primeira vez que Janie a vê depois que elas conversaram.

— Hei — diz Janie.

A mãe de Janie resmunga.

É como se nada tivesse acontecido.

— Alguma novidade sobre o Henry?

— Não.

— Você está bem?

A mãe de Janie faz uma pausa e olha com um olhar meio vago.

— Tudo bem.

Janie tenta de novo.

— Você sabe que o número do meu celular está aqui do lado do calendário, se algum dia precisar de mim, certo? E o do Cabel está ali também. Ele vai fazer qualquer coisa por você, tipo, se eu não estiver por perto ou algo assim. Você sabe disso, né?

— Ele é aquele carinha hippie?

— É, mãe. — Janie revira os olhos. Cabel cortou o cabelo há meses.

— Cabel... que tipo de nome é esse?

Janie ignora-a. Deseja nem ter dito nada para começo de conversa.

— É melhor você não ficar prenha, é tudo o que eu posso te dizer. Um bebê arruína sua vida.

A mãe de Janie vai para seu quarto arrastando os pés.

Janie fica com o olhar fixo nela enquanto ela parte. Balança a cabeça.

— Hei, muito obrigada — diz ela, em voz alta.

Pega seu celular e liga-o. Há uma mensagem de texto de Cabel.

Não vi você sair. Onde você foi? Está tudo bem?

Janie suspira. Responde à mensagem de texto com outra: *Só acordei cedo. Tinha algumas coisas para resolver.*

Ele responde: *Você deixou os sapatos aqui. Quer que eu os leve aí, ou...?*

Janie considera. *É. Valeu.*

11h30

Ele está na porta.

— Se importa se formos dar uma volta?

Janie aperta os olhos.

— Para onde?

— Você vai ver.

Relutante, Janie segue-o até o carro dele.

Cabel dirige para fora da cidade e desce por uma estrada que deixa para trás vários campos de milho e, depois, vários hectares de florestas. Ele diminui a marcha do carro, entortando os olhos para ver a casual caixa de correio, examinando os bosques.

— O que você está fazendo? — pergunta Janie.

— Procurando pelo dois-três-oito-oito-oito.

Janie senta-se e dá uma espiada janela afora também. Ela diz, com suspeitas:

— Quem mora aqui no meio deste nada?

Cabel entorta os olhos de novo e diminui a velocidade quando passam pelo 23.766. Ele dá uma olhada em seu espelho retrovisor e, um momento depois, um carro se aproxima, passando por eles.

— Henry Feingold.

— O quê? Como você sabe?

— Olhei na lista telefônica.

— Ah-ahm! Você é esperto — diz Janie. Incerta. Ela deveria estar ansiosa ou irada?

Ou apenas envergonhada de não ter pensando nisso primeiro?

Mais um quilômetro e meio, e Cabel vira em uma entrada de carros com mato crescido e duas faixas de cascalho. Arbustos arranham as laterais do carro e a pista é extremamente cheia de calombos. Cabel amaldiçoa baixinho.

Janie dá uma espiada para fora do para-brisa. O sol passa por entre os galhos da árvore, tornando a viagem listrada. Ela vê algo borrado a cerca de quatrocentos metros dali, em uma clareira.

— Aquilo é uma casa?

— É.

Depois de alguns minutinhos, com Cabel dirigindo a uma velocidade agonizantemente lenta pela entrada de carros cheia de protuberâncias, eles param em frente a uma pequena e decrépita cabana.

Saem do carro. No espaço para manobra do veículo, cheio de cascalho, há uma velha e enferrujada caminhonete azul, com painéis de madeira. Um recipiente de chá está em infusão no capô do carro.

Janie entende tudo.

Arbustos cercam a pequenina casa. Uma linha de rosas com as pontas levemente queimadas, ameaça tomar conta de uma grade que está apodrecendo. Poucos lírios-tigre desordenados estão bem abertos, absorvendo o calor do sol. Todas as outras flores são ervas daninhas. Do lado de fora da porta da frente, há uma pequena pilha de caixas de papelão.

Cabel dá passos cuidadosos, por arbustos que pinicam, até a suja janela, e dá uma espiada lá dentro, tentando ver através da pequenina abertura entre as cortinas.

— Não parece que tenha alguém aqui.

— Você não deveria fazer isso — diz Janie. Ela sente-se desconfortável. Está quente, e o ar está repleto do zunido dos insetos. E eles estão invadindo a privacidade de alguém. — Este lugar está me dando arrepios.

Cabel examina a pilha de caixas na porta da frente, olhando para os endereços dos remetentes. Ele pega uma delas e a chacoalha perto de seu ouvido. Em seguida, coloca-a de volta na pilha e dá uma olhada em volta.

— Quer invadir? — ele pergunta com um sorriso malévolo.

— Não. Isso não é legal. Poderíamos ser presos!

— Nem, quem vai saber?

— Se a Capitã algum dia descobrir, ela ia acabar com a gente.

Ela não vai deixar isso quieto facilmente — Janie avança lentamente em direção ao carro. — Vamos, Cabe. Sério.

Cabel concorda, com relutância, e eles voltam para dentro do carro.

— Não entendo. Você não quer saber mais coisas? O cara é seu pai. Não está curiosa?

Janie olha janela afora, enquanto Cabel vira o carro.

— Estou tentando não ficar.

— Por que ele está morrendo?

Ela está perdida em pensamentos.

— É... — sabe que se não investir em Henry, pode riscá-lo da lista como problema resolvido quando ele morrer. Ele será apenas um cara aí cujo obituário está no papel. Não o pai dela. — Não preciso de mais uma coisa para me preocupar, creio eu.

Cabel avança o carro para a estrada novamente, e Janie dá uma espiada por cima do ombro pela última vez. Tudo que ela consegue ver são as árvores.

— Espero que as coisas dele não fiquem todas molhadas da próxima vez que chover — ela diz.

— Realmente importa se isso acontecer?

Eles prosseguem com a viagem em silêncio por alguns minutos. E então, Cabel pergunta:

— Você captou algo do pesadelo de Henry ontem? Eu estava com muito receio de perguntar depois de nosso pequeno desentendimento fatídico.

Janie vira-se em seu banco e observa Cabel dirigindo.

— Foi, na maior parte, a mesma coisa de antes. Estática. Cores. Mulher ao longe, e então eu vi o Henry no sonho também. Sempre sentado naquela mesma cadeira. Ele estava observando a mulher.

— O que a mulher estava fazendo?

— Só lá, parada, em pé, no meio de uma sala mal iluminada... era como se fosse um ginásio de escola ou algo assim. Não consegui ver o rosto dela.

— Ele estava apenas observando-a? Soa horripilante.

— É — diz Janie. Ela observa as fileiras de milho passarem sibilantes e tornarem-se um borrão. — Não parecia tão horripilante, na verdade. Parecia... solitário. E depois... — Janie para. Pensa. — Ahm...

— O quê?

— Ele virou-se e olhou para mim. Como se talvez estivesse um pouco surpreso por eu estar lá. Pediu que eu o ajudasse.

— Outras pessoas em sonhos viram você também, certo? Elas conversam com você.

— Ah, sim, claro. Mas... eu não sei. A sensação dessa vez foi diferente. Como... — Janie busca em suas lembranças, repassando em sua mente as dezenas de sonhos que vivenciou em sua vida. — Como nos sonhos da maior parte das pessoas, eu simplesmente estou lá e elas aceitam o fato, e conversam comigo como se eu fosse uma muleta. Mas elas não se conectam realmente... elas olham para mim, mas não me veem de verdade.

Cabel coça sua bochecha e, distraidamente, passa os dedos pelos cabelos.

— Não entendo qual é a diferença.

Janie suspira.

— Acho que não entendo também. Só me passou uma sensação diferente.

— Como no primeiro dia em que vi você no ponto de ônibus e foi a única pessoa que olhou para mim, e nossos olhos meio que se encontraram? — Cabel meio que está provocando... Mas não está, na verdade.

— Pode ser. Na verdade, parece mais como no dia em que a senhorita Stubin olhou para mim, quando eu estava no sonho dela lá no asilo e me fez uma pergunta. Meio que uma coisa de reconhecimento. Como se, de alguma forma, ela simplesmente soubesse que eu era uma apanhadora de sonhos também.

Cabel dá uma espiada em Janie e, depois, olha de novo para a estrada. Franze a testa e inclina a cabeça com ar inquisitivo.

— Espera — ele diz. — Espera um minuto — ele pisa no freio e vira-se para olhar para Janie de novo. — Sério?

Janie olha para Cabel e faz que “sim” com a cabeça. Ela vem se perguntando sobre isso.

— Janie. Você tem algum motivo para achar que esse lance de sonho possa ser hereditário? — a velocidade do carro vai diminuindo até que ele para no meio da estrada.

— Eu não sei — Janie diz. Ela olha de relance por sobre o ombro, nervosa. — Cabel, o que você está fazendo?

— Dando a volta — ele diz. Ele volta por um retorno em trevo e mete o pé no acelerador. — Isso é importante. Ele pode ter alguma informação sobre esta pequena maldição de vocês. E poderíamos não ter outra chance.

12h03

Cabel está parado, em pé, na porta da frente da casa de Henry. Tira sua carteira de motorista do bolso. Enfia a carteira de motorista no buraco da porta, do lado da maçaneta, e começa a mexê-la de um lado para o outro. Pressiona seus lábios, unindo-os, enquanto faz isso, tentando chegar até o ferrolho, para que saia do lugar e eles possam invadir.

Janie observa-o por um instante. Então, ela estica a mão e pega na maçaneta da porta. Gira-a. A porta se abre.

Cabel endireita-se.

— Bem. Quem não tranca as portas hoje em dia?

— Alguém cujo cérebro está explodindo, talvez? Alguém que mora no meio do nada e não tem nada de bom para ser roubado? Alguém que é meio louco? Talvez ele tenha dito para os paramédicos não trancarem porque ele não estava com as chaves — Janie dá um passo e entra na casinha, abrindo espaço para que Cabel a siga. — Viu? — ela diz, apontando para um porta-chaves na parede com um conjunto de chaves penduradas nele.

Está asfixiante ali dentro. Cozinha, sala de estar e cama ficam todos no mesmo cômodo. Uma porta no canto lá atrás parece que dá para um banheiro. Há um rádio na estante e uma pequena TV no balcão da cozinha. O ar quente invade a sala através de uma janela com tela aberta, no fundo da casa. Uma fina cortina amarela farfalhando. Debaixo da janela, há uma mesa com um computador velho. Parece, pela caneca de café e pela tigela, que a mesa serve como local para comer e como escrivaninha. Embaixo da mesa há uma unidade com três gavetas que já fez parte de uma escrivaninha de verdade. Alguns papéis, poucos, estão no chão, como se tivessem sido levados pela brisa.

Caixas de papelão desmontadas estão encostadas na parede perto da porta dos fundos. A cama está bagunçada. Um copo quase vazio de água está sobre uma mesinha de criado-mudo improvisada com uma caixa de papelão.

— Bem — diz Janie. — Lá se vai meu sonho de uma mágica herança surpresa. O cara é mais pobre que a gente!

— Isso não é algo fácil de conseguir — diz Cabel, entendendo tudo aquilo. Ele caminha até a escrivaninha. — A menos que... pode ser que a propriedade seja dele... pode ser valiosa — Cabel procura por algo em meio a algumas contas na escrivaninha. — Ou... não. Aqui tem um cheque cancelado no qual está escrito “aluguel” na linha do lembrete.

— Maldição — Janie, relutante, junta-se a Cabel. — Tenho uma sensação estranha, Cabe. Não deveríamos estar fazendo isso.

— Você nunca vai descobrir nada se esperar até depois que ele morrer... o governo vai tomar tudo que é dele, e o senhorio vai querer um inquilino que, na verdade, possa pagar as contas. Vão limpar este lugar todinho, vender o que puderem para pagar o hospital... e é isso aí.

— Você certamente sabe de um monte de merda qualquer — Janie olha em volta.

— Merda qualquer, mas *útil*.

— Imagino que sim.

Ela anda sem rumo certo ao redor da casinha. Em cima da TV, há uma diversidade de analgésicos de farmácia. O refrigerador está

meio cheio. Um quarto de litro de leite, metade de um pão de centeio, um recipiente com salsicha defumada. Uma única prateleira está repleta de ervilhas, milho-verde, tomates e framboesas. Janie dá uma olhada janela afora, para o quintal de trás, e vê um pequeno jardim. Na lateral, arbustos de aparência silvestre pontilhados de vermelho.

O armário está quase vazio, com apenas alguns pratos e copos diferentes uns dos outros. Há uma leve camada de poeira em volta de tudo, mas não se trata de uma casa suja. Na área da sala de estar, há uma cadeira reclinável, velha e gasta, uma mesinha de canto com um abajur de madeira em cima, e uma grande estante improvisada cheia de caixas. Perto dela, há uma pequena estante de livros. Janie imagina a cena de Henry sentado ali à noite, na cadeira reclinável, lendo ou vendo TV nesta quase confortável casa. Imagina que tipo de vida era a dele.

Ela caminha até a estante de livros e vê exemplares gastos de Shakespeare, Dickens. Kerouac, Hemingway e Steinbeck também. Alguns livros com letras estranhas, parecendo hebraico. Livros de ciência. Janie tira um da estante e olha dentro dele. Vê o que deve ser algo escrito por seu pai embaixo de uma lista de nomes que foram riscados.

Henry David Feingold

Universidade de Michigan

Ela agacha e folheia o livro, lendo as anotações feitas nas margens. Imagina se são anotações feitas por ele, ou se eram de alguém antes dele. A encadernação está destruída e algumas das páginas estão soltas, então, Janie fecha o livro e coloca-o de volta na estante.

Cabel está olhando os papéis na escrivaninha.

— Notas fiscais — ele diz. — Para todos os tipos de coisas estranhas. Roupas de bebê. Videogames. Joias. Globos de neve, *pelamordedeus!* Tento imaginar onde ele guarda isso tudo. Meio bizarro, se quer saber.

Janie levanta-se e caminha até Cabel. Pega um caderno e abre-o. Dentro dele, em boa caligrafia, uma lista de transações. Não há duas similares. Janie fica perplexa com o caderno e então vai até

a porta da frente. Puxa os pacotes para dentro e olha os remetentes. Batem com os que estão anotados no caderno.

Ela coloca os cabelos atrás da orelha.

— Acho que ele deve ter uma lojinha na internet, Cabe. Ele compra coisas baratas e vende-as em sua loja virtual, para ganhar algum lucro. Então, ele tem um pequeno departamento de envio e recebimento ali — ela aponta para a grande estante improvisada.

— Talvez ele vá a vendas de garagem e compre coisas também.

Janie concorda com a cabeça.

— Parece estranho que ele tenha estudado ciências na faculdade e acabe fazendo isso. Será que ele foi despedido ou algo do gênero?

— Considerando a economia de Michigan e o aumento recente da taxa de desemprego, isso é totalmente provável.

Janie abre um grande sorriso.

— Você é um tremendo dum *geek*. Eu amo você. Amo mesmo!

O rosto de Cabel ilumina-se.

— Obrigado.

— Então... — Janie coloca o caderno na mesa e pega um exemplar bem gasto, uma brochura de *Catch-22*^[23]. Folheia as páginas, perdendo a linha de pensamento. Vê um pedaço rasgado de papel sendo usado como marcador de página. Há palavras escritas a lápis no marcador de página.

Morton's Fork^[24].

Isso é tudo que está escrito nele.

Janie fecha o livro e coloca-o de volta na escrivaninha.

— E agora?

— O que você quer fazer? Eu não vejo nenhuma evidência de que ele seja um apanhador de sonhos, e você?

— Não. Mas você acharia alguma evidência a respeito disso na minha casa, se procurasse?

Cabel ri.

— Ah, caderno verde, as anotações sobre sonhos em sua mesinha de cabeceira...

— Mesinha de cabeceira — diz Janie, dando um tapinha de leve em seu lábio inferior com o indicador. Ela caminha até a cama de Henry, mas não há nada ali. Só o copo d'água. Ela até mesmo levanta o colchão e desliza os dedos por ele e pelo estrado, procurando por um diário ou algo do tipo. — Não há nada aqui, Cabe. Deveríamos ir embora.

— E o computador?

— Não... não vamos mexer ali. Mesmo. Só vamos embora. E, além disso, você viu o cara. Ele não é todo torto e nem cego.

— Como você sabe que ele não é cego? Não tem como afirmar isso.

— É, talvez você esteja certo — diz Janie. — Mas as mãos dele pareciam boas.

— Bem... o que a senhorita Stubin disse no caderno verde? Trinta e poucos anos para o lance das mãos? Ele não pode ser muito mais velho do que isso, quarenta no máximo, certo? Então, talvez não tenha acontecido ainda.

Janie suspira. Não quer ir assim, tão a fundo. Não quer mais pensar no caderno verde. Caminha até a porta e fica lá, parada, em pé, por um instante. Bate a cabeça de leve na porta. Depois ela a abre, vai para fora e senta no carro abafado até que Cabel chegue.

— Hospital? — ele diz, com esperança transparecendo na voz, quando vira o carro na direção da estrada.

— Não — a voz de Janie é firme. — Já chega disso, Cabe. Não me importa se ele era o rei dos apanhadores de sonhos. Provavelmente, ele não é... provavelmente, é apenas algum cara que teria um treco se soubesse que estávamos bisbilhotando a casa dele. Simplesmente não quero mais seguir em frente com isso.

Ela está cansada disso tudo.

Cabe concorda com a cabeça.

— Tá bem, tá bem. Nem mais uma palavra. Juro.

Na casa de Cabel, os dois estão malhando. Janie sabe que tem de manter sua força a todo vapor. Eles têm uma reunião na segunda-feira com a Capitã, o que é sinônimo de missão a caminho. Pela primeira vez, Janie não se sente muito animada com isso.

— Faz ideia do que a Capitã vai ter para a gente? — Janie pergunta, entre um levantamento de peso e outro.

— Nunca se sabe nada dela — Cabel inspira e expira intensamente quando chega no fim de suas repetições para exercitar o bíceps. — Espero que seja algo tranquilo e fácil.

— Eu também — diz Janie.

— Vamos descobrir logo, logo — Cabel coloca seus pesos no chão. — Nesse meio-tempo, parece que não consigo parar de pensar no Henry. Tem algo estranho nessa situação toda.

Janie coloca a barra no lugar e senta.

— Achei que você tinha dito que ia deixar isso para lá — ela diz, provocando, mas a curiosidade toma conta dela. — Mas... e aí, o que te faz dizer isso?

— Bem, você disse que havia uma conexão no sonho, como tinha com a senhorita Stubin, certo? Isso é o que ativou meu cérebro e, agora, não consigo parar de pensar nisso. E que estranho o jeito como ele vive. Ele é um recluso. Tipo, ele tem aquela caminhonete velha estacionada no quintal, então é óbvio que ele dirige, mas...

Janie olha atravessado para Cabel.

— Hum — ela diz.

— Talvez seja tudo coincidência — ele diz.

— É provável — ela concorda. — Como você disse, ele é apenas um recluso.

Mas...

22h20

— Boa-noite, docinho — murmura Cabe no ouvido de Janie.

Eles estão parados, em pé, na entrada da casa de Cabel. Janie não vai dormir ali de novo. É difícil demais. Difícil demais manter seu segredo.

— Eu amo você — ela diz, com grande sentimento. É para valer. É mesmo para valer.

— Amo você também.

Janie afasta-se para ir embora, com os braços esticados e os dedos entrelaçados nos de Cabel, até que não mais consegue alcançá-lo, e então ela, com relutância, deixa seu braço cair e caminha lentamente, atravessando os quintais até chegar à sua rua, sua casa.

Deita-se, acordada, com a barriga para cima. E sua mente fica pensando em Cabe e repassando os eventos do dia. Seus pensamentos se voltam para Henry.

0h39

Ela não consegue parar de pensar nele.

Por que, e se...?

E como ela deveria saber, a menos que...?

Janie sai da cama, veste suas roupas, pega o telefone, a chave de casa e um lanche, para ter energia. O ônibus está vazio, só tem o motorista.

Ainda bem que ele não está dormindo.

0h58

Os chinelos de Janie batem no piso do hospital e ecoam pelos corredores que, sem isso, estariam absortos em silêncio. Um homem idoso com uma maca vazia acena com a cabeça para Janie quando sai do elevador. Lá em cima, no terceiro andar, Janie empurra a porta da UTI sem hesitar. Está pouco iluminado e silencioso lá. Janie desvia dos sonhos no corredor e, antes de abrir a porta de Henry, revisa o plano em sua cabeça.

Respira fundo e empurra a porta com tudo, fechando-a rapidamente depois de entrar. Tudo em torno dela fica preto e, em seguida, Janie é atingida pelas cores e pela horrível estática de novo.

A potência do sonho força Janie a ficar de quatro. O ataque a seus sentidos torna a gravidade dez vezes mais forte do que o normal. Ela vai e vem, sem pensar, como se fosse para evitar as gigantescas paredes-blocos de cores ardentes que vêm na direção dela em 3D. Mentalmente, está tentando ouvir seus próprios pensamentos acima do ruído, o que é incrivelmente difícil... é como se ela estivesse em um vórtice de estática.

As mãos e os pés de Janie ficam rapidamente paralisados. Às cegas, ela vira para a direita e rasteja em direção ao banheiro, para, se tiver de fazê-lo, entrar lá e fechar a porta. Quando um bloco amarelo flamejante vem em sua direção, Janie faz um movimento brusco para evitá-lo e sente sua cabeça bater na parede do quarto do hospital.

— Concentre-se! — ela grita para si mesma.

Mas o ruído está esmagador. Tudo que ela consegue fazer é deslizar para a frente, arrastando seu corpo paralisado, na esperança de que esteja realmente se movendo e esperando um lampejo de algo, qualquer coisa que explique um pouco do mistério de Henry.

Janie não sabe quanto tempo vai aguentar antes de não mais conseguir se mexer.

Antes que não possa mais lutar. Incapaz de encontrar o banheiro, de quebrar a conexão.

É como se ela tivesse caído no gelo, submersa na água gélida. Dormentes, tanto o corpo quanto a mente. Até mesmo o ruído e as cores ficam menos intensos.

As coisas param de importar.

Ela não consegue sentir a si mesma se debatendo pelos arredores como uma louca.

Não sabe que está perdendo a consciência.

Não se importa mais, também. Só quer desistir, deixar que o pesadelo tome conta dela, engula-a, encha seu cérebro e seu corpo

com o infinito clamor e o nauseante fascínio.

E isso acontece.

Logo, tudo fica preto.

Mas então.

Na própria inconsciência de Janie, a imagem de um homem louco, um homem louco cabeludo, que grita, que é seu próprio pai, lentamente aparece da escuridão diante dela.

Ele vai na direção dela, com os dedos pretos e cheios de sangue, os olhos ensandecidos, sem piscar. Janie está paralisada. As mãos frias de seu pai encostam em seu pescoço, em volta dele, apertando-o com força, mais forte, até que Janie não respira mais. Ela não consegue se mover, está incapaz de pensar. Forçada a deixar seu próprio pai matá-la. Conforme o aperto dele em seu pescoço fica mais forte, o rosto de Henry muda, ficando pálido, da cor de um branco doente. Ele faz mais força e começa a tremer.

Janie está morrendo.

Não tem mais como lutar.

Acabou.

Assim que ela desiste, o rosto cor de giz de seu pai transforma-se em vidro e espedaça-se em dezenas de pedacinhos.

A força da pegada dele em volta do pescoço de Janie desaparece. O corpo dele desaparece.

Janie cai no chão, ofegante, do lado dos pedaços do rosto de seu pai que explodiu. Ela olha para eles, respirando com dificuldade, por fim, conseguindo se mexer.

Levanta-se.

E lá, em vez de ver seu pai no vidro, ela vê seu próprio rosto horrorizado, que grita, refletido, olhando para ela mesma.

Estática de novo.

Por muito.

Muito.

Tempo.

Janie percebe que poderia ficar presa ali. Para sempre.

E então.

Uma centelha de vida.

Um relampejo da figura de uma mulher em um ginásio escuro, a imagem de um homem em uma cadeira...

E uma voz.

Distante. Mas clara. Distinta.

Familiar.

A voz da esperança no mundo escuro de uma pessoa.

— Volte — diz a mulher.

A voz dela é doce e jovem.

Ela vira o rosto para olhar para Janie. Dá um passo na direção da luz.

Está em pé, parada, com pernas fortes, com os olhos límpidos e brilhantes. Seus dedos, não retorcidos, mas longos e amáveis.

— Janie — diz ela, séria. — Janie, minha querida, volte.

Janie não sabe como voltar.

Está exausta. Foi. Foi-se deste mundo e está pairando em algum lugar onde nenhuma outra pessoa viva poderia estar.

Exceto Henry.

A mente de Janie é bombardeada por uma nova cena, uma cena tranquila e silenciosa, de um homem em uma cadeira e uma mulher, agora parada, em pé, na luz, implorando para Janie voltar. A mulher caminha até Henry, fica parada, em pé, ao lado dele. Henry vira-se e olha para Janie. Pisca.

— Ajude-me — ele diz. — Por favor, por favor, Janie. Ajude-me.

Janie está aterrorizada com ele. Ainda assim, não há nada que ela possa fazer senão ajudá-lo.

É seu dom.

Sua maldição.

Ela é incapaz de dizer “não”.

Compelida, Janie força-se a ter total atenção, a ter completa consciência, morta de temor de que as horríveis cores ardentes e o ruído voltem a qualquer momento, com temor de chegar perto desse homem que vira um louco e a estrangula. Desejando que pudesse

reunir suas forças e arrancar-se deste pesadelo agora, enquanto ainda tem chance. Mas ela não consegue.

Janie luta em silêncio para ficar em pé no ginásio. Com muito esforço, caminha na direção dos dois, com seus passos ecoando. Ela não faz ideia do que fazer por Henry. Não vê nada que possa fazer para ajudá-lo. Quer mesmo apenas amarrá-lo, ou talvez matá-lo, para que ele não tenha a chance de machucá-la.

Ela para a alguns passos de distância deles. Olha fixamente para a mulher lá parada, em pé, não acreditando muito no que vê.

— É você — ela diz. Sentindo um ataque de alívio. Seu lábio treme. — Ah, senhorita Stubin.

A senhorita Stubin estica os braços, e Janie, pasma ao vê-la novamente e incrivelmente fraca devido a este pesadelo, vai tropeçando de encontro aos braços dela. A senhorita Stubin segura-a com força, bem reconfortante. Esse ato repara um pouco das forças de Janie, que está muito emocionada ao sentir a calidez e o amor no toque da senhorita Stubin.

— Hei, está tudo bem com você — diz a senhorita Stubin.

— Você! — diz Janie. — Você está... achei que não a veria de novo.

A senhorita Stubin sorri.

— Eu estava aproveitando bem meu tempo com o Earl, desde a última vez que vi você. É bom ficar inteira de novo.

Ela faz uma pausa, com os olhos brilhando, que apanham os indistintos raios de luz que entram pelas pequeninas janelas superiores do ginásio. E então ela olha na direção do emudecido Henry, que está sentado, como sempre, imóvel.

— Acredito que eu esteja aqui por Henry... Penso em trazê-lo para casa, se é que você entende o que quero dizer. Às vezes, nem eu mesma sei por que sou convocada para os sonhos de outros apanhadores.

Janie arregala os olhos.

— Então é verdade. Ele é um apanhador de sonhos mesmo.

— Sim, parece que sim.

Elas olham para Henry, e depois olham uma para a outra. Em silêncio, ponderando. Os apanhadores de sonhos, todos juntos em

um único lugar.

— Uau — murmura Janie. Vira-se de novo para a senhorita Stubin. — Por que você não me falou sobre ele? Você disse no caderno verde que não havia mais nenhum outro apanhador de sonhos vivo.

— Eu não tinha conhecimento dele — ela sorri. — Parece que ele precisa de sua ajuda primeiro, antes que possa vir comigo. Estou feliz por você ter vindo.

— Não foi fácil — diz Janie. — Os sonhos dele são horríveis.

— Ele não tem muitos mais — diz a senhorita Stubin.

Janie pressiona os lábios, unindo-os, e respira fundo.

— Ele é meu pai. Você sabia disso, certo?

A senhorita Stubin balança a cabeça, em sinal de negativa.

— Eu não sabia. Então é hereditário. Eu me perguntava isso com frequência. É por isso que não tive filhos.

— Você... — Janie é subitamente atingida por um pensamento.

— Você não é parente, é? Quero dizer, nossa parente?

A senhorita Stubin abre um sorriso cálido.

— Não, minha querida. Isso não seria uma coisa de louco?

Janie ri suavemente com a loucura disso tudo.

— Você acha que talvez haja outros por aí, então? Além de mim?

A senhorita Stubin segura as mãos de Janie e aperta-as.

— Saber da existência de Henry me traz esperanças de que haja mais de nós. Todavia, é quase impossível encontrar os apanhadores de sonhos — ela dá umas risadinhas. — O melhor que se pode fazer para encontrá-los é dormir em lugares públicos, imagino.

Janie concorda com a cabeça. Dá uma olhada em Henry.

— Como devo ajudá-lo?

A senhorita Stubin levanta uma sobrancelha.

— Não sei, mas você sabe o que fazer para descobrir. Ele já pediu sua ajuda.

— Mas... eu não vejo... e ele não está me levando a lugar algum.

Janie olha em torno do ginásio quase vazio, procurando pistas, tentando imaginar o que poderia, possivelmente, fazer para ajudar Henry. Não querendo chegar perto demais dele.

Por fim, Janie vira-se para Henry e respira fundo, dando uma olhada de relance na senhorita Stubin, brevemente, para ter algum apoio.

— Hei, você — ela começa. Sua voz está um pouco tremida, nervosa, assustada, incerta quanto ao que esperar. — Como posso ajudá-lo?

Ele fica com o olhar cravado nela, com uma expressão vazia no rosto.

— Ajude-me — ele diz.

— Eu... eu não sei como, mas você pode me dizer.

— Ajude-me — repete Henry. — Ajude-me. Ajude-me. Ajude-me. AJUDE-ME. AJUDE-ME. AJUDE-ME! AJUDE-ME!!

A voz de Henry transforma-se em gritos insanos, e ele não para. Janie recua, mantendo a guarda, mas ele não vem na direção dela. Ele estica os braços até a cabeça e segura-a, gritando e arrancando tufo de cabelos de seu couro cabeludo. Os olhos dele estão saltados e seu corpo está rígido, agonizando.

— AJUDE-ME!

Os gritos dele não têm fim. Janie está paralisada, chocada, horrorizada.

— Eu não sei o que fazer! — ela grita, mas sua voz é abafada pela dele.

Aterrorizada, ela procura a senhorita Stubin, que observa a cena com atenção e com um pouco de medo.

E então.

A senhorita Stubin estica os braços.

Encosta no ombro de Henry.

Os gritos dele vão parando aos poucos. Param de vez. O ritmo alterado de sua respiração cansada diminui.

A senhorita Stubin olha fixamente para Henry, concentrando-se. Concentrando-se no foco. Até que ele se vira para olhar para ela e fica em silêncio.

Janie observa.

— Henry — diz a senhorita Stubin gentilmente. — Esta é sua filha, Janie.

Henry não apresenta reação alguma. E então o rosto dele fica contorcido.

Imediatamente, a cena à frente de Janie começa a rachar. Pedacos do ginásio caem longe, como se fossem pedacos de um espelho quebrado. Luzes brilhantes aparecem pelos buracos. Janie vê isso acontecendo, e seu coração bate forte. Ela lança um olhar desesperado para a senhorita Stubin e para seu pai, desesperada para saber se ele entende, mas ele está segurando a cabeça novamente.

— Não posso ficar aqui dentro — grita Janie, e ela reúne todas as suas forças, arrancando-se do pesadelo antes que a estática e as cores ofuscantes tomem conta dela novamente.

2h20

Tudo está em silêncio, exceto pelo zumbido nos ouvidos de Janie.

Passam-se minutos enquanto Janie fica deitada com o rosto voltado para baixo, sem se mover, sem enxergar, no frio e úmido piso do quarto do hospital. A cabeça dela dói. Quando tenta se mexer, seus músculos não obedecem.

2h36

Por fim, Janie consegue enxergar, embora tudo esteja meio indistinto. Ela resmunga e, depois de umas poucas tentativas, consegue ficar em pé, equilibrando-se apoiada na parede, limpando a boca. Há sangue na mão dela. Ela move a língua em volta da boca, com extremo cuidado, notando o corte na bochecha, onde aparentemente ela mordeu durante o pesadelo. Sente o pescoço, a garganta, cuidadosamente. Seu estômago vira do avesso quando ela engole saliva com sangue. Janie aperta os olhos para olhar em seu relógio, chocada ao ver que tanto tempo tinha passado.

E, então, ela se vira para olhar para Henry. Passa os dedos pelos cabelos emaranhados, enquanto está com o olhar fixo no rosto agonizante dele, congelado na mesma expressão horrível que tinha no sonho, quando gritava repetidas vezes sem parar.

— Qual é o problema com você? — ela pergunta. A voz dela soa como a estática no pesadelo.

Ela morde o lábio inferior e ainda o observa a certa distância, lembrando-se de Henry, o homem louco. Ele está inconsciente. Ele não pode me machucar.

Ela não acredita nisso, de forma que fala isso em voz alta, para si mesma e para ele.

— Você não pode me machucar.

Isso ajuda um pouco.

Ela dá um passo para mais perto dele.

Ao lado da cama dele.

Com seus dedos pairando acima da mão dele, Janie imagina-o pulando, agarrando-a com aquela pegada fria da morte. Rasgando sua garganta. Estrangulando-a. Ainda assim, lentamente, ela abaixa a mão e coloca-a em cima da mão de Henry.

Ele não se mexe.

As mãos dele são cálidas e ásperas.

Justamente como as mãos de um pai deveriam ser.

2h43

Está tarde demais para pegar o ônibus.

Quando consegue, Janie sai andando, cruzando o hospital e descendo até a rua. Lentamente, avança com dificuldade até sua casa, na calada da noite.

[23] Catch-22 é um termo cunhado por Joseph Heller em seu romance homônimo. É um paradoxo lógico em que um indivíduo encontra-se precisando de algo que pode ser obtido apenas se não há necessidade disso. Um exemplo é quando ocorrem situações em que a pessoa tem o conhecimento de ser ou tornar-se uma vítima, mas não tem o controle sobre a ocorrência disso. Janie já havia visto esse livro antes nas coisas de Henry. (N. T.)

[24] Morton's Fork refere-se a uma escolha entre duas alternativas igualmente agradáveis, trata-se de um dilema. Também pode ser duas linhas de raciocínio que levam à mesma conclusão desagradável. Algo como “entre a cruz e a espada”. (N. T.)

SEGUNDA-FEIRA

7 de agosto de 2006, 10h35

Um apanhador de sonhos. Seu pai. Tal como ela.
Inacreditável.

Janie veste as roupas que usa para correr e vai até o ponto de ônibus. Pega o ônibus até o último ponto na divisa da cidade. E percorre, correndo, o resto do caminho.

As coisas no interior são muito mais lentas do que na cidade. Os pés de Janie golpeiam o asfalto enquanto ela corre, com o mundo parecendo parar diante de seus olhos. Fileiras e mais fileiras de milho maduro imploram para serem colhidas. Enquanto ela corre, Janie pode ver as suaves franjas em tom marrom passarem como se fossem um borrão.

Seus óculos deslizam pelo nariz por causa do suor, e ela é mais uma vez lembrada de que precisa absorver as coisas que vê enquanto pode. Sente náuseas ao pensar em perder tudo isso, então absorve tudo, um passo depois do outro, até que sua mente começa a vagar novamente.

Ela ouve o coaxar das pererecas nas árvores e lembra-se de como, quando era pequena, costumava pensar que o coaxar intenso não era de um animal, mas sim o som de fios elétricos pulsando com energia. Quando descobriu que o ruído vinha das pererecas, não acreditou.

Ainda não acredita.

Afinal, ela nunca viu uma de verdade.

E, enquanto inspira o ar com cheiro de velho e úmido, o odor fraco de excremento de vaca torna-se algo comum. Misturado com o cheiro enjoativamente doce de flores selvagens e o toque cáustico dos remendos recentes na estrada.

A cabeça de Janie está tranquila e segura quanto a seu propósito, quando chega na entrada de carros com mato crescido da casa de Henry. Diminui o passo de sua caminhada, tentando acalmar-se.

Tão logo chega na clareira, seu celular toca em seu bolso. Ela ignora-o, sabendo que é bem provável que seja Cabel. Precisa pensar. Fazer isso sozinha. Abre a porta e dá um passo para dentro da casa.

Aquela sensação lúgubre toma conta dela... a sensação que faz com que sintam um estremecimento e se sintam um pouco tonta e com náusea, tudo ao mesmo tempo, quando estão em algum lugar aberto e quieto e extremamente inacessível. Janie bufa de raiva, ainda com falta de ar, e o ruído quebra o silêncio.

— Fala comigo, Henry, seu horripilante estranguladorzinho — diz Janie, suavemente. — Me mostre como posso ajudá-lo.

Ela anda até a cozinha, limpa sua testa suada em um pano de prato e pega um copo do armário. Abre a torneira. A água fica engasgada e esguicha, com uma adorável coloração de ferrugem, até que começa a sair límpida algum tempo depois. Janie deixa a água correndo por um minuto e enche o copo. Bebe, a água tépida não está suja o suficiente para fazê-la vomitar.

Decide mexer no computador primeiro. Inicializa-o e percebe que a conexão é discada. Não é de se admirar por ser tão no interior, mas ainda assim é completamente irritante.

— Fala comigo — murmura ela de novo, batendo com as pontas dos dedos impacientemente na mesa.

Primeiro, ela procura por algo nos favoritos dele. De imediato, encontra a loja on-line de Henry e faz o login, com o nome de usuário e a senha dele desprotegidos, já preenchidos. Janie examina compenetradamente a loja on-line, que se chama *Dottie's Place*. Encontra uma coleção de itens estranhos e que não têm a ver uns com os outros, incluindo roupas de bebês e de crianças, pequenos equipamentos eletrônicos, livros e estatuetas de vidro colecionáveis. Ela clica em um macacão de marca “levemente usado” e lê a descrição. Lê as palavras que Henry escolhe. Vê a inteligência e a habilidade dele com marketing e seu jogo de cintura com os negócios reunidos na lojinha.

Há diversos leilões em andamento, mais uns poucos que terminaram nos dias desde que Henry ficou doente.

E então ela vê a pontuação dele: 99,8% positivo.

Janie não reconhece o sentimento que lhe sobe ao peito.

Que deixa seus olhos marejados.

Tudo o que ela sabe é que Henry Feingold tem uma classificação quase perfeita.

Ela não vai deixar aquele registro ficar maculado.

Janie congela o inventário. Avalia os itens que já foram vendidos e busca-os nas prateleiras dos estoques. Embala os itens e encontra os rótulos da UPS^[25] na gaveta. Preenche-os. Imagina se precisa ligar para que façam a coleta, mas então encontra o *link* online nos favoritos de Henry. Ela agenda uma coleta para antes das 5 da tarde. Arruma as caixas do lado de fora para não se esquecer.

De volta ao computador, Janie fuça nas outras páginas de favoritos de Henry. Um fórum de política, um *website* de culinária, diversos *links* para profissionais de marketing, um *website* de feriados judeus. Outros de jardinagem.

Sonhos.

E um *link* para uma página da Wikipédia sobre *Morton's Fork*. Janie clica nesse último.

Lê a página.

Descobre que Morton's Fork não é literalmente um garfo. É um termo para uma espécie de dilema. Em suma, é uma escolha forçada entre duas coisas igualmente arrombadas.

Janie lê a respeito e vê uma comparação com *catch-22* e dá uma espiada no livro sobre a mesa que cunhava a frase. Ela franze a testa.

— Certo, senhor horripilantemente esquisito — ela murmura, de volta ao computador, digitando palavras-chave de busca como uma louca. — De que você está falando? Qual é a sua grande escolha?

E então ela para de digitar no meio da palavra.

Afunda de volta na cadeira, lembrando-se da última vez que leu a respeito de um *catch-22*. Apenas poucos meses atrás, em um caderno verde de espiral.

É claro que sabe.

Fica claro o que Henry escolheu anos atrás.

Ele não tinha a senhorita Stubin para ajudá-lo. Ensiná-lo.

Ele não tinha ninguém.

12h50

O ruído de um caminhão que faz chacoalhar e sacudir a casa interrompe a atenção de Janie. Através da janela, ela vê o caminhão fazendo alarde em sua direção, e seu coração dispara, sabendo que ela não deveria estar ali. Todavia, quando o motorista bate na porta, ela grita em uma voz amigável:

— Hei, Henry, você tem de vir assinar isso daqui! Já voltou?

Janie hesita e então abre a porta.

— Oi.

A mulher da entrega olha para cima, com a máquina na mão. O suor forma uma faixa em suas bochechas bronzeadas, e ela tem marcas úmidas de suor debaixo das axilas. Usa o *short* marrom do uniforme da empresa, e suas pernas estão cobertas de picadas de mosquitos e de machucados. Parece surpresa e confusa por um momento, mas então diz:

— Você tem 18 anos? Você pode assinar.

— Eu... sim.

— Onde está o Henry? Saiu para as vendas de garagem? Bem, obviamente não, porque o carro dele está ali... Bem, você pode dizer a ele que eu vi uma placa sobre uma grande venda de objetos antigos Luthern's. Lá no Washtenaw, na sexta e no sábado — ela parece inquieta.

— Henry está... não vai poder ir. Ele está... doente. Não está bem — Janie sente um aperto se formando na garganta. — No hospital... provavelmente não vai conseguir ir.

A mulher fica de queixo caído. Agarra o batente.

— Ah, nossa! Você não está falando sério. Você é... quem é você? — ela bate com o punho no quadril, como se fosse para se conter. — Se eu puder saber... tipo... não é da minha conta, mas Henry é meu cliente há anos. Somos amigos — ela vira-se abruptamente e fica com o olhar fixo no bosque, batendo as pontas dos dedos nos lábios e então sacudindo seus cabelos.

— Meu nome é Janie. Sou a filha dele — diz Janie. Isso soa estranho.

— Filha dele? Ele nunca me disse que tinha filhos.

— Não acho que ele soubesse da minha existência.

A mulher suspira.

— Bem, sinto muito, com certeza. Você diz a ele que desejo melhoras?

— Com certeza, eu... ele está em coma ou algo do gênero, mas ainda assim vou falar para ele. Mas... você pode me falar um pouco sobre ele? Tipo, só descobri que ele era meu pai quando foi levado para o hospital, então, eu não sei nada... — Janie engole em seco.
— Você quer um pouco de água?

— Não, obrigada. Tenho bastante água no caminhão — ela espanta, sem se importar muito, um mosquito, ainda em estado de choque com a notícia. — Henry Feingold é um cara bom. Não incomoda ninguém. Ele pode até parecer um pouco estranho, mas tem um coração de ouro. Só faz os negócios dele e mora aqui completamente sozinho, mas diz que prefere assim. Ele estuda muito no computador, fazendo pesquisas para os negócios dele e algumas outras coisas... Acho que ele fez um curso on-line uma vez. Não sei bem ao certo o que era, mas geralmente tem alguma coisa de interessante sobre o que conversar.

— Ele chegou a mencionar que estava se sentindo doente na semana passada?

— Nada além das costumeiras dores de cabeça. Ele tem enxaqueca, às vezes. Nunca foi ver isso, embora eu tenha dito que deveria. Ele disse que não tinha plano de saúde.

— Então, ele vinha tendo dores de cabeça faz um tempo?

— Ficavam indo e voltando. É isso que...? — a mulher da UPS faz um movimento de cabeça em vez de dizer as palavras.

— É. Algo no cérebro dele, possivelmente um tumor. Acho que eles não sabem de muita coisa.

A mulher da UPS olha para baixo, para o chão.

— Bem. Realmente sinto muito. Cuide-se. Eu... é. Droga. Sinto muito mesmo — ela pega os pacotes que Janie preparou para envio.

— Obrigada — diz Janie.

— Se algo acontecer, sabe... você poderia me deixar um aviso, um bilhete, na porta? Eu passo por aqui bastante, de vez em quando, duas vezes em um dia, se tiver que fazer uma coleta de tarde. Eu certamente ficaria grata se você fizesse isso. Meu nome é Cathy, com C.

Janie concorda com a cabeça.

— Vou tentar. Hei, Cathy?

— Sim?

Janie fica batendo os dedos inquietantemente.

— Ele não é, tipo, cego ou algo do gênero. É?

Cathy lança um olhar inquisitivo para Janie.

— Não — ela diz. — Ele nem usa óculos.

13h15

Janie senta na velha cadeira de descanso, pensando em tudo aquilo.

Isolamento.

Ele mora ali, tem trinta e tantos anos, não está cego e nem aleijado.

— Ah, droga — diz Janie. Deixa sua cabeça cair de encontro ao apoio da cadeira. — Que diabos estou fazendo? Faz todo sentido! Como sou idiota!

Seu telefone não para de tocar.

— Hei — ela diz.

— Hei — diz Cabe, parecendo chateado. — Tem alguma coisa acontecendo com você ou o quê?

— Eu só precisava fugir um pouco — diz Janie. — Por quê? O que tem de tão importante que eu não posso ficar sumida por três horas sem que venham atrás de mim? — O tom dela é mais ferino do que ela pretendia. Mas Janie estava mesmo começando a gostar do silêncio.

Cabel não fala por um momento e Janie encolhe-se de medo.

— Desculpa — diz ela. — O que eu disse não foi certo.

— Tá certo, bem — ele responde. Mas a voz dele ainda está áspera. — Eu estava ligando para saber que horas você queria que eu te pegasse para a reunião que temos com a Capitã. Às 14 horas.

Janie senta direito na cadeira.

— Ah, droga! — olha o relógio. — Merda, eu esqueci! — dá uma espiada em volta da sala para ter certeza de que tudo está no devido lugar e segue porta afora, fechando-a, mas sem trancar, como Henry a deixou. — Saí... para correr. Vou voando até em casa tomar um banho rápido. Que tal 13h55?

— Uau, isso é bem em cima da hora. Chegaremos atrasados. Não quer que eu vá buscar você onde está agora e a deixo em casa mais rápido?

Janie começa a caminhar em ritmo de cooper pela entrada de carros, com os músculos tensos.

— Não — diz. — Posso encontrar você na delegacia.

— O quê, você vai pegar um ônibus? A Capitã vai ficar muito brava. Eu devo pegar você e levá-la até lá. Você sabe disso. Vamos, Janie — ele soa muito bravo.

A voz de Janie treme enquanto ela corre. Ela expira entre os lábios contraídos para evitar a pontada que já está sentindo no estômago.

— Eu sei — ela diz. — Eu sei.

— Onde você está?

Ela desacelera o passo, caminhando.

— Quer saber, Cabe, eu acho... só... vai sem mim — ela diz. — Certo? Eu não vou.

— Quê...? Janie! Vamos lá. Não faz isso. Eu pego você às 13h55. Vai ficar tudo bem.

Janie continua andando.

— Não — ela diz com firmeza. — Tenho umas coisas a fazer. Ligo para ela e explico. Simplesmente vai lá.

— Mas... — Cabel suspira.

Janie fica em silêncio.

— Tudo bem — ele diz, e desliga sem se despedir.

Janie fecha o flip de seu telefone e enfia-o de volta no bolso.

— Ah, meu Deus — diz ela. — Não sei se consigo fazer isso.

Ela liga para a Capitã, enquanto caminha de volta até sua casa.
— Tudo certo, Hannagan?
— Na verdade não, senhor — diz Janie. Sua voz fica estremecida. — Não vou aí hoje. Sinto muito.
Silêncio.
Janie para de caminhar.
— Não dá para eu ir à reunião. Eu... eu acho que tomei minha decisão.
Ouve-se um som da cadeira dela rangendo e um suspiro suave do outro lado da linha.
— Certo. Bem... — ela faz uma pausa. — Cabe?
Janie cai de bunda na lateral da estrada e aperta os olhos até se fecharem. Morde o dedo indicador. Inspira a ponto de manter sua voz em um tom constante.
— Ainda não — ela diz. — Em breve. Preciso de alguns dias para imaginar o que vou fazer daqui para a frente.
— Ah, Janie! — diz a Capitã.

13h34

Ela está em pé, parada, na estrada, incerta quanto para onde ir agora. Para casa ou de volta à casa de Henry. Sua cabeça lhe diz uma coisa.
Mas, quando seu estômago ronca, ela sabe a resposta.
Não parece certo comer a comida de seu pai. Então, ela se arrasta até o ponto de ônibus. Pensando, sempre pensando.
Ela sabe que vai ter de dizer adeus para Cabel.
Para sempre.
É simplesmente difícil imaginar-se fazendo isso.

14h31

Em casa, Janie prepara três sanduíches. Come um deles, embrulha os outros dois no plástico e coloca-os em sua mochila. Dorothea faz uma aparição rara, procurando coisas na geladeira.

— Você quer que eu faça um sanduíche para você, mãe? — diz Janie, realmente não desejando fazê-lo. — Peguei todas as coisas, estão aqui.

Dorothea dispensa a sugestão com um aceno de mão apático e um resmungo, e pega uma cerveja. Sai arrastando os pés de volta ao seu quarto.

E, em seguida, a porta da frente se abre.

— Hei, Janers, você está em casa? — é Carrie.

Janie geme por dentro. Ela só quer voltar para a casa de Henry.

— Hei, garota. O que tá pegando?

— Nada.

Carrie fica perambulando pela cozinha e ajeita-se, sentando-se no balcão. Coloca o pé à mostra. Está de chinelo.

— Olha as minhas unhas. Você não está com inveja?

Janie concentra sua atenção nos dedos dos pés de Carrie.

— Demais! Muito fofos, Carrie.

Janie enche uma garrafa de água da torneira e enfia-a em sua mochila também.

— Você vai a algum lugar? — Carrie parece um pouco desapontada.

— É — diz Janie.

— Para a casa do Cabe?

— Não — Janie suspira. Ela foi forçada a mentir para Carrie, quando estava em uma missão durante seu último ano na escola. Não quer fazer o mesmo agora. — Posso confiar em você e contar um segredo?

— Dã.

Janie sorri.

— Eu... eu... descobri a casa do Henry. Vou voltar lá e tentar descobrir mais coisas sobre ele.

— Legal! — Carrie salta do balcão. — Posso ir junto? Eu dirijo.

— Ahm... — diz Janie. Ela quer ficar sozinha, mas depois de já ter feito uma caminhada até a casa do Henry hoje, só de pensar em ter carona para ir até lá e voltar é algo tentador demais para dizer não. — Com certeza. Você pode ficar pronta para ir, tipo, agora?

— Sempre estou pronta para sair. Vou ligar o motor da divazinha e encontro você na garagem.

14h50

— Então — Janie diz, do banco do passageiro do Nova 1977.
— Sem planos com o Stu hoje à noite?

— Não — Carrie franze a cara enquanto dirige o carro, seguindo as instruções de direção dadas por Janie. — Por que *todo mundo* me pergunta isso sempre que me veem sem ele?

— Porque você está quase sempre com ele!

— Então. Eu sou eu mesma também. É tudo isso que temos para conversar? Onde está o Stu?

Janie enfia a cabeça para fora da janela para pegar uma brisa no rosto e tem esperanças de que não haja sonhadores.

— Vocês estão brigando ou algo assim?

— Não — diz Carrie.

— Certo. Então... quando começa a faculdade para você?

Carrie se anima.

— Logo depois do Dia do Trabalho. E vai ser o máximo. Finalmente! Vou aprender algo em que realmente tenho interesse!

— Você vai ser a melhor da classe, Carrie. Você tem habilidades insanas com cabelos.

— Tenho, não tenho? — responde. — Obrigada — ela tira os olhos da estrada por um momento para olhar para Janie. Os olhos dela brilham só um pouquinho. Talvez estejam apenas cheios de água por causa do vento. Ou não.

Janie sorri, coloca seu braço em torno do pescoço de Carrie e dá um meio abraço na amiga. Lembra-se de que Carrie não tem muito encorajamento em casa.

Carrie avança com Ethel pela entrada da casa cheia de protuberâncias. Ethel protesta com gritinhos agudos e gemidos, mas Carrie continua forçando-a a seguir em frente.

— Por que diabos ele mora aqui nesta província... Saskatchewan? Parece que estamos no fim do mundo — Carrie diz,

soltando risadinhas.

Janie não se dá ao trabalho de dizer que a província canadense mais próxima é, na verdade, Ontário. Nem que elas estavam indo em direção ao sul.

Do lado de fora do carro, Janie segue diretamente em direção à casa enquanto Carrie começa a ligar os pontos: os arbustos crescidos demais, a pequenina cabana velha, a porta que foi deixada destrancada.

— O que, ele não tranca a porta?

— Ele não trancou... pelo menos não da última vez que saiu.

— Bem, é. Notei isso. Não é como se ele vivesse na vizinhança, saca? Quem vem aqui? Vir aqui seria realmente um tiro no escuro. As pessoas daqui ou sacam uma arma ou convidam para comer um assado.

Carrie continua se queixando.

Janie ignora.

E tudo está bem.

15h23

Janie vai direto para o computador. Carrie fica dando voltas pela cozinha, comendo framboesas da geladeira, mas Janie não presta atenção alguma. O computador, ainda ligado desde que ela saiu com muita pressa mais cedo, demora a vida toda para sair do modo de descanso, demora mais uma vida para ficar on-line com o acesso por linha discada.

O barulho da discagem faz com que Carrie olhe para Janie.

— O que você está fazendo no computador dele, Janers? Isso é, tipo, errado, não é? — Carrie está parada, em pé, na cozinha, com as mãos nas portas do armário, pegando coisas e colocando-as de volta no lugar.

— Nem — mente Janie. — Ele é meu pai. Eu posso.

Carrie encolhe os ombros e vai para o próximo cômodo.

Janie fica perplexa com o nome da loja de Henry.

— Hei, Carrie, “Dottie” é apelido de “Dorothea”, não é?

— Como eu vou saber? — diz Carrie. — É, parece que poderia ser sim. E tremendamente mais fácil de falar do que o nome inteiro.

— É — diz Janie, e então abre uma nova janela e pesquisa no Google. — Com certeza é sim.

— O quê? — grita Carrie, agora aparentemente sentada no chão da cozinha. As panelas trepidam ruidosamente.

— Nada — diz Janie, distraidamente. — Simplesmente pare. Pare de fazer o que estiver fazendo. Você está me deixando nervosa.

— O quê? — grita Carrie de novo.

Janie suspira. Seus dedos ficam pairando em cima do mouse, decidindo. Por fim, solta-o, abrindo a caixa de e-mails de Henry.

Sente que está realmente bisbilhotando agora.

Mas não consegue evitar.

Janie sorri, lendo a correspondência gentil dele com os clientes, tentando imaginar como ele seja. Deseja ter podido conversar com ele sobre tudo isso.

Sobre a vida dele.

Mas, então, um som alto de algo caindo na cozinha assusta Janie de novo, e ela dá um pulo, frustrada.

— Carrie, que diabos?! Sério! Fica quieta, tá? Santo Cristo, não posso te levar a lugar nenhum!

Janie só quer se concentrar, conseguir saborear essas palavras. As interrupções estão deixando-a com muita raiva.

Carrie está parada, em pé, no balcão da cozinha, de frente para os armários abertos, pendurada em uma das portas. Ela dá uma espiada por cima do ombro, com uma cara de vergonha, enquanto Janie entra pisando pesado na cozinha para supervisionar a bagunça.

— Amo quando você me chama de Santo Cristo.

Janie comprime os lábios, ainda enfurecida, tentando não sorrir.

O estrago não foi tão grande quanto o barulho.

Na maioria, apenas latas vazias.

— Olha o que eu descobri — diz Carrie, puxando uma caixa de sapatos da prateleira. Ela pula até o chão. — Anotações e outras coisas. Como uma caixa cheia de lembranças.

— Pare! Isso não é tão legal — Janie dá uma espiada, nervosa, janela afora, como se o barulho das latas neste cenário silencioso fosse atrair sirenes e pneus cantando. — Temos de sair daqui de qualquer forma.

— Mas... — diz Carrie. — Cara, você tem de olhar essas coisas. É um monte de pistas sobre seu passado. A história do seu pai. Você não está curiosíssima? — ela crava os olhos em Janie. — Vamos lá, Janers! Que tipo de detetive você é, hein? Você deveria se importar com isso. Tem alguns pins e umas coisas e um anel! Mas também tem as cartas...

Os olhos de Janie relampejam, mas ela dá uma espiada na caixa de sapatos.

— Não, isso é invasão demais. Não é... — sua voz falha.

— Vamos lá, Janers — sussurra Carrie, com os olhos brilhando.

Janie inclina-se para a frente e dá uma espiada dentro da caixa, mexendo com cuidado em algumas coisas que estão dentro dela.

— Não — ela endireita-se abruptamente. — E quero que você pare de ficar bisbilhotando as coisas.

— Aff! Que saco...

— É, estamos meio que violando leis aqui.

— Achei que você tinha dito...

— Eu sei. Eu sei. Eu menti.

— Então, poderíamos ser presas? Ah, isso é simplesmente o máximo! Lembra que já aconteceu isso comigo uma vez e não estou a fim de acabar na cadeia de novo... especialmente com você! Quem pagaria a fiança para a gente sair de lá? — Carrie está pegando as latas do chão e enfiando-as de volta no armário. — Meus pais iriam simplesmente me matar. E o Stu também. Nossa, Janie!

— Me desculpa... olha, não vamos ser pegas. Ninguém nem mesmo sabe do cara. Além disso, sou filha dele. Isso poderia fazer com que a gente saísse de alguma encrenca. Não que vá haver alguma... — Janie arruma a caixa de recordações no balcão e entrega os outros itens do armário a Carrie. Ela está frustrada. Seu desejo é de nem ter trazido Carrie aqui, no final das contas. Ela só

quer passar um tempo sozinha para analisar as coisas, concentrar-se e pensar em tudo.

Mas está ficando sem tempo, Janie sabe disso. Ela tem de descobrir como pode ajudar Henry antes que ele morra. E talvez haja uma pista na caixa.

Ainda assim, Janie é contra roubos. Itens físicos, de qualquer forma.

Janie suspira, resignada.

— Vamos embora, Carrie.

Elas partem.

Os dedos de Janie ficam por um tempinho na maçaneta.

18h

Ela arrasta os pés subindo pela entrada de carros na Waverly, passando pelo BMW.

— Hei.

Cabel olha para cima, de seu banco improvisado com um balde virado de cabeça para baixo. Está pintando o batente da porta da frente. Enxuga o suor da testa com a manga de sua camiseta.

— Hei — ele diz. Sua voz está fria.

— Você não me ligou a tarde toda.

— Você não atende quando eu ligo, então por que deveria me dar ao trabalho de ligar?

Janie concorda com a cabeça, reconhecendo que ela é uma idiota.

— Então, como foi a reunião?

Ele só olha para ela. Aqueles olhos. A mágoa.

Ela sabe o que precisa dizer.

— Sinto muito, Cabe — e ela sente. Muito, mas muito mesmo. Ele fica parado em pé.

— Certo, obrigado — ele diz. — Você por acaso gostaria de me contar o que está acontecendo com você ultimamente?

Janie engole em seco. Passa os dedos pelos cabelos e fica olhando para ele. Inclina a cabeça para o lado e pressiona os lábios,

unindo-os, para fazer com que parem de tremer.

Ela não consegue fazer isso.

Não consegue contar a ele.

Não consegue dizer. Não consegue dizer: Estou largando você. Então, ela mente.

— É todo esse lance com o Henry. E a situação de merda com a minha mãe. Não consigo lidar com mais nada agora. Preciso de um tempo para absorver isso tudo — sente seus olhos desviando dos dele. Imaginando. Imaginando se ele consegue sacar a real.

Ele fica quieto por um momento, estudando-a.

— Tudo bem — diz, medindo as palavras. — Entendo. Tem alguma coisa que eu possa fazer? — ele inclina-se para a frente e coloca de lado o pincel. Desce os degraus para chegar até ela. Estica a mão até o rosto dela e arruma um cacho de cabelo que estava no lugar errado.

— Só preciso de um tempo... e de um pouco de espaço. Por um tempinho. Pelo menos até que algo aconteça com o Henry. Tá? — ela ergue a cabeça. Seus olhos encontram os dele novamente. Eles ficam lá, parados, em pé, cara a cara, cada um estudando o outro.

Então, ela dá um passo na direção dele. Desliza seus braços em volta da cintura dele. A camiseta de Cabel está úmida de suor.

— Certo? — ela pergunta de novo.

Ele puxa-a para perto dele. Abraça-a.

Beija-a na testa e suspira.

19h48

Janie, no chão, reclina-se apoiada em sua cama. Pensando.

Ela simplesmente poderia ir dormir cedo.

Tentador.

Não.

20h01

Janie come seu sanduíche no ônibus. Bebe água para ele descer. Caminha pelos mais de 3 km do último ponto de ônibus até a casa de Henry. Pelo menos não está tão quente lá fora. E ainda está bem claro.

Os sons dos bosques à noite são mais altos do que durante o dia. Um mosquito passa voando furiosamente pela orelha dela. Janie dá uns tapas nas pernas e nos braços enquanto caminha. Está toda cheia de picadas de mosquitos quando chega lá, especialmente depois de descer aquela longa entrada de carros com o mato crescido.

Lá dentro está decididamente mais fresco do que jamais esteve. Uma brisa decente entra na casa e, por causa das árvores, a casinha está à sombra por horas.

— Ahh — diz Janie, quando está lá dentro da casinha, com a porta fechando-se com um clique atrás dela. Paz e silêncio. Uma casinha toda dela. Janie olha em volta do lugar e imagina como seria morar ali, sem medo dos sonhos das pessoas.

Acha que Henry sacou aquilo certinho. Ter uma lojinha na internet, desfrutar essa serenidade e ninguém lhe incomodando a não ser Cathy, a motorista da UPS... e Cathy nunca estaria dormindo.

Ela pensa no dinheiro que vem economizando já faz anos, incluindo os cinco mil da senhorita Stubin. Pensa na bolsa de estudos. Perderia a bolsa, se largasse o emprego. Caso se isolasse. Mas sua visão não vale a perda de uma bolsa de estudos?

Imagina se ainda poderia se virar sozinha, caso arrumasse um trabalhinho na internet.

Ou.

E se ela meio que... herdasse uma loja?

Sente arrepios na pele.

E se assumisse o lugar de Henry... em tudo?

Olha à sua volta, com a cabeça girando por dentro. *Que inferno!*, ela praticamente já cuidava de sua casa com sua mãe inútil... sabe como fazer isso. Pagar aluguel, fazer compras na mercearia... alguém mesmo notaria, ou se importaria, se ela simplesmente assumisse o comando deste lugar?

— Por que não? — ela sussurra.

Janie toma um bom gole de sua garrafa d'água e simplesmente fica lá sentada, na velha cadeira gasta, cercada dos sons noturnos, consumida por seus pensamentos. De repente, a opção de isolamento do caderno verde da senhorita Stubin não soa de todo ruim.

— Com certeza eu poderia me acostumar com isso — ela diz, em tom suave... felizmente... para ninguém! — Nunca mais ser sugada para os sonhos de novo.

Dá um grande sorriso porque a sensação é deliciosa.

E então ela para.

— Talvez eu ainda pudesse ver o Cabe — ela sussurra.

Ela imagina a cena, os dois jantando juntos ali, à luz de velas, ou talvez almoçando, se ele conseguisse fugir das aulas. Passarem umas poucas horas juntos... curtindo-se e ficando juntos. Só não durante a hora de dormir.

Isso soa como algo bom.

Durante cinco minutos, mais ou menos.

E então ela pensa nos anos por virem.

Não tem como, algum dia, morarem juntos.

Não haveria bebês, nem unidade familiar, nunca. Janie não poderia arriscar-se, caso pretenda manter sua visão. Ter uma criança sonhando seria algo que a arruinaria por completo. Além disso, de jeito nenhum Janie passaria essa sua maldição dos sonhos a alguém.

Ela está de boa com isso.

Mas o que isso significa para Cabe?

O futuro dele, em poucas palavras:

- morar em qualquer outro lugar
- passar umas poucas horas por dia com ela, ali na cabana
- nunca se casar
- nunca ter filhos
- nunca passar a noite com a mulher que ele ama

Ela visualiza o tempo em que eles vão passar juntos, como seria, um dia após o outro. Estagnados. Cabel chegando para as

duas horinhas obrigatórias, enquanto faz malabarismos para encaixar seus horários da faculdade, de casa e do trabalho.

E ele, tendo de vê-la deteriorar-se. Tendo de passar por isso. Janie sabe que seria um inferno para Cabe.

Seria como o horário de visitas no Asilo Heather.

Eles acabariam conversando sobre palavras cruzadas e o tempo. E ele faria isso também. Ele ficaria com ela. Mesmo que isso arruinasse a vida dele como um todo.

Esse é o tipo de cara que ele é.

Janie bate com os punhos cerrados nos braços da cadeira de descanso.

Deixa a cabeça cair para trás.

Sussurra para a sala vazia:

— Não posso fazer isso!

21h30

Ela procura em meio a todas as coisas de Henry. Seus registros e negócios. Anotações para ele mesmo, listas de compras na mercearia. Panfletos sobre enxaquecas. E, on-line, muitos websites médicos nos favoritos, juntamente com sites que apresentam formas de lidar com a dor.

Ela imagina, se ele tivesse plano de saúde e se eles tivessem percebido a existência do tumor, ou aneurisma, ou seja lá o que fosse, no início... se ainda teria o pai.

Mas ela não o teria encontrado, se fosse assim.

Pensa nele, puxando os cabelos até saírem, agarrando a cabeça com força. O olhar de agonia congelado no rosto dele. Imagina se ele ainda sente tanta dor, deitado lá, impotente, no hospital agora. Pensa no quanto ele implorou por sua ajuda. Ela conversa com as palavras holísticas na tela.

— Eu gostaria de saber como ajudar você, Henry. Eu acho... espero que você simplesmente se vá logo, para que consiga pôr um fim nisso.

Janie descola suas pernas quentes e grudentas da cadeira de plástico da cozinha e olha em volta pela pequena sala de estar. Imagina-o ali, nesta pequenina e aconchegante casa, longe do barulho, longe das pessoas.

Ela caminha em direção à cozinha, onde a caixa encontrada por Carrie ainda está em cima do balcão. Janie fica tentada a procurar algo nela. Analisar as cartas que estão ao alcance das mãos, chamando-a, na leve brisa que vem da janela aberta.

Mas.

Duas coisas.

Ela não quer ler nenhuma carta nojenta de amor íntima escrita por sua mãe alcoólatra, uma lamentável desculpa para uma mãe.

E.

Ela não quer sentir mais pena de Henry do que já sente.

O coração dela já sofreu demais, muito obrigada. Basta de problemas. Chega de só conhecer alguém que a entenda logo antes de partirem e morrerem.

Ela vai cuidar das coisas aqui de bom grado. Mas não vai amá-lo. É tarde demais para isso. Ele já se foi há muito tempo. E ela tem bastante dor no coração bem ali.

Janie respira fundo. Balança a cabeça. Empurra a caixa de volta para dentro do armário onde Carrie a encontrou.

Arruma a casa para que fique parecendo como estava da primeira vez que a viu. Desliga o computador e o abajur, e fica lá, parada, em pé, no escuro, ouvindo o silêncio. Desejando-o... desejando esse tipo de paz em sua vida. E sabendo agora que pode ter isso, uma vez que Henry tenha morrido. Este lugar onde ela pode baixar sua guarda. E viver. Onde não terá de se preocupar em captar o sonho de ninguém.

Algo lá no fundo dela anseia por isso, mais do que os anseios que tem por qualquer outra coisa. Até mesmo Cabe.

Talvez seja uma técnica de sobrevivência.

Ou talvez, como tinha sido o tempo todo até que conheceu Cabe, ela seja mesmo uma solitária. Sempre será uma solitária.

Certamente, parece que é isso.

E então ela senta novamente na velha cadeira, no escuro, neste santuário. Imaginando o que sua vida lhe guarda. Imaginando como cuidará de sua mãe, e por que tem de fazer isso... pode ser que Dorothea precise se virar sozinha de agora em diante. Talvez Janie só estivesse tornando-a capaz esse tempo todo.

Vivendo em paz assim. Mantendo sua visão. Ela olha para baixo, para seus dedos. Eles lançam longas sombras à luz das estrelas que surge da janela aberta. Janie mexe os dedos de um lado para o outro e suas sombras destacam-se em seu colo.

Sorri.

E, embora a Capitã fique decepcionada e tenha de retirar a bolsa de estudos, ela sabe que nunca culparia Janie por desejar levar uma vida normal. Janie sabe lá no fundo que vai ficar tudo bem.

Ela sentirá falta de ver a Capitã e os rapazes. Com certeza.

— Bem — diz ela suavemente para suas mãos, flexionando os dedos e juntando-os em seu colo. — Está decidido. Isolamento. Minha escolha.

Ah, Deus, a sensação de dizer isso em voz alta é tão boa.

Mesmo sendo tudo muito assustador.

Há apenas uma ponta solta que Janie tem de amarrar antes de largar completamente esse lance de apanhar sonhos. Um último quebra-cabeça a ser resolvido.

Parece adequado terminar assim.

Embora isso esteja fadado a ser o pior de sua vida toda.

Janie inspira fundo e expira, fazendo seus lábios vibrarem. Está apavorada. Mais apavorada agora em voltar ao hospital do que de ir à festa do Durbin. Mais apavorada do que quando aquele garoto estranho chamado Cabel dormiu pela primeira vez na biblioteca da escola e sonhou com um homem monstro que tinha facas no lugar dos dedos.

Mas.

Mas.

Esta também é a última chance de Janie ver e dizer adeus, de uma vez por todas, à senhorita Stubin.

Como dizem: fechar a porta. É tremendamente doloroso pensar nisso.

Mas Janie vai passar por essa, descobrir como ajudar Henry e vai fazer tudo de uma tacada só, mesmo que isso a mate.

Hum...

Bem, tem esperanças de que isso não “a mate”. Isso arruinaria tudo. É.

[25] United Parcel Service, ou UPS, é a maior empresa de logística e distribuição de encomendas do mundo, distribuindo diariamente mais de 14 milhões de encomendas em mais de 200 países. (N. T.)

HENRY

Ainda na segunda-feira. 22h44

É um longo e escuro caminho até o ponto de ônibus. Um raio ilumina o céu. O trovão retumba, mas não tão alto, e a umidade está forte. Porém, não chove.

Chega de mosquitos.

Janie come um sanduíche e uma barrinha de proteína. Armazenando energia, preparando-se para uma grande noite. Imaginando, até mesmo, se Henry ainda está vivo.

23h28

Os corredores estão silenciosos como sempre, e as portas, fechadas. Janie acena com a mão para o enfermeiro Miguel e chega perto da recepção.

— Algo de novo?

Miguel balança a cabeça em sinal de negativa.

— O médico acha que não vai demorar muito agora — ele diz.

Janie concorda com a cabeça.

— Provavelmente vou passar a noite... apenas sentada lá com ele. Tudo bem?

— Claro que sim, querida — ele diz. Busca algo atrás do balcão. — Tem um cobertor aqui caso você sinta frio. Provavelmente sabe que a cadeira é reclinável, né?

Janie não sabe, mas faz que “sim” com a cabeça de qualquer forma, pegando o cobertor.

— Obrigada.

Ela continua a seguir pelo corredor até o quarto de Henry. Fica lá parada por um momento, respirando fundo algumas vezes.

— É isso — diz ela suavemente, e então abre a porta. Fecha-a rapidamente atrás de si enquanto entra.

É diferente desta vez.

Desta vez, Janie é lançada diretamente para dentro do pesadelo. Está em um local familiar, como antes, com Henry gritando “Ajude-me! Ajude-me! Ajude-me!”, repetidas vezes. Ele vira-se na direção de Janie, quando ela se aproxima, e continua a gritar para ela. Uma estoica senhorita Stubin está parada, em pé, perto de Henry, e espera pacientemente pelo fim. Até mesmo em seu estado divino, se for esse o caso, ela parece cansada.

Janie não perde tempo.

— Henry! — ela grita. — Eu quero ajudar você! Estou aqui para ajudar você. Pode me mostrar como?

Não tem como fazer com que ele pare.

Janie volta-se para a senhorita Stubin.

— Por que você não vai embora?

— Não posso. Não até que ele esteja pronto para vir comigo.

Janie resmunga, percebendo agora que não é somente responsável pela paz de seu pai histérico e quase morto, mas também pela felicidade de sua amada senhorita Stubin. Ela cobre os ouvidos com as mãos. Frustrada, ficando enlouquecida por causa da gritaria. É enervante, mesmo. E doloroso. O corpo todo de Janie começa a doer.

Henry fica em pé e caminha até Janie, e ela dá um passo para trás, ficando tensa, preocupada com a possibilidade de ele agarrá-la, estrangulá-la; mas ele não faz nada disso.

— Ajude-me! Ajude-me! — ele grita no ouvido dela, fazendo com que seus ossos trepidem com a intensidade do som alto. Ela se mexe, e ele a segue. Com a voz implorativa, ele fica de joelhos e pega a mão de Janie, puxando-a, gritando. Implorando por ajuda.

A voz dele fica mais irritante, descontrolada.

Janie não sabe o que fazer. Grita de volta com ele:

— Me diz o que fazer!

Os gritos de Henry ficam mais altos ainda.

A senhorita Stubin espera e observa, com os olhos cheios de pena.

— Não acho que ele consiga — ela diz, mas Janie não consegue ouvi-la. Janie sabe que não consegue aguentar por muito mais tempo. Não consegue se mexer. Seu corpo físico não mais

atende a seus comandos, e seu corpo no sonho grita devido à dor. Não há nada que ela possa fazer por Henry... nada.

Nada em que consiga pensar.

Vira-se para a senhorita Stubin.

— Pode tentar? Como da última vez?

A senhorita Stubin concorda com um aceno de cabeça. Aproxima-se de Henry. Quando ela caminha, parece que está deslizando sem esforço pelo chão.

— Henry — diz ela, colocando sua mão no ombro dele.

Os gritos dele começam a parar.

A senhorita Stubin se concentra. Conversa com ele, mentalmente. Acalma-o.

A voz irregular de Henry cessa de vez.

A senhorita Stubin leva-o de volta a sua cadeira e faz um gesto para que Janie se aproxime.

— Ali — diz a senhorita Stubin, sorrindo. — É realmente bem mais fácil desse jeito, Henry.

Henry ergue vários tufos arrancados de seus cabelos. Mostra-os a Janie.

Janie faz um aceno com a cabeça.

— Sua cabeça dói, não é?

— Sim — ele diz, encolhendo-se de medo, como se conversar calmamente fosse difícil para ele. — Sim, dói.

— Não sei o que fazer — diz Janie. — Você sabe como posso ajudá-lo?

Henry olha para Janie. Balança a cabeça em sinal de negativa.

— Eu só quero morrer — ele diz. — Por favor. Você pode me ajudar a morrer?

— Não sei. Eu... vou tentar. Não posso fazer nada ilegal. Você me entende?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Onde estamos? — pergunta Janie. — Este é o seu sonho? Este ginásio escuro? É isso?

Henry levanta-se.

— Por aqui.

Ele faz um sinal para que as duas o sigam. Ele empurra e abre as portas duplas que levam para fora do ginásio. Caminham até um corredor. Há portas em ambos os lados.

Entram na primeira sala.

É uma sinagoga.

Um garoto tem convulsões em seu banco. Seu pai, ao lado dele, o repreende.

— É você o garoto, não é? — pergunta Janie.

— Sim.

— Uma lembrança?

— Meio que sim. Este é meu sonho... minha vida, repetidamente.

Eles vão até a próxima sala de aula. As pessoas estão em fila do lado de fora. Henry, a senhorita Stubin e Janie se espremem, deixando a fila de pessoas para trás, e entram na sala. É uma pizzeria. Eles caminham por entre as mesas, cheias de pessoas comendo e rindo, e entram na cozinha, no compartimento do freezer. Lá, Henry está encostado em um canto com uma garota. Beijando-a.

Janie olha fixo para a cena.

— Quem é ela?

Henry olha para Janie.

— Aquela é a Dottie.

— Você quer dizer Dorothea? Dorothea Hannagan? — Janie não consegue esquecer aquilo, mesmo sabendo que havia, provavelmente, beijos na relação dos dois, em algum momento.

— Sim — ele suspira. — O único amor verdadeiro da minha vida.

Janie quer vomitar.

A senhorita Stubin interrompe.

— Diga para nós o que aconteceu, Henry. Entre você e a mãe de Janie. Pode nos contar?

Ele parece cansado. E está frio lá.

— Não tem muito o que falar.

— Por favor, Henry — diz Janie. Ela quer ouvi-lo dizer aquilo. Deseja ter uma validação de que está fazendo a coisa certa.

— Trabalhamos juntos em Chicago em um verão... Ela estava no segundo grau, eu estava na faculdade, na UM. No outono, eu voltei para Michigan. Ela largou a escola e foi comigo. Moramos juntos. Era terrível. Os sonhos. Eu tive de escolher... ficar com ela, ser infeliz, ou ser capaz de funcionar, sozinho — ele começa a puxar seus cabelos de novo. — Ah, que inferno! — ele diz. — Está voltando.

— Então, você simplesmente a deixou sozinha? Você sabia que ela estava grávida?

— Eu não sabia — a voz dele fica mais alta, como se estivesse tentando falar acima dos ruídos em sua cabeça. — Janie, eu não sabia. Sinto muito. Enviei dinheiro a ela. Ela não aceitava. Sinto tanto, muito mesmo.

Ele fica de cócoras, com as mãos segurando a cabeça.

— Está feliz por ter feito isso? Feliz por ter se isolado? — Janie agacha-se perto dele, ansiosa para obter respostas agora.

— Ajude-me — ele grita, em tom agudo. — Ajude-me! — ele agarra a camiseta dela. — Por favor, Janie, por favor, por favor, me ajuda! Me mata! Por favor!

Janie não sabe o que fazer. A senhorita Stubin tenta desesperadamente acalmá-lo, mas nada funciona.

— Está feliz? — grita Janie. — Está? Foi a melhor escolha?

— Não há nenhuma melhor. É Morton's Fork... — ele cai no chão com um grito. — Ajude-me! AH, MEU DEUS. AJUDE-ME!

Janie olha horrorizada para a senhorita Stubin e vê as rachaduras na cena. Pedacos do sonho começam a cair, ruindo. Ela consegue ouvir a estática ao longe.

— Merda — diz ela. — Não posso ficar nisso aqui.

— Vai! — diz a senhorita Stubin.

Elas dão as mãos por um momento. Olham nos olhos uma da outra, com Janie tentando desesperadamente comunicar que ela não vai voltar.

Incerta se consegue passar sua mensagem.

Mas chegou a hora de ir, antes que fique presa aqui de novo.

Janie concentra-se e, com toda sua força, lança-se através da barreira do sonho.

Enquanto Janie está deitada no chão, tremendo, tentando se mexer, tentando sentir sua pele, tudo em que consegue pensar é no olhar no rosto da senhorita Stubin e o total e perdido desespero de Henry, sobrepujado por seus próprios demônios.

Ah.

Senhorita Stubin.

Que jeito horrível de dizer adeus para sempre.

Lentamente, exausta, Janie arrasta-se até a cadeira ao lado da cama de Henry. Suas juntas, até mesmo seus dentes, doem, e ela só imagina o que acontece com seu corpo quando está em um pesadelo como esse.

Mas agora isso não importa.

Está farta disso.

Janie envolve-se na coberta para ajudar a fazer com que seu corpo pare com a tremedeira incontrolável. Mal consegue suportar olhar para o rosto contorcido do pobre Henry. Por algum tempo depois da última vez em que esteve lá, Henry ficou em posição fetal, com as mãos cerradas sobre sua cabeça, como se fosse para proteger a si mesmo dos terríveis monstros invisíveis que fizeram dele um cativo. Janie estende as mãos na direção dele. Encosta na mão dele. Segura-a.

Ela implora a ele.

— Por favor, por favor, apenas morra — ela sussurra isso repetidas vezes, implorando para que Henry parta, implorando para que seus captores o deixem ir. — Eu não sei como ajudá-lo — ela enterra o rosto em suas mãos. — Por favor, por favor, por favor... — as palavras pincelam o ar em padrões rítmicos como ramos de salgueiro tentando calar as ondas às margens do lago Fremont.

Mas Henry não morre.

Passa-se meia hora no relógio. Parece irreal no quarto escuro e silencioso, como se estivessem em um mundo separado de todo o resto. Janie come o último sanduíche de sua mochila, tentando recuperar parte de sua força e, em seguida, começa a conversar com seu pai para ajudar o tempo passar.

Ela conta a Henry coisas sobre Dorothea, escolhendo suas palavras com cuidado para não dizer nada negativo demais... ela

sabe que Henry não precisa ouvir coisas negativas no estado em que está. Janie fala sobre ela mesma também. Conta a ele coisas que nunca contou a ninguém, como, por exemplo, o quão solitária anda.

Ela diz a ele que não está morrendo de raiva por ele não saber dela. E fala sobre sua vida secreta de apanhadora de sonhos, que ela é exatamente como ele. Que ela entende. Que ele não é louco... e que não está sozinho. Tudo sai apressado... fala sobre apanhar sonhos, a senhorita Stubin e seu plano de simplesmente parar com todos os sonhos e levar uma bela vida tranquila como a dele, Henry.

— Vou fazer isso também, Henry — ela diz. — Vou me isolar como você. Provavelmente, você nem mesmo sabia da verdadeira escolha, sabia? Sobre a cegueira e a perda das mãos.

E, então, Janie diz a Henry que entende porque ele fez o que fez com Dottie, mesmo amando-a tanto. Ela entende a escolha horrível. Fala com ele sobre Cabe. O quanto ela o ama. O quão bom ele é, o quão paciente. O quão dilacerada ela está em relação ao significado desse plano de isolamento.

O quão apavorada está de contar para ele.

De dizer adeus.

É incrível ter alguém que é simplesmente igualzinho a ela.

Alguém que entenda.

Mesmo que não consiga responder.

De repente, Janie sente que desperdiçou tanto tempo nesses últimos dias, quando poderia ter ficado ali com Henry.

Ela diz a ele o quão difícil tem sido descobrir tudo isso nos últimos dias, e chora um pouco.

Fica falando noite adentro.

Fala até ter esvaziado sua alma.

O rosto de Henry não apresenta mudanças. Ele não se mexe de jeito algum.

Quando Janie fica cansada demais para pensar ou dizer mais uma palavra, ela dorme, toda enrolada na cadeira.

Tudo está em silêncio.

Ela sonha.

Janie está em seu quarto, sentada na cama, desorientada. Sente sua língua seca, rachada, e umedece os lábios. Sua língua deixa uma camada fina nos lábios... parece arenoso. Janie estica a mão para limpar isso, com seus lábios abertos. Seus dentes caem de repente e pequeninos pedaços se partem em sua boca. Caindo aos pedaços. Os restos deles, pontudos e afiados, cortam sua língua e seus lábios.

Horrorizada, Janie cospe nas mãos. Partes e pedaços dos dentes que caíram saem de sua boca. Janie continua cuspidando, e cada vez mais fragmentos formam uma pilha em suas mãos. Ensandecida, Janie olha para cima, incerta quanto ao que fazer. Quando mexe os olhos, tudo está borrado. Com uma camada embaçada. Como se estivesse tentando ver em um espelho cheio de vapor ou através de uma cascata. Ela joga os dentes na cama, deixando-os lá, esquecidos, e limpa os olhos, tentando enxergar. Mas está cega.

— Estou me isolando — ela grita. — Não é para eu ficar cega! Não! Não estou pronta!

Ela arranha os olhos e então percebe que tem fendas verticais — buracos no rosto — ao lado de cada olho. Algo salta de cada uma das fendas.

Janie pega o que quer que seja aquilo e puxa.

Lascas de sabão saem das fendas.

Os olhos de Janie coçam e ardem demais. Ela bate com força neles e puxa mais pedaços de sabão para fora, mas os pedaços parecem dar cria. Conforme ela tira as lascas de sabão para fora, passa sua língua sobre os restos de dentes com as pontas cerradas, sentindo o gosto de sangue.

— Não! — ela grita.

Por fim, ela tira os últimos resquícios de sabão e consegue enxergar de novo. Olha para cima, aliviada.

E lá.

Sentado na cadeira dele. Observando Janie com uma expressão de calma no rosto.

Henry.

Janie olha fixamente para ele.

E ela percebe, depois de um minuto, o que ela deveria fazer.

— Ajude-me, ajude-me, Henry.

Henry parece surpreso. Obedientemente, ele fica em pé e aproxima-se de Janie.

Janie mostra a ele o punhado de dentes.

— Você pode me ajudar a mudar isso, você sabe que pode. Tudo bem se eu colocá-los de volta?

Os olhos de Henry falam. Estão cheios de encorajamento. Ele concorda com um aceno de cabeça.

Janie solta um sorriso frágil. Acena com a cabeça também. Empurra os dentes de volta ao lugar, como se fossem peças de Lego. Quando ela termina, dá um tapinha na cama e sorri.

Henry senta-se.

— Você é simplesmente como eu — ele diz.

— Sim.

— Ouvi você... todas as coisas que me contou. Sinto muito.

— Fico contente. Contente por você ter ouvido, quero dizer. Você não tem que sentir muito. Você não sabia — ela olha fixamente para a cadeira vazia de Henry.

Ele volta-se na direção dela.

— Eu acho... eu acho que teria gostado de conhecer você.

Janie engasga-se segurando um soluço.

Ele pega na mão dela.

— Sinto falta dela. Dottie. Ela é boa com você? Uma boa mãe?

Ela crava o olhar em sua mão por um minuto. Incerta quanto ao que dizer sobre isso. Por fim, encolhe os ombros. Diz:

— Acabei me saindo bem.

Olha para cima, para o rosto de Henry.

Dá um sorriso torto em meio às lágrimas.

A porta do quarto de Henry na UTI se abre.

É a enfermeira do primeiro turno, checando os sinais vitais. Janie acorda assustada, senta-se direito e esfrega os olhos.

— Não se incomode comigo — diz a enfermeira, verificando o pulso de Henry. — Parece que você precisa dormir.

Janie sorri e se espreguiça. Dá uma espiada em Henry, lembrando-se. Foi estranho ter alguém em seu sonho pela primeira vez.

Então ela inspira, surpresa, e dá um pulo, ficando de pé para olhar melhor.

— Ele está... — ela diz, enquanto a enfermeira se vira para sair. — Ele parece diferente. O rosto dele.

A enfermeira dá uma espiada em Henry e checa a prancheta.

— Parece? — ela sorri, distraída. — Melhor, eu espero.

Mas Janie está com o olhar cravado em Henry.

A postura dele ficou relaxada, seu rosto não está mais tenso, seus punhos não estão cerrados e estão descansando suavemente perto de seu rosto. Ele parece estar em paz. A agonia se foi.

A enfermeira encolhe os ombros e sai dali. Janie continua a olhar fixamente para ele, emocionada ao vê-lo com uma aparência melhor, esperando que ele não mais esteja vivenciando os horríveis pesadelos. Imagina, por um breve momento, se há uma chance de ele sair dessa.

Sabe que há uma chance maior de que ele vá, por fim, morrer.

6h21

Janie, com um plano em mente, vai até o banheiro particular do quarto de Henry e fecha a porta. Sabe que não tem muita força, mas fechar a porta é bico se ela ficar presa.

Abre a porta e é sugada. Lenta e gentilmente. Sem estática, sem paredes brilhantes batendo nela.

É apenas um ginásio escuro, apenas um feixe de luz passando pela janela alta.

As salas no corredor estão vazias agora.
A senhorita Stubin, Henry... ambos se foram.
Tudo que permanece lá é a cadeira de Henry.
E na cadeira, há um bilhete.

*Minha cara Janie,
Muito foi exigido de você. Ainda assim, permanece mais forte
do que imagina.
Até um próximo encontro,
Martha
P. S.: Henry deseja que você considere Morton's Fork.*

6h28

Janie fecha a porta para seu último sonho.
Quando consegue, escapa do sonho novamente e encara uma
longa e difícil caminhada pelos corredores até o lado de fora, até o
ponto de ônibus. Pega o ônibus até sua casa e se joga na cama.

TERÇA-FEIRA

8 de agosto de 2006, 11h13

Janie acorda suando feito uma maratonista. Sua bochecha está grudada em sua fronha. Seus cabelos estão molhados de suor. Está pelo menos uns 300 graus dentro da casa.

E ela está morrendo de fome.

MORRENDO DE FOME.

Vai cambaleando até a cozinha e fica parada, em pé, em frente à geladeira, comendo qualquer coisa que encontra ali. Pressiona a jarra de leite fresco no rosto para refrescá-lo antes de tomar um longo gole dele. E então pega um cubo de gelo e passa-o por todo seu pescoço e por seus braços.

— Santo Deus! — ela murmura.

Quinze minutos depois, ela está no chuveiro, com a temperatura da água regulada para fria. Está quase frio demais, mas Janie sabe que, no minuto em que sair de lá, começará a suar de novo, então coloca o ajuste em congelante.

Quando fecha a água e sai do chuveiro, ouve a voz de sua mãe falando ao telefone. Janie fica parada e escuta por um minuto, e então se envolve em uma toalha, prendendo-a na altura do peito, e abre a porta do banheiro com o cabelo pingando por todo o chão.

Dorothea, de camisola, desliga o telefone. Vira-se para olhar para Janie, com a exaustão estampada no rosto e o ar de uma pessoa idosa. Pálida como a lua.

— Ele está morto — Dorothea fala apenas isso e encolhe os ombros. — Já era hora!

Sai arrastando os pés até seu quarto, mas não antes que Janie tivesse visto o lábio de Dorothea tremer.

Janie fica parada, em pé, no corredor, pingando e sentindo-se meio amortecida.

— Ele está morto — ela repete, como se fosse um eco de sua mãe. Como se o som de sua voz tornasse isso real. Janie reclinase, apoiada na parede do corredor e desliza até embaixo, até

sentar-se no chão. Ela bate sua cabeça na parede; primeiro, de leve, depois, com força. — Meu pai está morto.

Ainda amortecida.

Acabou.

Depois de uns poucos minutos, Janie fica em pé, parada, depois caminha até o quarto de sua mãe, não se dando ao trabalho de bater na porta. Dorothea está sentada chorando na cama.

— Então. O que precisamos fazer? — pergunta Janie. — Tipo, com os lances de funeral.

— Eu não sei — diz Dorothea. — Falei para eles que não quero me envolver em nada disso. Eles que se virem.

— O quê? — Janie sente vontade de gritar. Esboça uns movimentos de ligar ela mesma para o hospital, mas então ela para. Volta-se de novo para sua mãe. Diz com uma voz calma demais: — Liga de volta para eles e fala que o Henry é judeu. Ele precisa ir para uma funerária judia — Janie dá uma olhada no guarda-roupa escasso de Dorothea. — Você tem pelo menos um vestido decente, mãe? Tem?

— Para que eu preciso de um vestido?

— Para o funeral — diz Janie com firmeza.

— Não vou a isso, não — diz Dorothea.

— Ah, você vai sim — Janie está irritada. — Você definitivamente vai ao funeral do meu pai. Ele amou você durante todos esses anos. Pode não ter entendido porque ele foi embora, mas eu entendo, e ele ainda ama você! — Janie engasga com seu erro. — Ele amava você — corrige-se. — Agora, liga para o hospital antes que façam alguma outra coisa com ele. E depois liga para a funerária... o hospital deve ter alguma para recomendar.

Dorothea parece confusa, perplexa.

— Não sei os números deles.

Janie olha para ela com frieza.

— O que foi, você tem 80 anos agora? Procura! — ela sai com tudo de dentro do quarto e bate a porta. — Meu Deus! — ela murmura, frustrada, enquanto vai até o fim do corredor batendo os pés e entra em seu quarto.

Ainda enrolada na toalha, Janie escolhe algumas roupas do armário, joga-as na cama e depois passa um pente de dentes largos pelo cabelo molhado e embaraçado.

Ouve a porta do quarto de sua mãe se abrir. Uns poucos minutos depois, Janie ouve Dorothea gaguejando ao telefone. Janie se joga de novo na cama, suando novamente com o calor.

Maldição!

— Henry — diz Janie.

Ela chora por todas as coisas que poderiam ter acontecido.

12h40

Janie tira sua mala do armário.

Sobe até o sótão para procurar caixas.

Vai ter de mudar suas coisas de lugar devagar, já que tem de pegar o ônibus e caminhar.

Imagina, por um breve momento, se as chaves da caminhonete de Henry estão penduradas em algum lugar óbvio na casinha dele. E então desiste desse plano. Poderia parecer que ela estava realmente roubando alguma coisa se fosse pega. Também não faz sentido se arriscar a morrer logo antes de recomeçar sua vida como um todo.

Ela enche sua mochila de roupas e pega a mala.

Dirige-se até a porta.

13h29

Janie coloca suas coisas no chão no meio da cabana e senta à escrivaninha de Henry, para fazer uma lista de coisas a fazer:

- Primeiro, resolver as coisas do funeral
- Achar o contrato de aluguel e o endereço do senhorio para envio dos pagamentos
- Descobrir se os serviços de água e luz estão inclusos ou se devo pagar separadamente
- Limpar a casa

- Estudar o histórico da loja on-line para descobrir o que vende
- Regar o jardim!! E congelar vegetais
- Mudar para internet a cabo se não for tão cara
- Falar à Capitã sobre o plano
- Falar com Cabe

Ela para de escrever e fica olhando fixamente para estas três últimas palavras.

Joga a caneta na parede. Bate com os punhos cerrados na mesa. Empurra a cadeira para trás com tanta força, que esta se vira e cai no chão. Fica parada, no meio da sala, e grita para o teto.

— Minha vida é uma tremenda merda, a pior de todas as vidas do mundo! Como você pode me forçar a escolher? Como pode fazer isso comigo? Tá me ouvindo? Alguém aí?

Ela cai de joelhos, cobre a cabeça com os braços e curva-se, formando uma bola com o corpo.

Seus soluços e seu choro atravessam a casa, mas não há ninguém lá para ouvi-la.

Não há nenhum conforto aqui.

15h57

Janie olha fixamente para fora da janela, com a bochecha encostada no vidro, olhando enquanto Fieldridge se aproxima.

Enquanto caminha do ponto de ônibus até a casa de sua mãe, Janie liga para ele.

— Hei — ele atende.

E, de repente, Janie não consegue falar. Um som estranho surge de sua garganta no lugar da fala.

— Janie, você está bem? — a voz de Cabel assume, de imediato, um tom de preocupação. — Onde você está? Precisa de ajuda?

Janie inspira, tentando estabilizar sua voz tremida.

— Estou bem. Estou em casa. Eu estou... meu... Henry morreu.

Fica um silêncio na linha por um momento.

— Estarei aí logo... Tudo bem?

Janie acena com a cabeça em sinal afirmativo ao telefone.

— Sim, por favor.

E então Janie liga para Carrie. Cai na caixa postal dela.

— Hei, Carrie, acabei de pensar e achei que deveria te contar que o Henry morreu. Eu vou... falo com você depois.

16h43

Cabel bate na porta. Ele está carregando umas plantas em um vaso e uma caixa do mercadinho.

— Hei — ele diz. — Não tive tempo para preparar para você, tipo, algumas coisas no forno ou algo assim. Mas parei na loja e comprei isso. Sinto muito, Janers.

Janie sorri e seus olhos enchem-se de água. Ela pega a caixa e a planta, coloca a planta perto da janela.

— É realmente bonita — ela diz. — Obrigada — ela abre a caixa. — Ah, uau, donuts — ela ri e vai na direção dele. Abraça-o apertado. — Você é demais, Cabe.

Cabel encolhe os ombros, um pouco envergonhado.

— Imaginei que donuts eram uma comida reconfortante. Mas vou preparar para vocês, moças, alguma coisa para o jantar também, para que não tenham de se preocupar com isso.

Janie balança a cabeça, perplexa.

— Para quê?

— É o que se faz quando alguém morre. A gente leva cozidos ou algo do KFC e coisas do tipo. Charlie arranhou todo tipo de comida quando nosso pai morreu no xadrez e ninguém nem gostava dele. Eu estava no hospital, mas o Charlie entregou algumas... ah, meu Deus, estou divagando — Cabel arrasta os pés. — Vou calar a minha boca agora.

Janie abraça-o apertado de novo.

— Isso é realmente esquisito.

— É — diz ele, fazendo carinho no cabelo dela e beijando-a na testa. — Sinto muito mesmo pelo Henry.

— Obrigada. Quero dizer, todos sabíamos que ele ia morrer. Ele é realmente apenas um estranho — mente Janie.

— Ainda assim — diz Cabel. — Seja lá como for, ele é seu pai. Isso deve dar uma sensação ruim, não importa.

Ela encolhe os ombros.

— Não posso... — ela diz.

Ela não quer pensar nisso. Tem outras coisas imediatas em que pensar neste momento.

Como, por exemplo, em como fazer com que sua mãe bêbada e vestida de camisola vá até o funeral.

17h59

Em vez de esquentar a casa ainda mais cozinhando, Cabel pede que entreguem o jantar. Parece que o cheiro do frango frito e dos biscoitos penetra no “portal para a tristeza”, visto que Dorothea surge de lá e, em silêncio, serve-se da comida antes de ir à reclusão novamente.

O diretor da casa funerária telefona. Janie anota as coisas em estado frenético, e depois discute as opções de arranjos com ele. Fica aliviada ao ouvir que os judeus fazem seus funerais o mais rápido possível. Isso está ótimo para ela. E sem parentes com quem entrar em contato, eles arrumam o serviço para a manhã seguinte, às onze.

Depois que ela desliga, Janie remexe os grandes cestos de roupas e pega algumas roupas sujas para levar à lavanderia. Empurra a cesta de roupa suja para Cabel e então se lembra de que prometeu que deixaria um bilhete a Cathy. Rabisca alguma coisa em um pedaço de papel e o entrega a Cabel, junto com um rolo de fita adesiva.

— Você pode ir até a casa do Henry e grudar isto na porta da frente?

— Sem problemas — ele diz.

Ele dirige-se até a porta enquanto Janie passa um vestido a ferro e tira a poeira de um par de sapatos antigos e raramente

usados.

— Não é justo — murmura ela. — Não é nada justo.

20h10

Cabe aparece na porta da frente com a roupa lavada — limpa, totalmente limpa e quase meio que dobrada.

— O recado está na porta e a roupa está pronta.

Janie solta um grande sorriso e pega a cesta.

— Obrigada. Você é maravilhoso.

Cabel abre um sorriso.

— Lavar roupa não é meu ponto forte, mas eu dou para o gasto. Posso ficar com as calcinhas? — ele sorri e sai da casa.

— Ah... você vai ter de pedir para minha mãe — Janie dá risada. Cabe se encolhe de medo.

— Ai! Merda e eca! Hei, vou deixar você fazer as coisas... e dar o seu espaço. Me liga se precisar de mim. Pego vocês amanhã para o funeral, se quiserem.

— Obrigada — diz ela. — Sim, isso seria ótimo.

Janie o observa indo embora.

QUARTA-FEIRA

9 de agosto de 2006, 8h46

Cabel bate à porta.

— Desculpa incomodar você — ele diz. — Estou tentando não fazer isso. Sei que você precisa de espaço. Mas tenho aqui umas coisinhas para o seu café da manhã, para você não ter de se preocupar com isso.

Janie morde seu lábio inferior. Pega a bandeja.

— Obrigada.

— Volto depois.

Ele sai correndo pelos quintais até sua casa.

Janie bate com força à porta do quarto da sua mãe.

— Mãe? Trouxe café da manhã para você — ela diz através da porta fechada. — Cabel que fez. Ele vai voltar aqui às dez e meia para pegar a gente e levar ao funeral, então você precisa estar pronta.

Silêncio.

— Mãe.

— Deixa aí na minha penteadeira.

Janie entra. Dorothea Hannagan está sentada na beira de sua cama, balançando-se para a frente e para trás.

— Você está bem?

— Coloca isso aí e sai daqui.

Janie dá uma olhada no relógio, coloca o prato na penteadeira e sai do quarto, com uma sensação afundando-se em sua garganta.

Ela entra no chuveiro e deixa a água fresca cair por todo seu corpo. Não está tão quente assim lá fora hoje. Será um alívio, no funeral, ficar em pé lá no local do enterro, no sol.

Janie só foi a outro funeral em sua vida, o de sua avó, em Chicago, há muito tempo. Foi realizado em uma igreja e havia muitos estranhos de cabelos azulados lá. Eles comeram bolinhos de presunto e bolachinhas açucaradas e beberam suco de laranja depois do enterro, ela lembra. E Janie ficou correndo pelo porão da

igreja com um bando de primos distantes, até que os mais velhos fizessem com que eles parassem. Isso é praticamente tudo o que Janie se lembra.

Janie escolheu um serviço funerário para o enterro de Henry a céu aberto. É mais difícil para as pessoas dormirem quando estão paradas, em pé, ao ar livre.

Mesmo os bêbados.

9h39

Lembra-se agora por que não gosta de vestidos.

9h50

Janie bate, hesitante, à porta de sua mãe.

Sem resposta.

— Mãe?

A apenas quarenta minutos de Cabel ir pegá-las, Janie está ficando nervosa.

— Mãe — ela diz, mais alto desta vez. Por que tudo tem de ser tão difícil?

Por fim, Janie abre a porta. Dorothea está sentada na cama, com um copo de vodca na mão. Seu cabelo ainda está ensebado. Ela ainda está de camisola.

— Mãe!

— Eu não vou — diz Dorothea. — Não posso ir — ela se curva, envolve o estômago com os braços como se doesse, ainda segurando o copo. — Estou doente.

— Você não está doente, está bêbada. Levanta a sua bunda daí e vai tomar banho agora.

— Não posso ir.

— Mãe! — Janie está perdendo a paciência. — Meu Deus! Por que você tem que fazer isso? Por que você tem que fazer tudo do jeito tão difícil, merda? Vou abrir o chuveiro e você vai entrar nele.

Janie vai batendo o pé até o banheiro e abre o chuveiro. Volta batendo os pés até o quarto de sua mãe e pega a bebida da mão de Dorothea. Coloca com força na penteadeira e o líquido se espalha em sua mão. Puxa a mãe pelo braço.

— VENHA! Eles não vão esperar para começar o funeral por sua causa.

— Não posso ir! — diz Dorothea, tentando soar firme. Mas seu corpo frágil não é páreo para a força de Janie.

Janie puxa sua mãe até o banheiro e empurra-a para debaixo do chuveiro, ainda de camisola. Dorothea grita. Janie estica a mão, pega o xampu e lava o cabelo da mãe. Está tão ensebado que o xampu não faz nem espuma. Janie pega mais e tenta de novo.

Dorothea arranha Janie, que agora também está com o vestido ensopado. Janie segura a cabeça de sua mãe, colocando-a para trás, para que a água escorra por todo o corpo dela, enxaguando o xampu.

— Você destrói tudo — diz Janie. — Não vou deixar você destruir isso também. Agora — Janie continua enquanto fecha a água e pega uma toalha —, tira essa camisola ridícula e se enxuga. NÃO consigo acreditar que isso esteja acontecendo. Estou farta disso.

Janie vira-se abruptamente e cai fora dali, ensopada, indo até seu quarto para achar alguma outra coisa adequada para vestir.

Tudo o que Janie consegue ouvir é um arrastar de pés no banheiro. Passa uma escova pelos cabelos e arruma sua maquiagem encharcada. E, em seguida, vai até o quarto de Dorothea, pega o vestido e as roupas de baixo dela e leva-os até o banheiro. Sua mãe ainda está se enxugando.

Janie olha para a mãe, um rato encharcado, tão magra que seus ossos saltam de sua pele. O rosto dela está cansado, deprimido.

— Vamos, mãe — diz Janie, com suavidade na voz. — Vamos, vem se vestir.

Desta vez Dorothea vai sem fazer alarde e, à luz cinzenta do quarto de Dorothea, Janie ajuda a mãe a aprontar-se. Escova os

cabelos dela, prendendo-os atrás em um coque. Acende a luz e passa maquiagem na mãe.

— Você tem belas maçãs do rosto — diz Janie. — Deveria usar seu cabelo preso com mais frequência.

Dorothea não responde, mas seu queixo se comprime, formando uma fenda. Ela umedece os lábios.

— Vou precisar do resto daquele copo — diz ela baixinho. — Se eu tiver mesmo que passar por isso.

Janie olha nos olhos de sua mãe, e Dorothea desvia o olhar para o chão.

— Não me orgulho disso, mas é a verdade.

Os lábios de Dorothea tremem.

Janie concorda com a cabeça.

— Tudo bem — ela vira-se quando ouve o carro de Cabel entrando na garagem a porta se abrindo. — Já estaremos logo aí! — grita ela.

— Demorem o quanto precisarem, meninas. Estou uns minutos adiantado — diz Cabe.

Dorothea bebe a vodca em dois goles e encolhe-se. Suspira, mas parece mais um fardo do que um alívio. Pega a garrafa de vodca da mesa perto da cama e tateia em sua bolsa, puxando a garrafinha portátil de bebida. Ela a enche, deixando vazar um pouco, e recoloca a tampa.

Janie não diz nada.

Dorothea fecha sua bolsa e vira-se para a filha. Janie ajuda-a com os sapatos.

— Pronta? — pergunta Janie. — Depois de você.

Dorothea concorda com a cabeça. Ela caminha com passos não firmes ou seguros até o corredor.

Cabel sorri quando as duas se aproximam. Ele está usando um terno cinza-escuro e fica maravilhoso demais nele. Os cabelos dele estão domados e ainda molhados, enrolando um pouco sobre o colarinho.

— Sinto muito por sua perda, senhora Hannagan — diz ele, oferecendo o braço a ela.

Dorothea parece surpresa por um minuto, mas recompõe-se e pega o braço dele enquanto ele a conduz até a porta e para o lado de fora da casa, até o carro que os espera.

— Obrigada — ela diz, com rara dignidade.

10h49

Eles chegam cedo ao cemitério. O local do enterro é óbvio pela pilha de terra, pelo caixão de pinho suspenso e pelo rabino e funcionários do cemitério em volta. Há diversas outras pessoas paradas, em pé, em silêncio, ali por perto também. Cabel estaciona ao lado da estrada estreita.

Janie sai do carro e ajuda a mãe a sair do banco da frente. Os três caminham juntos enquanto o rabino os cumprimenta.

— Bom-dia — diz ele. — Sou o rabino Ari Greenbaum.

Ele estende a mão para cumprimentá-los.

Janie pega na mão dele.

— Sou Janie Hannagan. Essa é minha mãe, Dorothea Hannagan, e esse é meu amigo, Cabel Strumheller. Sou filha do falecido — ela está orgulhosa de não gaguejar ao falar isso, mas veio praticando em sua mente. — Obrigada por nos ajudar com isso. Nós... nenhum de nós é judeu. Não, na verdade, não. Eu acho — ela fica corada de vergonha.

O rabino sorri de forma cordial, aparentemente não incomodado com a notícia. Vira-se e caminham juntos até o local do enterro. O rabino Greenbaum fala sobre os detalhes da cerimônia e entrega a cada um deles um cartão com o Salmo 23.

Dorothea fica olhando fixamente para as palavras no cartão. Olha para o caixão. Olha furiosa para ele. Sua boca treme, mas ela permanece calada.

Os estranhos aproximam-se e ficam em pé, parados em torno do local do enterro, diversos homens e mulheres também.

— Da minha congregação — explica o rabino. — Os homens prepararam o corpo de seu pai para o enterro e ficaram sentados

com ele durante a noite toda, depois transportaram o caixão até aqui.

Janie olha para cima, grata. E pensar que isso tudo é tão estranho, mas um pouco belo também. Foi muito atencioso essas pessoas fazerem isso, e passarem seu tempo vindo ao funeral de um estranho.

Eles ficam em pé, parados, perto do túmulo, e esperam. Até mesmo os pássaros estão quietos quando chega o calor do dia.

Janie fica com o olhar cravado no buraco. Vê uma fina raiz de árvore, recém-cortada, com a ponta branca saindo da terra. Imagina o caixão no fundo de um poço, debaixo de toda aquela terra pesada, com as raízes crescendo e envolvendo-o; atravessando o caixão, agarrando o corpo. Balança a cabeça para livrar-se de tais pensamentos e olha para cima, para o céu azul.

Atrás dela, Janie ouve mais carros se aproximando. Vira-se para olhar e vê dois carros preto e branco. Os sargentos Baker, Cobb e Rabinowitz saem dos carros, vestindo uniforme. Atrás dos carros dos policiais está um sedã preto, e a Capitã sai de dentro dele.

Charlie e Megan Strumheller estão logo atrás, ainda bronzeados da semana que passaram no lago. E então a Ethel é estacionada, com Carrie e Stu. Janie solta umas lágrimas. Ao longe, um grande caminhão marrom da UPS chega fazendo barulho na estrada estreita do cemitério. Janie não consegue acreditar — todas aquelas pessoas vindo ao funeral. Ela olha para Cabe, incrédula.

— Como eles souberam? — sussurra.

Ele sorri e encolhe os ombros.

É chegada a hora.

O rabino cumprimenta a pequenina congregação que ali está e fala durante um momento.

E então.

— Possa ele ir para o seu local de descanso em paz — diz o rabino.

Antes que Janie possa pensar, os funcionários do cemitério abaixam o caixão e logo todos estão olhando para baixo, para o seu pai, em uma caixa. Ao lado de Janie, Dorothea aspira ruidosamente

e fica mexendo o corpo, indo para a frente e para trás. Janie pega a mãe pelos ombros e faz com que ela fique parada, quando o rabino começa a falar de novo.

E, enquanto Janie absorve a maré e o fluxo das palavras do rabino, a cadência musical dos salmos, uma pequena parte dela fica sufocada naquele caixão de pinho no solo também.

— O Senhor é meu pastor e nada me faltará.

Janie é chamada para a realidade, esquecendo-se de seus pensamentos por um momento, pelo grupo a seu redor recitando em voz alta. Apressa-se para achar onde deveria estar lendo no folheto e começa a ler junto.

E então, o rabino pergunta se alguém quer contar alguma história sobre Henry.

Janie fica com o olhar cravado na grama.

Depois de um momento, Cathy, vestindo seu uniforme marrom, padrão da UPS, pigarreia e dá um passo à frente. Janie pode sentir que sua mãe está ficando com o corpo rígido.

— Quem é aquela? — sussurra Dorothea para Janie.

Janie aperta o ombro de sua mãe e não diz nada.

— Henry Feingold era meu cliente e, com o passar dos anos, nós nos tornamos bons amigos — diz Cathy, com a voz hesitante. — Ele sempre tinha uma xícara de café para oferecer, ou uma bebida refrescante. E, quando descobriu que eu gostava de colecionar globos de neve, começou a procurar por eles quando estava comprando coisas para sua lojinha na internet. Ele era um homem realmente atencioso, e vou sentir falta dele na minha rota de trabalho... Sou grata a você, Janie, por me avisar que ele faleceu. Assim eu pude ter uma chance de dizer adeus. E é isso — Cathy dá um passo para trás, voltando ao seu lugar.

— Obrigado. Mais alguém?

Cabel cutuca Janie. Ela o cutuca de volta.

E então, e então.

Dorothea diz:

— Eu quero dizer alguma coisa.

Janie fica apavorada por dentro.

O rabino concorda com um aceno de cabeça, e Dorothea dá uns passos inseguros até onde ela pode se virar e ficar de frente para a multidão.

O que ela vai dizer? Janie dá uma olhada para Cabe, vê que os olhos dele também estão marcados pela preocupação.

A voz fina de Dorothea não é facilmente ouvida neste amplo local aberto.

Pelo menos, não até ela começar a gritar.

— Henry era o pai da Janie aqui. O único homem que já amei na vida. Mas ele me deixou depois que larguei a escola por causa dele, e meus pais não me deixaram voltar para casa. Ele era louco e uma pessoa horrível. Ele arruinou minha vida e estou feliz de que esteja morto.

Com isso, Dorothea tateia desajeitadamente pelo zíper de sua bolsa.

— Ah, meu Deus! — sussurra Cabe.

A pequena multidão fica totalmente chocada, em silêncio. Janie apressa-se e guia sua mãe de volta ao lugar onde estavam antes. Sente seu rosto fervendo e ficando vermelho. O suor escorre por suas costas. Intencionalmente, Janie desvia os olhos dos convidados. Mortificada.

Não ajuda em nada o fato de Dorothea conseguir abrir sua bolsa e fazer o esforço mínimo de esconder que está bebendo um gole da garrafinha de bebida.

O rabino Greenbaum apressa-se para falar alguma coisa.

Cabe descansa a mão nas pequenas costas de Janie para confortá-la. Olha para o chão, e Janie pode ver o olhar de quem se divertiu com aquilo estampado no rosto dele. Sente vontade de dar uma pisada no pé dele. E de empurrar sua mãe para dentro do buraco cavado no chão. Imagina em que tipo de seriado de TV aquilo se transformaria se fizesse isso.

Janie levanta o olhar e chama a atenção do rabino.

— Posso dizer uma coisa? — ela pergunta.

— É claro — diz o rabino Greenbaum, embora não pareça muito certo disso.

Janie fica onde está, parada, em pé, e simplesmente olha para o caixão.

— Conheci meu pai há uma semana — diz ela. — Nunca o vi se mexer, nunca olhei nos olhos dele. Mas naquele curto período, descobri muita coisa sobre ele. Ficava na dele, não incomodava ninguém, meramente vivendo a vida da melhor forma que podia. Ele não era louco — ela continua.

— Era sim — murmura Dorothea.

— Ele não era louco — repete Janie, ignorando a mãe —, só tinha um problema incomum que é realmente difícil de explicar a qualquer pessoa que não entenda isso — sua voz fica presa na garganta. Ela olha para sua mãe. — Acredito e sempre vou acreditar que Henry Feingold foi uma boa pessoa. E não estou feliz de modo algum que ele tenha morrido... — o lábio de Janie treme. É como se a perda de sensações estivesse passando de repente. — Gostaria de tê-lo de volta para que eu pudesse conhecê-lo — lágrimas escorrem por seu rosto.

Quando fica claro que Janie tinha falado tudo o que queria dizer, o rabino conduz a Kaddish, uma prece. Então, ele sorri e faz um sinal para que Janie vá até o outro lado do túmulo, guiando-a até a pilha de terra. Cabel pega Dorothea pelo braço e vai em seguida. Há diversas pás no solo. Cada um deles pega uma das pás.

Janie pega uma pá cheia de terra e segura-a sobre o chão no solo. Um filete de terra desliza e cai, atingindo o caixão lá embaixo. Ela mal consegue virar a pá. O rabino murmura algo sobre voltar ao pó e, por fim, ela vira a pá. O som pesado da terra batendo na madeira faz seu estômago doer.

Dorothea faz o mesmo, com os braços tremendo, Cabel também e, lentamente, todos os membros da pequena multidão pegam uma pá cheia de terra e jogam no buraco. Eles continuam a enchê-lo.

E é então que Dorothea perde completamente a compostura.

Ela cai de joelhos, quase como se só neste momento tivesse percebido a realidade.

— Henry! — ela grita.

Seus soluços em meio ao choro vão aumentando até causar tremores. Janie só fica do lado dela, incapaz de ajudá-la. Nem está disposta a tentar fazer com que pare.

Que confusão! Janie pode imaginar a cena, todos os caras do departamento falando sobre a mãe de Janie, a bêbada, a que arruinou um funeral, a que detonou tudo em volta dela e tinha uma filha ilegítima, e que não serve para nada além de ser uma completa vergonha. Balança a cabeça, com as lágrimas escorrendo pelas bochechas, enquanto pega mais terra com a pá.

Seja lá como for, não faz diferença.

Quando terminam de jogar o monte de terra fresca que cobre o caixão, Janie sabe que tem de encarar os convidados. Cabel leva Dorothea até o carro.

Janie coloca sua pá no chão. Endireita-se novamente, e a Capitã está lá.

A Capitã abraça Janie. Abraça-a forte.

— Você foi bem — diz ela. — Sinto muito mesmo por sua perda.

— Obrigada — diz Janie, com lágrimas escorrendo de novo. Não é a primeira vez que Janie chora no ombro da Capitã. — Estou tão envergonhada.

— Não fique — a voz da Capitã é firme, parece um comando. Para Janie, é bom ter outro alguém comandando a cena, pelo menos por um instante. Um alívio. A Capitã bate de leve nas costas dela. — Você vai ficar sentada aqui como se fosse o deus Shiva?

Janie afasta-se para olhar para ela.

— Acho que não. O que foi isso?

A Capitã sorri.

— É um momento de luto. Geralmente dura uma semana, mas pode ser o quanto você decidir.

Janie balança a cabeça em sinal de negativa.

— Nós... eu não... eu nem sabia que era meio judia até a semana passada. Nós não praticamos, nem nada.

A Capitã concorda com a cabeça. Pega a mão dela.

— Dá uma passada no meu escritório quando estiver pronta. Sem pressa, certo? Acho que precisamos ter uma conversa.

Janie concorda com a cabeça.

— Precisamos mesmo.

A Capitã aperta a mão de Janie, que depois cumprimenta os caras do departamento. Janie quer tentar explicar, desculpar-se pelo comportamento da mãe, mas os caras não a deixam dizer uma palavra a respeito. Oferecem a ela condolências e, perto do final, já estão fazendo Janie rir. Como sempre.

A sensação é boa.

Cathy continua perto do túmulo até que os caras tenham ido embora, e então se aproxima de Janie.

— Obrigada pelo bilhete.

— Ele ficaria feliz de você ter vindo, creio eu — diz Janie.

— Deixei mais algumas caixas. Estão do lado de fora, na escada da casa dele. Você quer que eu as devolva ao remetente?

Janie pensa por um momento.

— Não — diz ela. — Vou cuidar disso. Provavelmente, terei algo para entrega amanhã, então, bem... — Janie não quer explicar as coisas ali. Ela terá todo o tempo do mundo para conversar com Cathy na semana seguinte.

— É só solicitar uma coleta como você fez da última vez pela internet, certo? Eu me certificarei de ir lá pegar — Cathy olha para seu relógio. — Se cuida. Sinto muito mesmo.

— Acho que você o conhecia melhor que ninguém, Cathy. Sinto muito também.

— É. É, obrigada — Cathy olha para baixo. Vira-se e caminha até seu caminhão.

Charlie e Megan dão um abraço duplo em Janie.

— Vai ficar tudo bem com você, garota? — pergunta Charlie.

— Claro que vai — diz Megan. — Ela é forte como um touro. Mas estamos aqui se precisar, ok?

Janie assente com a cabeça, agradecendo a eles.

E então Carrie e Stu estão lá, oferecendo conforto. Stu está vestindo a mesma camisa e a mesma gravata fora de moda que usou na formatura, e isso faz com que Janie sorria ao se lembrar. Tanta coisa aconteceu desde então.

— Nem acredito em quanta gente veio! — diz Janie. — Obrigada. Significa muito para mim.

Carrie pega a mão de Janie e aperta-a.

— É claro que a gente ia vir, idiota!

Janie sorri e aperta a mão de Carrie em retorno.

— Hei — ela diz —, onde está seu anel? — e então ela para, preocupada.

Carrie abre um grande sorriso e agarra a mão de Stu com sua mão livre.

— Desencana. Decidimos que não estávamos bem prontos para isso, então, eu o devolvi. Ele está mantendo o anel em segurança, não é, docinho?

— Muito — diz Stu. — Aquela coisa custou tremendamente caro.

Janie abre um grande sorriso.

— Fico feliz por vocês estarem bem. Obrigada de novo por virem, e, Carrie... obrigada por tudo que você fez.

— O funeral mais divertido ao qual já fui na vida — diz Carrie.

Stu e Carrie acenam em despedida e atravessam o gramado até chegar na Ethel, de mãos dadas, balançando. Janie observa-os indo embora.

— É — ela diz. — Bom para vocês, ursinhos carinhosos.

Janie vai até os estranhos que permanecem lá, em um grupo pequeno, conversando baixinho.

— Muito obrigada por tudo que vocês fizeram — diz Janie.

Um deles fala por todos.

— Não precisa agradecer. É uma honra velar pelos corpos dos falecidos. Nossas mais sinceras condolências, minha querida.

— Eu... obrigada. Ahm... — Janie fica ruborizada. Olha ao seu redor e dá uma espiada no rabino. Vai até ele para despedir-se. Depois disso, não vendo mais ninguém, Janie dirige-se até o carro.

— Nem uma única flor! — Dorothea está dizendo. — Que tipo de funeral é esse?

Cabel bate de leve na mão da mulher.

— Judeus não acreditam que cortar algo vivo honre os mortos, senhora Hannagan. Eles realmente não cortam flores.

Janie fecha a porta e reclina a cabeça no banco. Está agradavelmente fresco lá dentro.

— Como você sabe disso, Cabe? — ela pergunta. — Pergunte-a-um-rabino.com?

Cabel ergue levemente o queixo e coloca o carro na garagem.

— Pode ser.

16H15

Quando alguém bate à porta de tela, Janie acorda de um cochilo no sofá, com sua mãe seguramente enfiada em seu quarto. Ela balança os cabelos e pega seus óculos.

É o Rabinowitz.

— Oi. Entra — diz Janie, surpresa.

Ele está carregando uma caixa em uma das mãos e uma cesta de frutas na outra. Leva-as para dentro e coloca-as no balcão da cozinha.

— Isso vai ajudar a adoçar a sua tristeza — diz ele.

Janie fica pasma, mas alegre.

— Obrigada.

As palavras parecem pequenas demais para expressar o que ela está sentindo.

Ele sorri e se desculpa.

— Ainda estou no meu turno, mas eu quis deixar isso aqui. Sinto muito por sua perda, Janie — ele acena em despedida e esquiva-se até a porta.

Tudo ótimo.

Tudo isso.

Só torna as coisas mais difíceis.

16h28

Deita-se de novo no sofá, cheia de bolo.

Pensa no que vem em seguida.

Sabe que logo terá de dizer adeus para Cabe, para sempre.

E aquilo?

Apesar dos benefícios.

Vai ser a coisa mais difícil que ela já fez na vida.

18h04

Ela caminha até a garagem da casa de Henry, com a mochila nas costas, carregando uma mala e uma sacola com roupas. Duas caixas esquecidas estão na porta da frente. Janie entra na casa para depositar suas coisas, e então pega as caixas e leva-as para dentro.

Ela rasga para abrir a primeira caixa e tira um casaco de neve de bebê de dentro dela. Vai até o velho computador e liga-o. Folheia o caderno que contém o registro de pedidos e abre a gaveta de arquivos que está debaixo da mesa. Reembala o casaco de neve e escreve o endereço na caixa.

Janie abre a segunda caixa. Puxa uma embalagem envolta em plástico bolha.

Um globo de neve.

Não está na lista de itens que precisam ser enviados.

É para Cathy; ela tem certeza disso.

Paris. Janie sacode o globo e observa a neve de purpurina dourada se mexendo em volta da Torre Eiffel, feita de plástico cinza, e da Catedral de Notre Dame.

Tremendamente cafona.

Ainda assim, totalmente cheio de um quê de especial.

Janie sorri, embrulha-o novamente e coloca-o de volta na caixa.

Escreve na caixa, com um marcador preto:

PARA CATHY, UM ÚLTIMO PRESENTE.

DE HENRY.

Janie encerra os negócios de seu pai, e então procura e encontra o antigo contrato de aluguel. Descobre que Henry vem pagando mês após mês desde 1987, meramente enviando um cheque pelo correio, de boa-fé, para que chegue no primeiro dia de cada mês. Vai ser fácil continuar a partir daí.

Ah, ela vai notificar o senhorio sobre a morte de Henry. Mas há de fazer uma proposta muito tentadora a ele, para que aceite Janie como a nova inquilina. Ela pode até mesmo pagar pelo primeiro ano adiantado, se precisar.

Desliga o computador.

Puxa os lençóis da cama, tirando-os de lá, e coloca-os na pequena e velha máquina de lavar. Decide que vai limpar o lugar e dormir ali esta noite.

Ali, em seu novo lar.

É um tremendo de um imenso alívio.

LEMBRANÇAS

20h43 — Ainda o dia do funeral.

A primeira noite em seu novo lugar. Primeiro dia de isolamento. Com a roupa lavada, o pó da casa tirado, o sanduíche comido, a lista de compras na mercearia feita, Janie senta-se em sua nova cama com a caixa de sapatos de Henry cheia de lembranças.

Dentro:

- catorze cartas de Dottie
- cinco cartas não abertas de Henry para Dottie, marcadas com “Devolver ao Remetente”
- uma pequena e manchada medalha de um time escolar do interior
- um anel da equipe de corredores do ensino médio
- dois envelopes com fotografias
- uma moeda de um dólar canadense e uma moeda de prata de um dólar americano
- nove cliques de papel
- uma carteira de motorista antiga
- e um pedaço dobrado de papel

Com bastante cuidado, Janie pega as fotografias e tira-as dos envelopes, olhando uma por uma. Instantâneos de Dorothea — toneladas deles. Fotos dos dois, rindo. Divertindo-se. Beijando-se, e deitados juntos na praia, com sorrisos jubilosos nos rostos. Nas grandes rochas cinzas perto do lago Michigan, uma plaquinha onde se lê “Pier da Marinha”. Eles parecem bem juntos. Dorothea está bonita, especialmente quando sorri. Inacreditável.

Janie também reconhece a sala de estar nas fotos. Henry com os pés apoiados na mesma mesinha de centro, as mesmas cortinas nas janelas, com Dorothea esticada na mesma poltrona de sofá, embora tudo isso pareça praticamente novo nas fotos. Tudo é igual. Janie olha de novo para as fotos do casal feliz.

Bem, talvez nem tudo seja igual.

Janie coloca as fotos em ordem cronológica, de acordo com a marcação de data em cada canto delas, e imagina o namoro. O verão tempestuoso de 1986 em que trabalharam juntos no Lous, em Chicago. Não tem fotos no outono — deve ter sido uma época em que ficaram separados, Dottie fazendo o ensino médio e Henry na UM. Janie dá uma espiada nas cartas de Dorothea que estão na caixa de sapatos e vê os selos do correio em cada envelope aberto — todos foram marcados com datas entre 27 de agosto e outubro daquele ano. *Catorze cartas escritas à mão em dois meses*, pensa Janie. Isso que é amor.

O segundo conjunto de fotos começa no meio do mês de novembro de 1986, e a última foto é datada de 1º de abril de 1987. Dia da mentira. Vai entender. Janie faz a matemática reversa a partir de seu aniversário, 9 de janeiro de 1988. É por aí mesmo, ela pensa. Nove meses antes, teria sido 9 de abril de 1987. Não muito tempo depois da última foto, antes de eles fazerem um bebê e então se separarem.

Ela passa os dedos pelas cartas, extremamente curiosa. Irresistivelmente curiosa. Morrendo de curiosidade. Ela até mesmo pega a primeira e passa seu dedo indicador pela dobra da carta dentro do envelope. Mas então coloca a carta no lugar.

É como se as cartas fossem sagradas ou algo assim.

Isso e... eca. Provavelmente tem algo nojento escrito lá dentro. Seria quase tão ruim quanto ser sugada para dentro de um sonho sexual da mãe dela. Eca! Argh! Blergh! Uma vez que você tenha lido alguma coisa, não consegue apagar tal coisa da cabeça.

Janie coloca as cartas e as fotografias de volta dentro da caixa. Ela pega a moeda de um dólar canadense e imagina quanto tempo se passou desde que seu pai visitou o Canadá. Sorrindo, coloca a moeda de volta no lugar, ao lado da moeda prateada de dólar, e pega a medalha que ele ganhou numa corrida. Vira-a entre seus dedos, segurando-a perto do rosto e apertando os olhos para conseguir ver todos os pequenos recessos e rachaduras.

— Sou uma corredora também — diz ela suavemente. — Apenas de uma espécie diferente. Do tipo que corre nas estradas.

Ela segura a medalha e então prende-a em sua mochila.

Em seguida, Janie olha para a carteira de motorista. Era a primeira dele, que expirou faz anos. A foto é hilária, e a assinatura é uma versão de menino daquela que Janie viu na casa.

E então Janie pega o anel da escola. Está gravado 1985 em um dos lados, e *LHS*, no outro. Há uma pequena gravação de um corredor logo abaixo das letras. O anel é de ouro com uma pedra de rubi, e é bonito. Janie imagina-o no dedo de Henry, e depois volta para as fotografias e espia-o lá, em sua mão direita. Ela desliza-o em seu próprio dedo. É muito grande. Mas cabe em seu dedão. Ela tira-o e coloca-o de volta na caixa.

Então, pega-o de novo.

Coloca-o no dedão.

Gosta de como se sente.

23h10

Depois de analisar as cartas mais uma vez, Janie encontra o pedaço dobrado de papel com palavras impressas. Abre-o.

Morton's Fork 1889, em referência a John Morton (1420 - 1500), arcebispo de Canterbury, que coletava tributos forçados para o governo de Henrique VII, argumentando que os obviamente ricos podiam pagar e os obviamente pobres viviam frugalmente e, sendo assim, tinham economias e podiam pagar também.

Fonte: American Psychological Association (APA⁷):

7 Em português, Associação Americana de Psicologia. (N. T.)

morton's fork. (n. d.). Online Etymology Dictionary. Extraído do website Dictionary. com: [http:// dictionary. reference. com/browse/morton's fork](http://dictionary.reference.com/browse/morton's fork)

Janie lê novamente. Lembra-se do marcador no livro e dos favoritos da internet. Lembra-se do que dizia o bilhete da senhorita Stubin sobre o desejo de Henry de que Janie considerasse o Morton's Fork.

— Sim, já entendi isso, Henry. Você tinha uma escolha. Eu sei.

Ela considerou isso um milhão de vezes. Sabia disso antes mesmo de saber que Henry existia. Pobre Henry não tinha o caderno verde da senhorita Stubin. Nem mesmo sabia qual era a verdadeira escolha.

— Estou bem à frente de você, homem — ela diz.

Janie sabe qual escolha soa melhor para ela. Ou não estaria ali. Amassa o papel e joga-o na lata de lixo.

Dá uma última espiada nas cartas. E deixa-as lá.

Apaga a luz.

Vira-se de um lado para o outro, sabendo que amanhã tem muita explicação difícil a dar.

6h11

Ela sonha.

Henry está parado em uma rocha gigantesca no meio das correntes d'água no topo da cachoeira.

Os cabelos dele se transformam em uma colmeia de vespas. Elas zunem raivosamente pelos arredores.

Se ele caísse, as vespas poderiam ir embora, mas Henry morreria na queda da cachoeira.

Se ficasse na rocha, seria picado até a morte.

Janie o observa. Em um banco está sentada a Morte, com seu longo manto preto, sem se mexer com a brisa. No outro banco está a velha Martha Stubin em sua cadeira de rodas. Cega, torta.

Henry deita-se na rocha e tenta tirar as vespas de seus cabelos.

Isso só faz com que elas fiquem furiosas. Elas começam a picá-lo, e ele grita muito, dando tapas nelas, em uma tentativa inútil de detê-las. Por fim, ele cai da rocha e fica pairando sobre a cachoeira. Mergulhando para a morte.

Janie acorda de repente e senta, ofegante, desorientada.

Fica lá sentada, depois se afunda de novo no travesseiro, tentando normalizar a batida de seu coração.

Pensando.

Intensamente.

Mais intensamente.

E então ela caminha até o computador, e espera que ele inicialize e se conecte à internet.

Dá uma pesquisada em Morton's Fork de novo. *Por que esse lance de Morton's Fork simplesmente não desaparece? Por que eu continuo revendo esse conceito estúpido? Eu já sei. Sério. Eu. Já. Entendi. Entendi mais do que o próprio Henry.*

Ela encontra o significado. Faz uma paráfrase dele baixinho: "Uma escolha totalmente de merda entre dois resultados igualmente terríveis". Certo, certo. Certo? EU SEI disso!

Pensa mais um pouco a respeito, caso esteja deixando algo de fora.

Pensa em Henry.

O Morton's Fork de Henry era óbvio. Ele optou pelo isolamento em vez da tortura e a natureza imprevisível de ser sugado para dentro de sonhos. Essa foi a escolha dele. Era isso que ele sabia.

Igualmente terrível.

Sim, Janie poderia argumentar que as opções dele eram igualmente terríveis. É como jogar dados. Imprevisível. Ele poderia ter seguido qualquer dos dois caminhos.

Ela pensa em Martha Stubin. E em como, quando ela era jovem, seu Morton's Fork era exatamente o mesmo de Henry, e ela havia escolhido o outro caminho. Ela não sabia, na época em que fez sua escolha, o que poderia acontecer com ela. Mas depois ela ficou cega e aleijada.

O que adiciona um fator à equação. Torna diferente o Morton's Fork de Janie.

Janie tem mais informações que os outros dois tinham.

Ainda assim, isso não é novidade nenhuma. Ela tem essas informações por causa do caderno verde.

Igualmente terríveis.

O termo incomoda o cérebro de Janie, e ela começa a andar a passos medidos pela casinha, com o chão de madeira fresco e suave sob seus pés descalços.

Abre a geladeira e fica olhando para dentro dela, realmente sem o desejo de ver o que tem lá dentro, e pensa em suas opções.

Argumenta consigo mesma.

Sim, é igualmente terrível. Deixar Cabe e a sociedade para viver em uma cabana, sozinha? É, a sensação é bastante terrível. Tão terrível quanto se tornar cega e aleijada? Com certeza!

Não é?

Mas e se Cabe não fosse um dos fatores?

Isolamento. Cair fora para viver sozinha — eremitas fazem isso. Monges fazem isso. Há pessoas que, na verdade, optam por isso. Isolar-se.

Ninguém em sã consciência opta por ficar cego e aleijado; não depois de realmente pensar a respeito, como Janie fez. Martha não optou por isso, simplesmente aconteceu. Ela não sabia que isso aconteceria. Ninguém jamais escolheria isso.

Ninguém.

A menos que a única alternativa seja igualmente ruim.

Ela está pensando. Pensando em Henry. Em como ele viveu. Em como ele morreu. Em como ele finalmente ficou calmo. Depois. Só depois de ter sido sugado para o sonho de Janie.

— Não há o melhor.

Ele tinha dito durante o sonho dele, um pouco antes. Segurando a cabeça. Arrancando tufo de cabelo. Mas ele estava falando sobre sua versão de Morton's Fork. A escolha dele. Janie sabe que Henry não poderia ter sabido qual era a verdadeira escolha... ele não sabia sobre a senhorita Stubin e sua cegueira, suas mãos. É provável que ele ainda não saiba, a menos que ela tenha contado a ele. Depois.

7h03

O cérebro de Janie não deixa o assunto morrer.

Por quê... e se?

E se o problema no cérebro de Henry não fosse, na verdade, uma doença, como um tumor ou um aneurisma, que as pessoas

normais têm?

E se... e se fosse uma consequência?

As enxaquecas, a dor. Arrancar os cabelos. Como se houvesse pressão demais.

De não usar a habilidade.

Pressão de não entrar nos sonhos de outras pessoas.

Tanta pressão que partes do cérebro dele explodiram.

— Nãoooo — ela diz, com uma voz suave.

Fica lá sentada, paralisada.

Em choque.

E então deixa a cabeça cair. Descansa a bochecha na escrivaninha.

Lamenta.

— Merda, Henry — diz ela num tom suave. Suspira e fecha os olhos, e eles começam a doer e a arder. — Você e sua merda de Morton's Fork!

O ÚLTIMO DIA

Quinta-feira, 10 de agosto de 2006, 7h45

Janie ainda está sentada à escrivaninha de Henry. Em estado de choque. De negação.

Mas, lá no fundo, ela sabe que é verdade. Tem de ser. Faz todo o sentido.

Não consegue acreditar que tudo se reduza a uma escolha totalmente diferente daquela em que ela — e a senhorita Stubin — haviam pensado esse tempo todo.

Não entre o isolamento e ficar cega e torta.

Mas entre ficar cega e torta e isolar-se até o cérebro explodir.

— Ahhhhhhhh! — grita Janie. Tem algo ótimo em relação a essa casinha no meio do nada. Ela pode gritar e ninguém vai chamar a polícia.

Ela cai de volta na cadeira da escrivaninha. Então se levanta lentamente.

Cai na cama e só fica lá deitada, olhando fixamente para a parede.

— E agora? — ela sussurra.

Ninguém responde.

9h39

Ela levanta-se. Olha em volta da pequena cabana. Balança a cabeça.

Lamentando.

Lamentando muito mesmo.

E agora, olhando para as recém-descobertas opções de merda, um verdadeiro Morton's Fork, ela percebe que tem uma nova escolha a fazer.

Senta com as pernas cruzadas na cama, com caneta e papel na mão e coloca tudo no papel. Prós e contras. Benefícios e

detrimentos. Merda *versus* bosta.

A vida da senhorita Stubin ou a vida de Henry?

Qual delas Janie quer?

— Sem arrependimento — disse a senhorita Stubin no caderno verde. Mas ela não disse a verdade.

— Não tem o melhor — disse Henry no sonho. Ele não sabia também.

Janie, sozinha no mundo, é a única que sabe qual é a escolha real.

10h11

Liga para a Capitã.

— Komisky. Hei, Janie, como vai?

— Oi, Capitã... bem, eu acho. A senhora tem tempo para conversar hoje?

— Um segundo — Janie ouve as pontas das unhas da Capitã fazendo estalinhos no teclado do computador. — Que tal ao meio-dia? Pego comida para viagem e podemos almoçar no meu escritório. Boa ideia?

— Excelente ideia — diz Janie.

Desliga o telefone.

Sente um tremendo frio na barriga.

E então.

Balança a cabeça e começa a fazer as malas.

Colocando na mala as coisas que havia levado para lá, enfiando-as de qualquer jeito dentro da mala para que caiba tudo. Esperando carregar tudo de uma vez só.

Vai voltar para casa.

Se não fosse por Cabe, ela provavelmente apenas arriscaria. Ficar isolada. Em caso de ela estar bem errada sobre o que realmente aconteceu ao Henry.

Mas ela tem absoluta certeza de que está certa.

É uma intuição.

Então.

Lá está.

Janie pega uma sacola de compras que estava debaixo da pia de Henry e enche-a com todas as coisas que não couberam em sua mala. Balança a cabeça de vez em quando.

Ainda não consegue acreditar nisso.

Antes de partir, liga para o senhorio de Henry para informá-lo que Henry faleceu. Então, ela fecha de vez a loja on-line de Henry, agenda uma coleta para o último item remanescente e deixa o globo de neve de presente do lado de fora com um aviso, para que Cathy o veja.

Coloca sua mala no chão. Fecha a porta atrás de si, deixando-a destrancada, tal como a encontrou.

Respira fundo o ar do interior e segura-o, expirando lentamente.

Pega sua mala. E parte.

Sai esmagando os cascalhos da passagem para carros como uma pessoa sem lar, carregando toda aquela porcariada.

Não olha para trás.

Quando chega em casa, coloca as coisas nos devidos lugares em seu quarto e tira da sacola a caixa de sapatos, com todas as cartas intocadas. Janie, com a medalha presa em sua mochila e o anel no polegar, carrega a caixa até a cozinha e coloca-a no balcão, ao lado das frutas e do bolo, tentadores presentes de Rabinowitz.

11h56

Janie cumprimenta os caras enquanto atravessa o departamento até o escritório da Capitã. Para à mesa de Rabinowitz para agradecê-lo novamente pelos doces, mas ele não está lá. Janie sorri e rabisca um bilhete em um pedaço de papel.

Então, ela bate na porta da Capitã.

— Entre!

Janie entra. O cheiro de comida chinesa faz seu estômago roncar. A Capitã está arrumando pratos de papel e garfos de plástico. Ela abre os recipientes de comida e sorri calorosamente.

— Como vai?

Janie fecha a porta e senta-se.

— Ah, você sabe — diz ela, levemente. — Louca como sempre.

Pega os guardanapos e tira um de uma pequena pilha, colocando-o ao lado do prato da Capitã.

— Sirva-se — diz a Capitã.

Elas distribuem a comida em porções.

A sensação é esquisita, o silêncio, só as duas. Comendo. Janie fica mexendo no anel novo em seu polegar e, acidentalmente, derruba molho do frango xadrez em seu top branco. Tenta desesperadamente limpá-lo com o guardanapo antes que não saia mais.

A Capitã busca algo em sua gaveta — gaveta esta que parece conter tudo de que alguém poderia vir a precisar — e puxa de lá um pacote individual de lenços umedecidos. Joga-o para Janie.

Janie solta um grande sorriso e rasga o pacotinho.

— Você tem praticamente de tudo nessa gaveta. Lanchinhos, faixas esterilizadas, lencinhos para limpar manchas de comida, utensílios de plástico... o que mais?

— Qualquer coisa e tudo de que uma pessoa precisa para sobreviver por vários dias — diz a Capitã. — Kit de costura para emergências com botões, prendedores de cabelo, cosméticos, kit de chaves de fenda, canivete suíço e... não, você não pode pegá-lo emprestado, pois é daqueles dos mais caros. Vejamos... apito de cachorro, guloseimas para cachorros, apito de polícia, antídoto para veneno, EpiPen (dispositivo para autoinjeção de adrenalina), garrafinhas d'água... e a tradicional bagunça de elásticos, cliques de papel e selos de correio que já não são mais válidos. Alguns centavos.

Janie ri. Relaxa.

— Isso é incrível!.

Dá uma mordida na comida.

— Fui escoteira — o rosto sério da Capitã nunca mostra sinal algum de hesitação.

Janie bufa e então imagina se a Capitã não estava brincando. Nunca se sabe, em se tratando dela.

— Então — diz a Capitã. — Temos muita coisa para colocar em dia — ela adiciona creme a seu café. — Minha avaliação brilhante é que sua emergência familiar da semana passada tinha algo a ver com a morte do seu pai. Certo?

— Sim, é verdade — diz Janie.

— Por que diabos você não me contou o que estava acontecendo antes?

Janie olha para cima com um ar severo.

— Eu...

— Somos família aqui, Hannagan. Sou sua família, você é minha família, todo mundo aqui é um membro dessa família. Não se dispensa a família. Conte para mim quando algo importante assim estiver acontecendo, está me ouvindo?

Janie pigarreia.

— Não queria incomodá-la. Eu nem mesmo o conhecia. Ele ficou inconsciente o tempo todo.

O suspiro da Capitã sai como se fosse uma rajada de aviso de um motor a vapor.

— Pare com isso!

— Sim, senhor.

— Ainda bem que o “santo” Strumheller teve o bom-senso de me falar sobre o funeral, ou você estaria ferrada.

— Sim, senhor — Janie está perdendo a fome. — Sinto muito.

— Bom. Agora, seu pai. Vamos falar sobre ele. Ele era um apanhador de sonhos também?

O queixo de Janie cai.

— Como você sabe?

— Você citou isso em seus dizeres finais. Nas entrelinhas. Disse que ele tinha problemas que as pessoas não entenderiam, mas que você entendia, ou algo do tipo. Pessoas comuns não teriam imaginado o que você quis dizer.

Janie concorda com a cabeça.

— Eu não pretendia dizer aquilo... simplesmente saiu. Mas, sim, ele era um apanhador de sonhos que vivia em isolamento.

— Ahhh, isolado. Como você está considerando fazer. Bem, não é de se admirar que não soubéssemos dele — diz a Capitã. —

Como você descobriu?

— Entrei nos sonhos dele.

— Hã?!

— Hum... é. Descobri algumas coisas interessantes!

— Aposto que sim! E como você conheceu essa motorista da UPS, senhorita Hannagan? Parece um pouco estranho para mim que você nunca tenha falado com seu pai, mas, pelo que ela disse na homenagem dela, aparentemente você teve uma conversa anterior com aquela senhorita de marrom — a Capitã dá uma mordida em seu almoço. — O que é isso no seu polegar? Parece que a escola dos anos oitenta está pulando à frente dos meus olhos. Hum-hum. Nem precisa responder.

Janie solta um grande sorriso. Seu rosto fica vermelho.

— Sim, senhor.

— Que detetive você é! Mesmo quando não está em uma missão.

— Acho que sim.

— Então. Tomou uma decisão? Sobre o que conversamos? O lance do isolamento?

Janie solta seu garfo.

— Sobre aquilo — ela diz, com um olhar de preocupação no rosto. — Eu, hum...

A Capitã olha para Janie nos olhos. Não diz nada.

— Eu ia fazer isso. Quer dizer, tomei uma decisão — Janie está tendo uma terrível dificuldade em dizer isso.

A Capitã mantém o olhar firme.

— E acabou que não vai funcionar, no final das contas.

A Capitã inclina-se para a frente.

— Me diga — diz ela, baixinho, mas com um quê estranho na voz. — Vamos lá.

Janie está confusa.

— O quê?

— Diz! Santo Cristo! Faça isso! Compartilhe alguma coisa que se passa nesse seu cérebro misterioso. Você não tem sempre que guardar tudo lá dentro. Sou uma boa ouvinte. Mesmo.

— O quê? — diz Janie de novo, ainda confusa. — Eu só...

A Capitã assente com a cabeça, encorajando-a.

— Certo, eu acabei descobrindo que Martha Stubin entendeu o lance errado. Minhas escolhas são diferentes: ou eu me torno como ela, ou me torno como ele. Meu pai. Ele se isolou. E o cérebro dele explodiu.

A Capitã levanta uma sobrancelha.

— Explodiu? Termo médico?

Janie ri.

— Na verdade, não.

— O que mais? — a voz da Capitã perde o tom áspero.

— Bem, então eu acho que vou simplesmente viver em casa então. E, creio eu, ir para a faculdade como planejado. Quero dizer, não tem como derrotar o destino... cega e aleijada com vinte e poucos, ou morta por causa de uma explosão cerebral com trinta e poucos. O que você escolheria? Eu creio que, já que tenho o Cabe, eu escolheria ficar cega e aleijada. Isto é, se ele conseguir lidar com isso — Janie lembra-se dos sonhos dele.

— Ele sabe de alguma coisa disso? Alguma coisinha disso tudo?

— Ahm... não.

— Você sabe o que sempre digo, certo?

— Falar com ele. É, eu sei.

— Então, faça isso!

— Tá certo, certo — Janie solta um grande sorriso.

— E uma vez que as coisas estejam certas depois de sua terrível semana, e você esteja se sentindo bem em relação à faculdade, porque isso vai acontecer, nós conversamos sobre você e o seu trabalho. Ok?

— Certo — Janie suspira. É um grande alívio.

Elas embrulham os restos do almoço.

— Antes de você ir — diz a Capitã, indo com a cadeira de rodinhas até o gabinete de arquivos e abrindo a gaveta do meio —, eis alguma coisa... se não for útil para você, é só jogar fora. Não vou ficar ofendida — ela puxa um papel cor de laranja fotocopiado de um arquivo, dobra-o e entrega-o a Janie. Levanta-se e leva Janie

até a porta. — E se você algum dia quiser falar sobre isso, sabe onde me encontrar. Família. Não se esqueça disso.

— Certo — Janie pega o papel e sorri. — Obrigada pelo almoço. E por tudo.

Ela fica em pé e dirige-se até a porta.

— Imagina. Agora, para de me incomodar — a Capitã sorri e observa Janie partindo.

— Simmmmmmm — diz Janie enquanto corre subindo os degraus até o nível da rua.

Uma conversa difícil encerrada. Sai e caminha até o ponto de ônibus. Abre o papel laranja e aperta os olhos, lendo o que tem nele.

Depois de um instante, dobra o papel de novo lentamente, cuidadosamente, e coloca-o em seu bolso.

13h43

Ela pega o ônibus até o ponto de sua vizinhança. Ninguém sonhando nesta tarde.

Caminha até a casa de Cabel.

Ele está pintando a porta da garagem agora.

Janie fica parada no gramado, na lateral da entrada de carros, e observa-o.

Pensa em todas as coisas que aconteceram nos últimos dias. Toda a jornada em que esteve. Os pontos baixos, e os pontos mais baixos ainda.

Ela achou que teria de dizer adeus.

Para sempre.

E agora, não tem de fazer isso.

A sensação deveria ser boa.

Mas ainda tem o problema dos sonhos dele.

Ela pigarreia.

Cabel não se vira.

— Você está calada — ele diz. — Não tinha certeza de quanto tempo você ia ficar aí parada.

Ela morde o lábio.
Enfia as mãos nos bolsos.
Ele se vira. Tem tinta em sua bochecha.
— O que foi? Você está bem?
Janie fica lá parada, em pé.
Tenta fazer com que a tremedeira pare.
Ele vê isso. Coloca seu pincel no chão.
Vai até ela.

— Ah, querida — ele diz, puxando-a para perto dele. — O que foi?

Ele faz carinho nos cabelos dela enquanto ela chora, entre soluços, na camisa dele.

14h15

No gramado, sob a sombra da árvore no quintal dos fundos.
Eles conversam.

Sobre os pesadelos dele.
E o futuro dela.
Por um longo, longo tempo mesmo.

16h29

Tudo isso é tão complicado.
Sempre é, com Janie.

É impossível que Janie saiba o que vai acontecer, não importa o quanto tente descobrir. Não importa o quanto Cabe convença Janie de que não fazia ideia de que estava tendo tais sonhos perturbadores, e admita que talvez esteja com medo. Mas ele realmente está lidando com as coisas — ele está mesmo.

Não importa o quanto ambos prometam continuar conversando quando merdas como essas surgirem. Porque isso sempre vai acontecer.

Simplesmente não há felizes para sempre no livro de Janie.
Mas ambos sabem que há algo. Algo bom entre eles.

Há respeito.

E intensidade.

Altruísmo.

Um entendimento entre eles que passa por cima de um inferno cheio de muitas outras coisas.

E tem aquele lance do amor.

Então, eles decidem. Decidem decidir a cada dia que passa o que virá pela frente.

Sem compromissos. Sem grandes planos. Só a vida, a cada dia.

Fazendo progresso. Cortando a pressão.

Já tem pressão o suficiente por toda parte.

E se funcionar, funcionou.

Ela sabe de uma coisa, lá no fundo.

Sabe que é difícil. E bom.

Ele é o único cara para quem ela sempre vai contar.

É O QUE É

17h25. Ainda no último dia.

— Hei, pode me levar a algum lugar esta noite? — as bochechas dela estão vermelhas. E ela tem um maldito chupão. Tire suas conclusões...

— Com certeza. Aonde?

— A um lugar lá em North Maple.

Cabel inclina a cabeça com curiosidade, mas não pergunta nada.

Sabe que ela não vai lhe contar de qualquer forma.

Sorri consigo mesmo e balança a cabeça um pouco, enquanto vai até o fogão preparar o jantar.

— Meu Deus, eu amo você demais — ele murmura.

18h56

Cabel para o carro no prédio. Janie espia janela afora e então dá uma olhada no papel laranja.

— Sim, é isso — ela está nervosa. Incerta quanto a isso. — Você pode ficar um pouco aqui fora, uns cinco minutos, caso, sabe, não seja legal?

— Claro, docinho. Se eu tiver ido embora quando você sair, é só me enviar uma mensagem de texto. Eu volto logo — ele dá uma apertadinha na coxa de Janie, para lhe dar confiança, e um beijo na bochecha. — Provavelmente, vou até uma das livrarias que há por aqui. Talvez eu fique dirigindo pelo campus e dê uma volta pelos arredores.

— Ok — Janie respira fundo e sai do carro. — Até mais.

Ela caminha, determinada, até a porta. Não olha para trás. Não vê Cabel pegar o papel laranja no banco, onde ela deixou. Ele lê o que está escrito. Sorri.

Várias pessoas andam em círculos pela sala, pegando café e conversando. Na maior parte, adultos, mas há algumas que parecem ter a idade de Janie. Ela entra na sala, sentindo-se estranha, sem saber onde ficar. Lentamente, apoia-se em uma parede e só fica olhando em volta, com um sorriso forçado no rosto, falso, tentando não fazer contato com os olhos de ninguém.

— Bem-vinda — diz um homem troncudo de meia-idade, enquanto caminha em direção a Janie. — Meu nome é Luciano — ele estende a mão para ela.

Janie aceita o aperto de mão.

— Oi — diz ela.

— Estou feliz por você ter vindo. Já estive no AA antes?

— Não... esta é minha primeira vez.

— Não se preocupe. Todos temos algo em comum. Vamos começar com isso.

Luciano vira-se para a sala, para que todo mundo arrume um lugar à mesa. Janie acha um lugar para ficar, e um jovem oferece café a ela. Janie sorri agradecida e aceita o café, acrescentando seus tradicionais três cremes e três cubos de açúcar.

O pequeno grupo fica quieto e Luciano começa a falar.

— Bem-vindos ao AA. Para aqueles que são novos aqui, este é um grupo de apoio a pessoas que estão lidando com os efeitos de um alcoólatra em suas vidas. Carl, você gostaria de conduzir a reunião de hoje?

Janie ouve com atenção a introdução e o testemunho de uma mulher à mesa, que fala sobre seu pai alcoólatra e abusivo. Depois disso, Carl conduz uma discussão sobre um dos doze passos.

É bom saber que não está sozinha.

E saber que o fato de Dorothea beber não é culpa de Janie.

Quando acaba, Janie pega uma brochura das estantes. Sai sorrateiramente da sala, enviando uma mensagem de texto a Cabe, dizendo que está pronta, e vai lá para fora, na noite refrescante. Pensando. Percebendo uma tonelada de coisas sobre sua mãe. E sentindo, pela primeira vez, que aquela parte do estresse de sua

vida, a parte da responsabilidade, foi tirada dela. A sensação é fantástica, para falar a verdade.

Imagina por que nunca pensou em fazer isso antes.

20h31

Eles circulam pelo campus da UM, primeiro de carro, depois a pé, vagando pelos parques e andando em volta de vários prédios, com Cabel falando o que sabe sobre onde ficam as coisas e como chegar lá. A sensação é bizarra e divertida e intimidante, como uma estranha aventura, vagando pelo campus de uma faculdade tão grande. Logo, eles farão parte disso tudo.

Eles param para tomar sorvete na Stucchi's e dão risada pelo que parece ser a primeira vez em eras.

Quando Cabel deixa Janie em casa, ela beija-o docemente, abraçando-o bem perto de si.

— Estou realmente feliz com o nosso acordo — ela diz.

— Eu também — diz Cabe. — Então... amanhã — ele soa relutante.

— Sim?

— Preciso de algumas coisas para a faculdade. Suponho, contra meu melhor juízo, que deveríamos ir às compras.

Janie abre um grande sorriso.

— Fofo — ela diz. — Vou trazer um garfo, caso tudo isso seja demais para você e precise enfiar algo nos seus globos oculares.

Ele ri.

— Seria irônico se eu ficasse cego antes de você, não seria?

Eles sorriem o mesmo tipo de sorriso torto. Um beijo longo e cheio de sentimento.

23h05

Quando Cabe sai com o carro da garagem, Janie caminha lentamente até sua casa e senta no degrau. Só pensa nas coisas, e mais coisas, e mais coisas ainda.

Como da vez em que Cabel a deixou nesta mesma escada em seu skate.

E pensa na senhorita Stubin, e em como ela nunca, na verdade, teve a chance de despedir-se. Está feliz pelo bilhete na cadeira.

Pensa na Capitã, e seus olhos ficam marejados. Família, ela tinha dito.

É bom ter uma família como aquela.

Janie vira o anel de Henry de modo que se ilumine com o brilho do poste de luz da rua. O rubi reluz. Ela fecha os punhos. Pressiona o anel contra os lábios. Segura-o ali. Então, ergue-o até o céu. Diz:

— Hei, Henry... — e para, porque sua garganta dói demais para continuar.

Janie ouve os grilos e as pererecas cantando e coaxando em seus últimos dias de verão, antes que os sons de folhas secas estilhaçando-se sobrepuje o restante novamente.

Pensa em sua mãe de uma maneira diferente. De um jeito novo, nesta noite. Planeja voltar a outra reunião do AA. Poderia até mesmo compartilhar com eles sua própria história um dia desses. Se sentir vontade de fazer isso. Ou não. Sem decisões apressadas. Sem grandes compromissos. Cada dia, conforme ele vier.

Janie respira fundo e sente o vigor da noite enchendo seus pulmões. Fica sentada por mais um instante no degrau, e então levanta e espia a casa através da janela da cozinha, empurrando seu rosto contra a velha e empoeirada tela, envolvendo seus óculos com as mãos para criar um escudo contra o brilho das luzes da rua. Feixes suaves de luz vindos da janela, na diagonal, atravessam a cozinha.

A caixa de lembranças sumiu.

E o bolo também.

Janie ri baixinho, mas por dentro sente um pouco de dor. Por um instante, deixou todo esse problema para trás. E aqui está ela de novo, e estará, pelo menos por um tempinho.

É difícil ficar animada com isso.

Mas a vida continua.

Tudo progride, em uma direção ou em outra. Relacionamentos, habilidades, doenças, incapacidades. Conhecimento.

Faculdade. Uma nova vida onde poucos vão conhecê-la. Onde poucos vão chamá-la de garota da narcóticos. Mas onde muitos vão sonhar.

Suspira.

Um dia de cada vez. Um sonho de cada vez.

Sua escolha está feita. Pelo momento. Por hoje.

— É isso aí — ela sussurra, para os fios zunindo. —
Realmente, é isso aí.

O frio da noite, o preâmbulo para o outono, chegou. E Janie esfrega seus braços descobertos com os pelos arrepiados.

É exaustivo pensar em tudo isso. Em silêncio, ela entra. Tranca a porta atrás dela. Tira seus sapatos e joga sua mochila no sofá. Mas, antes que Janie diga um último boa-noite nesta noite, ela só tem mais uma tarefa em mente.

Ela caminha descalça pelo curto corredor na silenciosa noite.

E para no “portal” para outro mundo.

Há apenas mais um sonho de tristeza a ser alterado.

Table of Contents

LIVRO 1 - WAKE

AGRADECIMENTOS

SEIS MINUTOS

ONDE TUDO COMEÇA

E O RITMO ACELERA

A SÉRIO

AH, CANADÁ

VERDADE OU DESAFIO

O QUE VEM A SER UM LONGO DIA

DETONANDO TUDO

GLÓRIA E ESPERANÇA

LIVRO 2 - FADE

UM NOVO ANO

TAREFAS E SEGREDOS

ANOTAÇÕES

FELIZ ANIVERSÁRIO, AGENTE HANNAGAN

O VERDE E OS AZUIS

SOZINHA

O DIABO ESTÁ NOS DETALHES

A VERGONHA COM DURBIN

PÉ NA ESTRADA

HORA DO SHOW

NÃO ESTÁ TUDO BEM

NADA A PERDER

CLARÕES

SEM OLHAR PARA TRÁS

LIVRO 3- GONE

JUNHO DE 2006

E ENTÃO

A PRIMEIRA QUINTA-FEIRA

SEXTA-FEIRA

QUE DIABOS ESTÁ ACONTECENDO

ELA FALA

SÁBADO
DOMINGO
SEGUNDA-FEIRA
HENRY
TERÇA-FEIRA
QUARTA-FEIRA
LEMBRANÇAS
O ÚLTIMO DIA
É O QUE É